"Na minha terra, pessoas como Faletti são chamadas de lendas vivas."

JEFFERY DEAVER,

autor de *O colecionador de ossos*

4 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NA ITÁLIA

EU MATO



Giorgio Faletti

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GIORGIO FALETTI

Eu mato

TRADUÇÃO DE ELIANA AGUIAR



© 2002 Baldini & Castoldi
© 2003 Baldini Castoldi Dalai editore

TÍTULO ORIGINAL
Io Uccido

CAPA
Mara Scanavino

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Fátima Barbosa

REVISÃO
Ana Julia Cury
Julio Bernardo Ludemir

REVISÃO DE EPUB
Danilo Crespo

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-040-3

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » » »


intrínseca

»

A Davide e Margherita

Pela estrada segue
a morte, coroada
de murchas flores de laranjeira.
Canta e canta
uma canção
em sua branca guitarra
e canta e canta e canta.

FEDERICO GARCÍA LORCA

PRIMEIRO CARNAVAL

O HOMEM É UM E NENHUM.

Há anos, carrega a cara grudada na cabeça e a sombra presa aos pés e ainda não conseguiu descobrir qual das duas pesa mais. Algumas vezes, experimenta o impulso irrefreável de arrancá-las, pendurar num prego qualquer e ficar ali, sentado no chão, como uma marionete cujos fios uma mão caridosa se encarregou de cortar.

Às vezes o cansaço apaga tudo, inclusive a possibilidade de entender que o único modo válido de seguir a razão é partir numa corrida desenfreada pelo caminho da loucura. A seu redor, tudo é uma sequência contínua de caras e sombras e vozes, pessoas que não se questionam de modo algum, que aceitam passivamente uma vida sem respostas para o tédio ou a dor da viagem, contentando-se em mandar alguns estúpidos cartões-postais de vez em quando.

Onde ele está há música, há corpos que se movem, bocas que sorriem, trocas de palavras. Ele está entre eles, um a mais, pela curiosidade de saber quem conseguirá, dia após dia, ver desbotar mais essa fotografia.

O homem se apoia a uma coluna e pensa que são todos inúteis.

Diante dele, do outro lado da sala, uma na frente da outra numa mesa próxima da enorme vidraça que dá para o jardim, estão sentadas duas pessoas: um homem e uma mulher.

À meia-luz, ela é diáfana e doce como a melancolia, tem cabelos negros e os olhos são verdes, tão luminosos e grandes que dá para ver dali. Ele só tem olhos para a sua beleza e fala a seu ouvido, para se fazer ouvir acima do barulho da música. Estão de mãos dadas e ela ri às palavras do companheiro, jogando a cabeça para trás ou escondendo o rosto na concavidade de seu ombro.

Há pouco ela se virou, talvez atraída de alguma maneira pelo fixo olhar do homem apoiado a uma coluna, talvez à procura da origem de um mal-estar distante. Seus olhos se cruzaram, mas os dela passaram indiferentes sobre seu rosto, como sobre o resto do mundo que a cercava. Voltou a oferecer o milagre daquele olhar ao homem que está com ela e que lhe devolve o mesmo olhar,

impermeável a qualquer mensagem externa à sua presença.

São jovens, belos, felizes.

O homem apoiado a uma coluna pensa que logo estarão mortos.

1

JEAN-LOUP VERDIER APERTOU O BOTÃO do controle remoto, mas só ligou o motor quando a porta automática estava meio aberta, para não respirar monóxido de carbono no espaço fechado da garagem. A luz dos faróis deixou lentamente a porta de metal que subia para perfurar a tela negra da escuridão à sua frente. Colocou a alavanca do câmbio automático na posição e, quando a porta abriu completamente, apertou o acelerador e guiou a Mercedes SLK para fora. Acionou o fechamento apontando o controle com o braço erguido na altura da cabeça e, enquanto esperava o *clang* da porta se fechando, ficou olhando o panorama que se abria diante do pátio de sua casa.

Montecarlo era um leito de cimento sobre o mar. Sob seus olhos, a cidade quase não tinha forma, envolta na leve névoa de vapor que refletia as luzes acesas da noite. Um pouco abaixo dele, já em território francês, os campos iluminados do Country Club, onde provavelmente alguma estrela do tênis internacional estava treinando, ao lado do dedo levantado do Parc Saint-Roman, um dos arranha-céus mais altos da cidade. Mais abaixo, na direção de Cap d'Ail, sob o bastião da cidade velha, adivinhava-se o bairro de Fontvieille, arrancado da água metro a metro, palmo a palmo.

Acendeu um cigarro ao mesmo tempo que ligou o rádio, já sintonizado na Rádio Monte Carlo. Enquanto conduzia o carro pela rampa que levava à rua, comandou a abertura do portão com o controle. Virou à esquerda e desceu lentamente para a cidade, desfrutando o ar já quente do fim de maio.

"Pride", uma canção do U2, saía do rádio, seu ritmo inconfundível de guitarra ao fundo. Stefania Vassallo, a DJ que comandava as transmissões da Rádio Monte Carlo naquele horário, tinha uma autêntica paixão por "The Edge", o guitarrista da banda irlandesa. Não perdia uma ocasião de encaixar alguma coisa deles na programação. Na rádio, ela foi alvo de piadas durante vários meses por causa do ar sonhador que exibiu, como se fosse uma maquiagem, quando finalmente conseguiu uma entrevista com os ídolos.

Enquanto a estrada cheia de curvas que leva até o centro descia de Beausoleil,

começou a marcar o ritmo com o pé esquerdo alternando com um movimento da mão direita sobre o volante, acompanhando Bono, que contava com sua voz rouca e cheia de melancolia a história de um homem que veio *in the name of love*.

Havia uma antecipação do verão no ar, com aquele perfume particular que só as cidades litorâneas têm. Cheiro de maresia, pinheiros, alecrim e, na verdade, de nada. Promessas e apostas. Não cumpridas as primeiras, perdidas as segundas.

O mar, os pinheiros, o alecrim e as flores de verão ainda estariam ali por muito, muito tempo depois dele e de todos os que, como ele, se debatiam naquele lugar e em outros lugares como aquele.

Mesmo assim, dirigia o carro com a capota abaixada, o vento balançando seus cabelos, sem sentir frio, ele também com suas boas promessas no coração e suas boas apostas na vida.

Havia coisa muito pior neste mundo.

Apesar da hora, estava sozinho na rua.

Pegou a ponta do cigarro entre o polegar e o médio e deu um peteleco para cima, seguindo no retrovisor sua parábola luminosa. A última baforada perdeu-se no mesmo vento.

Chegou ao fim da descida e ficou um instante indeciso sobre que rua tomar para chegar à marina. Enquanto percorria o trevo, optou por um giro pelo centro e pegou o Boulevard d'Italie.

Os turistas começavam a encher o Principado. O período do Grande Prêmio de Fórmula 1, recém-encerrado, servia como um sinal do início do verão monegasco. Daí em diante, os dias, as tardes e as noites da costa se transformariam num vaivém de atores e espectadores. De um lado, limusines com motorista e gente com ar esnobe e entediado. Do outro, modelos econômicos com gente suada e deslumbrada. Exatamente iguais aos que estavam em pé agora, diante das vitrines, com o reflexo das luzes nos olhos. Havia seguramente alguém se perguntando como arrumar tempo para comprar aquela jaqueta, enquanto um outro se perguntava como arrumar o dinheiro. Eram o branco e o preto, duas categorias extremas, em meio às quais se estendia uma série impressionante de nuances de cinza. Muitos vivendo com o único objetivo de jogar fumaça nos próprios olhos, outros tentando afastá-la.

Jean-Loup pensou que as prioridades da vida eram, afinal, bastante simples e repetitivas, e em poucos lugares do mundo era possível quantificá-las melhor do que naquele. A caça ao dinheiro em primeiro lugar. Alguns têm e todos os outros desejam ter. Simples. Um lugar-comum só se torna comum graças à dose de verdade que contém. Talvez o dinheiro não trouxesse felicidade, mas enquanto a

felicidade não vinha, era uma bela maneira de passar o tempo.

Era o que todos pensavam.

O celular no bolso da camisa começou a tocar. Ele o pegou e respondeu sem verificar na tela o nome de quem ligava, pois sabia muito bem quem era. A voz de Laurent Bedon, diretor e redator de *Voices*, o programa que Jean-Loup apresentava toda noite na Rádio Monte Carlo, chegou misturada ao murmúrio do vento no microfone do celular.

— Está pensando em nos dar a honra de sua presença ou teremos que nos virar sem nossa estrela?

— Oi, Laurent. Estou chegando, já estou a caminho.

— Ótimo. Sabe que quando um DJ não está na rádio pelo menos meia hora antes da transmissão, o marca-passo de Robert entra em parafuso. Ele já está botando fumaça pelas ventas.

— Fumaça pelas ventas? A do cigarro não basta?

— Parece que não.

Nesse meio-tempo, o Boulevard d'Italie tinha se transformado em Boulevard des Moulins. As vitrines iluminadas dos dois lados da rua estavam escancaradas sobre um mar de promessas, como os olhos convidativos de prostitutas de luxo. Assim como no caso destas, um pouco de dinheiro era suficiente para obtê-las…

A leve interferência da eletrônica do celular em conflito com o rádio do carro começou a perturbá-los. Jean-Loup trocou o telefone para a outra orelha e o barulho sumiu. Como se fosse um sinal entre eles, Laurent mudou de tom.

— Brincadeiras à parte, dá uma acelerada. Tive algumas…

— Espere um instante. Polícia — interrompeu Jean-Loup.

Abaixou a mão rapidamente e compôs sua melhor cara de pau. Estava no sinal, no cruzamento da Avenue de la Madone, e tinha parado na faixa da esquerda à espera do sinal verde. Um policial uniformizado estava em pé na esquina, verificando se os motoristas cumpriam à risca as instruções de seu colega luminoso. Esperava ter escondido o telefone rápido o suficiente para não ter sido visto. Em Montecarlo eram muito rigorosos em relação ao uso de celulares ao volante. Naquele momento, não tinha nenhuma vontade de perder tempo em discussões com um inflexível policial do Principado.

Quando o sinal ficou verde, Jean-Loup virou à esquerda passando sob o olhar desconfiado do agente. Viu que ele virava a cabeça e seguia com os olhos a SLK que desaparecia pela suave descida em frente ao Hotel Metropole. Assim que teve certeza de estar fora de seu alcance, levantou a mão e colou o celular de novo na orelha.

— Perigo afastado. Desculpe, Laurent. O que você estava dizendo?

— Estava dizendo que tive algumas ideias plausíveis e queria discutir com você antes de entrar no ar. Venha logo.

— Plausíveis como? Como o 32 ou o 27?

— Vá à merda, seu bosta — rebateu de imediato, irônico, mas um pouco aborrecido.

— Como dizia o outro, não preciso de conselhos, preciso de endereços.

— Pare de falar besteira e trate de chegar logo.

— Certo. Já estou na entrada do túnel — mentiu Jean-Loup.

Do outro lado da linha, a comunicação foi interrompida. Jean-Loup sorriu. Laurent sempre definia suas novas ideias daquela forma: plausíveis. Dando a César o que é de César, tinha que admitir que quase sempre eram mesmo. Infelizmente, ele definia da mesma forma os números que *sentia* que iam sair na roleta, o que não acontecia quase nunca.

No cruzamento, dobrou à esquerda na descida da Avenue des Spelugues. Entreviu o reflexo das luzes da praça à direita, com o Hotel de Paris e o Café de Paris posicionados um em frente ao outro como sentinelas dos dois lados do Cassino, partilhando suas luzes. As barreiras e tribunas erguidas naquele local para o Grande Prêmio tinham sido desmontadas em tempo recorde. Nada deveria ofuscar por muito tempo a sacralidade pagã daquele lugar, inteiramente consagrado ao culto do jogo, do dinheiro e das aparências.

Deixou a praça do Cassino para trás, à direita, e percorreu em velocidade moderada a descida que poucos dias antes as Ferrari, as Williams e as McLaren tinham percorrido num ritmo alucinado. Depois da curva do Portier, a brisa que vinha do mar e as luzes amarelas do túnel bateram em seu rosto. Percorreu o túnel sentindo o ar ficar mais fresco, imerso naquela luminosidade artificial que misturava as cores, tornando-as todas iguais. Na outra saída, reencontrou o espetáculo da marina iluminada, onde muito provavelmente uma centena de milhões de euros em barcos flutuava naquele momento. No alto, à esquerda, a fortaleza, com a residência real envolvida em luzes difusas, parecia garantir com galhardia que o sono do príncipe e de sua família não fosse perturbado.

Apesar do hábito, era um espetáculo que não deixava ninguém indiferente. Jean-Loup conseguia entender como um habitante de Osaka, de Austin ou de Joanesburgo perdia o fôlego diante de uma imagem daquelas e ficava com dor nos braços de tanto tirar fotografia.

Já estava chegando. Contornou a marina, onde os trabalhos de remoção das estruturas prosseguiam bem mais tranquilamente, passou diante das Piscinas e, logo depois da Rascasse, dobrou à esquerda e pegou a rampa do estacionamento subterrâneo, três andares de escavação exatamente embaixo do amplo pátio que

ficava diante da rádio.

Estacionou o carro na primeira vaga livre e subiu a escada até chegar no exterior. O eco da música do Stars ’N Bars chegou até ele através de suas portas abertas. Era uma parada obrigatória para os frequentadores da vida noturna de Mônaco, um videobar onde podiam beber uma cerveja ou apreciar a cozinha tex-mex, esperando que a noite envelhecesse antes de espalharem-se pelas discotecas e nightclubs ao longo da costa.

Os pórticos da grande construção que abrigava a sede da Rádio Monte Carlo, debruçados sobre o Quai Antoine Premier, hospedavam um acúmulo de atividades extremamente heterogêneas: restaurantes, showrooms de iates, galerias de arte e os estúdios da Tele Monte Carlo.

Jean-Loup parou diante da porta envidraçada e apertou o botão do intervideofone. Ficou na frente da câmera de modo que só pudesse enquadrar um primeiríssimo plano de seu olho direito.

A voz de Raquel, a secretária, saiu do aparelho tão ameaçadora quanto conseguia ser.

— Quem é?

— Boa-tarde, sou o sr. Olho por Olho. Pode abrir, por favor? Estou usando lentes de contato e a identificação da retina não funciona.

Recuou para que a moça pudesse reconhecê-lo. Do interfone saiu primeiro uma risadinha sufocada e depois uma voz condescendente.

— Pode subir, sr. Olho por Olho…

— Obrigado. Minha intenção era vender uma enciclopédia, mas nessa altura dos acontecimentos serve um pouco de colírio…

Logo depois, ouviu-se o estalido da fechadura ao abrir. Quando chegou ao quarto andar, a porta automática do elevador deslizou de lado e ele se viu diante do rosto gorducho de Pierrot, parado no saguão com uma pilha de CDs nas mãos.

Pierrot era uma espécie de mascote da rádio. Tinha 22 anos, mas o cérebro de uma criança. Era um pouco mais baixo que a média, com um rosto redondo e alguns fios de cabelo sempre espetados, que davam a Jean-Loup a divertida impressão de que sorria perenemente emoldurado por um abacaxi.

Pierrot era o ser vivo mais incorruptível que havia na face da Terra. Tinha o dom, que apenas alguns temperamentos simples têm, de inspirar simpatia à primeira vista e de ter simpatia apenas por aqueles que, segundo ele, mereciam. E seu instinto raramente se enganava.

Adorava música e sua mente, que se atrapalhava nos raciocínios mais simples, tornava-se subitamente analítica e linear quando falava do assunto. Tinha uma

memória de computador no que dizia respeito ao imenso arquivo da rádio e à música em geral. Bastava mencionar o título ou o tema de uma canção para vê-lo partir como um raio e voltar em seguida com o disco ou o CD correspondente nas mãos. Por causa dessa semelhança com o personagem do filme, era chamado na rádio de *Rain Boy*.

— Oi, Jean-Loup.

— Oi, Pierrot, o que está fazendo aqui uma hora dessas?

— Minha mãe vai trabalhar até mais tarde hoje. Os patrões estão dando um jantar. Ela vem me buscar *quando é um pouco mais depois*.

Jean-Loup sorriu por dentro com o disparate. O modo de Pierrot se expressar pertencia a uma língua toda particular, uma linguagem à parte que, às vezes, se transformava numa piada fulminante graças à candura dos equívocos e à absoluta inocência com que eram ditos. Sua mãe, a que vinha buscá-lo *quando é um pouco mais depois*, ganhava a vida como faxineira na casa de uma família de italianos residentes em Montecarlo.

Conhecera-os dois anos antes, quando se deparara com duas figuras paradas na porta da rádio. Jean-Loup quase não notara a estranha dupla, mas a mulher se aproximou e falou com ele, com aquele ar de quem está sempre pedindo desculpas ao mundo por sua presença. Percebeu que estavam esperando por ele.

— Desculpe, o senhor é Jean-Loup Verdier?

— Sim, sou. O que posso fazer pela senhora?

— Bem, desculpe o incômodo, mas poderia dar um autógrafo para o meu filho, por favor? Pierrot sempre ouve a rádio e o senhor é o preferido dele.

Jean-Loup examinou seu vestido modesto, olhou os cabelos que pareciam ter ficado grisalhos antes do tempo. Devia ter menos idade do que aparentava. Sorriu.

— Claro, senhora. É o mínimo que posso fazer por um ouvinte tão assíduo.

Enquanto pegava com uma das mãos a folha e a esferográfica que a mulher lhe estendia, Pierrot foi se aproximando.

— É igual.

Jean-Loup ficou perplexo.

— Igual a quê?

— *Igual que nem na rádio*.

Jean-Loup virou-se para a mulher, perplexo. Ela abaixou o olhar e a voz.

— Sabe, meu filho é… quer dizer…

Parou como se não encontrasse a palavra que conhecia há tanto tempo. Jean-Loup olhou para Pierrot com mais atenção: notou algo de diferente em seu rosto e sentiu pena dele e da mulher.

Igual que nem na rádio…

Jean-Loup percebeu que Pierrot queria dizer, em sua linguagem própria, que o radialista era exatamente como ele imaginava que fosse ao ouvir sua voz na rádio. Foi então que Pierrot sorriu: aquele pedaço da calçada se iluminou e nasceu a imediata e instintiva simpatia que só aquele rapazola esquisito sabia suscitar.

— Muito bem, meu rapaz, agora que sei que é meu ouvinte, posso dizer que esse vai ser um bom dia. Portanto, o mínimo que posso fazer por você é lhe dar um autógrafo muito especial. Pode segurar isso, por favor?

Para liberar as mãos, estendeu ao rapaz o maço de folhas e cartelas que levava debaixo do braço. Enquanto Jean-Loup caprichava no autógrafo, Pierrot pegou a primeira folha do maço que tinha nas mãos. Levantou a cabeça e olhou para ele com ar satisfeito.

— Three Dog Night — disse com sua vozinha tranquila.

— Como?

— Three Dog Night. A resposta à primeira pergunta é Three Dog Night. E a da segunda é Allan Allsworth e Ollie Alsall — repetiu Pierrot com uma pronúncia inglesa personalíssima.

Jean-Loup viu que se tratava do questionário musical para um *quizz* do programa da tarde, que ele tinha organizado algumas horas antes.

A primeira pergunta era: “Que grupo dos anos setenta cantava a canção *Celebrate*?” E a segunda: “Quais foram os guitarristas do Tempest?”

Pierrot leu e respondeu com precisão às duas primeiras perguntas. Jean-Loup ficou olhando boquiaberto para a mãe. A mulher levantou os ombros como se pedisse desculpa por aquilo também.

— Pierrot tem paixão por música. Se desse ouvidos ao que diz, deixaria de comprar pão para comprar discos. Ele é… bem, ele é como é, mas quando se trata de música lembra muita coisa do que ouve na rádio e do que lê.

Jean-Loup indicou a folha de perguntas que ainda estava com Pierrot.

— Quer tentar responder às outras também, Pierrot?

Uma a uma, sem hesitação, Pierrot desencavou quinze respostas certas, precisando apenas do tempo necessário para ler as perguntas. E não eram das mais fáceis. Jean-Loup estava pasmo.

— Minha senhora, isso é muito mais do que lembrar muita coisa. Isso significa ser uma enciclopédia.

Pegou as folhas das mãos do rapaz, respondendo a seu sorriso com um sorriso. Apontou para o edifício da Rádio Monte Carlo.

— Pierrot, gostaria de dar uma volta pela rádio e ver como transmitimos a

música?

Jean-Loup o acompanhou pelos estúdios, mostrou o local de onde vinham as vozes e a música que ele ouvia em casa, ofereceu uma Coca-Cola. Pierrot examinava tudo com ar fascinado, com os mesmos olhos cintilantes com que a mãe lia a alegria no rosto do filho. Mas quando entrou no arquivo, no subsolo, e ficou diante daquele mar de CDs e discos em vinil, o rosto de Pierrot se iluminou como uma alma santa na porta do Paraíso.

Depois, quando todo o pessoal da rádio ficou conhecendo sua história (o pai tinha sumido de um dia para o outro assim que a deficiência do filho se confirmou, deixando a criança e a mãe sozinhos, com uma mão na frente e a outra atrás), e sobretudo quando puderam testar ao vivo sua cultura musical, logo arranjaram uma maneira de incluí-lo na equipe da Rádio Monte Carlo. A mãe não podia acreditar. Pierrot tinha um lugar para ficar enquanto ela estava no trabalho e, além do mais, receberia um pequeno salário.

Porém, mais que isso, *ele estava feliz*.

Promessas e apostas, pensou Jean-Loup. Às vezes alguma se cumpria, às vezes se vencia alguma. Talvez houvesse coisa melhor no mundo, mas já era um começo.

Pierrot entrou no elevador, segurando os CDs numa só mão para apertar o botão com a outra.

— Vou lá embaixo no *quarto* guardar esses aqui, depois volto, assim posso *ver o seu programa*.

Quarto era seu modo particular de definir o arquivo, mas *ver o programa* não era, no caso, uma de suas costumeiras alquimias linguísticas. Significava que naquele dia podia ficar atrás dos vidros ouvindo e vendo Jean-Loup, seu melhor amigo, seu ídolo absoluto, com um olhar de adoração. Normalmente, no horário em que Jean-Loup entrava no ar, Pierrot já estava em casa e costumava ouvir o programa no rádio.

— Certo, vou guardar um lugar na primeira fila.

A porta se fechou sobre o sorriso de Pierrot, muito mais luminoso que as luzes assépticas do elevador.

Jean-Loup atravessou o saguão e digitou no teclado alfanumérico o código de abertura da porta. Bem na frente da entrada, ficava a escrivaninha em que Raquel desempenhava ao mesmo tempo as funções de recepcionista e secretária. A moça, uma morena esguia de rosto magro, mas agradável, que em geral exibia uma atitude à altura da dignidade da situação, recebeu-o com um dedo apontado em sua direção.

— Está correndo perigo. Um dia desses ainda vou deixá-lo do lado de fora.

Jean-Loup aproximou-se e desviou o dedo como se fosse uma pistola carregada.

— Nunca lhe disseram que não deve apontar o dedo desse jeito? E se estivesse carregado? E se disparasse sem querer? Você é que precisa explicar o que está fazendo aqui a essa hora. E Pierrot também está por aí. Tem alguma festa marcada e não me avisaram?

— Festa nenhuma, só hora extra. Tudo culpa sua, que está arrebentando na audiência e obrigando todo mundo a trabalhar como operários.

Indicou um ponto às suas costas com a cabeça.

— Fale com o chefe, tem novidade.

— Boas? Ruins? Assim, assim? Resolveu finalmente pedir minha mão?

— Só sei que quer falar com você. Está na sala do presidente — respondeu Raquel sorrindo, mas sem esclarecer mais nada.

Jean-Loup deu alguns passos, abafados pelo carpete azul pontilhado de pequenas coroas estilizadas de cor creme. Parou diante da última porta da direita. Bateu e abriu sem esperar um convite para entrar. O chefe estava sentado na escrivaninha e, não precisava nem dizer, falava ao telefone. Naquela hora, a sala já tinha se transformado num local místico, cheio de fumaça de cigarro, um ponto de encontro entre o exemplar que ele tinha naquele momento entre os dedos e os muitos outros fumados anteriormente.

O diretor de Rádio Monte Carlo era a única pessoa que Jean-Loup conhecia que fumava aqueles infectos cigarros russos com uma longa piteira de papelão que devia ser dobrada segundo um ritual quase vodu antes de acender.

Robert fez sinal para que ele se sentasse.

Escolheu uma das poltronas de couro preto na frente da escrivaninha. Enquanto Robert acabava seu telefonema e fechava o flip de seu Motorola, Jean-Loup agitou o ar à sua frente com a mão.

— Estamos transformando essa sala num local para os nostálgicos da neblina? Londres ou morte? Ou melhor, Londres *e* morte? O presidente sabe que você infesta a sala dele quando ele não está? Se for o caso, tenho material para chantageá-lo até o fim de seus dias.

A Rádio Monte Carlo, a emissora em língua italiana do Principado, tinha sido encampada por uma sociedade que administrava uma rede de emissoras privadas, cuja sede ficava na Itália, em Milão. A direção, em Mônaco, estava inteiramente nas mãos de Robert Bikjalo, e o presidente só aparecia para as reuniões mais importantes.

— Você não passa de um moleque, Jean-Loup. Um moleque sacana e fracote.

— Não sei como consegue fumar essa porcaria. Está pronto para superar

aquele limite impalpável entre a fumaça e o gás nervoso. Talvez já o tenha até superado há muitos anos e nós continuamos a conversar com o seu cadáver sem perceber nada.

Robert se manteve impassível, tão insensível ao humor de Jean-Loup quanto à fumaça de seus próprios cigarros.

— Meu silêncio expressa minha evidente superioridade diante desses comentários quase femininos. Não fiquei aqui esperando que seu precioso traseiro sentasse em minha poltrona para ouvir piadinhas sobre meus cigarros. E veja bem que eu disse "precioso" porque todos sabem que é com *ele* que você raciocina…

A troca de ofensas já fazia parte de um pequeno ritual estabelecido havia anos entre eles. Apesar disso, Jean-Loup pensava que estavam bem distantes do que se podia definir como amigos. O uso daquele humor cáustico escondia, na verdade, a dificuldade de ir além da superfície quando se tratava de Robert Bikjalo. Talvez fosse uma pessoa inteligente e, com certeza, era bem esperto. Um homem inteligente às vezes dá ao mundo mais do que recebe, um esperto tenta pegar tudo o que puder e, em troca, dar o mínimo indispensável. Jean-Loup conhecia bem as regras da dança do mundo, em geral, e de seu ambiente em particular; era o DJ que apresentava *Voices*, um dos programas de maior sucesso na Rádio Monte Carlo. Gente como Bikjalo só o ouvia em função da quantidade de gente que o ouvia em casa.

— Só queria dizer o que penso sobre você e sobre seu programa, antes de jogá-lo inexoravelmente no olho da rua…

Apoiou-se no encosto da poltrona e finalmente apagou o cigarro num cinzeiro já cheio de cadáveres. Deixou um silêncio de mesa de pôquer cair entre eles. Prosseguiu com o tom de quem "paga pra ver" tendo as cartas certas na mão.

— Recebi um telefonema a respeito de *Voices*, o seu programa. Era uma pessoa próxima do Palácio. Não pergunte quem, pois só posso dizer o milagre, o nome do santo, não…

O tom do diretor mudou de repente. Um sorriso de quarenta dentes floriu em seu rosto, como se descesse uma escada real.

— O príncipe em pessoa expressou sua satisfação com o sucesso do programa!

Jean-Loup levantou da poltrona com um sorriso idêntico, bateu a mão aberta na mão que o outro estendia e voltou a se sentar. Bikjalo continuou seu voo nas asas do entusiasmo.

— Em todo caso, a imagem de Montecarlo sempre foi a de um lugar rico, de um paraíso fiscal para sonegação de impostos do mundo inteiro. Ultimamente,

com toda a confusão que tem acontecido nos Estados Unidos e com a crise econômica que circula mais ou menos em toda parte, nosso brilho murchou um pouco…

Disse aquele “nosso” como uma gentil concessão ao mundo, mas tinha o ar de quem acha que não tem muito a ver com os problemas alheios. Tirou outro cigarro do maço, dobrou o filtro com as mãos, enfiou na boca e acendeu com o isqueiro que estava na escrivaninha.

— Alguns anos atrás, nessa época, havia duzentas mil pessoas na praça do Cassino. Agora, há noites em que o ar de *day after* dá até medo. O engajamento que você conseguiu transmitir a *Voices*, centrando o programa na questão social, trouxe um novo alento. Agora muita gente acha que também em Montecarlo existe um lugar onde é possível resolver os problemas, para onde você pode telefonar e pedir ajuda. Para a rádio também foi uma grande jogada, não escondo isso, temos um monte de patrocinadores no horizonte, o que é um termômetro do sucesso do programa.

Jean-Loup levantou uma sobrancelha instintivamente e sorriu. Robert era um empresário e, para ele, o sucesso significava, em última análise, um suspiro de alívio e um sentimento de satisfação na hora de fazer o balanço. Os tempos heroicos da Rádio Monte Carlo, os tempos dos programas de Awanagana e Jocelyn e de Herbert Pagani, para dar um exemplo, tinham se acabado. Agora vivíamos os tempos econômicos.

— Devo dizer que estamos ótimos. Sobretudo você. À parte a fórmula vencedora do programa e as evoluções que sofreu em seguida, o sucesso se deve decisivamente à sua capacidade de apresentá-lo em italiano e francês simultaneamente. Eu só fiz meu trabalho…

Bikjalo fez um gesto vago de modéstia que certamente não combinava com ele. Referia-se, em todo caso, à sua aguda intuição do ponto de vista empresarial. A qualidade do programa e o talento bilíngue do apresentador animaram-no a tentar uma manobra que conseguiu concluir com a habilidade de um diplomata consumado. Tinha criado, apoiado pelos ouvintes e pelos resultados, uma espécie de *joint-venture* com a Europe 2, uma emissora francesa com linha editorial bem próxima da Rádio Monte Carlo, que retransmitia de Paris.

O resultado disso era que *Voices* cobria, no ar, grande parte dos territórios italiano e francês.

Robert Bikjalo colocou os pés na escrivaninha e soprou a fumaça do cigarro para o alto. Jean-Loup pensou que era uma posição muito institucional e alegórica. Provavelmente, o presidente não pensaria assim.

O diretor prosseguiu, triunfal.

— Entre o fim de junho e o começo de julho teremos o *Music Awards*. Soube que estão pensando em você como apresentador. E depois, tem o *Festival du Cinéma et de la Télévision*. Você está na crista da onda, Jean-Loup. Muitos apresentadores do seu tipo enfrentaram dificuldades na hora da passagem do rádio para a TV. Mas você tem uma boa aparência e, se jogar bem suas cartas, temo que acabe sendo a causa de uma queda de braço entre rádio e TV.

Jean-Loup sorriu e olhou o relógio. Levantou-se da poltrona.

— Acho que nesse momento Laurent está fazendo uma bela queda de braço com o próprio fígado. Ainda não nos falamos e temos que fazer toda a escaleta do programa dessa noite.

— Diga àquela espécie de redator-chefe que o olho da rua também está esperando por ele.

Jean-Loup dirigiu-se para a porta. Quando estava saindo, Robert o deteve.

— Jean-Loup?

Ele se virou. Bikjalo estava sentado na poltrona e se balançava com a expressão de um Frajola que finalmente conseguiu devorar o canarinho.

— Diga.

— Creio que é evidente que, se todas essas histórias de televisão se realizarem, seu empresário sou eu…

Jean-Loup pensou que Bikjalo tinha a mesma cara que o pranteado La Palisse* devia ter quando dizia uma das suas. Decidiu que venderia bem caro a própria pele.

— Sofri muito para suportar o percentual de fumaça de seus cigarros. Para ter um percentual do meu dinheiro você vai ter que sofrer pelo menos tanto quanto eu.

Quando fechou a porta, Robert Bikjalo olhava para o teto com expressão sonhadora. Jean-Loup teve a impressão de que já estava contando o dinheiro que ainda não havia ganhado.

*Senhor de La Palisse (1470-1525), famoso guerreiro francês, morto em combate na batalha de Pavia. (*N. da E.*)

2

ATRAVÉS DA GRANDE VIDRAÇA DA CABINE de direção, Jean-Loup olhava a cidade e os jogos de luzes que se refletiam na água imóvel da marina. Acima dele, envolvida na escuridão, a presença protetora do monte Agel, cujo cume, marcado por uma série de luzes vermelhas, abrigava a antena de transmissão da rádio, que permitia que alcançassem e cobrissem toda a Itália.

Ouviu a voz de Laurent às suas costas, saindo do interfone.

— Fim do intervalo, volta ao trabalho.

Sem se preocupar em responder, o DJ afastou-se da janela e voltou para seu lugar. Ajeitou os fones de ouvido e sentou na frente do microfone. Através do vidro da cabine de direção, Laurent mostrou a mão aberta a Jean-Loup, indicando que faltavam cinco segundos para o final das inserções publicitárias.

Em seguida, colocou no ar o breve jingle de *Voices* para sublinhar o retorno da transmissão. Tinha sido, pelo menos até aquele momento, um programa tranquilo, bastante divertido em alguns momentos e sem as lamentações que às vezes tinham de suportar.

— Com vocês, mais uma vez, Jean-Loup Verdier. *Voices*, da Rádio Monte Carlo, está de volta, esperando que nessa bela noite de maio ninguém esteja precisando de nossa ajuda, somente de nossa música. Mas acabaram de me avisar que temos alguém na linha.

De fato, a luz vermelha no alto da parede estava acesa e Laurent apontava o indicador da mão direita para ela, confirmando que tinha alguém na linha. Jean-Loup apoiou os cotovelos na mesa e dirigiu-se ao microfone que estava na sua frente.

— Alô?

Ouviram-se dois disparos e depois, silêncio. Jean-Loup levantou a cabeça e olhou para Laurent erguendo as sobrancelhas. O diretor deu de ombros indicando que a interferência não era deles.

— Alô?

Finalmente a resposta chegou pelo ar, e pelo ar a rádio a retransmitiu e ela se

tornou de todos. Ocupou seu lugar nas caixas de difusão da direção, nas suas mentes e nas suas vidas. Daquele momento em diante e por muito tempo, a escuridão ficaria um pouco mais escura e precisariam de muito barulho para cobrir todo aquele silêncio.

— *Olá, Jean-Loup*.

Havia algo de artificial no som daquela voz. Parecia soar dentro de um tubo e era estranhamente igual, sem expressão e sem cor. As palavras tinham o rastro de um eco sufocado, como a decolagem de um avião muito distante.

Mais uma vez, Jean-Loup olhou para Laurent interrogativamente. Mais uma vez ele usou o indicador da mão direita, fazendo breves círculos no ar, para mostrar que a distorção vinha da ligação.

— Olá. Quem é você?

Houve um instante de hesitação do outro lado da linha. Depois a resposta quase soprada, reverberando artificialmente.

— *Não tem importância. Sou um e nenhum*.

— Sua voz está distorcida, não o escuto bem. Onde você está?

Pausa. O rastro leve de um avião indo para não se sabe onde.

O interlocutor não deu importância à observação de Jean-Loup.

— *Isso também não interessa. A única coisa que conta é que chegou o momento de nos falarmos, mesmo que isso signifique que nunca mais seremos os mesmos, nem eu nem você*.

— Em que sentido?

— *Logo serei um homem perseguido e você vai estar entre os cães de caça que rosnam correndo atrás de sombras. É uma pena, pois agora, nesse exato momento, eu e você somos iguais, somos a mesma coisa*.

— Somos iguais em quê?

— *Para o mundo, nós dois somos uma voz sem rosto, a ser ouvida com os olhos fechados, com a imaginação. Lá fora está cheio de gente que só pensa em encontrar uma cara que possa mostrar com orgulho, que seja diferente de todas as outras, gente sem nenhuma preocupação a não ser essa. Chegou o momento de sair e ver o que há por trás disso…*

— Não estou entendendo o que quer dizer.

Outra pausa, longa a ponto de dar a impressão de que a ligação tinha caído. Depois a voz retornou e alguns dentre os ouvintes tiveram a impressão de sentir a sombra de um sorriso.

— *Vai entender, com o tempo*.

— Não estou acompanhando seu raciocínio.

Mais uma pausa ligeira, como se o homem do outro lado da linha estudasse

suas próximas palavras.

— *Não se preocupe. Às vezes é difícil até para mim*.

— Então, por que ligou, por que está aqui falando comigo?

— *Porque estou só*.

Jean-Loup abaixou a cabeça sobre a mesa e apertou-a entre as mãos.

— Fala como um homem fechado numa prisão.

— *Todos estão fechados numa prisão. Eu construí a minha sozinho, mas nem por isso é mais fácil sair*.

— Sinto muito por você. Posso perceber que não gosta muito das pessoas.

— *E você, gosta*?

— Nem sempre. Às vezes tento entendê-las e quando não consigo, tento pelo menos não julgá-las.

— *Até nisso nós somos iguais. A única coisa que nos diferencia é que, quando acaba de falar com elas, você tem a possibilidade de se sentir cansado. Pode ir para casa e desligar a mente e todas as suas doenças. Eu não. Eu não consigo dormir de noite, porque meu sofrimento nunca acaba*.

— E nessas noites, o que faz para se livrar do seu sofrimento?

Jean-Loup pressionou um pouco o interlocutor. A resposta se fez esperar e foi como se um objeto embrulhado em diversas camadas de papel cobrisse lentamente a luz.

— *Eu mato*…

— O que signif…

A voz de Jean-Loup foi interrompida por uma música que saía das caixas. Era um trecho delicado, melancólico, de melodia envolvente. No entanto, depois daquelas palavras, parecia se espalhar no ar como uma ameaça. Durou cerca de dez segundos; depois, assim como tinha chegado, se foi.

No silêncio viscoso que se seguiu, todos ouviram distintamente o clique da comunicação interrompida. De repente, Jean-Loup levantou a cabeça para os outros. Na sala, o rumor fresco do ar-condicionado e o gelo de seus pensamentos… No entanto, foi como se todos, simultaneamente, tivessem olhado para o brilho ofuscante de Sodoma e Gomorra em chamas.

Depois do episódio, conseguiram, mal ou bem, arrastar a transmissão até a hora do encerramento. Não houve outros telefonemas do público. Ou melhor, depois daquela chamada estranha, a central ficou congestionada de telefonemas, mas nenhum deles foi para o ar.

Jean-Loup tirou os fones e deixou-os sobre a mesa, ao lado do microfone. Percebeu que naquela noite, apesar do ar-condicionado, tinha os cabelos suados, como se tivesse corrido um trecho pequeno.

Nunca mais seremos os mesmos, nem eu, nem você.

No tempo restante, só transmitiu música, demorando-se na análise da estranha analogia entre Tom Waits e o italiano Paolo Conte, ambos atípicos como intérpretes e extremamente significativos como compositores. Traduziu as letras de duas de suas canções e sublinhou sua importância. Felizmente, dispunham de várias escapatórias para as situações de emergência, e aquela, sem dúvida, era uma delas. Havia alguns números de reserva para servir de apoio quando o programa não decolava. Ligaram para alguns artistas amigos pedindo que participassem e passaram quinze minutos em companhia da poesia e do humor de Francis Cabrel.

A porta de comunicação se abriu e a cabeça de Laurent despontou no umbral.

— Tudo bem, Jean-Loup?

Jean-Loup olhou para ele como se não o visse.

— Sim, tudo bem.

Ele levantou e saíram juntos do estúdio, cruzando com os olhares perplexos e meio fugidios de Barbara e de Jacques, o técnico de som. A moça usava uma camiseta azul e Jean-Loup notou que tinha duas grandes manchas de suor nas axilas.

— Recebemos um monte de ligações. Duas perguntando se era uma história policial em capítulos e quando seria o próximo, depois pelo menos uma dúzia de pessoas indignadas com os meios que somos obrigados a usar para aumentar a audiência. O chefe também ligou e chegou aqui como uma águia. Já está no gabinete do presidente, esperando por você. Ele também caiu na história e perguntou se tínhamos ficado loucos. Parece que um dos patrocinadores ligou logo em seguida e não acho que tenha sido um telefonema de congratulações.

Jean-Loup imaginava a sala ainda mais densa de fumaça, como se fosse possível, e um discurso levemente menos entusiasmado do que aquele de antes da transmissão.

— Mas como a central não filtrou a ligação?

— Que me caia um raio na cabeça se consigo entender o que aconteceu. Raquel disse que a ligação não passou por ela. Por algum motivo que não sabe explicar, foi diretamente para a linha do estúdio. Devem ter feito um contato qualquer, sei lá. Para mim é a nova central telefônica começando a lutar pela autoconsciência. Vai ver que um dia desse seremos obrigados a lutar contra as máquinas, como em *Exterminador do Futuro*.

Saíram da sala do diretor um ao lado do outro, rumo ao gabinete de Bikjalo, sem coragem de se olhar de frente. Entre eles, o fino acolchoado daquelas duas palavras.

Eu mato…

Passaram na frente da sala dos computadores, perplexos. O som angustiante daquela voz ainda flutuava no ar.

— E aquela música final. Tenho a impressão de que conheço…

— Eu também. Se não me engano, é uma trilha sonora. Acho que de *Um homem, uma mulher*, um velho filme de Lelouch. Uma produção de 1966 ou antes.

— E o que significa isso?

— Como vou saber?

Jean-Loup parecia desorientado. Diante deles, um fato absolutamente novo, que não conseguiam classificar em suas experiências radiofônicas anteriores. Sobretudo no nível emocional.

— O que acha?

— Que é bobagem.

Laurent acompanhou as palavras com um gesto despreocupado da mão, mas apesar disso, parecia ter falado mais pelo desejo de convencer a si mesmo do que para convencer o outro.

— Diga?

— À parte a questão da central, acho que é só uma brincadeira de muito mau gosto de algum idiota.

Pararam diante da porta da sala de Bikjalo e Jean-Loup segurou a maçaneta. Finalmente, olharam-se nos olhos. Laurent reiterou seu pensamento.

— Deve ser apenas uma coisa esquisita que a gente vai contar no Sporting Club e rir um pouco.

Contudo, a expressão de Laurent era de alguém que não estava completamente convencido do que dizia. Jean-Loup empurrou a porta e, enquanto entravam na sala do diretor, perguntou-se se aquele telefonema seria uma promessa ou uma aposta.

3

JOCHEN WELDER ACIONOU O COMANDO do guincho elétrico e ficou segurando o botão até que a corrente da âncora descesse o suficiente para manter o *Forever* fundeado. Quando teve certeza da firmeza da ancoragem, desligou o motor. O barco, um esplêndido dois mastros de 22 metros, desenhado por seu amigo Mike Farr e construído especialmente para ele nos estaleiros *Beneteau*, começou a deslizar lentamente. Empurrado por uma brisa leve que soprava para a terra, seguiu a corrente, apontando a proa na direção do mar aberto. Arijane, que tinha controlado a descida da âncora, virou e veio até ele, caminhando desenvolta na coberta, apoiando-se de vez em quando no corrimão para amortecer o leve balanço provocado pelas ondas. Jochen ficou olhando para ela com os olhos semicerrados, admirando pela enésima vez sua silhueta esbelta, atlética, vagamente andrógina. Absorveu a solidez de seu corpo e o fascínio de seus movimentos com uma sensação de calor na boca do estômago. Sentiu o desejo crescer dentro dele como uma pequena dor e pensou com gratidão na casualidade do destino, que tinha desenhado uma mulher que nem mesmo ele, com suas próprias mãos, poderia ter feito tão próxima de seu conceito pessoal de perfeição.

Ainda não tinha tido coragem de dizer que a amava.

Ela o encontrou junto da roda do timão, passou os braços ao redor de seu pescoço e apoiou a boca em seu rosto num beijo delicado. Jochen sentiu o calor de seu hálito, o aroma natural de seu corpo e pensou mais uma vez que não existe perfume melhor que o cheiro de uma pele cheirosa. Cheirava a mar e a coisas que deviam ser descobertas pouco a pouco, sem pressa. O sorriso de Arijane brilhou na contraluz do pôr do sol e Jochen imaginou, mais do que viu, o brilho refletido em seus olhos.

— Acho que vou descer para tomar um banho. Depois, se quiser, você pode descer para tomar uma chuveirada também e se, além disso, resolver dar um jeito nessa barbinha, talvez eu aceite com prazer qualquer proposta que me fizer para depois do jantar…

Jochen retribuiu seu sorriso com um outro igualmente cúmplice e passou a mão na barba de dois dias.

— Estranho, eu achava que as mulheres gostavam de um homem com a barba levemente por fazer…

Parodiou a voz dos *trailers* dos filmes de aventura dos anos cinquenta.

— O sujeito que passa um braço em seu ombro e com o outro guia o barco para o horizonte dourado.

Arijane entrou no jogo. Desvencilhou-se do abraço e desceu para a cabine movendo-se como uma estrela do cinema mudo.

— Não tenho nenhuma dificuldade para me ver viajando em direção ao horizonte com você, meu herói, mas acho que não vai mudar muito se meu rosto não estiver em chamas.

Desapareceu pela escada como uma atriz nos bastidores depois de uma frase de efeito.

— Arijane Parker, seus adversários pensam que é uma jogadora de xadrez, mas ninguém, exceto eu, sabe o que é na verdade…

Sua cabeça despontou por um instante no vão da porta, curiosa.

— Ou seja?

— O palhaço mais lindo que já conheci.

— Certo! É por isso que sou tão boa no xadrez: porque não levo o jogo nem um pouco a sério.

E desapareceu de novo. Jochen viu o reflexo da luz acesa estampado na coberta e, em seguida, ouviu o ruído do chuveiro.

Não conseguia apagar o sorriso do rosto.

Conhecera Arijane no Grande Prêmio do Brasil, quando fora convidado a uma recepção organizada por um dos patrocinadores da escuderia, uma multinacional que produzia roupas esportivas. Em geral, tentava evitar ao máximo esse tipo de compromisso mundano, sobretudo perto da corrida, mas como se tratava de um evento beneficente, em favor da Unicef, não quis recusar.

Apesar disso, se movimentava não muito à vontade pelos salões cheios de gente, elegantíssimo num smoking tão perfeito que nem de longe parecia alugado para a ocasião. Tinha na mão um copo de champanhe que não conseguia beber e no rosto um tédio que não conseguia disfarçar.

— Sempre se diverte tanto ou está se esforçando particularmente hoje?

Virou-se na direção do som daquela voz e deparou-se com o sorriso e os olhos verdes de Arijane. Usava um smoking masculino, com a camisa aberta, sem a clássica gravata borboleta. Nos pés, um par de tênis brancos. A roupa e os curtos cabelos pretos faziam dela uma versão elegante de Peter Pan. Já tinha visto sua

foto nos jornais várias vezes e logo reconheceu Arijane Parker, a estranha moça de Boston que saíra do anonimato ao encurralar os maiores campeões de xadrez do mundo. A piada tinha sido pronunciada em alemão e Jochen respondeu na mesma língua.

— A alternativa que me deram era o fuzilamento, mas como tenho um compromisso inadiável no fim de semana, fui obrigado a aceitar isso…

Com um aceno de cabeça indicou o salão cheio. O sorriso da jovem se acentuou e sua expressão divertida deu a Jochen a sensação de ter passado num exame. Ela lhe estendeu a mão.

— Arijane Parker.

— Jochen Welder.

Envolveu a mão estendida com a sua e teve a nítida sensação de que aquele gesto tinha um significado especial, que já havia no olhar que trocavam um discurso mais profundo do que aquele que podiam fazer usando apenas as palavras. Saíram para o grande terraço aberto, suspenso sobre a pulsação tranquila da noite brasileira.

— Como fala tão bem alemão?

— A segunda mulher de meu pai, que por acaso é minha mãe, é de Berlim. Felizmente, ficou casada com ele tempo suficiente para me ensinar a língua.

— Por que uma moça dona de um rosto tão bonito resolveu escondê-lo por horas a fio em cima de um tabuleiro de xadrez?

Arijane levantou uma sobrancelha e rebateu a bola, respondendo à pergunta com outra pergunta.

— Por que o dono de uma cabeça tão interessante resolveu escondê-la dentro daquela panela que vocês, pilotos, são obrigados a usar?

Léon Uriz, representante da Unicef que organizava o evento, chegou naquele momento para reclamar sua presença no salão principal. Jochen deixou Arijane a contragosto e foi atrás dele, resolvido a responder a pergunta da moça o mais rápido possível. Antes de atravessar a soleira da enorme porta de vidro, virou-se para olhá-la. Ela estava em pé perto da balaustrada, olhando para ele, com uma mão enfiada no bolso. Com um sorriso e um aceno de consentimento, ergueu para ele o copo de champanhe que ainda segurava.

No dia seguinte, depois dos treinos livres de quinta-feira, foi vê-la no torneio que disputava. Sua chegada causou um certo tumulto entre o público e os jornalistas. Era claro que a presença de Jochen Welder, duas vezes campeão mundial de Fórmula 1, numa partida de Arijane Parker não era casual e certamente estava bem distante de algum interesse particular, até então completamente desconhecido, pelo xadrez. Ela estava sentada na mesa de jogo,

separada por uma cerca de madeira dos juízes e do espaço reservado ao público. Tinha virado a cabeça na direção do burburinho e, ao vê-lo, sua expressão não se alterou, como se não o tivesse reconhecido. Seu olhar voltou para o tabuleiro que dividia com o adversário. Jochen admirou sua concentração, a cabeça inclinada observando a disposição das peças, a estranheza daquela delicada figura de mulher num ambiente que normalmente fala apenas a linguagem masculina. Depois disso, Arijane fez alguns movimentos equivocados, incompreensíveis. Ele não entendia nada de xadrez, mas intuiu pelos comentários do público de aficionados que enchia a sala. De repente, ela levantou e apoiou seu rei no tabuleiro, em sinal de rendição. Sem olhar para ninguém, de cabeça baixa, foi até a porta de madeira que se abria no fundo da sala. Jochen tentou ir a seu encontro, mas ela tinha desaparecido sem deixar rastros.

Os treinos classificatórios e todo o empenho dos momentos anteriores à corrida impediram que procurasse por ela. Encontrou-a de surpresa nos boxes, na manhã do Grande Prêmio, logo depois do briefing dos pilotos. Estava controlando a execução dos acertos sugeridos aos mecânicos depois do *warm-up*, quando a voz dela o surpreendeu, como tinha acontecido em seu primeiro encontro.

— Bem, devo dizer que o macacão não é tão charmoso quanto o smoking, mas pelo menos é mais alegre.

Virou-se e ela estava diante dele, os imensos olhos verdes brilhando, os cabelos meio escondidos por um boné com o logotipo de um patrocinador. Usava uma camiseta leve, sob a qual se adivinhavam os seios livres de apertos, e bermudas coloridas, como quase todo mundo por ali. Pendurados no pescoço, um passe da Foca e um par de óculos escuros presos por um fio de plástico. A surpresa o deixou paralisado, tanto que Alberto Regosa, seu engenheiro de pista, resolveu fazer piada.

— Ei, Jochen, se não fechar a boca vai ser difícil colocar o capacete…

Ele apoiou a mão no ombro de Arijane e respondeu a ela e à piada do amigo ao mesmo tempo.

— Venha, vamos embora daqui. Poderia lhe apresentar *alguém*, mas não vale a pena conhecê-lo: amanhã ele não estará mais conosco, porque vai ter que procurar outro emprego.

Acompanhou a jovem para fora dos boxes e respondeu à piada do engenheiro com o dedo médio da mão direita escondido nas costas. Examinou descaradamente as belas pernas que as bermudas deixavam à mostra.

— Honestamente, devo dizer que o smoking também não lhe ficava mal, mas prefiro assim. Existe uma sombra legítima de suspeita sobre as pernas das

mulheres de calças compridas.

Riram juntos e, em seguida, Jochen explicou brevemente a confusão e a atividade do mundo das corridas de automóvel, que Arijane desconhecia totalmente. Explicou o que era cada coisa e cada pessoa, levantando a voz de vez em quando para não ser abafado pelo barulho dos motores. Quando chegou a hora do alinhamento no grid de largada, convidou-a para assistir à corrida dos boxes.

— Temo que terei que colocar minha panela na cabeça, como você diz. Nos vemos depois.

Despediu-se e entregou-a aos cuidados de Greta Ringer, a relações-públicas da escuderia. Enfiou-se no carro e, enquanto os mecânicos apertavam os cintos, ergueu a cabeça e olhou para ela. Através da viseira do capacete, seus olhos se falaram novamente e era uma linguagem que superava a emoção da corrida. Saiu da corrida logo, depois de umas dez voltas. Tinha feito uma boa largada, mas depois, quando estava em quarto, a suspensão traseira, ponto fraco de seu carro, quebrou de uma hora para outra, e ele rodou na saída de uma curva veloz à esquerda. Bateu violentamente contra a proteção e foi lançado de volta para o centro da pista, capotando com a Klover F109 semidestruída. Pelo rádio, avisou à equipe que estava tudo bem e retornou a pé. Assim que chegou ao boxe, procurou Arijane com os olhos, mas não a encontrou. Só pôde ir procurá-la depois de explicar o motivo do acidente ao chefe da equipe e aos técnicos. Encontrou-a no trailer, sentada ao lado de Greta, que se afastou discretamente quando ele chegou. Arijane levantou-se e enroscou os braços em seu pescoço.

— Posso aceitar que sua presença me faça perder a semifinal de um torneio importantíssimo, mas creio que vai ser difícil perder um pouco de vida cada vez que você arrisca a sua. Mas agora, pode me beijar, se quiser…

Desde aquele dia, nunca mais se separaram.

Jochen acendeu um cigarro e ficou sozinho, sentado na semiescuridão, fumando e observando as luzes da costa. Tinha ancorado o barco um pouco além de Cap Martin, diante de Roquebrune, ligeiramente à esquerda do grande V azul sobre a montanha, a marca do Vista Palace, o grande hotel construído sobre a rocha. À esquerda, Montecarlo brilhava, bela e falsa como uma dentadura, imensa nas luzes que não merecia e no dinheiro que não lhe pertencia. Tinham se passado três dias desde o Grande Prêmio e, depois do alvoroço da multidão do fim de semana de corrida, a cidade retornava rapidamente à sua normalidade plastificada. Onde pouco antes dominava a velocidade dos carros de corrida, retornava o tráfego preguiçoso e ordenado sob o sol de maio, com a perspectiva de um verão que não era como antes, nem para ele, nem para ninguém.

Jochen Welder, aos 34 anos, sentia-se velho e tinha medo.

Conhecia bem o medo, era uma companhia habitual para um piloto de Fórmula 1. Costumava se deitar com ele há anos, todo sábado antes da corrida, não importa quem fosse a mulher com quem dividia a vida e a cama no momento. Já tinha até aprendido a reconhecer seu cheiro nos macacões impregnados de suor pendurados para secar nos boxes. Por muito tempo tinha lapidado e lustrado seu medo, para esquecê-lo a cada vez que enfiava o capacete ou entrava no carro e afivelava os cintos de segurança, esperando o sopro potente da adrenalina se espalhar em suas veias. Agora era diferente, agora tinha medo do medo. Aquele que substitui o instinto pelo raciocínio, que faz você tirar o pé do acelerador um segundo antes do necessário e que, um segundo antes do necessário, faz seu pé procurar o freio. Aquele que o emudece de repente e fala apenas através de um cronômetro, explicando o quanto um segundo pode ser veloz para um homem comum, e lento, ao contrário, para um piloto.

O celular apoiado no suporte a seu lado começou a tocar. Tinha certeza de que desligara o telefone e olhou para ele com a intenção de fazer isso imediatamente. Depois, com um suspiro, tirou-o de seu ninho e apertou o botão para responder.

— Onde diabo você se enfiou?

A voz de Roland Shatz, seu empresário, pulou do aparelho como a de um apresentador de televisão diante da resposta certa do participante de um *quizz*. Só que em geral os apresentadores não ficam furiosos com os concorrentes. Já esperava por aquilo, mas não estava totalmente pronto.

— Por aí… — respondeu evasivo.

— Por aí o cacete! Não sabe da confusão que está acontecendo?

Não sabia, mas podia imaginar muito bem. Afinal, um piloto que perdia uma corrida praticamente ganha graças a um erro nas últimas curvas era sempre um bocado de assunto para as páginas da imprensa esportiva do mundo inteiro. Roland não lhe deu tempo de responder e continuou.

— A equipe tentou cobri-lo diante dos jornalistas da melhor forma possível, mas Ferguson está espumando como uma hiena. Você não fez uma única ultrapassagem em toda a corrida, estava na frente só porque os outros pilotos abandonaram ou quebraram. Ainda por cima, jogou para o alto daquela forma uma corrida ganha! A manchete mais delicada dos jornais foi *Jochen Welder perde a corrida e a pose em Montecarlo*.

Tentou um frágil protesto, mas nem ele parecia acreditar.

— Eu disse que tinha alguma coisa no acerto…

O empresário não o deixou continuar.

— Conversa fiada! Os dados de telemetria estão lá e cantam melhor que

Pavarotti! O carro estava perfeito e enquanto o motor dele segurou, Malot estava na sua cola com toda a razão, mesmo depois de largar atrás de você no grid.

François Malot era o segundo piloto da equipe, um jovem talento ainda não lapidado que Ferguson, o chefe de equipe da Klover F1 Racing Team, estava criando e paparicando há tempos. Ainda não tinha a experiência necessária, mas era um ótimo piloto de testes e possuía garra e coragem para dar e vender. Não era por acaso que todos os empresários do circo da Fórmula 1 estavam de olho nele desde os tempos da Fórmula 3, só que Ferguson conseguiu chegar antes deles, contratando-o por dois anos. O próprio Shatz, aliás, brigou bastante para ser seu procurador. Era a lei do esporte e em particular da Fórmula 1, planeta mínimo onde o sol nasce e se põe com uma rapidez impiedosa.

No telefone, Roland mudou repentinamente de tom. Em sua voz havia agora a marca evidente da amizade que o ligava a Jochen e que ia bem além de uma simples relação de trabalho. Dava, contudo, a impressão de representar sozinho o policial bonzinho e o policial malvado das técnicas de interrogatório policial.

— Jochen, estamos com problemas. Está prevista para a semana que vem uma bateria de testes em Silverstone, com a Williams e a Jordan. Se entendi bem, você não foi chamado. Preferem que Malot e Barendson, o piloto de testes, testem a nova suspensão. Sabe o que isso significa, não?

Claro que sabia. Conhecia o mundo das corridas bem demais para não saber. Quando um piloto não é informado das últimas novidades técnicas da equipe, é bastante provável que os responsáveis estejam tentando evitar que ele leve informações preciosas para outra escuderia — ou seja, nada de renovação do contrato.

— O que quer que eu diga, Roland?

— Nada, não espero que diga nada. Só queria que você usasse o cérebro e o pé que sempre mostrou ter nas corridas.

Houve um instante quase imperceptível de pausa.

— Está com ela, não?

Jochen não pôde evitar um sorriso.

Roland não tinha qualquer simpatia por Arijane, que, em suas conversas, não tinha nome, era simplesmente “ela”. A bem da verdade, nenhum empresário teria simpatia pela mulher que considera responsável pelo esmorecimento de um de seus pilotos. Houve dezenas de mulheres antes, que Shatz tinha avaliado exatamente pelo que eram: o inevitável corolário de alguém que, como ele, estava no centro das atenções, inúmeras pequenas e belas luas que brilhavam com a luz refletida pelo sol do campeão. Estranhamente, tinha ligado as antenas quando Arijane entrou em sua vida, e se colocara na defensiva. Talvez fosse a

hora de explicar que Arijane não era a doença e sim, se fosse alguma coisa, o sintoma. Jochen escolheu o tom de quem precisa convencer uma criança teimosa a lavar atrás da orelha.

— Roland, nunca lhe passou pela cabeça que esse filme possa ter chegado ao fim? Tenho 34 anos e muitos pilotos já se aposentaram na minha idade. Os que ainda estão na ativa parecem uma caricatura do que foram.

Não mencionou propositalmente os nomes dos que estavam mortos. Eram nomes e rostos e olhos e risos de homens que, de um momento para outro, se transformaram em corpos presos na carroceria retorcida de um carro, um capacete colorido inclinado de lado, uma ambulância que nunca é tão rápida quanto deveria, um helicóptero que nunca é tão rápido quanto deveria, um médico que nunca é tão bom quanto deveria.

Roland teve um rompante de rebelião contra suas palavras.

— Mas o que você está dizendo, Jochen? Nós dois sabemos muito bem como é a Fórmula 1, mas tenho um monte de propostas vindas dos Estados Unidos para a Cart. Você ainda tem muito tempo para se divertir e ganhar um monte de dinheiro sem correr muitos riscos.

Jochen não teve coragem de jogar água na fogueira empresarial de Roland. Dinheiro não era seguramente o incentivo que poderia mudar seu estado de espírito. Tinha o suficiente para duas gerações, dinheiro ganho arriscando o pescoço por todos aqueles anos. Nunca se deixou envolver, como vários de seus colegas, pelo turbilhão do avião particular, do helicóptero ou das mansões espalhadas por vários lugares no mundo. Não teve ânimo de dizer a Shatz que o problema era outro; que, infelizmente, ele não se divertia mais. Por algum motivo, a corda havia se rompido e, por sorte, não aconteceu quando ele estava equilibrado em cima dela.

— Tudo bem, podemos conversar.

Shatz entendeu que não era o caso de insistir, pelo menos por enquanto.

— Certo, tente recuperar a forma para a Espanha. O mundial ainda não está decidido e basta um par de belas corridas para entrar no páreo de novo. E trate de se divertir nesse meio-tempo, bonitão!

Roland desligou e Jochen ficou olhando o aparelho, quase vendo o rosto pensativo do empresário do outro lado.

— Muito bem! É só eu me afastar e você gruda no telefone. Devo suspeitar que existe outra mulher na sua vida?

Arijane saiu para o convés e caminhou em sua direção esfregando os cabelos com uma toalha.

— Não, era o Roland.

— Ah!

O monossílabo retratava toda a situação entre eles.

— Ele não tem muita simpatia por mim, não é?

Jochen puxou-a para si, envolvendo sua cintura delicada com os braços. Encostou o rosto em seu ventre e falou sem olhá-la nos olhos.

— O problema não é esse. Roland tem lá suas preocupações, como todo mundo, mas é um amigo e age com absoluta boa-fé.

Arijane acariciou seus cabelos.

— Falou com ele?

— Não, preferi não falar pelo telefone. Acho que vou falar com ele e com Ferguson em Barcelona, na semana que vem. Em todo caso, vou fazer o anúncio oficial da aposentadoria no fim da temporada. Não quero que os jornalistas me persigam mais do que já perseguem.

A história deles tinha sido um prato saborosíssimo para a imprensa do mundo inteiro. Seus rostos estiveram nas primeiras páginas de revistas e jornais por meses e os repórteres tinham feito a festa, escrevendo e inventando tudo o que podiam a seu respeito.

Jochen levantou o rosto para ela e procurou seus olhos. Sua voz era um sussurro emocionado.

— Eu te amo, Arijane. Amava você antes mesmo de te conhecer e não sabia.

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar para ele sob o reflexo da luz que vinha da cabine. Jochen sentiu um pequeno arrepio de insegurança, mas agora tinha dito e não podia, nem queria, voltar atrás.

SEGUNDO CARNAVAL

A CABEÇA DO HOMEM EMERGE da água não muito longe da proa do *Beneteau*. Através da viseira da máscara de mergulho identifica a corrente da âncora e, batendo os pés lentamente, se aproxima. Agarra-se com a mão direita e fica observando o barco que reflete a luz da lua cheia no casco de fibra de vidro. Sua respiração no snorkel é calma e tranquila.

O cilindro de cinco litros que carrega nas costas não é adequado para longas imersões, mas é leve, manejável e garante autonomia suficiente para suas necessidades. Usa um macacão preto, anônimo, sem inscrições ou logotipos coloridos, suficientemente grosso para garantir uma boa proteção contra o frio durante sua permanência na água. Não pode usar nenhum tipo de lanterna elétrica, mas a luz quase descarada da lua cheia evita que sinta falta dela. Prestando bastante atenção para não provocar a menor marola, desliza de novo à flor-d'água, margeia a silhueta do casco submerso, com a longa quilha à contraluz voltada para as profundezas escuras, mais abaixo. Emerge na popa da embarcação e pendura-se na escada que ficou abaixada.

Tudo bem.

Isso evita evoluções para conseguir subir a bordo. Desamarra o pedaço de corda que traz ao redor da cintura. Engancha um mosquetão na escada e antes de mais nada pendura no que deixou na outra extremidade a caixa hermeticamente fechada que trouxe consigo. Quer tirar o cilindro, os pés de pato e os pesos de chumbo e deixá-los amarrados à escada, um metro acima da linha da água.

Não pode se dar ao luxo de ter os movimentos limitados, embora o fato de agir de surpresa contra duas pessoas adormecidas conte a seu favor e facilite sua tarefa.

Está começando a tirar o pé de pato quando ouve passos sobre o convés do barco. Abandona a escada e desloca-se para a direita, para ter a proteção da amurada. De seu posto entre as sombras, vê a moça sair a céu aberto e ficar em pé, como encantada pelo jogo da lua no mar calmo e liso. Por alguns instantes, o roupão branco que usa é apenas mais um reflexo, mas depois, com um gesto

fluido, a moça o deixa cair no chão e fica nua sob o luar.

De sua posição, o homem pode ver seu perfil: admira seu corpo sólido, a linha perfeita do seio pequeno e firme e segue com o olhar a linha das nádegas que se dissolve nas pernas longas e inquietas.

Com movimentos que parecem de mercúrio, a jovem mulher vai até a escada e estica um pé para experimentar a temperatura da água.

O homem sorri e é o sorriso pontiagudo de um tubarão.

Não consegue acreditar na própria sorte.

Espera ardentemente que a moça não tema o confronto com a água fria e sucumba ao fascínio de um banho de mar à luz da lua cheia. Como se tivesse captado seu pensamento, a moça se volta, começa a descer a escada e se deixa levar pelas ondas, estremecendo com a temperatura frisante da água, que deixa sua pele arrepiada e os bicos dos seios eriçados.

Afasta-se do barco nadando em direção ao mar aberto, do lado oposto àquele onde a figura de macacão preto espreita. O movimento silencioso com que o homem afunda para dentro d'água tem a sinistra fluidez do predador que dá início ao jogo da caça contra a presa indefesa, um jogo cruel que sempre tem a vida como prêmio.

Ajudando-se com as mãos, esvazia completamente os pulmões através do bocal para descer com mais facilidade. Em seguida, paralelamente ao fundo do barco, começa a se mover na direção da moça. Pouco depois, chega embaixo dela, levanta a cabeça e consegue vê-la lá no alto, mancha escura na superfície contra a luz, movendo pés e mãos para se manter à tona. Sobe lentamente, respirando devagar para não trair sua presença com bolhas d'água. Quando a moça está ao alcance de suas mãos, agarra seus tornozelos e puxa-a para baixo com toda a força.

Surpresa, Arijane sente o puxão violento que a arrasta da superfície. O movimento que a puxa para o fundo foi tão repentino que não teve nem tempo de encher os pulmões de ar. Num segundo, está a um metro de profundidade e quase imediatamente sente que a garra em seu tornozelo se solta. Bate os pés instintivamente para tentar subir, mas duas mãos pousam em seus ombros, com um peso que a empurra para baixo, para o fundo, longe da superfície que brilha sobre sua cabeça como uma promessa mentirosa de ar e de luz. Sente dois braços de ferro circundarem seu busto fechando-se como um cinto sobre os seios, o contato viscoso do neoprene do macacão de mergulho aderindo às suas costas nuas e um corpo desconhecido enlaçado ao seu, enquanto o agressor circunda sua bacia com as pernas tentando impedir qualquer movimento.

O terror envolve a razão como um muro de gelo.

Começa a tentar se soltar selvagemente, gemendo, mas seus pulmões, já sem oxigênio, queimam num segundo todas as suas parcas reservas. Na mesma medida em que cresce a necessidade de ar, Arijane sente suas forças se apagarem, cada vez mais à mercê do abraço mortal do corpo solidamente colado ao seu, que a arrasta inexoravelmente para a noite sem lua das profundezas.

Percebe que está morrendo, que alguém a está matando sem que lhe seja concedido nem saber o porquê. De seus olhos escorrem salgadas as lágrimas de lamento que vão se confundir com os milhares de gotas anônimas no mar indiferente que a envolve. Sente a escuridão daquele abraço se expandir e começar a fazer parte dela mesma, como um vidrinho de tinta negra jogado na água limpa de uma bacia. Uma mão fria e impiedosa começa a penetrar freneticamente em todo o seu corpo, dentro e fora, como se tentasse extinguir qualquer mínima centelha de vida em seu caminho, até conseguir atingir seu jovem coração de mulher e pará-lo para sempre.

O homem sente aquele corpo relaxar repentinamente, no momento em que a vida o abandona. Espera alguns instantes, vira o cadáver da moça com o rosto para si, enfia os braços sob as axilas e começa a mover os pés de pato em direção ao alto. À medida que se aproxima da superfície luminosa, o rosto da jovem mulher deixa de ser uma mancha escura e ganha forma lentamente do outro lado da viseira da máscara. Aparecem as feições delicadas, o nariz sutil, a boca semiaberta da qual saem algumas poucas, últimas, enganadoras bolinhas de ar. Aparecem os esplêndidos olhos verdes sem vida fixados pelo flash impiedoso da morte no momento em que se aproximam daquela luz que não podem mais ver e que não lhes pertence mais.

O homem vê surgir o rosto da mulher que matou como um fotógrafo revela uma fotografia cujo resultado o deixa particularmente ansioso. Quando está perfeitamente seguro da beleza daquele rosto, o tubarão sorri novamente.

A cabeça do homem emerge finalmente na superfície da água. Sempre segurando o cadáver, aproxima-se da escada. Pega a corda previamente amarrada à estrutura tubular de metal e passa ao redor do pescoço da mulher, para que a segure enquanto ele se livra do cilindro e do snorkel. O corpo desliza sob a superfície da água provocando um leve remoinho. Os cabelos da moça ficam boiando a poucos centímetros da superfície, seguindo o movimento das ondas contra o casco, balançando levemente como os tentáculos de uma medusa sob a luz da lua.

Ele tira os pés de pato, a máscara e o cinturão de chumbo, que apoia delicadamente no convés, sem provocar o menor ruído. Quando fica livre, segura a ponta da escada com a mão esquerda, solta a corda que segura o cadáver,

substituindo-a pelo apoio de seu braço direito. Sem esforço aparente, sobe os poucos degraus de madeira, carregando consigo o corpo de sua vítima, o qual deposita atravessado no convés, perpendicular ao comprimento do barco. Fica examinando um longo instante e depois se inclina para recolher o roupão que a moça estava usando antes do mergulho noturno.

Num sinal de tardia piedade, estende o roupão sobre a mulher deitada de costas no deque, como se abrigasse aquele corpo frio do frio de uma noite que para ela não terá mais fim.

— Arijane?

A voz chega de repente da cabine. O homem vira a cabeça instintivamente naquela direção. Talvez a sensação de estar só na cabine tivesse despertado o companheiro da moça. Talvez ele tivesse esticado uma perna em busca do contato de sua pele e não a tivesse achado, na luminosidade esbranquiçada que o luar espalha na cabine.

Sem obter resposta, com certeza vai sair para procurá-la.

Coberto pelo macacão negro que faz dele uma sombra ainda mais escura do que as projetadas pela lua, ele se levanta e se esconde atrás da proteção que a junção do mastro e da surriola lhe oferecem.

De onde está, vê primeiro a cabeça e depois o corpo do homem que saiu à procura da mulher. Está completamente nu. Sua cabeça gira ao redor seguindo a direção do olhar e ele para assim que chega no convés e a vê. Ela está deitada na popa, além da barra do timão, perto da escada. Tem o rosto virado para o outro lado e parece adormecida, distraidamente coberta com seu roupão branco. Ele dá um passo na direção dela. Sente o chão molhado sob os pés, abaixa os olhos e percebe as pegadas úmidas no pavimento de madeira. Talvez pense que ela deu um mergulho e tem um movimento de ternura por aquele corpo que parece abandonado no sono, ao luar. Talvez, com os olhos do espírito, possa vê-la nadar, fluida no silêncio, imaginar seu corpo banhado coberto por um reflexo aluminizado quando sai da água e se enxuga minuciosamente. Chega até ela em silêncio, talvez com desejo de acordá-la com um beijo, arrastá-la para a cabine e fazer amor com ela. Ajoelha-se a seu lado e pousa a mão em seu ombro, que desponta embaixo do roupão. O homem com o macacão negro pode ouvir distintamente as suas palavras.

— Amor…

A mulher não dá o menor sinal de ter ouvido. Sua pele está gelada.

— Amor, não pode ficar aqui no frio.

Nenhuma resposta ainda. Jochen sente uma estranha angústia fazer ninho em seu estômago. Segura delicadamente a cabeça, vira o rosto de Arijane para si e

encontra nos seus olhos um olhar sem vida. O movimento faz sair um fio d’água da boca semiaberta. Compreende imediatamente que está morta e um berro silencioso abala sua mente. Levanta-se de um salto e no instante preciso em que chega à posição ereta, sente um braço úmido envolver sua garganta. Uma violenta pressão o obriga a dobrar a espinha, curvando-se para trás.

Jochen é um homem de estatura ligeiramente superior à média e tem corpo de atleta, perfeitamente treinado por longas sessões na academia e horas de corrida para aguentar o tremendo desgaste de um Grande Prêmio. Seu agressor, contudo, é mais alto e igualmente forte. A surpresa e o desespero do outro ao descobrir a morte da moça jogam a favor do carrasco. O piloto ergue as mãos instintivamente e agarra o braço envolvido pelo macacão que aperta sua garganta, impedindo que respire. Tenta com todas as forças diminuir a pressão que o sufoca. Com o rabo do olho percebe uma cintilação refletir-se à sua direita. Uma fração de segundo depois, o punhal que o agressor empunha, afiado como uma navalha, voa com um leve sibilo no ar, descrevendo um arco veloz do alto para baixo.

O corpo da vítima tem um sobressalto e se contrai na agonia da morte enquanto a lâmina penetra entre as costelas e atravessa o coração. Sente na boca o gosto artificial de seu próprio sangue e morre tendo ainda nos olhos o sorriso gélido da lua.

O homem continua a apertar o punhal até sentir o corpo pender completamente abandonado entre seus braços. Só então larga o cabo do punhal e segura o corpo, apoiando-o contra o seu. Com extrema facilidade, ele o estende no convés. Fica um instante olhando os dois corpos sem vida a seus pés, respirando devagar para acalmar a agitação. Depois, pega o cadáver do homem pelos braços e começa a arrastá-lo para a cabine.

Tem pouco tempo e muito trabalho a fazer antes do sol nascer.

A única coisa de que sente falta naquele momento é da música.

4

ROGER SAIU PARA A COBERTA do *Baglietto* e respirou o ar fresco da manhã. Eram sete e meia de um dia que se anunciava esplêndido. Depois da semana do Grande Prêmio, os proprietários do iate em que estava embarcado partiram e deixaram o barco aos seus cuidados, à espera do próximo cruzeiro de verão que, em geral, durava dois meses. Ficaria na marina de Montecarlo pelo menos mais um mês e meio, gozando de toda a tranquilidade, sem a presença sufocante do armador e da esposa, uma perua insuportável, tão carregada de joias que, no sol, era preciso botar óculos escuros para olhar para ela.

Donatella, a garçonete italiana do Restaurant du Port, estava acabando de arrumar as mesas do terraço. Os funcionários dos escritórios e lojas da marina logo chegariam para o café da manhã. Roger ficou observando em silêncio até que ela percebeu sua presença. Sorriu para ele e empinou imperceptivelmente os seios.

— Que boa vida, não?

Roger continuou o duelo entre eles, que já durava alguns meses. Fez uma cara de sofredor.

— Pois é, mas poderia ser muito melhor…

Donatella atravessou os poucos metros que separavam as mesas da popa do barco e parou bem embaixo dele. A camiseta aberta deixava entrever o misterioso sulco entre seus seios e Roger enfiou os olhos como um anzol no mar. A moça percebeu, mas não deu o menor sinal de se incomodar.

— Quem sabe se em vez de usar tanto os olhos, você usasse melhor as palavras… Ei, o que houve com aquele doido?

Roger virou a cabeça na direção de seu olhar e viu um *Beneteau* de dois mastros disparar a toda velocidade diretamente para a linha dos barcos ancorados. Não havia ninguém na coberta.

— Esses idiotas!

Deixou Donatella e correu para a proa do *Baglietto*. Começou a agitar os braços freneticamente, berrando.

— Ei, você no dois mastros, cuidado!

Mas nenhum sinal de vida chegou do barco. Continuava disparado em direção à marina sem diminuir a velocidade. Já estava a poucos metros e a colisão parecia inevitável.

— Ei, você…

Roger deu um último grito desesperado e depois se agarrou no corrimão, à espera do impacto. Com um choque seco, a proa do *Beneteau* bateu contra o lado esquerdo do *Baglietto* e deslizou para se enfiar entre seu casco e o da barca ancorada ao lado, inclinando-se levemente. Felizmente, o motor não tinha potência suficiente para causar danos mais graves e os para-choques conseguiram atenuar o impacto. No entanto, via-se a marca acinzentada do arranhão na pintura do iate. Deu um berro em direção ao barco, depois que foi atingido.

— Ficaram malucos, seus imbecis?

Não houve nenhuma resposta do dois mastros. Roger saltou diretamente da coberta do *Baglietto* para a proa do *Beneteau*, enquanto uma pequena multidão de curiosos começava a se aglomerar na marina. Quando chegou à popa viu uma coisa que o deixou perplexo. A barra do timão estava bloqueada: alguém o prendera com o botaló e o amarrara com um cabo. Uma trilha avermelhada partia da coberta e descia pela escada que levava às cabines. Havia algo de estranho e de sinistro em tudo aquilo e Roger começou a sentir um certo frio no estômago. Desceu a escada lentamente, seguindo a trilha que terminava aos pés da mesa, abrindo-se numa poça escura. Roger sentiu a pele arrepiar quando percebeu que era sangue. Aproximou-se com as pernas levemente bambas. No tampo da mesa, alguém tinha escrito duas palavras com o mesmo líquido:

Eu mato…

A ameaça da escrita e daqueles três pontinhos dava calafrios. Roger tinha 28 anos e não era nenhum herói, mas algo mais forte que ele o empurrou para a porta que provavelmente dava para o quarto de dormir. Parou um instante diante dela, com a boca seca de tensão e depois a empurrou.

Foi envolvido por um sopro de cheiro adocicado que tomou sua garganta e provocou uma leve sensação de enjoo. Não teve forças nem para gritar. Durante os anos que ainda viveria, a cena que viu voltaria toda noite a seus sonhos, transformando-os em pesadelos.

O policial que estava subindo a bordo e a pequena multidão na marina viram quando ele saiu desesperado para a coberta, inclinou-se sobre a amurada e vomitou no mar, o corpo sacudido por violentos espasmos histéricos.

5

FRANK OTTOBRE ACORDOU E TOMOU CONSCIÊNCIA de seu corpo, estendido entre os lençóis de uma cama que não era sua, numa casa que não era sua, numa cidade que não era sua.

Logo depois, a lembrança filtrou-se em sua cabeça como o sol entre as persianas, e viu que a dor estava ali, intacta como a tinha deixado na noite anterior. Se ainda havia um mundo lá fora e se naquele mundo havia uma maneira de esquecer, sua mente lhe vetava os dois. O telefone sem fio sobre a mesinha de cabeceira à sua esquerda começou a tocar. Virou-se na cama e estendeu a mão para a tela piscante do aparelho.

— Alô?

— Oi, Frank.

Fechou os olhos e logo lhe chegou o rosto que a voz naquele fone evocava. Nariz achatado, cabelos cor de areia, os olhos, o cheiro de loção pós-barba, andar indolente, óculos escuros às vezes e um terno cinza que era quase um uniforme.

— Oi, Cooper.

— Sei que é cedo para você, mas tenho certeza de que já estava acordado.

— É… O que houve?

— Aqui, praticamente tudo nesse momento. O mais absoluto delírio. Trabalhamos 24 horas por 24. Se fôssemos o dobro do que somos, ainda precisaríamos do dobro de homens para dar conta. Todos se esforçam para fazer de conta que nada aconteceu, mas têm medo. E não podemos dizer que estão errados, visto que nós também temos medo.

Houve uma breve pausa.

— E você, como vai?

É, como vou?

Fez a pergunta a si mesmo como se só naquele momento se lembrasse de que estava vivo.

— Bem, eu diria. Estou aqui em Montecarlo e passo os dias com o jet-set. O único perigo é que, entre tantos milionários, corro o risco de me sentir rico também. Vou embora daqui no dia em que sentir desejo de comprar um barco de quarenta metros e isso não me parecer loucura.

Levantou da cama segurando o telefone no ouvido e, completamente nu, dirigiu-se para o banheiro. Na penumbra, sentou-se na privada e começou a urinar.

— Se conseguir comprá-lo, trate de me contar como fez, que eu também quero tentar.

Cooper não se deixou enganar por sua ironia, mas resolveu aceitar o jogo. Frank imaginou-o sentado em seu escritório, ao telefone, com um sorriso forçado e a pena que sentia dele estampada no rosto. Cooper era como sempre tinha sido. Ele, ao contrário, era um homem que estava naufragando e os dois sabiam disso.

Fez-se um momento de silêncio, depois Frank teve a impressão de ouvir distintamente quando Cooper deixou a ficção entre eles esvaziar. Sua voz agora era mais dura e mais ansiosa.

— Frank, não pensa…

Já sabia o que queria dizer e interrompeu-o bruscamente.

— Não, Cooper. Ainda não. Não me sinto capaz de voltar. Ainda é muito cedo.

— Frank, Frank, *Frank*! Já se passou quase um ano. De quanto tempo acha que vai precisar para…

Na cabeça de Frank as palavras do amigo perderam-se no imenso espaço entre aquele lugar, os Estados Unidos e o vazio das galáxias. Ouvia apenas a voz de seus pensamentos.

Sim, de quanto tempo, Cooper? Um ano, cem anos, um milhão de anos? De quanto tempo precisa um homem para esquecer que tinha destruído duas vidas?

— Além do mais, Homer disse claramente que você pode voltar ao serviço quando quiser, se isso lhe for útil. *Você* seria útil, em todo caso. Só Deus sabe o quanto precisamos de gente como você nesse momento. Não acha que estar aqui e se sentir parte de alguma coisa, no final disso tudo…

A voz de Frank foi um corte repentino, tão afiado que interrompia qualquer tentativa de aproximação.

— Cooper, no final disso tudo só há uma coisa…

O silêncio de Cooper era o de quem tem uma pergunta gritando dentro de si e tem medo até de sussurrá-la. Depois sua voz chegou e todo o espaço entre aquele lugar e os Estados Unidos não era nada comparado com a distância que havia

entre eles.

— Que coisa, Frank, pelo amor de Deus?

— Deus não tem nada com isso. É uma coisa que só tem a ver comigo. Eu e eu mesmo. E você sabe muito bem que é uma guerra sem prisioneiros.

Afastou o telefone da orelha e, imerso na penumbra, ficou olhando seu dedo interromper a comunicação.

Levantou os olhos para o seu corpo nu refletido no grande espelho do banheiro. Pés descalços sobre o mármore frio do chão, pernas musculosas e de repente, acima, os olhos apagados, e embaixo, o encontro com o tórax e as cicatrizes avermelhadas que o atravessavam.

Quase que animada por uma vontade própria, a mão direita subiu lentamente para tocá-las. Deixou que o fragmento diário da morte que carregava dentro de si fluísse livremente.

Quando despertou, a primeira coisa que viu foi o rosto de Harriet. Depois, lentamente, o rosto de Cooper emergiu da névoa. Quando conseguiu focalizar todo o quarto, viu Homer Woods sentado impassível numa poltroninha encostada na parede diante da cama, os cabelos penteados para trás, os olhos azuis que o miravam inexpressivos por trás dos óculos de aro de ouro.

Virou a cabeça na direção da mulher e percebeu, como num sonho, que estava num quarto de hospital, a luz esverdeada filtrando-se através das venezianas, um ramo de flores na mesa, tubos que saíam de seu braço, o monótono bipe de uma unidade de monitoramento, tudo girando. Tentou falar, mas a voz não saía de dentro dele.

Harriet se aproximou, pousando o rosto no seu e a mão em sua testa. Ele sentiu a mão, mas não ouviu as palavras, pois ainda estava mergulhado no lugar de onde tinha emergido.

Quando finalmente voltou a si e conseguiu falar e saber, Homer Woods estava lá, de pé ao lado de Harriet.

Cooper não estava.

A luminosidade no quarto tinha mudado, mas ainda era, ou era de novo, a luz do dia. Frank se perguntou quanto tempo teria se passado desde o último despertar e se Homer tinha ficado ali o tempo todo. O terno era o mesmo e a expressão também. Frank lembrou de nunca tê-lo visto com um terno ou uma expressão diferentes. Talvez tivesse em casa um armário cheio de ternos e expressões sempre iguais. “Mister Husky”, *era seu apelido no trabalho, por causa dos olhos azuis que tinham a consistência vítrea dos olhos de um* husky *siberiano.*

Harriet ainda estava com a mão em seu cabelos e uma lágrima marcava seu rosto. Seu olhar dava a impressão de que aquela lágrima estava ali desde o início dos tempos, de que fazia parte dela.

— Oi, meu amor, bem-vindo.

Tinha se levantado da cadeira ao lado da cama para apoiar os lábios nos seus num leve beijo salgado. Frank respirou o cheiro de seu hálito como um marinheiro respira o ar que traz o perfume da costa, o ar de casa.

Homer recuou um passo, discretamente.

— O que houve? Onde estou? — perguntou Frank com uma voz monótona, que não parecia sua. A garganta doía estranhamente e ele não se lembrava de nada. A última imagem era a de uma porta empurrada com o pé e o enquadramento subjetivo de seus braços segurando uma pistola enquanto entrava na sala. Depois o relâmpago, o trovão e a sensação de que uma mão enorme o empurrava para cima, para uma escuridão sem dor.

— Está no hospital. Passou uma semana em coma. Você nos deu um belo susto.

A lágrima agora parecia grudada no rosto de sua mulher como se tivesse se transformado numa ruga de sua pele. Brilhava como sua dor.

Ela se colocou de lado e deu um olhadela para Homer, deixando tacitamente em suas mãos o resto das explicações. Ele se aproximou da cama e olhou para Frank por trás da tela de seus óculos.

— Os dois Larkin espalharam o boato de que haveria uma grande troca de mercadorias e dinheiro entre eles e seus contatos, naquele armazém. Muita mercadoria e muito dinheiro. Organizaram tudo muito bem para encher Harvey Lupe e seus asseclas de ganância e convencê-los a armar um golpe para surpreendê-los e pegar tudo, as coisas e o dinheiro. E o prédio estava recheado de explosivos. Conseguiriam se ver livres, com um único espetáculo de fogos de artifício, de todos os problemas de concorrência na praça. Mas em vez de Lupe, chegaram você e Cooper. Ele ainda estava do lado de fora do armazém, no lado sul, quando você entrou pelo lado dos escritórios. O tranco do lado de Cooper foi absorvido em parte pelos andaimes no interior e ele saiu apenas com algumas queimaduras na cara e alguns ferimentos. Você pegou o grosso da explosão e, felizmente para você, os Larkin são grandes traficantes mas péssimos pirotécnicos. É um milagre que esteja vivo. Não posso nem censurá-lo por não ter esperado a unidade de operações especiais. Se todo mundo tivesse entrado ali seria uma carnificina.

Agora sabia de tudo mas não lembrava de nada. Só pensava que ele e Cooper estavam trabalhando há dois anos para pegar os Larkin e em vez disso, sem

querer, eles é que tinham sido pegos pelos Larkin.

Ele, para ser mais exato.

— O que tenho? — perguntou Frank, que recebia do corpo as informações mais confusas. Tinha uma vaga sensação de aperto e via sua perna direita imobilizada com gesso como se pertencesse a outra pessoa.

Quem respondeu foi um médico que tinha entrado no quarto bem a tempo de ouvir a pergunta. Tinha os cabelos precocemente respingados de branco, mas o rosto e o jeito de um rapaz. Sorriu inclinando a cabeça de lado, de um modo cerimonioso.

— Salve, gentil cavalheiro. Eu sou o dr. Foster, um dos responsáveis pela sua presença no mundo. Espero que não se zangue comigo por isso. Se quiser, posso lhe explicar o que tem. Algumas costelas quebradas, uma lesão na pleura, uma perna quebrada em dois lugares, buracos de várias coisas por todo lado, feridas sérias no tórax, traumatismo craniano. E tantos hematomas pelo corpo inteiro que já pode se considerar uma pessoa de cor. Além disso, tem, ou melhor, tinha um estilhaço de metal a um milímetro do coração: tivemos que suar para tirá-lo de lá antes que ele tirasse o senhor do nosso convívio.

Enquanto falava, levantou a ficha médica pendurada aos pés do leito. Aproximou-se da cabeceira e apertou um botão, permitindo que sentisse o cheiro de seu jaleco recém-lavado.

— Agora, pedindo aos presentes que nos desculpem, acho que é hora de dar uma controlada em tudo que fizemos para remediar o desastre.

Harriet e Homer Woods dirigiram-se para a porta, abrindo-a bem na hora em que chegava uma enfermeira negra empurrando um carrinho cheio de material médico. Sua pele parecia ainda mais escura em contraste com o branco do uniforme. Harriet, saindo, lançou um olhar estranho para o monitor que acompanhava os batimentos do coração de seu marido, como se considerasse sua presença indispensável para que os dois funcionassem a contento. Depois, virou a cabeça e fechou a porta atrás de si.

Enquanto o médico e a enfermeira se agitavam ao redor de seu corpo cheio de gaze e drenos, Frank pediu um espelho. A enfermeira não fez nenhum comentário sobre o pedido, mas, com um sorriso, foi pegar o espelho pendurado ao lado da porta e colocou-o diante dele.

Estranhamente indiferente, deparou-se com o rosto pálido e os olhos dolorosos de Frank Ottobre, agente especial do FBI, ainda vivo.

Espelho sobre espelho, olhos sobre olhos.

O presente se sobrepôs à lembrança e, no grande espelho do banheiro, Frank reencontrou seu tempo e seus olhos, perguntando-se se todo aquele esforço dos

médicos tinha mesmo valido a pena para lhe devolver àquela vida.

Voltou para o quarto e acendeu a luz. Procurou o botão que controlava a persiana entre todos os interruptores ao lado da cama. Apertou-o e, com um sussurro, a cortina começou a subir, misturando a luz do sol à luz elétrica.

Frank foi até a porta corrediça que dava para uma varanda, afastou as cortinas, puxou a maçaneta e a porta de vidro deslizou suavemente.

Saiu para a varanda.

Estendida a seu pés estava Montecarlo, pavimentada de ouro e indiferença. Diante dele, sob o sol que despontava, estendido até o fim do mundo, um mar azul que refletia o céu sem vê-lo. Repassou a conversa com Cooper. Do outro lado daquele mar, seu país estava em guerra. Uma guerra que tinha a ver com ele e com outros como ele. Uma guerra que tinha a ver com todo mundo que queria viver à luz do sol, sem sombras e sem medos. Ele deveria estar lá, defendendo aquele mundo e aquela gente.

Era o que teria feito em outros tempos, em outros tempos estaria na linha de frente como Cooper, Homer Woods e todos os outros. Agora eram tempos passados. Quase tinha dado a vida por seu país e as cicatrizes que carregava eram testemunhas disso.

E Harriet…

Um sopro de brisa fresca chegou até ele e o fez estremecer. Percebeu que ainda estava nu. Enquanto retornava ao quarto, perguntou-se o que o mundo poderia fazer com Frank Ottobre, agente especial do FBI, se ele não sabia nem o que fazer consigo mesmo.

6

DESCENDO DO CARRO, O DELEGADO Nicolas Hulot, da Sûreté Publique do Principado de Mônaco, viu o barco a vela preso entre outros dois, ligeiramente inclinado de lado.

Dirigiu-se para a marina. O inspetor Morelli veio até ele percorrendo a prancha de desembarque do *Baglietto*, o barco que tinha sido abalroado pelo de dois mastros. Quando ficaram frente a frente, o delegado ficou surpreso ao vê-lo tão perturbado. Morelli era um ótimo policial. Tinha treinado até no Mossad, o serviço secreto israelense, e já vira as piores coisas. Contudo, estava pálido e, enquanto falava, evitava sustentar seu olhar, quase como se aquilo que estava acontecendo fosse culpa sua.

— E então, Morelli?

— Delegado, é uma carnificina. Nunca vi nada igual…

Deu um longo suspiro e por um segundo Hulot teve a impressão de que ia começar a vomitar.

— Acalme-se, Claude, e explique direito. O que entende por “carnificina”? A mim, disseram que foi um homicídio.

— Dois, delegado. Temos os corpos de um homem e uma mulher ou pelo menos o que resta deles.

O delegado Hulot virou-se para olhar a multidão de curiosos aglomerada atrás das barreiras que delimitavam a área. Teve um terrível pressentimento. O Principado de Mônaco não era um lugar onde coisas semelhantes aconteciam. A polícia era uma das mais eficientes do mundo e as taxas de criminalidade eram tão baixas que só existiam ali e nos sonhos de qualquer ministro do Interior. Havia um policial para cada 60 habitantes. Tinham câmeras em todo lugar. Tudo estava sob controle. Ali, os homens enriqueciam ou se arruinavam, mas não se matavam. Não havia roubos, não havia homicídios, não havia submundo do crime.

Em Montecarlo, por definição, nunca acontecia nada.

— Alguém viu alguma coisa?

Morelli indicou com a mão um homem por volta dos trinta anos sentado do lado de fora do bar, entre um agente e um assistente do médico-legista. O local, que naquela hora em geral transbordava de gente, estava semideserto. Todos os que poderiam ser úteis como testemunhas tinham sido retidos, mas o acesso fora vetado aos demais. O proprietário estava na soleira da porta, ao lado de uma garçonete de seios exuberantes, e torcia as mãos nervosamente.

— O marinheiro do *Baglietto*, o barco abalroado pelo veleiro. Se chama Roger Sei-lá-o-quê. Abordou o veleiro para protestar contra a colisão. Como não viu ninguém no convés, desceu para a cabine e encontrou os dois. Está em estado de choque, mas estão tentando extrair alguma coisa dele. O agente Delorme, que é novo, entrou no barco depois dele. Está sentado no carro nesse momento e seu estado não é muito melhor que o do outro.

Mais uma vez, o delegado virou a cabeça para o outro lado, para os curiosos presos entre as barreiras e o Boulevard Albert Premier, onde um grupo de operários desmontava as estruturas dos boxes e das tribunas construídas para a corrida. Lamentou a confusão do Grande Prêmio, a multidão e as pequenas ansiedades que às vezes carregava consigo.

— Vamos ver isso.

Subiram a prancha oscilante do *Baglietto* e de lá, graças a uma outra prancha estendida entre os dois barcos, passaram para o *Beneteau*. Vindo do alto, Hulot viu o timão bloqueado com o botaló e depois o rastro de sangue já coagulado que partia do pavimento de teca azul-marinho e continuava até se perder na escuridão da cabine. Apesar do sol que a essa altura já esquentava de verdade, ele sentiu as pontas dos dedos repentinamente geladas.

Mas que diabo tinha acontecido naquele barco?

Morelli indicou os degraus que levavam às cabines.

— Se não se importar, vou esperar aqui, delegado. Uma vez já dá e sobra, numa única manhã.

Descendo os degraus recobertos de madeira antiderrapante, quase colidiu com o dr. Lassalle, o médico-legista, que estava subindo. No Principado aquele cargo era uma verdadeira sinecura e sua experiência profissional era bastante limitada. Hulot não sentia nenhuma estima por ele, nem como pessoa, nem como profissional. Obteve o cargo graças aos conhecimentos e relações públicas da mulher e gozava a vida e o salário sem fazer quase nada do trabalho para o qual era pago. De todo modo, Hulot sempre comparou o médico a um funcionário público de luxo. Sua presença ali significava que era a única pessoa disponível no momento.

— Bom-dia, dr. Lassalle.

— Bom-dia, delegado.

O médico parecia aliviado com sua presença. Era claro que se encontrava diante de uma situação que não tinha condições de administrar.

— Onde estão os corpos?

— Ali, venha ver.

Agora que seus olhos tinham se habituado à penumbra, viu a trilha de sangue que seguia o pavimento e desaparecia atrás de uma porta aberta. À sua direita havia uma mesa de almoço aberta, sobre a qual alguém tinha feito uma inscrição.

Eu mato…

Hulot sentiu que suas mãos se transformavam em duas pedras de gelo. Obrigou-se a respirar profundamente pelo nariz para se acalmar. Chegou até ele o cheiro adocicado do sangue e da morte, que trazem consigo angústia e moscas.

Seguiu o rastro de sangue e entrou na cabine que se abria à esquerda. Quando chegou à porta e viu o que havia no interior, o frio percorreu suas mãos num instante e se transmitiu para todo seu corpo, que se transformou num bloco único de gelo.

Estendidos na cama, um ao lado do outro, estavam os cadáveres de um homem e de uma mulher, completamente nus. A mulher não apresentava feridas aparentes no corpo, enquanto no peito do homem, na altura do coração, havia uma longa mancha avermelhada, da qual o sangue tinha saído para os lençóis. Havia sangue por todo lado. Nas paredes, nos travesseiros, no chão. Parecia impossível que naqueles dois pobres corpos sem vida pudesse haver tanto sangue.

O delegado obrigou-se a olhar para o rosto dos dois cadáveres. Dois rostos que não existiam mais. O assassino tinha arrancado completamente a pele da cabeça, inclusive os cabelos, exatamente como se tira o couro de um coelho.

Ele ficou observando, estarrecido, os olhos arregalados para um teto que já não viam, os músculos do rosto vermelhos de sangue coagulado, os dentes expostos num sorriso macabro que a ausência de lábios não permitiria que se apagasse nunca.

Hulot teve a sensação de que sua vida ficaria parada ali para sempre, que ele ficaria em pé na porta daquela cabine fitando eternamente aquele espetáculo de horror e morte. Por um instante, implorou aos céus que a pessoa capaz daquele massacre tivesse tido pelo menos a misericórdia de matar aqueles dois coitados antes de infligir-lhes tal suplício.

Recobrou-se com dificuldade e voltou para a cozinha, onde Lassalle esperava por ele. Morelli também tinha feito um esforço e descido os degraus. Estava em pé na frente do médico, observando o rosto do delegado para ver sua reação.

Dirigiu-se primeiro ao médico.

— O que me diz, doutor?

Lassalle deu de ombros.

— A morte aconteceu há algumas horas. O *rigor mortis* mal começou. As manchas hipostáticas parecem confirmá-lo. Presumivelmente, o homem foi morto com uma arma branca, um golpe seco que transpassou seu coração. Sobre a mulher, à parte… — O médico fez uma pausa para engolir um bocado de saliva. — … à parte as mutilações, não há marcas, pelo menos na parte frontal. Não mexi nos corpos, pois estamos esperando a perícia. Seguramente, a autópsia vai esclarecer muita coisa.

— Alguém sabe quem eram?

Dessa vez foi Morelli quem respondeu.

— No livro de bordo, o barco está em nome de uma empresa de Montecarlo. Ainda não confirmamos isso por causa da natureza da prova.

— A perícia vai encher o saco. Tanta gente entrou e saiu desse barco que a cena está alterada e não dá para saber quantas pistas foram perdidas.

Hulot olhou para o chão e para o rastro de sangue. Havia pegadas, aqui e ali, que ele não tinha percebido antes. Quando voltou os olhos para a mesa, surpreendeu-se com a absurda esperança de que aquele escrito desesperado não estivesse mais lá.

Ouviu duas vozes alteradas vindas do convés. Subiu os poucos degraus e, de repente, retornou a um outro mundo, ao sol, à luz e à vida, ao ar fresco de maresia, sem o cheiro de morte que se respirava lá embaixo.

De pé na coberta, um agente tentava segurar um homem de seus 45, 50 anos, que berrava em francês com forte sotaque alemão e tentava ultrapassar a barreira representada pelo policial.

— Deixe-me passar, já disse!

— Não pode, é proibido. Ninguém pode passar.

O homem tentava se desvencilhar à força do policial que segurava seus braços. Seu rosto estava vermelho e seu comportamento era histérico.

— Estou dizendo que preciso entrar. Preciso saber o que acont…

O agente viu o delegado e uma expressão de alívio cobriu seu rosto.

— Desculpe, delegado, mas não conseguimos detê-lo.

Hulot fez um sinal de que estava tudo bem e o agente largou a presa. Claramente irritado, o homem ajeitou seu terno e dirigiu-se ao delegado com o ar de quem finalmente vai conseguir falar com alguém do seu nível. Parou diante dele e tirou os óculos escuros para encará-lo diretamente nos olhos.

— Bom-dia, delegado. Posso saber o que está acontecendo nesse barco?

— E eu posso saber com quem estou falando?

— Meu nome é Roland Shatz e garanto que é um nome que vale alguma coisa. Sou amigo do proprietário dessa embarcação e exijo uma resposta.

— Sr. Roland Shatz, meu nome é Hulot e provavelmente vale muito menos que o seu, mas sou um delegado de polícia. Isso significa que, neste barco, quem faz perguntas e exige respostas sou eu, até prova em contrário.

Hulot pôde ver claramente a cólera subindo aos olhos de Shatz. O homem deu um passo à frente e o tom de sua voz baixou um pouco.

— Senhor delegado… — sibilou a poucos centímetros de seu rosto. Havia um desprezo infinito em suas palavras. — Este barco pertence a Jochen Welder, duas vezes campeão de Fórmula 1, de quem sou empresário e amigo pessoal. E também sou amigo pessoal de Sua Alteza, o príncipe Albert, de modo que agora o senhor vai me dizer tintim por tintim o que aconteceu com este barco e com seus ocupantes!

Hulot deixou aquelas palavras suspensas entre eles por alguns instantes. Depois sua mão voou com a velocidade de um raio para agarrar o nó da gravata de Shatz, torcendo-o até que o ar lhe faltasse. Viu seu rosto ficar repentinamente violáceo.

— Ah, você quer saber… Pois então vou satisfazê-lo, venha ver o que está acontecendo com este barco e com seus ocupantes, seu escroto!

Estava furioso. Sacudiu violentamente o empresário e obrigou-o a segui-lo até a cabine.

— Venha, amigo pessoal do príncipe Albert, venha ver com seus próprios olhos o que está acontecendo neste barco!

Parou diante da porta da cabine e finalmente largou sua presa. Indicou com a mão os dois corpos estendidos na cama.

— Olhe!

Roland Shatz recuperou o fôlego ao mesmo tempo que o perdia. Quando entendeu o sentido daquela cena, seu rosto ficou mortalmente pálido. O branco de seus olhos foi um breve lampejo na penumbra e ele caiu no chão desmaiado.

7

DESCENDO A PÉ PARA A MARINA, Frank viu o ajuntamento de gente parada para ver os carros de polícia e os homens de uniforme que se agitavam entre os barcos atracados. Ouviu o som de uma sirene subir lentamente às suas costas. Diminuiu um pouco o passo. Toda aquela concentração de forças significava alguma coisa além do que se podia ver: uma simples colisão entre duas embarcações.

Além do mais, havia os jornalistas. Frank tinha experiência suficiente para reconhecê-los imediatamente. Rondavam farejando e procurando notícias com um frenesi que só alguma coisa importante podia criar. A sirene, que antes soava distante como um pressentimento, transformou-se em realidade.

Dois veículos da polícia chegaram em alta velocidade da Rascasse, contornaram a marina e pararam diante das barreiras. Um agente apressou-se em deslocá-las para que passassem. Os carros pararam atrás da ambulância que estava estacionada paralelamente à marina, as portas traseiras abertas.

Para Frank, parecia a goela escancarada de uma fera pronta para engolir seu pasto.

Dos automóveis desceram vários homens, alguns uniformizados, dois à paisana. Dirigiram-se para a popa de um grande iate ancorado mais adiante. Em pé na frente da passarela, Frank viu o delegado Hulot. Os recém-chegados pararam para falar com ele, mas depois subiram juntos no iate e passaram para o convés do barco fora de prumo, preso entre os outros dois.

Frank caminhou lentamente ao redor da multidão amontoada e seguiu ao abrigo do muro, pelo lado direito do bar. Ficou numa posição em que podia ver com facilidade toda a cena.

Do porão do veleiro apareceram a céu aberto alguns homens que transportavam com dificuldade, por causa da inclinação do convés, dois sacos plásticos lacrados por um grosso zíper na parte superior. Frank reconheceu imediatamente os sacos onde são colocados os cadáveres.

Ficou observando o transporte dos corpos até a ambulância com estranha indiferença. Houve um tempo em que o local de um crime era seu hábitat.

Agora, observava aquele espetáculo como se fosse alguma coisa que nunca tivesse lhe pertencido, sem a sensação de desafio que todo policial experimenta diante de um crime e sem o calafrio que a morte violenta provoca nas pessoas comuns.

Enquanto as portas da ambulância se fechavam sobre sua carga, o delegado Hulot e os que estavam com ele desceram a prancha do *Baglietto* em fila indiana.

Hulot encaminhou-se diretamente para a multidão de jornalistas, contida com grande dificuldade por dois agentes. Havia repórteres de jornais, de emissoras de rádio, e da televisão. O delegado chegou junto deles agitando tudo como uma ventania no bambuzal. De longe, Frank imaginou o bombardeio de perguntas, viu os microfones estendidos espasmodicamente diante da boca do policial para conseguir captar alguma informação, mesmo que fosse apenas um fragmento sobre o qual tecer palavras e mais palavras capazes de suscitar interesse. Quando não podiam oferecer a verdade, os jornalistas se contentavam em despertar a curiosidade.

Enquanto enfrentava a imprensa, Hulot virou a cabeça em sua direção. Frank percebeu que ele o tinha visto. O delegado abandonou o grupo de jornalistas com a expressão do policial que acabou de repetir uma série interminável de “nada a declarar”. Saiu acompanhado por um enxame desesperado de perguntas para as quais não podia dar ou não tinha respostas. Parou numa barreira bem embaixo de onde ele estava e fez um sinal com a mão pedindo que se aproximasse. De má vontade, Frank desencostou-se do muro, abriu caminho entre as pessoas e foi até Hulot, parando do outro lado dos cavaletes de ferro.

Os dois se olharam. Provavelmente o delegado tinha acordado há pouco tempo, mas já estava com um ar cansado, como quem não dormiu nada nas últimas 24 horas.

— Olá, Frank. Entre aqui.

Fez um sinal para um agente em pé junto a eles, que afastou um pouco a barreira para deixá-los passar. Sentaram-se nas mesas do lado de fora do bar, sob um guarda-sol. Hulot deixou os olhos vagarem ao redor, como se não conseguisse compreender o que estava acontecendo. Frank tirou o Ray-Ban e esperou seu olhar.

— O que houve?

— Dois mortos, Frank. Assassinatos — disse sem olhar para ele.

Fez uma pausa. Finalmente, virou-se para procurar seus olhos.

— E não são qualquer um. Jochen Welder, o piloto de Fórmula 1. A namorada, Arijane Parker, campeã de xadrez bastante famosa.

Frank não disse nada. Sabia, sem saber como, que ainda não tinha acabado.

— Não têm mais rosto. O assassino esfolou-os como se fossem animais. Foi uma visão pavorosa. Nunca tinha visto tanto sangue em minha vida.

Nesse meio-tempo, a partida melancólica com a sirene da ambulância e do furgão do Departamento de Perícia foi o sinal de que não havia mais nada para ser visto. Pouco a pouco, os curiosos começaram a se dispersar, vencidos pelo calor e chamados por suas atividades normais. Os jornalistas já tinham recolhido tudo o que era possível e também estavam se desmobilizando.

Hulot fez outra pausa. Olhou-o fixamente nos olhos e, em silêncio, disse muitas palavras.

— Quer dar uma olhada?

Frank quis dizer que não. Tudo dentro dele dizia que não. Nunca mais teria que ver rastros de sangue, móveis derrubados ou tocar a garganta de um homem caído no chão para ver se estava morto. Não era mais um policial, não era mais nem um homem. Não era nada.

— Não, Nicolas. Não tenho vontade.

— Não estou pedindo por você. Estou pedindo por mim.

Frank Ottobre olhou para Nicolas Hulot como se o visse pela primeira vez, embora o conhecesse havia anos. Tinham trabalhado juntos no passado, numa investigação que reuniu o Bureau com a Sûreté Publique numa história de lavagem internacional de dinheiro relacionada ao tráfico de drogas e ao terrorismo. A polícia monegasca, por sua natureza e eficiência, estava em contato permanente com as polícias do mundo inteiro, inclusive o FBI. Frank fora enviado para acompanhar a investigação local por causa de seu perfeito conhecimento de francês e de italiano. Ele se entendeu bem com Hulot e logo ficaram amigos. Mantiveram contato e ele e Harriet chegaram certa vez a vir à Europa como convidados dele e de sua mulher. Hulot, por sua vez, estava planejando uma viagem aos Estados Unidos quando a coisa com Harriet aconteceu…

Frank pensou que ainda não conseguia dar nome aos bois, como se não nomear a noite impedisse automaticamente que a escuridão chegasse. Na sua cabeça, o que tinha acontecido ainda era *a coisa com Harriet*.

Quando soube do acontecido, Hulot ligou para ele quase todos os dias, durante meses. Por fim, convenceu-o a deixar aquele isolamento e se transferir para Montecarlo, para junto dele. Com a discrição de um verdadeiro amigo, encontrou o apartamento em que ele agora morava, que era de André Ferrand, um empresário que ia passar vários meses no Japão.

Naquele momento, Hulot olhava para ele como um homem no mar olha para

um salva-vidas. Frank não pôde evitar de se perguntar qual dos dois era o homem, qual o salva-vidas. Eram duas pessoas sozinhas contra a fantasia cruel da morte.

Frank recolocou os óculos e levantou-se de um salto, antes de seguir o impulso de virar as costas e sair correndo.

— Vamos.

Seguiu o amigo como um robô até o *Beneteau*, sentindo o coração bater cada vez mais forte. O delegado indicou os degraus que desciam para o interior do barco de dois mastros e deixou que passasse primeiro. Viu que o amigo registrou o detalhe do timão bloqueado, mas não disse nada. Quando chegaram às cabines, Frank olhou ao redor, movendo os olhos por trás da cortina dos óculos escuros.

— Humm… Barco de luxo, eu acho. Tudo informatizado. É um barco de navegador solitário.

— É, dinheiro certamente não faltava ao proprietário do barco. Se pensarmos que ganhou todo seu dinheiro arriscando a pele durante anos dentro de um carro de corrida para no final acabar dessa maneira…

Frank viu as pegadas deixadas pelo assassino e aquelas familiares deixadas de lado pela perícia para poder encontrar as outras, menos enganadoras e menos evidentes. Viu sinais do levantamento de impressões digitais, das medições, das buscas acuradas. Embora tivessem aberto todas as escotilhas, ainda havia um cheiro de morte no ar.

— Os dois foram encontrados ali, no quarto, estendidos um ao lado do outro. As marcas dos pés que você está vendo foram deixadas por sapatos de borracha. Talvez de um macacão de mergulho. As marcas de mãos não tinham impressões digitais. O assassino usava luvas e não as tirou nem uma vez.

Frank percorreu o corredor, chegou diante da cabine principal e parou na soleira da porta. Do lado de fora tudo estava calmíssimo, mas dentro era o inferno. Já tinha visto cenas como aquela muitas vezes, já tinha visto sangue respingado até no teto, já tinha visto autênticas carnificinas. Mas eram homens que lutavam contra outros homens, impiedosamente, por coisas humanas. Poder, dinheiro, mulheres e tudo o mais. Eram criminosos que lutavam com outros criminosos. Em todo caso, homens contra homens.

Aqui, flutuava no ar a batalha de alguém contra seus demônios pessoais, aqueles que devoram a mente como a ferrugem devora o ferro. Ninguém melhor do que Frank para entender isso.

Sentiu que o ar lhe faltava e recuou sobre os próprios passos. Hulot esperou que chegasse mais perto e recomeçou o relato.

— Na marina de Fontvieille, onde estavam ancorados, disseram que Jochen

Welder e a moça, Parker, saíram para o mar ontem de manhã. Como não retornaram, pensamos que fundearam em qualquer lugar ao longo da costa. Aqui perto, possivelmente, visto que não tinham muito combustível. A mecânica do crime não foi completamente esclarecida, mas temos uma hipótese que parece plausível. Encontramos um roupão no convés. Talvez a moça tenha saído para tomar ar. Talvez tenha dado um mergulho. O assassino deve ter chegado da terra, a nado. Seja como for, ele a surpreendeu na água e puxou-a para o fundo até afogá-la. O corpo dela não apresentava ferimentos. Depois pegou o homem, fora, no convés, onde o apunhalou. Arrastou os dois para a cabine e, com toda a calma, fez aquele… aquele trabalho, que Deus o fulmine. Depois navegou até a marina, bloqueou o timão apontando o barco na direção do cais e foi embora do jeito que veio.

Frank ficou em silêncio. Apesar da penumbra, não tinha tirado os óculos. Com a cabeça inclinada, parecia fitar o rastro de sangue que passava entre eles como um trilho.

— O que acha?

— É preciso um bocado de sangue-frio para fazer tudo isso, se é que as coisas aconteceram como você disse.

Queria ir embora dali, queria voltar para casa, não queria ter visto aquilo que viu, não queria dizer o que estava dizendo. Queria voltar para a marina e prosseguir tranquilamente, sob o sol, o seu passeio em direção ao nada. Queria respirar sem perceber que o fazia. Mesmo assim, continuou a falar.

— Se veio da terra, isso significa que não foi apenas um ataque de loucura, mas sim que ele premeditou e preparou tudo com muito cuidado. Sabia onde as vítimas estavam e, muito provavelmente, queria atacar exatamente aqueles dois.

O outro concordou como se tivesse ouvido aquilo que, de certa forma, também pensava.

— Isso não é tudo, Frank. Deixou isso aqui como comentário para o que fez.

Hulot afastou-se com um movimento que deu mais destaque ao que havia atrás de si. Às suas costas, surgiu a mesa de madeira e a inscrição delirante que parecia traçada pelo lápis de Satanás.

Eu mato…

Frank tirou os óculos, como se a luz da cabine não fosse suficiente para colocar em foco o sentido daquelas palavras.

— Se os fatos forem realmente esses, sua mensagem tem um significado, Nicolas, não é apenas o comentário daquilo que fez. Significa que pretende fazer de novo.

TERCEIRO CARNAVAL

O HOMEM FECHA A PESADA PORTA blindada atrás de si.

O batente encosta silencioso, inserindo-se perfeitamente no caixilho de metal e unificando-se com a parede. O volante de fechamento, semelhante ao da torreta de um submarino, gira com facilidade entre suas mãos. O homem é forte, mas dá para ver que o mecanismo é lubrificado com frequência e mantido em perfeito estado de funcionamento. O homem é muito escrupuloso e meticuloso com suas coisas. No local em que se encontra, reinam a limpeza e a ordem.

Está só, fechado em seu esconderijo secreto, que exclui os homens, a luz do dia e a simples limpidez do raciocínio. Em sua mente, a pressa furtiva do animal que se entoca e a lúcida concentração do predador que identificou a presa, o sangue e o rubor do ocaso, vozes que gritam e vozes que sussurram, paz e guerra se reúnem e encontram seu lugar certo.

O local tem forma retangular bastante ampla. A parede da esquerda está inteiramente coberta por prateleiras cheias de aparelhos eletrônicos. Tem um equipamento completo de gravação composto por duas unidades Alesis de 8 canais ligadas a um computador Macintosh. A aparelhagem se completa com equipamentos de mixagem de som montados em cascata à direita da parede. Há compressores, filtros Focus Rite e Pro Tools, alguns racks de efeitos musicais Roland e Korg. Há também um scanner com o qual é possível ouvir comunicações de rádio em qualquer frequência, inclusive as da polícia.

O homem gosta de ouvir as vozes no ar. Voam de um lado para outro no espaço, pertencem a pessoas sem rosto e sem corpo, são a fantasia e a liberdade de imaginar, são sua voz na fita e sua voz na cabeça.

O homem pega do chão a caixa blindada que deixou ali para poder trancar a porta. À direita, contra a parede de metal, há uma mesa de madeira sobre dois cavaletes. O homem coloca a caixa em cima dela. Senta-se na cadeira de rodinhas, que, num movimento simples, permite que ele chegue à parede oposta, de onde comanda a aparelhagem de gravação. Em cima da mesa, acende o abajur cuja luz vem se somar à da lâmpada fluorescente presa no teto.

Pouco a pouco, o homem sente a batida crescente da excitação atingir seu coração, enquanto abre as trancas da caixa, uma a uma.

A noite não se passou em vão. O homem sorri. Fora dali, num dia igual a mil outros, centenas de homens procuram por ele.

Cães de pelúcia com olhos de vidro, imóveis na vitrine luminosa de seu mundo. Mais vozes no ar, perseguindo-se em vão, como vão é o sentido de sua corrida.

Ali, sob a bênção da penumbra, a casa volta a ser a casa, o justo retoma sua essência, o passo, seu eco. O espelho que não se partiu reflete no chão a pedra jogada inutilmente. Seu sorriso se alarga e seus olhos brilham como estrelas que anunciam a realização de uma antiga profecia. No silêncio absoluto, apenas sua mente percebe a música solene que há no ar enquanto ele ergue lentamente a tampa da caixa.

No espaço restrito de seu local secreto espalha-se o cheiro de sangue e de mar. O homem sente a angústia apertar seu estômago. A batida triunfal de seu coração transforma-se de repente no toque de um sino de morte.

Levanta de um salto, enfia as mãos na caixa e, com os gestos delicados de um colecionador, extrai aquilo que restou do rosto de Jochen Welder, pingando sangue e água do mar. A blindagem não resistiu e a água salgada infiltrou-se na caixa. Deslizando as mãos, inspeciona os danos causados pelo sal. Onde entrou em contato com a água do mar, a pele ficou curtida e manchada de branco, os cabelos sem vida, ressecados e arrepiados.

O homem larga seu troféu dentro da caixa, como se só então lhe causasse repugnância. Desmorona sobre a cadeira e segura a cabeça entre as mãos sujas de sangue e maresia. Sem se preocupar com isso, continua a passá-las nos cabelos, enquanto a cabeça se dobra ao peso do fracasso.

Tudo inútil. O homem sente a raiva chegar de longe e é como o ciciar de uma corrida na relva alta, a respiração ofegante, um raio que se estilhaça sobre os telhados entre murmúrios de medo.

Sua raiva explode. Levanta num repente, agarra a caixa, ergue acima da cabeça e lança contra a parede de metal. A parede ressoa como um diapasão afinado no toque de morte que o homem sente dentro de si. A caixa quica, acaba no centro da sala. Gira sobre si mesma e para de lado, a tampa desnivelada pela violência do choque contra a parede. Os pobres restos de Jochen Welder e Arijane Parker caem da caixa e espalham-se pelo chão. O homem olha para eles com desprezo, como se olha uma cesta de lixo derrubada por engano.

O momento de raiva dura pouco. A respiração retorna lentamente à normalidade. O coração se acalma. As mãos se abaixam ao longo dos flancos,

roçando o tecido das calças. Os olhos voltam a ser como os de um sacerdote que, em profundo silêncio, escuta as vozes proféticas que só ele pode ouvir.

Haverá outra noite. E depois, muitas outras noites. E mil rostos de homens cujo sorriso pode se apagar como uma vela dentro de uma estúpida abóbora vazia.

Retorna à cadeira e desliza para a parede cheia de aparelhagens eletrônicas. Examina a prateleira junto ao chão, cheia de discos e CDs. Escolhe um e enfia no aparelho quase freneticamente. Aperta o botão de play e um som de cordas se propaga pelas caixas de som.

É um som melancólico, que evoca o vento frio do outono quando sopra junto à terra e arrasta as folhas secas pelo chão, que rodopiam no ar como dançarinos.

O homem relaxa contra o encosto da cadeira. Sorri de novo. O fracasso já foi esquecido, diluído na doçura daquela música.

Haverá outra noite. E muitas outras noites ainda.

Persuasiva como o ar que se espalha num turbilhão pela sala, junto com a música chega a voz.

É você, Vibo?

8

— *MERDE!*

Nicolas Hulot jogou o jornal que tinha nas mãos sobre os outros que entulhavam a escrivaninha. Todos, franceses e italianos, traziam a notícia do duplo homicídio na primeira página. Apesar das tentativas de manter certas informações em sigilo, a coisa toda vazou. As características dos crimes já seriam, por si só, uma isca capaz de desencadear a voracidade dos repórteres como a de piranhas em cima de um boi. Além do mais, o fato de que eram dois personagens famosos transformaram as manchetes numa apoteose de criatividade. Um campeão do mundo de Fórmula 1 e a namorada que, veja que sorte, era uma enxadrista conhecida mundialmente!

Era uma mina de ouro que qualquer jornalista escavaria até com as próprias mãos.

Um deles, mais competente, tinha conseguido remontar os acontecimentos passo a passo, provavelmente graças ao testemunho, com certeza regiamente pago, do marinheiro que descobrira os corpos. O detalhe da mensagem deixada na mesa arrebatou de maneira particular a fantasia dos jornalistas.

Cada um tinha dado sua interpretação pessoal, deixando, com habilidade, espaço suficiente para a fantasia do leitor.

Eu mato…

O delegado fechou os olhos, mas a cena que tinha diante de si não mudou. Não conseguia afastar do pensamento aqueles signos desenhados com sangue sobre a madeira. Coisas assim não aconteciam na realidade. Eram invenções dos escritores para vender mais livros. Eram tramas cinematográficas que algum roteirista de sucesso escrevia em sua casa na praia de Malibu, bebericando um drinque. Eram investigações que diziam respeito a detetives americanos com a cara de Bruce Willis ou John Travolta, de físico atlético e tiro certeiro, e não a um delegado mais próximo da aposentadoria do que da glória.

Levantou-se da escrivaninha e andou até a janela com o passo de um homem abatido pelo cansaço de uma longa viagem.

Todo mundo telefonou, seguindo a escala hierárquica na ordem do tempo. Para todos, deu a mesma resposta, já que todos faziam as mesmas perguntas. Olhou para o relógio. Dentro em pouco, haveria uma reunião para definir as coordenadas das investigações. Além de Luc Roncaille, diretor da Sûreté, lá estariam Alain Durand, secretário de Justiça, que resolvera assumir as investigações diretamente, na qualidade de juiz instrutor, e, ao que parecia, também o conselheiro do Ministério do Interior. Só faltava mesmo o príncipe, que, conforme a constituição do país, era o chefe supremo das forças policiais, mas quem sabe…

E Hulot teria que usar, com quem quer que fosse, as únicas coisas de que dispunha no momento: pouca informação e muita diplomacia.

Ouviu que batiam à porta e virou-se.

— Entre.

A porta se abriu e Frank entrou com aquela expressão de quem se encontra num lugar, mas gostaria de estar bem longe dali.

Hulot se surpreendeu ao vê-lo, mas não pôde impedir uma instintiva sensação de alívio. Sabia que era um gesto de gratidão para com ele, uma pequena solidariedade no mar de problemas em que era obrigado a nadar. Perfeito: Frank Ottobre, o velho Frank dos bons tempos, seria exatamente o tipo de policial adequado para conduzir uma investigação como aquela, embora soubesse que o amigo não queria mais ser policial — nunca mais.

— Oi, Frank.

— Oi, Nicolas, como vão as coisas?

Hulot teve a impressão de que o outro fazia essa pergunta para evitar que o amigo a fizesse antes dele.

— Como vão? Você pode imaginar como vão. Um meteorito caiu na minha cabeça num momento em que eu teria dificuldade de aguentar até uma pedrinha. Estou numa enrascada inimaginável. Todo mundo em cima de mim. Parecem cães que confundiram meu traseiro com alguma raposa.

Frank não disse nada e foi se sentar na poltrona em frente à escrivaninha.

— Ainda estamos esperando o resultado das autópsias e das análises da perícia, mas parece que não vão conseguir nada de significativo, ou muito pouco. Os especialistas esquadrinharam o barco centímetro por centímetro, mas não encontraram nada. Mandamos fazer a perícia grafológica da escrita na mesa, mas os resultados ainda não chegaram também. Estamos todos de mãos postas, rezando para que não seja aquilo que parece ser…

Ele observava um mínimo de interesse por aquilo que estava dizendo surgir no rosto do americano. Conhecia sua história e sabia que não era uma bela bagagem

para se carregar, para ninguém. Depois da perda da mulher e das circunstâncias que a envolveram, Frank parecia viver com a intenção sistemática de se autodestruir, como se fosse responsável por todas as culpas desse mundo.

Tinha visto algumas pessoas se perderem no álcool, outras em coisas ainda piores, algumas darem fim à própria vida na tentativa desesperada de apagar um remorso. Frank, ao contrário, permanecia lúcido, íntegro, quase como se quisesse se impedir de esquecer, como se quisesse pagar, dia após dia, uma pena sem atenuantes. A sentença tinha sido dada e ele era, ao mesmo tempo, o juiz e o condenado.

Hulot se sentou e apoiou os cotovelos na mesa. Frank permaneceu em silêncio, sem expressão, as pernas cruzadas sobre a poltrona. Nicolas continuou como se aquilo lhe custasse um esforço tremendo.

— E nós não temos nada. Nada de nada. Provavelmente, nosso homem usou um macacão de mergulho o tempo todo, inclusive meias, luvas e capuz. Isso significa nada de impressões digitais e nenhum rastro orgânico, ou seja, nada de pelos ou cabelos. Deixou marcas de pés e mãos que pertencem a um tipo físico tão normal que poderia incluir milhões de pessoas.

Hulot fez uma pausa. Os olhos de Frank pareciam dois pedaços de carvão, escuros como a mina de onde tinham sido desencavados.

— Começamos a investigação sobre as vítimas. Pode imaginar quanta gente duas pessoas assim devem ter encontrado, com a vida que levavam, um dia aqui, outro lá…

De repente, o comportamento do delegado mudou, tomado pela ansiedade de uma ideia repentina.

— Por que não me ajuda, Frank? Posso ligar para seu chefe e pedir que mexa os pauzinhos para que eu possa agregá-lo como pessoa preparada e informada dos fatos. Na verdade, já aconteceu antes. E depois, uma das vítimas era cidadã americana… Você é a pessoa certa para um caso como esse. Fala italiano e francês perfeitamente, conhece os métodos investigativos e a mentalidade das polícias europeias. Conhece gente por aqui. É o homem certo no lugar certo.

A voz chegou ao rosto de Frank como o vento que traz temporal, mas as nuvens em seus olhos pertenciam a outra tempestade.

— Não, Nicolas. Eu e você não temos mais as mesmas lembranças. Não sou mais o que era. Nunca mais serei.

O delegado se levantou da poltrona, girou ao redor da escrivaninha e apoiou as mãos no tampo, em pé diante de Frank. Inclinou-se levemente em sua direção, como se quisesse dar mais força às suas palavras.

— Nunca pensou na possibilidade de que a culpa pelo que aconteceu a Harriet

não seja sua? Ou pelo menos não completamente?

Frank virou a cabeça para olhar além da janela. Seu maxilar se contraiu como se quisesse segurar com os dentes uma resposta que já tinha dado inúmeras vezes. Seu silêncio fez aumentar a raiva de Hulot, que aumentou o tom de voz.

— Por Deus, Frank! Você sabe o que houve. Viu com seus próprios olhos. Há um assassino lá fora que já matou duas pessoas e pode matar de novo. Não sei o que você tem na cabeça exatamente, mas não acha que ajudar a prender esse maníaco poderia ser uma bela forma de se sentir melhor? Não acha que ajudar os outros pode ser uma forma de ajudar a si mesmo? De se ajudar a *voltar para casa*?

Frank voltou a pousar o olhar sobre o amigo. Eram os olhos de um homem que podia andar em qualquer lugar, mas sentindo sempre que não pertencia a nenhum deles.

— Não.

Aquele monossílabo pronunciado com voz tranquila ergueu-se entre eles como um muro. Por um instante, bloqueou todos dois. Naquele momento, eram um fotograma único de uma história cujo fim não conheciam.

Bateram na porta e Claude Morelli entrou sem esperar resposta.

— Delegado…

— O que houve, Morelli?

— Tem aqui uma pessoa da Rádio Monte Carlo…

— Pode dizer que não falo com jornalistas agora. Haverá uma coletiva de imprensa mais tarde, quando o diretor resolver.

— Não, delegado. Não é um jornalista. É o DJ de um programa musical noturno. Veio com o diretor da rádio. Leram os jornais e dizem que talvez tenham informações sobre a história dos crimes da marina.

Hulot não sabia como encarar essa notícia. Tudo o que pudesse ser útil era um presente dos céus. Mas temia um desfile de mitômanos convencidos de que sabiam tudo sobre homicídios e até dispostos a confessar que eram os assassinos. Mas não podia menosprezar nenhuma pista.

Nenhuma.

Voltou a seu lugar atrás da escrivaninha.

— Mande-os entrar.

Morelli saiu e isso foi como um sinal combinado. Frank se levantou da poltrona e se encaminhou para a porta. Ainda não tinha chegado lá quando Morelli retornou acompanhado de duas pessoas. Um rapaz jovem, de cabelos longos e negros, de cerca de 30 anos, e um sujeito que andava por volta dos 45 anos. Frank olhou-os rapidamente e afastou-se para deixá-los entrar. Aproveitou

a ocasião para enfiar-se na porta que tinha ficado aberta.

A voz de Nicolas Hulot o deteve na soleira.

— Tem certeza de que não quer ficar, Frank?

Sem nem uma palavra, Frank Ottobre saiu e fechou a porta atrás de si.

9

SAINDO DO COMANDO DA POLÍCIA, Frank dobrou à esquerda na Rue Suffren Raymond e, depois de uns dez metros, chegou ao Boulevard Albert Premier, a avenida que contornava a marina. Uma grua se movia com indolência sobre o fundo azul do céu. O grupo de operários ainda trabalhava desmontando as estruturas dos boxes e carregando-as para um caminhão.

Tudo prosseguia conforme as regras.

Ele atravessou a rua e parou no passeio diante da marina, observando os barcos ancorados. Não havia o menor vestígio daquilo que tinha acontecido.

O *Beneteau* tinha sido rebocado e, com certeza, estava em algum lugar à disposição da polícia para o prosseguimento da investigação. O *Baglietto* e o outro barco que ele tinha abalroado ainda estavam ali, boiando sem memória, comprimindo suas balaustradas uma contra a outra, quando o movimento das ondas os aproximava. As barreiras tinham sido retiradas. Não havia mais nada para ver.

O bar da marina tinha retomado suas atividades normais. Provavelmente os fatos tinham até servido para aumentar a clientela, alimentada por curiosos que queriam estar no local onde tudo acontecera. Talvez o jovem marinheiro que descobriu os cadáveres estivesse ali, gozando de seu momento de fama e contando o que tinha visto. Ou, talvez, calado diante de um copo para tentar esquecer.

Frank sentou-se no banco de pedra.

Um menino passou a toda velocidade sobre os patins Rollerblade, seguido por uma menina menor que tinha dificuldades com os seus e pedia que esperasse com voz chorosa. Um homem com um labrador preto esperou pacientemente que o cão acabasse de fazer suas necessidades para retirar do bolso um saquinho plástico e uma pá, recolher do chão o produto do malfeito canino e dirigir-se diligentemente até a lixeira para depositá-lo.

Gente normal. Pessoas que viviam como tantas outras, como todo mundo, talvez com mais dinheiro, talvez com mais felicidade ou com a ilusão de poder

encontrá-la mais facilmente. Talvez fosse apenas aparência e mais nada. Embora dourada, uma gaiola é sempre uma gaiola, e cada um é artífice do próprio destino. Cada um construía, ou destruía, a própria vida segundo as regras que impunha a si mesmo. Ou as regras que se recusava a impor a si mesmo.

Não havia saída para ninguém.

Um barco estava saindo da marina e uma mulher loura de maiô azul agitou a mão na proa, acenando para alguém na margem. Vista de longe, era parecida com Harriet.

Frank sentiu uma onda de calor nervoso subir do estômago para o rosto. Num segundo, o mar se sobrepôs ao mar, o reflexo ao reflexo, a memória ao olhar.

Depois que saiu do hospital, ele e Harriet alugaram uma casa de praia na costa da Geórgia, num local isolado. Era uma casa de madeira, com teto de telhas canadenses vermelhas, construída entre as dunas, a 100 metros do mar. Tinha uma varanda na frente com grandes vidraças corrediças, que podiam ser abertas no verão, transformando a varanda numa espécie de pátio.

De noite, ouviam o vento que soprava através da vegetação esparsa e o barulho das ondas que quebravam à beira-mar. Ficavam na cama e Frank sentia que a mulher se apertava contra ele, como se tivesse uma necessidade frenética de assegurar-se de sua presença, como se não conseguisse se convencer de que ele estava mesmo ali, vivo.

De dia, ficavam na praia tomando sol e nadando. Aquele trecho da costa era praticamente deserto. Os que buscavam o mar e a confusão da praia cheia iam para longe, para os lugares da moda, para admirar os adeptos da musculação que se exercitavam ou as moças de seios e traseiros siliconados que passavam rebolando, como se estivessem fazendo um teste para Baywatch.

Ali, deitado na toalha, Frank podia exibir ao sol, sem acanhamento, seu corpo emagrecido, as cicatrizes avermelhadas espalhadas por todo lado, a marca dolorida da operação no coração que servira para remover o estilhaço que por pouco não o matara.

Às vezes, deitada a seu lado, Harriet percorria com o dedo a carne sensível das cicatrizes e seus olhos se enchiam de lágrimas. Não falavam do que tinha acontecido. Às vezes, o silêncio caía entre eles: era quando os dois pensavam na mesma coisa com pensamentos diferentes, quando recordavam os sofrimentos daqueles últimos meses e o preço que tinham pagado.

Então, não tinham coragem de olharem-se nos olhos. Cada um virava o rosto para seu pedacinho de mar até que um dos dois, sempre em silêncio, encontrava forças para virar e abraçar o outro.

De vez em quando, desciam para fazer compras em Honesty, uma vila de pescadores que era o centro habitado mais próximo. Parecia uma cidade da Escócia, e não americana. Era um lugar tranquilo, sem nenhuma pretensão turística, feito de casas de madeira, muito parecidas entre si, construídas ao longo da rua que seguia uma linha paralela à praia, onde um deque de cimento colocado sobre as rochas represava as ondas durante o inverno.

Almoçavam num restaurante com grandes janelas de vidro que davam para o cais, construído sobre estacas com um piso de madeira que ressoava sob os passos dos garçons. Bebiam vinho branco tão gelado que embaçava os copos e comiam lagosta recém-pescada, sujando os dedos e manchando a roupa quando tentavam abrir a carapaça. Muitas vezes riam como crianças e Harriet parecia não pensar em nada, assim como Frank.

Não tinham falado nada até o momento em que o telefone tocou.

Estavam em casa e Frank cortava verduras para uma salada. Do forno, saía o perfume delicioso do peixe assado com batatas. Lá fora, o vento levantava areia do alto das dunas e o mar estava todo salpicado de espuma branca. As velas solitárias de dois windsurfes cortavam velozes as ondas, bem na frente de uma grande picape estacionada na praia. Harriet estava na varanda e não ouviu o telefone tocar por causa do assovio do vento. Ele veio até a porta da cozinha com um grande pimentão vermelho na mão.

— Harriet, telefone. Pode atender, por favor, que estou com as mãos ocupadas?

Sua mulher se levantou e andou na direção do velho aparelho preso na parede, que continuava a tocar à moda antiga. Tirou o fone do gancho e ele ficou olhando para ela.

— Alô?

Assim que recebeu a resposta, sua expressão mudou, como acontece quando se recebe uma má notícia. O sorriso se apagou e ela ficou em silêncio por um instante. Depois, apoiou o fone na mesa e olhou para Frank com uma intensidade que durante muito tempo voltou para atormentar suas noites.

— É para você. Homer.

Ela se virou e voltou para a varanda, sem dizer mais nada. Ele foi até o aparelho e pegou o fone, no qual ainda pôde sentir o calor das mãos da mulher.

—Alô.

— Frank, sou eu, Homer Woods. Como vai?

—Ótimo.

—Bem mesmo?

—Sim.

Se Homer tinha percebido seu jeito lacônico, não deu a entender. Continuou como se tivessem conversado pela última vez há dez minutos.

— Nós os pegamos.

— Quem?

— Os Larkin, claro. Dessa vez pegamos os dois com a boca na botija e sem bombas no meio. Houve um tiroteio e Jeff Larkin entregou a alma ao Criador. Havia uma montanha de entorpecentes e uma montanha ainda maior de dólares. E papéis. Abriram-se novas perspectivas que prometem muito. Com um pouco de sorte, temos material suficiente para colocar um monte de gente contra a parede.

— Ótimo.

Disse a mesma palavra de antes, com o mesmo tom, porém, mais uma vez, o chefe não deu mostra de ter percebido.

Imaginava Homer Woods em sua sala de madeira escura, sentado na escrivaninha com o telefone na mão, os olhos azuis por trás dos óculos de armação de ouro, imutáveis como o terno cinza com colete e a camisa de listras azuis.

— Frank, foi graças ao trabalho de vocês dois, você e Cooper, que chegamos aos Larkin. Todos aqui sabem disso e eu queria muito lhe dizer isso. Quando pensa em voltar?

— Francamente, não sei. Logo, acho eu.

— Certo, não tenho intenção de pressioná-lo. Mas lembre-se do que lhe disse.

— Certo, Homer. Obrigado.

Desligou e saiu para procurar Harriet. Ela estava sentada na varanda e olhava os dois rapazes que estavam colocando windsurfes, já desmontados, no teto da picape.

Em silêncio, sentou-se a seu lado no banco de madeira de dois lugares. Ficaram um pouco ali, um ao lado do outro, olhando a praia, até que o carro dos jovens se afastou, como se aquela presença estranha, mesmo distante, fosse por si só um impedimento para qualquer comunicação.

Foi Harriet quem rompeu o silêncio.

— Ele perguntou quando está pensando em voltar, não foi?

— Sim.

Entre eles nunca existiram mentiras e Frank não pensava em começar bem agora.

— É o que você quer?

Frank se virou para ela, mas Harriet tratou cuidadosamente de evitar seu olhar. Voltou, ele também, a olhar para o mar e para as ondas que se

perseguiam no vento, brancas de espuma.

— Harriet, sou um policial. Não escolhi essa vida por necessidade, mas por prazer. Sempre quis fazer o que faço e não me adaptaria a outra coisa. Nem sei se seria capaz. Há um provérbio italiano que minha avó sempre repetia. Dizia que quem nasce quadrado não morre redondo…

Levantou-se e apoiou a mão no ombro da mulher, agora levemente tenso.

— Não sei a qual das duas formas pertenço, Harriet, mas o que sei é que não quero mudar.

Entrou em casa de novo e, quando voltou para procurá-la, ela tinha desaparecido. Viu suas pegadas na praia diante de casa, dirigindo-se para as dunas. Reconheceu-a lá longe, caminhando junto ao mar, uma figura minúscula de cabelos agitados ao vento. Seguiu-a com os olhos até que outras dunas esconderam-na de sua vista. Pensou que ela queria ficar sozinha e que, no fundo, era melhor. Retornou para a casa e sentou-se à mesa, diante de uma comida que não tinha mais vontade de comer.

De repente, não se sentiu mais tão seguro sobre o que tinha dito antes. Talvez houvesse uma outra vida possível para eles dois. Talvez fosse verdade que quem nasceu quadrado não morre redondo, mas sempre se podia lixar os cantos, arredondá-los, de modo que ninguém ficasse ferido.

Sobretudo as pessoas amadas.

Decidiu que pensaria melhor durante a noite e, na manhã seguinte, voltaria a conversar com ela. Juntos, ele tinha certeza de que encontrariam uma solução.

Não houve nenhuma manhã seguinte para eles dois.

Esperou pelo retorno de Harriet até o meio da tarde. Quando o sol começou a cair e alongar as sombras das dunas como dedos escuros sobre a praia, viu duas figuras se aproximando lentamente ao longo da orla. Apertou os olhos para protegê-los do reflexo do brilho incandescente do sol poente. Estavam muito distantes para que pudesse distingui-los bem. Frank, através da janela aberta, via as pegadas das pessoas que se aproximavam irem se imprimindo na areia atrás deles a cada passo, deixando um rastro a partir das dunas que delimitavam seu horizonte ao fundo. Suas roupas esvoaçavam ao vento e suas silhuetas tremulavam, como filtradas pelo vapor que sai do asfalto à distância. Quando estavam perto o suficiente para que pudesse reconhecê-los, Frank viu que um deles era o xerife de Honesty.

Sentiu a agitação crescer dentro dele como um presságio sinistro. Finalmente, encontrou-se diante do homem que mais parecia um contador que um policial e seus temores se transformaram em horripilante realidade. Segurando o chapéu na mão e evitando o mais que podia encontrar seu olhar, o xerife informou-o do

que tinha acontecido.

Cerca de duas horas antes, pescadores que estavam costeando o litoral a 200 metros da praia avistaram do barco uma mulher que correspondia à descrição de Harriet. Estava em pé no alto de um rochedo que, como um acidente geológico, interrompia a longa litania de dunas da costa. Estava sozinha e olhava para o mar. Quando chegaram mais ou menos à sua altura, a mulher se jogou. Como não a viram voltar à tona, desviaram a rota imediatamente para socorrê-la. Um deles mergulhou na água no local em que ela tinha caído mas, apesar dos esforços, não conseguiram encontrá-la. Avisaram a polícia e as buscas logo começaram, mas revelaram-se infrutíferas até aquele momento.

O mar só devolveu o corpo de Harriet dois dias depois, quando as correntes o empurraram para as areias de uma enseada, três quilômetros ao sul da casa.

Durante a identificação, Frank se sentiu como um assassino diante do cadáver de sua vítima. Observou o rosto da mulher em repouso na bancada do necrotério e com um aceno de cabeça simultaneamente confirmou a identidade de Harriet e assinou sua própria condenação. Graças aos testemunhos dos pescadores, praticamente não houve investigação, mas isso não serviu para liberar Frank do remorso que carregava dentro de si.

Estava tão ocupado consigo mesmo que não percebera a profunda depressão em que sua mulher tinha caído. Ninguém tinha notado, mas isso não era atenuante. Ele deveria ter percebido a inquietação da esposa. Ele deveria ter entendido. Todos os sinais estavam lá, mas em seu delírio de autocomiseração, conseguiu ignorá-los. E a discussão depois do telefonema de Homer tinha sido o golpe de misericórdia.

Definitivamente, ele não era redondo nem quadrado, era simplesmente cego.

Foi embora daquele lugar com o corpo de sua mulher fechado num caixão, sem sequer passar em casa para fazer as malas.

Durante todo aquele tempo, não conseguiu derramar uma única lágrima.

— Mãe, olha, tem um homem chorando.

A voz infantil sacudiu-o daquela espécie de transe em que tinha caído. A seu lado, uma menina de cabelos louros e vestido azul levou um repelão da mãe para que se calasse. A mulher olhou para ele, sorriu embaraçada e foi embora às pressas, levando a filha pela mão.

Frank não tinha percebido que chorava. Nem sabia quanto tempo fazia que estava chorando.

Aquelas lágrimas chegavam de longe. Não eram a salvação, não eram o esquecimento, mas simplesmente um alívio. Representavam uma pequena trégua

para respirar um pouco, sentir nem que fosse por um momento a temperatura do sol, ver a verdadeira cor do mar, ouvir seu coração bater no peito pelo menos uma vez sem o som de um tambor fúnebre.

Estava expiando sua loucura.

O mundo inteiro estava expiando sua loucura.

Repetiu isso horas a fio, depois da morte de Harriet, sentado num banco do jardim da St. James Clinic, onde tinha sido internado à beira da loucura. Compreendeu definitivamente meses depois, durante a tragédia do World Trade Center, quando viu na televisão as duas torres caírem como só as ilusões costumam cair. Homens lançavam aviões contra arranha-céus em nome de Deus, enquanto alguém, comodamente sentado num escritório, já estava inventando um modo de usufruir de sua loucura na Bolsa. Outros homens ganhavam a vida fabricando e vendendo minas, e, no Natal, levavam presentes para seus filhos, à custa de matar e estropiar outras crianças. A consciência era um acessório cujo valor estava ligado às flutuações do preço do barril do petróleo. Em meio a tudo aquilo, não era de espantar que, de vez em quando, aparecesse alguém que, sozinho, escrevia com sangue seu destino.

Eu mato…

O remorso pela morte de Harriet seria um companheiro de viagem cruel o suficiente para não abandoná-lo nunca mais. Sozinho, seria uma pena suficiente para o resto de seus dias. Não esqueceria. Não poderia fazê-lo nem que sua vida durasse para sempre. E não conseguiria se perdoar nem que sua vida durasse o dobro da eternidade.

Não podia dar cabo da loucura do mundo. Só podia dar cabo da sua própria, e esperar que quem ainda fosse capaz de fazê-lo seguisse seu exemplo. E apagar para sempre aquele e outros escritos como aquele. Ficou sentado na pedra, chorando, sem se preocupar com a curiosidade dos passantes, até perceber que não tinha mais lágrimas.

Então se levantou e, lentamente, dirigiu-se para a chefatura de polícia.

10

— *Eu mato*…

A voz ficou um instante em suspenso no automóvel. Parecia se alimentar do ronco do motor para continuar a ressoar ali dentro como um eco.

O delegado Hulot apertou um botão e a fita parou na voz de Jean-Loup Verdier, que retomava a transmissão com dificuldade. Depois da conversa com o DJ e Robert Bikjalo, diretor da Rádio Monte Carlo, uma pequena, cruel esperança despontou por trás da montanha que os detetives tentavam desesperadamente escalar.

Talvez o telefonema durante a transmissão de *Voices* fosse simplesmente de um mitômano, uma insólita casualidade, uma coincidência de conjunções astrais milenares. Mas aquelas duas palavras — "*Eu mato*…" — lançadas como uma ameaça no fim da ligação eram iguais às que foram deixadas na mesa de madeira de um barco, escritas com o sangue de vítimas inocentes.

Hulot parou o carro num sinal vermelho. Uma mulher que empurrava um carrinho de bebê atravessou a rua diante deles. Parado à esquerda, um ciclista de macacão azul de fibra e bicicleta amarela apoiou-se no poste do sinal, segurando-se para não ter que tirar os pés dos pedais.

Por todo lado havia cor e calor. Havia um verão que estava chegando com todas as suas promessas, nos bares, nas calçadas, nas ruas cheias de gente, na beira-mar animada onde homens, mulheres e crianças não pediam nada além de que elas se cumprissem.

Tudo era normal.

Somente naquele automóvel parado num sinal vermelho, aceso como sangue numa lâmpada, flutuava uma presença que tinha o poder de escurecer toda aquela luz e transformar as cores do mundo nas tonalidades opacas do preto no branco.

— Teve notícias da perícia? — perguntou Frank.

O vermelho ficou verde. Hulot engatou a marcha e partiu. O ciclista afastou-se rapidamente. Com o trânsito engarrafado na avenida beira-mar, ele poderia ir

mais rápido em uma bicicleta do que em um carro.

— Chegou o relatório do patologista. A autópsia foi feita em tempo recorde. Acho que alguém fez os telefones ferverem para o resultado sair tão rápido assim. Tudo confirmado. A moça morreu asfixiada por afogamento, mas não havia água do mar em seus pulmões. Significa que morreu sem ter tido a possibilidade de voltar à tona. Em geral, os pulmões se enchem de água quando quem se afoga volta à tona e mergulha diversas vezes antes de afundar definitivamente. Nesse caso, o assassino deve tê-la surpreendido na água e puxado para baixo até que se afogasse. O cadáver foi passado pelo crivo de um exame minucioso. Nenhum sinal, nenhuma marca no corpo. Examinaram de todas as formas possíveis, com todos os instrumentos disponíveis no laboratório.

— E ele?

O rosto de Hulot se fechou.

— Quanto a ele, a história é outra. Foi morto com um golpe de punhal de ponta e lâmina muito afiadas, dado de cima para baixo. A lâmina penetrou entre a quinta e a sexta costelas e atingiu diretamente o coração. A morte foi quase instantânea. O assassino deve tê-lo surpreendido do lado de fora, no convés, onde começava o rastro de sangue. Apesar do efeito surpresa, Jochen Welder era bastante forte. Não era muito alto, mas em todo caso, mais do que a média dos pilotos. E estava em ótima forma. Passava muito tempo na academia. Portanto, o agressor deve ser alguém ainda mais forte do que ele.

— Os corpos foram violentados? Quer dizer, sexualmente.

Hulot sacudiu a cabeça.

— Não. Ou melhor, ele certamente não. Ela acabara de manter uma relação sexual. Havia resíduos de líquido seminal no interior da vagina, mas muito provavelmente trata-se do sêmen de Jochen Welder. Creio que há 90% de chances do exame de DNA confirmar isso.

— Bem, isso exclui uma motivação sexual, pelo menos do tipo normal.

Frank disse isso no tom de quem descobre que, no incêndio da própria casa, um guardanapo se salvou.

— No que diz respeito a impressões e outros vestígios orgânicos, foram encontrados milhares no barco, como você pode imaginar. Mandaremos tudo para análise do DNA, mas eu não me surpreenderia se essa estrada não nos levasse a absolutamente nada.

Passaram por Beaulieu e pelos hotéis de primeira à beira-mar, com seus estacionamentos cheios de carros de luxo, cheirando a couro e rádica, repousando placidamente à sombra das árvores. Por toda parte, havia canteiros coloridos na luz daquele dia maravilhoso. Frank distraiu-se admirando as flores

vermelhas de um hibisco no jardim de uma mansão.

Mais vermelho. Mais sangue.

Trouxe a mente de volta para o carro. Inclinou-se para desviar a saída do ar-condicionado que jogava ar frio diretamente em seu rosto.

— Portanto, não temos nada.

— Nada de nada.

— As medidas antropométricas das impressões?

— Nada de importante. Deve ser um indivíduo com cerca de 1,80m de altura, cinco centímetros a mais, cinco centímetros a menos, cerca de 75 quilos. Um tipo físico comum a milhares de indivíduos.

— Um atleta, em resumo.

— Sim, um atleta… Um atleta com grande habilidade manual.

Frank tinha uma série de perguntas urgentes na cabeça, mas não queria pressionar o amigo, que parecia refletir e tirar conclusões pessoais enquanto expunha os dados que conhecia. Esperou em silêncio.

— O que fez nos cadáveres não é trabalho para qualquer um. Foi conduzido com uma certa perícia. Seguramente, não foi a primeira vez que fez uma coisa do gênero. Talvez se trate de alguém com alguma coisa a ver com medicina…

Frank não gostou de ter que jogar um balde de água fria nas esperanças do amigo.

— Sempre vale a pena tentar, nunca se sabe. Mas seria fácil demais. Banal, eu diria. Infelizmente, em certos aspectos, a anatomia de um homem é igual à dos animais. Nosso homem só precisaria treinar em alguns coelhos para ter condições de fazer o que fez também num ser humano.

— Coelhos, é? Seres humanos como coelhos…

— Ele é esperto, Nicolas. É um lunático furioso, mas é esperto e frio como um peixe. Tem que ser alguém com gelo nas veias para fazer o que fez, direcionar o barco para o local onde estavam os outros e ir embora com a mesma tranquilidade com que chegou. E além do mais, com a intenção clara de desafiar-nos, de zombar de nós…

— Está se referindo à música?

— Sim. Encerrou o telefonema com uma canção da trilha sonora de *Um homem, uma mulher*.

Hulot lembrou que tinha visto o filme de Lelouch anos atrás, no começo do romance com Céline, sua esposa. Recordava perfeitamente a bela história de amor e também que eles a tinham visto como um bom sinal para seu futuro.

Frank continuou, lembrando de um detalhe que não tinha percebido até então.

— O protagonista do filme é um piloto de rally.

— É verdade, bem lembrado. E Jochen Welder era um piloto. Mas então…

— Exato. Na rádio, além de anunciar sua intenção de matar, ele deixou também uma pista sobre quem pretendia matar. Mas a meu ver não é só isso. Matou e pretende matar de novo. Temos que impedi-lo. Como, não sei, mas temos que conseguir a qualquer custo.

O carro parou num outro sinal vermelho, na breve descida do final do Boulevard Carnot. Diante deles estava Nice, cidade à beira-mar, desbotada e humana, distante da limpeza ostensiva de Montecarlo e de sua população de aposentados de luxo.

Enquanto dirigia o carro para a Place Masséna, Hulot se virou para olhar Frank, sentado a seu lado. Tinha o olhar fixo diante de si, com a expressão absorta de um Ulisses que espera ouvir o canto das sereias.

11

NICOLAS HULOT PAROU O PEUGEOT 206 no portão da central de polícia de Auvare, na Rue de Roquebillière.

Um agente uniformizado, aprumado diante da guarita, aproximou-se com ar irritado para afastar aqueles dois da entrada de veículos reservada ao pessoal da polícia. Da janela do carro, o delegado exibiu seu distintivo.

— Delegado Hulot, Sûreté Publique de Mônaco. Tenho uma reunião com o comissário Froben.

— Desculpe, delegado. Não o reconheci. Em que posso ser útil?

— Pode avisá-lo de minha chegada, por favor?

— Imediatamente, delegado. Nesse meio-tempo, pode entrar, por favor.

— Obrigado.

Hulot avançou alguns metros e estacionou o carro no lado da rua em que havia sombra. Frank desceu e olhou ao redor. O quartel de Auvare era um complexo de construções de dois andares, com paredes cor de cimento e tetos de telhas vermelhas, com as armações das portas e janelas em madeira escura. Uma série de edifícios retangulares ordenadamente dispostos como um jogo de xadrez, sem nenhuma ligação entre eles. Na parte mais baixa de cada um, a que dava para a rua, havia uma escada externa que levava ao andar superior.

O comissário ficou se perguntando o que aquilo tudo ao redor significaria aos olhos de um americano. Nice era uma cidade diferente, num mundo diferente. Talvez até um outro planeta, cuja língua ele entendia, mas cuja mentalidade só fazia parte de sua cultura, não de sua vida.

Pequenas casas, pequenos cafés, pequenas pessoas.

Nenhum sonho americano, nenhum arranha-céu a ser derrubado, somente pequenos sonhos, quando havia, e às vezes desbotados pela maresia, como as paredes de algumas casas. Pequenos sonhos, mas que quando se partiam também causavam grandes dores.

Na parede bem em frente à entrada da central de polícia, alguém tinha colado

um cartaz contra a globalização. Homens que lutavam para não perder a própria identidade. A Europa, a América, a China, a Ásia… eram apenas espaços coloridos nos mapas, siglas nas tabelas de câmbio, nomes nos dicionários das bibliotecas. Agora, havia a Internet, os meios de comunicação, as notícias em tempo real. Sinais de um mundo que se expandia ou se reduzia segundo o ponto de vista de quem olhava.

A única coisa que encurtava realmente as distâncias era o mal, presente em toda parte, falando em toda parte a mesma linguagem e escrevendo suas mensagens sempre com a mesma tinta.

Frank fechou a porta do carro e virou-se para ele.

Hulot viu um homem de 38 anos, com os olhos de um velho a quem a vida tivesse negado sabedoria. Viu um rosto escuro, latino, coberto pela sombra ainda mais escura de seus olhos e de seus cabelos e pela marca da barba em seu rosto. Um homem de corpo atlético, forte, um homem que já tinha matado outros homens, protegido por um distintivo e pela justificativa de estar do lado certo. Talvez o mal não tivesse cura, não tivesse um antídoto. Mas havia os homens como Frank, coveiros tocados e imunizados pela própria peste.

A guerra não acabava nunca.

Enquanto Hulot fechava o carro, viram Froben, da delegacia de homicídios, que colaborava com as investigações, sair pela porta de madeira do edifício em frente e caminhar na direção deles.

Cumprimentou Hulot com um sorriso largo, mostrando dentes grandes e regulares, que davam luz ao rosto de feições marcadas. Tinha uma compleição maciça, que inchava o paletó do terno das Galeries Lafayette, e o nariz quebrado de quem tinha praticado pugilismo no passado. As pequenas cicatrizes em torno das sobrancelhas confirmaram essa hipótese para Frank.

Froben apertou a mão de Hulot. Seu sorriso se acentuou e seus olhos cinzentos se transformaram em duas fissuras, misturando as cicatrizes a uma teia de pequenas rugas.

— Olá, Nicolas. Como tem passado?

— É você quem vai dizer como vou passar. Nesse mar de merda que promete tempestade, preciso da ajuda de todos os amigos.

Froben pousou os olhos em Frank. Hulot fez as apresentações.

— É Frank Ottobre, agente especial designado pelo FBI. Muito especial. Foi incorporado às investigações pelo comando do FBI.

Froben não disse nada, mas seus olhos mostraram que estava impressionado pelas qualificações de Frank. Estendeu uma mão de dedos grandes e fortes, reservando também para ele um sorriso aberto.

— Claude Froben, humilde delegado de Homicídios.

Enquanto enfrentava o aperto vigoroso de Froben, Frank teve a impressão de que, se quisesse, poderia esmagar seus dedos. Gostou dele imediatamente. Dava a impressão de força e delicadeza ao mesmo tempo. Frank não acharia estranho encontrá-lo com os filhos, depois do trabalho, montando modelos de navios, manejando com surpreendente cuidado até as partes mais frágeis.

Hulot foi direto ao assunto.

— Novidades sobre a fita?

— Entreguei a Clavert, o melhor dos nossos técnicos. Um mago, eu diria. Quando o deixei estava começando a analisar a fita com suas engenhocas. Venha, vou mostrar o caminho.

Froben foi na frente e entraram pela mesma porta que ele tinha usado para sair. Guiou-os por um breve corredor imerso numa luz difusa, proveniente de uma janela às suas costas. Hulot e Frank seguiram atrás dele até que a nuca grisalha de Froben, que terminava num pescoço curto e grosso sobre os ombros robustos, deu lugar novamente ao rosto. Parou diante de uma escada que descia à esquerda. Fez um gesto com sua grande mão quadrada.

— Por favor.

Desceram dois lances de escada e encontraram-se num vasto salão de aparelhagens eletrônicas, iluminado por frios tubos fluorescentes que reforçavam a claridade que chegava ao subsolo através das lucarnas colocadas ao nível da rua.

Sentado num banco alto havia um sujeito magro, os cabelos raspados a zero para disfarçar uma incipiente calvície. Vestia um jaleco branco aberto sobre uma camisa xadrez usada para fora dos jeans. O nariz equilibrava um par de óculos curvos com lentes amarelas.

Os três pararam atrás da cadeira de rodinhas em que ele estava trabalhando, absorto nos potenciômetros. Virou-se para olhá-los. Hulot ficou se perguntando como ele fazia para não ficar cego andando por aí com aquelas lentes.

Froben não fez nenhuma apresentação e o homem não pareceu se incomodar. Provavelmente, no seu modo de pensar, se aqueles homens estavam ali era porque deviam estar.

— E então, Clavert, o que nos diz da fita?

O técnico deu de ombros.

— Pouco, delegado… Não tenho boas notícias. Examinei a gravação com todas as máquinas disponíveis. Nada. A voz foi manipulada e não pode ser identificada de jeito nenhum.

— O que isso quer dizer?

Clavert deu um passo atrás ao se dar conta de que nem todos os presentes tinham seu conhecimento técnico.

— Todas as vozes humanas se movem segundo frequências que fazem parte de uma bagagem pessoal, identificável como a retina ou as impressões digitais. Uma certa quantidade de agudos, de baixos e de médios que não variam nem quando se tenta alterar a voz, falando em falsete, por exemplo. É possível visualizar essas frequências por meio de aparelhagens específicas e reproduzi-las em seguida sob a forma de um diagrama. São máquinas bastante comuns e fazem parte, por exemplo, da aparelhagem dos estúdios de gravação musical. Servem para distribuir as frequências e evitar que um trecho tenha uma ou outra a mais ou a menos.

Clavert se aproximou do teclado de um Macintosh e apoiou a mão no mouse. Fez uma série de cliques e uma tela branca atravessada por linhas horizontais paralelas apareceu. No meio dessas linhas, moviam-se duas outras, uma verde e outra roxa, maiores e cheias de altos e baixos.

O técnico indicou a linha verde com o cursor do mouse.

— Essa linha representa a voz de Jean-Loup Verdier, o DJ da Rádio Monte Carlo. Depois de analisá-la, obtive esse diagrama fônico.

— Fez um outro clique e a tela virou um gráfico que destacava uma linha amarela movendo-se sobre um fundo escuro, aprisionada entre linhas paralelas azuis. Clavert apontou para a tela.

— As linhas horizontais azuis são as frequências. A linha amarela indica em quais destas linhas se move a voz analisada. Sobrepondo a voz de Verdier extraída de diversos pontos da gravação, podemos ver que correspondem perfeitamente.

Clavert voltou à tela anterior. Clicou na linha roxa.

— Essa é a outra voz.

O gráfico apareceu de novo, mas dessa vez a linha amarela se movia de forma muito irregular e dentro de campos muito menores.

— Nesse caso, a pessoa que ligou passou a própria voz por um aparelho dotado de filtros que, graças a uma série de distorções e compressões, mistura as frequências da emissão vocal, embaralhando-as completamente. Basta variar ligeiramente os valores de um dos filtros para ter um gráfico totalmente diferente.

Hulot interrompeu com uma pergunta.

— É possível chegar ao modelo de aparelho que foi usado através da análise dos registros? Talvez possamos descobrir quem o vendeu.

O técnico mostrou uma expressão de dúvida.

— Acho que não. Essas máquinas podem ser encontradas facilmente no comércio. Há diversos fabricantes e qualidades variáveis segundo o preço e a marca, mas para um objetivo como esse, todas elas servem da mesma forma. Além do mais, a eletrônica está sempre evoluindo e, portanto, temos um mercado de usados bem amplo. Coisas que, em geral, acabam nas mãos dos apaixonados pelo *home-recording*, quase sempre sem nota fiscal. Honestamente, não creio que seja um bom caminho a seguir.

Froben interveio sem convalidar completamente o parecer pessimista de Clavert.

— Em todo caso, veremos o que podemos fazer. Temos tão poucos elementos na mão que nada pode ser descartado.

Hulot virou-se para observar Frank. Ele olhava ao redor, aparentemente absorto em outros pensamentos, como se já soubesse de tudo aquilo por conta própria. No entanto, o delegado tinha certeza de que nada do que estava sendo dito lhe escapava e de que estava armazenando cada dado.

Dirigiu-se de novo a Clavert.

— E sobre o telefonema que chegou sem passar pela central, pode nos dizer alguma coisa?

— Bem, sobre isso não poderia levantar uma hipótese precisa. Há duas possibilidades. Todas as centrais telefônicas são dotadas de senhas numéricas. Basta conhecê-las para evitar o filtro da telefonista. A Rádio Monte Carlo não é a NASA em matéria de segurança e, portanto, não é impensável que alguém tenha encontrado uma forma de obtê-las. A segunda hipótese é um pouco mais complicada, mas não chega a ser uma ficção científica. Para mim, parece ser a mais verossímil.

— Ou seja?

Clavert apoiou as costas no espaldar da cadeira.

— Fui me informar. A central da Rádio Monte Carlo é administrada por um programa de computador que tem uma função que permite visualizar em tempo real o número telefônico de quem liga. A finalidade é óbvia…

Deu uma olhada ao redor para se certificar de que todos os presentes o acompanhavam.

— Pois bem, na hora do telefonema em questão, nenhum número apareceu no mostrador e, portanto, a pessoa que ligou deve ter ligado a seu telefone um dispositivo eletrônico que neutraliza essa função do computador.

— É difícil de encontrar?

— Um bom conhecedor de eletrônica e telefonia pode obter um resultado semelhante com bastante facilidade. Não é preciso ser um gênio das

telecomunicações. Qualquer hacker de nível médio poderia fazê-lo através da internet.

Hulot estava se sentindo como um preso na hora do banho de sol. Não importa para onde virasse os olhos, estava diante de um muro.

— É possível estabelecer se a ligação chegou de um telefone fixo ou de um celular?

— Não. Mas eu excluiria um celular. Se usou a Web, o celular é muito mais lento e suas conexões não são confiáveis. Quem fez isso tudo é esperto demais para não saber disso.

— Existem outras possibilidades de análises da fita?

— Com os aparelhos que eu tenho aqui, não. Pretendo mandar uma cópia desse DAT para o laboratório científico de Lyon, para ver se conseguem descobrir mais alguma coisa.

Hulot apoiou a mão no ombro de Clavert.

— Ótimo. Prioridade absoluta. Se encrencarem em Lyon, encontraremos os apoios necessários para garantir a máxima rapidez.

Clavert deu a conversa por encerrada. Tirou um chiclete do bolso da camisa, desembrulhou-o e enfiou na boca.

Por um instante, fez-se silêncio. A seu modo, cada um dos quatro pensava no que tinha sido dito.

— Venham, vamos tomar um café. Eu convido — disse Froben antes dos outros.

Conduziu-os novamente escada acima, virou à esquerda no térreo e depois de alguns passos viram-se diante de uma máquina de café enfiada num vão da parede. Froben pegou um cartão magnético.

— Café para todos?

Os outros concordaram. O delegado enfiou o cartão, apertou um botão e a máquina começou a ronronar, enchendo um copinho de plástico colocado na bandeja.

— O que acha, Frank? — perguntou Hulot ao americano, que continuava em silêncio.

Frank resolveu dar voz a seus pensamentos.

— Não temos muitas opções. Todos os caminhos parecem levar a absolutamente nada. Bem que eu disse, Nicolas, estamos diante de um homem muito, muito esperto. São coincidências demais para pensar que foi simplesmente beijado pela fada da sorte. Por enquanto, a única pista que temos desse desgraçado é esse telefonema. Se tivermos um pouco de sorte e ele for bastante narcisista, vai voltar a ligar. Se tivermos muita sorte, vai ligar para a

mesma pessoa. Se tivermos mais ainda, cometerá um erro. É a única esperança que temos para conseguir detê-lo antes que mate de novo.

Acabou de beber seu café e jogou o copo de plástico na lixeira.

— Acho que já é hora de termos uma conversa séria com esse Jean-Loup Verdier e com o resto do pessoal da Rádio Monte Carlo. Não gosto de admitir, mas no momento estamos nas mãos deles.

Dirigiram-se para a saída.

— Imagino que o clima lá no Principado esteja… como dizer… efervescente — disse Froben a Hulot.

— Bem, definir aquilo como efervescente é como dizer que Mike Tyson é "um sujeito nervoso". Estamos à beira de um colapso. Montecarlo é um cartão-postal, você sabe. Lá, a imagem é tudo. Gastamos rios de dinheiro para garantir pelo menos duas coisas: elegância e segurança. E de repente, surge do nada um sujeito que consegue nos ferrar com toda a elegância possível. Se não resolvermos essa história rapidamente, veremos muitas poltronas ficarem vazias.

Hulot fez uma pausa. E deu um suspiro.

— Inclusive a minha.

Chegando ao portão, cumprimentaram-se. Froben ficou olhando enquanto eles se afastavam. Em seu rosto de pugilista havia solidariedade, mas também alívio por não estar no lugar deles.

Hulot e Frank foram para o estacionamento onde tinham deixado o carro. Dentro do carro, enquanto ligava o motor, o delegado virou-se para olhar para Frank na luz incerta do interior do automóvel. Era quase hora de jantar e descobriu que estava com fome.

— Café de Turin?

O Café de Turin era um bistrô bastante espartano, do tipo com grandes mesas comuns e bancos, na Place Garibaldi. Comiam-se ótimos frutos do mar, quem sabe com uma garrafa de Muscadet gelado. Tinha levado Frank e a mulher ao local quando vieram à Europa, e os dois ficaram literalmente loucos quando viram o longo balcão cheio de frutos do mar e o pessoal de luvas de trabalho abrindo as conchas à vista de todos. Admiraram com olhos brilhantes os garçons passarem com grandes travessas cheias de ostras, amêijoas e grandes camarões vermelhos, deliciosos com maionese. Voltaram várias vezes e o pequeno restaurante tinha se transformado no seu *sancta sanctorum* gastronômico. Hulot hesitou antes de mencionar o local, temendo que a lembrança pudesse perturbar Frank. Mas o americano parecia mudado ou pelo menos com intenção de mudar. Se queria tirar a cabeça da areia, era uma das formas de fazê-lo. Frank fez um sinal com a cabeça, como se confirmasse simultaneamente a escolha e as boas

intenções de Hulot. O que quer que tivesse na cabeça não aparecia no rosto.

— O Café de Turin é uma ótima pedida.

Hulot relaxou imperceptivelmente.

— Na verdade, estou um pouco cansado de me mexer e falar como se fosse um personagem do cinema. Às vezes, tenho a sensação de ser uma caricatura do tenente Colombo. Preciso de meia hora de normalidade. Preciso desligar a tomada, senão acabo ficando maluco.

A noite tinha caído e as luzes da cidade já estavam acesas. Pela janela, Frank observava em silêncio as pessoas que saíam, se espalhavam e tagarelavam nas casas, nos bares, nos restaurantes, nos locais de trabalho. Milhares de pessoas de rostos anônimos.

Ambos sabiam que aquele discurso de Hulot era uma mentira. Em meio àquela gente tranquila do verão havia um assassino, e nenhum dos dois conseguiria pensar em outra coisa antes que tudo tivesse terminado.

12

ATRÁS DOS VIDROS DA CABINE de direção, Laurent Bedon, o diretor, fez as contas ao contrário, eliminando um por um os dedos da mão levantada. Depois apontou para Jean-Loup Verdier com o indicador.

Às suas costas, a luz vermelha avisando que estavam no ar acendeu-se.

O DJ aproximou levemente a poltrona do microfone, seguro por um curto braço articulado e apoiado à sua frente sobre a mesa.

— Boa-noite a todos aqueles que nos ouvem agora e a todos que vão ouvir nossa voz até o fim do programa. Teremos música e teremos a participação de ouvintes que vão nos contar suas vidas, que nem sempre seguem o ritmo da música que gostaríamos de ouvir…

Parou e retraiu-se levemente. O *mixer* transmitiu a introdução arrepiante de "Born to be Wild", do Steppenwolf.

Poucos segundos depois, a voz quente e persuasiva de Jean-Loup fundiu-se com a música.

— Estamos aqui, estamos prontos, se pudermos ajudar em alguma coisa. A quem deu o coração e não encontrou outro coração, a quem errou e botou sal demais, a quem não vai ter descanso enquanto não descobrir onde é que enfiaram o açúcar, a quem corre o risco de morrer afogado na pequena enxurrada de suas próprias lágrimas. Estamos aqui com vocês e, apesar dos pesares, continuamos vivos, como vocês. Eu sou Jean-Loup Verdier e essa é a Rádio Monte Carlo. No ar: *Voices*.

Mais "Born to be Wild". Outra vez a corrida das guitarras distorcidas descendo uma escarpa rochosa, levantando poeira e remexendo o cascalho.

— Cacete, esse cara é bom!

Frank Ottobre, sentado ao lado de Laurent na cabine do diretor, não conseguiu impedir que o comentário espirrasse de sua boca. O diretor virou para olhar para ele com um sorriso nos lábios.

— Não é?

— Não é surpresa que faça tanto sucesso. Tem uma voz e um jeito que batem diretamente no estômago.

Barbara, mixadora de áudio sentada à sua direita, ao lado da estação do diretor, fez um gesto para Frank, apontando suas costas. Ele girou a cadeira e na janela de vidro da porta à prova de som viu que Hulot lhe fazia sinais.

Levantou-se e saiu para encontrá-lo fora do estúdio.

O delegado tinha o rosto cansado, o rosto de um homem que come e dorme mal há algum tempo. Frank viu as olheiras, os cabelos grisalhos precisando de uma ajeitada e a gola da camisa cercada pelos sinais da vida dura. Um homem que nos últimos tempos tinha visto e ouvido muitas coisas que dispensaria de bom grado. Tinha 55 anos, mas parecia ter dez a mais.

— Como estão as coisas por aqui, Frank?

— Nada. O programa faz um sucesso extraordinário. O cara é um fenômeno. Nasceu para fazer o que faz. Não sei quanto ganha, mas merece cada tostão. No que nos interessa, nada. Silêncio absoluto.

— Quer uma Coca?

— Sou americano, mas meus avós paternos eram sicilianos, Nicolas. Sou tradicionalmente mais ligado ao café do que à Coca-Cola.

— Um café, então?

Foi em busca da máquina automática, no fundo do corredor. Hulot remexeu os bolsos à procura de moedas. Com um sorriso, Frank exibiu um cartão.

— O fato de ser do FBI impressionou o diretor profundamente. Somos convidados da rádio, pelo menos para as bebidas.

Enfiou o cartão na máquina e apertou um botão. Quando a máquina parou, inclinou-se para pegar o copinho cheio de líquido escuro e ofereceu a Hulot. O delegado deu um gole. Achou o café horrível. Ou seria sua boca?

— Ah… estava esquecendo. Chegou o relatório da perícia caligráfica…

— E?

— Por que pergunta se já sabe a resposta?

Frank sacudiu a cabeça.

— Não conheço os detalhes, mas em linhas gerais acho que sei o que vai me dizer.

— Claro, esqueci que é do FBI: tem intuições fulminantes e cartões grátis. A mensagem não foi escrita à mão.

— Não?

— Não. O filho da puta usou uma máscara. Colou as letras numa cartolina e recortou. Trouxe consigo e, quando precisou, apoiou na mesa e regou com sangue. Mas como sabia?

Mais uma vez, Frank sacudiu a cabeça.

— Já disse que não sabia. Mas achei estranho que o sujeito tivesse um cuidado maníaco em não deixar vestígios para depois cair num erro tão grosseiro.

Hulot jogou a toalha e, com uma careta de nojo, aproveitou para jogar também o café ainda pela metade na lixeira. Olhou para o relógio com um suspiro.

— Bem, preciso passar em casa para ver se minha mulher ainda tem a mesma cara. Deixei dois carros no estacionamento, cada um com dois agentes. Um a mais, nunca se sabe. Os outros estão a postos. Qualquer coisa, estarei em casa.

— O.K., se acontecer alguma coisa, eu ligo.

— Não devia dizer isso, mas estou contente que esteja aqui esta noite. E que esteja aqui, em geral. Tchau, Frank.

— Tchau, Nicolas. Mande um abraço para sua mulher.

— Claro.

Frank ficou olhando o amigo se afastar, os ombros levemente curvos sob o paletó.

Estavam de plantão na Rádio Monte Carlo havia três dias, à espera de que alguma coisa acontecesse, depois de fecharem um acordo com o diretor. Quando comunicaram sua intenção, sentados em sua sala, Robert Bikjalo fitou-os com os olhos semicerrados, como se os defendesse da fumaça pestilenta que emanava do cigarro que tinha entre os dedos. Avaliou a proposta do delegado Hulot enquanto sacudia um pouco de cinza da camisa polo Ralph Lauren. Voltou para eles os olhos apertados, que o tornavam parecido com uma fuinha.

— Então acham que o tal sujeito vai ligar de novo?

— Não temos certeza. É só uma previsão otimista. Mas se ligar, gostaríamos de contar com sua colaboração.

Hulot e Frank estavam sentados na frente dele, em duas poltronas de couro. Frank tinha reparado que a altura das poltronas era cuidadosamente calibrada para garantir que o ocupante da escrivaninha olhasse para os outros de cima para baixo.

Bikjalo virou-se para Jean-Loup Verdier, sentado num sofá igual às poltronas, à esquerda da escrivaninha.

O DJ passou as mãos nos cabelos escuros, bastante longos. Fitou Frank com os olhos verdes e interrogativos. Depois esfregou as mãos uma na outra, num sinal de nervosismo.

— Não sou capaz de fazer o que me pedem. Quer dizer, não sei como me comportar. Uma coisa é apresentar um programa, falar no telefone com pessoas normais, outra é falar com… com…

Frank entendeu que Jean-Loup tinha dificuldade em pronunciar a palavra “assassino” e interveio em seu socorro.

— Sei que não é fácil. Também não é fácil para nós tentar entender o que um homem desses pode ter na cabeça. Mas estaremos aqui, daremos todas as indicações possíveis e estamos preparados para qualquer eventualidade. Também convocamos um especialista.

Virou-se e olhou para Nicolas, que até o momento tinha permanecido em silêncio.

— Terá a assistência de um psiquiatra, o dr. Cluny, consultor da polícia que colabora conosco como negociador, comandando os contatos com os criminosos em caso de sequestro.

— Está bem. Se disserem o que devo fazer, estarei à disposição.

Jean-Loup fitou Bikjalo, como se deixasse para ele a última palavra.

O diretor examinava o filtro de papel do cigarro russo, dobrado segundo as instruções. Começou tergiversando.

— É verdade que é uma bela responsabilidade…

Frank adivinhou aonde ele queria chegar. Levantou-se da poltrona, subvertendo o estabelecido. Agora era ele quem olhava Bikjalo de cima.

— Olhe, não sei se você tem uma visão clara da situação. Para esclarecer as coisas definitivamente, acho que é interessante que veja uma coisa.

Frank debruçou-se e extraiu algumas fotos 20x30 da bolsa de Hulot, pousada no chão ao lado da poltrona. Jogou-as sobre a escrivaninha.

— Estamos caçando um homem capaz de fazer isso.

As fotos mostravam os cadáveres de Jochen Welder e Arijane Parker e o massacre feito em suas cabeças. O olhar de Bikjalo pousou na imagem e ele empalideceu imediatamente.

Hulot sorriu por dentro.

Frank voltou a se sentar.

— Esse homem ainda está por aí e achamos que pode voltar a fazer o que fez. Vocês são o único caminho que temos para pegá-lo. Não se trata aqui de uma estratégia para aumentar a audiência. É uma caça ao homem que terá como resultado a vida ou a morte de certas pessoas.

Os olhos de Frank deixaram os olhos de Bikjalo magnetizados, como o olhar de uma serpente deixa por um instante o olhar da presa com a qual quer brincar. Pegou o maço de cigarros na escrivaninha, examinando-o com aparente curiosidade.

— Sem contar que, se essa história for resolvida graças a vocês, vai trazer uma popularidade para a rádio e para Jean-Loup que vocês não iam conseguir

nem em mil anos.

Bikjalo relaxou. Empurrou as fotos na direção de Frank, tocando-as com a pontinha dos dedos, como se queimassem. Encostou-se na poltrona com ar aliviado. A conversa estava voltando aos parâmetros que estava acostumado a administrar.

— Certo, se é para ajudar a lei, se é para ser útil, a Rádio Monte Carlo não vai atrapalhar. *Voices* é exatamente isso, aliás. Uma ajuda para as pessoas que precisam. Mas tem uma coisa que gostaria de pedir em troca, se for possível…

Fez uma pausa. O silêncio de Frank incentivou-o a continuar.

— Uma entrevista exclusiva para Jean-Loup, assim que tudo estiver terminado. Antes de todo mundo. Aqui na rádio.

Frank olhou para Hulot, que concordou com um gesto quase imperceptível de cabeça.

— Negócio fechado.

Levantou-se de novo.

— Nossos técnicos já estão chegando com o equipamento para grampear os telefones. E outras coisas que eles mesmos vão explicar em detalhes. Começamos hoje mesmo.

— Certo. Nossos funcionários estarão à disposição para colaborar em tudo que for preciso.

A reunião tinha chegado ao fim. Todos se levantaram. Frank se viu diante do olhar um pouco perdido de Jean-Loup Verdier. Apertou seu braço, tranquilizador.

— Obrigado, Jean-Loup. O que está fazendo é ótimo. Tenho certeza de que vai se sair muito bem. Está com medo?

O DJ ergueu dois olhos muito límpidos, verdes como a água do mar.

— Sim, morrendo de medo.

13

FRANK OLHOU A HORA. JEAN-LOUP DEU o sinal para as últimas inserções publicitárias antes do fim da transmissão. Laurent fez um gesto para Barbara. A mixadora deslizou os botões do *mixer* para fundir a fita gravada com a voz do DJ.

Tinham cinco minutos de intervalo.

Frank se levantou e arqueou a espinha para alongá-la.

— Cansado? — perguntou Laurent enquanto acendia um cigarro. A fumaça subiu e foi imediatamente tragada pelos exaustores.

— Não exatamente. De todo modo, estou acostumado a esperar.

— Sorte sua! Estou literalmente morrendo de ansiedade — disse Barbara sacudindo os cabelos ruivos com as mãos. O inspetor Morelli, sentado numa cadeira estofada encostada à parede, levantou os olhos do jornal esportivo que estava lendo. De repente, parecia mais interessado no corpo da jovem sob o leve vestido de verão do que nas notícias da Copa do Mundo de futebol.

Laurent girou a poltrona e ficou diante de Frank.

— Talvez não seja da minha conta, mas tem uma coisa que gostaria de perguntar.

— Pergunte, então. Depois eu digo se é ou não da sua conta.

— O que uma pessoa sente quando faz um trabalho como o seu?

Frank fitou-o por um instante como se não o visse. Laurent achou que estivesse pensando. Não podia saber que, naquele momento, Frank Ottobre estava vendo uma mulher estendida na mesa de mármore de um necrotério, uma mulher que, para o bem ou para o mal, tinha sido sua esposa. Uma mulher que nenhuma voz poderia despertar.

— O que sente quem faz um trabalho como o meu?

Frank repetiu a pergunta como se precisasse ouvi-la de novo antes de responder.

— Depois de um tempo, só se sente vontade de esquecer.

Laurent girou de volta para o painel de controle, constrangido. Provavelmente, tinha feito uma pergunta idiota. Não conseguia sentir simpatia por aquele americano de corpo atlético e olhos frios como a neve, que se mexia e falava como se estivesse fora do mundo que o circundava. Era uma atitude que excluía qualquer possibilidade de contato. Era um homem que não dava nada, justamente porque não pedia nada. No entanto estava ali, à espera, e nem ele sabia *que coisas* estava esperando.

— Esse é o penúltimo bloco — disse Barbara, sentando-se de novo diante do *mixer*. Sua voz interrompeu aquele momento de espera. Morelli retornou à crônica esportiva, interrompendo sua leitura de tanto em tanto para admirar os cabelos da moça, que desciam além do encosto da cadeira.

Laurent fez um gesto para Jacques, operador da mesa de som. Fusão. Uma música épica do Vangelis entrou no ar. Uma luz vermelha acendeu-se na cabine de Jean-Loup. Sua voz voltou a se propagar pela sala e pelos ares.

— São onze e quarenta e cinco na Rádio Monte Carlo. A noite mal começou. Estamos aqui com a música que você quer ouvir e as palavras que precisa escutar. Ninguém vai julgá-lo, e todos vão ouvi-lo. Este é *Voices*, liguem para mim.

Mais uma vez, a cabine da direção encheu-se de música, que avançava lenta e ritmada, evocando as ondas do mar. Por trás dos vidros de seu posto, Jean-Loup se movia tranquilo num terreno que conhecia perfeitamente. Na cabine de direção, a luz da linha telefônica começou a piscar. Frank sentiu um estranho arrepio.

Laurent fez um gesto para Jean-Loup. O DJ recebeu a indicação com um gesto de cabeça.

— Tem alguém na linha. Alô?

Um instante de silêncio, depois um ruído inesperado. De repente, a música de fundo transformou-se numa música fúnebre. Todos reconheceram a voz que saiu do amplificador: ela estava gravada para sempre em suas mentes.

— *Olá, Jean-Loup*.

Frank se retesou na cadeira como se seu corpo tivesse sido percorrido por uma descarga elétrica. Estalou os dedos na direção de Morelli. O inspetor perdeu toda a indolência anterior. Levantou-se e pegou o microfone do walkie-talkie que trazia na cintura.

— Rapazes, chegou a hora. Contato. Fiquem alertas.

— Oi, quem é você? — perguntou Jean-Loup.

A voz abafada do telefone emitiu uma espécie de sorriso.

— *Você sabe quem eu sou, Jean-Loup. Sou um e ninguém*.

— Já tinha ligado antes?

Morelli saiu da sala correndo. Voltou pouco depois com o dr. Cluny, o psiquiatra da polícia que estava no corredor, à espera, como todo mundo. O médico pegou uma cadeira e sentou ao lado de Frank. Laurent acionou o interfone que se comunicava diretamente com os fones de Jean-Loup sem entrar no ar.

— Tente fazê-lo falar o mais que puder — disse Cluny enquanto afrouxava a gravata e abria a gola da camisa.

— *Sim, meu amigo. Liguei uma vez e voltarei a ligar. Os cães estão aí com você*?

A voz eletrônica trazia consigo rastros do fogo do inferno e da frieza do mármore. A atmosfera na sala parecia rarefeita, como se os condicionadores, em vez de soprar ar fresco, o aspirassem.

— Que cães?

Uma pausa. Depois a voz.

— *Os que me caçam. Estão aí*?

Jean-Loup levantou a cabeça e olhou para eles, como perdido. Cluny aproximou-se um pouco do interfone.

— Pode dar corda. Diga tudo o que quer ouvir, mas faça com que fale…

Jean-Loup retomou a conversa. Sua voz parecia de chumbo.

— Por que pergunta? Já sabia que eles estariam aqui.

— *Eles não me interessam. Não são nada. É você que me interessa*.

— Por que eu? Por que ligar para mim?

Mais uma pausa.

— *Já disse, porque você é como eu, uma voz sem rosto. Mas tem sorte, de nós dois, é o único que pode se levantar de manhã e sair à luz do sol*.

— Você não pode?

— *Não*.

Naquele monossílabo seco havia a negação absoluta, a recusa que não admite réplica, a renúncia total.

— Por quê? — perguntou Jean-Loup.

A voz mudou. Ficou suspensa, mais sutil, como se uma rajada de vento a atravessasse.

— *Porque alguém resolveu que seria assim. E não posso fazer muita coisa*…

Silêncio. Cluny virou-se para Frank e murmurou, surpreso:

— Está chorando…

Depois de uma longa pausa, o homem recomeçou a falar.

— *O que posso fazer é muito pouco. Só existe um modo de remediar o mal e é combatê-lo com o mesmo mal*.

— Por que fazer o mal quando a seu redor tem tanta gente que quer ajudá-lo?

Uma nova pausa. Um silêncio, como se refletisse, e a voz de novo, numa condenação raivosa:

— *Pedi ajuda, mas a única coisa que consegui foi aquilo que me matou. Diga isso aos cães. Não haverá piedade porque não há piedade, não haverá perdão porque não há perdão, não haverá paz porque não há paz. Só um osso para seus cães*…

— O que quer dizer?

Uma pausa mais longa. O homem ao telefone tinha recuperado o controle de suas emoções. A voz era de novo um sopro de vento do nada.

— *Você ama a música, não é mesmo, Jean-Loup*?

— Claro, e você?

— *A música não trai, a música é a meta da viagem. A música é a própria viagem*.

De repente, como da outra vez, brotou do telefone, lento e persuasivo, o som de uma guitarra elétrica. Poucas notas, suspensas, solares, o som de um instrumentista dialogando com seu instrumento.

Frank reconheceu as notas de “Samba Pa Ti” domesticadas pelos dedos e pela fantasia de quem estava tocando. Apenas a guitarra, numa introdução exasperada, alongada até o espasmo, respondida por aplausos entusiásticos.

E de repente, assim como veio, a música desapareceu.

— *Aí está o osso que os cães pediram. Agora preciso ir, Jean-Loup. Tenho coisas a fazer esta noite*.

O DJ fez a pergunta com a voz trêmula.

— O que tem para fazer essa noite?

— *Você sabe o que faço de noite, meu caro. Sabe muito bem*…

— Não, não sei. Por favor, diga.

Silêncio.

— *Não foi a minha mão que escreveu, mas todos já sabem o que faço de noite*…

Ainda uma pausa que soou para todos como a suspensão de um rufar de tambores.

— *Eu mato*…

A voz desapareceu da linha, mas ficou em seus ouvidos como um corvo sobre os fios telefônicos. As últimas palavras foram o lampejo de um flash. Por um

segundo, todos se transformaram em rostos e corpos num slide, como se tivessem perdido a profundidade que permite que o ar chegue aos pulmões.

Frank foi o primeiro a despertar.

— Morelli, chame os rapazes e veja se conseguiram alguma coisa. Laurent, tem certeza de que tudo foi gravado?

O diretor estava apoiado ao painel com o rosto entre as mãos. Barbara respondeu por ele.

— Claro. Posso desmaiar agora?

Frank olhou para ela. Seu rosto era uma mancha branca sob uma massa de cabelos ruivos. As mãos tremiam levemente.

— Não, Barbara, ainda preciso de você. Mande passar a gravação para uma fita cassete. Tem cinco minutos.

— Já gravei. Deixei um segundo gravador em pausa e acionei logo depois do início do telefonema. Basta rebobinar a fita.

Morelli lançou para a moça um olhar de admiração e deu um jeito para que ela percebesse.

— Bravo! Muito bem. Morelli?

Morelli tirou os olhos de Barbara e ficou vermelho, como se tivesse sido pego em falta.

— Um dos rapazes está subindo. Pelo que entendi, acho que não tem boas notícias.

Naquele exato momento, um jovem de pele escura, de evidente origem africana, entrou na sala. Frank levantou de um salto.

— E então?

O técnico deu de ombros. Em seu rosto escuro desenhou-se a contrariedade.

— Nada. Não conseguimos localizar a chamada. O desgraçado deve ter usado uma engenhoca muito eficiente…

— Celular ou fixo?

— Não sabemos. Temos à disposição uma unidade de satélite, mas não registramos nenhuma entrada, nem de telefone fixo, nem de celular.

Frank virou-se para o psiquiatra, que ainda estava sentado em sua cadeira, pensativo, mordendo as bochechas por dentro.

— Dr. Cluny?

— Não sei, preciso ouvir a fita novamente. A única coisa que posso dizer é que nunca tive contato com um sujeito assim em toda minha vida!

Frank tirou o celular do bolso do paletó e digitou o número de Hulot. Depois de alguns segundos de espera, o delegado atendeu. Com certeza, não estava

dormindo.

— Nicolas, aconteceu. Nosso amigo se apresentou.

— Eu sei, estava ouvindo o programa. Estou me vestindo. Chego já.

— Ótimo.

— Ainda estão na rádio?

— Estamos, esperamos você.

Frank desligou o telefone.

— Morelli, assim que o delegado chegar, reunião geral. Laurent, preciso de sua ajuda. Se não me engano, há uma sala de reunião perto da do diretor. Podemos usá-la?

— Claro!

— Ótimo. Barbara, temos como ouvir a fita na sala de reunião?

— Sim, tem um gravador digital e tudo o que precisarem.

— Perfeito. Temos pouco tempo, precisamos voar.

Na confusão, Frank esquecera-se completamente de Jean-Loup. Sua voz chegou pelo interfone.

— Está tudo acabado, agora?

Do outro lado do vidro, ele estava apoiado no encosto da cadeira, parado, imóvel como uma borboleta espetada no veludo de um mostruário de espécimes. Frank apertou o botão que estabelecia comunicação com ele.

— Não, Jean-Loup. Infelizmente, é apenas o começo. De todo modo, você foi perfeito.

No silêncio que se seguiu, viram Jean-Loup apoiar os braços na mesa lentamente e esconder a cabeça entre eles.

14

HULOT CHEGOU LOGO DEPOIS, ao mesmo tempo que Bikjalo. O diretor parecia bastante perturbado. Entrou na emissora caminhando a uma certa distância do delegado, como se a distância dele o afastasse automaticamente de toda aquela história. Talvez só agora estivesse percebendo o que tudo aquilo significava. Havia homens armados pela rádio, havia no ar uma tensão nova, desconhecida. Havia uma voz, e com ela chegara também a sensação da morte.

Frank esperava por eles encostado à parede de madeira clara, na frente da porta da sala de reuniões. A seu lado, Morelli. Ambos pareciam filhos do mesmo silêncio. Entraram juntos na sala onde todos os outros já estavam sentados ao redor de uma mesa comprida, à espera. O leve burburinho dos comentários se interrompeu. Os painéis da cortina estavam abertos, assim como as janelas. Chegavam de fora os rumores sufocados do tranquilo tráfego noturno de Montecarlo.

Hulot sentou-se à direita de Frank, deixando-lhe a cabeceira e o encargo tácito de conduzir a reunião. Usava a mesma camisa e não parecia mais descansado do que quando tinha partido.

— Estamos todos aqui agora. À parte o delegado e o sr. Bikjalo, que de todo modo ouviram o programa de casa, todos estávamos aqui esta noite. Todos ouvimos o que aconteceu. Os elementos que reunimos não são muitos. Infelizmente, não foi possível localizar a origem da ligação…

Frank fez uma pausa. O jovem negro e seu colega, sentados à mesa com ar abatido, mexeram-se incomodados em suas cadeiras.

— Não é culpa de ninguém. Certamente, o homem que telefonou não é bobo e sabe o que fazer para não ser localizado. A técnica que habitualmente usamos para isso hoje foi usada contra nós. Portanto, não teremos nenhuma ajuda nesse sentido. Como talvez ainda possa nos fornecer alguma indicação, proponho que ouçamos novamente a gravação, antes de formular hipóteses.

O dr. Cluny concordou com a cabeça, resumindo assim a opinião de todos.

Frank dirigiu-se a Barbara, que estava em pé no fundo da sala, apoiada ao

móvel sobre o qual se encontrava o gravador digital.

— Barbara, pode colocar a fita?

A moça apertou o botão e, mais uma vez, a sala encheu-se de fantasmas. Ouviram de novo a voz de Jean-Loup vinda do mundo dos vivos e a voz do homem vinda de seu posto nas sombras. A sala manteve-se em silêncio até as últimas palavras da gravação.

— *Eu mato*…

No final, Bikjalo deixou escapar instintivamente um desabafo:

— Esse homem é louco!

O dr. Cluny ouviu a observação como um chamamento pessoal. Seu olhar míope escondia-se atrás de óculos de aro de tartaruga e ouro. O nariz afilado e levemente aquilino parecia o bico de uma sábia coruja. O psiquiatra dirigiu-se a Bikjalo, mas falava com todos.

— No sentido estrito da palavra, trata-se certamente de um louco. Lembrem-se, porém, de que esse indivíduo já matou duas pessoas de maneira horripilante, o que demonstra uma fúria interior explosiva, mas também uma lucidez muito rara de encontrar na execução de um crime. Telefona e ninguém consegue localizá-lo. Mata e não deixa rastros de nenhum tipo, ou apenas insignificantes. Não se deve subestimar um homem assim. O fato de que ele não nos subestima demonstra isso. Ele nos desafia, mas não nos subestima.

Tirou os óculos, revelando duas manchas vermelhas na base do nariz. Provavelmente, Cluny jamais usava lentes de contato. Recolocou os óculos imediatamente, como se não se sentisse bem sem eles.

— Ele sabia muito bem que todos estaríamos aqui, sabe que a caçada já começou, não é por acaso que faz referência a cães. É um homem inteligente, provavelmente de cultura superior à média. E sabe também que estamos tateando no escuro porque não temos o elemento-chave para a solução de qualquer crime…

Fez uma pausa. Frank notou que Cluny era definitivamente capaz de atrair a atenção para o que dizia. Bikjalo devia estar pensando a mesma coisa, pois tinha começado a olhar para ele com um interesse quase profissional. O psiquiatra continuou.

— Desconhecemos totalmente o motivo do crime. Não sabemos qual foi o gatilho que levou esse homem a matar e a fazer o que fez em seguida. Trata-se de um ritual que, para ele, tem algum significado preciso, que nós desconhecemos. Sua loucura não pode nos fornecer nenhuma pista, pois não é evidente. Esse homem vive entre nós, como uma pessoa normal, faz as mesmas coisas que todas as pessoas normais fazem: bebe seu aperitivo, compra jornal,

vai ao restaurante, ouve música. Sobretudo ouve música. É por esse motivo que resolveu ligar para cá. Num programa que oferece ajuda às pessoas que passam por dificuldades, ele busca uma ajuda que não quer ter no lugar onde encontra uma música que gosta de ouvir.

— Por que falou em "ajuda que não quer ter"? — perguntou Frank.

— O seu *não* à oferta de ajuda foi peremptório. Já decidiu que ninguém pode ajudá-lo, qualquer que seja seu problema. O trauma que arrasta atrás de si deve tê-lo condicionado de maneira monstruosa, até fazer explodir a fúria latente que sujeitos como esse carregam dentro de si desde o nascimento. Odeia o mundo e provavelmente considera que o mundo está em dívida com ele. Deve ter sofrido humilhações terríveis, pelo menos do seu ponto de vista. A música deve ter sido uma das poucas ilhas de felicidade em sua vida. De fato, a única indicação que ele nos dá fala a linguagem da música. Aquela canção é uma mensagem. Ele nos deu mais um indício que deve ser associado àquele que nos deu no primeiro telefonema. É um desafio, mas é também uma prece inconsciente. Na prática, está pedindo para ser parado, se conseguirmos; porque, sozinho, ele nunca conseguirá fazê-lo.

Na sala havia um mundo de sombra, mofo e teias de aranha. Um local que nunca fora profanado pela luz do sol. O reino dos ratos.

— Barbara, podemos ouvir de novo o trecho com a música?

A moça apertou um botão. Quase imediatamente, a sala foi tomada pelas notas daquela guitarra, perdida numa versão de "Samba Pa Ti" menos rigorosa que o habitual, mais descolada, interpretada. Uma ovação do público se fez ouvir à primeira nota, como acontece nos concertos ao vivo, quando um músico dá início a seu carro-chefe e a plateia o reconhece de imediato.

Quando terminou, Frank passou os olhos pelos presentes.

— Lembrem-se de que, no primeiro telefonema, a música dava uma pista de quem seriam as vítimas. A trilha sonora de um filme que conta a história de um piloto e sua companheira. *Um homem, uma mulher*. Como Jochen Welder e Arijane Parker. Alguém tem ideia do que *essa* música pode significar?

Do fundo da mesa, Jacques, o técnico de som, limpou a garganta, como se tivesse dificuldade para fazer uso da palavra naquele contexto.

— Bem, eu diria que todos conhecemos a música…

— Não tenha tanta certeza — repreendeu Hulot cortesmente. — Faça de conta que ninguém nessa sala sabe nada de música, mesmo que pareça bobagem. Às vezes, alguns indícios chegam de onde menos se espera.

Jacques enrubesceu. Levantou a mão direita como quem pede desculpas.

— Queria dizer que é uma música famosa, muito famosa. Se chama "Samba

Pa Ti", de Carlos Santana. Trata-se com certeza de um concerto ao vivo, a julgar pela presença do público. E deve ser um público bem grande, tipo estádio, para dar aquela resposta. Embora às vezes as gravações ao vivo sejam reforçadas no estúdio, posteriormente, com aplausos gravados à parte.

Laurent acendeu um cigarro. A fumaça volteou no ar e dirigiu-se, dançando, para a janela aberta, desaparecendo na noite. O leve cheiro de enxofre do fósforo ficou suspenso no ar.

— Isso é tudo?

Jacques ficou vermelho de novo e calou-se, não sabendo o que dizer. Hulot veio tirar o rapaz de seu constrangimento. Olhou para ele sorrindo.

— Ótimo. Obrigado, meu jovem, já é um bom começo. Alguém pode dizer mais alguma coisa? Essa canção tem algum significado particular? Alguma vez foi associada a um acontecimento estranho, a algum personagem específico, tem ligação com alguma história de qualquer tipo?

Muitos dos presentes entreolharam-se, como se tentassem se ajudar a recordar.

Frank sugeriu outro caminho.

— Alguém reconhece a gravação? Se for mesmo, como parece, uma gravação ao vivo, alguém tem ideia de onde foi feita? Em que disco está? Jean-Loup?

O DJ estava sentado em silêncio ao lado de Laurent, absorto, como se os discursos naquela sala não lhe dissessem respeito. Parecia muito perturbado pela conversa com aquela voz desconhecida ao telefone. Levantou o rosto e fez que não com a cabeça.

— É possível que seja uma gravação pirata? — perguntou Morelli.

Barbara sacudiu a cabeça.

— Creio que não. O som me parece antigo. Tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista artístico. É uma gravação velha, analógica, não digital. Além do mais, é vinil, um velho 33 rotações. Dá para notar pelos chiados no fundo. Mas a qualidade é ótima. Não parece ser uma gravação feita por amadores, com algum equipamento de baixa fidelidade, levando em conta os limites da época. Portanto, deve ser com certeza um LP vendido no comércio, a menos que seja um velho acetato nunca produzido.

— Um acetato? — perguntou Frank, olhando para a moça.

Não podia deixar de compartilhar a admiração de Morelli. Barbara era dona de um cérebro e de um corpo de primeira linha. Se o inspetor queria percorrer aquele caminho, era melhor que tratasse de se aparelhar o melhor que pudesse.

— Um acetato é a primeira prova que as gravadoras costumavam fazer, antes do advento dos CDs — esclareceu Bikjalo. — Em geral, eram poucas cópias feitas de material facilmente deteriorável, usadas para verificar a qualidade.

Certos acetatos são objeto de culto e são muito procurados por colecionadores. Contudo, a característica do acetato era que, à medida que era utilizado, a qualidade do som piorava. Eu não diria que é o caso aqui.

Mais uma vez, o silêncio desceu para confirmar que tudo o que havia a dizer tinha sido dito.

Hulot levantou-se da cadeira. Foi o sinal de que a reunião podia ser dada como encerrada.

— Senhores, é desnecessário lembrar a importância que qualquer indício, por menor que seja, pode ter nesse caso. Temos um assassino livre que, de certa forma, está brincando conosco, a ponto de fornecer uma indicação sobre aquele que parece ser seu único objetivo: matar de novo. Qualquer coisa que lhes vier à cabeça, a qualquer hora do dia ou da noite, não tenham receio de ligar para mim, para Frank Ottobre ou para o inspetor Morelli. Antes de saírem, anotem os números de nossos telefones.

Todos se levantaram. Um a um, saíram da sala. Os dois técnicos da polícia foram embora primeiro, como se quisessem evitar um confronto direto com Hulot. Os outros ficaram o tempo necessário para receber um cartão de Morelli com os números de telefone. O inspetor se demorou particularmente com Barbara, que não parecia incomodada com aquela demora. Em outros tempos, Frank veria esse interesse como um erro. Naquele momento, parecia ser uma desforra da vida contra a escuridão daquela noite.

Deixou passar.

Aproximou-se de Cluny, que estava falando em voz baixa com Hulot.

Os dois afastaram-se um pouco para permitir que entrasse na conversa.

— Gostaria de mencionar que esse telefonema nos deu uma indicação importante para evitar confusões ou perdas de tempo…

— Ou seja?

— Ele provou que não está de brincadeira e que é mesmo o homem que assassinou aquelas duas pobres criaturas no barco.

Frank concordou com a cabeça.

— *Não foi minha mão que escreveu…*

Cluny olhou para ele satisfeito.

— Exatamente. Só o verdadeiro assassino poderia saber que a inscrição foi feita mecanicamente e não à mão. Não falei na frente de todo mundo porque acho que é uma das poucas coisas relacionadas à investigação que não é de domínio público.

— Exatamente. Obrigado, dr. Cluny. Ótimo trabalho.

— De nada. São análises que devo fazer. Linguagem, estresse vocal, análise

da sintaxe e coisas assim. Continuarei estudando até conseguir alguma coisa. Consiga uma cópia da fita para mim.

— Claro. Boa-noite.

O psiquiatra saiu da sala.

— E agora? — perguntou Bikjalo

— Vocês já fizeram o que podiam fazer — respondeu Frank. — Agora é a nossa vez.

Jean-Loup parecia transtornado. Com certeza, era uma experiência que preferia não ter tido. Talvez tudo aquilo não fosse tão excitante quanto tinha imaginado.

A morte nunca é excitante, a morte é sangue e moscas, pensou Frank.

— Você foi ótimo, Jean-Loup. Eu não faria melhor. A experiência não conta muito nessas horas. Quando se lida com um assassino é sempre a primeira vez. Agora vá para casa e tente pensar em outra coisa por um tempo…

Eu mato…

Todos sabiam que ninguém conseguiria dormir naquela noite. Não quando alguém estava saindo de casa em busca de um pretexto para sua ferocidade e de mais combustível para sua loucura. Não enquanto os sussurros que tinha na cabeça se transformavam em gritos que podiam se misturar aos gritos de uma nova vítima.

Jean-Loup abaixou os ombros, mostrando-se derrotado.

— Obrigado. Acho que vou para casa.

Acenou para todos e saiu, com um fardo tão pesado que seria capaz de esmagar ombros mais fortes. No fundo, era apenas um homem, pouco mais que um rapaz que transmitia música e palavras pelo rádio.

Hulot andou em direção à porta.

— Bem, nós também vamos. No momento, ficar aqui não adianta nada.

— Vou com vocês. Vou embora também, para casa. Mas acho que será muito difícil dormir essa noite… — disse Bikjalo dando passagem a Frank.

Quando chegaram à porta, ouviram que alguém digitava o código da fechadura pelo lado de fora. A porta se abriu e surgiu Laurent. Parecia muito excitado.

— Ainda bem! Tinha esperança de encontrá-lo ainda por aqui. Tive uma ideia. Sei quem pode ajudar!

— Em quê? — perguntou Hulot.

— Estou falando da música, sei quem pode nos ajudar a identificá-la.

— Quem?

— Pierrot!

O rosto de Bikjalo iluminou-se.

— Claro, o *Rain Boy*.

Hulot e Frank se entreolharam.

— *Rain Boy*?

— É um garoto que dá uma ajuda aqui na rádio. Cuida do arquivo — explicou o diretor. — Tem 22 anos, mas o cérebro de um menino. É pupilo de Jean-Loup e é louco por ele. Acho que se jogaria no fogo se ele pedisse. Botamos o apelido de *Rain Boy* porque é igual a Dustin Hoffman em *Rain Man*. Tem notáveis limitações, mas quando o assunto é música, é um computador. É o único dom que tem, mas é fenomenal.

Frank olhou a hora.

— E onde mora esse Pierrot?

— Não sei ao certo. O sobrenome é Corbette e mora com a mãe um pouco depois de Mentone, acho. O marido era um filho da puta que se mandou, abandonando os dois assim que percebeu a deficiência do filho.

— Ninguém tem o telefone ou o endereço?

Laurent foi rapidamente até a escrivaninha de Raquel.

— A secretária tem. Tanto o número de casa quanto o do celular da mãe.

O delegado Hulot olhou para o relógio.

— Sinto muito pela sra. Corbette e seu filho, mas acho que esta noite terão uma surpresa que não estava no programa…

15

A MÃE DE PIERROT ERA UMA MULHER grisalha com um vestido no mesmo tom dos cabelos.

Sentada numa cadeira da sala de reuniões, olhava com olhos sonolentos para os homens que cercavam seu filho. Tinha sido despertada no meio da noite, assustando-se um pouco quando disseram no interfone que era a polícia. Mandaram que acordasse Pierrot, que teve que se vestir às pressas, e os dois foram levados para um carro que partiu numa velocidade de dar medo.

Deixaram o condomínio popular onde moravam para trás. A mulher ficou preocupada com os vizinhos. Ainda bem que àquela hora da noite não tinha ninguém para vê-los entrando no carro da polícia, como dois bandidos. Sua vida já era suficientemente dura, feita de fofocas e murmúrios à sua passagem, para ter de lidar com mais esse problema.

O delegado, o mais velho, com cara de boa gente, garantira que não havia nada a temer, que precisavam de seu filho para um assunto importantíssimo. Agora estavam ali e ela se perguntava de que poderia servir a ajuda de alguém como Pierrot, o filho que ela amava como se fosse um gênio, mas que as pessoas aceitavam com dificuldade, como se fosse um estúpido.

Olhou ansiosa para Robert Bikjalo, diretor de Rádio Monte Carlo, que permitia que o filho trabalhasse lá, num lugar seguro, fazendo o que mais amava no mundo, a música. O que a polícia tinha a ver com isso? Rezou para que Pierrot, em sua ingenuidade, não tivesse aprontado alguma. Não suportaria ser afastada do filho sob pretexto algum. Só a ideia de ficar sozinha, sem ele, ou de vê-lo em algum lugar sem ela já a aterrorizava. Sentiu os dedos gelados da angústia agarrarem seu estômago e apertarem-no como numa mordida. Se pelo menos…

Bikjalo deu um sorriso tranquilizador, confirmando que tudo estava bem.

Voltou a observar o sujeito mais jovem, com um rosto duro e barba longa, que falava francês com um leve sotaque estrangeiro, acocorado no chão para ficar com o rosto na altura de Pierrot, que estava sentado numa cadeira. Seu filho

olhava para ele cheio de curiosidade, ouvindo o que dizia.

— Desculpe por termos acordado você a essa hora, Pierrot, mas precisamos da sua ajuda para uma coisa importante. Uma coisa que só você pode fazer…

A mulher relaxou. Aquele homem tinha uma cara que dava medo, mas sua voz era tranquila e gentil. Pierrot o ouvia sem medo nenhum. Parecia, aliás, bastante orgulhoso daquela aventura noturna inesperada, daquela viagem no carro da polícia, além de ter se transformado no centro das atenções.

Foi tomada por uma sensação aguda de ternura e proteção por aquele filho estranho que vivia num mundo abstrato todo dele, feito de música e pensamentos puros. Onde até mesmo as *palavras sujas*, como dizia ele, tinham o sentido ingênuo das brincadeiras de criança.

O homem jovem continuava falando com sua voz pacata.

— Agora você vai ouvir uma música. Ouça bem. Com atenção. Queremos saber se identifica que música é essa ou em que disco ela está. Pode tentar?

Pierrot ficou em silêncio. Depois assentiu quase imperceptivelmente.

O homem se levantou e apertou o botão do gravador que estava atrás dele. As notas de uma guitarra entraram de repente na sala. A mulher observou o rosto tenso do filho, totalmente concentrado no som que flutuava a seu redor vindo dos amplificadores. Poucos segundos depois a música acabou. O homem abaixou-se de novo ao lado de Pierrot.

— Quer ouvir de novo?

Sempre em silêncio, o rapazinho fez que não com a cabeça.

— Reconheceu a música?

Pierrot virou os olhos para Bikjalo, como se ele fosse sua única referência.

— Tem — disse devagar.

O diretor se aproximou.

— Quer dizer que temos essa música?

De novo, Pierrot fez que sim com a cabeça, quase como se quisesse dar mais peso às suas palavras.

— Essa tem, lá no quarto…

— Que quarto? — perguntou Hulot, aproximando-se.

— O quarto é o arquivo. Fica embaixo, no subsolo. É o lugar onde Pierrot trabalha. Tem milhares de discos e CDs, mas ele conhece todos eles, um por um.

— Sabe onde ela está lá no quarto? Não quer ir pegar para nós? — perguntou gentilmente Frank. Aquele rapazinho estava prestando um serviço inestimável e ele não queria assustá-lo de modo algum.

Pierrot voltou a olhar para o diretor como quem pede permissão.

— Pode ir pegar, Pierrot, por favor.

Pierrot se levantou da cadeira e atravessou a sala com aquele seu jeito atrapalhado de andar. Desapareceu na porta, seguido pelos olhos ansiosos e espantados da mãe.

O delegado Hulot aproximou-se da mulher.

— Senhora, peço desculpas mais uma vez pela maneira pouco educada como foi acordada e trazida para cá. Não imagina a utilidade que seu filho pode ter para nós esta noite. Estamos realmente muito agradecidos por ter permitido que ele viesse nos ajudar.

A mulher derreteu-se num pequeno orgulho do filho. Envergonhada, apertou ao redor do pescoço o vestido barato que tinha enfiado rapidamente por cima da camisola.

Pouco depois, Pierrot voltou, silencioso como tinha ido. Sob o braço, via-se a capa meio gasta de um disco de 33 rotações. Foi até eles e depositou-o na mesa. Com cuidado religioso para não colocar os dedos nos sulcos, tirou da capa um disco de vinil.

— É este aqui — disse Pierrot.

— Pode botar para a gente ouvir, por favor? — pediu o homem jovem, com a mesma voz solícita.

O rapaz se aproximou da aparelhagem e começou a manejá-la como um conhecedor. Apertou alguns botões, levantou a tampa do toca-discos e enfiou o disco no eixo. Apertou o play e o prato começou a girar. Pierrot pegou delicadamente a agulha e a apoiou no disco.

Saíram das caixas as mesmas notas que um desconhecido tinha enviado algumas horas antes como um desdenhoso desafio para que tentassem deter seus passos na noite.

Foi um momento de alegria geral. Cada um a seu modo, todos encontraram um jeito de sublinhar o pequeno triunfo pessoal de Pierrot, que olhava ao redor com um sorriso no rosto inocente.

A mãe olhava para ele com uma dedicação que aquele sucesso só pagava em parte. Um momento, um único momento no qual o mundo parecia ter se lembrado de seu filho, dando-lhe um pouco da satisfação que até agora tinha lhe negado.

Começou a chorar. O delegado apoiou a mão em suas costas com gentileza.

— Obrigado, senhora. Seu filho foi maravilhoso. Agora está tudo certo. Vou mandar que a acompanhem até em casa de carro. A senhora trabalha amanhã?

A mulher ergueu o rosto molhado de lágrimas, sorrindo envergonhada daquele instante de fraqueza.

— Sim, sou empregada doméstica na casa de uma família italiana que mora em Montecarlo.

O delegado sorriu de volta.

— Deixe o nome dessa família com aquele senhor de paletó marrom, o inspetor Morelli. Vamos providenciar para que lhe deem dois dias de folga remunerada para compensá-la pelo incômodo desta noite. Assim pode ficar um pouco com seu filho, se quiser…

O delegado procurou Pierrot.

— Quanto a você, meu jovem, gostaria de passar um dia inteiro num carro da polícia, falar com a central pelo rádio e ser um policial honorário?

Talvez Pierrot não soubesse o que era um policial honorário, mas a ideia de passear num carro de polícia iluminou seus olhos.

— E vai me dar algemas também? E posso tocar a sirene?

— Claro, o quanto quiser. Vou arranjar um par de algemas brilhantes só para você, mas tem que prometer que não vai prender ninguém sem pedir permissão.

Hulot fez sinal a um agente que tratou de acompanhar Pierrot e sua mãe de volta para casa. Enquanto saíam, ouviu o jovem falar com a mãe:

— Agora que sou *policial no horário*, vou prender a filha da sra. Narbonne, que vive rindo de mim, e vou levar ela presa e…

Nunca souberam que fim esperava a filha da sra. Narbonne, pois os três chegaram ao fim do corredor e a voz de Pierrot se apagou.

Frank se apoiou na mesa e olhou pensativo para a capa do disco que ele tinha trazido do arquivo.

— Carlos Santana, “Lotus”. Disco *live*. Gravação ao vivo feita no Japão em 1975…

Morelli pegou a capa e examinou atentamente, virando-a dos dois lados.

— Por que esse sujeito nos mandou uma canção tirada de um disco gravado no Japão, quase trinta anos atrás? O que quis dizer?

Pela janela, Hulot observava o carro com Pierrot e a mãe se afastando. Virou-se e levantou o braço esquerdo para ver a hora. Quatro e meia.

— Não sei, mas precisamos descobrir o mais depressa possível.

Fez uma pausa que representava o pensamento de todos.

— Se já não for tarde demais…

16

ALLEN YOSHIDA ASSINOU O CHEQUE e o entregou ao encarregado do bufê.

Tinha trazido de Paris, especialmente para a festa em sua casa, uma equipe completa de seu restaurante preferido, Le Pré Catelan, no Bois de Boulogne. Custara os olhos da cara, mas valera a pena. Ainda tinha na boca o gosto requintado da sopa de rãs e pistache que fazia parte do esplêndido cardápio daquela noite.

— Obrigado, Pierre. Estava soberbo, como sempre. Vai notar que acrescentei ao valor do cheque uma gratificação para vocês.

— Eu que agradeço, sr. Yoshida. Foi generoso como sempre. Não se incomode em acompanhar-me. Conheço o caminho. Boa-noite.

— Boa-noite, meu caro.

Pierre inclinou-se ligeiramente e Yoshida respondeu da mesma maneira. O homem partiu caminhando silenciosamente até desaparecer atrás da porta de madeira escura. Yoshida esperou até ouvir o barulho do motor do carro. Pegou um controle remoto na mesa e apontou para um painel de madeira na parede à esquerda. O painel se abriu suavemente exibindo uma série de telas interligadas a câmeras do circuito fechado de televisão colocadas em diversos pontos da casa. Viu o carro de Pierre sair pelo portão de entrada e os homens da segurança fechando-o às suas costas.

Estava só.

Atravessou o grande salão que ainda exibia os sinais da festa por todo lado. O pessoal do bufê tinha retirado o que era de sua competência e desaparecido discretamente, como de hábito. A criadagem chegaria no dia seguinte para terminar o trabalho. Allen Yoshida não gostava de ter gente em casa. As pessoas a seu serviço chegavam de manhã e iam embora à noite. Em caso de necessidade, pedia a algum deles que ficasse ou contratava pessoal extra. Preferia ser o único patrão de suas noites, sem medo de que ouvidos e olhos indiscretos ficassem sabendo de alguma coisa que queria só para si.

Saiu para o jardim através das enormes portas envidraçadas abertas para a

noite. Do lado de fora, um elaborado jogo de luzes criava efeitos de sombra entre plantas de troncos altos, moitas e aleias floridas, mérito de um paisagista que mandara vir da Finlândia. Soltou a gravata-borboleta do smoking Armani e desabotoou a camisa branca. Esticando os pés, tirou os sapatos de verniz sem desamarrá-los. Inclinou-se e também tirou as meias de seda, jogando-as para trás. Amava a sensação dos pés descalços sobre a relva úmida. Foi para a piscina toda iluminada à flor-d'água, que de dia parecia acabar diretamente no mar e que, naquele momento, parecia uma enorme água-marinha engastada na escuridão da noite.

Estendeu-se numa espreguiçadeira de teca à beira da piscina e esticou as pernas. Olhou ao redor. No mar, poucas luzes naquela noite de lua minguante. Diante dele, além do promontório na contraluz, adivinhava-se o brilho de Montecarlo, de onde tinha vindo a maioria dos convidados daquela noite; à esquerda, a casa.

Virou-se para olhá-la. Amava aquela casa e considerava-se um privilegiado por ter conseguido adquiri-la. Admirou as linhas de estilo retrô, a elegância da construção unida a um rigor funcional que era fruto do gênio do arquiteto que projetara a casa para a diva da época, Greta Garbo. Quando a comprou, estava fechada havia anos e ele entregara a reforma a um arquiteto contemporâneo tão genial quanto o primeiro: Frank Gehry, responsável pelo projeto do Museu Guggenheim de Bilbao.

Deu-lhe total liberdade, pedindo apenas que mantivesse inalterado o espírito da casa. O resultado era extraordinário, a classe absoluta unida à mais avançada tecnologia. Uma residência que deixava todo mundo de boca aberta, exatamente como tinha acontecido com ele da primeira vez que entrara ali. Pagara sem titubear a quantia exigida, com um número de zeros tão grande que parecia infinito.

Apoiou-se na espreguiçadeira, movendo a cabeça para relaxar as articulações da nuca. Enfiou a mão no bolso e retirou um tubinho de ouro. Tirou a tampa e deixou cair uma pitada de um pó branco no dorso da mão. Aproximou a mão do nariz e aspirou a cocaína diretamente dali, passando em seguida dois dedos nas narinas para remover vestígios do pó.

Tudo a seu redor revelava sucesso e poder. Contudo, Allen Yoshida não tinha ilusões. Recordava muito bem que seu pai quebrava a espinha descarregando de dentro de vagões frigoríficos caixas de peixe fresco chegado da costa, para depois recarregá-las em sua picape e entregar nos restaurantes japoneses da cidade. Lembrava que quando voltava para casa era precedido por um cheiro de peixe que, não importava o quanto se lavasse, não saía de suas mãos. Recordava

a casa desmilinguida em que moravam, num bairro igualmente desmilinguido de Nova York, e que desde sempre seus pais diziam que precisava de reformas no teto e nos encanamentos. Ainda tinha nos ouvidos o gorgolejo dos velhos canos a cada vez que abriam a torneira e a golfada de água ferruginosa saía. Para se lavar, era preciso esperar alguns minutos até que ficasse transparente.

Tinha crescido ali, filho de um japonês e uma americana, preso entre as duas culturas, um *gaijin* para a mentalidade estreita da comunidade japonesa e um amarelo para os americanos brancos. Para todos os outros — negros, porto-riquenhos, italianos — era apenas mais um menino mestiço pelas ruas da cidade.

Sentiu o choque radiante da cocaína que entrava na circulação. Passou uma mão pelos cabelos bastos e brilhantes como seda.

Há muito tempo não tinha ilusões. Nunca tivera. Todas as pessoas que tinham estado em sua casa naquela noite não teriam dado um passo se ele não tivesse se tornado o que era. Se não representasse os milhões de dólares que representava. Nenhum deles se interessava em saber se ele era um gênio ou não. O que interessava era que seu gênio tinha frutificado numa fortuna pessoal que o incluía entre os dez homens mais ricos do mundo.

O resto pouco contava e não importava a ninguém. Uma vez tendo-se chegado ao resultado, ninguém queria saber como ele tinha sido alcançado. Para todos, ele era o brilhante criador de *Sacrifiles*, o sistema operacional que brigava com a Microsoft no mercado mundial da informática. Tinha 18 anos quando o lançara e criara a Zen Electronics, graças ao financiamento de um banco que acreditara no projeto, depois que ele tinha demonstrado a um grupo de investidores admirados a simplicidade operacional de seu sistema.

Billy La Ruelle deveria estar ali com ele. Billy La Ruelle, seu amigo do peito, estudante como ele na escola de informática, chegara um belo dia em sua casa com a ideia genial de um sistema operacional revolucionário para ambientes DOS. Trabalharam no mais absoluto segredo durante meses, nas casas dos dois, passando até as noites com seus computadores ligados em rede. Infelizmente, Billy tinha caído do telhado no dia em que saíram para consertar a antena da televisão, antes da partida decisiva do *play-off* entre o Chicago Bulls e o Lakers. Escorregara no plano inclinado como um trenó no gelo e ficara pendurado na calha. Allen ficara olhando imóvel, sem fazer nada, enquanto Billy implorava ajuda. Seu corpo estava suspenso no vazio e dava para ouvir o rangido sinistro da calha cedendo pouco a pouco a seu peso. Via os nós de seus dedos brancos no esforço de permanecer agarrado à lâmina da calha e, com ela, à vida.

Billy caiu com um grito, olhando para ele desesperado, com os olhos esbugalhados. Espatifou-se com um som surdo no asfalto diante da garagem, o

pescoço dobrado num ângulo impossível. Ironicamente, o pedaço de calha que se soltara tinha ido cair exatamente na cesta de basquete pendurada no muro da casa, onde ele e Billy jogavam nos intervalos do trabalho. Enquanto a mãe de Billy saía de casa gritando, ele descera até o quarto do amigo, descarregara em alguns disquetes tudo o que havia no computador e apagara o disco rígido, de modo que não restasse nenhum vestígio.

Enfiara os disquetes no bolso traseiro dos jeans e correra para o pátio, para perto do corpo sem vida de Billy.

A mãe estava sentada no chão com a cabeça do filho apoiada nas pernas e falava com ele acariciando seus cabelos. Allen Yoshida chorara suas lágrimas de crocodilo. Ajoelhara-se a seu lado, sentindo a consistência dura dos disquetes esticando o bolso das calças. Um vizinho tinha chamado uma ambulância, que chegara a toda velocidade, precedida por uma sirene que soava estranhamente igual ao lamento da mãe de Billy, e parara com um rangido de pneus e freios. Alguns homens desceram e, sem pressa, levaram o corpo de seu amigo coberto por um pano branco.

Uma velha história. Uma história a ser esquecida. Agora, seus pais moravam na Flórida e seu pai tinha finalmente conseguido tirar o fedor de peixe das mãos. Ou quem sabe, graças aos dólares do filho, todos estavam dispostos a considerar que se tratava de um perfume. Yoshida arcara com os custos de uma desintoxicação para a mãe de Billy por consumo excessivo de álcool, e comprara para ela e o marido uma casa num bairro residencial, onde viviam sem problemas graças ao dinheiro que ele enviava mensalmente. Certa vez, quando se encontraram, a mãe de seu amigo tinha beijado suas mãos. Por mais que as lavasse, por muito tempo sentiu aquele beijo queimando sua pele.

* * *

Levantou-se da cadeira e voltou para a casa. Tirou o paletó e jogou-o nas costas, segurando-o com uma das mãos. Sentiu a umidade da noite impregnando o tecido leve da camisa, que aderia à pele.

Arrancou uma gardênia de uma moita florida e levou ao nariz. Apesar do nariz anestesiado pela cocaína, conseguia perceber seu perfume delicado.

Retornou ao salão e tirou o controle do bolso do paletó. Apertou um botão e as vidraças blindadas se fecharam sem fazer barulho, deslizando nos trilhos perfeitamente lubrificados. Apagou as luzes da mesma maneira, deixando acesas apenas algumas lâmpadas embutidas nas paredes.

Agora estava só, finalmente. Era o momento de dedicar um pouco de tempo a si mesmo e a seu prazer. A seu prazer secreto.

As modelos, os banqueiros, as estrelas pop, os atores que enchiam seus salões não passavam de manchas de cor num muro branco, rostos e palavras que seriam esquecidos com a mesma desenvoltura com que tentavam se fazer notar. Allen Yoshida era um homem bonito. Herdara da mãe americana as proporções e o físico longilíneo dos ianques, e do pai, o corpo enxuto e definido dos orientais. Seu rosto era uma mistura das duas raças numa harmonia refinada de traços que tinham aquela arrogância de todas as casualidades. Seu dinheiro e sua aparência atraíam o mundo. Sua solidão o enchia de curiosidade.

As mulheres, sobretudo, exibiam seios e olhares e corpos carregados de promessas muito simples de verificar naquela busca obsessiva por contatos que era a vida. Rostos tão abertos e tão fáceis de ler que antes mesmo de começar já se via a palavra “fim”.

Para Allen Yoshida, o sexo era o prazer dos imbecis.

Do salão passou por um breve corredor que levava à cozinha e à sala de jantar. Parou diante de uma placa curva de rádica. Apertou um botão à direita e o painel deslizou sobre a parede.

Diante dele, uma escada que descia.

Desceu-a tomado por uma leve impaciência. Tinha uma nova fita para ver, um vídeo inédito entregue no dia anterior. Ainda não tinha tido tempo de vê-lo da maneira como gostava, comodamente sentado em sua saleta de projeção, com monitor de plasma, apreciando cada instante da filmagem e bebendo champanhe gelado.

Quando permitira que Billy La Ruelle caísse do telhado, Allen Yoshida não tinha se transformado apenas num dos homens mais ricos do mundo. Tinha descoberto uma outra coisa que mudaria sua vida. Ver os olhos esbugalhados e o rosto aterrorizado de seu amigo enquanto pendia no vazio, sentir o desespero em sua voz enquanto pedia ajuda, *lhe dera prazer*.

Só percebera depois, quando tirara a roupa para tomar banho e descobrira as cuecas sujas de esperma. Naquele momento trágico que causara a morte do amigo, ele tivera um orgasmo.

Desde então, desde o preciso instante daquela descoberta, tinha tomado sem remorso a estrada de seu prazer, da mesma forma como tomara a estrada da riqueza.

Sorriu. O sorriso foi como uma teia de aranha luminosa sobre o rosto indecifrável. Era verdade que o dinheiro compra tudo. A cumplicidade, o silêncio, o crime, a vida e a morte. Por dinheiro os homens estavam dispostos a matar, a provocar sofrimento e a sofrer. Ele sabia disso muito bem, a cada vez que tinha que desembolsar o preço exorbitante de uma nova fita para sua

coleção.

Eram vídeos autênticos, que mostravam a tortura e a morte de homens, mulheres e até crianças, pegos ao acaso nas ruas, levados para locais seguros e filmados enquanto eram submetidos a todo tipo de sevícias, antes de serem mortos sob o olhar indiferente de uma câmera de vídeo.

Tinha verdadeiras preciosidades em sua cinemateca. Uma adolescente enrolada lentamente em arame farpado antes de ser queimada viva. Um homem negro, cuja pele fora totalmente retirada, até se transformar numa única mancha vermelha de sangue. Seus gritos de dor eram música para os ouvidos de Yoshida, que degustava o vinho gelado enquanto esperava o clímax de seu prazer.

E era tudo verdade.

No fundo da escada encontrava-se uma ampla sala iluminada. À sua esquerda, duas mesas de sinuca Hermelin, uma tradicional e uma americana, construídas especialmente para ele na Itália. Pendurados à parede, os tacos e tudo que era necessário para o jogo. Havia poltronas e sofás ao redor de um móvel que escondia um bar, um dos muitos espalhados pela casa.

Passou por eles e parou diante da parede em frente, coberta por outro painel de rádica. À direita, num pedestal de madeira de cerca de um metro e meio, havia um grupo marmóreo do período helenístico representando uma Vênus brincando com Eros, iluminada pela lâmpada halógena pendurada no teto.

Não deu atenção à delicadeza da obra, à tensão entre os dois personagens que o escultor tinha conseguido transmitir com sua arte. Pousou as mãos na base da estátua e empurrou. A cobertura de madeira girou sobre si mesma, mostrando o interior oco da base. Encaixado no fundo, havia o mostrador de uma fechadura digital.

Yoshida digitou o código alfanumérico que só ele conhecia, e o painel de rádica deslizou suavemente para o lado, desaparecendo parcialmente na parede da esquerda.

Além da abertura ficava seu reino. Lá estava o prazer que esperava por ele, secreto como o prazer devia ser para se tornar absoluto.

Estava para ultrapassar a soleira da porta quando sentiu um violento golpe na nuca, um lampejo de dor e, imediatamente, o alívio da escuridão.

QUARTO CARNAVAL

QUANDO ALLEN YOSHIDA VOLTA A SI, tem o olhar enevoado e sente a cabeça doer.

Tenta mover um braço, mas não consegue. Pisca os olhos para recuperar a nitidez da visão. Finalmente, reabre os olhos e descobre que está numa poltrona, no centro da sala. Suas mãos e pernas estão presas com arame. Sua boca, coberta por um pedaço de fita isolante.

Diante dele, sentado numa cadeira, está um homem que o fita em silêncio. Não se vê absolutamente nada desse homem.

Veste algo que parece ser um jaleco de trabalho comum, de tecido escuro e de tamanho pelo menos quatro ou cinco vezes maior que o dele. O rosto está coberto por uma touca ninja preta e a parte descoberta na altura dos olhos esconde-se atrás de grandes óculos escuros com lentes espelhadas. Na cabeça, um chapéu preto de abas abaixadas. As mãos estão cobertas por luvas igualmente pretas.

O olhar aterrorizado de Yoshida percorre a figura. Sob o jaleco, as calças, pretas como todo o resto, mostram as mesmas características: um tamanho muito maior que do homem. Caem bem longas, apoiando-se em sapatos de tecido, formando pregas, como as calças de alguns jovens adeptos do hip-hop.

Yoshida percebe uma coisa estranha. Na altura dos joelhos e dos cotovelos, veem-se protuberâncias que estendem o tecido das roupas, como se a pessoa sentada diante dele tivesse prolongamentos ligados às pernas e aos braços.

Ficam em silêncio por certo tempo, que para Yoshida parece interminável, o homem que não se decide a falar e ele que não pode fazê-lo.

Como fez para entrar? Embora estivesse sozinho em casa, a mansão é cercada por um serviço de segurança intransponível, composto de homens armados, cães e câmeras de TV. Como conseguiu superar essas barreiras?

Mas, sobretudo, o que quer com ele? Dinheiro? Se o problema é esse, pode lhe dar quanto ele quiser. Qualquer que seja seu desejo, pode realizá-lo. Não há nada que o dinheiro não possa comprar. Se ao menos pudesse falar…

O homem continua a fitá-lo em silêncio, sentado na cadeira.

Yoshida emite um gargarejo indistinto, sufocado pela fita isolante que aperta sua boca. A voz do homem sai finalmente daquela mancha escura que é seu corpo.

— Salve, sr. Yoshida.

A voz é quente e harmoniosa, mas, estranhamente, para o homem amarrado à poltrona, ela parece mais dura e cortante do que o arame que aperta suas pernas e braços.

Arregala os olhos e emite de novo um ganido indistinto.

— Não se esforce para tentar se comunicar. Não posso entender o que diz e, de todo modo, o que poderia me dizer não tem nenhum interesse para mim.

O homem se levanta da cadeira movendo-se de modo estranho por causa das roupas enormes e das estranhas próteses nos joelhos e cotovelos.

Dirige-se para as costas de Yoshida, que tenta virar a cabeça para segui-lo. Ouve a voz de novo, proveniente de algum ponto atrás dele.

— Criou um belo lugarzinho aqui, um local discreto, onde pode gozar suas pequenas alegrias privadas. Na vida, há prazeres que dificilmente se podem compartilhar com alguém. Posso entendê-lo, sr. Yoshida. Creio que ninguém pode entendê-lo melhor que eu…

Falando, o homem voltou a ficar diante dele. Indica com um gesto o ambiente a seu redor.

A sala retangular em que se encontram não tem janelas. A ventilação é garantida por um sistema cujas saídas se abrem nas paredes um pouco abaixo do teto. No fundo, encostada à parede, há uma cama com lençóis de seda encimada por um quadro, única concessão à simplicidade quase monástica da peça. As duas paredes mais longas são quase inteiramente recobertas por espelhos para eliminar qualquer sensação claustrofóbica com a ilusão de ótica de um aposento maior.

Diante da cama, uma série de monitores de plasma, organizados segundo um esquema de multivisão e conectados a um grupo de videocassetes e aparelhos de DVD. Projetando um filme, pode-se ter a impressão de estar cercado pelas imagens e de estar no centro da ação.

Também há videocâmeras que cobrem organizadamente toda a área da sala, de modo que nenhum ângulo fique de fora. Elas também estão conectadas aos videocassetes.

— É aqui que relaxa, sr. Yoshida? É aqui que esquece o mundo quando quer que o mundo se esqueça do senhor?

A voz quente do homem começa pouco a pouco a transmitir frio. Yoshida sente o frio subir de suas pernas e braços, os quais estão perdendo a

sensibilidade por falta de circulação. Sente o fio de ferro cavando um sulco em sua carne, exatamente como aquela voz escava sua mente.

Com seus movimentos artificiais, o homem se inclina para uma bolsa de tecido que está no chão, ao lado da poltrona em que estava sentado antes. Extrai um disco, um velho LP com a capa protegida por um envelope de náilon.

— Gosta de música, sr. Yoshida? Esta é celestial, pode acreditar. Uma coisa de verdadeiros conhecedores, como o senhor, aliás…

Aproxima-se do equipamento de som encostado na parede e o examina. Vira-se para ele e a luz do quarto é um breve lampejo no espelho dos óculos.

— Parabéns, cuidou de todos os detalhes. Tinha me preparado para uma alternativa, caso não houvesse toca-discos, mas vejo que, ao que tudo indica, está muito bem equipado.

Liga o som e coloca o disco no prato depois de retirar com cuidado a capa. Apoia a agulha sobre o vinil.

As notas de um trompete saem das caixas e espalham-se no ar. É uma música dolente, suave evocação de lembranças, de melancolias capazes de tirar o fôlego, de sofrimentos agudos que só pedem para ser esquecidos. É uma música sem memória, que a memória deseja para deixar de existir.

O homem fica um instante imóvel ouvindo, a cabeça levemente inclinada para o lado. Yoshida pode imaginá-lo com os olhos semicerrados por trás dos óculos escuros. Mas é só um momento, depois o homem desperta.

— Bonito, não? Robert Fulton, um dos grandes. Talvez o maior de todos. E como todos os grandes, um incompreendido…

Aproxima-se curioso do painel de controle de vídeo.

— Espero que consiga entender alguma coisa. Não gostaria que tivesse uma aparelhagem complicada demais para meus parcos conhecimentos, sr. Yoshida. Não, tudo parece bastante claro.

Aperta alguns botões e os monitores se acendem, com a estática típica da ausência de programa. Mexe por mais alguns instantes e finalmente as câmeras de vídeo entram em funcionamento. Nas telas aparece a figura de Yoshida, imobilizado na poltrona no centro da sala, diante de um cadeira vazia.

O homem parece satisfeito consigo mesmo.

— Ótimo. Seu equipamento é mesmo extraordinário. Aliás, não esperaria menos que isso do senhor.

O homem volta a ficar de frente para seu prisioneiro, gira a cadeira e senta com domínio da situação. Apoia os braços deformados nas costas da cadeira. As próteses nos cotovelos esticam o tecido do jaleco que usa.

— Deve estar se perguntando o que quero com o senhor, não é mesmo?

Yoshida emite mais um ganido prolongado.

— Eu sei, eu sei. Se pensa que quero seu dinheiro, pode ficar tranquilo. Dinheiro não me interessa, nem o seu, nem o de qualquer outra pessoa. Estou aqui para uma troca.

Yoshida deixa escapar um jato de ar pelo nariz. Menos mal. Quem quer que seja aquele homem, qualquer que seja seu preço, talvez haja algum modo de chegarem a um acordo. Se não é dinheiro que quer, certamente é alguma coisa que o dinheiro pode comprar. Não há nada que o dinheiro não possa comprar, repete consigo mesmo. Nada.

Relaxa na poltrona. A mordida do arame parece mais leve agora que consegue entrever um respiradouro, uma possibilidade de negociação.

— Dei uma olhada em suas fitas enquanto dormia, sr. Yoshida. Creio que eu e o senhor temos muitos pontos em comum. Ambos, de alguma maneira, temos interesse na morte de pessoas que não conhecemos. O senhor para seu prazer íntimo, eu porque tenho de fazê-lo…

O homem inclina a cabeça como se examinasse a madeira brilhante da cadeira. Yoshida tem a impressão de que está seguindo um raciocínio e de que aquele pensamento o levou para longe dali por alguns instantes. Sua voz transmite o senso de inelutabilidade que é a própia essência da morte.

— E aqui terminam todos os pontos comuns entre nós dois. O senhor faz isso por intermédio de outras pessoas, eu sou obrigado a fazê-lo por mim mesmo. O senhor é uma pessoa que olha matar, sr. Yoshida…

O homem aproxima o rosto sem cara do dele.

— *Eu mato*…

De repente, Yoshida percebe que não tem saída. As manchetes de todos os jornais dedicadas aos homicídios de Jochen Welder e Arijane Parker, a mulher que estava com ele, voltam à sua mente. Há alguns dias, os telejornais têm estado cheios de detalhes horripilantes dos dois crimes, inclusive a assinatura em sangue deixada pelo assassino na mesa de um barco. As mesmas palavras pronunciadas pelo homem que agora está sentado diante dele. É assaltado pela angústia. Ninguém viria em seu socorro, pois ninguém sabe da existência da sala secreta. Mesmo que os seguranças viessem procurá-lo, ao não encontrá-lo em casa, continuariam suas buscas fora dela.

Começa a ganir de novo e a agitar-se na cadeira, dominado pelo pânico.

— O senhor tem algo que me interessa, sr. Yoshida, que me interessa muito. É por isso que posso dizer que me sinto no dever de lhe propor uma troca.

Levanta-se da cadeira e vai abrir a portinhola de vidro do móvel onde estão as fitas VHS. Pega uma fita virgem, tira o invólucro e coloca no videocassete.

Aperta o botão que comanda o início da gravação.

— Uma coisa para meu prazer, contra uma coisa para seu prazer.

Com um movimento fluido, enfia uma mão no bolso do jaleco e, quando a retira, segura um punhal que brilha sinistramente. Aproxima-se de Yoshida, que se agita de maneira selvagem, sem se importar com o arame que corta sua carne. Com o mesmo movimento fluido, planta o punhal numa coxa. O ganido histérico do prisioneiro transforma-se num grito de dor sufocado pela fita isolante que tem na boca.

— Aí está, sr. Yoshida, essa é a sensação.

Aquele enésimo "sr. Yoshida", pronunciado com voz sufocada, soa na sala como um elogio fúnebre. O punhal manchado de sangue voa de novo, dessa vez na outra coxa da vítima.

O movimento é tão rápido que dessa vez Yoshida quase não sente dor, só uma sensação de frescor na perna. Logo depois, a umidade morna do sangue que escorre pela perna.

— Estranho, não? Talvez as coisas mudem, vistas por uma outra ótica. Mas vai ver que no final ficará igualmente satisfeito. Vai ter, mais uma vez, o seu prazer.

Com fria determinação, o homem continua a apunhalar a vítima presa à poltrona e seus gestos são gravados e reproduzidos nas telas ligadas às câmeras de vídeo. Yoshida se vê apunhalado muitas e muitas vezes. Vê o sangue aflorar em longas manchas vermelhas na camisa branca, com o homem que ergue e desce, na sala como na tela, a lâmina de seu punhal, mais e mais. Vê seus próprios olhos enlouquecidos de terror e dor encherem o espaço indiferente do monitor.

A música de fundo, nesse meio-tempo, mudou. O trompete lacera o ar com agudos sustentados por um ritmo acentuado, uma sonoridade feita de percussões étnicas que evocam ritos tribais e sacrifícios humanos.

O homem e seu punhal continuam sua ágil dança ao redor do corpo de Yoshida, abrindo feridas em toda parte, e o sangue jorra como testemunha, nos tecidos da roupa e no chão de mármore.

A música e o homem param simultaneamente, como num balé ensaiado ao infinito.

Yoshida ainda está vivo e consciente. Sente o sangue e a vida escorrerem das feridas abertas em todo seu corpo, que agora é um sinal único de dor. Uma gota de suor desliza em sua testa e queima o olho esquerdo. O homem limpa seu rosto molhado com a manga da camisa manchada de sangue. Um traço avermelhado, curvo como uma vírgula, desenha-se na testa.

Sangue e suor, suor e sangue, como tantas outras vezes. E sobre aquilo tudo, o olhar nada surpreso das câmeras de vídeo.

O homem está ofegante sob a touca de lã. Desliga o gravador e aperta o botão de rebobinagem. Quando a fita volta ao começo, aperta o botão de play.

Nas telas, diante dos olhos semicerrados de Yoshida e de seu corpo que vai se esvaindo lentamente em sangue, tudo recomeça do início. É de novo a primeira punhalada, aquela que atravessou a coxa como um ferro em brasa. E depois a segunda, com seu sopro fresco. E depois as outras…

A voz do homem é agora a voz do destino, suave e indiferente.

— Esta é a minha oferta. Meu prazer pelo seu prazer. Fique tranquilo, sr. Yoshida. *Relaxe e se veja morrer*…

Yoshida ouve a voz chegar através de um espaço cheio de algodão. Tem os olhos fixos na tela. Enquanto o sangue abandona lentamente seu corpo, enquanto o frio avança pouco a pouco para ocupar cada célula, não consegue evitar de sentir idêntico e doentio prazer.

Quando a luz abandona seus olhos, não dá para saber se está mirando o inferno ou o paraíso.

17

MARGHERITA VIZZINI ENTROU NA RAMPA de entrada do estacionamento dos Boulingrins, na praça do Cassino. Tinha pouca gente na rua, àquela hora da manhã. Os moradores que agitavam a vida noturna de Montecarlo, os ricos ou os desesperados, ainda estavam dormindo. E era um pouco cedo demais para o turismo sazonal. Só quem circulava eram as pessoas que iam para o trabalho, como ela. Passou da luz do sol, das pessoas sentadas no Café de Paris tomando café da manhã, das aleias coloridas e ordenadas para a penumbra quente e úmida do estacionamento. Parou seu Fiat Stilo ao lado da coluna e inseriu seu cartão magnético na máquina. A barreira levantou e ela entrou lentamente.

Margherita chegava todas as manhãs de Ventimiglia, na Itália, onde morava. Trabalhava no Escritório de Investimento do ABC, Banco Internacional de Mônaco, na praça do Cassino, bem em frente à butique Chanel.

Foi uma sorte e tanto encontrar aquele trabalho em Montecarlo. E sobretudo consegui-lo sem intermediações ou recomendações de ninguém. Depois de se formar em Economia e Administração com a nota mais alta, tivera diversas propostas de trabalho, como sempre acontece com os estudantes que se distinguem particularmente. Surpreendentemente, uma delas foi da ABC.

Comparecera a uma entrevista sem nenhuma esperança, mas, para seu espanto, foi selecionada e contratada. A empresa oferecia inúmeras vantagens. Antes de tudo, o salário inicial era bem mais alto do que o que poderia conseguir na Itália. E depois havia o fato de que, trabalhando em Montecarlo, o imposto de renda era bem menor…

Margherita sorriu. Era uma moça graciosa, de cabelos castanhos curtos sobre um rosto simpático e agradável aos olhos. Uma nuvem de pequenas sardas sobre o nariz regular dava ao rosto a expressão travessa da versão feminina de um elfo.

Um carro estava dando ré para sair do estacionamento e ela foi obrigada a esperar. Aproveitou a parada para conferir a aparência no espelho retrovisor. O que viu deixou-a totalmente satisfeita.

Michel Lecomte iria ao banco hoje e ela queria estar bem.

Michel…

A lembrança do olhar meigo daquele homem lhe causou uma agradável sensação de calor na boca do estômago. Aquilo que os ingleses chamam de “estômago cheio de borboletas”. Há algum tempo, tinha se estabelecido entre eles um jogo extremamente sedutor, envolvente, mas delicado. Agora, tinha chegado a hora de apertar um pouco o acelerador.

O caminho estava livre. Pegou a rampa e começou a descer para as profundezas do estacionamento, que ocupava vários andares sob a praça. Dispunha de uma vaga pessoal, no penúltimo andar, num espaço reservado aos funcionários do banco.

Guiava com prudência, mas com desenvoltura. Desceu diversos níveis, sentindo os pneus deslizarem sobre o pavimento liso quando girava o volante para fazer a curva para a rampa seguinte. Finalmente chegou a seu andar. O espaço reservado para o banco ficava no fundo, logo depois de uma parede divisória.

Dobrou levemente à esquerda para ultrapassar a divisória e surpreendeu-se ao ver que uma grande limusine, uma reluzente Bentley preta de vidros fumê, ocupava sua vaga.

Estranho. Era muito raro ver um carro daqueles no estacionamento subterrâneo. Era um carro que costumava ter um motorista de terno escuro parado de pé ao lado da porta traseira escancarada para a entrada ou a saída dos passageiros, ou ser abandonado despreocupadamente na porta do Hotel de Paris, deixando a tarefa de estacioná-lo nas mãos do manobrista.

Provavelmente, pertencia a algum cliente do banco. O modelo do automóvel parecia proibir qualquer tipo de protesto, de modo que resolveu estacionar na vaga ao lado.

Talvez porque estivesse distraída, cometeu um pequeno erro de avaliação e bateu na traseira da Bentley, no canto esquerdo, durante a manobra. Sentiu o barulho dos faróis de seu carro se espatifando, enquanto a pesada limusine absorvia o choque com um leve bamboleio das suspensões.

Margherita deu ré lentamente, como se essa atenção pudesse atenuar de alguma forma o pequeno acidente que tinha causado. Quando teve a visão livre, olhou ansiosa para a traseira da Bentley. Havia uma mossa na carroceria, não muito grande, mas bem visível, com a marca do plástico cinza de seu para-choque.

Aborrecida, bateu com a palma das mãos no volante.

Agora teria que enfrentar toda a insuportável burocracia ligada ao acidente, sem contar com o eventual embaraço de ter que confessar a um cliente do banco

que tinha batido em seu carro.

Desceu do carro e aproximou-se da limusine, perplexa. Parou na altura da janela traseira. Teve a impressão de que havia alguém, uma silhueta enevoada atrás do filtro dos vidros fumê.

Aproximou a cabeça do vidro, protegendo os olhos com as mãos para defendê-los de algum reflexo. De fato, dava a impressão de que havia alguém no banco traseiro.

Mas achou estranho. Se fosse assim, a pessoa que estava lá dentro certamente teria descido do carro depois da batida.

Apertou os olhos. Naquele momento, a figura no interior inclinou-se e deslizou de lado, apoiando a testa na janela.

Estarrecida, Margherita viu o rosto de um homem todo vermelho de sangue, os olhos sem vida fitando-a arregalados, os dentes completamente descobertos num sorriso de caveira.

Deu um salto para trás e quase sem perceber começou a gritar.

18

FRANK OTTOBRE E O COMISSÁRIO HULOT não tinham dormido nada.

Haviam passado a noite diante da capa silenciosa de um disco, ouvindo e tornando a ouvir uma gravação que já não lhes dizia muita coisa. Tinham montado e desmontado todas as hipóteses, pedindo ajuda a qualquer um que entendesse de música. Rochelle, um inspetor fanático por música, dono de uma discoteca de primeira ordem, também tinha ficado preso entre os dedos de Carlos Santana, que atormentavam o braço da guitarra.

Tinham navegado na internet de cima a baixo, procurando em todos os sites disponíveis qualquer indicação que pudesse servir para decifrar a mensagem deixada pelo assassino.

Nada.

Estavam diante de uma porta trancada e não conseguiam encontrar a chave. Foi uma noite de muitos cafés e, por mais açúcar que colocassem, de gosto amargo na boca. O tempo passava e com ele as esperanças desmoronavam como areia.

Além da janela, acima dos telhados, o céu estava se cobrindo de azul. Hulot se levantou da escrivaninha e olhou através das vidraças. Na rua, o trânsito aumentava lentamente. Para as pessoas, era um novo dia de trabalho depois de uma noite de sono. Para eles, outro dia de espera depois de uma noite de pesadelo.

Frank estava sentado com uma perna passada sobre o braço da poltrona e parecia ocupado observando o teto. Não abria a boca há alguns minutos. Hulot apertou com os dedos o osso do nariz, depois se virou com um suspiro de cansaço e de impotência.

— Claude, me faça um favor.

— Diga, delegado.

— Sei que você não é garçom, mas é o mais jovem e vai ter que pagar por isso de alguma forma. Não quer ver se consegue encontrar um café que seja um pouco melhor que essa porcaria da máquina?

Morelli sorriu.

— Não via a hora em que ia me pedir. Também estou com vontade de beber um café decente.

Enquanto o inspetor saía da sala, Hulot passou a mão nos cabelos grisalhos, levemente desbastados na nuca que, depois da noite insone, deixavam entrever a pele rosada.

O telefonema a seguir trouxe a certeza de seu fracasso.

Quando Hulot levou o fone ao ouvido ele parecia pesar uma tonelada.

— Hulot — disse uma voz lacônica.

Ouviu o que tinham a dizer e empalideceu.

— Onde?

Outra pausa.

— Certo, estamos indo.

Nicolas desligou e escondeu o rosto entre as mãos.

Durante a conversa, Frank tinha ficado de pé. O cansaço dava a impressão de ter desaparecido num estalar de dedos. De repente, parecia carregar a tensão de um cão de caça. Olhava para Hulot com os maxilares contraídos. Os olhos levemente avermelhados eram duas fissuras.

— Temos um corpo, Frank, no estacionamento subterrâneo, na frente do Cassino. Sem rosto, como os outros dois…

Hulot se levantou da escrivaninha e dirigiu-se para a porta seguido por Frank. Por pouco não esbarraram em Morelli, que estava entrando com um bule e três xícaras.

— Delegado, trouxe o caf…

— Morelli, deixe o café e mande trazerem um carro. Descobriram mais um. Temos que correr.

Saindo de lá, Morelli falou com um policial que estava passando no corredor.

— Dupasquier, preciso de um carro agora. Já.

Desceram num elevador que parecia estar chegando do alto do Himalaia.

Chegaram ao pátio e encontraram um carro esperando com o motor ligado e as portas abertas. Ainda não estavam totalmente fechadas quando a viatura disparou.

— Praça do Cassino. Ligue a sirene, Lacroix, e não economize pneu — disse Hulot ao motorista, um jovem de ar inteligente, que não se fez de rogado e partiu com os pneus cantando.

Passaram pela subida de Sainte-Dévote e chegaram à praça com o apito dilacerante da sirene, entre cabeças que se voltavam à sua passagem. Diante da

entrada do estacionamento, uma pequena multidão de curiosos parecia a cópia daquela da marina, alguns dias antes. Na frente do Cassino estava a mancha colorida dos jardins públicos, cheia de canteiros floridos e palmeiras. À esquerda, na grande aleia da rotatória que ficava diante do Hotel de Paris, um excelente jardineiro cumpria a tarefa de compor com flores a data do dia. Frank não pôde se furtar de pensar que hoje, para a nova vítima, aquela data havia sido escrita com sangue.

O carro da polícia abriu espaço com a ajuda de policiais, passando rente a centenas de olhos que sondavam o interior do estacionamento tentando descobrir quem estava dentro. Entraram no estacionamento e desceram em meio ao rangido dos pneus até chegar ao andar onde dois outros carros esperavam com as luzes acesas. As luzes giratórias lançavam raios luminosos nas paredes e nos tetos.

Frank e o delegado desceram como se os bancos estivessem queimando. Hulot falou com um agente, indicando os outros carros.

— Mande apagarem as luzes, vão nos deixar malucos em pouco tempo.

Aproximaram-se da grande Bentley escura estacionada com a frente contra a parede. Apoiado na janela traseira contra o vidro sujo de sangue, estava o cadáver de um homem.

Assim que o viu, Hulot apertou os punhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Merda! Merda! Merda! Merda! Merda! Merda!… — repetiu infinitas vezes, como se aquele ataque de raiva pudesse mudar o espetáculo que tinha diante dos olhos.

— Foi ele, desgraçado!

Frank sentiu o cansaço da noite em claro se transformar em mal-estar. Enquanto estavam mudos dentro da sala, tentando desesperadamente decifrar a mensagem de um louco, o louco atacava novamente.

Hulot virou-se para os policiais às suas costas.

— Quem encontrou?

Um agente uniformizado se aproximou.

— Fui eu, delegado. Quer dizer, fui o primeiro a chegar. Cheguei para retirar um carro e ouvi a moça gritar…

— Que moça?

— A que encontrou o corpo. Está sentada no carro, em estado de choque, chorando como um salgueiro. Trabalha no banco ABC, aqui em cima. Estava estacionando o carro quando bateu na Bentley e desceu para verificar os estragos. Foi então que viu…

— Ninguém tocou em nada? — perguntou Frank.

— Não, não deixei ninguém se aproximar. Esperamos por vocês.

— Ótimo.

Frank foi até o carro em que tinham chegado para pegar um par de luvas de látex, que calçou enquanto se dirigia para a limusine. Tentou abrir a porta dianteira, do lado do motorista. A fechadura abriu. O carro estava aberto.

Entrou e observou o cadáver. O homem usava uma camisa branca toda ensopada de sangue, tanto que pouco se via da sua cor original. As calças eram negras, presumivelmente de um terno de gala. Viam-se por toda parte os rasgões produzidos no tecido pelas punhaladas. Ao lado do cadáver, no encosto de couro, a mensagem traçada com sangue.

— *Eu mato*…

Passando por cima do banco de couro agarrou o corpo pelos ombros, esforçando-se para puxá-lo para cima e apoiá-lo no encosto de modo que não deslizasse de novo. Naquele momento, sentiu que alguma coisa caía com um barulho surdo no piso do carro.

Saiu do carro de costas e foi abrir a outra porta, ao lado do cadáver. Acocorou-se no chão, os joelhos dobrados, os antebraços apoiados nas coxas. Hulot, de pé às suas costas, inclinou-se para a frente para ver melhor, com os braços atrás das costas. Não estava de luvas e não queria correr o risco de tocar alguma coisa.

De onde estava, Frank viu o que tinha caído no carpete do carro. Quase enfiada sob o banco da frente havia uma fita VHS. Provavelmente, estava no colo do cadáver e o movimento a fizera cair no chão. Pegou uma esferográfica no bolsinho do paletó, enfiou num dos dois furos da fita, levantou e ficou observando um instante. Em seguida, pegou um saco de plástico transparente no bolso, jogou a fita dentro e o vedou.

Durante a operação, percebeu que o morto tinha os pés descalços. E que havia marcas profundas em seus pulsos. Esticou a mão e experimentou a flexibilidade dos dedos. Levantou as calças para verificar se as mesmas marcas também apareciam nos tornozelos.

— Esse pobre infeliz foi imobilizado com algo muito resistente, provavelmente um arame. A julgar pela coagulação e pela mobilidade dos dedos, não está morto há muito tempo. E não morreu aqui.

— Pela cor das mãos, eu diria que morreu dessangrado em razão dos ferimentos.

— Exatamente. Portanto, se tivesse morrido aqui haveria muito mais sangue nos bancos e no piso do carro, e nas roupas. E depois, este não parece ser o local mais adequado para o trabalho que o assassino tinha a fazer. Não, esse infeliz foi

morto em outro lugar e colocado no carro depois.

— Mas por que todo esse trabalho?

Hulot recuou para permitir que Frank levantasse.

— Quer dizer, por que correr o risco de transportar um cadáver de um lugar para outro, à noite, de carro, com medo de ser descoberto? Por que, na sua opinião?

Frank olhou ao redor, perplexo.

— Não sei. É mais uma das coisas que temos que descobrir.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, observando o cadáver apoiado no encosto com os olhos esbugalhados, no espaço estreito de seu reluzente caixão de luxo.

— A julgar pelo que resta das roupas e pelo carro, devia ser alguém que estava muito bem de dinheiro.

— Vamos ver em nome de quem o carro estava.

Contornaram a Bentley e abriram a porta do lado do carona. Frank apertou o botão do porta-luvas no painel de rádica. A tampa deslizou para fora sem fazer barulho. Ele pegou uma carteira de couro que parecia um porta-documentos. Lá dentro estavam os documentos do carro.

— Aqui está. O carro está no nome de uma empresa, a Zen Electronics.

— Santo Deus! Allen Yoshida…

A voz do delegado era um sopro de espanto.

— O proprietário da *Sacrifiles*.

— Merda, Nicolas. É o significado da pista.

— Como assim?

— A música de Santana, a que ouvimos duzentas vezes, está num disco gravado ao vivo no Japão. E Yoshida é meio americano, meio japonês. E lembra da canção de Santana? Tem uma faixa que se chama “Soul Sacrifice”, entende? Sacrifice! *Sacrifiles* é um jogo de palavras com *Sacrifice*. E se não me engano, no *Lotus* também tem uma faixa chamada “Kyoto”. Não me espantaria se Yoshida tivesse alguma coisa a ver com essa cidade também.

Hulot indicou o cadáver no carro.

— Acha que é ele? Que esse é Allen Yoshida?

— Apostaria todo o ouro de Fort Knox. E agora me ocorreu uma outra coisa…

Hulot olhava espantado para o americano. Uma ideia louca estava abrindo caminho na cabeça de Frank.

— Nicolas, se Yoshida foi morto em outro lugar e depois transportado para a

praça do Cassino, para ser descoberto aqui, isso tem um motivo bem preciso.

— Qual?

— Aquele filho da puta quer que a gente se encarregue da investigação!

Hulot pensou que, se o que Frank dizia era verdade, não havia limite para a loucura dos homens, nem para a frieza. Foi assaltado por um presságio amargo quanto aos dias que se seguiriam, quanto ao que esperava por eles, quanto ao assassino que tinham diante de si, quanto aos mortos que já carregavam nas costas.

Um rumor de pneus freando anunciou a chegada da ambulância do instituto médico-legal. Quase em seguida, surgiu também a frente do furgão da perícia.

Hulot se afastou para recebê-los. Frank ficou sozinho ao lado da porta aberta. Enquanto refletia, seu olhar passou pelo som do carro. Havia alguma coisa no gravador. Apoiando a mão no banco, Frank se esticou. Pegou uma fita.

Era uma fita de áudio, daquelas que se encontram no comércio, completamente rebobinada. Frank examinou-a um segundo e depois a introduziu no cartucho do gravador. O aparelho ligou. Em seguida, todos os que estavam ao redor do carro ouviram distintamente, flutuando no ar imóvel do estacionamento, as notas sarcásticas de “Samba Pa Ti”.

19

QUANDO RETORNARAM À CENTRAL, O ESPAÇO na frente do edifício estava cheio de jornalistas.

— Que o diabo os carregue, malditos abutres.

— Era de se prever, Nicolas. Conseguimos fugir deles no estacionamento, mas não se consegue escapar dessa gente para sempre. Lembre-se de que, com todos os problemas que temos, esse é o menor.

Hulot falou com o motorista, o mesmo que dirigira na ida.

— Vamos para a entrada dos fundos. Não tenho nenhuma vontade de falar com eles agora.

O automóvel passou direto e parou na porta da garagem. Vendo o comissário no interior, a massa de jornalistas se deslocou num fluxo tão coordenado que parecia a coroação de um cuidadoso ensaio geral.

A porta ainda não estava levantada e o carro já se encontrava cercado de gente e de perguntas. Mesmo de má vontade, Hulot foi obrigado a descer o vidro da janela. A gritaria dos jornalistas aumentou de intensidade. Um sujeito de cabelos vermelhos com a cara toda sardenta praticamente enfiou a cabeça dentro do carro.

— Delegado, sabe de quem é o corpo no estacionamento?

De trás, uma jornalista do *Nice Matin*, que Hulot conhecia bem, se intrometeu à força, empurrando bruscamente o colega.

— Vocês acham que o assassino é a mesma pessoa que matou Jochen Welder e Arijane Parker? Estamos diante de um *serial killer*?

— O que diz do telefonema dessa noite para a Rádio Monte Carlo? — gritou um outro, despontando sobre seus ombros.

Hulot levantou as mãos para bloquear a rajada de perguntas.

— Por favor, senhores. Todos aqui são profissionais e sabem muito bem que por enquanto não posso dizer nada. Mais tarde haverá um comunicado do diretor. Isso é tudo, por enquanto. Desculpem. Vamos, Lacroix.

Avançando lentamente para não atropelar ninguém, o carro cruzou a entrada da garagem e a porta desceu às suas costas.

Saltaram do carro juntos. Hulot passou as mãos no rosto. Tinha os olhos cercados de olheiras por causa da noite sem dormir e dos horrores que tinha acabado de ver.

Entregou a Morelli a fita que estava em seu bolso, encontrada no carro da vítima. A perícia tinha lhe devolvido assim que constatou que não havia impressões.

— Claude, mande fazer uma cópia de segurança e depois me devolva. E providencie um monitor com um videocassete. Ligue também para Nice e fale com Clavert. Diga que nos procure assim que analisar a fita dessa noite. Não é que espere grande coisa, mas nunca se sabe. Estaremos na minha sala.

Subiram os poucos degraus da escada externa e pararam diante da porta de vidro. Frank empurrou-a e entrou na frente. Desde que tinham se encontrado na rádio, na noite anterior, ele e Hulot praticamente não ficaram um instante sozinhos. Pararam diante do elevador. O delegado apertou o botão e as portas se abriram chiando.

— Está pensando em quê?

Frank deu de ombros.

— O problema não é o que estou pensando, é que não sei mais o que pensar. Esse homem é um caso à parte. Em todos os casos que acompanhei, havia sempre alguma coisa deixada meio ao acaso, havia sempre alguns indícios possíveis que demonstravam, antes de tudo, que o *serial killer* era vítima da sua condição. Esse homem, ao contrário, consegue administrá-la com uma lucidez impressionante.

— É. E nesse meio-tempo chegamos a três.

— Mas tem uma coisa que continuo me perguntando, Nicolas.

— O quê?

— À parte o fato de não sabermos o motivo pelo qual ele retira a pele do rosto de suas vítimas, no primeiro caso, de Jochen Welder e Arijane Parker, tratava-se de um homem e uma mulher. Agora temos um único cadáver, de um homem. Qual é a ligação entre isso? Ou melhor, excluindo por enquanto a mulher, qual é a ligação entre Jochen Welder, duas vezes campeão de Fórmula 1, e Allen Yoshida, empresário internacional da área de informática?

Hulot encostou-se na parede de metal do elevador.

— Os pontos em comum mais evidentes são, acho eu, o fato de ambos serem famosos e terem mais ou menos a mesma idade, cerca de 35 anos. E se quisermos ir adiante, os dois eram fisicamente atraentes.

— Está bem, mas o que Arijane Parker tem a ver com isso? Por que uma mulher?

O elevador chegou e as portas se abriram. Hulot estendeu uma mão para bloquear a célula fotoelétrica.

— É provável que o assassino estivesse interessado apenas em Jochen Welder, mas como ela se meteu em seu caminho, ele foi obrigado a matá-la.

— Certo. Mas então, por que teria dispensado o mesmo tratamento a ela?

Percorreram o corredor e pararam diante da sala de Hulot. Todos os que encontraram olhavam para os dois como se fossem dois veteranos que voltavam da guerra.

— Não sei, Frank. Não sei o que dizer. Temos três mortos e nenhum indício digno desse nome, ou melhor, não conseguimos decifrar a tempo o único que tínhamos. O resultado é que agora temos mais um morto na consciência. E afinal de contas, era tudo muito simples.

— Uma vez li num livro que todos os enigmas são simples, depois que você fica sabendo a resposta.

Entraram na sala. A luz do sol desenhava quadrados de luz no pavimento. Lá fora, era quase verão. Mas dentro daquela sala, ainda reinava o inverno.

Hulot foi para a escrivaninha, pegou o telefone e discou o número direto de Froben, o delegado de Nice. Frank voltou a se sentar na poltrona, numa pose que reproduzia a de algumas horas antes.

— Alô, Claude? É Nicolas, como vai? Ouça, temos um problema. Aliás, temos um problema a mais, para ser exato. Encontramos outro cadáver, dessa vez num carro. Mesma metodologia. O rosto completamente sem pele. Segundo os documentos, o carro pertence à Zen Electronics, a empresa de Allen Yoshida, sabe, o…

O delegado parou, como se tivesse sido interrompido pelo interlocutor.

— O quêêê? Espere, estou aqui com Frank. Vou colocá-lo no viva voz, para ele poder ouvir também. Repita o que acabou de me dizer.

Apertou um botão no telefone e a voz de Froben invadiu o ambiente, levemente distorcida pelo microfone do aparelho.

— Eu disse que estou na casa de Yoshida, em Beaulieu. Coisa de milionário, só para deixar claro. Multimilionário: serviço de segurança com homens e câmeras de vídeo por todo lado. Recebemos uma ligação hoje de manhã, por volta das sete. Os empregados não moram aqui, todo mundo chega às seis e meia. Hoje, assim que chegaram, começaram a arrumar a casa depois da festa que o patrão tinha dado ontem à noite. Quando desceram ao subsolo, encontraram aberta a porta de uma sala cuja existência desconheciam…

— O que significa “cuja existência desconheciam”?

— Significa, Nicolas, exatamente o que eu disse. Um aposento cuja existência eles ignoravam, uma câmara secreta com a porta comandada por fechadura digital escondida na base de uma estátua.

— Desculpe, continue.

— Entraram e encontraram uma poltrona coberta de sangue. Havia sangue no chão e nas paredes. Um lago, como disse literalmente o segurança que nos chamou, e devo dizer que não estava exagerando. Estamos aqui há algum tempo e a perícia ainda está trabalhando. Comecei a interrogar algumas pessoas, mas não encontrei nada.

— Ele o matou aí, Claude. Chegou, matou Yoshida, fez seu trabalho de merda, colocou o corpo no carro e depois abandonou carro e cadáver no estacionamento do Cassino.

— O chefe da segurança, um ex-policial que se chama Valmeere, disse que viu o carro de Yoshida sair às quatro da manhã.

— E não viram quem guiava?

— Não, disse que o carro tem vidros escuros e não se vê nada no interior. E depois era de noite, e com o reflexo das luzes fica pior ainda.

— E não achou estranho que Yoshida saísse àquela hora da noite?

— Foi a pergunta que fiz. Valmeere respondeu que Yoshida *era* um tipo estranho. E que fazia isso de vez em quando. Ele mesmo tentou avisar que não era seguro andar por aí sozinho, mas não teve meio dele entender. Quer saber *o quanto* mister Yoshida era estranho?

— Diga.

— Na tal sala encontramos uma coleção de *snuff movies* de arrepiar. Tem coisa que você nem imagina. Um de meus rapazes teve ânsias de vômito quando viu. Posso lhe dizer uma coisa?

Froben continuou sem esperar resposta.

— Se Yoshida gostava mesmo desse tipo de filme, recebeu exatamente o fim que merecia!

Sentia-se claramente a repugnância na voz de Froben. Aquele era o destino de todo policial. Quando pensava que já tinha tocado o fundo, acontecia alguma coisa que destruía essa convicção.

— Está certo, Claude. Mande o mais rápido que puder os resultados das amostras, fotos, impressões, se houver, e todo o resto. E dê um jeito para que a gente possa fazer uma inspeção no local, se precisar. Agradeço muito.

— Não há de quê. Nicolas…

— Sim?

— Da outra vez eu só pensei em falar, mas agora digo abertamente. Você acredita que eu não queria mesmo estar em seu lugar?

— Acredito, amigo. E como acredito…

Hulot colocou o fone no gancho como se fosse extremamente frágil.

Frank estava apoiado no encosto da poltrona e pela janela olhava um pedaço de céu azul como se não o visse. Sua voz parecia chegar através de mil quilômetros de distância e mil anos de tempo.

— Sabe, Nicolas, às vezes, quando penso nas coisas que acontecem no mundo, coisas como essa, como o World Trade Center, guerras e tudo o mais, o que me vem à cabeça são os dinossauros.

O delegado olhou para ele sem dizer nada. Não conseguia entender onde ele queria chegar.

— Há muito tempo, muita gente tenta entender por que os dinossauros se extinguiram, por que os animais que dominavam o mundo desapareceram assim, de repente. Talvez a explicação mais válida entre todas as possíveis seja também a mais simples. Talvez tenham morrido porque enlouqueceram, todos eles. Exatamente como nós. É isso que nós somos, nada mais do que pequenos dinossauros. E, mais cedo ou mais tarde, nossa loucura será a causa de nossa ruína.

20

MORELLI ENFIOU A FITA NO VÍDEO e quase imediatamente apareceram na tela as barras coloridas do início. Hulot abaixou as persianas para eliminar o reflexo da janela na TV. Frank estava sentado em sua poltrona de sempre, virada na direção do aparelho colocado na parede em frente à escrivaninha.

A seu lado estava Luc Roncaille, o diretor da Sûreté Publique do Principado de Mônaco, que chegou de surpresa à sala de Hulot no momento em que Morelli e outro agente estavam instalando a televisão e o videocassete numa mesa de rodinhas.

Era um homem alto, bronzeado, de têmporas grisalhas, uma edição atualizada de Stewart Granger. Instintivamente, Frank olhou para ele com suspeita. Aquele sujeito tinha mais cara de político do que de técnico. Uma bela cara emblemática e uma carreira feita mais de relações públicas do que de trabalho de campo. Um ótimo cartaz para exibir em ocasiões oficiais. Depois que Hulot fez as apresentações, Frank e eles se estudaram um segundo, fazendo suas respectivas avaliações. Olhando nos olhos de Roncaille, Frank concluiu que não era um idiota. Talvez um oportunista, mas certamente não um idiota. Frank teve a impressão de que, se precisasse jogar alguém no mar para se salvar, ele faria isso sem hesitar. Ou que, em todo caso, não acabaria no mar sozinho. Tinha aparecido ali logo depois da notícia do encontro do corpo de Yoshida. Por enquanto, não estava causando problemas, mas com certeza sua intenção era reunir as informações necessárias para tirar o seu da reta diante dos superiores. O Principado de Mônaco era um pedacinho de terra, mas certamente não era um país de opereta. Havia regras férreas que precisavam ser respeitadas e uma organização estatal de primeira ordem, de fazer inveja a muitas nações.

O fato de que sua polícia estava incluída entre as melhores do mundo confirmava isso.

Finalmente, as imagens apareceram na tela. A primeira coisa que viram foi um homem amarrado à poltrona, a boca tapada por uma fita isolante, os olhos esbugalhados pelo medo, olhando alguma coisa à esquerda. Todos reconheceram

o rosto transtornado de Allen Yoshida. Sua foto tinha saído inúmeras vezes nas capas dos jornais de meio mundo. Depois uma figura escura entrou no campo de visão. Hulot ficou sem fôlego. Olhando aquele homem e o modo como estava vestido, Frank pensou por um instante num defeito da fita ou da filmagem, por causa das protuberâncias nos cotovelos e nos joelhos. Depois percebeu que faziam parte de uma camuflagem e na mesma hora descobriu a identidade da pessoa que estava diante dele.

— Grandessíssimo filho da puta! — sibilou entre dentes.

Os presentes viraram-se para olhar para ele. Frank fez um sinal, como quem pede desculpa por ter perturbado a exibição do filme. Todos se concentraram novamente nas imagens. Com os olhos esbugalhados de horror, viram a figura de negro apunhalar o homem imobilizado na poltrona repetidamente, cientificamente, de modo que nenhuma das punhaladas fosse letal. Viram seus movimentos, que as roupas tornavam artificiais, abrindo feridas que nunca cicatrizariam, viram o sangue se espalhando em câmera lenta sobre o tecido branco da camisa de Yoshida, como flores que se alimentassem de sua vida para enfim desabrocharem.

Viram a morte em pessoa, dançando ao redor de um homem, apreciando sua dor e seu terror, à espera de levá-lo consigo para a eternidade.

Depois de um lapso de tempo que pareceu durar séculos, o homem de negro ficou imóvel. O rosto de Yoshida estava banhado de suor. O homem estendeu um braço e enxugou-o com a manga de seu camisolão. Sobre a testa do prisioneiro, ficou um risco avermelhado, uma vírgula de vida naquele ritual de morte.

Havia sangue por todo lado. No mármore do pavimento, nas roupas, nas paredes. O homem de negro caminhou em direção à aparelhagem instalada na parede à sua direita. Esticou a mão para uma das máquinas. De repente, parou e inclinou a cabeça de lado, como se um pensamento repentino o dominasse. Depois virou de frente para a câmera que estava às suas costas e fez uma reverência, indicando com um gesto suave do braço direito o homem que morria na poltrona.

Virou-se novamente, apertou um botão e a tela foi tomada pela neve do inverno e do inferno.

Na sala, o silêncio tinha para cada um deles uma voz diferente.

Frank foi levado de volta no tempo, para uma casa à beira-mar, para imagens que nunca pararam de passar, como um vídeo sem fim, diante de seus olhos. A lembrança foi uma nova dor, a dor se transformou em ódio e Frank o dividiu igualmente entre ele mesmo e o assassino.

Hulot foi levantar as persianas e a luz do sol voltou à sala como uma bênção.

— Valha-me Deus, que diabo está acontecendo nesse lugar?

A voz saiu como uma prece dos lábios de Roncaille.

Frank se levantou de sua poltrona. Hulot viu a luz de seu olhar. Por um segundo, teve a sensação de que, se a figura de negro daquele vídeo tivesse retirado os óculos espelhados, em seus olhos também se veria a mesma luz.

À água, água; ao fogo, fogo; à loucura, loucura. E à morte, morte.

Hulot estremeceu como se o ar-condicionado tivesse trazido um sopro de vento do polo Norte. E talvez a voz de Frank viesse do mesmo lugar.

— Senhores, acabamos de ver Belzebu em pessoa. Esse homem talvez seja louco de pedra, mas tem uma lucidez e uma astúcia sobre-humanas.

Indicou com a mão o vídeo ligado, ainda com os efeitos da estática.

— Viram como está vestido. Viram os cotovelos e os joelhos. Não sei se era sua intenção gravar essa fita quando entrou na casa de Yoshida. Provavelmente não, pois não podia saber da sala secreta e da perversão particular do dono da casa. Talvez tenha sido um improviso. Talvez o tenha surpreendido na hora em que estava abrindo seu *sancta sanctorum*. Deve ter achado divertida a ideia de que pudéssemos vê-lo enquanto matava aquele infeliz. Talvez o termo correto seja *admirá-lo*. Isso no que diz respeito à sua insanidade. Morelli, pode voltar a fita?

O inspetor apontou o controle remoto e, depois de um estalido, o aparelho começou a chiar, rebobinando a fita. Alguns segundos depois, Frank o deteve com um gesto.

— Está bom assim, obrigado. Pode parar a imagem num ponto em que possamos ver bem nosso homem?

Morelli apertou um botão e a imagem na tela se deteve na figura de negro com o punhal erguido. A pausa congelou no ar uma gota de sangue que caía da lâmina. O chefe da polícia apertou os olhos cheios de repugnância. Certamente, um espetáculo daqueles não fazia parte de sua rotina.

— Aí.

Frank se aproximou da tela e apontou o braço levantado do assassino na altura da cotovelo.

— O homem sabia que a casa estaria cheia de câmeras de vídeo. No mínimo, conhecia o fato de que existem câmeras de vídeo posicionadas por todo lado no Principado. Sabia que, ao levar o carro para o Parking des Boulingrins, corria o risco de ser filmado. E sabia, sobretudo, que as medidas antropométricas que podem ser feitas por meio de análises de uma cena qualquer representam um parâmetro de identificação. Há valores que são típicos do indivíduo. O tamanho das orelhas, a distância dos pulsos aos cotovelos, a distância dos tornozelos aos

joelhos. Podem ser identificadas com aparelhagens que fazem parte dos equipamentos periciais de qualquer polícia do mundo. Foi por isso que colocou essa espécie de proteção nas pernas e nos braços. Assim, não nos deixou a menor possibilidade de levantar nenhum dado. Nada de rosto, nada de corpo. Apenas a estatura, mas milhões de pessoas têm a mesma estatura. Por isso eu disse que ele é muito lúcido e esperto, além de louco.

— Mas esse maníaco tinha que vir cair bem aqui?

Talvez Roncaille estivesse ouvindo rangidos sinistros provenientes de sua poltrona de chefe da polícia. Olhou para Frank tentando recuperar uma aparência de frieza.

— O que pretendem fazer agora?

Frank olhou para Hulot. O delegado entendeu que estava lhe passando a palavra para que fizesse as honras da casa em relação às considerações de Roncaille.

— Estamos com várias frentes de investigação. Temos poucos indícios, mas é sempre alguma coisa. Estamos esperando que nos mandem de Lyon os resultados da análise mais aprofundada das fitas dos telefonemas. Cluny, o psiquiatra, está fazendo um relatório sobre o assunto, com base nessas mesmas fitas. Temos os resultados das perícias no barco, no carro de Yoshida e na casa dele. Não que a gente espere grande coisa disso, mas sempre pode ter escapado alguma coisa. Os protocolos das autópsias não disseram muito mais do que foi revelado pelos primeiros exames. A única verdadeira ligação que temos com o assassino são os telefonemas para a Rádio Monte Carlo antes de atacar. Estamos vigiando a emissora 24 horas por dia. Infelizmente, como vimos, o sujeito tem uma astúcia e um preparo comparáveis apenas à sua selvageria. No momento, só podemos esperar que cometa um erro. Organizamos uma divisão, sob o comando do inspetor Morelli, que recebe todos os telefonemas e monitora todos os sinais suspeitos…

Morelli sentiu-se chamado às falas.

— Recebemos muitos e acho que vamos receber mais ainda depois desse novo homicídio. Às vezes, coisas delirantes, do tipo extraterrestres e anjos vingadores, mas quanto ao resto, não estamos descartando nada. É evidente que para monitorar tudo isso precisamos de tempo e pessoal, e nem sempre dispomos…

— Hummm. Quanto a isso, vou ver o que posso fazer. Posso pedir o apoio de agentes da polícia francesa. É desnecessário dizer que o Principado não vê uma história dessas com bons olhos. Sempre cultivamos uma imagem de segurança, de uma ilha de tranquilidade em meio às confusões que acontecem pelo mundo. Agora que esse maluco nos obrigou a enfrentar um número impressionante de

assassinatos, temos que sair dessa dando provas de uma eficiência compatível com essa imagem. Em poucas palavras, precisamos pegá-lo. O mais rápido possível. Antes que mate mais gente.

Roncaille se levantou alisando as pregas de sua calça de linho.

— Bem, vou deixá-los trabalhar. Confesso que terei que repassar as informações que acabaram de me dar ao secretário de Justiça. É uma tarefa que eu recusaria, se pudesse. Hulot, mantenha-nos informados a qualquer hora do dia ou da noite. Que venha o touro, senhores!

Dirigiu-se para a porta, abriu-a e saiu da sala fechando-a delicadamente atrás de si. O sentido das palavras, mas sobretudo o tom de sua voz, não dava margem à dúvida sobre aquele “precisamos pegá-lo”. O sentido exato era “vocês têm que pegá-lo”. E a ameaça de represálias desagradáveis em caso de insucesso não era nem mesmo velada.

21

FRANK, HULOT E MORELLI FICARAM NA SALA saboreando o gosto amargo da derrota. Tiveram um indício, mas não conseguiram decodificá-lo. Tiveram a possibilidade de deter o assassino e tudo o que tinham agora era um outro cadáver com o rosto sem pele estendido na mesa de um necrotério. Por enquanto, Roncaille tinha vindo apenas como batedor, numa operação de reconhecimento à espera da batalha propriamente dita. Queria adverti-los de que, a partir daquele momento, seriam desencadeadas forças que podiam exigir a cabeça de muita gente. E que a sua, se fosse o caso, não cairia sozinha. E ponto final.

Bateram na porta.

— Entre.

Atrás da porta semicerrada surgiu o rosto marcado de Claude Froben.

— Delegado Froben obedecendo à convocação.

— Ah! Oi, Claude, entre, entre.

Froben entrou e percebeu, imediatamente, o ar de fracasso que dominava a sala.

— Saudações a todos. Cruzei com Roncaille lá fora. Momento ruim, não?

— Não podia ser pior.

— Bem, Nicolas, trouxe um presente. Reveladas em tempo recorde, exclusivamente para você. Quanto ao resto, sinto muito, mas terá que esperar mais um pouco.

Deixou na escrivaninha o envelope marrom que tinha nas mãos. Frank se levantou da poltrona e foi abri-lo. Dentro, encontrou várias fotos em preto e branco. Folheou-as e viu uma versão estática do que já tinha visto no vídeo. Uma sala vazia que era a imagem metafísica do crime. A sala onde uma figura de negro tinha massacrado um homem de alma ainda mais negra. Agora, nem um nem outro estavam mais lá.

Percorreu as fotos lentamente antes de passá-las a Hulot. O delegado deixou-

as na escrivaninha sem nem olhar.

— Encontraram alguma coisa? — perguntou sem muita esperança a Froben.

— Pode imaginar o cuidado com que meus rapazes revistaram aquela sala e a casa em geral. Tem muitas impressões, mas como você sabe, muitas impressões às vezes são o mesmo que nenhuma. Se me mandar as impressões do cadáver podemos fazer a identificação definitiva. Encontramos cabelos na poltrona e, embora as possibilidades de que sejam de Yoshida sejam muito grandes…

— Os cabelos *são* de Yoshida. E o morto é ele, com 100% de certeza — interrompeu Hulot.

— Por que está tão certo disso?

— Antes de continuarmos, acho justo que você veja uma coisa.

— Que coisa?

Hulot se encostou na cadeira e virou-se para Morelli.

— Sente e segure-se bem. Morelli, pode começar, por favor.

O inspetor apontou o controle e mais uma vez a tela encheu-se com a dança macabra do homem que mata ao redor do homem que vai morrer. Seu punhal parecia uma agulha costurando a morte sobre a roupa de Yoshida, uma fantasia vermelho-sangue para o carnaval do inferno. Froben tinha os olhos esbugalhados. Quando o filme se encerrou com a inclinação assimétrica e cheia de satisfação do homem de negro, levou alguns segundos para recuperar a voz.

— Cristo! Isso já não é mais desse mundo… Quase me dá vontade de fazer o sinal da cruz. O que um homem desses pode ter na cabeça?

— Todo o talento que a loucura pode colocar à disposição do mal: sangue-frio, inteligência, astúcia. E sem o menor indício de piedade.

Nas palavras de Frank estava sua própria condenação, e eram as mesmas para o assassino que estavam enfrentando. Nenhum dos dois podia parar. Aquele homem continuaria a matar até que conseguissem encurralá-lo contra a parede. E para conseguir isso, ele teria que abandonar sua mente de homem racional e vestir-se, ele também, de negro.

— Froben, tem alguma coisa sobre as fitas encontradas com Yoshida?

Frank passou de um assunto para outro num segundo, usando o mesmo tom de voz.

Por um instante, o delegado ficou contente com o novo rumo da conversa. Havia uma luz nos olhos daquele americano que de vez em quando o atemorizava. E sua voz às vezes tinha o som de quem murmura fórmulas mágicas para evocar fantasmas. Froben indicou a tela com uma careta.

— Coisas como esta, de fazer gelar o sangue nas veias. Começamos a investigar e vamos ver até onde nos leva. Tem coisas ali dentro que me fazem

pensar que o falecido sr. Yoshida não era, em vida, um elemento muito melhor do que o sujeito que o matou. Coisas capazes de zerar completamente a confiança no gênero humano. Para mim, aquele canalha sádico teve o fim que merecia.

Hulot, sentado à escrivaninha, finalmente deu voz a seus pensamentos.

— Tem uma pergunta que ficou na minha cabeça. Na opinião de vocês, por que o assassino fez questão de fazer essa fita para nós?

Frank deu dois passos na sala, em direção à janela. Apoiou-se no peitoril de mármore. Olhou através dos vidros para uma rua que, naquele momento, não via.

— Ele não a fez para nós.

— O que quer dizer "não fez para nós"?

— Perto do fim da fita, antes de desligar o aparelho, tem um momento em que ele para. Foi só *nesse momento* que pensou em nós. Foi quando se virou e fez uma reverência. Não, a fita não foi feita para nós…

— E foi feita para quem, então?

Froben virou, mas só viu os ombros e a nuca do americano.

— Foi feita para Yoshida.

— Para Yoshida?

Frank voltou lentamente para o centro da sala.

— Isso mesmo. Como viram, ele agiu de tal maneira que nenhum dos ferimentos fosse mortal. Yoshida morreu se esvaindo em sangue, lentamente. Como veem, o mal às vezes tem formas estranhas de homeopatia. Seu assassino o fez assistir à sua própria morte.

QUINTO CARNAVAL

O HOMEM ESTÁ DE VOLTA.

Tranca com cuidado a porta hermética de seu posto de paredes de metal. Silencioso e só, como sempre. Agora está isolado do mundo outra vez, exatamente como o mundo está isolado lá fora.

Sorri enquanto apoia delicadamente uma mochila na mesa de madeira encostada na parede. Dessa vez tem certeza de que não cometeu erros. Senta e acende a luz sobre a mesa com os gestos solenes de um ritual. Solta as fivelas de pressão da mochila e a abre com os mesmos movimentos cerimoniais. Retira uma caixa negra de papelão, que coloca sobre a mesa. Fica alguns instantes admirando a caixa, como quem contempla um presente e adia voluntariamente o prazer de descobrir o que tem dentro.

A noite não se passou em vão. O tempo dobrou-se com docilidade às suas conveniências. Outro homem inútil dobrou-se às suas necessidades, entregando-lhe o que precisava. A música está livre, agora. Em sua cabeça ressoa a marcha triunfal da vitória.

Abre a caixa e enfia cuidadosamente as mãos. A luz do abajur ilumina o rosto de Allen Yoshida quando ele o retira delicadamente do invólucro de papelão. Algumas gotas de sangue caem, juntando-se às outras no fundo da caixa. O sorriso do homem se alarga. Dessa vez tinha prestado muita atenção e usado uma cabeça de plástico leve, do tipo que se usa para guardar perucas, como suporte para seu troféu.

Examina com atenção a máscara mortuária e seu sorriso adquire uma nova razão de ser. Pensa que nada mudou. Do vazio de um estúpido manequim humano ao plástico inerte de outro boneco.

Passa delicadamente as mãos sobre a epiderme esticada, acaricia os cabelos cuja luz a morte apagou, verifica se não há nenhum dano no couro cabeludo ou na pele. Nenhum corte, nenhuma escoriação. O círculo dos olhos é perfeito. Os lábios, o ponto mais difícil, são cheios e carnudos. Apenas algumas manchas de sangue ofuscam a beleza daquele rosto.

Ótimo trabalho. Relaxa um momento contra o encosto da cadeira, cruzando as mãos atrás da nuca. Curva a espinha para alongar os músculos do pescoço.

O homem está esgotado. A noite foi proveitosa, mas extremamente cansativa. A tensão diminui pouco a pouco e a exaustão chega para cobrar seu preço.

O homem boceja, mas ainda não é hora de dormir. Primeiro tem de acabar seu trabalho. Levanta-se e abre um móvel. Pega uma caixa de lenços de papel e um vidrinho de desinfetante e volta a sentar-se diante da mesa. Começa a limpar com delicadeza as manchas de sangue sobre a máscara.

Agora a música em sua cabeça tem o som pacato de certos temas *new-age*, ondula no contraponto delicado de coros em sobreposição. Um instrumento étnico, talvez uma flauta de Pã, acaricia sua mente com o mesmo movimento suave com que ele acaricia aquilo que já foi o rosto de um homem.

Agora terminou. Na mesa, ao lado da máscara, alguns lenços com manchas rosadas. O homem admira sua obra-prima com os olhos semicerrados.

Desde que entrou, praticamente não fez barulho, mas a voz chega assim mesmo, cheia de apreensão:

É você, Vibo?

O homem levanta a cabeça e olha para a porta que se abre ao lado da escrivaninha em que está sentado.

— Sim, sou eu, Paso.

Por que demorou tanto? Estava me sentindo sozinho aqui, no escuro.

O homem tem um esgar de nervoso, mas não deixa transparecer na voz. Vira o rosto para a abertura imersa na penumbra da porta à sua esquerda.

— Não fui me divertir, Paso. Tudo o que fiz foi para você…

Há um leve tom de censura, que provoca uma resposta repentinamente submissa.

Eu sei, Vibo, eu sei. Sinto muito. Desculpe. É que o tempo não passa nunca quando você não está aqui.

O homem sente uma onda de ternura por dentro. Sua pequena cólera se esvai. É, de repente, o leão que relembra os jogos infantis da ninhada. É o lobo que defende e protege os mais fracos da matilha.

— Tudo bem, Paso. Agora vou dormir aqui, com você. E além disso, trouxe um presente.

Voz surpresa. Voz impaciente.

O que é, Vibo?

O sorriso retorna ao rosto do homem. Recoloca o rosto na caixa e fecha a tampa. Apaga a lâmpada diante de si. Dessa vez, tudo seria perfeito. Sempre sorrindo, pega a caixa e vai para a porta além da qual estão a escuridão e a voz.

Com o cotovelo acende a luz de um interruptor à sua esquerda.

— Uma coisa da qual você vai gostar, vai ver…

O homem entra no quarto. É um quarto nu, de paredes de metal pintadas de cinza, cor de chumbo. À direita, uma cama de ferro espartana com uma mesinha de cabeceira de madeira, também muito simples. No tampo do móvel, um abajur e nada mais. A cama está feita, sem uma prega. O travesseiro e a barra do lençol dobrada sobre a colcha estão perfeitamente limpos.

Paralela ao leito, a cerca de um metro de distância, há uma caixa de vidro de aproximadamente dois metros, suspensa do chão por dois cavaletes semelhantes aos que seguram a mesa do outro aposento. O fundo da caixa é conectado por meio de um furo a um tubo de borracha com vedação hermética que acaba numa pequena máquina apoiada no chão, entre as pernas do cavalete mais próximo da porta. Da máquina parte um fio elétrico que vai até uma tomada.

Estendido na caixa há um corpo mumificado. É o cadáver de um homem de cerca de um metro e oitenta de altura, completamente nu. Os membros ressequidos revelam que devia ter uma compleição muito semelhante à do homem, embora agora a pele apergaminhada tenha murchado evidenciando as costelas, destacando as articulações dos joelhos e dos cotovelos, que despontam como nos artelhos de certos animais.

O homem se aproxima e apoia a mão no vidro. O calor desenha um leve halo sobre o vidro perfeitamente limpo. Seu sorriso se alarga. Ergue e mantém seu presente suspenso sobre o cadáver, na altura do rosto de pergaminho.

Não vai me dizer o que é, Vibo?

O homem olha o corpo com afeto. Percorre com o olhar o rosto esfolado do qual alguém com habilidade cirúrgica retirou completamente toda a pele da face e da cabeça. O homem responde ao sorriso do cadáver com um sorriso misterioso, busca com os olhos seus olhos apagados, espia com ansiedade sua expressão rígida, como se percebesse uma mudança nos músculos ressequidos que têm a cor de uma cera acinzentada.

— Já vai ver. Quer um pouco de música?

Sim. Não. Não, depois, primeiro quero ver o que tem aí dentro. Quero ver o que você trouxe para mim.

O homem dá um passo para trás, como se brincasse com uma criança que é preciso controlar e defender de sua própria impaciência.

— Não, esse é um momento importante, Paso. Precisamos de um pouco de música. Espere, volto logo…

Não, Vibo, depois, agora quero…

— Só um segundo, espere.

O homem coloca o presente numa cadeira de madeira dobrável aberta ao lado do caixão transparente.

Desaparece atrás da porta. O cadáver fica sozinho, imóvel em sua pequena eternidade, a fitar o teto. Pouco depois, da sala, ouvem-se as notas dolentes do "Instrumental Solo", de Jimi Hendrix em Woodstock, movendo-se no ar. O hino americano, traduzido pela guitarra distorcida, perde seu ar triunfal. Não há mais heróis com suas bandeiras. Há somente o lamento de quem partiu para uma guerra estúpida e o pranto de quem, por causa da mesma guerra estúpida, não o viu voltar nunca mais.

A luz da sala se apaga e o homem reaparece no vão escuro da porta.

— Gosta dessa, Paso?

Claro, você sabe que sempre gostei. Mas agora, deixe eu ver o que trouxe para mim…

O homem se aproxima da caixa colocada sobre a cadeira. O sorriso em seu rosto não se apagou. Tira a tampa com gestos solenes e deposita-a no chão, ao lado da cadeira. Pega a caixa de presente e coloca sobre o esquife, na altura do peito do corpo estendido no interior.

— Você vai gostar, vai ver só. Tenho certeza de que vai ficar ótimo em você.

Com gestos precisos, tira o rosto de Allen Yoshida que envolve a cabeça de manequim como uma máscara de plástico. Os cabelos têm movimento, como se ainda estivessem vivos, como se fossem tocados por um vento que nunca chegará até ali, embaixo da terra.

— Aqui está, Paso. Olhe!

Oh, Vibo, é lindo. É para mim?

— Claro que sim. Vou colocar agora mesmo.

O homem, com a máscara na mão esquerda, aperta com a direita o botão colocado na ponta do caixão. Sente-se o leve assobio do ar enchendo o caixão transparente. Agora já pode levantar a tampa, que se abre girando sobre as dobradiças colocadas do lado direito do esquife.

Segurando a máscara com as duas mãos, coloca-a com delicadeza sobre o rosto do cadáver, prestando atenção para encaixar as aberturas dos olhos nos olhos vítreos do morto, nariz com nariz, boca com boca. Com infinita precaução, enfia a mão sob a nuca do cadáver para erguê-la e colocar a máscara na parte de trás, aproximando as bordas de modo que não formem pregas.

A voz é impaciente e temerosa ao mesmo tempo.

Como ficou, Vibo? Posso ver?

O homem afasta-se um passo e observa inseguro o resultado de seu trabalho.

— Espere. Espere só um segundinho. Falta uma coisa…

O homem se aproxima da mesinha de cabeceira, abre a gaveta e retira um pente e um espelho. Retorna à cabeceira do morto com a ansiedade de um pintor que volta a um quadro incompleto, que a última e definitiva pincelada de cor vai transformar numa obra-prima.

Com o pente ajeita os cabelos da máscara, já opacos, sem brilho, como se quisesse lhes dar um toque de vida que não possuem mais. Naquele momento, o homem é pai e é mãe. É a dedicação sem tempo e sem limites. Em seus gestos há uma ternura e um afeto infinitos, como se carregasse dentro de si vida e calor suficientes para os dois, como se o sangue de suas veias e o ar de seus pulmões se dividissem igualmente entre ele e o corpo sem memória estendido em seu caixão de vidro.

Levanta o espelho diante do rosto do morto com uma expressão de triunfo.

— Pronto!

Um segundo de estupefato silêncio. A guitarra esfiapada de Jimi Hendrix dá voz ao campo de batalha percorrido por *"The Star-Spangled Banner"*. Lá estão os feridos de todas as guerras e a busca de sentido para todos os que morreram por valores sem valor.

Uma lágrima emocionada cai do rosto do homem sobre o rosto do cadáver coberto pela máscara. Parece uma lágrima de alegria do morto.

Vibo, agora eu também estou bonito. Tenho um rosto como todo mundo.

— Sim, Paso, está realmente bonito, mais do que todos os outros.

Nem sei como agradecer, Vibo. Não sei o que seria de mim sem você. Primeiro…

Há emoção naquela voz. Há gratidão e lamento. Há o mesmo afeto e a mesma dedicação que estão nos olhos do homem.

Primeiro, você me libertou do meu mal e agora me deu… me deu esse presente, um rosto novo, um rosto lindo. Como poderei pagar minha dívida com você?

— Não deve nem dizer isso, entendeu? Não deve dizer isso nunca. Fiz isso por você, pois os outros estão em dívida com você, têm que devolver tudo o que roubaram. Farei de tudo para recompensá-lo por tudo que lhe fizeram, eu prometo…

Quase sublinhando a ameaça daquela promessa, a música transforma-se de repente na energia avassaladora de "Purple Haze", a mão de Hendrix atormentando as cordas de metal em sua corrida rumorosa para a liberdade e o aniquilamento.

O homem volta a fechar a tampa que pousa sem rumor na guia de borracha. Aproxima-se do compressor colocado no chão e aperta o botão. Com um cicio a

máquina começa a funcionar e extrair o ar do interior do caixão. Por causa do vácuo, a máscara adere ainda mais ao rosto do morto, provocando uma leve prega de um lado que dá ao cadáver a expressão de um sorriso satisfeito.

O homem vai para a cama tirando a camiseta preta que vestia. Joga-a num banco encostado na estrutura de ferro da cama. Continua a se despir até ficar nu. Enfia o corpo atlético entre os lençóis, apoia a cabeça no travesseiro e fica estendido de costas fitando o teto, na mesma posição do corpo estendido em seu esquife brilhante.

A luz se apaga. Da sala chega apenas o brilho embaçado das luzes vermelhas e verdes dos aparelhos eletrônicos, furtivos como olhos de gato num cemitério.

A música chegou ao fim.

No silêncio de túmulo, o homem vivo desliza para um sono sem sonhos como o sono dos mortos.

22

FRANK E HULOT CHEGAM À PRAÇA central de Eze Village, deixando à esquerda a butique de Fragonard, o fabricante de perfumes. Frank lembrou com um aperto no coração que Harriet tinha feito um estoque de essências em sua última viagem à Europa. Reviu seu corpo esbelto e firme sob o tecido leve do vestido de verão, estendendo o pulso para receber o borrifo de água-de-colônia para um teste. Viu como esfregava o local com a mão esperando que o líquido evaporasse antes de sentir, quase com surpresa, o aroma combinado da pele com o perfume.

Usava um daqueles perfumes no dia em que…

— Está aqui ou preciso ir buscá-lo em outro lugar?

A voz de Nicolas apagou abruptamente as imagens que Frank tinha diante dos olhos. Percebeu que estivera longe dali.

— Não, estou aqui. Só um pouco cansado, mas estou.

Na verdade, o mais cansado ali era Nicolas. Tinha olheiras sob os olhos vermelhos de quem passou uma noite em claro e precisa desesperadamente de um banho morno e de uma cama fresca, nessa ordem. Frank tinha ido para o Parc Saint-Roman e dormido algumas horas à tarde, mas Hulot ficara na sala preparando toda a burocracia que uma investigação policial exige. Quando o deixou na central, Frank pensou que, no dia em que não fossem obrigados a perder metade de seu tempo preenchendo papelada, os policiais poderiam salvar as pessoas honestas dos criminosos e ao mesmo tempo as florestas da Amazônia.

Agora, ia jantar na casa de Nicolas, com sua mulher, Céline. Virando à esquerda, deixaram para trás o estacionamento, os restaurantes e as lojas de suvenires e pegaram a rua que levava à parte alta da cidade. Um pouco abaixo da igreja que domina Eze ficava a residência de Nicolas Hulot, uma casinha clara de telhado escuro, construída na borda do vale, de uma forma tal que Frank sempre se perguntava que expedientes o arquiteto que fez o projeto usara para impedi-la de sucumbir à força da gravidade e precipitar-se, rolando, ribanceira abaixo.

Estacionaram o Peugeot na vaga reservada e Frank ficou ao lado de Nicolas

enquanto ele abria a porta. Entraram em casa. Frank permaneceu de pé no corredor olhando ao redor. Nicolas fechou a porta atrás deles.

— Céline, chegamos.

A cabeça castanha da sra. Hulot despontou na porta da cozinha, no fundo do corredor.

— Oi, amor. Oi, Frank, vejo que continua tão bonitão quanto eu me lembrava. Como vai?

— Um caco. A única coisa que pode dar jeito em mim é sua comida. E a julgar pelo perfume, parece que tenho ótimas chances de cura.

A sra. Hulot deu um sorriso que iluminou seu rosto bronzeado. Saiu da cozinha enxugando as mãos num pano de prato.

— Está quase pronto. Nic, ofereça uma bebida a Frank enquanto esperam. Estou um pouco atrasada. Perdi muito tempo hoje arrumando o quarto de Stéphane, como de hábito. Já disse mil vezes que ele precisa ser um pouco mais organizado, mas não tem jeito. Quando sai de casa, o quarto fica sempre na maior bagunça.

A mulher deu meia-volta, retornando à cozinha num esvoaçar de saias. Frank e Nicolas entreolharam-se. Nos olhos do delegado passou a sombra de uma dor que nunca teria fim.

Stéphane, o filho de 20 anos de Celine e Nicolas Hulot, morrera em consequência de um acidente de carro, alguns anos antes, depois de permanecer um longo tempo em coma. Depois de tudo aquilo, a mente de Céline se recusou a aceitar a morte do filho. Continuou a ser a mesma mulher de antes, doce, inteligente e esperta, sem perder nada da antiga personalidade. Simplesmente se comportava como se Stéphane continuasse a dividir o cotidiano com eles, em vez de ser uma fotografia e um nome numa lápide no cemitério. Os médicos consultados desistiram depois de algumas sessões, aconselhando Hulot a não contrariar a inofensiva mania da mulher, considerando que, em geral, costumava ser apenas um caminho providencial para evitar danos psicológicos maiores.

Frank conhecia o problema de Céline Hulot e se adaptara à situação desde a primeira vez que estivera na Europa, alguns anos antes. Harriet tinha feito o mesmo quando passaram férias juntos em Côte d’Azur.

Depois da morte de Harriet, a amizade entre ele e Hulot ficara ainda mais sólida. Um conhecia o sofrimento do outro e foi justamente esse vínculo que levou Frank a aceitar seu convite para voltar ao Principado de Mônaco.

Hulot tirou o paletó e pendurou num cabide Thonet encostado na parede da esquerda. Toda a casa era decorada com móveis de modernariato, frutos de cuidadosa pesquisa, que remetiam agradavelmente à época em que a casa tinha

sido construída.

Guiou Frank até o salão, que se abria com duas portas envidraçadas para um amplo terraço que dominava toda a costa.

Do lado de fora, a mesa já estava posta com esmero, ostentando um arranjo de flores amarelas e roxas no centro da toalha imaculada. Havia uma atmosfera caseira, de coisas simples mas escolhidas cuidadosamente, com amor por uma vida tranquila, sem ostentações. Havia o laço indissolúvel entre Nicolas e a mulher, a dor pelo filho que já não estava mais lá, o lamento por tudo o que podia ter sido mas não foi.

Frank podia sentir tudo isso no ar. Era um estado de espírito que conhecia perfeitamente, aquela sensação de perda que a vida carrega inevitavelmente consigo nos lugares que toca com a mão pesada da dor. No entanto, estranhamente, em vez de angústia, Frank encontrava um pouco de paz naquele lugar, nos olhos vivos de Céline Hulot, que teve a coragem de sobreviver ao filho morto refugiando-se no porto tranquilo de sua loucura inocente.

Frank sentia inveja e tinha certeza de que o amigo sentia o mesmo. Para ela, os dias não eram números que uma mão apagava de um calendário dia após dia, para ela o tempo não era a espera interminável por alguém que nunca chegaria. Céline tinha o sorriso feliz de quem está numa casa vazia, mas sabe que as pessoas que ama retornarão em algumas horas.

— O que quer beber, Frank?

— O perfume no ar conta histórias de comida francesa. O que acha de um aperitivo francês? Arriscaria até mesmo um Pastis.

— Perfeito!

Nicolas caminhou até o bar e começou a manipular copos e garrafas. Frank saiu para a varanda e ficou de pé, admirando a vista. De lá, dominava-se um longo trecho da costa, as enseadas e reentrâncias, os promontórios que acabavam no mar como dedos apontando para o horizonte. O vermelho daquele pôr do sol era, para todos os demais, a promessa de um outro dia azul que não se cumpriria para eles.

Talvez aquela história o tivesse marcado para sempre, mas o título de um álbum de Neil Young veio à mente de Frank: *Rust Never Sleeps*.

A ferrugem nunca dorme.

Diante de seus olhos espraiavam-se todas as cores do paraíso. Água azul, montanhas verdes imersas no mar, o ouro vermelho do céu num pôr do sol tão lindo que partia o coração.

Mas para pisotear o chão, lá estavam eles, os homens dessa terra, iguais aos homens de centenas de outros lugares, em guerra contra tudo e todos, com um

único ponto em comum: a desesperada tentativa de destruir absolutamente tudo.

Nós somos a ferrugem que nunca dorme.

Ouviu Nicolas às suas costas. Virou-se e ele estava a seu lado com dois copos na mão, cheios de um líquido opaco e leitoso. O gelo tilintou contra o vidro quando Nicolas lhe estendeu o aperitivo.

— Aqui está, sinta-se francês por um gole ou dois, depois volte a ser americano: para mim, você é mais útil assim.

Frank levou o copo aos lábios, sentindo no nariz e na boca o perfume penetrante do anis. Beberam com calma, em silêncio, um ao lado do outro, sozinhos e determinados diante de alguma coisa que parecia não ter fim. Tinha se passado um dia desde a descoberta do cadáver de Yoshida e nada acontecera. Um dia gasto inutilmente à caça de um indício, um rastro. Uma atividade frenética que parecia uma corrida desabalada numa estrada que se perdia de vista no horizonte. Uma trégua. Era o que desejavam. Um único, breve instante de trégua. Contudo, mesmo naquele momento, no momento em que eram apenas os dois e mais ninguém, havia uma presença entre eles e não encontravam uma forma de exorcizá-la.

— O que vamos fazer, Frank?

O americano ganhou tempo e bebeu mais um gole.

— Não sei, Nicolas. Realmente não sei. Não temos quase nada nas mãos. Notícias de Lyon?

— A análise da primeira fita deu substancialmente os mesmos resultados que Clavert já tinha relatado em Nice. Portanto, sinto a mesma desesperança em relação à segunda. Cluny, o psiquiatra, disse que vai me mandar o relatório amanhã. Também mandei uma cópia do vídeo que encontramos no carro para ver se conseguimos alguma indicação antropomórfica, mas é como você disse, daí não vai sair muita coisa…

— Novidades de Froben?

— Nenhuma. Não acharam nada na casa de Yoshida. Todas as impressões na sala onde ele foi morto eram dele. As impressões de pés no pavimento indicam a mesma medida que já tínhamos encontrado no barco de Jochen Welder: temos portanto o pequeno consolo de saber que o assassino calça 43. Os cabelos na poltrona são do morto, o sangue é de seu grupo: O negativo.

— Seus homens descobriram alguma coisa na Bentley?

— A mesma coisa. Impressões de Yoshida por todo lado e, no volante, mais algumas que estamos comparando com as digitais dos seguranças que dirigiam o carro. Mandei fazer uma perícia caligráfica da escrita no encosto do banco, mas, não sei se notou, é muito parecida com a primeira. Igual, eu diria.

— É.

— A única coisa que temos é a esperança de que aquele maníaco continue a telefonar para Jean-Loup Verdier e que cometa finalmente algum erro que nos permita pegá-lo.

— Acha que é o caso de botar o rapaz sob proteção?

— Para evitar qualquer problema, já coloquei. Ele me telefonou e disse que sua casa está permanentemente cercada de jornalistas. Pedi que não falasse com eles e aproveitei para colocar um carro com dois agentes de guarda. Oficialmente para acompanhá-lo na ida e na volta da rádio sem que caia nas garras dos jornalistas. Na verdade, fico mais seguro assim, mas preferi não dizer nada a ele, para não assustá-lo. Quanto ao resto, tudo o que podemos fazer é continuar de olho na rádio, como estamos fazendo.

— Bem. E as vítimas?

— Estamos investigando com a polícia alemã e com seus colegas do FBI. Estamos vasculhando a vida deles, mas por enquanto não descobrimos nada. Três pessoas famosas, dois americanos e um europeu, pessoas de vida intensa mas sem nenhum ponto em comum, à parte esses que conhecemos. Não há absolutamente nada que possa ligá-los, exceto o fato de terem sido mortos barbaramente pelo mesmo assassino.

Frank acabou seu Pastis e colocou o copo na amurada de ferro batido da varanda. Parecia perplexo.

— O que houve, Frank?

— Nicolas, nunca lhe aconteceu de ter alguma coisa em mente sem saber exatamente o quê? Como quando quer se lembrar de alguma coisa, sei lá, o nome de um ator que você conhece muito bem mas que naquele momento, por mais que tente, não consegue lembrar?

— Claro, já me aconteceu mil vezes, no passado. Depois, na minha idade essas coisas entram na ordem do dia.

— É alguma coisa que vi ou ouvi, Nicolas. Algo que *deveria* recordar, mas que não me vem à cabeça. E estou ficando maluco, pois sinto que é um detalhe importante….

— Espero que se lembre o mais rápido possível, não importa o que seja.

Frank se virou, dando as costas para a esplêndida vista, como se ela o distraísse de seus pensamentos. Apoiou o dorso contra a amurada e apertou os braços sobre o peito. Em seu rosto, lia-se todo o cansaço de uma noite insone e a febre da energia nervosa que o mantinha de pé.

— Vamos ver, Nicolas. Temos um assassino que gosta de música, um conhecedor que, antes de cada homicídio, telefona para um DJ que apresenta um

programa de sucesso na Rádio Monte Carlo para avisar de suas intenções. Deixa um indício musical que não é entendido como tal e logo em seguida mata duas pessoas: um homem e uma mulher. Encontramos os corpos num estado horripilante e de uma forma que tem um certo sabor de zombaria. Como assinatura dos crimes, a expressão "*Eu mato*…" desenhada com sangue. Não deixa vestígios de nenhum tipo. É um homem frio, astuto, preparado e impiedoso. Cluny fala de uma inteligência superior à média. Eu me arriscaria a dizer *muito* superior à média. É tão seguro de si que, no segundo telefonema, dá um outro indício, sempre ligado à música, que também não conseguimos decifrar. E mata de novo. De modo ainda mais impiedoso que antes, num contexto que tem um ar de ato de justiça, mas com um resquício de sarcasmo ainda mais pronunciado. A fita com a música no carro, o vídeo com a filmagem do assassinato, a reverência, a mesma expressão da outra vez. Nenhum dos cadáveres apresenta sinais de violência sexual, portanto não se trata de um necrófilo. Mas arranca toda a pele da cabeça das três vítimas. Por quê? Qual é o porquê desse tratamento?

— Não sei, Frank. Espero que o relatório de Cluny nos dê alguma indicação nesse sentido. Já quebrei a cabeça, mas não consigo nem formular uma hipótese plausível.

— Temos que descobrir isso a qualquer custo, Nicolas. Se conseguirmos descobrir o motivo pelo qual faz isso, tenho quase certeza de que saberemos quem ele é e onde encontrá-lo!

A voz de Céline chegou acima daqueles discursos cheios de sombra, mais densos que a escuridão que havia algum tempo tinha descido sobre eles.

— Agora, chega de trabalho.

A mulher colocou no centro da mesa uma travessa cheia de comida fumegante.

— Aqui está! Uma *bouillabaisse*. Prato único, mas em quantidade industrial. Frank, se não repetir pelo menos uma vez, vou me sentir pessoalmente ofendida. Nicolas, você cuida do vinho, por favor?

Frank descobriu que estava com fome. Diante da sopa de peixe da sra. Hulot, os sanduíches que tinha engolido no escritório quase sem sentir o gosto pareciam uma lembrança distante. Sentou-se à mesa e estendeu o guardanapo sobre os joelhos.

— Dizem que a comida é a verdadeira cultura dos povos. Se for assim, diria que sua *bouillabaisse* está declamando poesias imortais.

Céline riu, iluminando com a luz de seu sorriso o belo rosto moreno de mulher mediterrânea. As rugas finas em torno dos olhos, em vez de diminuir,

aumentavam seu fascínio.

— Você não passa de um adulador dissimulado, Frank Ottobre. Mas devo dizer que é sempre agradável ouvir essas coisas.

Hulot observava Frank por cima das cores das flores no centro da mesa. Sabia o que tinha no espírito e, apesar de tudo, por afeto a Céline e a ele, conseguia ser delicado e gentil com naturalidade, como poucas pessoas no mundo. Ignorava o que Frank estava procurando, mas desejou que encontrasse logo, fosse o que fosse, para poder ter um pouco de paz.

— Você é um rapaz de ouro, Frank — disse Céline, erguendo o copo em sua direção, como se brindasse em sua homenagem. — E sua esposa é uma mulher de sorte. Sinto que não tenha vindo com você dessa vez. Mas teremos uma próxima. Vou levá-la às compras e daremos um golpe duro em sua pensão.

Frank nem piscou, mantendo o mesmo sorriso nos lábios. Uma sombra passou velocíssima diante de seus olhos, mas diluiu-se rapidamente no calor daquela mesa. Levantou o copo e respondeu ao brinde de Céline.

— Claro. Sei que não está falando sério. É esposa de policial e com certeza sabe muito bem que depois do terceiro par de sapatos configura-se o crime de abuso de incapaz.

Céline riu de novo e o momento passou. Uma a uma, as luzes da costa foram se acendendo, assinalando os confins entre a terra e o mar no meio da noite. Permaneceram ali, comendo aquela comida maravilhosa e bebendo um bom vinho, numa varanda suspensa na escuridão, cuja luz cor de âmbar marcava os limites entre eles e a sombra.

Eram dois homens, duas sentinelas guardando um mundo em guerra, onde as pessoas matavam e morriam, rebocados durante uma hora por aquela mulher em paz com seu mundo gentil onde ninguém podia morrer.

23

FRANK PAROU NA PRACINHA CENTRAL DE EZE, ao lado do letreiro que prometia táxis 24 horas por dia. Mas no espaço reservado não havia nenhum carro. Olhou ao redor. Embora fosse quase meia-noite, o movimento ainda era grande. O verão estava chegando e os turistas começavam a encher a costa, à caça de qualquer ângulo interessante que pudessem levar para casa impresso num rolinho de filme.

Viu um grande carro escuro atravessar a praça lentamente e vir em sua direção. O automóvel parou a seu lado. A porta do lado do motorista abriu e um homem desceu. Era quase um palmo mais alto que Frank e de compleição robusta, mas ágil nos movimentos. Tinha o rosto quadrado e os cabelos castanho-claros com um corte escovinha, de tipo militar. O homem passou pela frente do carro e parou diante dele. Sem nenhum motivo aparente, Frank teve a impressão de que embaixo do paletó bem cortado havia uma pistola. Não sabia quem era, mas percebeu de imediato que era um tipo perigoso.

O homem fitou-o com os olhos cor de avelã desprovidos de expressão. Frank calculou que tivesse mais ou menos sua idade, alguns anos a mais, talvez.

— Boa-noite, *mister* Ottobre — disse em inglês.

Frank não demonstrou nenhuma surpresa. Um lampejo de consideração passou pelos olhos do homem, que logo voltaram a ficar neutros.

— Boa-noite, vejo que já sabe meu nome.

— E o meu é Ryan Mosse e sou americano como o senhor.

Frank teve a impressão de reconhecer um sotaque texano.

— Muito prazer.

A afirmação continha uma pergunta implícita. Mosse indicou o automóvel com a mão.

— Se fizer a gentileza de aceitar uma carona até Montecarlo, há no carro uma pessoa que gostaria muito de falar com o senhor.

Sem esperar resposta, abriu a porta traseira do lado da calçada e Frank viu que

lá dentro havia uma segunda pessoa, sentada no banco do lado oposto. Via as pernas de um homem que usava calças escuras, mas não conseguiu ver o rosto.

Frank fitou Mosse diretamente nos olhos. Ele também podia ser um tipo perigoso e era justo que o outro ficasse sabendo disso.

— Existe algum motivo particular para que eu aceite seu convite?

— O primeiro é que evitaria uma caminhada de vários quilômetros até sua casa, visto que é bem difícil encontrar um táxi a essa hora. O segundo é que a pessoa que gostaria de lhe falar é um general do Exército dos Estados Unidos. O terceiro é que poderia encontrar ajuda para resolver um problema que, acho eu, é de seu interesse nesse momento…

Sem trair a menor emoção, Frank deu um passo em direção à porta aberta e entrou no carro. O homem que estava sentado no interior era mais velho, mas parecia saído do mesmo molde. O físico era um pouco mais pesado, por causa da idade, mas transmitia a mesma sensação de força do outro. Os cabelos completamente brancos ainda eram bastos e exibiam o mesmo corte militar. Na luz incerta do carro, Frank se sentiu examinado por um par de olhos azuis que se destacavam, estranhamente jovens, naquele rosto bronzeado e cheio de rugas. Recordavam os olhos de Homer Woods, seu chefe. Pensou que se aquele homem dissesse que era irmão de Woods não ficaria nada espantado. Vestia uma camisa clara, aberta no colarinho, com as mangas dobradas. No banco da frente, Frank viu um paletó da mesma cor das calças. Do lado de fora, Mosse fechou a porta.

— Boa-noite, *mister* Ottobre. Posso chamá-lo de Frank?

— Por enquanto, creio que *mister* Ottobre seria melhor, *monsieur*…? — Frank usou a palavra francesa de propósito.

O rosto do homem se abriu num sorriso.

— Vejo que as informações que me deram sobre o senhor correspondem à verdade. Pode ir, Ryan.

Nesse intervalo, Mosse tinha voltado à direção do carro, que partiu suavemente. O velho voltou a falar com Frank.

— Desculpe a maneira pouco civilizada com que o abordamos. Meu nome é Nathan Parker, general do Exército dos Estados Unidos.

Frank apertou a mão que ele estendeu. O aperto do sujeito era firme, apesar da idade. Frank imaginou que ele se exercitasse diariamente para manter o físico e a força. Ficou em silêncio, à espera.

— E sou o pai de Arijane Parker.

Os olhos do general procuraram um lampejo de surpresa nos de Frank, mas não encontraram nada. Ficou satisfeito. Encostou-se no banco e cruzou as pernas no espaço restrito do carro.

— Pode supor o que estou fazendo aqui.

Desviou os olhos por um segundo, como se observasse alguma coisa através da janela. Fosse o que fosse, talvez só ele a visse.

— Vim fechar o corpo de minha filha num caixão e levá-lo de volta para os Estados Unidos. O corpo de uma mulher que alguém tirou a pele como se fosse um animal de abate.

Nathan Parker virou-se para ele. Na luz fugaz dos faróis dos carros que cruzavam com eles, Frank pôde ver o brilho de seus olhos. Não sabia dizer se expressavam mais ódio ou mais dor.

— Não sei se já perdeu uma pessoa querida, *mister* Ottobre.

De repente, Frank odiou aquele homem. Certamente a história de sua mulher estava incluída nas informações que recebera a seu respeito. Compreendeu que não pretendia compartilhar um momento de dor comum, mas simplesmente usar a história como moeda de troca. Parker continuou seu discurso como se nada fosse.

— Não vim até aqui para chorar por minha filha. Sou um soldado, *mister* Ottobre. Um soldado não chora. Um soldado se vinga.

A voz do general era calma, mas deixava transparecer uma fúria mortal.

— Nenhum maníaco filho da puta pode fazer o que ele fez e achar que vai sair ileso.

— Há homens trabalhando e investigando por esse mesmo motivo — disse Frank tranquilamente.

Nathan Parker virou-se bruscamente para ele.

— Frank, à parte você, essa gente não saberia como enfiar um supositório nem se recebesse um guia de instruções. E todo mundo sabe como são as coisas na Europa. Não quero que esse assassino seja preso e trancafiado numa instituição psiquiátrica depois de um laudo de doença mental, para voltar à liberdade após alguns anos, talvez com um pedido de desculpas.

Fez um segundo de pausa e voltou a olhar pela janela. O carro tinha chegado ao fim da rua que descia de Eze Village e estavam dobrando à esquerda para pegar a *basse corniche* para Montecarlo.

— Tenho uma proposta. Organizaremos uma equipe para continuar as investigações por conta própria. Posso obter todas as colaborações que quiser: FBI, Interpol, até a CIA, se precisarmos. Posso reunir um grupo de homens tão ou mais bem preparados e treinados que qualquer policial. Gente esperta, que não faz perguntas, obedece e basta. E você pode comandar o grupo.

Indicou com a cabeça o homem que dirigia.

— O capitão Mosse vai colaborar com você. Terão que investigar até pegá-lo.

E quando conseguirem pegá-lo, vão entregá-lo a mim.

Nesse meio-tempo, o carro tinha entrado na cidade. Haviam deixado o Jardin Exotique à esquerda, depois de pegar o Boulevard Charles III. Passando em seguida pela Rue Princesse Caroline, encontraram-se diante da marina.

O velho soldado olhou pelo vidro para o local onde tinha sido descoberto o corpo de sua filha. Apertou os olhos, como se fosse difícil enxergar. Frank pensou que a vista não tinha nada a ver com aquilo, que era um gesto instintivo determinado pelo ódio violento que se agitava naquele homem. Talvez não conseguisse afastar os olhos da marina, onde os barcos iluminados estavam ancorados tranquilamente, à espera de outro dia de mar.

— Foi ali que encontraram Arijane. Era bela como o sol e tinha uma cabeça de primeira. Era uma moça maravilhosa. Rebelde, ao contrário da irmã, mas era uma menina maravilhosa. Nunca nos demos muito bem, mas nos respeitávamos, pois éramos iguais. E foi assassinada como um animal.

A voz do soldado tremeu levemente. Frank ficou em silêncio, deixando o pai de Arijane Parker livre para seguir seus pensamentos.

O carro contornou a marina e foi em direção à entrada do túnel. Nathan Parker apoiou-se no encosto. As luzes amarelas da galeria pintaram seus rostos de cores estranhas.

Voltaram ao ar livre e à noite, na zona de Larvotto, e o velho finalmente rompeu o silêncio quando entraram na Rue du Portier.

— Então, o que me diz, Frank? Sou amigo pessoal de Johnson Fitzpatrick, diretor do FBI. E se for preciso, posso chegar ainda mais em cima. Garanto que, se aceitar minha proposta, não vai se arrepender. Sua carreira poderia dar um salto considerável. E se é dinheiro o que lhe interessa, também não há problema. Posso oferecer tanto, que não terá mais com que se preocupar pelo resto de seus dias. Pense que é um ato de justiça, algo necessário, e não apenas uma vingança.

Frank manteve o silêncio em que tinha observado todo o discurso do general Parker. Fez também uma pausa para olhar pela janela. O carro estava entrando no Boulevard des Moulins. Em breve, dobraria à direita para a pequena subida que levava ao Parc Saint-Roman. O local onde morava certamente estava entre as informações que tinham dele.

— Veja bem, general, as coisas nem sempre são tão fáceis como parecem. O senhor se comporta como se todos os homens tivessem um preço. Para ser franco, também penso assim. Tudo tem um preço. Simplesmente, o senhor não conseguiu entender o meu.

A cólera fria do general brilhava mais que as luzes da entrada do edifício.

— Não precisa fazer pose de herói sem mácula e sem medo, *mister* Ottobre…

Aquele “*mister* Ottobre”, sibilado com voz surda, soou como uma ameaça no espaço apertado do carro.

— Sei muito bem quem você é. Somos feitos da mesma matéria, nós dois.

O carro parou sem um abalo diante da porta de vidro do Parc Saint-Roman. Frank abriu a porta e desceu do carro. Ficou em pé fora do automóvel, apoiado à porta. Inclinou a cabeça de modo que o outro pudesse vê-lo de dentro do carro.

— Talvez, general Parker. Mas não completamente. Já que parece saber tudo a meu respeito, sabe também da morte de minha esposa. Sim, sei perfeitamente o que significa perder uma pessoa querida. Sei o que quer dizer conviver com fantasmas. Talvez seja verdade que somos feitos da mesma matéria. Mas existe uma diferença entre mim e o senhor. Quando perdi minha mulher, eu chorei. Provavelmente, não sou um soldado.

Frank fechou a porta do carro delicadamente e afastou-se um passo. O velho abaixou os olhos um instante em busca de uma resposta e quando os levantou de novo Frank Ottobre não estava mais lá.

24

ASSIM QUE ACORDOU, ANTES MESMO DE LEVANTAR, Frank discou o número do telefone direto do escritório de Cooper, em Washington. Apesar da hora avançada em Côte d'Azur, esperava encontrá-lo lá. Ele respondeu na segunda chamada.

— Cooper Danton.

— Oi, Cooper, é Frank.

Se ficou espantado, Cooper não deu a entender.

— E aí, seu sacana? Como vão as coisas?

— Na merda.

Cooper não disse nada. O tom de voz de Frank não era o habitual. Apesar do que dizia, havia um ânimo novo comparado com seu último telefonema. Esperou em silêncio.

— Fui incorporado a uma investigação sobre um *serial killer*, aqui em Mônaco. Coisa de louco.

— Sim, li alguma coisa no jornal sobre o assunto. A CNN também comentou a história. Mas Homer não me disse que você estava envolvido. A coisa está mesmo feia como dizem?

— Mais, Cooper. Estamos caçando sombras. Um maníaco que parece feito de ar. Nenhum rastro. Nenhum indício. E além do mais, debocha da gente. Estamos passando por idiotas. E já temos três mortos.

— Pelo que vejo certas coisas também acontecem na velha Europa, não só nos Estados Unidos.

— Pois é, pelo que vi não temos exclusividade… E você, como vai?

— Ainda estamos seguindo a pista dos Larkin. Jeff morreu e ninguém vai sentir sua falta. Osmond está preso, mas não abriu a boca. Mesmo assim, temos alguns indícios bastante promissores. Um caminho para o sudeste asiático, uma nova rota de droga. Vamos ver o que acontece.

— Cooper, preciso de um favor.

— O que quiser.

— Preciso de informações sobre um certo general Parker e sobre o capitão Ryan Mosse, Exército dos Estados Unidos.

— Você disse Parker? Nathan Parker?

— Sim, esse mesmo.

— Hum… Peixe grande, Frank. E quando digo grande, talvez esteja sendo modesto. O homem é uma lenda viva. Herói do Vietnã, a verdadeira mente estratégica da guerra do Golfo e da intervenção em Kosovo. Coisas desse tipo. Faz parte do estado-maior do Exército, muito próximo à Casa Branca. E posso garantir que quando ele fala, todo mundo ouve, inclusive o presidente. O que você tem a ver com Nathan Parker?

— Uma das vítimas era filha dele. E ele chegou com a faca nos dentes, porque não confia na polícia daqui. Temo que esteja organizando um grupo para sua guerra pessoal.

— Como era mesmo o nome do outro?

— Mosse, capitão Ryan Mosse.

— Não conheço. Em todo caso, vou me informar e veremos o que consigo descobrir. Como faço para enviar o dossiê?

— Tenho um endereço eletrônico particular, aqui em Mônaco. Vou mandar um e-mail agora mesmo com esse endereço. Melhor não mandar nada para a central de polícia. Prefiro manter essa história bem longe das investigações oficiais. Já temos complicações demais. Quero resolver esse assunto por minha conta.

— Certo. Vou começar imediatamente.

— Obrigado, Cooper.

— Imagine. Por você, isso e até mais. Frank…

— Sim.

— Fico contente por você.

Frank sabia muito bem o que o amigo queria dizer. Não quis destruir sua ilusão.

— Sei disso, Cooper. Tchau.

— Bola pra frente, Frank.

Ele desligou e jogou o telefone sem fio na cama. Levantou e, nu como estava, foi para o banheiro. Evitou olhar para o próprio reflexo no espelho. Abriu o boxe do chuveiro e a torneira. Entrou e acocorou-se no chão, sentindo a força da água fria na cabeça e nas costas. Tremendo, ele esperou a água esquentar aos poucos. Levantou-se e começou a se ensaboar. Enquanto a água levava a espuma, tentou abrir a mente. Tentou deixar de ser ele mesmo e tornar-se outro, o ser sem forma e sem rosto que estava à espreita em algum lugar.

Uma ideia começou a abrir caminho.

Se era verdade o que suspeitava, a pobre Arijane Parker era realmente uma das mulheres mais azaradas do mundo. Sentiu que a amargura o invadia. Uma morte inútil, a não ser na mente distorcida do assassino.

Girou a torneira e o jato d'água parou. Ficou escorrendo um instante, olhando a água escoar pelo ralo com um pequeno gorgolejo.

Eu mato…

Três pontinhos, três mortos. E não tinha acabado. E em algum lugar de sua mente, havia uma coisa que tentava desesperadamente vir à tona, um detalhe preso num quarto escuro, batendo com força contra uma porta fechada para se fazer ouvir.

Saiu do chuveiro e pegou o roupão no gancho à sua direita. Repassou mentalmente suas conclusões. Não era uma certeza, mas uma hipótese, aliás muito plausível. E restringia o campo das investigações sobre as vítimas. Ainda não sabiam por que, não sabiam como, não sabiam quando, mas pelo menos tinham uma hipótese sobre o *quem*.

Era isso. Sem dúvida, era isso.

Saiu do banheiro e atravessou o quarto na penumbra. Chegou à sala iluminada por uma porta envidraçada que dava para a varanda e foi até o escritório de seu anfitrião, onde ficava o computador. Sentou-se diante da escrivaninha, tirou a capa de proteção e ligou a máquina. Ficou um instante examinando o teclado francês, depois conectou-se à internet. Felizmente, Ferrand, o dono da casa, não tinha nada a esconder, ao menos naquele computador, e tinha deixado a senha na memória. Mandou um e-mail para Cooper com o endereço eletrônico para o qual deveria enviar as informações pedidas. Desligou o aparelho e foi se vestir, sempre ruminando seus pensamentos em silêncio, examinando-os sob vários pontos de vista para ver se faziam sentido de algum lado. O telefone tocou exatamente quando estava passando pela mesa na qual o aparelho ficava.

Pegou o fone e atendeu.

— Alô?

— Frank, é Nicolas.

— Você mesmo. Estava ligando para você. Estou com uma ideia na cabeça, nada demais, mas pode ser um ponto de partida.

— O que é?

— Acho que descobri o objetivo daquele homem.

— E seria?

— Só se interessa pelos homens. Jochen Welder e Allen Yoshida. Eles eram suas verdadeiras vítimas.

— Mas então o que Arijane Parker tem a ver com isso?

— A coitada serviu apenas como cobaia. Era a primeira vez que fazia aquilo. O maníaco queria ter alguém em quem praticar antes de dedicar-se ao trabalho propriamente dito, ou seja, a cabeça de Jochen Welder.

Do outro lado, silêncio, significando que Hulot estava pensando. Em seguida, sua voz se fez ouvir:

— Se for assim, excluindo as mulheres, o círculo das possíveis vítimas diminui bastante…

— Pois é, Nicolas. Homens por volta dos trinta, trinta e cinco anos, famosos e de boa aparência. Não é muita coisa, mas parece um bom passo à frente. Não há milhares de pessoas nessas condições.

— Acho que vale a pena considerar essa hipótese.

— Mesmo porque não temos coisa melhor no momento. Posso saber por que ligou?

— Frank, estamos totalmente ferrados. Leu os jornais?

— Não.

— Não tem um jornal em toda a Europa que não tenha colocado essa história na primeira página. E as equipes de televisão estão chegando de todo lado. Roncaille e Durand saíram oficialmente para o campo de batalha. Devem ter sofrido pressões poderosas, desde o conselheiro para assuntos internos até o príncipe em pessoa.

— Posso imaginar. Allen Yoshida não era qualquer um.

— Exatamente. Desse lado, desencadeou-se um verdadeiro inferno. Roncaille disse que o cônsul dos Estados Unidos em Marselha interveio como porta-voz do governo. Se não apresentarmos alguma coisa, temo que minha cabeça esteja correndo um sério risco. E temos um problema…

— Qual?

— Jean-Loup Verdier surtou. Tem uma multidão de jornalistas praticamente acampados embaixo da casa dele. Bikjalo está exultante. O programa está tendo uma audiência de Fórmula 1. Mas acho que Jean-Loup se assustou e quer suspender a transmissão.

— Santo Deus, ele não pode fazer isso. É o único ponto de contato que temos com o assassino.

— Eu e você sabemos disso. Mas tente explicar para ele. Tentei me colocar em seu lugar e não posso dizer que esteja totalmente errado.

— Não podemos perdê-lo. Se aquele maluco ficar sem um interlocutor, pode resolver suspender os telefonemas, mas não vai parar de matar. E não teremos mais a menor pista. E se resolver encontrar outro interlocutor, talvez outra rádio

ou sabe-se lá o quê, precisaremos de tempo para reorganizar o controle. E isso significa mais mortos.

— Temos que falar com ele, Frank. Queria que você fizesse isso.

— Eu? Por quê?

— Acho que tem mais ascendência sobre ele do que eu poderia ter. É uma impressão, mas acho que a palavra do FBI tem mais peso do que a da Sûreté Publique.

— Certo, vou me vestir e estou indo.

— Vou mandar um carro. Nos vemos na casa de Jean-Loup.

— Certo.

Frank começou a caminhar para o quarto enquanto dizia as últimas palavras. Escolheu a camisa e a calça ao acaso, enfiou meias e sapatos e pegou um paletó sem forro, de tecido leve. Enfiou de qualquer jeito tudo que tinha deixado em cima do gaveteiro nos bolsos e nesse meio-tempo foi pensando no que dizer a Jean-Loup Verdier. Estava dando para trás, o que era compreensível. Tinha que encontrar uma forma de convencer o rapaz. Percebeu que pensava em Jean-Loup como "o rapaz", mas aparentemente tinha apenas alguns anos mais que ele.

Frank se sentia muito mais velho. Certamente, na profissão de policial se envelhecia mais rápido. Ou talvez alguns nascessem mais velhos e só descobrissem isso ao entrar em contato com alguém que segue a linha normal do tempo. Se fosse assim, havia a probabilidade de que essa linha tivesse se partido abruptamente para Jean-Loup Verdier.

Saiu para o corredor e chamou o elevador. Enquanto esperava, fechou a porta do apartamento à chave. As portas do elevador se abriram sem rumor às suas costas, lançando um raio de luz mais vivo que a claridade suave do corredor.

Entrou e apertou o botão do térreo. Iam pegá-lo, tinha certeza disso. Mais dia, menos dia cometeria um erro e seria pego. O problema era quantas vítimas teriam que morrer com a cabeça horrivelmente mutilada daqui até lá.

O elevador parou com um leve balanço e as portas se abriram para o elegante vestíbulo de mármore do Parc Saint-Roman. Frank saiu e viu, do outro lado das portas de vidro, à esquerda, um carro da polícia esperando por ele. Provavelmente já estavam na área, pois tinham chegado muito rápido. O porteiro o viu e fez um sinal de dentro de sua cabine de vidro. Frank se aproximou.

— Bom-dia, *monsieur Octobre* — disse o porteiro pronunciando seu nome à francesa.

— Bom-dia.

O homem lhe entregou um envelope branco, anônimo, sem selos, que trazia simplesmente seu nome escrito à caneta.

— Deixaram isso aqui para o senhor ontem à noite, depois que chegou.

— Obrigado, Pascal.

— Não há de quê. É meu dever, *m'sieur*.

Frank pegou o envelope e abriu. Dentro, havia uma folha dobrada em três. Retirou-a e leu o bilhete escrito com uma letra nervosa, mas nítida.

> *Só os homens pequenos não mudam de ideia. Não me faça mudar de ideia sobre sua verdadeira estatura. Preciso de sua ajuda e a minha pode lhe servir. Deixo meu endereço em Côte e os números de telefone nos quais poderá me contatar.*
>
> *Nathan Parker*

No pé da página havia um endereço e dois números de telefone. Enquanto entrava no carro da polícia, Frank não pôde evitar pensar que naquele momento havia pelo menos dois loucos sanguinários à solta.

25

O CARRO DA POLÍCIA DEIXOU MONTECARLO para trás e pegou a subida que ia para Beausoleil e para a A8, a autoestrada que liga Mônaco a Nice e, no outro sentido, à Itália. Sentado no banco traseiro, Frank abriu a janela e deixou que o ar entrasse livremente no carro. Releu o bilhete do general e enfiou o papel no bolso do paletó. Voltou a olhar pela janela. A paisagem desfilava diante de seus olhos como uma série indistinta de manchas coloridas.

Parker era uma complicação da qual eles não precisavam. Embora suas intenções pertencessem a uma esfera estritamente privada, aquele homem representava o poder com P maiúsculo. Suas declarações não eram bravatas sem consequências. Nada disso. Tinha realmente à disposição os meios que alardeava.

E isso significava que, além das forças de polícia, estariam passando por ali homens cujos métodos de investigação eram bem mais ríspidos. Obrigados ao anonimato, é verdade, mas não a cumprir exigências legais e, talvez por isso, muito mais eficientes.

O fato de precisar agir num âmbito restrito e delicado como era o de Mônaco não seria um impedimento capaz de deter a sede de vingança de Nathan Parker. Era suficientemente velho e determinado para se importar com as eventuais consequências para sua carreira. E se as coisas eram como Cooper tinha dito, era bastante poderoso para acobertar os homens que seguissem seu caminho. Além do mais, se capturasse o assassino, a imprensa trataria de montar um enredo capaz de transformá-lo num pai desesperado em busca de justiça, que obtivera sucesso onde todos os outros falharam. Seria um herói e, consequentemente, intocável. Naquele momento, os Estados Unidos tinham uma necessidade imensa de heróis. A opinião pública e o governo americanos o blindariam. As autoridades do Principado mastigariam um pouco, mas teriam que engoli-lo, mesmo atravessado. *Game over*.

E também havia Jean-Loup. Outra batata quente.

Deveria encontrar uma maneira de dissuadi-lo abdicar de uma decisão que

ninguém poderia chamar de equivocada. Uma coisa é a popularidade conquistada com a apresentação de um programa de rádio de sucesso, outra é saltar para as páginas policiais, transformando-se no maior ponto de referência de um assassino. Estavam dadas as condições capazes de arrebentar os nervos de qualquer um. Jean-Loup era e sempre tinha sido um homem do mundo do espetáculo. Tinha um cérebro e sabia como usá-lo. Não era, ou pelo menos não deu a impressão de ser, um boneco manipulado, como tanta gente do show business que Frank tinha conhecido. Mas tinha o direito de ficar assustado.

As coisas estavam malparadas. E o tempo disponível diminuía rapidamente, escandido minuto a minuto por um cronômetro que as altas autoridades do Principado tinham nas mãos e monitoravam ininterruptamente.

O carro diminuiu a marcha perto de uma casa à direita da rua. Era uma construção no meio de uma ladeira, cujo teto mal se entrevia, coberto por uma fila de ciprestes do lado da rua, da qual se podia ver toda a cidade de Montecarlo. Devia ter uma vista excepcional. E era com certeza a casa do DJ. Muitos carros estavam estacionados na rua e havia até alguns furgões com o logotipo de emissoras de TV. Uma pequena multidão de correspondentes e jornalistas mantinham a casa em estado de sítio. Um pouco mais adiante, havia um carro da polícia estacionado. Ao vê-los chegar, os jornalistas se animaram. O policial sentado no banco do carona pegou o microfone do rádio de sua base.

— É Ducross. Estamos chegando.

As grades de ferro do portão logo depois da curva começaram a se abrir. Enquanto o carro diminuía para entrar, os jornalistas se aproximaram para ver quem estava dentro. Dois policiais saíram do carro estacionado para impedi-los de seguir o automóvel.

Desceram uma rampa pavimentada com placas antiderrapantes e chegaram a um pequeno pátio diante da porta de correr da garagem. Nicolas Hulot já tinha chegado e estava esperando de pé no pátio. Cumprimentou Frank através da janela aberta.

— Oi, Frank. Viu a confusão aí fora?

— Oi, Nicolas. Vi, como não? Normal, acho eu. Ficaria espantado se não fosse assim.

Frank desceu do carro e avaliou a construção.

— Jean-Loup Verdier deve ganhar muito dinheiro para poder manter uma casa como essa.

Hulot sorriu.

— Essa casa tem uma história. Não leu os jornais?

— Não. Deixo esse prazer para você de bom grado.

— Praticamente todos falaram disso. Jean-Loup recebeu a casa como herança.

— Parabéns aos pais.

— Não foi de um parente. Parece uma fábula, mas recebeu a casa de uma velha viúva bastante rica, cujo cachorro ele salvou.

— O cachorro?

— É. Na praça do Cassino, há muitos anos. O cão da viúva em questão tinha fugido e atravessou a rua. Jean-Loup se jogou para pegá-lo quando já estava praticamente debaixo de um carro. Por pouco não foi atropelado junto. A mulher o abraçou e beijou chorando de gratidão e a história acabou ali. Alguns anos depois, Jean-Loup foi convocado por um tabelião e informado de que era o novo dono dessa casa.

— Olhe só. Achei que certas coisas só aconteciam nos filmes da Disney. Assim de olho, diria que foi um presente de cerca de meio milhão de dólares.

— Do jeito que estão os preços das casas por essas bandas, pode botar uns três.

— Bom para ele. Bem, vamos cumprir nosso dever?

Hulot indicou um ponto às suas costas com a cabeça.

— Está ali. Venha.

Atravessaram o pátio e uma moita de buganvílias vermelhas que servia de cerca no lado direito da casa. Além das moitas, havia uma esplanada na qual se via uma piscina, não muito grande, mas de tamanho suficiente para não parecer uma banheira.

Jean-Loup e Bikjalo estavam sentados ao redor de uma mesa, sob um caramanchão coberto de hera. Na mesa, os restos do café da manhã. A presença do diretor era um sinal claro da crise de Jean-Loup. Tanta solicitude da parte de um homem como aquele significava que temia que sua galinha dos ovos de ouro corresse perigo.

— Olá, Jean-Loup. Bom-dia, diretor.

Bikjalo se levantou com uma expressão de alívio estampada no rosto. Estavam chegando os reforços. Jean-Loup, ao contrário, parecia bastante embaraçado com sua chegada e teve dificuldade de encará-los.

— Bom-dia, senhores. Estava dizendo a Jean-Loup…

Frank interrompeu-o bastante bruscamente. Não queria entrar no assunto imediatamente, para que Jean-Loup não se sentisse acossado. Estava num momento delicado e preferia que ficasse à vontade antes de enfrentar a questão.

— É café isso que estou vendo aí na mesa?

— Bem, é…

— É só para os da casa ou os forasteiros também podem se servir?

Enquanto Hulot e Frank sentavam à mesa, Jean-Loup se levantou e foi pegar duas xícaras no aparador de cerâmica às suas costas. Enquanto o DJ servia o café da garrafa térmica, Frank o examinou atentamente. Tinha estampada no rosto a noite passada em claro, rolando na cama. Estava sob pressão e Frank podia entendê-lo. Mas não devia, não podia desistir, e Jean-Loup precisava entender isso.

Hulot levou a xícara à boca.

— Humm, muito bom. Precisávamos de um café assim na central…

Jean-Loup sorriu sem vontade. Seu olhar girava pelo local, evitando o deles, especialmente o de Frank. Bikjalo sentou-se de novo, mas na cadeira mais distante da mesa. Com seu apartamento, deixara implícito que o controle da situação estava nas mãos de Frank. Dava para sentir a tensão no ar.

Frank resolveu que tinha chegado a hora de pegar o touro pelos chifres.

— E então, qual é o problema, Jean-Loup?

Finalmente, o DJ encontrou forças para fitá-lo nos olhos. Frank surpreendeu-se por não encontrar medo, como esperava. Havia cansaço e havia preocupação. Talvez o temor de não conseguir desempenhar um papel grande demais para ele. Mas medo, não. Jean-Loup desviou os olhos e começou a fazer um discurso que muito provavelmente já tinha feito sozinho muitas vezes.

— O problema é muito simples. Não consigo.

Frank ficou em silêncio e esperou que Jean-Loup continuasse livremente. Não queria dar a impressão de que estava sendo interrogado.

— Não estava preparado para tudo isso. Cada vez que ouço aquela voz no telefone, perco dez anos de vida. E o pensamento de que, depois de falar comigo, aquele homem vai… vai…

Continuou como se lhe custasse um esforço incrível. Talvez nenhum homem goste de exibir suas fraquezas e, nisso, Jean-Loup era um homem como os outros.

— … Aquele homem vai fazer o que faz. Pois bem, isso me deixa arrasado. E fico me perguntando: por que eu? Por que tem que telefonar justamente para mim? Desde que essa história começou não tenho mais vida. Estou trancado em casa como um bandido, não consigo chegar numa janela sem ouvir os jornalistas gritarem meu nome, não consigo botar o nariz fora de casa sem ser cercado por pessoas me fazendo perguntas. Não aguento mais…

Bikjalo resolveu intervir.

— Mas, Jean-Loup, essa é uma situação que só se apresenta uma vez na vida. Ela está lhe dando uma popularidade incrível. É um dos personagens mais conhecidos da Europa. Não tem uma televisão que não queira você, não tem um

jornal que não fale de você. Na rádio chegaram propostas até de produtores de cinema, que querem fazer um filme sobre toda essa hist….

Um olhar implacável de Hulot interrompeu abruptamente as palavras do diretor. Frank pensou que aquele sujeito era um babaca da pior espécie. Um babaca ambicioso. Se pudesse, não hesitaria em dar-lhe uns tapas.

Jean-Loup levantou-se da cadeira com um gesto imperioso.

— Quero ser apreciado porque falo com as pessoas, não porque falo com um assassino. E depois, conheço os jornalistas. Quando esgotarem o assunto, começarão a se perguntar as mesmas coisas que eu me pergunto. Por que ele? E se não conseguirem encontrar uma resposta, inventarão uma. E não hesitarão em me destruir.

Frank conhecia a mídia o bastante para compartilhar essa preocupação. E tinha simpatia suficiente por Jean-Loup para não lhe contar uma série de mentiras.

— Jean-Loup, as coisas são exatamente como você disse. Acho que é uma pessoa inteligente demais para tentar convencê-lo de outra coisa. Entendo muito bem que não se sinta preparado para tudo isso e, a bem da verdade, quem se sentiria? Passei metade da minha vida caçando criminosos e, mesmo assim, em seu lugar teria as mesmas preocupações e o mesmo tipo de reação. Mas não pode desistir, não agora.

Frank previu o que podia ser a próxima objeção.

— Sei que a culpa disso tudo também é nossa. Se tivéssemos sido mais eficientes, tudo estaria acabado. Mas, infelizmente, não é bem assim. Esse homem ainda está solto, e enquanto estiver livre a sua vontade será uma só: continuar a matar. E nós precisamos detê-lo.

— Não sei se consigo ficar sentado diante de um microfone fazendo de conta que nada está acontecendo e esperando ouvir aquela voz de novo.

Frank abaixou a cabeça. Quando levantou, Hulot viu uma luz diferente em seu olhar.

— Na vida há coisas que você procura e outras que procuram você. Não escolheu e nem teria escolhido, mas elas chegam e depois delas você não será mais o que era. Nesse momento, as opções são duas: ou você foge, tentando deixar certas coisas para trás, ou para e enfrenta. Qualquer que seja a solução escolhida, ela vai mudar você, que só tem a possibilidade de decidir se essa mudança vai ser para o mal ou para o bem. Temos três mortos, assassinados de modo brutal. E teremos outros se você não nos ajudar. Se resolver ajudar, pode ser que a coisa o deixe arrasado, mas depois terá tempo e força para se refazer. Se fugir, ficará arrasado da mesma forma, mas o remorso vai transformá-lo num

homem despedaçado por todo o tempo que lhe resta. E a cada dia os pedaços serão menores…

Jean-Loup sentou-se lentamente na cadeira. Até o céu e o mar diante deles pareciam feitos de silêncio.

— Está bem. Vou fazer o que pedem.

— Vai continuar o programa?

— Sim.

Hulot relaxou em sua cadeira. Bikjalo não conseguiu reprimir um gesto quase imperceptível de satisfação. Aquele monossílabo pronunciado à meia-voz soou para Frank como o primeiro *tique* de um relógio que voltava a funcionar.

26

FRANK ACOMPANHOU HULOT ATÉ O CARRO. Jean-Loup e Bikjalo ficaram sentados diante da mesa da piscina. Quando saíram, o diretor da Rádio Monte Carlo, ainda agitado pelo risco que tinha corrido, passou um braço ao redor dos ombros de Jean-Loup, tentando marcar sua presença e murmurando conselhos em seus ouvidos, como o treinador de um pugilista que está perdendo uma luta. Precisava convencê-lo a resistir mais alguns assaltos, se queria receber sua parte.

A primeira impressão que Frank tivera daquele homem tinha, no fundo, se revelado exata. Na prática de seu trabalho, com o tempo, tinha adquirido um instinto quase animal para reconhecer as pessoas. E ainda não estava perdido. Ao que parece, não bastava simplesmente não querer ser um cão para deixar de sê-lo.

Quem nasce quadrado não morre redondo…

E isso valia tanto para ele quanto para Bikjalo ou qualquer outro.

Hulot abriu a porta do Peugeot, mas ficou em pé do lado de fora, admirando a maravilhosa vista lá embaixo. Parecia não ter a menor vontade de voltar para a investigação. Virou-se para Frank. O americano viu em seus olhos a necessidade de um repouso sereno, sem sonhos, sem silhuetas negras, sem vozes murmurando em seu ouvido — *Eu mato…* — e provocando um despertar povoado de fantasmas piores que os do sono.

— Você foi grande com o rapaz… com ele e comigo.

— O que quer dizer “com ele e comigo”?

— Sei que tenho me apoiado muito em você durante as investigações. Não pense que não sei disso. Pedi sua ajuda e contei para mim também a balela de que era para ajudar *você,* quando na verdade era para ajudar *a mim*.

Em um breve lapso de tempo, parecia que os papéis tinham se invertido entre eles, num daqueles golpes de cena que a vida cria sem cessar, de modo sempre sarcástico.

— Não é nada disso, Nicolas. Pelo menos, não é exatamente isso. Talvez esse louco que nós perseguimos seja contagioso, levando todos nós à loucura. Mas se

esse é o caminho certo para pegá-lo, não podemos deixar de percorrê-lo até que tudo esteja acabado.

Hulot sentou no carro e ligou o motor.

— Só tem um risco nisso que você disse…

— Qual?

— Que uma vez aceita a loucura, a gente não consiga mais se ver livre dela. Foi o que disse há pouco tempo, lembra, Frank? Somos pequenos dinossauros, nada mais que pequenos dinossauros…

Fechou a porta, engatou a marcha e saiu com o carro. O portão automático se abriu, comandado pelos agentes que estavam na rua. Frank ficou olhando o carro subir a rampa, viu os faroletes se acenderem quando se preparou para pegar a estrada e viu quando desapareceu. Durante toda a conversa com Nicolas, os agentes que o acompanhavam tinham se mantido à parte, confabulando entre si, em pé ao lado do carro. Frank foi se sentar no banco traseiro. Os rapazes também entraram e o que se sentou ao lado do motorista olhou para ele em silêncio, com ar interrogativo.

— Vamos voltar ao Parc Saint-Roman. Sem pressa — disse Frank, depois de hesitar um pouco. Sentia necessidade de ficar um pouco sozinho para organizar as ideias. A lembrança do general Parker e de suas intenções não tinha sido removida, apenas arquivada. Precisava ter mais informações sobre ele e sobre Ryan Mosse antes de tomar uma decisão e escolher qual linha de conduta adotaria. Torceu para que Cooper já tivesse enviado as informações pedidas, embora muito pouco tempo tivesse se passado.

O carro avançou. Subida, portão, rua. Esquerda. Mais agitação entre as moitas de jornalistas à espreita. Frank olhou para eles atentamente, enquanto despertavam da letargia da espera, como cães à passagem de um outro cão. Lá estava o ruivo que tinha enfiado a cabeça no carro do delegado. No momento em que Frank passou diante dele, o repórter, de pé ao lado de um Mazda conversível, trocou um olhar com ele, pensativo.

Frank ponderou que dentro em pouco começariam a caçá-lo também. Era certo que acabariam sabendo de seu papel naquela investigação. Até aquele momento tivera sorte, porque havia bocados mais suculentos a saborear, porém mais cedo ou mais tarde alguém se voltaria para ele. Cada um deles tinha, com certeza, um contato dentro das forças policiais: aqueles que são definidos nos artigos como “fontes seguras”.

Os jornalistas desfilaram diante da janela do carro. Eles representavam a vanguarda de um mundo que, antes de qualquer coisa, queria saber a verdade. E o melhor deles não era quem conseguisse descobri-la, mas quem conseguisse

vender sua própria verdade como autêntica.

Num ritmo moderado, o carro seguiu no sentido oposto ao que haviam tomado para chegar à casa de Jean-Loup. Enquanto desciam a ladeira, Frank viu a mulher e o menino pela primeira vez.

Saíram quase correndo de uma rua não asfaltada que se abria a algumas centenas de metros depois do bando de jornalistas, à esquerda. Frank notou sua presença porque ela segurava o menino pela mão e tinha um ar assustado. Parou na esquina e olhou ao redor, como quem está num lugar que não conhece e não sabe que caminho tomar. Quando o carro passou por eles, Frank teve a nítida impressão de uma pessoa em fuga. A mulher tinha pouco mais de trinta anos e usava uma confortável calça esportiva xadrez em vários tons de azul e uma blusa delicada, azul-marinho, de tecido furta-cor, para fora das calças. A cor ressaltava os magníficos cabelos louros que desciam até a altura dos ombros. O tecido e os cabelos pareciam sintonizados e competiam na busca de reflexos especiais sob o sol de maio. Era alta e esbelta e seus movimentos eram harmoniosos, apesar da pressa.

O menino devia ter cerca de dez anos e parecia alto para a idade. Usava jeans largos e uma camiseta de algodão colorido. Hesitante, olhava para a mulher que o segurava com luminosos olhos azuis um pouco desbotados.

Frank virou a cabeça e apoiou a testa no vidro da janela para poder vê-los. Viu o capitão Ryan Mosse, do Exército dos Estados Unidos, chegar correndo e bloquear a passagem da mulher e do menino, colocando-se diante deles. Agarrou seus braços, obrigando-os a voltar à rua da qual os três tinham vindo. Frank virou e colocou uma mão no ombro do motorista.

— Pare.

— Como?

— Pare um instante, por favor.

O motorista freou e o carro encostou suavemente à direita. Os dois agentes se entreolharam. O que estava no banco do carona deu de ombros. Americanos!…

Frank desceu e atravessou a rua. Entrou na ruazinha que levava até uma casa um pouco separada das outras, cujo portão se via mais adiante. Viu as costas de três pessoas. Um homem forte que segurava firmemente uma mulher e um menino.

— Isso faz parte de suas *investigações*, capitão Mosse?

Ao ouvir a voz, o homem parou, obrigando a mulher e o menino a uma parada brusca. Segurou o tranco dos dois sem esforço aparente. Virou a cabeça e viu Frank, sem se mostrar surpreso.

— Ah, aqui está, o nosso agente especial do FBI. O que foi, escoteiro, está

tentando fazer sua boa ação do dia? Se for até a praça do Cassino e tiver um pouco de paciência, talvez acabe encontrando uma velhinha precisando de ajuda para atravessar a rua…

Frank avançou em direção ao trio. A mulher olhava para ele com um misto de esperança e curiosidade, com um olhar azul como o do menino. A beleza daqueles olhos o impressionou e admirou-se de que a beleza daqueles olhos o impressionasse.

O menino se desvencilhou.

— Está me machucando, Ryan.

— Vá para casa, Stuart. E não saia de lá.

Mosse largou a presa. Stuart olhou para a mulher, que fez um sinal positivo com a cabeça.

— Pode ir, Stuart.

O menino deu dois passos para trás e continuou a olhar para eles, depois virou e correu em direção ao portão pintado de verde.

— Você também, Helena. Vá para casa e fique lá.

Mosse apertou o braço da mulher com força. Frank viu os músculos se contraindo sob a camisa. Obrigou a mulher, que continuava a olhar para Frank, a virar para ele.

— Olhe para mim. Entendeu bem o que eu disse, Helena?

A mulher sufocou um gemido de dor. Fez que sim com a cabeça. Quando a soltou, Helena lançou um último olhar desesperado para Frank, depois virou e seguiu o menino pelo mesmo caminho. O portão verde se abriu e se fechou atrás deles.

Como o portão de uma prisão, pensou Frank instintivamente.

Agora os dois homens estavam parados um diante do outro. Pelo modo como olhava para ele, Frank entendeu muito bem qual era sua escola de pensamento, a qual, aliás, devia ser a mesma de Parker. Quem não estava com eles, estava contra eles. Quem não os seguia, não os amava e teria de arcar com as devidas consequências.

Um breve sopro de vento chegou para despentear as sebes agrestes dos dois lados da rua. Logo se acalmou e as moitas voltaram a ficar imóveis, como se sublinhassem a tensão entre eles.

— Vejo que se dá bem com as mulheres e as crianças. Mas me parece muito pouco como referência para alguém que chegou aqui com objetivos tão ambiciosos… Estarei enganado, capitão Mosse?

Frank sorriu. Recebeu em troca o mesmo sorriso. Era um sorriso de escárnio.

— Acho que você também se dá bem com as mulheres, não, Frank? Ah,

desculpe, esqueci que Frank é muito íntimo para você… Como quer que o chame mesmo? Ah, sim: *mister* Ottobre…

Pareceu refletir um pouco sobre o que tinha acabado de dizer. Moveu-se um pouco de lado. O movimento, na verdade, tinha o objetivo de colocar-se bem sobre as pernas, como quem está esperando um ataque de um momento para o outro.

— Pois então, *mister* Ottobre. Parece que para você as mulheres são uma boa desculpa para se esconder, acho eu. Nada a fazer com relação a *mister* Ottobre, não se pode esperar mais nada dele. Fechado para luto. Talvez sua mulher…

Frank se moveu sem perceber, tão veloz que o outro, mesmo esperando, não o viu chegar. O punho o atingiu no rosto, derrubando-o no chão. Mosse se viu estendido no chão, um fio de sangue escorrendo no canto da boca. À parte isso, parecia não ter sentido o golpe de Frank. Sorriu de novo e nos seus olhos havia uma luz de triunfo.

— Lamento apenas que terá muito pouco tempo para entender o erro que cometeu.

Com um salto ficou de pé e quase simultaneamente lhe deu um chute, um velocíssimo *maegeri* com a perna esquerda. Frank esquivou-se do golpe, aparando com o antebraço. Ficou levemente desequilibrado para um lado. Percebeu imediatamente o erro cometido. Mosse era um lutador formidável. O chute tinha justamente a intenção de provocar aquele gesto. O soldado deslizou para o chão e com a perna direita deu uma rasteira nas pernas de Frank. Enquanto caía no cascalho, conseguiu se virar de lado, para atenuar o choque com o ombro. Pensou que um tempo atrás não se deixaria surpreender daquela forma, que um tempo atrás não teria…

Num relâmpago, Mosse estava atrás dele. Imobilizou suas pernas com as dele e envolveu seu pescoço com o braço direito. Em sua mão esquerda surgiu como por encanto um punhal militar, que agora estava apontado para a garganta de Frank. Os dois ficaram imóveis, tensos, como uma estátua caída no chão. Pareciam esculpidos em mármore. O capitão tinha os olhos brilhantes, excitados pelo combate. Frank compreendeu que aquilo lhe dava prazer, que lutar era a razão de sua vida. Era uma daquelas pessoas para as quais um inimigo é um tesouro.

— E então, *mister* Ottobre, o que acha agora? E ainda dizem que é muito bom… Seu instinto de escoteiro não avisou que é melhor não se meter com gente maior que você? Cadê seu faro, *mister* Ottobre?

A mão que segurava o punhal se mexeu e Frank sentiu a ponta penetrar em sua narina. Teve medo de que Mosse resolvesse cortá-la. A imagem de Jack

Nicholson em *Chinatown* lhe veio à cabeça. Ficou se perguntando se Mosse também teria visto o filme. A completa incongruência de tal pensamento o fez sorrir, o que pareceu irritar ainda mais seu adversário. Sentiu a lâmina empurrando a cartilagem da narina esquerda.

— Chega, Ryan.

O comando seco chegou por trás dos dois, e a tensão da lâmina diminuiu imediatamente. Frank reconheceu a voz do general Parker. Sem se virar, depois de um último e imperceptível apertão do braço em seu pescoço, Mosse o soltou. Aquilo significava que as coisas entre eles não tinham chegado ao fim, estavam apenas adiadas.

Um soldado não chora. Um soldado não esquece. Um soldado se vinga.

O capitão se levantou batendo a poeira das calças leves de verão. Frank ficou um instante olhando os dois que estavam acima dele, um ao lado do outro, tão semelhantes no físico justamente porque eram, na verdade, uma mesma coisa. A avó italiana com seus provérbios onipresentes veio novamente à mente de Frank.

Deus os faz e Deus os junta.

Não era por acaso que o capitão e o general andavam sempre juntos, tinham os mesmos objetivos e provavelmente os mesmos métodos para alcançá-los. O que tinha acontecido ali não significava nada, fosse ele vencido ou vencedor. Uma fanfarronada e nada mais, um monte de excrementos que Mosse tinha colocado a seu redor para delimitar seu território. Frank estava preocupado com o que ainda poderia acontecer.

— Deveria utilizar outro comando para seu dobermann, general. Dizem que *platz* é o que funciona melhor.

Mosse retesou-se, mas Parker o deteve com um gesto do braço.

Estendeu a outra mão a Frank. Sem lhe dedicar um olhar sequer, Frank se levantou sozinho, também espanando as roupas. Estava de pé, levemente ofegante diante dos dois homens. Diante dos olhos azuis de Parker e do olhar do capitão Mosse, que já tinha perdido todo o brilho e refletia de novo o limbo em que sua mente vivia.

Uma gaivota passou planando em cima deles. Voou para o mar, no céu azul, e lançou do alto, como uma provocação, seu grito característico.

Parker dirigiu-se a Mosse.

— Ryan, poderia, por favor, ir até em casa ver se Helena não está fazendo alguma besteira? Muito agradecido.

Mosse lançou um último olhar a Frank. Por um segundo, seus olhos lampejaram.

Um soldado não esquece.

O bulbo se apagou quase imediatamente. Virou e partiu em direção à casa. Frank pensou que andaria daquele mesmo jeito se a rua estivesse pavimentada de corpos humanos. Se Ryan tivesse encontrado a inscrição "*Eu mato*…" feita com sangue, escreveria com o mesmo sangue: "*Eu também*…"

Era um homem impiedoso e era melhor não se esquecer dele.

— Deve desculpar o capitão Mosse, *mister* Ottobre.

Na voz do general não havia vestígios de ironia, mas Frank não tinha ilusões. No momento oportuno, em outras circunstâncias, sabia muito bem que as coisas seriam diferentes. A ordem de Parker não se faria ouvir e Ryan não seria detido.

— Ele, como dizer… às vezes se preocupa excessivamente com a sorte de nossa família. Às vezes se excede um pouco, devo admitir, mas é uma pessoa de confiança e sinceramente ligada a todos nós.

Sobre isso, Frank não tinha a menor dúvida. A única desconfiança que tinha estava relacionada aos limites dos excessos do capitão, que eram traçados pelo general. E segundo Frank, seriam limites cada vez mais vastos.

— A mulher que viu há pouco é minha filha Helena, irmã mais velha de Arijane. O menino que estava com ela é Stuart, meu neto. Filho dela. Ela…

O tom da voz de Parker suavizou-se, transpassado por uma veia de tristeza.

— Bem, sem meias palavras, ela sofre um grave distúrbio psíquico. Muito grave. A morte de Arijane foi o golpe de misericórdia. Tentamos esconder-lhe os fatos, mas não foi possível.

O general ficou cabisbaixo. Apesar disso, Frank tinha dificuldades em vê-lo no papel de velho pai torturado pela dor. O detalhe de que, alguns minutos antes, tinha definido o menino primeiro como seu neto e só depois como filho de Helena não lhe passou despercebido. Provavelmente, o sentido da hierarquia e da disciplina regia, além da vida pública, sua vida privada. Com um pouco de cinismo, Frank chegou a pensar que a presença da filha e do neto em Montecarlo era um ótimo disfarce para as verdadeiras intenções de Parker.

— Arijane era diferente, mais forte. Era uma mulher de fibra. Era minha filha. Helena se parece com a mãe, tem um temperamento frágil. Muito frágil. Às vezes faz as coisas sem perceber, como hoje. Certa vez, fugiu e vagou dois dias por aí antes que conseguíssemos encontrá-la, num estado lamentável. E acho que hoje ia acontecer a mesma coisa. Tem que ser mantida sob permanente vigilância para evitar que se transforme num perigo para si mesma e para os outros.

— Sinto muito por sua filha, general. Por Helena e sobretudo por Arijane, embora nada disso mude minha opinião sobre o senhor e suas intenções. Se estivesse em seu lugar, talvez me comportasse da mesma maneira, não sei. Fui designado para essa investigação e farei tudo para prender o assassino, pode

contar com isso. Mas da mesma forma, farei tudo para impedir que siga adiante em seu plano, qualquer que seja.

Parker não teve a reação furiosa da noite anterior. Talvez a recusa de Frank a colaborar já estivesse arquivada sob a etiqueta “Taticamente irrelevante”.

— Muito bem. É um homem de caráter, mas certamente não se surpreenderá ao saber que também sou. Portanto, ouça meu conselho e tenha muito cuidado ao atravessar meu caminho quando eu estiver passando, *mister* Ottobre.

Dessa vez, a ironia com seu nome despontou claramente e Frank percebeu. Sorriu. *Tal Ryan, tal Parker*.

— Levarei em conta seu conselho, general, mas espero que não se aborreça, já que, nesse meio-tempo, pretendo continuar minhas investigações. À minha moda. Em todo caso, agradeço muito, *mister* Parker…

Ironia por ironia, como o grito em tom de provocação de uma gaivota no céu azul, como um assassino procurado pela justiça e pela vingança.

Frank virou-se e percorreu lentamente os poucos metros que o separavam da rua principal. Podia sentir o olhar perfurante do general em suas costas. À direita, entrevia-se por trás da cerca viva e da vegetação dos jardins o teto da casa de Jean-Loup. Enquanto atravessava a rua em direção ao carro que esperava por ele, Frank ia se perguntando se o fato de Parker ter alugado uma casa a algumas centenas de metros da casa do DJ era uma feliz coincidência ou uma escolha consciente.

27

DA VARANDA DE SEU APARTAMENTO, no Parc Saint-Roman, Frank viu o carro em que tinha chegado em casa dobrar à direita no final da Rue des Giroflées e pegar o Boulevard d'Italie. Provavelmente, antes de partir, os rapazes ficaram parados na porta esperando instruções da central, pois ele teve tempo de pegar o elevador, entrar no apartamento, abrir a porta e andar até a varanda. Tentou imaginar seus comentários sobre a história toda e sobre ele, em particular. Vinha observando havia muito tempo a atitude do grupo no que dizia respeito à sua participação no *affaire*, como diziam eles. À exceção de Nicolas e Morelli, havia um toque de compreensível chauvinismo em relação a ele. Não se tratava de sabotagem, certamente, pois no fundo perseguiam um objetivo comum, mas, sem dúvida, de uma certa desconfiança. A amizade com Hulot e suas qualificações representavam um salvo-conduto suficiente para garantir a colaboração de todos, mas não a simpatia automática.

As portas estavam apenas entreabertas para o tio da América.

Tanto melhor, não estava ali para dar espetáculo, mas para pegar um assassino. Era um trabalho que podia desempenhar muito bem sem o incômodo de incessantes tapinhas nas costas.

Olhou o relógio. Eram duas e meia da tarde. Notou que tinha fome. Entrou em casa e foi até a pequena cozinha. Tinha pedido a Amélie, a faxineira de André Ferrand, que herdara junto com o apartamento, que fizesse um mínimo de compras. Com o que tinha à disposição na geladeira, montou um belíssimo sanduíche. Abriu uma Heineken e voltou para a varanda. Sentou numa das duas espreguiçadeiras que o proprietário tinha na varanda. Colocou o lanche no tampo de vidro da mesinha de vime. Tirou a camisa e ficou tomando sol de peito nu. Pela primeira vez, ignorou as cicatrizes, estivessem onde estivessem. Agora as coisas estavam mudadas. Tinha outros assuntos em que pensar.

Ergueu os olhos para o céu sem nuvens. As gaivotas giravam no alto, observando os homens e caçando os peixes. Eram os únicos pontos brancos naquele azul quase despudorado. Era um dia fantástico. Desde o início daquela

história, parecia que o tempo tinha decidido não dar atenção à miséria humana e seguir em direção ao verão por conta própria. Não se via uma nuvem sequer cobrindo o sol, nem por um instante. Parecia que alguém, em algum lugar, resolvera restringir à esfera dos seres humanos, e só a ela, a gestão da luz e da escuridão. Senhores e patrões dos próprios eclipses.

Deixou o olhar deslizar ao longo da costa.

Montecarlo, sob o sol, era uma pequena e elegante colmeia com excesso de rainhas. Muitos se comportavam como tais, mas não eram. Fachadas, nada mais que fachadas. Pessoas que escondiam as estacas que sustentavam sua elegante fragilidade, como certas construções cenográficas do cinema. Atrás da porta, apenas a linha distante do horizonte. E aquele homem com sua longa túnica escura que, com uma reverência de escárnio, estava abrindo todas aquelas portas, uma a uma, e apontando, com a mão enluvada de negro, o vazio que havia por trás delas.

Terminou seu sanduíche e bebeu diretamente da garrafa o longo gole de cerveja que tinha guardado para o final.

Voltou a olhar o relógio. Três da tarde. Naquele horário era certo que, se não tivesse saído para resolver algum pepino, encontraria Cooper no escritório, na grande construção de pedra que era a sede do FBI na rua 9, em Washington. Pegou o telefone e digitou o número.

Respondeu à terceira chamada, curto e grosso como de costume.

— Cooper Danton.

— Olá, Cooper, é Frank de novo.

— Oi, velho. Está pegando um bronzeado no sol da Côte d'Azur?

— Já quase esqueci como é o sol da Côte d'Azur. Nosso amigo nos obriga a viver de noite, Cooper. Estou branco como um nabo.

— Certo. Novidades sobre a investigação?

— Breu total. As poucas luzinhas que tínhamos estão se apagando uma depois da outra. E como se não bastasse esse desgraçado, me apareceu também o general Parker com seu lacaio para complicar ainda mais as coisas. Sei que estou incomodando você, mas já conseguiu alguma informação sobre eles?

— Bom, um monte de coisas, se não se assusta com briga de cachorro grande. Estava mandando um e-mail com um anexo para o endereço que me mandou. Você ligou dois segundos antes.

— Mande assim mesmo, mas nesse meio-tempo vá me contando alguma coisa.

— Certo. Vou fazer um resumo. General Parker, Nathan James, nascido em Montpellier, Vermont, em 1937. Família não riquíssima, mas abastada, muito

abastada. Aos 17 anos saiu de casa e falsificou documentos para entrar no Exército. Primeiro de sua turma na Academia. Oficial brilhante, carreira meteórica. Envolvido na história de Cuba, em 1961. Condecorado no Vietnã. Comandou operações brilhantes na Nicarágua e no Panamá. Onde quer que precisassem de alguém para mostrar os músculos, descer a mão e usar a cabeça, lá estava ele. Entrou para o estado-maior do Exército muito cedo. Mente estratégica por trás da operação Tempestade no Deserto e da guerra do Kosovo. Passou por dois presidentes e continua em seu posto. O que significa que não joga conversa fora. E mesmo agora, nessa história do Afeganistão, certamente seu parecer tem um certo peso. Tem dinheiro, apoio, poder e credibilidade. Um daqueles que pode mijar na cama e dizer que é suor. É um linha-dura. Muito linha-dura, Frank.

Cooper fez uma pausa para recuperar o fôlego e para que Frank assimilasse os dados.

— E do outro, o que me diz?

— Quem, o capitão Ryan Mosse?

Frank sentiu novamente a sensação da lâmina da faca de Mosse esticando sua narina. Esfregou o nariz para eliminar a coceira provocada pela lembrança.

— Exatamente. Conseguiu descobrir alguma coisa?

— E como! Capitão Mosse, Ryan Wilbur, nascido em 12 de março de 1963, em Austin, Texas. Temos muito menos coisas sobre ele, e ao mesmo tempo muito mais.

— Como assim?

— A partir de um certo momento, Mosse se transformou na sombra de Parker. Onde está um, está o outro. Mosse daria a vida pelo general.

— Algum motivo especial ou é apenas o fascínio pela figura de Parker?

— A fidelidade de Mosse é ligada aos motivos pelos quais Parker foi condecorado no Vietnã. Entre outras coisas, atravessou as linhas Charlie com um soldado ferido nas costas, salvando sua vida.

— E agora vai me dizer o nome…

— Pois é, o soldado era o sargento Willy Mosse, pai de Ryan.

— Perfeito.

— Desde então, ficaram amigos. Ou melhor, Mosse pai se transformou numa espécie de súdito de Nathan Parker. Este, por sua vez, cuidou do filho do sargento, facilitou sua entrada na Academia Militar, deu recomendações e acobertou em certos casos.

— Ou seja?

— Resumindo, Frank, esse Mosse é uma espécie de psicopata, com uma

notável tendência à violência gratuita e a se meter em confusão. Na Academia, quase matou um colega de porrada; em seguida, apunhalou um soldado por causa de mulher, durante uma festa em homenagem ao Exército, no Arizona. Na guerra do Golfo, um sargento foi processado por tê-lo ameaçado com um M-16 para tentar detê-lo em mais um de seus ataques, dessa vez contra um grupo de prisioneiros imobilizados.

— Que flor!

— Um belo buquê de flores, isso sim. E flores bem sujas de merda. E todas essas histórias foram abafadas. Imagine graças a quem?

— Ao general Nathan Parker, suponho.

— Adivinhou. É por isso que digo que você deve ficar atento, Frank. Esses dois, juntos, são como Satanás e seu tridente. Mosse é o braço armado de Parker. E não creio que ele teria muito escrúpulo em usá-lo.

— Também acho que não, Coop. Agradeço por tudo. Estou esperando o e-mail. Tchau.

— Já está no seu computador. Tchau, amigo, tenha cuidado.

Frank desligou e ficou em pé no meio da sala, a cabeça levemente inclinada de lado. As informações de Cooper só tinham acrescentado alguns nomes, datas e fatos ao que já sabia a respeito daqueles dois. Gente ruim de se enfrentar à luz do sol. E pior ainda pelas costas, nas sombras.

O interfone tocou na entrada. Ele se levantou, desligou o rádio e foi atender.

— Sim?

A voz do porteiro soou embaraçada. E falando em inglês.

— *Mister* Ottobre, uma pessoa está subindo para vê-lo. Não consegui avisá-lo antes, mas, bem… acho que vai entender, eu…

— Não tem problema, Pascal. Está tudo bem, fique tranquilo.

Perguntou-se quem poderia ser a pessoa que estava subindo para deixar o porteiro tão atordoado. Justamente naquele instante, alguém bateu à porta. Frank matutou com seu botões por que não teria usado a campainha.

Colocou-se de lado e abriu a porta.

Diante dele estava um homem de meia-idade, de sua altura, indiscutivelmente americano. Tinha uma vaga semelhança com Robert Redford, mas com os cabelos mais escuros. Bronzeado no ponto certo e elegante, mas sem ostentações. Usava um terno azul-marinho com a camisa aberta, sem gravata. O relógio era um Rolex, mas com pulseira de couro, nada parecido com aqueles blocos de ouro maciço tão fáceis de encontrar em Mônaco. O homem deu um sorriso de dimensões humanas; de pessoa, não de personagem. Nada de relações públicas a qualquer custo.

Frank simpatizou com ele instintivamente.

— Frank Ottobre?

— Sim.

O homem estendeu a mão direita.

— Prazer em conhecê-lo, *mister* Ottobre. Meu nome é Dwight Durham e sou o cônsul dos Estados Unidos em Marselha.

Frank ficou um pouco surpreso, depois apertou a mão que ele lhe estendia. Bom, aquilo sim era uma visita inesperada. Provavelmente, seu rosto deixava transparecer seu pensamento, pois surgiu um brilho divertido nos olhos do diplomata. E seu sorriso se inclinou de lado, desenhando uma ruga de expressão.

— Se acha que isso é um defeito, posso ir embora. Mas se achar que pode superar minhas qualificações e me convidar a entrar, terei prazer em conversar com o senhor.

Frank percebeu o lapso. Sim, aquele homem era definitivamente simpático. Apontou o próprio tórax nu. Estranhamente, não tinha vergonha de exibir as cicatrizes a um estranho. Durham, em todo caso, não deu mostras de tê-las visto.

— Desculpe, fiquei um pouco surpreso, mas agora já passou. Como pode ver, por motivos de patriotismo, costumo receber os diplomatas de meu país vestido de Rambo. Entre, *mister* Durham.

O cônsul deu um passo adiante. Falou com uma pessoa que estava de pé no corredor às suas costas, um homem alto e forte que carregava um revólver sob o paletó e uma sigla escrita na testa. Podia ser FBI, CIA, DEA ou qualquer uma dessas, mas certamente não era a do Exército da Salvação.

— Pode me esperar aqui, por gentileza, Malcolm?

— Sem problema, senhor.

— Obrigado.

Durham fechou a porta. Deu alguns passos e parou no centro da sala, olhando ao redor.

— Nada mau, aqui. Uma vista magnífica.

— Pois é. Deve saber que sou um hóspede nesse apartamento e imagino que saiba também os motivos pelos quais estou aqui.

A declaração de Frank servia, na realidade, para evitar uma inútil perda de tempo. Com certeza, antes de vir, Durham recebera todas as informações sobre o caso. Frank podia ver a mão de uma secretária colocando em sua escrivaninha a pasta com seu nome escrito e seu currículo dentro.

Frank Ottobre, o homem quadrado, o homem redondo.

Aquela pasta já tinha passado por tantas mãos que Frank já nem ligava. Só queria passar a Durham a informação de que não havia motivo para melindres e

inúteis acrobacias verbais entre eles.

O cônsul entendeu e deu a impressão de ter apreciado. Era difícil que Frank, naquele momento de sua vida, inspirasse simpatia. Durham teve o pudor de não fingir o que não sentia, sabendo que a consideração e o respeito seriam alternativas suficientes.

— Sente-se, *mister* Durham.

— Dwight, pode me chamar de Dwight, por favor.

— Certo, Dwight, então. E pode me chamar de Frank. Quer beber alguma coisa? Mas, por favor, não exagere… Minha dispensa já viu dias melhores — disse caminhando em direção à varanda para pegar sua camisa.

— Pode ser uma Perrier?

Nada de álcool. Certo. Enquanto Frank passava em direção à cozinha, Durham sentou-se no sofá. Frank notou que as meias do cônsul eram da mesma cor que a calça. Um homem *ton-sur-ton*. Bem tratado, mas não fanático.

— Acho que sim. Serviço à *la* caubói?

Durham sorriu.

— Claro. Caubói está ótimo.

Voltou com a garrafinha de Perrier e um copo, que lhe estendeu sem cerimônias. Enquanto Dwight servia a água gasosa, Frank foi sentar no outro divã, perpendicular àquele em que o recém-chegado estava instalado.

— Deve estar se perguntando o que estou fazendo aqui, não, Frank?

— Não, você já perguntou por mim. E acho que veio exatamente para me dizer.

Durham examinou as bolinhas de seu copo d’água como se fosse champanhe.

— Temos um problema, Frank.

— Temos?

— Sim, temos. Eu e você. Eu sou cara, você coroa, ou vice-versa. Mas, nesse momento, somos a mesma moeda. E estamos no mesmo bolso.

Bebeu um gole d’água. Colocou o copo na mesa de centro que estava em sua frente.

— Antes de mais nada, queria dizer que minha visita só tem de oficial o percentual que você quiser lhe atribuir. Para mim, é absolutamente oficiosa, duas palavrinhas entre dois cidadãos. Confesso que, ao chegar, estava esperando uma outra pessoa. Não estava pensando em Rambo, mas Eliot Ness passava pela minha cabeça. Estou contente por ter me enganado.

Pegou o copo de novo, como se segurá-lo o deixasse mais seguro.

— Posso ilustrar a situação, Frank?

— Não seria nada mau. Nessa altura dos acontecimentos, uma repassada na situação não deixa de ser útil.

— Bem, posso dizer que o assassinato de Allen Yoshida só serviu para acelerar um movimento que a morte de Arijane Parker já tinha acionado. Está sabendo da presença do general Parker no Principado, não?

Frank fez que sim com a cabeça. Dwight continuou, aliviado e ao mesmo tempo preocupado porque ele já sabia.

— Foi uma sorte que circunstâncias fortuitas o tenham colocado onde você está agora. Isso me livrou da saia justa de ter que exigir a presença de um representante nosso nas investigações, pois já tínhamos alguém. Atualmente, os Estados Unidos têm um problema de imagem. Por ser um país que resolveu assumir a liderança da civilização moderna, a primeira, a verdadeira, a única superpotência mundial, sofremos um duro golpe com o 11 de setembro. Atingidos justamente onde éramos mais fortes, onde nos sentíamos invulneráveis, ou seja, em nossa casa…

O cônsul olhava para a janela, observando-se parcialmente refletido nas vidraças da porta da varanda, que as primeiras sombras tinham transformado quase num espelho.

— Foi no meio dessa situação que aconteceu tudo isso… Dois americanos mortos dessa maneira, justamente aqui, no Principado de Mônaco, um dos Estados mais seguros do mundo. Engraçado, não é mesmo? Não parece que a história está se repetindo? Com a complicação de que agora temos um pai desesperado que resolveu tomar providências por conta própria: um general do Exército dos Estados Unidos que pretende utilizar para fins pessoais os mesmos métodos terroristas que estamos combatendo em outras frentes. Você deve entender que temos todos os elementos para criar outro grave problema em nível internacional…

Frank olhou para Durham, impassível.

— E então?

— Então você precisa pegar esse assassino, Frank. E tem que ser *você*. Antes de Parker e antes da polícia daqui, se conseguir. Apesar da polícia daqui, se for preciso. Em Washington, querem que essa investigação seja exemplar para a América. Queira ou não, para não usar outros nomes, você deve superar Eliot Ness, tirar de novo a camisa e voltar a ser Rambo.

Frank pensou que, em outra situação, ele e Dwight poderiam vir a ser grandes amigos. O pouco de tempo que tinham passado juntos aumentara continuamente a simpatia que sentia por aquele homem.

— Você sabe muito bem que vou fazer isso, Dwight. Vou fazer, mas não por

esses motivos que você acabou de expor. Somos cara ou coroa, talvez seja verdade, mas só estamos na mesma moeda e no mesmo bolso por acaso. Vou pegar esse assassino e vocês poderão dar a isso o significado que bem entenderem. Só peço uma coisa.

— O quê?

— Não deixem que esse significado de vocês seja divulgado como sendo também o meu.

Dwight Durham, cônsul dos Estados Unidos, não disse nada. Talvez não tivesse entendido ou talvez tivesse entendido bem demais, mas para ele estava bom assim. Levantou-se do sofá puxando as calças sobre as meias com as mãos.

— Muito bem, Frank. Creio que já dissemos tudo o que tínhamos a dizer.

Frank também se levantou. Os dois apertaram as mãos na contraluz daquela tarde de fim de verão. Lá fora, o sol estava caindo. O céu caminhava calmamente para o azul da noite. Dentro de algumas horas, a noite cairia, a noite das vozes e dos assassinos nas sombras. E, então, todos teriam que procurar às apalpadelas, no escuro, o próprio esconderijo.

— Não se preocupe em me acompanhar, conheço o caminho. Tchau, Frank, que venha o touro!

— É um bicho esperto, Dwight, não vai se deixar pegar facilmente.

Durham dirigiu-se para a entrada e abriu a porta. Entreviu a figura de Malcolm em pé no corredor enquanto a fechava.

Frank estava sozinho de novo. Resolveu que uma outra cerveja cairia bem. Foi à cozinha pegar e voltou ao sofá. O mesmo que seu convidado ocupara.

Somos a mesma moeda… Cara ou coroa, Dwight?

Relaxou e tentou esquecer Durham e aquele encontro. E a diplomacia, as guerras e os impedimentos legais. Bebeu um gole de cerveja.

Tentou fazer uma coisa que não fazia havia muito tempo. Ele chamava de “Abertura”. Quando as investigações não saíam da estaca zero, sentava sozinho e tentava liberar a mente, deixar que cada pensamento ficasse livre para se conectar com os outros, como num quebra-cabeça mental que se recompunha de forma quase automática. Sem nenhum objeto específico, mas deixando-se guiar pela casualidade do inconsciente. Uma espécie de livre associação de imagens, que algumas vezes dera ótimos resultados. Fechou os olhos.

Arijane Parker e Jochen Welder.

O barco, preso na marina, os mastros levemente inclinados para a direita.

Os dois estendidos na cama, o rosto sem pele, os dentes arreganhados num esgar sem raiva.

A voz no rádio.
A escrita, vermelha como sangue.
Eu mato…
Jean-Loup Verdier. Seus olhos perdidos.
O rosto de Harriet.

Não, não, agora não!

Novamente a voz no rádio.
A música. A capa do disco de Santana.
Allen Yoshida.
Sua cabeça apoiada no vidro do carro.
O banco claro, novamente a escrita vermelha.
A mão, o punhal, o sangue.
As imagens do vídeo.
O homem de negro e Allen Yoshida.
A foto do quarto, sem eles.
O vídeo. As fotos. O vídeo. As fotos. O v…

De repente, num salto quase involuntário, Frank Ottobre se viu de pé na frente do sofá. Era um detalhe tão pequeno que sua mente tinha registrado e arquivado na categoria de irrelevante. Tinha que voltar imediatamente à central para verificar se era mesmo verdade. Talvez fosse apenas uma ilusão, mas não podia deixar de se agarrar a qualquer fio de esperança. Naquela hora, gostaria de ter mil dedos para poder cruzar todos eles.

28

QUANDO FRANK CHEGOU NA ENTRADA da central de polícia, na Rue Notari, a tarde já ia bem adiantada. Fez o trajeto entre o Parc Saint-Roman e a central a pé, deslizando entre os passageiros do sol poente, quase sem vê-los, embora enchessem as ruas. Estava agitado. Quando caçava um criminoso, aquela ansiedade, aquela vibração sempre voltava, como uma voz interior que o pressionava, que o incitava a ir mais rápido. Agora que o marasmo tinha tomado conta da investigação e nenhuma de suas conjecturas tinha chegado a lugar algum, uma pequena luz surgia. Havia alguma coisa brilhando à flor-d'água e Frank não via a hora de mergulhar e descobrir se era mesmo uma luz ou apenas uma miragem provocada pelos reflexos.

Na entrada, quando o agente de plantão o viu chegar, deixou que passasse sem muita complicação. Frank ficou pensando se, ao falar dele, usavam seu nome ou simplesmente "o americano".

Subiu as escadas e chegou à sala de Nicolas Hulot.

Atravessou o corredor e ficou de frente para a porta. Bateu duas vezes na madeira com os nós dos dedos e abriu a porta. A sala estava deserta.

Ficou um segundo perplexo, de pé no corredor. Resolveu entrar. Estava tomado por um verdadeiro frenesi de verificar se sua hipótese correspondia à verdade. Claro que Nicolas não criaria problemas se o fizesse em sua ausência.

Sobre a escrivaninha de madeira estava o dossiê com todos os relatórios e pastas relacionados ao caso. Abriu e começou a procurar o envelope com a foto da casa de Allen Yoshida que Froben tinha trazido depois da inspeção dos locais. Estudou todas elas atentamente. Sentou-se na cadeira da escrivaninha, pegou o telefone e discou o número do delegado de Nice.

— Froben?

— Sim, quem é?

— Olá, Claude, é Frank.

— Oi, americano. Como vai?

— Posso lançar mão de uma ajuda extra?

— Li os jornais, está tão mal assim?

— Está. Imagine que mesmo quando vai mal, damos um suspiro de alívio porque não está pior ainda.

— Parabéns. Com toda essa confusão, o que posso fazer por você?

— Responder a algumas perguntas.

— Diga lá.

— Sabe se alguém tocou em alguma coisa na casa de Yoshida, sei lá, se tirou alguma coisa do lugar sem querer, antes que vocês chegassem para as fotos e amostras?

— Acho que não. A empregada que descobriu o local do crime nem entrou. Quase desmaiou quando viu todo aquele sangue. E avisou os seguranças imediatamente. Deve lembrar que Valmeere, o chefe da vigilância, é um ex-policial e conhece os procedimentos. Nós, obviamente, não tocamos em nada. As fotos que entreguei são da casa exatamente como estava quando chegamos.

— Certo, Claude. Desculpe, mas precisava estar absolutamente certo a esse respeito.

— Tem alguma pista?

— Não sei. Espero que sim. Preciso verificar um detalhe, mas não quero criar ilusões antes do tempo. Outra coisa…

O silêncio do outro lado do telefone significava que Froben estava à espera.

— Você lembra se na discoteca de Yoshida havia algum LP de vinil?

— Isso eu posso responder com certeza. Não. Digo isso porque um dos meus homens, que é apaixonado por essas coisas, notou que o equipamento tinha um toca-discos, mas nas prateleiras só havia CDs. Fez até um comentário a respeito…

— Grande Froben. Não esperava menos que isso de você.

— Certo. Se precisar de alguma coisa, estou aqui.

— Obrigado, Claude. É um amigo.

Desligou e ficou um momento pensando. Tinha chegado a hora de verificar se aquele filho da puta cometera um pequeno erro, o primeiro, desde o começo daquela história. Ou se o erro era dele, Frank, confundindo vaga-lume com lanterna.

Abriu a gaveta da escrivaninha logo abaixo do tampo da mesa. Lá estava a cópia da fita VHS que tinham encontrado na Bentley de Yoshida. Sabia que Nicolas a tinha guardado ali, junto com as fitas das gravações da rádio. Pegou a fita e enfiou no videocassete ligado à televisão. Ligou os aparelhos e apertou o play no controle remoto do videocassete.

Na tela, surgiram as barras coloridas e depois a sequência. Nem que vivesse

cem anos e visse aquelas imagens uma vez por dia, conseguiria fazê-lo sem estremecer. Reviu a figura de negro agitando-se com o punhal na mão. Sentiu um nó na garganta e uma mordida apertando seu estômago. E uma raiva tão grande que só se aplacaria no dia em que conseguisse pegá-lo.

Isso, estamos quase lá…

Tentou passar a fita rapidamente, mas tinha medo de que o detalhe lhe escapasse. Finalmente a projeção chegou ao ponto que desejava. Deu um pequeno e contido grito de alegria.

Sim, sim, sim…

Parou a imagem apertando o botão de pausa. A coisa era tão pequena que, antes, sentia-se inseguro para afirmar a alguém, com medo de sofrer mais uma desilusão. Mas agora estava ali, diante de seus olhos, e valia a pena ver se conseguia tirar alguma coisa dali. É verdade que, por enquanto, era um detalhe tão insignificante que não poderia ser superestimado, mas era a única coisa que tinham em mãos.

Observou atentamente a cena parada na tela da TV. O assassino imóvel com o punhal levantado sobre Allen Yoshida. Sua vítima olhava para ele com olhos esbugalhados, as mãos e as pernas imobilizadas com arame, a boca tapada com fita isolante, uma careta de dor e terror no rosto. Frank pensou que aquele homem morreria de novo cada vez que alguém visse aquele vídeo. E visto quem era, a cada vez seria uma morte merecida.

Naquele instante, a porta da sala se abriu e entrou Morelli. Parou na soleira, sem palavras ao vê-lo ali.

Frank notou que não estava surpreso, estava *constrangido*.

De algum modo, sentiu-se culpado pelo desconforto do inspetor.

— Oi, Claude, desculpe se me intrometi, mas não tinha ninguém e precisava muito verificar uma coisa com certa urgência…

— Não, não tem problema algum. Se estava procurando o delegado Hulot, ele está em reunião no salão, no andar de baixo. Os chefes também estão lá.

Frank ficou desconfiado. Se estavam em reunião para ver em que pé estavam as investigações e para coordenar as próximas ações, achou estranho que não o tivessem avisado. Sempre se comportava de maneira não invasiva, para não colocar Nicolas numa situação embaraçosa. Permanecia sempre um passo atrás dele e só tomava a iniciativa quando esta era deixada em suas mãos. Tudo isso para não atropelar o delegado aos olhos de ninguém: de seus superiores, mas sobretudo de seus subordinados, que eram, na realidade, para quem importavam aquelas atitudes.

Quanto ao estado de espírito de Nicolas, já era outra história. Tinha ficado

muito impressionado com seu desabafo pela manhã, na casa de Jean-Loup, mas entendia perfeitamente, tanto no plano humano quanto no âmbito profissional, o porquê daquilo.

Eles, sim, eram as duas faces da mesma moeda. Quem era cara, quem era coroa, não tinha a menor importância. Entre eles não havia problemas.

Relacionou a reunião quase furtiva com a visita de Dwight Durham à sua casa. Provavelmente, as autoridades do Principado pensavam da mesma maneira, mas do ponto de vista oposto. Sua presença ali, depois da intervenção da diplomacia americana, não era mais relacionada a questões pessoais, quase um acordo entre cavalheiros, mas uma presença oficial.

Frank deu de ombros. Não tinha vontade de se meter nas particularidades da diplomacia. Estava pouco se lixando. Tudo o que desejava era pegar o assassino, trancá-lo numa cela e jogar as chaves fora. Deixava a quem de direito decidir de quem seria o crédito.

Morelli tinha se recuperado do momento de impasse entre eles.

— Estou indo lá para baixo. Não quer vir?

— Acha que devo?

— Sei que mandaram ligar para você duas vezes, mas o telefone estava ocupado.

A coisa parecia plausível. Ficara bastante tempo no telefone com Cooper, e quando Durham chegou, tinha desligado o celular, que, aliás, usava muito pouco. Ficava quase todo o tempo dentro de uma gaveta no Parc Saint-Roman.

Frank se levantou da escrivaninha. Pegou a foto que tinha acabado de examinar e retirou a fita do videocassete. Levou tudo consigo.

— Temos como ver a fita lá embaixo?

— Sim, temos tudo o que é necessário.

Saíram da sala, percorreram o corredor em silêncio e pegaram a escada. O rosto de Frank era uma máscara de pedra. Chegaram no andar de baixo e fizeram o mesmo percurso que tinham feito em cima, na direção oposta. Diante da penúltima porta à direita, Morelli bateu levemente.

— Entre — disse alguém lá de dentro.

O inspetor empurrou a porta e entrou.

No grande salão pintado com tinta brilhante em dois tons de cinza, havia um bom número de pessoas sentadas ao redor de uma longa mesa retangular. Nicolas Hulot, o dr. Cluny, o diretor da Sûreté, Roncaille e dois personagens que Frank nunca tinha visto antes.

Quando ele surgiu, fez-se um silêncio geral.

Frank ficou mais desconfiado ainda. Houve a clássica pausa de quem é

surpreendido com a boca na botija. Frank pensou que estavam na casa deles e tinham todo o direito de fazer quantas reuniões quisessem, com ele ou sem ele. Mas o comportamento geral confirmava sua sensação. Nicolas olhava para todos os cantos da sala, sem coragem de fitá-lo nos olhos e tinha um ar bastante constrangido, como Morelli um pouco antes. Frank avaliou a hipótese de que seu comportamento fosse devido a algum outro motivo. Na sua ausência, devia ter ouvido um belo sermão sobre os resultados negativos das investigações até o momento.

Roncaille se recuperou primeiro. Levantou-se e deu alguns passos em direção ao americano.

— Ah, Frank, boa-tarde, sente-se. Estávamos justamente vendo em que pé estão as investigações enquanto esperávamos por você. Acho que não conhece o dr. Alain Durand, procurador-geral, que trata pessoalmente desse caso…

Indicou um sujeito baixo com cabelos alourados e ralos, olhos pequenos e encovados por trás de lentes sem armação, sentado na cabeceira. Usava um elegante terno cinza que não conseguia lhe dar o aspecto que ele julgava ter. Cumprimentou Frank levemente com a cabeça.

— E o inspetor Gottet, da Computer Crime Unit…

Dessa vez foi o homem sentado à esquerda de Durand quem cumprimentou com a cabeça. Era jovem, de cabelos escuros, bronzeado, e provavelmente frequentava academias de ginástica nas horas livres, praias durante o verão e máquinas de bronzear durante o inverno. Parecia mais um *yuppie* que um policial.

Roncaille dirigiu-se às pessoas que tinha acabado de apresentar.

— Esse é Frank Ottobre, agente especial do FBI, agregado à polícia do Principado para as investigações do caso “Nenhum”.

Frank foi sentar à direita de Cluny, do lado esquerdo da mesa, quase em frente a Nicolas. Buscou o olhar dele, mas não encontrou nada. Continuava a observar um ponto qualquer sob a mesa, como se tivesse perdido alguma coisa.

Roncaille voltou a seu lugar.

— Bem, agora que estamos todos aqui, podemos prosseguir. Frank, o dr. Cluny, que examinou as gravações dos telefonemas do indivíduo, ia começar seu relatório.

Foi a vez de Frank concordar em silêncio. Cluny aproximou a cadeira da mesa e abriu a caderneta de notas que tinha diante de si. Clareou a voz como se estivesse começando uma aula na universidade.

— Depois de um exame menos superficial do que as análises que pude fazer durante os telefonemas, cheguei, *grosso modo*, às mesmas considerações. Trata-

se de um sujeito extremamente complexo, um tipo que, devo dizer, nunca encontrei antes. Há certas particularidades em seu *modus operandi* que o incluem com direitos plenos na casuística do *serial killer*. Por exemplo, a territorialidade, que o leva a agir única e exclusivamente nos limites do Principado. O fato de privilegiar uma arma branca, que permite o contato direto com a vítima. Podemos pensar que a prática de esfolar as vítimas pode ser vista como um ritual fetichista e, ao mesmo tempo, como um *overkilling* no sentido estrito. Através do massacre do cadáver, o assassino demonstra sua completa supremacia sobre a pessoa que decidiu atacar. O período de calma entre os homicídios também faz parte do quadro geral. Portanto, até aqui tudo parece normal…

— Porém?… — disse Durand com uma voz grave, que soava absolutamente incompatível com seu aspecto físico.

Cluny fez uma pausa teatral. Tirou os óculos e apertou a base do nariz, como Frank já o tinha visto fazer. Parecia ter uma habilidade especial para manter a atenção sobre suas palavras. Recolocou os óculos e concordou com a cabeça em direção a Durand.

— Exato, aqui começam os "poréns"… O sujeito é dono de grande domínio verbal e de uma capacidade de abstração absolutamente fora do comum. Usa imagens que às vezes são até poéticas, embora amargas. Também a definição que faz de si mesmo, "um e nenhum", se encaixa perfeitamente nessas considerações. Além da inteligência aguda, deve ser um homem de cultura bastante elevada. Estudos acadêmicos, em ciências humanas, eu diria, talvez de nível universitário, ao contrário do perfil médio do *serial killer*, representado em sua maioria por expoentes da classe média baixa, de pouca cultura ou vivência escolar. São, na imensa maioria dos casos, pessoas com um quociente de inteligência bastante baixo. Mas tem uma outra coisa que me deixa particularmente perplexo…

Mais uma pausa. Frank ficou olhando o psiquiatra repetir a pantomima dos óculos e do aperto na base do nariz. Durand aproveitou para limpar os seus.

Aplausos em cena aberta, Cluny. Muito bem, estamos à sua disposição, mas, por favor, continue. E trate de comprar lentes de contato de uma vez.

— O fato de que, no decorrer da conversa, ele fale quase como se fosse coagido ao crime, ao homicídio. Se por trás de um distúrbio de personalidade desse tipo existem, como substrato, vivências da vida comum, ou seja, pai ou pais dominadores, sevícias e humilhações sofridas ou coisas semelhantes, isso faz parte do quadro normal. Mas há um comportamento que se verifica em casos de desdobramento da personalidade, como se duas pessoas convivessem ao

mesmo tempo no sujeito. E, aqui, retornamos ao “um e nenhum” de que já falamos…

Frank pensava que todas essas considerações eram bobagens e ponto final.

Um belo exercício de estilo e nada mais. Naquele caso específico, traçar o perfil do assassino poderia ser útil, mas não determinante. Aquele sujeito não era apenas um homem que agia, era também um homem que *pensava*, e pensava muito, antes de agir. E de maneira excepcional, além de tudo. Para pegá-lo tinham que conseguir ir *além* da lucidez dos seus pensamentos.

Não disse nada, por temor de que uma simples constatação fosse compreendida como admiração.

Durand interveio e, pelo que disse, Frank foi obrigado a admitir que não era um idiota. Sabia como conduzir uma reunião daquele tipo.

— Senhores, estamos entre colegas e ninguém pode nos ouvir. Não se trata de uma competição para ver quem é o melhor. Pediria encarecidamente que colocassem na mesa, sem pudores de nenhum tipo, qualquer perplexidade, mesmo as que parecerem mais banais. Nunca se sabe de onde pode vir uma ideia. Vou começar. O que se pode dizer da relação do assassino com a música?

Cluny deu de ombros.

— Esse é um outro aspecto controverso. “Um e nenhum”, mais uma vez. De um lado, há uma paixão evidente, na medida em que parece conhecê-la e amá-la muito. A música deve ser uma espécie de refúgio primário para esse homem, uma espécie de esconderijo mental. Por outro lado, o uso desse meio para fornecer indicações, indícios sobre sua próxima vítima, nos envolve num jogo de destruição da música, uma arma com a qual ele nos desafia. Ele se sente superior a nós, embora a pressão que o leva a fazer o que faz esteja baseada numa sensação de inferioridade e de frustração. Estão vendo? Mais uma vez, “um e nenhum”…

Hulot levantou a mão.

— Diga, delegado.

— Que finalidade poderia ter em sua opinião, à parte a motivação psicológica, o fato de retirar um detalhe anatômico das vítimas? Quer dizer, vou tentar explicar melhor. *O que ele faz com a pele da cabeça desses infelizes*? *Para que poderia servir*?

O silêncio caiu na sala. Todos já tinham se colocado aquela questão algumas vezes. E agora que tinha sido formulada em voz alta, aquela pausa significava que ninguém encontrara nem a sombra de uma resposta.

— Bem, sobre isso, como cada um de nós, só posso levantar hipóteses e por enquanto todas elas seriam igualmente válidas…

— Poderia ser alguém com um aspecto físico horrível, que se vinga de sua condição nas vítimas? — perguntou Morelli.

— Claro, é possível. No entanto, devemos ter em mente que um aspecto físico desagradável ou mesmo monstruoso chama por si só bastante atenção. Uma aparência física negativa é a coisa que mais mexe com a fantasia das pessoas, segundo a equação "feio igual mau". Se houvesse uma espécie de Frankenstein em circulação, alguém já teria denunciado. Um pessoa assim não passa despercebida.

— Mas me parece que não devemos descartar esse caminho a priori — interveio Durand com sua voz grave.

— Claro que não. Nenhum caminho é descartável, infelizmente.

— Obrigado, dr. Cluny.

Roncaille encerrou por ora a parte da análise psicológica e dirigiu-se ao inspetor Gottet, que até então ouvia tudo em silêncio.

— Sua vez, inspetor.

Gottet começou a falar de suas competências com os olhos brilhando, animado pelo fogo sagrado da eficiência.

— Avaliamos todas as causas possíveis da impossibilidade de interceptação das ligações telefônicas do "ENI".

Gottet olhou para ele. Frank teve vontade de rir e se conteve com dificuldade. Gottet era mesmo um fanático. "ENI" era uma sigla para "Elemento Não Identificado", bastante comum entre os policiais americanos, mas não ali.

— Acabamos de receber um novo sistema de monitoramento das chamadas de telefonia móvel, o DCS 1000, que é chamado de "*Carnivore*". Se a ligação vier de um celular, não haverá problema…

Frank tinha ouvido falar do sistema em Washington, quando ele ainda estava em fase de testes. Não sabia que já estava em operação. Aliás, naquela altura dos acontecimentos havia muita coisa que ele desconhecia. Gottet recomeçou sua exposição.

— No que diz respeito à telefonia fixa, podemos entrar diretamente no computador que monitora a central telefônica da rádio, e verificar todos os acessos com uma busca de sinal, seja os que chegam das centrais das empresas de telefonia, seja os que, por essa ou outras vias, chegam via web…

Fez uma pausa teatral, mas sem obter os resultados magnéticos de Cluny.

— Como todos sabem, com os programas adequados e uma certa habilidade, é possível fazer ligações telefônicas via internet sem ser interceptado. A menos que, do outro lado, esteja alguém igualmente preparado, ou mais. Por isso, conseguimos a colaboração de um hacker que mudou de lado. Agora é consultor

free-lancer para a defesa contra hackers. Colabora eventualmente com a polícia, em troca de fecharmos os olhos para algumas de suas antigas falcatruas. Temos o máximo em matéria de tecnologia disponível no mercado aplicada a essa busca. Dessa vez, ele não vai escapar…

A intervenção de Gottet foi significativamente mais breve que a de Cluny, mesmo porque havia menos a dizer sobre o assunto. O mistério da incapacidade de interceptar os telefonemas era uma mancha na camisa recém-lavada do departamento. Todos arregaçariam as mangas até as axilas para conseguir tirá-la.

Durand passou os olhos pela assistência.

— Alguém teria mais alguma coisa a dizer?

Hulot parecia ter se recuperado do constrangimento anterior e readquirido todo seu sangue-frio.

— Estamos dando sequência às investigações sobre a vida particular das vítimas, mas não esperamos grande coisa nesse sentido. Também continuamos a monitorar a Rádio Monte Carlo. Se o sujeito ligar de novo e nos der outro indício, estamos prontos para intervir. Organizamos um batalhão especial de policiais à paisana, dentre os quais algumas mulheres do nosso quadro feminino, para vigiar os locais. Ao mesmo tempo, temos à nossa disposição a unidade de combate com atiradores de elite e equipamentos de visão noturna. Contratamos especialistas em música que também estão à disposição para nos ajudar a decifrar a mensagem, se houver alguma. Uma vez decifrada, pretendemos manter a pessoa apontada como vítima provável sob vigilância. Vamos esperar que o assassino cometa um erro, visto que até hoje tem se mostrado infalível.

Durand olhou para ele do fundo da mesa. Frank conseguiu distinguir que seus olhos eram cor de avelã. Dirigiu-se a todos e a nenhum em particular com sua voz de barítono.

— Senhores, é inútil lembrar o quanto é importante que não cometamos mais erros. Essa não é apenas uma investigação da polícia: está se transformando em muito mais do que isso. Temos que pegar esse sujeito o quanto antes ou a mídia vai fazer picadinho de nós.

Além do Conselho de Estado, sem falar no príncipe em pessoa, pensou Frank.

— Quero ser informado de qualquer coisa, não importa a hora. Até breve, senhores, conto com todos vocês.

Durand levantou e todos o imitaram. O secretário de Justiça dirigiu-se para a porta, seguido por Roncaille, que seguramente queria se aproveitar de sua presença para mais um exercício de relações públicas.

Morelli esperou que os dois se afastassem o suficiente para sair também, depois de lançar a Hulot um olhar de plena solidariedade.

O dr. Cluny ficou de pé ao lado da mesa e estava recolhendo a caderneta com suas notas.

— Se precisarem de minha presença na rádio, estou às ordens.

— Seria ótimo, doutor — disse Hulot.

— Então nos vemos mais tarde.

Cluny também deixou a sala. Frank e Nicolas ficaram sozinhos.

O delegado indicou com um gesto a mesa onde estavam sentados minutos antes.

— Sabe que não tenho nada a ver com isso, não sabe?

— Claro que sim. Cada um tem seus problemas.

Frank pensava em Parker. Sentia-se culpado por ainda não ter falado sobre o general e Ryan Mosse com Nicolas.

— Se vier comigo a minha sala, tenho uma coisa para você.

— Que coisa?

— Uma pistola. Uma Glock 20. É uma arma que você conhece bem, acho eu.

Uma arma. Frank pensava que nunca mais precisaria de uma.

— Acho que não há necessidade.

— Eu também preferia que não houvesse, mas nessa altura creio que todos temos que estar prontos para qualquer eventualidade.

Frank ficou um segundo em silêncio. Passou a mão no rosto, onde a barba já estava criando uma sombra escura. Hulot notou sua perplexidade.

— O que houve, Frank?

— Nicolas, acho que encontrei alguma coisa…

— O que quer dizer?

Frank foi pegar o envelope e a fita que tinha deixado na mesa ao chegar.

— Trouxe isso aqui mas, no último momento, resolvi não dizer nada na frente de todo mundo, pois é um detalhe tão insignificante que precisa ser verificado antes de ser incluído nos ativos do balanço. Lembra que falei que alguma coisa estava me escapando? Algo que deveria lembrar, mas não conseguia localizar. Finalmente descobri o que era. Uma discrepância entre o filme e as fotos da casa de Allen Yoshida, as que Froben trouxe.

— Como assim?

Frank retirou uma foto de dentro do envelope e a estendeu a Hulot.

— Olhe em cima do móvel. O do som, atrás da poltrona. O que tem em cima?

— Nada.

— Exatamente. E agora, olhe aqui…

Frank pegou a fita VHS e foi até a TV, uma Philips Combi com videocassete

embutido que estava na parede em frente à mesa.

Enfiou a fita, que ainda estava parada no ponto em que Frank apertara o botão de pausa. Voltou a parar a imagem. Indicou com a mão um ponto da tela por trás das duas figuras em primeiro plano.

— Aqui, está vendo? Em cima do mesmo móvel tem a capa de um disco. Trata-se de um LP de vinil. Na casa de Yoshida não havia discos, Froben confirmou o fato. *Nem um só disco*. Na foto, não há sinal dessa capa. Isso significa que o assassino não resistiu à sua fixação por música e trouxe de casa a trilha sonora do novo crime. A imagem está meio fora de foco por causa da qualidade da cópia, feita às pressas. Mas tenho certeza de que, manipulando o original com a aparelhagem adequada, poderemos descobrir que LP é esse. O fato de que ele não o tenha abandonado lá mesmo quer dizer que o disco tem algum significado particular. Para ele ou num sentido mais geral. Não podemos esquecer que o desgraçado tem um senso de humor bem pronunciado, embora mórbido. Acho que dificilmente perderia a oportunidade de um último toque de sarcasmo, se pudesse. Repito, pode ser que não seja um passo adiante, mas é a primeira coisa que ficamos sabendo do assassino *contra sua vontade*. Embora pequeno, é o primeiro erro que comete…

Houve um longo momento de silêncio. Frank o rompeu primeiro.

— Tem algum modo de analisar o VHS sem muita publicidade? — perguntou a Hulot.

— Aqui no Principado, não, de jeito nenhum. Deixe ver… Bem, tem o Guillaume, filho dos Mercier, um casal de amigos. Ele tem uma pequena empresa de produção. Faz videoclipes e coisas do gênero. Está começando, mas é muito bom. Posso tentar com ele.

— É de confiança?

— É um bom rapaz. Era o melhor amigo de Stéphane. Se eu pedir, vai manter a boca fechada.

— Ótimo. Acho que vale a pena tentar manipular o vídeo, mas tem que ser feito com muita discrição.

— Também acho. Quanto ao resto, você mesmo já disse. Embora pequena, é a única coisa que temos…

Entreolharam-se e aquele olhar significava muitas coisas. Eles sim eram realmente as duas faces de uma mesma moeda e estavam no mesmo bolso. A vida não tinha sido generosa com nenhum dos dois. Tiveram a coragem de recomeçar, cada um a seu modo. Até então, sentiam-se à mercê dos acontecimentos que, mais uma vez, estavam virando suas vidas de ponta-cabeça. Agora, graças a um detalhe descoberto quase por acaso, naquela sala cinzenta,

suspensa no ar como uma pipa ao sabor do vento, esvoaçava uma pequena esperança colorida.

29

LAURENT BEDON DESLIGOU O BARBEADOR ELÉTRICO e se olhou no espelho.

Embora tivesse dormido até tarde, as horas de sono não tinham apagado as marcas dos excessos da noite anterior. Chegara em casa de madrugada, bêbado como um gambá, e caíra na cama quase adormecido, e caiu no sono antes mesmo de colocar a cabeça no travesseiro. Agora, apesar da longa chuveirada e da barba feita, tinha bolsas sob os olhos e o tom pálido de quem não vê a luz do sol há muito tempo. A lâmpada fluorescente do banheiro, com sua luz inclemente, só realçava seu aspecto doentio.

Deus do céu, pareço um morto.

Pegou a loção pós-barba e passou abundantemente no rosto. Errou na distribuição e a ardência do álcool queimou seus lábios. Penteou os cabelos ásperos e passou desodorante nas axilas. Com isso, considerou-se pronto para enfrentar outra noitada.

No quarto, as roupas estavam espalhadas numa bagunça que definia como endêmica. Antes, tinha uma faxineira que fazia a limpeza e dava uma organizada provisória na casa, que ele logo se encarregava de desfazer. Agora suas finanças não permitiam que pagasse uma empregada doméstica. Já era muita sorte não ter sido despejado, visto que estava com quatro meses de aluguel atrasado.

Nos últimos tempos as coisas não andavam bem para ele. Na noite anterior, deixara no Cassino de Mentone um belo pacote de dinheiro que, além do mais, nem era seu. Tinha pedido um novo adiantamento a Bikjalo, que resmungou um bocado mas finalmente abriu os cofres. De má vontade, assinou um cheque, que empurrou em sua direção depois de sublinhar que seria, inapelavelmente, o último.

Com aquele dinheiro poderia remendar alguns pontos críticos do quadro altamente deficitário de sua situação econômica. Havia o aluguel, o banalíssimo aluguel, o preço de dois míseros cômodos naquele edifício em Nice, onde não havia baratas porque elas tinham nojo de entrar. Coisas inacreditáveis. E o dono do apartamento que o cercava como num filme americano tipo B ou numa

comédia de *O gordo e o magro*.

O Crédit Agricole tinha confiscado seu carro, visto que, depois da terceira prestação do leasing, não pagara mais nenhuma. Fodam-se, eles. Foda-se, *monsieur* Plombier, aquele cretino do gerente que o tratou como lixo quando foi procurá-lo para reclamar. E além de tudo, tinha pedido que devolvesse o cartão de crédito e o talão de cheques.

Mas aquela não era sua maior preocupação. Quem dera. Devia uma montanha de euros àquele bandido do Maurice, uma dívida contraída quando o dinheiro ainda se chamava franco. Tinha amenizado as coisas com alguns depósitos extemporâneos, mas a paciência daquele monte de bosta não ia durar eternamente. E todo mundo sabia o fim que esperava quem não honrava as dívidas com aquele escroto. Circulavam boatos muito inquietantes a esse respeito. Era só a voz do povo, mas naquele caso específico, Laurent temia que fosse também a voz de Deus.

Sentou na cama e passou as mãos pelos cabelos. Olhou ao redor. O que via era deprimente. Ainda não conseguia acreditar que estava morando naquela ratoeira no Ariane.

Maurice tinha se apossado de seu belo apartamento na Acropolis como parte do pagamento, mas os juros sobre o restante da dívida viajavam a tal velocidade que dentro em pouco, na falta de coisa melhor, levariam até seus colhões, nem que fosse pelo prazer de vê-lo cantar com voz de soprano.

Vestiu-se do jeito que dava, recuperando um par de calças e uma camisa não entre as limpas, mas entre as menos sujas. Pegou as meias do dia anterior sobre a cama. Não tinha a menor ideia de como tinham ido parar lá. Não lembrava nem de ter tirado a roupa na noite anterior. O armário do quarto refletiu, num espelho de quarto alugado, uma imagem vestida que não era muito melhor do que aquela do banheiro.

Quarenta anos. E estava naquele estado. Se não fizesse alguma coisa, logo se transformaria num *clochard*. Não teria dinheiro nem para comprar lâminas de barbear. Isso se Maurice não aparecesse antes para resolver a questão a seu modo….

No entanto, na noite anterior sentira que a sorte estava a seu lado. Pierrot tinha lhe dado os números e, em geral, os números de Pierrot eram quentes. Já tinha saído várias vezes do Cassino sorrindo de orelha a orelha graças ao *Rain Boy*. E torrara tudo sem nem perceber, como sempre acontece com o dinheiro ganho sem esforço.

Trocou o cheque de Bikjalo com um sujeito que conhecia e que fazia ponto nos arredores do Cassino, à espera, justamente, de gente como ele; homens com

uma luz febril nos olhos, viciados nas reviravoltas de uma bolinha na roleta. Teve que deixar uma bela comissão, como dizia o infeliz, mas entrou no salão com as melhores intenções, sem saber que estava pavimentando mais um metro quadrado de sua estrada para o inferno.

Um desastre. Nenhuma aposta boa, nenhum cavalo, nenhum seis em linha. Nada. O *croupier* recolhia mecanicamente suas apostas, uma a uma, com a expressão profissional de todos eles. Só o tempo de girar a roleta, jogar a bolinha e as mãos hábeis do desgraçado mandavam as fichas coloridas para junto das que tinham ido embora antes. E no seu caso específico, elas viravam fumaça.

Na verdade, os *croupiers* detestam os perdedores. E estava escrito na sua cara que ele era um perdedor: nem mesmo a ficha de gorjeta *pour les employés* que em geral acompanha um *en plein*.

Fumaça por fumaça, se tivesse queimado o dinheiro no caminho teria obtido bem mais. Só que *agora* não havia mais volta. Diante da estrada que trilhava, Maurice ou algum outro estava se aquecendo. E azar o seu.

Levantou-se da cama e foi ligar o computador, instalado de modo bastante precário numa espécie de escrivaninha que ficava no quarto. Um PC veloz, montado por ele mesmo, com um processador Pentium IV de 1600 mega-hertz, um giga de RAM e dois discos rígidos de 30 gigas cada. Pelo menos isso. Sem o computador se sentiria perdido. Lá estava a agenda, as escaletas do programa, as coisas que escrevia quando a melancolia tomava conta de tudo, o que, naquele período, acontecia quase sempre. E a navegação na web, uma evasão virtual da prisão real em que vivia.

Quando a máquina acabou de ligar, verificou que tinha uma mensagem no e-mail. Abriu. Continha um texto lacônico de um desconhecido que usava uma bela fonte Book Antiqua.

Precisa de dinheiro? Chegou o tio da América…

Imaginou quem seria o imbecil capaz de fazer uma brincadeira daquelas. Algum de seus amigos que conhecia a situação, com certeza.

Sim, mas quem? Jean-Loup? Bikjalo? Alguém da rádio?

E afinal, o que queria dizer “tio da América”? Por um instante, pensou no americano, o agente do FBI, o sujeito que estava investigando os assassinatos. Tinha uns olhos de arrepiar, piores que a voz nas transmissões. Talvez fosse uma maneira de pressioná-lo. No entanto, não parecia ser o tipo de homem que lança mão desses estratagemas. Era mais um tipo que imprensa alguém contra a parede e só larga depois que o sujeito cuspiu até a alma.

Toda aquela história voltou a sua cabeça. A voz na rádio era um autêntico maná dos deuses para Jean-Loup. Estava ficando mais popular que os Beatles. Não parecia reagir muito bem a toda aquela história, mas quando pegassem o assassino, ia sair carregado em triunfo. O cara estava levantando voo e ele ficaria no chão, com o nariz empinado para vê-lo voar. E pensar que fora ele quem o levou para a rádio, depois de conhecê-lo por acaso em frente ao Café de Paris, na praça do Cassino, alguns anos antes. Fora testemunha do episódio que garantiria a bela mansão de Beausoleil àquele sacana nascido de cu para a lua. Só alguns anos depois ficaram sabendo que salvar o vira-lata da velhinha tinha sido como comprar a sorte grande na loteria.

Seu destino era sempre o mesmo. Ser espectador da sorte dos outros. Estar ali para ver alguém ser iluminado por um raio de luz que, se tivesse caído meio metro adiante, o atingiria em cheio.

Depois do resgate do animal, puxou conversa com o rapaz de cabelos escuros e olhos verdes que olhava ao redor um pouco constrangido por se ver de uma hora para outra no centro das atenções. Uma coisa puxou outra. Laurent tinha ficado impressionado pelo que Jean-Loup transmitia: uma sensação de calma e de participação ao mesmo tempo. Algo que não conseguiu identificar com precisão, mas que era forte o suficiente para não deixar o interlocutor indiferente. Sobretudo um interlocutor como ele.

Bikjalo, que não era bobo, percebera isso no ato, assim que Jean-Loup foi apresentado como possível locutor de *Voices*, o programa que Laurent tinha em mente há tempos. Viu o interesse se acender em seus olhos de velha raposa. Jean-Loup tinha a indiscutível vantagem de ser talentoso e de custar pouco, pois era completamente desconhecido no mundo do rádio. Um iniciante absoluto. Dois coelhos de uma só cajadada. Um novo programa de sucesso e um novo personagem a custo zero, ou quase. Depois de duas semanas de testes fora do ar, nos quais Jean-Loup confirmou, dia após dia, as expectativas sobre ele e seu talento, *Voices* finalmente entrou no ar. Começou bem e continuou cada vez melhor. O rapaz tinha caído nas graças do povo. Gostavam de seu modo de falar e de se comunicar, fantasioso, por imagens, com metáforas ousadas, mas que atingiam a todos.

Até os assassinos, pensou Laurent amargamente.

O programa tinha se transformado, quase sem querer, de tábua de salvação de dois sujeitos perdidos no mar, na transmissão com as conotações sociais de agora. A menina dos olhos da rádio e do Principado. E mel para as moscas famintas que eram os patrocinadores.

E o DJ virou a estrela de um programa que ele, Laurent, tinha criado, uma

transmissão em que ele sempre tivera voz e da qual estava sendo marginalizado, dia após dia, cada vez mais.

— Fodam-se todos. Isso vai mudar, *tem* que mudar — murmurou consigo mesmo.

Mandou imprimir suas notas para o programa daquela noite e a HP 990Cxi começou a cuspir as folhas úmidas de tinta.

Eles iam mudar de ideia a seu respeito, todos eles, um por um. Especialmente Barbara.

Recordou seus cabelos acobreados espalhados no travesseiro, o perfume de sua pele. Tivera um caso com ela. Uma intensa história de amor na qual ele tinha mergulhado física e mentalmente, antes que estragasse tudo. Ela bem que tentara ficar a seu lado, mas era a tentativa desesperada de alguém que tenta viver ao lado de um toxicômano. Depois de algumas idas e vindas, viraria as costas para ele definitivamente ao entender que jamais venceria as outras quatro mulheres de sua vida, cujos nomes eram copas, ouros, espadas e paus.

Saiu da cadeira bamba na qual estava e reuniu as folhas recém-impressas numa pasta. Pegou o paletó da poltrona que servia de cabide e dirigiu-se para a porta.

Foi para o hall do elevador, que era um festival de indigência, exatamente como o interior do apartamento em que vivia. Puxou a porta atrás de si com um suspiro. O elevador estava quebrado. Uma nova pérola para o colar do síndico.

Desceu as escadas na luz amarelada da fraca iluminação, roçando com a mão o papel de parede bege do vão da escada que, como ele, já tinha visto dias melhores.

Chegou ao térreo e abriu a porta de entrada envidraçada com sua estrutura de ferro rigorosamente enferrujada. E com a tinta despencando sobre o mástique ressecado. Bem diferente dos elegantes portões de Montecarlo ou da bela mansão de Jean-Loup. Lá fora, o bairro estava mergulhado na penumbra de fim de tarde, aquela luz de um azul intenso que só o pôr do sol de verão deixa atrás de si como recordação. Conseguia dar uma aparência de humanidade até àquele lugar desolado. O Ariane não era a Promenade des Anglais ou a Acropolis. O perfume do mar não chegava até lá e, se chegasse, seria coberto pelo cheiro azedo das latas de lixo.

Tinha que atravessar pelo menos três quarteirões para pegar o ônibus que o levaria ao Principado. Tanto melhor. Uma caminhada faria bem à saúde e serviria para clarear as ideias: que Plombier e seu banco de merda fossem se danar!

Vadim surgiu da sombra da esquina do edifício. Foi tão rápido que Laurent

nem o viu chegar. Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, sentiu que quase o levantava do chão e um segundo depois estava espremido contra a parede, com um braço apertando sua garganta e o hálito do sujeito, de alho e piorreia, soprando em seu rosto.

— E então, Laurent, quer dizer que quando tem dinheiro se esquece dos amigos?

— Não sei do que está falando, sabe muito bem que eu…

Uma pressão do braço em seu pescoço interrompeu seus protestos e deixou-o sem fôlego.

— Deixa de conversa, lindão. Ontem à noite em Mentone, pulverizou um gordo pacote de grana, sem pensar que na verdade estava jogando com o dinheiro de Maurice.

Vadim Rohmer era carrasco de Maurice, seu braço violento, seu cobrador. Gordo e flácido como era, Maurice não poderia pegar alguém e torcer seu braço para trás até fazê-lo lacrimejar. Ou espremê-lo contra uma parede e deixar que sentisse a pintura áspera arranhar sua pele de maneira tão forte que dava enxaqueca.

Ele não, mas Vadim sim, filho da puta desgraçado. E filho da puta também o sujeito que tinha trocado seu cheque na noite anterior, no bar diante do Cassino. Certamente tinha sido ele quem dedurara, que o diabo o carregasse. Laurent esperou que Vadim tivesse usado pelo menos o mesmo tratamento indelicado que agora estava reservado para ele.

— Eu…

— Eu o caralho, seu desgraçado. Tem umas coisinhas que você não entendeu sobre Maurice e eu. Por exemplo, como a paciência dele é curta e, consequentemente, a minha também. Acho que vou ter que refrescar sua memória um pouco.

O soco no estômago deixou-o completamente sem fôlego. Sentiu um espasmo de vômito subir à garganta, numa golfada ácida que chegou à sua boca seca. Suas pernas fraquejaram. Vadim o segurou sem o menor esforço, sustentando-o pela colarinho da camisa com mão de ferro.

Viu o punho direito daquele bandido se erguer. Sabia que o alvo era seu rosto e que seria tão forte que a parede às suas costas lhe daria outro soco. Fechou os olhos e contraiu o corpo, à espera do choque.

O soco não chegou.

Reabriu os olhos quando sentiu o aperto em seu pescoço diminuir.

Um homem alto e forte, de cabelos castanhos curtos, tinha chegado pelas costas de Vadim e agarrado a raiz de seus cabelos entre o polegar e o indicador

na altura da costeleta, puxando para cima.

A surpresa e a dor obrigaram Vadim a largar a presa.

— Mas que merd…

O homem largou os cabelos de Vadim, que deu um passo atrás para enfrentar o recém-chegado. Examinou-o de cima a baixo. A camisa parecia bem recheada de músculos e não havia em seu rosto o menor sinal de medo. O aspecto do sujeito era bem menos tranquilizador que a figura indefesa e debilitada de Laurent. Sobretudo os olhos, que olhavam para eles totalmente desprovidos de expressão, como se tivesse parado ali só para pedir uma informação, sem nenhum propósito violento.

— Muito bem, vejo que chegaram os reforços — disse Vadim com uma voz bem menos segura do que desejava.

Tentou dar o soco que era destinado a Laurent no homem em pé diante dele. A reação foi como um relâmpago. Em vez de dar um passo atrás, o adversário evitou o soco com uma simples inclinação de cabeça, deu um passinho à frente e encaixou o ombro sob a axila de Vadim. Depois de circundá-la com os braços, puxou para baixo com todo o peso de seu corpo.

Laurent ouviu distintamente o rumor do osso se quebrando, com um *crac* tão seco que ficou arrepiado. Vadim deu um berro e dobrou-se para a frente, segurando o braço ferido. O homem recuou e girou agilmente sobre si mesmo, numa espécie de pirueta para impulsionar o golpe. Seu pé bateu no rosto do outro e um esguicho de sangue voou de sua boca. Vadim caiu no chão sem um gemido. Ficou imóvel.

Laurent se perguntou se estaria morto. Não, seu salvador desconhecido era hábil demais para matar alguém acidentalmente. Com certeza, era um sujeito que, se matasse alguém, seria porque *quis*.

Foi sacudido por um ataque de tosse. Inclinou-se segurando o estômago, enquanto um fio de saliva biliosa escorria de sua boca.

O homem que veio em seu socorro ajudou-o a se levantar segurando seu cotovelo.

— Pelo visto, cheguei bem na hora, não é mesmo, sr. Bedon? – disse num péssimo francês com forte sotaque estrangeiro.

Laurent olhou para ele atônito, sem entender. Nunca o vira na vida, tinha certeza disso. No entanto, o sujeito acabara de salvá-lo dos punhos de Vadim e sabia seu nome. Quem diabo era ele?

— Fala inglês?

Laurent fez que sim com a cabeça. O homem mostrou um certo alívio. Continuou em inglês, com um sotaque com mais cara de Estados Unidos que de

Inglaterra.

— Ah, ótimo. Como deve ter percebido, não tenho grande intimidade com sua língua. Deve estar se perguntando quem sou e por que o ajudei a resolver essa…

Indicou com um gesto o corpo de Vadim estendido no chão.

— Essa… eu diria… situação embaraçosa, se estiver bem para o senhor.

Laurent concordou de novo, em silêncio.

— Sr. Bedon, vejo que não costuma ler seus e-mails ou que tem pouca confiança no tio da América…

O espanto de Laurent estava estampado em seu rosto assim como a pele escura no de um africano. Agora entendia o porquê do e-mail encontrado no computador. Devia ter recebido outros. Mas com certeza aquele homem não tinha derrubado Vadim e salvo seu pescoço para ir embora deixando somente um Z na parede, como o Zorro.

— Meu nome é Ryan Mosse e sou americano. Tenho uma proposta a lhe fazer. Muito, muito vantajosa para o senhor do ponto de vista financeiro.

Laurent ficou olhando para ele um instante sem falar. Gostou da forma como sublinhou o “muito vantajosa do ponto de vista financeiro”. Seu estômago parou de doer de repente. Levantou-se respirando profundamente pelo nariz. Sentiu que seu rosto ia pouco a pouco recuperando a cor original.

Enquanto isso, o homem olhava ao redor. Se a miséria do bairro em que Laurent vivia o incomodava, não deixava transparecer. Observou atentamente o edifício.

— A casa é o que é, mas não acredito que tenha vindo até aqui para comprá-la.

— Não, mas se fecharmos nosso acordo, talvez o senhor possa comprá-la, desde que lhe interesse.

Portanto, resumindo: não tinha a menor ideia de quem era e do que queria esse… como era mesmo o nome? Ah, sim, Ryan Mosse. Não sabia, mas ele ia lhe dizer em seguida. E mencionaria uma quantia também.

Muito alta, ao que tudo indicava.

Laurent olhou mais uma vez para Vadim estendido no chão, imóvel. Aquele porco tinha o nariz e um lábio arrebentados e uma pequena poça de sangue estava se formando na calçada, diante de sua boca. Naquele instante preciso de sua vida, quem quer que lhe salvasse a pele contra alguém como Vadim e falasse de dinheiro, muito dinheiro, estaria se apresentando com um excelente cartão de visita.

SEXTO CARNAVAL

EM SEU POSTO DISTANTE DO MUNDO, o homem ouve música.

No ar, flutuam as notas do Minueto da *Sinfonia nº 5*, de Franz Schubert. Fechado em sua caixa de metal, o homem ouve, compartilha as volutas dos arcos e imagina a dança dos braços dos instrumentistas, a concentração dos músicos durante a interpretação da sinfonia. Agora, sua imaginação voa sobre eles como no movimento de uma grua cinematográfica movendo-se no espaço e no tempo. De repente, não está mais em seu esconderijo secreto, mas num grande salão com paredes e abóbadas cobertas de afrescos, iluminado do alto pela luz de centenas de velas suspensas em enormes candelabros. Volta os olhos para a direita, num enquadramento subjetivo muito nítido, tão verossímil que parece real. Sua mão aperta a mão de uma mulher que se move ao lado dele, com ele, no ritmo sinuoso da dança, feita de passos elegantes, pausas e reverências ensaiadas e reensaiadas tantas vezes que se tornaram fluidos como o vinho que desliza numa taça. A mulher não é capaz de resistir a seu olhar fixo, que promete a criação do mundo e sua destruição. De vez em quando lança os olhos velados por longos cílios para os espectadores, quase buscando uma confirmação para a incrédula consciência de ter sido a escolhida. Há admiração e inveja nos olhos de todos aqueles que, de pé ao redor do salão, os veem dançar.

Ele sabe que naquela noite ela será sua.

No clarão incerto do quarto, à luz bruxuleante de uma vela, mesclada às rendas e franjas do dossel da cama, ele a verá surgir do emaranhado de seda que a envolve como um botão de rosa que desabrocha.

São os direitos do rei.

Mas nada disso conta agora. Agora dançam e são belíssimos. E serão ainda mais belos, quando…

Você está aí, Vibo?

A voz chega, gentil como sempre, ansiosa como só aquela voz sabe ser. Seu sonho, a imagem que criou diante dos olhos fechados, se desfaz, como a película de um filme quando queima.

É a volta, a presença do outro, a incumbência, a responsabilidade. Era apenas um segundo de pausa, mas se desvaneceu como um floco de neve primaveril. Não há espaço para sonhos, nunca houve, nunca haverá. Nos velhos tempos, eles podiam sonhar, quando viviam na grande casa entre as colinas, quando conseguiam escapulir para longe dos cuidados obsessivos daquele homem que queria que fossem homens, enquanto eles só desejavam ser meninos. Quando desejavam correr e não marchar. Mas mesmo então, havia uma voz capaz de quebrar qualquer encanto que sua imaginação tivesse sido capaz de criar.

— Sim, estou aqui, Paso.

O que está fazendo? Não ouvi mais nada.

— Estava apenas pensando…

O homem deixa que a música prossiga e seja o último apêndice de suas pobres miragens. Nunca haverá aquela dança com uma mulher belíssima, para ele, para eles. Levanta-se e vai até o outro quarto, onde um corpo sem vida jaz em seu esquife de vidro.

Aperta o interruptor da luz. Um reflexo se acende num ângulo do caixão transparente, mas se apaga quando ele se aproxima e muda de perspectiva. Um outro se acende, mas eles são sempre e unicamente os mesmos. Pobres, pequenas miragens. Já sabe o que vai encontrar. Outra ilusão partida, outro espelho mágico despedaçado a seus pés.

Aproxima-se do corpo nu estendido lá dentro, lentamente, desliza o olhar pelos membros ressequidos que têm a cor do pergaminho velho, dos pés até a cabeça coberta por aquele que havia bem pouco tempo era o rosto de um outro homem.

Sente um aperto no coração.

Nada é para sempre. A máscara já apresenta os primeiros sinais de deterioração. Os cabelos estão ressecados e opacos. A pele está toda manchada e começa a enrugar. Dentro em breve, apesar de seus cuidados, estará igual à pele do rosto que esconde. Olha aquele corpo com infinita ternura, com os olhos delicados de um afeto que nada pode apagar.

Desconsolado, mostra toda sua revolta contraindo os maxilares.

Não é verdade que o destino é inelutável. Não é verdade que só podemos ser espectadores das mudanças do tempo e dos acontecimentos. Ele pode mudar, ele deve mudar aquela injustiça eterna, ele pode remediar as coisas erradas que o destino distribui prodigamente naquele covil de serpentes que é a vida dos homens. Ao acaso, sem olhar, sem querer saber se vai destruir uma existência ou fadá-la às trevas eternas.

A treva significa escuridão. A escuridão significa noite. E a noite significa que

a caçada tem que continuar.

O homem sorri. Pobres, estúpidos cães. Latidos e dentes arreganhados para esconder o medo. Olhos nictalópicos tentando esquadrinhar as trevas, a escuridão, a noite para descobrir de onde vai chegar a caça que se transformou em caçador.

Ele é um e nenhum. Ele é o rei.

O rei não tem perguntas, só respostas. O rei não tem curiosidade, só certezas.

Deixa a curiosidade para os outros, para todos que a desejam, todos aqueles que de alguma forma a têm nos olhos, nos gestos bruscos, na pressa, na ânsia de vida que às vezes é tão densa que é possível respirá-la. A vida tem um cheiro tão complexo e, no entanto, é muito fácil de reconhecer.

O cheiro da vida está nos ônibus no verão, cheios de gente com axilas demais e mãos demais. Está no cheiro de comida e mijo de gato que em certos becos gruda nas narinas. Está no cheiro agudo da ferrugem e da maresia que devoram o metal, no cheiro de desinfetante e no perfume áspero da pólvora.

Também e sobretudo ali, no presságio da dissolução, há duas perguntas eternas: “quando?” e “onde?”.

Quando acontecerá aquele último suspiro, preso com um esgar de animal, com dentes apertados para não deixá-lo sair, pois não haverá um outro depois, nunca mais? Quando, em que hora do dia ou da noite, fixada num relógio sem corda, acontecerá aquele último segundo e não mais um outro, deixando o resto do tempo ao mundo que prossegue em outros giros e outras corridas? Onde, em que leito, banco de carro, elevador, praia, poltrona, em que quarto de hotel o coração sentirá aquela última dor aguda e a espera interminável, curiosa e inútil por uma outra batida, depois do intervalo que se faz cada vez mais longo, ainda mais longo, infinito? Às vezes tudo é tão rápido que aquele último estremecimento é finalmente a calma, mas não a resposta, pois naquele lampejo que cega não há tempo para compreendê-la, às vezes nem mesmo para ouvi-la.

O homem sabe o que deve fazer. Já o fez e vai fazê-lo de novo, enquanto for necessário.

Há tantas máscaras lá fora, carregadas por pessoas que não merecem nem aquela nem qualquer outra aparência.

O que houve, Vibo? Por que está me olhando assim? Tem alguma coisa errada?

O homem é tranquilizador, sua boca sorri, seus olhos cintilam, sua voz protege.

— Não, Paso, absolutamente nada. Estou só olhando: você está lindo. E logo vai ficar ainda mais bonito.

Oh, não! De verdade? Não vai me dizer que…

O homem cobre suas intenções com um terno segredo.

— *Stop*. Proibido falar. Segredo dos segredos, lembra?

Ah, é um segredo dos segredos? Então só podemos dizer na lua cheia…

O homem sorri diante da lembrança de suas brincadeiras de criança. Nos poucos momentos em que aquele homem não vinha macular suas fantasias com o único jogo que tinham permissão para jogar.

— Isso mesmo, Paso. E a lua cheia já está chegando. Logo, logo…

O homem se volta e vai em direção à porta. Na outra peça, a música acabou. Agora é um silêncio que parece ser a continuação natural daquela música.

Onde vai, Vibo?

— Já volto, Paso.

Vira-se com um sorriso para olhar aquele corpo estendido no esquife de vidro.

— Preciso dar um telefonema primeiro…

30

TODOS ESTAVAM REUNIDOS NA SEDE da Rádio Monte Carlo, à espera, como toda noite. A agitação em torno da evolução daquela história tinha triplicado o número de pessoas que normalmente ficavam no edifício àquela hora.

Agora, somavam-se também o inspetor Gottet e dois de seus homens, que haviam instalado computadores muito mais potentes e sofisticados que os da rádio, conectando-os em rede. Com ele chegou também um rapaz bem jovem, por volta dos 25 anos, um sujeito de ar esperto, cabelos castanhos bem curtos com mechas louras e um piercing na narina direita. Começou a manipular uma série de disquetes e CD-ROMs movendo os dedos a toda velocidade sobre o teclado, a tal ponto que Frank, em pé atrás da cadeira em que o rapaz estava sentado, teve dificuldade em acompanhá-lo.

O rapaz se chamava Alain Toulouse, mas era conhecido entre os hackers pelo pseudônimo de “Pico”. Quando foi apresentado a Frank, deu um sorrisinho maroto ao ouvir suas qualificações, os olhos brilhando maliciosamente.

— FBI, hein? — disse ele — Já entrei uma vez. Bem, mais de uma vez, para dizer a verdade. Primeiro era fácil, mas agora eles também estão mais cascudos. Sabe se usam hackers como consultores?

Frank não soube responder à pergunta, mas a resposta também não lhe interessava mais. Já tinha dado meia-volta para retornar a seu lugar.

No momento, digitava como um raio, enquanto passava as informações sobre o que estava fazendo.

— Antes de tudo, vou instalar um firewall de proteção do sistema. Se alguém tentar entrar, fico sabendo imediatamente. Em geral, a gente só tenta bloquear o acesso dos ataques externos. Mas nesse caso é diferente: trata-se de descobrir o ataque sem que eles percebam. Instalei um programa que eu mesmo criei, que permite descobrir o sinal e refazer o caminho percorrido, ao contrário. Mas também pode ser um “Cavalo de Troia”…

— O que é “Cavalo de Troia”? — perguntou Frank.

— É o nome que damos a uma comunicação mascarada que viaja coberta por

outra, como alguns vírus. Também estou instalando uma defesa contra isso: não quero de jeito nenhum que o sinal interceptado, quando conseguir interceptá-lo…

Fez uma pausa para tirar o papel de uma bala e enfiá-la na boca. Frank notou que Pico não tinha nenhuma dúvida de que interceptaria a ligação. Devia ter muita confiança em si, o rapazola. Por outro lado, aquele comportamento fazia parte da filosofia dos piratas cibernéticos. A presunção e ironia levava-os a realizar ações não propriamente criminosas, mas que visavam simplesmente demonstrar às vítimas sua capacidade de furar qualquer vigilância, qualquer muro erguido para mantê-los afastados. Viam-se como uma espécie de Robin Hood moderno, com mouse e teclado em vez de arco e flecha.

Pico recomeçou sua exposição mastigando vigorosamente o caramelo que insistia em grudar nos dentes e no palato.

— Como estava dizendo, não quero que passem um vírus capaz de atacar assim que interceptarmos a ligação. Se isso acontecesse, perderíamos a ligação e a possibilidade de monitorá-la, junto com o computador, é claro. Um vírus do jeito que deve ser é capaz de fundir literalmente o disco rígido. Se o tal sujeito for capaz de fazer uma coisa desse tipo, significa que é mesmo muito bom e vai mandar um vírus que não será propriamente um buquê de flores…

Bikjalo, que até então estava em silêncio, sentado na escrivaninha colocada atrás da estação de trabalho, interveio com uma pergunta.

— Acha que algum colega seu poderia, durante os trabalhos, nos pregar uma peça?

Frank lançou-lhe um olhar que o diretor nem percebeu. Pico virou a cadeira para encará-lo, sem acreditar em sua ignorância abissal do mundo cibernético.

— Somos hackers, não criminosos. Ninguém faria uma coisa do gênero. Estou aqui porque o sujeito que está com as rédeas na mão não se limita a entrar onde não devia e deixar como assinatura uma carinha mostrando a língua. Esse cara mata, é um assassino. Nenhum hacker digno desse nome faria coisa semelhante.

Frank colocou a mão em seu ombro, num gesto de confiança que também continha uma censura às palavras de Bikjalo.

— Tudo bem, continue. Acho que nesse campo não há ninguém aqui que possa lhe ensinar alguma coisa.

Dirigiu-se a Bikjalo, que tinha se levantado e se aproximado.

— Não temos mais nada a fazer por aqui. Vamos ver se Jean-Loup chegou?

Frank gostaria muito de dizer àquele homem que parasse de encher o saco e deixasse os outros trabalharem sem sua incômoda presença respirando no cangote deles. Já tinham muita gente nos calcanhares, para aguentar mais um.

Mas não podia dizer nada disso por justos motivos de diplomacia. O clima de colaboração na rádio era perfeito e ele não queria causar nenhum tipo de constrangimento. Já havia muita tensão no ar, de vários tipos.

— Certo.

O diretor deu uma última olhada desconfiada para os computadores e para Pico, que já tinha se esquecido de todos eles e agitava os dedos sobre o teclado, excitado com a ideia de um novo desafio. Deixaram o compartimento e chegaram à escrivaninha de Raquel bem na hora em que Jean-Loup e Laurent estavam entrando.

Frank observou o DJ. Jean-Loup parecia bem mais seguro do que de manhã, mas carregava uma sombra no olhar como uma marca indelével. Frank conhecia aquelas sombras. Precisaria de muita luz e muito sol para mandá-la embora quando toda aquela história chegasse ao fim.

— Olá, pessoal. Estão prontos?

Laurent respondeu pelos dois.

— Sim, a escaleta já está pronta. O mais difícil é pensar que, seja como for, o programa deve continuar, que à parte *aqueles* telefonemas temos sempre os telefonemas normais. E aqui, como vão as coisas?

A porta de entrada se abriu de novo e a figura de Hulot ficou enquadrada ali durante um segundo, como uma fotografia desfocada. Frank pensou que tinha envelhecido muito desde sua chegada em Montecarlo.

— Ah, estão todos aqui. Boa-noite a todos. Frank, posso falar com você um instante?

Jean-Loup, Laurent e Bikjalo se afastaram um pouco para permitir que Frank e o delegado conversassem.

— O que houve?

Os dois foram até a parede oposta, ao lado dos dois painéis de vidro que cobriam o quadro das conexões telefônicas, das ligações via satélite e os equipamentos para a conexão ISDN em caso de pane do repetidor.

— Tudo certo. A unidade de operações especiais está de plantão. Temos doze homens de prontidão na central de polícia. Num segundo, podem estar em qualquer parte. As ruas estão cheias de agentes à paisana. Todos com o ar mais inocente. Homens passeando com seus cães, casais com carrinhos de bebê e coisas assim. A cidade está inteiramente coberta. Em caso de necessidade, podemos deslocá-los de um lado para o outro num piscar de olhos. Quer dizer, isso se a vítima estiver aqui, em Montecarlo. Porém, se o senhor Ninguém resolver pegar sua vítima em qualquer outro lugar, todas as forças policiais da Côte foram alertadas, de cabo a rabo. Agora, só podemos tentar ser mais espertos

que nosso amigo. Quanto ao resto, estamos nas mãos de Deus.

Frank indicou duas pessoas que chegavam naquele momento, acompanhadas por Morelli.

— E nas mãos de Pierrot, que Deus tratou tão mal…

Pierrot e sua mãe se aproximaram e pararam junto deles. A mulher apertava a mão do filho como uma tábua de salvação. Parecia que, em vez de oferecer segurança, ela procurava apoio na figura inocente do filho, que vivia aquela história como um momento no qual podia participar de uma coisa que em geral lhe era vedada.

Ele, só ele, Pierrot, era o garoto esperto que *sabia* a música que havia no *quarto*. Gostou do que tinha acontecido da outra vez, quando todos os grandes olhavam para ele ansiosamente, à espera de que dissesse se tinha ou não tinha e partisse para pegar o disco. Gostava de ficar ali a cada noite, na rádio, com Jean-Loup, olhando-o através da vidraça, esperando o homem que falava com os diabos, em vez de ficar em casa ouvindo apenas a voz que saía do rádio.

Gostava daquele jogo, embora já tivesse compreendido que não era só um jogo.

Às vezes sonhava com aquilo de noite. Pela primeira vez, estava contente por não ter um quarto só seu na casa onde moravam, por dormir na cama grande com a mãe. Acordavam e tinham medo juntos, os dois, e só conseguiam pegar no sono quando a luz rosa da aurora começava a atravessar as persianas.

Pierrot se soltou da mão da mãe e correu para Jean-Loup, seu ídolo, seu melhor amigo. O DJ remexeu seus cabelos.

— Salve, salve, garotão. Como vai essa força?

— Bem, Jean-Loup. Sabia que amanhã vou andar no carro da polícia?

— Nossa! Então agora é um policial também.

— Claro, sou um policial *no horário*…

Ouvindo o novo trocadilho involuntário de Pierrot, Jean-Loup sorriu e puxou-o instintivamente para si. Apertou seu rosto contra o peito, exagerando o movimento que bagunçava seus cabelos.

— Olhe só o policial *no horário* envolvido num duro corpo a corpo com seu inimigo implacável, o terrível dr. Cosquinha…

E começou a fazer cócegas em Pierrot, que chorava de tanto rir. Foram para a sala da direção, seguidos por Laurent e Bikjalo.

Frank, Hulot e a mãe observavam a cena em silêncio. A mulher, com um sorriso encantado ao ver a amizade que ligava Jean-Loup a seu filho, tirou um lenço da bolsa e assoou o nariz. Frank notou que estava limpo e recém-passado. Também notou que, embora modestas, as roupas da mulher estavam em perfeita

ordem.

— Senhora, nunca vamos lhe agradecer o suficiente pela paciência que tem conosco.

— Eu? Paciência com o senhor? Sou eu que tenho que agradecer por tudo que estão fazendo por meu filho. Nem parece ele. Se não fosse essa história horrível, estaria até contente…

Hulot a tranquilizou com uma voz que transmitia calma. E Frank sabia que, naquele momento, calma era uma coisa que ele não tinha.

— Fique tranquila, senhora. Logo tudo isso vai ter um fim e em grande parte graças a Pierrot. Posso lhe garantir que ele terá o reconhecimento que merece. Seu filho vai se transformar num pequeno herói.

A mulher se afastou pelo corredor, os ombros levemente curvos, em seu tímido passo lento. Frank e Hulot ficaram sozinhos.

Naquele momento, a chamada de *Voices* propagou-se pelos corredores e a transmissão começou. Mas naquela noite o programa estava meio chocho, e tanto Jean-Loup quanto os outros sentiam isso. Havia uma tensão quase elétrica no ar, mas ela não estava sendo transmitida ao programa. Os telefonemas chegavam, mas eram ligações normais e rotineiras, selecionadas previamente por Raquel, auxiliada por policiais. Pediam a todos os ouvintes que não falassem dos crimes. Mas se, apesar disso, alguém tocava no assunto, Jean-Loup tratava de desviar a conversa para temas mais amenos. Todos sabiam que milhões de ouvintes estavam sintonizados nas ondas da Rádio Monte Carlo toda noite. O programa, além da Itália e da França, era ouvido também em outros países da Europa através das redes que haviam comprado seus direitos. Eles ouviam, traduziam e comentavam, à espera de que alguma coisa acontecesse. Para a rádio, era um negócio colossal. O triunfo da sabedoria latina.

Mors tua, vita mea.

Frank pensou que fatos como aquele que estavam vivendo eram um pouco como a morte de todos. Ninguém saía disso realmente vencedor.

Assustou-se com o sentido do que tinha acabado de pensar.

Ninguém saía disso realmente vencedor.

Lembrou-se da estratégia de Ulisses. O significado intrínseco da definição que o assassino fazia de si mesmo, a ironia, o sentido desprezível do desafio. Convencia-se cada vez mais de que estavam diante de um homem fora do comum e que precisavam prendê-lo o mais rapidamente possível. Na primeira oportunidade que tivessem.

Instintivamente, tocou com o braço o revólver na cartucheira colocada debaixo do braço, sob o paletó. A morte daquele homem, não importava se em

sentido real ou figurado, realmente representava a vida para alguém.

A luz vermelha da linha telefônica se acendeu. Laurent passou a ligação para Jean-Loup no ar.

— Alô?

Houve uma pausa, depois uma voz truncada saiu das caixas.

— *Alô, Jean-Loup. Meu nome é um e nenhum, é ninguém*…

Todos os presentes ficaram petrificados. Jean-Loup, por trás do vidro da cabine de transmissão, empalideceu, como se todo seu sangue tivesse sumido de repente. Barbara, sentada no mixer, afastou-se bruscamente do aparelho como se ele tivesse se transformado num perigo mortal.

— Quem é? — perguntou abalado.

— *Não interessa quem eu sou. O importante é que vou atacar de novo essa noite, não importa o que aconteça*…

Frank se levantou, como se descobrisse que estava sentado numa cadeira elétrica.

Cluny, que estava sentado à sua esquerda, levantou-se também e agarrou seu braço.

— Não é ele, Frank — murmurou.

— O que quer dizer com “não é ele”?

— Está errado. Disse: “Meu nome é um e nenhum, é ninguém.” E o outro diz: “*Sou* um e nenhum. *Sou* ninguém.”

— Faz diferença?

— Nesse caso, faz muita diferença. E depois, a pessoa que está no telefone é um ignorante. Isso é brincadeira de algum babaca.

Quase confirmando as palavras do psiquiatra, uma risada que se pretendia satânica saiu das caixas e a ligação foi interrompida.

Morelli entrou correndo na cabine de direção.

— Pegamos!

Frank e Cluny foram com ele para o corredor. Hulot, que estava na sala do diretor da rádio, também chegou correndo, seguido a um passo de distância por Bikjalo.

— Pegaram?

— Sim, delegado. O telefonema veio de algum lugar na periferia de Mentone.

Frank jogou um balde de água fria naquele entusiasmo que, infelizmente, era seu também.

— O dr. Cluny disse que pode não ser ele, mas um trote.

O psiquiatra sentiu-se desautorizado. O uso do condicional deixava

entreaberta uma porta que Cluny tratou de fechar.

— Talvez a voz tenha sido truncada da mesma maneira, mas a linguagem não é da mesma pessoa que deu os telefonemas anteriores. Acho que não é ele.

— Maldito, seja quem for. Já avisou o delegado de Mentone? – perguntou o delegado a Morelli.

— Imediatamente, assim que localizamos a chamada. Partiram de lá como um raio.

— Claro, imagine se iam deixar escapar a oportunidade de serem os responsáveis por sua prisão…

O delegado evitava olhar para Cluny, como se afastá-lo de seus olhos excluísse a possibilidade que o psiquiatra tinha levantado.

Passaram-se quinze intermináveis minutos. No fim do corredor, ouviam-se a música e a voz de Jean-Loup pelas caixas de som. Com certeza, centenas de ligações estavam chegando e a central estava congestionada. O aparelho de rádio que Morelli tinha pendurado na cintura soou. O inspetor ficou tenso como uma corda de violino ao ouvir a chamada.

— Inspetor Morelli.

Ficou ouvindo. A desilusão se estampou em seu rosto como uma nuvem que, pouco a pouco, esconde o sol. Antes mesmo que lhe passasse o fone, Hulot sabia que tudo aquilo não era nada.

— Delegado Hulot.

— Olá, Nicolas, é Roberts, de Mentone.

— Olá, o que me diz então?

— Estou no local. Nada, alarme falso. Trata-se de um imbecil completamente drogado que queria impressionar a namorada. Imagine que ligou de sua própria casa, o babaca. Quando chegamos lá, eles quase mijaram nas calças de tanto medo, ele e a moça…

— Que *morressem* de medo, os dois idiotas. Pode prendê-los?

— Claro. Além de obstrução das investigações, o imbecil tem um belo pedaço de torta em casa.

Com esse termo, Roberts estava se referindo ao haxixe.

— Ótimo. Pegue os dois e pode jogar na fogueira. É importante que a mídia fique sabendo. Temos que dar o exemplo, senão daqui a pouco estaremos atolados em telefonemas desse tipo. E obrigado, Roberts.

— Imagine. Sinto muito, Nicolas.

— Honestamente, eu também. Tchau.

O delegado desligou. Olhou para os demais com um olhar no qual a esperança tinha-se apagado totalmente.

— O doutor tinha razão. Alarme falso.

Cluny parecia constrangido, como se prever aquilo fosse quase uma culpa.

— Bem, eu…

— Ótimo trabalho, doutor — interveio Frank. — Ótimo trabalho mesmo. O que aconteceu não é culpa de ninguém.

Voltaram lentamente para a cabine de direção, no fundo do corredor. Gottet aproximou-se.

— E então?

— Então nada. Uma pista falsa.

— Achei estranho que fosse tão fácil. Mas num caso como esse, como imaginar…

— Está tudo certo, Gottet. O que acabei de dizer para o dr. Cluny vale para você também. Ótimo trabalho.

Entraram na cabine onde todos estavam à espera de notícias. Viram a decepção estampada em seus rostos e tiveram uma resposta antes mesmo de fazer a pergunta. Barbara relaxou na cadeira e apoiou-se ao mixer. Laurent passou uma mão pelos cabelos, em silêncio.

Naquele momento, o sinal vermelho na parede começou a piscar. O DJ estava abatido. Bebeu um gole d'água do copo que estava na mesa e aproximou-se do microfone.

— Alô?

Primeiro, houve o silêncio. Aquele silêncio que todos tinham aprendido a reconhecer. Depois o chiado sufocado, o eco artificial.

— *Alô, Jean-Loup. Tive a impressão de que estivessem me esperando*…

Cluny inclinou-se para Frank.

— Ouviu? Imperfeito do subjuntivo! Propriedade de linguagem. *Este* sim, é ele.

Dessa vez Jean-Loup não hesitou. Suas mãos apertavam a mesa com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, mas em sua voz não havia sinal de nada disso.

— Sim, estávamos esperando. Sabe muito bem que estávamos esperando.

— *Eis-me aqui, portanto. Os cães devem estar exaustos de tanto correr atrás de sombras. Mas a caçada deve continuar. A minha e a deles*.

— Por que deve, qual o sentido disso tudo?

— *A lua é para todos e cada um de nós tem o direito de uivar*.

— Uivar para a lua significa dor. Mas também se pode cantar para a lua. Às vezes, é possível ser feliz na escuridão, quando se vê uma luz. Meu Deus, é

possível ser feliz no mundo, pode acreditar em mim.

— *Pobre Jean-Loup! Você também acha que a lua é verdadeira, mas ela é apenas uma ilusão… Sabe o que há na escuridão daquele céu, meu caro*?

— Não, mas acho que vai me dizer.

O homem ao telefone pareceu não entender a ironia amarga daquela frase. Ou talvez tivesse entendido, mas se sentisse superior a ela.

— *Nem Deus, nem lua, Jean-Loup. A palavra certa é "nada". Não há absolutamente "nada". E estou tão habituado a viver lá dentro que nem dou mais atenção. Em toda parte, não importa onde você pouse os olhos, é o nada*.

— Você é louco — deixou escapar Jean-Loup, sem querer.

— *Também já me perguntei isso várias vezes. Há muitas probabilidades de que eu seja mesmo, embora tenha lido em algum lugar que os loucos sequer cogitam que são loucos. Não sei o que significa* desejar *sê-lo, que é o que acontece comigo às vezes*.

— Também a loucura pode ter um fim, existem curas. O que podemos fazer para ajudá-lo?

O homem ignorou a pergunta, como se não houvesse resposta.

— *É melhor que me pergunte o que* eu *posso fazer para ajudá-los. Bom, aqui está o novo osso. Para os cães que correm atrás do próprio rabo na tentativa desesperada de mordê-lo. É um* loop. *Um belo* loop *que gira, gira, gira… Como na música. Onde é que há um* loop *que gira, gira, gira*…

A voz se diluiu num fade out. Das caixas de som, como das outras vezes, saiu de repente uma música. Nada de guitarras, dessa vez, nada de rock com sabor de *revival*, mas uma música *dance* extremamente atual. O triunfo da eletrônica e do sampleado. A música terminou tão bruscamente quanto começou. O silêncio que se seguiu tornou ainda mais importante a pergunta de Jean-Loup.

— O que quer dizer? O que significa isso?

— *Eu fiz a pergunta, a resposta é de vocês. A vida é feita disso, meu caro amigo. Perguntas e respostas. Nada mais do que perguntas e respostas. Cada homem arrasta consigo suas perguntas, a partir daquelas que estão inscritas no seu nascimento.*

— Que perguntas?

— *Eu não sou o destino, eu sou um e nenhum, sou ninguém, mas sou fácil de entender. Quando quem me vê percebe quem sou, numa fração de segundos aquela pergunta salta de seus olhos: quando e onde. Eu sou a resposta. Para essas pessoas significo* aqui, *significo* agora.

Houve uma pausa. Depois a voz sibilou uma nova condenação.

— É *por isso que eu mato*…

Um clique metálico cortou a comunicação, deixando no ar um eco que parecia vir do mecanismo de uma guilhotina. Em sua mente, Frank viu uma cabeça cortada rolar.

Não, dessa vez não, meu Deus!

O inspetor Gottet, de costas, já tinha entrado em contato com seus homens.

— Conseguiram fisgá-lo?

A resposta que relatou foi como a fórmula de um sortilégio que fazia desaparecer o pouco de ar que tinham nos pulmões.

— Nada. Não tem jeito. Nenhum sinal para nos agarrarmos. Pico disse que quem manobra essas ligações deve ser um autêntico fenômeno. Não conseguiu ver nada. Se chega pela web, o sinal é mascarado de tal maneira que nossas máquinas não conseguem visualizar. Aquele monte de merda nos passou a perna de novo!

— Azar o nosso. Alguém reconheceu a música?

Quem cala consente. Mas naquele caso específico, o silêncio geral tinha um significado negativo.

— Merda! Barbara, uma fita com a música, rápido. Onde está Pierrot?

Barbara já estava providenciando a cópia.

— Na sala de reuniões — disse Morelli.

Havia uma ânsia febril no ar. Todos sabiam que era preciso ser rápido, rápido, rápido. Talvez o autor dos telefonemas estivesse saindo naquele momento para dar início à caçada. E um outro alguém, em algum lugar, estivesse vivendo, sem saber, os últimos minutos de sua vida. Saíram em busca do *Rain Boy*, o único entre eles que poderia reconhecer a música à primeira audição.

Na sala de reuniões, Pierrot estava sentado numa cadeira, de cabeça baixa, ao lado da mãe. Quando chegaram, olhou para eles com os olhos cheios de lágrimas, depois voltou a abaixar a cabeça.

Como da primeira vez, Frank se abaixou ao lado da cadeira. Pierrot levantou um pouco o rosto, como se tivesse vergonha de mostrar os olhos úmidos.

— O que houve, Pierrot? Tem alguma coisa errada?

O rapazinho fez que sim com a cabeça.

— Está assustado? Não tenha medo, estamos aqui, com você.

Pierrot empinou o nariz.

— Não estou com medo, eu também sou um policial, agora…

— Então o que houve?

— Não sei a música — respondeu aflito.

Havia em sua voz uma dor autêntica. Passeou os olhos a seu redor, como se

tivesse fracassado na grande ocasião de sua vida. As lágrimas desceram marcando seu rosto.

Frank sentiu-se perdido. Apesar dessa sensação, fez um esforço e continuou sorrindo para Pierrot.

— Fique tranquilo. Não há motivo para preocupação. Vamos ouvir a música de novo e vai ver como consegue reconhecer. É difícil, mas você é capaz. Tenho certeza de que vai conseguir.

Barbara entrou quase correndo na sala. Tinha na mão um DAT. Enfiou no gravador e apertou o play.

— Ouça com atenção, Pierrot.

As percussões eletrônicas do trecho se espalharam pela sala. A batida quaternária da música *dance* assemelhava-se à batida do coração humano. Cento e quarenta e sete batidas por minuto. Um coração acelerado pelo medo, um coração que, em algum lugar, podia parar de um momento para o outro.

Pierrot ouviu em silêncio, sempre de cabeça baixa. Quando a música terminou, levantou a cabeça e um tímido sorriso despontou em seus lábios.

— Tem — disse suavemente.

— Reconheceu? Tem no quarto? Vá buscar então, por favor.

Pierrot fez que sim e se levantou da cadeira. Partiu com seu andar atrapalhado. Hulot fez um sinal a Morelli, que foi atrás dele.

Voltaram depois de uma espera que pareceu interminável. E Pierrot apertava um CD entre as mãos.

— Está aqui. É uma *compilação*…

Enfiaram o CD no gravador e procuraram até encontrar a faixa certa.

Era exatamente a mesma música que o assassino tinha apresentado pouco antes. Pierrot foi aclamado como herói. Sua mãe o abraçou como se tivesse acabado de receber o prêmio Nobel. Havia um brilho de orgulho nos olhos da mulher, o que deixou o coração de Nicolas Hulot apertado até doer.

Frank leu o título na capa da compilação.

— “Nuclear Sun”, de Roland Brant. Quem é esse Roland Brant?

Ninguém conhecia. Correram todos juntos, para o computador. Depois de uma rápida busca na internet, o nome apareceu num site italiano. Roland Brant era o pseudônimo de um DJ italiano, um certo Rolando Bragante. Descobriram que “Nuclear Sun” fizera algum sucesso nas discotecas alguns anos antes.

Nesse meio-tempo, Laurent e Jean-Loup tinham encerrado a transmissão e se juntado a eles. Estavam muito abalados. Ambos pareciam ter passado por um temporal e davam a impressão de que um pouco daquele temporal tinha permanecido dentro deles.

O diretor deu uma explicação sobre o que significava *dance*, um ambiente à parte no quadro do mercado fonográfico.

— Muitas vezes, os DJs assumem um pseudônimo. Pode ser uma palavra inventada, mas na maior parte dos casos é um nome em inglês. Existem três ou quatro na França. Em geral, são músicos que se especializaram em música de discoteca.

— O que significa "é um *loop*"?

— É uma forma de falar na música sampleada, quando se usa um computador. Um loop serve como base, é a essência da música. Eles pegam uma batida e botam para girar sobre si mesma, de modo que seja sempre perfeitamente igual.

— Claro, exatamente como disse aquele infeliz. Um cão que corre atrás do próprio rabo.

Frank interrompeu bruscamente aquelas reflexões, trazendo-os de volta à urgência do momento. Havia algo muito mais importante que precisavam entender.

— Ok, temos um trabalho a fazer. Vamos, não tiveram nenhuma ideia? Pensem em alguém famoso, por volta dos trinta, trinta e cinco anos que possa ter alguma coisa em comum com os elementos que temos. E aqui, em Montecarlo.

Frank parecia obcecado. Agitava-se entre eles, repetindo aquelas palavras sem parar. Sua voz parecia seguir uma ideia como o latido da matilha de cães segue uma raposa.

— Um homem jovem, atraente, famoso. Alguém que circula por aqui, nas paragens. Mora aqui ou está aqui no momento. CDs, compilações, "Nuclear Sun", discoteca, música *dance*, um DJ italiano com nome inglês, um pseudônimo. Pensem nos jornais, nas publicações sensacionalistas, no jet-set…

A voz de Frank era como o chicote de um jóquei incitando o cavalo numa corrida desenfreada. A mente de cada um deles galopava da mesma, idêntica maneira.

— Força! Jean-Loup?

O DJ sacudiu a cabeça. Jean-Loup parecia muito abalado e era claro que não se podia esperar nada dele.

— Laurent?

— Sinto muito, mas não me veio nada à mente.

Barbara estremeceu e levantou a cabeça bruscamente, movendo os cabelos acobreados como uma onda. Frank viu seu rosto se iluminar. Aproximou-se dela.

— Diga, Barbara.

— Não sei… talvez…

Frank mergulhou como um falcão em sua expressão hesitante.

— Barbara, não há talvez. Pode dizer qualquer nome que lhe vier à cabeça, certo ou errado, não importa.

A moça passou os olhos pelos presentes, como quem pede desculpas antecipadamente por alguma bobagem que ia dizer.

— Bem, pensei que poderia ser Roby Stricker.

31

RENÉ COLETTI ESTAVA COM UMA TREMENDA vontade de fazer xixi.

Respirou profundamente pelo nariz. A bexiga cheia provocava cãibras terríveis na barriga. Tinha a impressão de estar num daqueles filmes de ficção científica, em que os tubos da aeronave começam a soltar fumaça e aparece uma luz vermelha de perigo, enquanto uma voz metálica repete sem parar: “Atenção, em três minutos essa nave vai se autodestruir; atenção…”

Era normal que a necessidade fisiológica chegasse no momento mais inadequado, segundo a lógica destrutiva da casualidade que trata de aproveitar a oportunidade sempre que dá para encher o saco dos seres humanos.

Ficou tentado a descer do carro e fazer xixi em qualquer lugar, na penumbra, sem se importar com as poucas pessoas que estavam na marina ou do outro lado da rua. Olhou cobiçosamente para o muro à sua direita.

Acendeu um cigarro como distração e soltou a fumaça predadora do Gitanes sem filtro pela janela aberta. No cinzeiro do carro havia guimbas suficientes para testemunhar que sua espera já durava muito tempo. Esticou a mão para desligar o rádio do carro, sintonizado na Rádio Monte Carlo, pois o que lhe interessava já tinha acabado.

Estacionou o Mazda MX-5 na marina, perto das Piscinas, com a dianteira do veículo voltada para o edifício em que ficava a sede da rádio que, naquele instante, devia estar cheia até a tampa de policiais fervilhando como feijões numa panela. Tinha ouvido o programa e acompanhado o telefonema do assassino com as orelhas em pé, sentado no carro, à espera. Na redação de seu jornal, o *France-Soir*, muitos colegas tinham feito a mesma coisa e certamente estavam à cata de informações, galopando pelas páginas da web ou qualquer outra fonte. Um monte de cérebros funcionava a todo vapor naquele momento, tentando decifrar a nova mensagem lançada no éter por “Ninguém”, apelido criado pela mídia impressa. O nome pegou e agora todo mundo o chamava assim. Poder da mídia. Sabe-se lá como era chamado pelos policiais, antes que aquele nome tivesse sido imposto pela fantasia de um jornalista.

Aos investigadores, a lógica; a eles, a imaginação. Mas não era certo que quem tinha uma fosse necessariamente desprovido da outra.

Seu caso era uma evidente demonstração disso, ou pelo menos ele esperava que fosse.

O celular colocado no banco a seu lado começou a tocar. O toque, baixado da internet, era uma música pop de Ricky Martin que sua neta tinha praticamente imposto. Odiava aquela musiquinha, mas nunca aprendera a usar o aparelho bem o bastante para poder trocá-la.

Fantasia e lógica, mas horror pela técnica.

Atendeu o celular.

Seus encanamentos teriam que aguentar mais um pouco.

— Alô?

— Coletti, é Barthélemy.

— Diga lá.

— Temos uma indicação. Uma sorte dos diabos. Giorgio Cassano, nosso correspondente em Milão, é amigo do cara que compôs a música. A que Ninguém apresentou na rádio. Telefonaram da Itália há dois minutos. Vão nos dar algum tempo de vantagem antes de avisar a polícia.

Beleza. Mas vamos esperar que nenhum de nós arrisque a própria pele. E vamos esperar que eu não mije nas calças.

— E então?

— É "Nuclear Sun". O autor é um italiano, um DJ chamado Rolando Bragante, aliás, Roland Brant. Entendeu?

— Claro que entendi, não sou nenhum idiota. Mande um SMS com os dados, em todo caso. Nunca se sabe.

— Onde você está?

— Embaixo da rádio. Tudo sob controle. Até agora não aconteceu nada.

— Fique de olho. Se os tiras perceberem, vai dar merda.

— Sei como eles são.

— Boa sorte — cumprimentou lacônico Barthélemy.

— Para você também. Avise se tiver novidades.

Desligou o telefone. Um DJ italiano com pseudônimo inglês. Uma música de discoteca intitulada "Nuclear Sun".

Que droga queria dizer aquilo?

Sentiu um espasmo no ventre. Decidiu-se. Jogou a guimba pela janela, abriu a porta e desceu do carro. Deu a volta, desceu dois degraus e foi se esconder na semiobscuridade daquele trecho da rua, encoberto pela silhueta do carro.

Aproveitou uma reentrância da parede, ao lado da porta de correr de uma loja. Abriu a braguilha e se desafogou, com um suspiro de alívio. Tinha a impressão de voar. Olhou o riacho amarelado de urina que descia como uma cascatinha no terreno levemente inclinado.

Abandonar-se, nesses casos, era um prazer quase sexual, iconográfico, era uma satisfação da parte física e lúdica do ser humano. Como quando era menino e, com o irmão, fazia xixi na neve, desenhand…

Um instante. Um *flash*. A neve. O que a neve tinha a ver? Viu uma foto na capa de um jornal, uma figura masculina com roupa de esqui, fotografada na entrada de um *ski-lift* com uma bela jovem a seu lado. Tinha neve, muita neve. Teve uma intuição tão precisa que ficou sem fôlego.

Cacete! Era Roby Stricker. E se fosse ele, estava feito.

Suas evoluções fisiológicas não davam sinais de acabar. A excitação provocou um estremecimento nervoso. Interrompeu o fluxo, correndo risco de sujar as mãos. Já tinha resolvido histórias em que o risco de sujar as mãos era quase garantido. Aquela não seria certamente a mais nojenta. Mas onde encontrar Roby Stricker agora?

Deu uma sacudida enérgica em seu pênis e enfiou-o de volta na cueca. Voltou correndo para o carro, sem se preocupar com o fato de não ter fechado a calça.

Tem um assassino à solta nessa cidade, René, disse consigo mesmo. *Quem você acha que está se importando se sua braguilha está aberta ou não*?

Sentou-se e pegou o celular. Ligou de novo para Barthélemy, na redação.

— Sou eu, Coletti, de novo. Preciso de um endereço.

— Vai.

— Roby Stricker. O sobrenome se escreve S-t-r-i-c-k-e-r, com ck. Roby deve ser Roberto. Mora aqui em Montecarlo. Se for mesmo uma noite de sorte total, deve estar no catálogo telefônico. Se não, procure de alguma maneira, mas ande logo.

O jornal certamente não era a polícia, mas eles também tinham seus canais.

— Espere na linha um segundo.

Passaram-se alguns instantes, que pareceram infindáveis para Coletti, até mais que o tempo passado com a bexiga cheia. Finalmente, Barthélemy voltou ao aparelho.

— Bingo, meu velho. Mora num condomínio que se chama Les Caravelles, Boulevard Albert Premier.

Coletti prendeu a respiração. Não conseguia acreditar em sua sorte. Ficava a exatamente cem metros do local em que estava estacionado.

— Ótimo, sei onde fica. A gente se fala.

— René, preste atenção, fique de olho. Não somente pelos tiras. Ninguém é um sujeito perigoso. Já liquidou três pessoas.

— Vira a boca para lá, agourento. Tenho amor a minha pele, pode deixar. E se essa história terminar do jeito que estou pensando, será um furo sensacional…

Desligou.

Por um segundo, ouviu a voz na rádio.

Eu mato…

Mesmo sem querer, estremeceu. No entanto, a exaltação, a adrenalina já estavam circulando e eram capazes de anular qualquer regra de prudência. Como homem, Coletti tinha muitos limites, mas como jornalista conhecia o ofício e para exercê-lo do jeito que achava certo estava disposto a correr qualquer risco. Sabia reconhecer uma coisa grande quando se deparava com ela. Uma pista para uma notícia a ser seguida, a ser aberta como uma ostra para mostrar a todo mundo se continha uma pérola ou não. E dessa vez a pérola estava lá, grande como um ovo de avestruz.

Cada um tem suas drogas e a sua era aquela.

Olhou para as vidraças iluminadas da Rádio Monte Carlo. Havia vários carros da polícia estacionados no pátio diante da entrada. A luz giratória azul se acendeu e uma das viaturas partiu. Coletti relaxou. Era apenas o carro que escoltava Jean-Loup Verdier até sua casa. Já os tinha seguido algumas vezes e sabia o que iam fazer. Iriam até a casa do DJ, entrariam pelo portão e até-loguinho: os policiais ficariam de guarda, impossibilitando qualquer tentativa de aproximação.

Daria a metade da fortuna de Bill Gates para poder entrevistar aquele homem, mas não tinha como, pelo menos por enquanto. Estava tudo blindado, na entrada e na saída. Tinha vigiado aquela casa o suficiente para saber que era impossível.

Ultimamente muitas coisas pareciam impossíveis.

Tinha tentado de todos os modos ser o enviado especial do jornal ao Afeganistão durante a guerra. Sentia aquela história dentro dos ossos. Sabia que poderia contá-la melhor que qualquer outro, como já fizera na Iugoslávia. Mas preferiram Rodin, talvez porque pensassem que era mais jovem e mais famoso, mais disposto a correr riscos. Talvez houvesse alguma manobra política por trás, alguma recomendação vinda não se sabe de onde e que ele desconhecia. O fato é que tinha se fodido.

Coletti abriu o porta-luvas e tirou sua câmera digital, uma Nikon 990 Coolpix. Colocou-a sobre o banco do carona e verificou tudo atentamente, como um soldado verifica sua arma antes de uma batalha. As baterias estavam carregadas e tinha quatro cartões de 128 mega. Daria para fotografar a Terceira Guerra

Mundial, se fosse preciso. Desceu do Mazda sem se preocupar em trancá-lo. Escondeu a máquina fotográfica sob o paletó, de modo que não se notasse. Deixou o carro e as Piscinas para trás e foi na direção oposta. Algumas dezenas de metros depois, viu-se diante da escada que subia para a Promenade. Quando chegou na altura da rua, um carro particular, mas com as luzes da polícia no teto, saiu da Rascasse e passou em alta velocidade diante dele.

Conseguiu ver que havia duas pessoas no carro. Imaginou quem seriam. Certamente, o delegado Hulot e o inspetor Morelli. Ou talvez o sujeito moreno com o rosto bronzeado que tinha visto sair da casa de Jean-Loup Verdier naquela manhã. Quando seus olhos se encontraram, tivera uma impressão estranha.

Aquele era um homem com o diabo no corpo. E ele conhecia bem os diabos, assim como aqueles que os carregavam dentro de si. Talvez valesse a pena se informar melhor sobre ele…

Coletti já tinha descartado há tempos a estratégia de seguir os carros da polícia. Os tiras não eram estúpidos e logo perceberiam. Ele seria detido e podia dar adeus a seu furo de reportagem. Não podia cometer absolutamente nenhum erro.

Naquela noite, já tinham tido o alarme falso do primeiro telefonema, para lá de furado. Era muito provável que os tiras estivessem fulos da vida. Não queria estar no lugar de quem passou o trote, se o pegassem. Não era realmente o caso de se meter numa história daquelas.

Se a próxima vítima daquele maníaco fosse realmente Roby Stricker, eles o usariam como isca e o único lugar onde poderiam fazê-lo seria na casa dele. Naquele momento, só precisava encontrar o lugar certo para ficar, um local de onde pudesse ver sem ser visto. Se suas deduções estavam corretas e se pegassem Ninguém, ele seria a única testemunha ocular e o único repórter a ter a foto da prisão.

Se conseguisse, aquela história valeria seu peso em plutônio.

Não havia praticamente ninguém pelas ruas. Certamente, toda a cidade tinha ouvido o programa da rádio, assim como o novo telefonema de Ninguém. Sabendo que havia um assassino à solta, não eram muitos os que tinham vontade de sair despreocupadamente para um passeio.

Coletti dirigiu-se para a entrada iluminada de Les Caravelles. Quando chegou diante da porta envidraçada do condomínio, deu um suspiro de alívio. A fechadura era normal e não tinha código numérico. Coletti remexeu os bolsos, como um inquilino qualquer procurando suas chaves.

Tirou uma engenhoca que um de seus informantes tinha lhe dado de presente. Um sujeito esperto que ele ajudara a sair de uma enrascada. Um sujeito que

gostava de dinheiro e não se importava com o modo de obtê-lo, seja o que ele lhe dava por suas dicas, seja o que obtinha entrando em apartamentos cujos moradores tinham viajado.

Enfiou o aparelho na fechadura e a porta se abriu. Coletti entrou no hall do edifício de luxo e deu uma olhada ao redor. Espelhos, poltronas de couro, tapetes persas sobre o piso de mármore. Àquela hora estava abandonado, mas, com certeza, durante o dia era guardado por um porteiro rigoroso.

Sentiu os batimentos cardíacos se acelerando.

Não era medo.

Era adrenalina pura. Era o paraíso na terra. Era seu trabalho.

À direita, no lado mais curto do salão retangular, havia duas portas de madeira. Uma delas exibia uma plaqueta de latão com a inscrição *"Concierge"*. A outra, do outro lado, levava provavelmente para o subsolo. Não sabia qual era o andar de Roby Stricker, e acordar o porteiro àquela hora para pedir informações não parecia ser a melhor tática. Mas podia pegar o elevador de serviço, ir até o último andar e descer as escadas até descobrir qual seria o melhor lugar. Depois, encontraria um posto de observação perfeito, nem que tivesse que se pendurar em uma janela, o que já fizera antes.

O Reebok que estava usando não tinha feito barulho quando alcançou a porta para o subsolo. Forçou o trinco, esperando que não estivesse trancado. Tinha sua engenhoca, é verdade, mas cada segundo poupado era um segundo ganho. Deu um suspiro de alívio. A porta estava só encostada. Dentro era um breu total. Sob o reflexo das luzes do vestíbulo, viam-se as escadas que desciam confundindo-se na escuridão. Colocadas em intervalos regulares, as pequenas luzes vermelhas dos interruptores brilhavam como olhos de gato.

Não podia acender a luz em hipótese alguma. Desceu os primeiros dois degraus acompanhando a porta que se fechava. Agradeceu mentalmente à eficiência de quem mantinha as dobradiças bem lubrificadas. Virou sobre si mesmo e começou a se mover às apalpadelas, buscando a parede com as mãos. Desceu lentamente os degraus, cuidando para não escorregar. Seu coração batia tão forte que não se espantaria se todo o edifício pudesse ouvir. Esticando o pé, percebeu que tinha chegado ao final da escada. Colocou uma mão diante de si e, sempre tateando a parede de pintura áspera, começou a avançar lentamente. Remexeu nos bolsos do paletó. Percebeu que, na excitação, tinha esquecido no carro, junto com os cigarros, o isqueiro Bic de 3 liras, que agora poderia ser bastante útil. Mais uma vez, teve a confirmação de que a pressa sempre é inimiga da perfeição. Continuou a avançar às apalpadelas. Tinha dado apenas alguns passos naquela escuridão absoluta, quando sentiu uma chave de ferro

apertar sua garganta e seu corpo ser violentamente jogado contra a parede.

SÉTIMO CARNAVAL

NO GRANDE APARTAMENTO SILENCIOSO HÁ UM HOMEM sentado no escuro, numa poltrona.

Pediu para ficar sozinho, ele que sempre teve horror da solidão, das salas vazias, da penumbra. Os outros se foram depois de perguntar uma última vez antes de sair, com uma nota de apreensão na voz, se estava mesmo certo de que queria ficar ali, sem ninguém para cuidar dele.

Respondeu que sim, tranquilizador. Conhece tão bem a casa que pode se mover livremente sem ter nada a temer.

As vozes se diluem nos rumores dos passos que se afastam, de uma porta que se fecha, de um elevador que desce. Pouco a pouco, os rumores se transformam em silêncio.

Assim, está sozinho. E pensa.

Na calma daquela noite de fim de maio pensa no vigor dos anos passados. Pensa em seu breve verão que está mergulhando no outono dos anos que virão, que não percorrerá mais caminhando nas pontas dos pés, mas com as solas solidamente plantadas no chão, aproveitando qualquer apoio firme para não cair.

Pela janela aberta entra o perfume do mar. Ele estica a mão e acende um abajur sobre uma mesinha a seu lado. Quase nada muda para seus olhos, que se transformaram num teatro de sombras. Volta a apertar o botão. A luz se apaga, ao sopro de seu suspiro sem esperança, como uma vela. O homem sentado na poltrona pensa no que ainda o espera. Terá que se habituar ao cheiro das coisas, às suas vozes, quando todas elas se afogarem na mesma, idêntica cor.

O homem sentado na penumbra está praticamente cego.

Houve um tempo em que não era assim. Houve um tempo em que vivia da luz e de sua ausência e de sua essência. Um tempo em que seus olhos definiam um ponto que estava “lá” e, num salto, podia levar seu corpo até ele, enquanto a música parecia feita da própria luz, uma luz que nem os aplausos podiam toldar.

Foi tão breve sua dança.

Desde o nascimento de sua primeira paixão até a trepidante descoberta de seu

talento, sob as luzes estupefatas do mundo que o confirmava, foi apenas um átimo. É verdade que houvera alguns momentos tão plenos de prazer que poderiam bastar para uma vida inteira, momentos que outras pessoas jamais viveriam, nem mesmo se vivessem um século.

Mas o tempo, o tempo sarcástico que trata os homens como brinquedos e os anos como minutos, voou a seu redor e retirou com uma das mãos o que tinha dado em profusão com a outra.

Multidões inteiras em extática admiração de sua graça, do traçado elegante de seu passo, das palavras silenciosas de cada gesto seu, quando parecia que até sua figura tinha sido gerada pela própria música, tão grande era a harmonia dentro da qual se movia.

Carregava agora, nos olhos quase apagados, as lembranças. Eram uma luz tão forte que poderia substituir a que estava perdendo. Eram o Scala de Milão, o Bolshoi de Moscou, o Théâtre Princesse Grace de Montecarlo, o Metropolitan de Nova York, o Royal Theatre de Londres. Um número infinito de cortinas abertas em silêncio e fechadas sob os aplausos para cada um de seus sucessos. Cortinas que não se abririam nunca mais.

Adeus, ídolo da dança.

O homem passa as mãos nos cabelos brilhantes e bastos.

Suas mãos são seus olhos, agora.

O tecido áspero da poltrona, o tecido macio das calças sobre as pernas musculosas, a seda da camisa no tórax, seguindo a linha definida dos peitorais. A sensação suave das faces barbeadas por um outro, até encontrar o fluxo incolor da lágrima que a marca. O homem pediu e conseguiu ficar sozinho, ele que sempre teve horror da solidão, das salas vazias, da penumbra.

E de repente sente que aquela solidão se rompeu, que não está mais sozinho no apartamento.

Não há nenhum rumor, não há uma respiração ou passo. Mas ele percebe uma presença, com um sentido que não sabe que possui, como se fosse um primitivo instinto de morcego. Uma das mãos tomou, outra deu.

Pode ouvir muito mais coisas, agora.

A presença se transforma num passo leve, quase sem rumor. Uma respiração calma e regular. Alguém está atravessando o apartamento e se aproxima. Aquele passo silencioso agora se deteve às suas costas. Reprime o instinto de se virar para olhar, pois sabe que seria inútil.

Sente o perfume de uma pele com cheiro bom misturada a uma boa água-de-colônia. Reconhece a essência, mas não a pessoa.

Eau d'Hadrien, de Annick Goutal. Um perfume que remete a frutos cítricos, a

sol, a vento. Tempos atrás, deu uma de presente a Boris, comprado em Paris, na loja próxima da Place Vendôme, no mesmo dia de sua apresentação triunfal na Opéra. Quando ainda…

Os passos recomeçam. O recém-chegado passa por sua poltrona, que fica de costas para a porta. Entrevê a sombra de seu corpo quando para à sua frente.

O homem sentado na poltrona não está surpreso. Não tem medo. Só está curioso.

— Quem é você?

Há um instante de silêncio, depois o homem em pé responde ao homem sentado com uma voz profunda e harmoniosa.

— E isso importa?

— Sim, importa muito para mim.

— Talvez meu nome não lhe diga nada. Não é importante que saiba quem sou. Quero ter certeza de que saiba *o que* sou e por que estou aqui.

— Posso imaginar. Ouvi falar de você. Estava esperando, acho eu. Dentro de mim, talvez desejasse que viesse.

O homem sentado passa a mão nos cabelos. Gostaria de passá-la nos cabelos do outro também, em seu rosto, em seu corpo, pois as mãos são seus olhos, agora.

A mesma voz profunda, tão rica em harmonias, responde da escuridão.

— Estou aqui, agora.

— Imagino que não haja nada que eu possa fazer.

— Não, nada.

— Então acabou-se. Acho que é melhor assim, em certo sentido. Eu nunca teria a coragem…

— Quer música?

— Sim, acho que sim. Não, tenho certeza. Quero.

Ouve uma série de pequenos rumores, o ronronar do gravador que abre e fecha, que a escuridão e o silêncio tornavam mais evidente. O homem está mexendo no equipamento de som da sala. Não acendeu a luz. Deve ter os olhos de um gato, pois a claridade fraca que chega da rua e a luz acesa do som bastam para orientá-lo.

Um instante depois, as notas de um trompete se espalham flutuando na sala. O homem sentado não conhece a música, mas o sopro do instrumento lembra, desde as primeiras notas, a melodia melancólica de Nino Rota para a trilha sonora de *A Estrada*, de Fellini. Dançou aquela música no Scala de Milão, no início da carreira, num balé baseado no filme, com uma primeira bailarina cujo nome não recorda, apenas a graça incomum de seu corpo.

O homem sentado na poltrona volta-se para a escuridão de onde vem a música, que é a mesma na sala e em seus olhos.

— Quem é?

— Chama-se Robert Fulton. Um grande músico…

— É, eu notei. O que representa para você?

— Uma velha lembrança. De agora em diante será sua também.

Um longo silêncio imóvel. O homem na poltrona tem por um instante a sensação de que o outro foi embora. Mas quando fala com ele sua voz chega de imediato da escuridão que o cerca.

— Posso lhe pedir um favor?

— Sim, se eu puder.

— Posso tocá-lo?

Um leve fru-fru de tecido. O homem em pé inclinou-se para a frente. O homem sentado sente o calor de seu hálito, um hálito masculino. Talvez um homem que, em outros tempos e em outra ocasião, ele tentaria conhecer melhor…

Estica as mãos, pousando-as naquele rosto que percorre com as pontas dos dedos até chegar à raiz dos cabelos. Segue a linha do nariz, explora com os dedos as faces e a testa. As mãos são seus olhos, agora, e veem por ele.

O homem sentado não tem medo. Estava curioso, agora está apenas surpreso.

— Então você é assim — murmura.

— Sim — responde o outro simplesmente, levantando-se.

— Por que faz isso?

— Porque devo.

O homem sentado se satisfaz com a resposta. No passado, ele também fez o que achava que devia. Tem apenas uma última pergunta a fazer ao outro. No fundo, é só um homem. Um homem que não sente medo do fim de tudo, mas apenas da dor.

— Vou sofrer?

O homem sentado não tem como ver o homem em pé extrair um revólver com silenciador de uma bolsa de tecido que usa a tiracolo. Não vê o cano apontado para ele. No metal polido, não vê o reflexo ameaçador do raio de luz que chega obliquamente da janela.

— Não, não vai sofrer.

Não vê o nó do dedo ficar branco quando ele aperta o gatilho. A resposta do homem em pé mistura-se ao sibilar sufocado da bala que, no escuro, despedaça seu coração.

32

— NÃO TENHO NENHUMA INTENÇÃO de viver aprisionado até essa história terminar. E, sobretudo, não quero ser usado como isca!

Roby Stricker largou o copo de Glenmorangie que estava bebendo, levantou-se do sofá e foi olhar pela janela de seu apartamento. Malva Reinhart, jovem atriz americana sentada no sofá encostado na parede em frente, deslizava seus fantásticos olhos cor de violeta, justificativa e força de tantos closes, dele para Frank. Estava nervosa e silenciosa. Parecia ter saído bruscamente do personagem que representava em público, feito de olhares que duravam alguns segundos a mais e de decotes que cobriam alguns centímetros a menos. Tinha perdido o ar autossuficiente que carregava como um troféu quando toparam com Frank e Hulot na saída do Jimmy'z, a mais exclusiva discoteca de Montecarlo.

Estavam de pé na área asfaltada ao lado do Sporting d'Eté, logo depois da porta de vidro do local, um pouco à esquerda da luz azul do letreiro. Havia um homem conversando com eles. Frank e Hulot desceram do carro e foram em sua direção. A pessoa que estava com os dois tinha se afastado, deixando-os sozinhos sob a luz dos faróis.

— Roby Stricker? — perguntou Nicolas.

O jovem olhou para eles sem entender.

— Sim — respondeu com uma voz meio insegura.

— Sou o delegado Hulot da Sûreté Publique e este é Frank Ottobre, do FBI. Precisamos falar com você. Pode vir conosco, por favor?

Não parecia muito à vontade ao ouvir suas identificações. Mais tarde, Frank entendeu o porquê, mas fez de conta que não via o jovem se desfazer de maneira bastante desajeitada de um papelote de cocaína. Stricker tinha indicado com a mão a jovem mulher a seu lado, que olhava espantada para eles. Falavam em francês e ela não entendia uma palavra.

— Os dois ou só eu?… Quer dizer, essa é Malva Reinhart e…

— Não está sendo preso, se é isso que quer saber – interveio Frank, em italiano.

— Acho que é de seu interesse vir conosco, para seu próprio bem. Temos razões para acreditar que sua vida está correndo um sério risco, e talvez a dela também.

Logo depois, no carro, tinham contado tudo. Stricker ficou pálido como um morto e Frank suspeitou que, se estivesse em pé, suas pernas teriam cedido. Em seguida, Frank repetiu a história toda em inglês para Reinhart e foi a vez dela perder cor e palavra. Uma jovem e sensual atriz dos nossos dias abruptamente transportada para o mundo dos filmes mudos em preto e branco.

Foram para o apartamento de Stricker, em La Condamine, na área da Central. Era impossível não ficar pasmo diante da audácia daquele louco homicida. Se seu objetivo era *mesmo* Stricker, havia um sinistro e irônico desafio naquela escolha. Aquele homem tencionava atacar uma pessoa que morava a uma centena de metros, em linha reta, da sede da polícia.

Frank ficou com ele e a moça enquanto Nicolas, depois de inspecionar o apartamento, foi dar instruções a Morelli e seus homens, que estavam chegando ao local. Ao redor do edifício, criou-se uma rede de segurança impossível de ser ultrapassada.

Antes de ir, Hulot tinha chamado Frank na entrada para entregar um walkie-talkie e perguntar se estava com a pistola. Sem falar, ele tinha aberto o paletó e mostrado a Glock pendurada na cintura. Roçando a consistência fria da arma, estremecera levemente.

Frank deu um passo para o centro da sala e, pacientemente, respondeu aos protestos de Stricker.

— Antes de mais nada, estamos tentando garantir sua integridade física. Embora não possa ver, praticamente toda a polícia do Principado está espalhada aqui ao redor. Em segundo lugar, não queremos usá-lo como isca, simplesmente pedimos sua colaboração para ver se conseguimos prender a pessoa que estamos procurando. Posso garantir que não está correndo nenhum risco. Mora em Montecarlo e deve estar sabendo do que anda acontecendo por aqui, não é?

Roby virou-se para ele, mantendo a posição anterior: de costas diante da janela.

— Não está pensando que estou com medo, está? Simplesmente não gosto dessa situação. Tudo parece tão… tão exagerado! É só isso.

— Fico contente em saber que não está com medo, mas isso não significa que podemos subestimar a pessoa que temos pela frente. Portanto, afaste-se dessa janela.

Stricker tentou se mostrar impassível, mas, com uma atitude que pretendia simular a frieza de um aventureiro consumado, foi sentar-se no sofá. Na

realidade, dava para ver a olho nu que estava se borrando de medo.

Frank só o conhecia há uma hora e, se pudesse seguir seus instintos, já teria ido embora tranquilamente, deixando-o entregue a seu destino. Stricker era tão igual ao estereótipo do filhinho de papai que, em outras circunstâncias, poderia até pensar que estava sendo vítima de alguma pegadinha.

Roberto Stricker, "Roby" para as revistas de fofoca, era italiano, de Bolzano, mais exatamente, mas com um nome alemão que podia ser vendido como inglês, se quisesse. Tinha passado dos trinta havia pouco e era aquilo que normalmente se define como um homem bonito. Alto, atlético, belo rosto, belos cabelos, um belo de um babaca. Era filho de um multimilionário, proprietário, entre outros inúmeros negócios, de uma cadeia de discotecas na Itália, França e Espanha chamada No Nukes, que tinha como logotipo um sol sorridente. Daí a associação feita por Barbara com "Nuclear Sun", a música *dance* que o assassino apresentara no último programa. Música de Roland Brant, pseudônimo inglês do italianíssimo DJ Rolando Bragante. Roby Stricker vivia em Montecarlo fazendo tudo aquilo que sua índole e o dinheiro do pai permitiam: absolutamente nada. Os tabloides de fofocas viviam cheios de suas peripécias amorosas e de suas férias, esquiando em Saint Moritz com a top model do momento ou jogando tênis em Marbella com Björn Borg. No que dizia respeito ao trabalho, provavelmente o pai pagava para mantê-lo distante dos negócios da família, colocando o dinheiro que o filho lhe custava na rubrica "mal menor" de seus balancetes.

Stricker pegou de volta o copo, mas deixou-o de lado outra vez quando viu que o gelo já tinha derretido completamente.

— Mas que providências pretendem tomar?

— Na realidade, não há muito a fazer, em casos como esses. Trata-se apenas de tomar as devidas precauções e esperar.

— Mas o que esse louco furioso pode ter contra mim? Vocês acham que é alguém que eu conheço?

Se ele o conhece, eu não ficaria espantado se resolvesse matá-lo. E faria muito bem, seu cabeça de alfinete!

Em homenagem a Stricker, Frank pensou tudo isso em italiano. Sentou-se numa poltrona.

— Isso eu não sei dizer. Honestamente, à parte o que já sabe, não temos nenhuma informação sobre esse *assassino*, exceto os critérios de escolha das vítimas e o que faz com elas depois de mortas…

Seguindo seu pensamento, Frank tinha falado de novo em italiano, expressamente para Roby Stricker, sublinhando levemente a crueza da palavra

“assassino”. Não considerava oportuno assustar ainda mais a moça sentada no sofá, que já estava com os dedos praticamente em carne viva de tanto medo. Embora…

Diz-me com quem andas e te direi quem és.

Se aqueles dois estavam juntos, algum motivo devia haver. Como Nicolas e Céline Hulot. Como Nathan Parker e Ryan Mosse. Como Bikjalo e Jean-Loup Verdier.

Por amor. Por ódio. Por interesse.

No caso de Roby Stricker e Malva Reinhart talvez se tratasse de uma mera, visceral atração entre duas embalagens vazias.

O walkie-talkie que Frank carregava na cintura tocou. Estranho. Como norma de prudência, tinham resolvido observar o mais rigoroso silêncio no rádio. Nenhuma precaução parecia excessiva, tendo em vista a pessoa que enfrentavam. Um tipo capaz de lidar tão bem com a telefonia e as comunicações podia muito bem penetrar em qualquer frequência de rádio da polícia. Levantou-se da poltrona e foi para a entrada do apartamento, antes de tirar o aparelho da cintura e levá-lo à boca.

Não queria que os dois ouvissem a conversa.

— Frank Ottobre.

— Frank, é Nicolas. Acho que o pegamos.

Frank sentiu como se tivessem disparado um tiro de canhão na sua orelha.

— Onde?

— Aqui embaixo, no andar das caldeiras. Um de meus homens surpreendeu um sujeito que estava se enfiando pelas escadas que levam ao subsolo e conseguiu detê-lo. Ainda estão no prédio. Estou indo encontrá-los.

— Eu também.

Voltou para a sala como um raio.

— Fiquem aqui e não se mexam. Não abram a porta para ninguém a não ser eu.

Deixou-os sozinhos com seu espanto e seu medo. Abriu e fechou a porta de entrada num único movimento. O elevador não estava no andar. Não tinha tempo para esperar que chegasse. Desceu pela escada, saltando os degraus de dois em dois.

Chegou ao vestíbulo justamente quando Hulot estava entrando com Morelli pela porta de vidro que dava para a rua. Um agente uniformizado estava de pé diante da porta que descia para o subsolo. Foram até lá.

Desceram à luz fraca de uma série de lampadinhas embutidas na parede e protegidas por uma grade. Frank pensou que os edifícios de Montecarlo tinham

todos eles as mesmas características. Extremamente requintados nas fachadas, mas igualmente esquálidos no que dizia respeito aos detalhes ocultos: lá embaixo fazia calor e tinha cheiro de lixo.

O agente foi mostrando o caminho. Logo depois de uma esquina, encontraram um agente de pé ao lado de um homem sentado no chão, apoiado contra a parede, levemente inclinado, com as mãos atrás das costas. Na testa do policial, um par de óculos de lentes infravermelhas para visão noturna.

— Tudo bem, Thierry?

— Aí está, delegado, eu…

— Oh, não! Cristo!

O grito de Frank interrompeu as palavras do policial.

O homem sentado no chão era o jornalista de cabelos vermelhos que ele tinha visto na frente da central de polícia quando o cadáver de Yoshida fora descoberto. O mesmo que revira naquela manhã na frente da casa de Jean-Loup Verdier.

— Esse cara é jornalista, merda!

O repórter aproveitou a ocasião para se fazer ouvir.

— Claro que sou jornalista. Meu nome é René Coletti, do *France-Soir*. É o que estou repetindo a esse cabeça-dura há dez minutos. Se tivesse me deixado pegar a carteirinha no bolso, teríamos evitado toda essa confusão.

Hulot estava furioso. Acocorou-se diante de Coletti. Frank teve medo de que fosse bater nele. Mas se o tivesse feito, teria entendido e estaria disposto a defendê-lo diante dos tribunais dos homens e de Deus.

— E se você tivesse ficado no seu lugar, seu bosta, nada disso teria acontecido. E se lhe interessa saber, você está em maus lençóis.

— Ah, é? Sob que acusação?

— Obstrução de uma investigação policial, por enquanto. Depois, com calma, encontraremos mais alguma coisa. Já não basta tudo o que temos que fazer, para ainda ter que aguentar vocês, jornalistas, se metendo no caminho para atrapalhar ainda mais.

Hulot se levantou. Fez um sinal aos dois agentes.

— Podem pegá-lo e levá-lo embora daqui.

Os dois policiais ajudaram Coletti a se levantar. Resmungando inúmeras ameaças de represálias jornalísticas, o repórter levantou-se com dificuldade. Tinha um arranhão na testa que, sem dúvida, raspara na parede. A objetiva caiu da máquina fotográfica a tiracolo.

Frank pegou Hulot pelo braço.

— Nicolas, vou lá para cima de novo.

— Vá, deixe que dou um jeito nesse imbecil.

Frank voltou pelo mesmo caminho. Sentia a decepção apertar seu estômago como uma pedra de moinho. Podia entender a raiva de Hulot. Todo aquele trabalho, a espera na rádio e o esforço para decifrar a mensagem jogados fora por aquele jornalista idiota com sua máquina fotográfica. Por causa dele, tinham revelado sua presença. Se o assassino pretendia realmente atacar Stricker, com certeza mudaria de ideia. A única coisa boa é que tinham evitado outro morto, embora fosse mais uma oportunidade perdida de capturar o assassino.

Quando a porta do elevador deslizou no quinto andar, Frank saiu e bateu na porta do apartamento de Stricker.

— Quem é?

— Sou eu, Frank.

A porta se abriu e Frank entrou na casa. Roby Stricker teria que se dedicar muito à praia e às lâmpadas de bronzeamento artificial para fazer a palidez desaparecer de seu rosto. Malva Reinhart não estava muito melhor. Sentada no sofá, seus olhos pareciam ainda maiores e de um violeta mais forte em contraste com a cor cinérea do rosto.

— O que houve?

— Nada. Não se preocupe.

— Prenderam alguém?

— Sim, mas não era a pessoa que estamos procurando.

Naquele momento, o walkie-talkie tocou de novo. Frank o tirou da cintura. Depois da corrida escada abaixo, espantou-se de que ainda estivesse lá.

— Sim?

Ouviu a voz de Hulot. E era uma voz que não lhe agradou nem um pouco.

— Frank, é Nicolas. Tenho uma má notícia para você.

— Quanto?

— Muito, muito ruim. Ninguém nos enganou, Frank, nos enganou do começo ao fim. Seu objetivo não era Roby Stricker.

Frank sentiu que um péssimo momento estava começando para todos eles.

— Acabaram de descobrir o cadáver de Gregor Yatzimin, o bailarino. Nas mesmas condições que os outros três.

— Merda!

— Estarei na frente do portão em um minuto.

— Nos vemos já.

Frank desligou o walkie-talkie e por um instante teve a tentação de arremessá-lo contra a parede. Sentia a raiva como se fosse um bloco de granito em seu

estômago. Stricker veio encontrá-lo na entrada. Estava muito nervoso, a ponto de não perceber como Frank estava abalado.

— O que houve?

— Preciso ir embora.

Stricker olhou para ele, perdido.

— De novo. E nós?

— Não correm mais nenhum perigo. O objetivo não era você.

— O quê? O objetivo não era eu?

O alívio cortou os fios que o sustentavam e ele teve que se apoiar na parede.

— Não, acabamos de descobrir uma nova vítima.

A certeza de ter escapado do perigo ajudou Stricker a passar da emoção à indignação.

— Está me dizendo que quase me fizeram ter um infarto para avisar agora que estavam enganados? Que enquanto estavam aqui se passando pelos bambambãs, o sujeito estava matando outra pessoa na maior tranquilidade? Que papelão! Quando meu pai souber vai armar uma confus…

Frank ouviu o começo do desabafo em silêncio. As palavras de Stricker tinham, infelizmente, uma base inegável de verdade. Sim, haviam sido ludibriados mais uma vez. Como uns idiotas. Mas tinham sido sacaneados por alguém que corria seus riscos, que saía de casa e travava sua batalha, por mais nefasta que fosse. Frank não suportava que aquele inútil fizesse a mesma coisa, depois de eles terem tentado de todos os modos salvar sua questionável existência. O gelo que sentia por dentro transformou-se em vapor e explodiu com toda a força. Agarrou o sujeito pelos testículos e apertou violentamente.

— Ouça bem, mocinha…

Stricker empalideceu mortalmente e encostou-se na parede, com a cabeça de lado para evitar o olhar de Frank.

— Se não fechar a matraca, vai poder olhar seus dentes sem precisar de espelho!

Deu um violento apertão nos colhões de Stricker, que comentou o gesto com uma careta de dor. Frank continuou, no mesmo tom sibilante.

— Se dependesse de mim, teria deixado você nas mãos daquele açougueiro de bom grado, seu babaca inútil. Mas como o destino resolveu cuidar de você, não desafie a sorte procurando confusão.

Largou a presa. O rosto de Stricker começou um lento retorno a uma coloração normal. Frank viu que tinha os olhos molhados.

— Estou indo agora. Como sabe, tenho coisas mais importantes a fazer. Livre-se daquela vadia que está ali e fique me esperando. Precisamos ter uma

conversinha, só nós dois. Precisa me contar alguns detalhes sobre as pessoas que costuma frequentar, aqui em Montecarlo…

Frank se afastou de Stricker, que começou a escorregar lentamente contra a parede até ficar sentado no chão. Segurou a cabeça entre as mãos e começou a chorar.

— E se quiser ligar para seu papaizinho nesse meio-tempo, pode ligar.

Virou-se e abriu a porta, deixando o jovem sentado no chão soluçando. Saiu para o saguão e, enquanto esperava o elevador, lamentou-se por não ter tido tempo de pedir explicações a Stricker sobre um pequeno detalhe. Estava esperando ficar sozinho com ele para perguntar, quando Nicolas ligou.

Voltaria mais tarde, com calma. Queria alguns esclarecimentos sobre a pessoa que estava falando com ele e com Malva Reinhart quando eles chegaram ao Jimmy’z e que tinha se afastado assim que os viu. Frank queria saber o que Roby Stricker tinha para conversar com o capitão do Exército dos Estados Unidos, Ryan Mosse.

33

A VIAGEM ATÉ A CASA DE GREGOR YATZIMIN foi breve e longa ao mesmo tempo.

Frank, sentado ao lado do motorista, ouvia o que Nicolas Hulot dizia com o olhar fixo diante de si. Seu rosto era uma máscara de raiva silenciosa.

— Sabe quem é Gregor Yatzimin, não?…

O silêncio de Frank valia uma confirmação.

— Mora… morava aqui em Montecarlo e dirigia a Compagnia dei Balletti. Ultimamente, tinha problemas de visão.

Frank falou de repente, interrompendo como se não tivesse ouvido o que Hulot estava dizendo.

— Assim que ouvi seu nome, entendi o quanto fomos burros. Devíamos ter imaginado que aquele filho da puta ia pegar mais pesado. O primeiro indício, *Um homem, uma mulher*, foi relativamente fácil, justamente porque era o primeiro. Aquele desgraçado tinha que fornecer alguma chave de leitura. "Samba Pa Ti" era bem mais complicado. É óbvio que o terceiro seria ainda mais difícil. E ele anunciou isso.

Hulot não conseguia seguir o raciocínio do americano.

— Anunciou em que sentido?

— O *loop*, Nicolas. *O* loop *que gira*, *gira*, *gira*. O cão que morde o próprio rabo. Ele fez de propósito.

— De propósito o quê?

— Deu um indício que podia ser mal entendido, com duplo sentido. Ficamos na situação de ter de correr atrás do próprio rabo. *Ele sabia* que chegaríamos a Roby Stricker por causa do nome inglês do DJ, das discotecas No Nukes. E enquanto todas as forças da polícia estavam empenhadas em proteger aquela espécie de homem, ele ficava completamente livre para atacar sua verdadeira vítima…

Hulot terminou o discurso por ele.

— Gregor Yatzimin, o bailarino russo que estava ficando cego por causa da

radiação que absorveu em Chernobyl, depois do acidente na central nuclear, em 1986. “Dance” não era uma referência à música de discoteca, mas à dança. E “Nuclear Sun” era o núcleo radioativo de Chernobyl.

— Claro. Fomos uns idiotas. Devíamos ter entendido que não podia ser tão simples assim. E agora temos mais um morto na consciência.

Frank bateu com o punho no painel do carro.

— Desgraçado filho da puta escroto!

Hulot entendia muito bem o estado de espírito de Frank. Era o seu também. Tinha vontade de gritar e socar as paredes. Ou a cara do assassino, infinitamente, até transformá-la na mesma máscara de sangue de suas vítimas. Tanto ele quanto Frank eram policiais com uma certa experiência e, sem dúvida, não eram imbecis, mas naquele momento tinham a sensação de que seu adversário os mantinha sob contínuo controle e possuía a habilidade de manipulá-los a seu bel-prazer, como peças num tabuleiro de xadrez.

Infelizmente, os policiais dotados de consciência, assim como os médicos, nunca pensam nas vidas que conseguiram salvar: têm em mente apenas as que perderam. Os elogios e as acusações da imprensa, dos superiores ou da sociedade nada têm a ver com isso. É um discurso pessoal, um discurso que cada um deles retoma no mesmo ponto em que estava na noite anterior, quando se olha no espelho pela manhã.

O carro parou diante de um elegante edifício na Avenue Princesse Grace, pouco depois do Jardin Japonais. A cena era a de sempre: a mesma que viram até demais nos últimos tempos e que não gostariam de estar revendo naquela noite. Os veículos da perícia e do instituto médico-legal já estavam estacionados na frente do prédio. O portão, guardado por dois agentes. Alguns jornalistas já tinham chegado e logo chegariam os demais. Hulot e Frank desceram do carro e foram em direção a Morelli, que esperava na frente do portão. Seu rosto era a peça que faltava no quebra-cabeça da furiosa frustração geral.

— E aí, Morelli? — perguntou Hulot enquanto entravam juntos no edifício.

Morelli indicou a porta do elevador.

— Como sempre. O rosto sem pele, a mensagem “*Eu mato…*” escrita com sangue. Mesmo procedimento dos outros, mais ou menos.

— Como assim, mais ou menos?

— Dessa vez a vítima não foi apunhalada. O assassino liquidou-a com um tiro antes de…

— Um tiro de revólver? — interrompeu Frank, incrédulo. — Um tiro no meio da noite faz um belo estrondo. Alguém ouviu alguma coisa?

— Nada. Ninguém ouviu nada.

O elevador chegou ao térreo, silencioso como só os elevadores de luxo conseguem ser. As portas se abriram sem nenhum ruído. Entraram.

— Último andar — disse Morelli a Hulot, que estava com o dedo suspenso na frente do painel de comando.

— Quem descobriu o corpo?

— O secretário de Yatzimin. Secretário e confidente. Acho que era também seu amante. Tinha saído com um grupo de amigos da vítima: bailarinos de Londres. Yatzimin não quis ir, mas insistiu para que fossem sem ele.

Chegaram ao último andar e as portas do elevador deslizaram sobre suas guias bem lubrificadas. A porta do apartamento de Gregor Yatzimin estava escancarada, todas as luzes acesas. Via-se o rebuliço típico da cena de um crime. Os agentes da perícia trabalhavam, enquanto os homens de Hulot revistavam meticulosamente cada canto da casa.

— Por aqui.

Morelli abriu caminho. Atravessaram o apartamento luxuosamente decorado, de estilo vagamente glamoroso. Chegaram à porta do aposento que parecia ser o quarto de dormir justamente na hora em que o legista estava saindo de lá. Aliviado, Hulot constatou que não era Lassalle, mas Coudin. Sua presença significava que os andares de cima estavam preocupados, muito preocupados, já que tinham ido incomodar nada mais, nada menos que o número um.

— Bom-dia, delegado Hulot.

Nicolas se lembrou da hora.

— É verdade, tem razão, doutor. Bom-dia. Mas tenho a leve suspeita de que não será um bom dia. E então, o que me diz?

— Nada de sensacional. No que diz respeito às primeiras amostras, é claro. Sobre a tipologia do homicídio a coisa é bem diferente. Se quiser ir dando uma olhada…

Seguiram Frank, que já tinha entrado no quarto. Todos ficaram, ainda uma vez, horrorizados com o espetáculo que se apresentava diante de seus olhos. Já tinham visto aquela cena, em diversas modalidades e circunstâncias, mas era difícil se habituar a uma coisa daquelas.

Gregor Yatzimin estava estendido no leito, as mãos cruzadas sobre o peito, na posição em que se costumam colocar os mortos. Se não fosse pela cabeça barbaramente mutilada, evocava um corpo devidamente preparado por alguma agência funerária, à espera de seu caixão. Na parede, sarcástica como sempre, a mensagem escrita com fúria e sangue.

Eu mato…

Diante da morte, todos ficaram em silêncio. Diante *daquela* morte. Um novo

homicídio sem motivo, sem nenhuma explicação senão a que habitava o cérebro doentio de quem o cometera. A raiva era agora uma lâmina em brasa, não menos afiada que a do assassino, que girava dentro de chagas dolorosas.

A voz do inspetor Morelli tirou-os daquela espécie de transe em que tinham caído, subjugados pelo fascínio hipnótico do mal em estado puro.

— Tem algo de diferente…

— O quê?

— Bem, é uma sensação, mas não vejo o delírio dos outros homicídios. Não há sangue por todo lado, não há fúria. Até a posição do cadáver. Dá a impressão de que havia um… um certo respeito pela vítima. É isso.

— Está querendo dizer que aquele animal é capaz de sentir piedade?

— Não sei. Provavelmente é só uma bobagem, mas foi o que senti quando entrei aqui.

Frank pousou uma mão no ombro de Morelli.

— Tem razão, a cena é diferente das outras. Não acho que tenha dito uma bobagem. E mesmo que fosse, seria só um pequeno acréscimo a todas as besteiras que já dissemos e fizemos essa noite.

Deram uma última olhada no corpo de Gregor Yatzimin, o etéreo bailarino, o "cisne mudo", como tinha sido apelidado pela crítica do mundo inteiro. Mesmo naquela posição fúnebre, horrendamente desfigurado, transmitia uma sensação de graça, como se seu talento fosse tão imenso que nem mesmo a morte conseguia alterá-lo.

Coudin saiu do quarto e os três o seguiram.

— E então? — perguntou Hulot, embora alimentasse poucas esperanças.

O legista deu de ombros.

— Nada de especial. À parte o obstinado procedimento no rosto, que foi realizado, acho eu, com um instrumento de corte adequado, provavelmente um bisturi, não há o que destacar. O exame dos ferimentos no rosto deve ser feito num local apropriado, embora eu possa dizer, à primeira vista, que o trabalho foi feito com muita perícia.

— Bem, nessa altura, nosso amigo já tem uma certa prática.

— A morte foi causada por um tiro de arma de fogo, disparado a pouca distância. Mas também nesse caso, só posso arriscar que é de grosso calibre, talvez um calibre 9. Tiro no coração, morte praticamente instantânea. Pela temperatura do corpo, creio que ocorreu há cerca de duas horas.

— Justamente quando estávamos perdendo nosso tempo com aquele babaca do Stricker — sibilou Frank à meia-voz.

O olhar de Hulot só veio confirmar que Frank estava expressando o

pensamento de todos eles.

— Bem, eu já terminei por aqui — cortou bruscamente Coudin. — No que me diz respeito, podem remover o corpo. Mandarei o relatório da autópsia em breve.

Hulot não tinha dúvidas sobre isso. Provavelmente tinham posto um bocado de pimenta no olho de Coudin também. E isso não era nada em comparação com a dose que esperava por ele.

— Está certo, doutor. Obrigado. Bom-dia.

O legista olhou o delegado em busca de traços de ironia. Descobriu apenas o olhar opaco de um homem derrotado.

— Para o senhor também, delegado. E boa sorte.

Ambos sabiam o quanto precisaria dela.

O médico se afastou enquanto chegavam os responsáveis pela remoção do corpo. Hulot fez um sinal com a cabeça e os dois entraram no quarto desdobrando o saco para transportar cadáveres.

— Vamos trocar duas palavrinhas com o tal secretário, Morelli.

— Enquanto isso, vou dar uma olhada por aí — disse Frank, distraído.

Hulot seguiu Morelli até o fundo do corredor, à direita do quarto de dormir. O apartamento era dividido de maneira bastante orgânica, em área do dia e área da noite. Atravessaram salas cobertas por cartazes celebrando o infeliz dono da casa. O secretário de Gregor Yatzimin estava sentado na cozinha, na companhia de um policial.

Pelos olhos vermelhos, via-se claramente que tinha chorado. Era pouco mais que um rapazinho, de tipo frágil, pele diáfana e cabelos cor de areia. Na mesa diante deles havia uma caixa de lenços de papel e um copo com um líquido cor de âmbar. Hulot achou que era conhaque.

Quando os viu entrar, ele se levantou.

— Sou o delegado Nicolas Hulot. Fique à vontade, por favor, senhor…

— Boris Devchenko. Sou o secretário de Gregor. Eu…

Falava francês com forte sotaque eslavo. As lágrimas subiram a seus olhos enquanto se sentava. Abaixou a cabeça e pegou um lenço às apalpadelas.

— Desculpem-me, mas o que aconteceu é tão horrendo…

Hulot pegou uma cadeira e sentou-se na frente dele.

— Não precisa se desculpar, sr. Devchenko. Acalme-se, se for possível. Preciso lhe fazer algumas perguntas.

Num gesto brusco, Devchenko levantou o rosto sulcado de lágrimas.

— Não fui eu, senhor delegado. Estava fora com amigos, todo mundo me viu. Queria muito bem a Gregor, nunca seria capaz de fazer uma coisa… uma coisa

desse tipo.

Hulot sentiu uma ternura imensa pelo rapaz. Morelli tinha razão. Quase certamente eram amantes. E isso não mudava em nada sua consideração. O amor é o amor, não importa como se manifesta. Ele mesmo já tinha conhecido casais homossexuais que viveram suas histórias com uma delicadeza de sentimentos dificilmente encontrável em outros casais mais convencionais.

Sorriu.

— Fique tranquilo, Boris, ninguém está acusando você de nada. Só queria alguns esclarecimentos para entender o que aconteceu nesta casa durante a noite. Só isso.

Boris Devchenko pareceu mais calmo ao saber que ninguém o acusava de nada.

— Ontem à tarde chegaram alguns amigos de Londres. Roger Darling, o coreógrafo, deveria ter vindo também, mas ficou preso na Inglaterra no último minuto. No início, era Gregor quem faria Billy Elliot adulto, mas depois sua visão piorou drasticamente…

Hulot lembrou que tinha visto o filme no verão, com Céline.

— Fui pegá-los no aeroporto, em Nice. Viemos para cá e jantamos em casa. Quem cozinhou fui eu. Depois, propusemos a Gregor que saíssemos, mas ele não se animou. Ele mudou muito depois que o problema em seus olhos se agravou…

Olhou para o delegado, que fez um sinal com a cabeça confirmando que conhecia a história de Gregor Yatzimin. A exposição às radiações de Chernobyl causara uma degeneração irreversível do nervo óptico, que o levou à cegueira absoluta. Sua carreira desmoronou quando ficou evidente que nunca mais poderia se mover num palco sem ajuda.

— Nós saímos e ele ficou aqui sozinho. Talvez ele ainda estivesse vivo, se eu tivesse ficado em casa.

— Não se culpe assim. Num caso como esse, não havia nada que pudesse fazer.

Hulot não achou que era o caso de sublinhar que, se Boris tivesse ficado em casa, muito provavelmente teriam encontrado dois cadáveres em vez de um.

— Não notou nada de diferente nesses últimos dias? Alguma pessoa encontrada por acaso mais de uma vez, um telefonema estranho, algum detalhe insólito, qualquer coisa…

Devchenko estava envolvido demais com seu desespero para perceber a nota de angústia na voz de Hulot.

— Não, nada. Eu, aliás, cuidava de Gregor em tempo integral e isso me

absorvia completamente. Cuidar de um homem quase cego exige muito empenho.

— Tem empregados?

— Nenhum fixo. Tem uma mulher que vem todos os dias para cuidar da limpeza, mas vai embora à tarde.

Hulot olhou para Morelli.

— Pegue o nome dela, embora eu tenha certeza de que não vamos conseguir nada com ela. Sr. Devchenko…

O tom de voz do delegado abrandou quando falou novamente com o rapaz.

— Gostaríamos de lhe pedir que passasse na central de polícia para assinar seu depoimento e também que ficasse disponível para nos ajudar a resolver essa história. Se puder não deixar a cidade, ficaríamos muito agradecidos.

— Claro, delegado. Qualquer coisa, desde que a pessoa que matou Gregor dessa maneira pague pelo que fez.

O modo como disse essas palavras fez com que Hulot não tivesse dúvida de que, se estivesse em casa, Boris Devchenko teria arriscado a própria pele para tentar salvar Gregor Yatzimin. E teria perdido a vida.

Hulot levantou e deixou Morelli falando com Devchenko. Voltou para o salão, onde a perícia estava terminando seu trabalho. Dois agentes vieram em sua direção.

— Delegado…

— Falem.

— Fomos interrogar os vizinhos do andar de baixo. Ninguém viu nem ouviu nada.

— Mas um tiro foi disparado.

— Quem mora bem aqui embaixo é um casal de idosos. Tomam sedativos para dormir. Disseram que não ouvem nem os fogos de artifício durante o Mundial, imagine um tiro. No apartamento em frente ao deles mora uma senhora sozinha, bastante idosa também. Não está aqui nesse momento e quem está lá é um neto de Paris, um rapaz de 22, 23 anos. Circulou a noite inteira pelas discotecas e tinha acabado de chegar em casa na hora em que tocamos a campainha. Obviamente, não viu nem ouviu nada.

— E o apartamento ao lado deste?

— Está vazio. Acordamos o porteiro, que nos entregou as chaves. É provável que o assassino tenha passado por lá, pulando a varanda que se comunica com a daqui. Mas não há sinais de arrombamento. Não entramos para não contaminar a cena, mas a perícia vai passar por lá, assim que terminar aqui.

— Muito bem — disse Hulot.

Frank retornou de sua volta de inspeção. Hulot compreendeu que tinha feito isso para ficar sozinho um instante e esfriar a raiva que sentia. E para refletir. Provavelmente, imaginava que não encontrariam nenhum traço do assassino pela casa. A análise que fazia era ligada a um instinto inconsciente, àquilo que, às vezes, a cena de um crime transmite além da simples percepção sensorial comum.

Naquele momento, Morelli também saiu da cozinha.

— Ao que tudo indica, sua sensação era correta, Morelli.

Olharam para ele em silêncio, à espera da continuação.

— Não há traços de sangue em toda a casa, à parte aquelas poucas manchas na colcha da cama. Nem um único traço. E sabemos que um trabalho daquele tipo, como infelizmente já pudemos comprovar, produz muito, muito sangue.

Frank tinha voltado a ser o de sempre. Parecia que a derrota daquela noite não tinha deixado traços, mas Nicolas estava cansado de saber que não era bem assim. Ninguém pode esquecer tão rapidamente que, embora tivesse tido a possibilidade de salvar uma vida humana, não tinha conseguido.

— Nosso homem limpou a casa perfeitamente quando terminou de fazer o que tinha de fazer. Tenho certeza de que a análise do apartamento com Luminol vai mostrar os indícios de sangue.

— E por quê, na sua opinião? Por que não quis deixar traços de sangue?

— Não tenho a mais pálida ideia. Talvez tenha acontecido o que Morelli disse.

— Eu me pergunto se um animal como esse poderia sentir alguma forma de piedade por Gregor Yatzimin, se o motivo seria esse mesmo.

— Isso não muda nada, Nicolas. É possível, mas não tem nenhuma importância. Dizem que até Hitler amava com ternura seu cão, e no entanto…

Ficaram em silêncio, andando em direção à entrada do apartamento. Através da porta aberta, viram os assistentes do legista carregando o corpo de Gregor Yatzimin pelo amplo saguão, dentro do saco de encerado verde-escuro, e entrando no elevador para não ter que descer seis andares a pé carregando um cadáver.

Lá fora o dia nascia. Seria um novo dia, irmão de sangue de todos que tinham se passado desde que a história começara. Diante do prédio de Gregor Yatzimin encontrariam uma multidão de jornalistas. Enfrentaria uma artilharia de perguntas como tiros e uma bateria antiaérea de “nada a declarar”. A mídia os provocaria. Os superiores de Hulot iam explodir. Roncaille talvez perdesse um pouco de seu bronzeado e o rosto diáfano de Durand talvez ganhasse uma bela cor esverdeada. Enquanto desciam as escadas a pé, Frank Ottobre pensava que qualquer um que investisse contra eles estaria desgraçadamente coberto de

razão.

34

FRANK ESTACIONOU O PEUGEOT DE NICOLAS HULOT embaixo da casa de Roby Stricker, num local proibido. Tirou do porta-luvas o cartão “Carro da polícia em serviço” e colocou no vidro traseiro, embaixo do limpador de para-brisa. Quando desceu do carro, um policial já estava se aproximando para mandar tirá-lo dali. Viu o cartão antes mesmo de reconhecê-lo. Ergueu a mão direita, confirmando que estava tudo bem.

Frank cumprimentou-o em silêncio, com um sinal de cabeça.

Atravessou a rua e dirigiu-se para o Les Caravelles.

Antes disso, Frank deixara o delegado e Morelli enfrentando o assalto dos jornalistas, atraídos como moscas no mel pela notícia de um novo homicídio. As barreiras colocadas pela polícia diante da entrada pareciam incapazes de conter toda a agitação. Vendo Hulot e o inspetor atrás dos vidros da porta de entrada, os jornalistas começaram a empurrar e foram contidos com esforço por dois agentes. Parecia a repetição da cena da marina logo após a descoberta dos corpos de Jochen Welder e Arijane Parker, quando toda aquela triste história começara.

Para Frank, eles lembravam gafanhotos: deslocavam-se em massa e comiam tudo o que encontravam pelo caminho. E, na verdade, só estavam fazendo seu trabalho. Mas qualquer um podia usar essa justificativa. Até o assassino, ao manipular todo mundo como se fosse um rebanho de estúpidas ovelhas, estava fazendo seu trabalho, maldito fosse ele por toda a eternidade.

Lançara um olhar além das vidraças, depois parou no centro do vestíbulo.

— Claude, tem alguma outra saída?

— Claro, tem a entrada de serviço.

— Como chego lá?

Morelli indicou um ponto às suas costas.

— O elevador de serviço fica atrás da escada. Aperte S e chegará ao pátio, ao lado da descida que vai para a garagem. Siga à direita, suba a rampa e estará na rua.

Hulot olhava para ele sem entender nada. Frank não achou que fosse hora de dar explicações. Pelo menos, não por enquanto.

— Tenho umas coisas a resolver, Nicolas, e queria fazer isso sem ter a metade da imprensa europeia nos meus calcanhares. Pode me emprestar o carro?

— Claro. Pode pegar, não vou precisar dele por enquanto.

Estendeu as chaves sem dizer mais nada. O delegado estava tão cansado que não tinha forças para servir de combustível à curiosidade. Todos os três estavam com a barba por fazer e o ar de sobreviventes de um terremoto, o qual se tornara ainda mais desolado pela consciência de terem perdido a última batalha.

Frank deixara-os para seguir o caminho indicado por Morelli. Através de um subsolo que cheirava a mofo e gasolina, chegou à rua. Fora até o carro, estacionado do outro lado da Avenue Princesse Grace, exatamente atrás do grupo de jornalistas que atordoava o pobre Nicolas Hulot com perguntas.

Felizmente, ninguém o vira partir.

Na casa de Roby Stricker empurrou a porta envidraçada e viu-se na entrada do edifício. O porteiro não estava em sua cabine. Olhou o relógio. Sete em ponto. Reprimiu um bocejo a duras penas. O cansaço daquela longa noite em claro começava a se fazer sentir. Primeiro o programa na rádio, em seguida a caça a Roby Stricker, depois o deslocamento para as redondezas de sua casa, a ilusão, a desilusão, o novo homicídio, o cadáver mutilado de Gregor Yatzimin.

Fora da porta envidraçada, o céu e o mar tingiam de azul o início daquele novo dia. Seria maravilhoso esquecer tudo aquilo, ir para a cama no confortável apartamento de Parc Saint-Roman, fechar os olhos e as persianas e esquecer o sangue e as mensagens escritas nas paredes.

Eu mato…

Recordou o novo grafite no quarto de Yatzimin. Se não o pegassem, aquele desgraçado não pararia nunca. E depois de um tempo, não haveria paredes para tanta escrita, nem cemitério para tantos mortos.

Ainda não era o momento de dormir, se é que conseguiria. Ainda precisava esclarecer aquela história em suspenso com Roby Stricker. Queria saber como e por que estava em contato com Ryan Mosse, embora pudesse imaginar. Precisava entender o quanto a investigação do general estava à frente ou atrás da deles e o que podia esperar daquele lado.

Olhou ao redor. Naquele instante, o porteiro saiu daquela que devia ser a porta de seu apartamentinho no térreo do edifício, abotoando o paletó. Chegou diante dele engolindo apressado o que estava mastigando. Surpreendido em flagrante delito, tomando seu café da manhã, entrou na cabine e olhou para ele através da proteção de vidro.

Era um sujeito de bigode, cabelos escuros, por volta dos quarenta, de ar não muito esperto, mas com aquela ligeira arrogância que têm os que trabalham nos lugares habitados por gente muito rica.

— Com quem deseja falar?

— Roby Stricker.

— Minhas instruções são para dizer que ele está dormindo a essa hora.

Frank tirou o distintivo e, ao tirá-lo do paletó, deu um jeito para que o porteiro visse a Glock pendurada na cintura.

— E isso aqui diz que vai acordá-lo agora mesmo.

O porteiro mudou imediatamente de atitude. O bolo de saliva que tragou parecia maior que o alimento engolido anteriormente, mas o gesto foi muito mais veloz. Ergueu o fone do interfone e digitou um número num único movimento nervoso. Deixou tocar longamente antes de dar seu veredito.

— Não responde.

Estranho. Depois daquela série de toques estridentes, Roby Stricker, mesmo que estivesse dormindo, deveria ter acordado. Frank não acreditava que fosse ousado o suficiente para tentar fugir e achava que o tinha assustado o bastante para que desistisse de qualquer gesto impensado. No caso, seria mais uma complicação, mas não um desastre: encontraria aquele cabeça de melão num piscar de olhos, se precisasse. Mesmo que tivesse se escondido atrás dos príncipes do direito que seu pai podia comprar para ele.

— Tente mais uma vez.

O porteiro deu de ombros.

— Ainda está tocando, mas ninguém responde.

De repente, Frank teve um terrível pressentimento. Estendeu a mão para o porteiro.

— A chave mestra, por favor.

— Mas não tenho autorização para…

— Já disse para me dar a chave mestra, *por favor*. Se não for suficiente, posso pedir de forma menos educada — interrompeu Frank bruscamente. Seu tom de voz era daqueles que não admite réplica. E seu olhar idem. O porteiro engoliu em seco novamente.

— E depois vá até a rua e mande o agente que está lá subir imediatamente ao apartamento de Roby Stricker.

O coitado abriu uma gaveta rapidamente e entregou a chave num chaveiro da BMW. Fez menção de se levantar da cadeira.

— Ande logo! — incitou Frank.

Dirigiu-se para o elevador e apertou o botão.

Por que os elevadores nunca estão quando a gente precisa deles? E por que sempre estão no último andar quando se tem pressa? Maldita lei de Murphy…

Finalmente a porta deslizou de lado e Frank entrou no elevador. Apertou apressadamente o botão do andar de Stricker.

Na eternidade daquela subida, rezou para estar enganado. Rezou para que aquilo que tinha cruzado sua cabeça como um raio de suspeita não se transformasse numa irônica realidade.

Quando chegou ao quinto andar, o elevador se abriu com o mesmo sopro murcho de sempre. Frank viu que a porta do apartamento do playboy estava entreaberta. Deu um salto até lá, pensando que dava um passo. Empunhou a Glock, empurrou a porta com o cano da arma para não tocar a maçaneta e entrou.

A entrada era a única coisa em ordem. A sala onde ele, Stricker e a moça estiveram reunidos mais cedo era o mais completo caos. A cortina do janelão tinha sido parcialmente arrancada do trilho e pendia a meio pau como uma bandeira de rendição. Havia um copo no chão e a garrafa de uísque que Stricker estava bebendo encontrava-se despedaçada sobre o carpete cinza-pérola. O conteúdo estava espalhado no chão, numa longa mancha escura. Um quadro estava caído, revelando um pequeno cofre na parede. O vidro tinha saído do lugar, surpreendentemente sem quebrar, e jazia no chão ao lado da moldura torta. Uma almofada do sofá tinha deslizado para o chão e estava em pé ao lado do braço do móvel. Não havia ninguém lá.

Frank atravessou o salão e dobrou à direita, no breve corredor que ia até o quarto. À esquerda, a porta aberta do banheiro, deserto. Ele pelo menos parecia em ordem. Chegou à soleira da porta do quarto e sentiu que o ar lhe faltava.

— Merda, merda, mil vezes merda — disse com vontade de continuar a obra de demolição da casa que alguém tinha começado.

Frank avançou um passo, escolhendo cuidadosamente onde colocar os pés. No centro do aposento, de bruços no pavimento de mármore, estava o corpo de Roby Stricker, num lago de sangue. Todo o cômodo parecia ensanguentado. Usava a mesma camisa de quando Frank o deixara, só que agora estava ensopada de sangue e colada ao corpo. Nas costas, viam-se as marcas de diversas punhaladas. Seu rosto apresentava equimoses e um profundo corte na face esquerda. O sangue tinha escorrido lambuzando a boca. O braço esquerdo estava quebrado, dobrado numa posição impossível.

Frank inclinou-se para o chão e tocou sua garganta. Nenhum batimento. Roby Stricker estava morto. Frank se levantou com lágrimas de raiva ofuscando sua visão.

Mais um. Na mesma noite. Mais um homicídio fodido poucas horas depois do outro. Amaldiçoou silenciosamente o mundo, o dia, a noite e seu destino de caça-fantasmas. Amaldiçoou Nicolas que o colocou naquela história e a si mesmo por ter aceitado participar dela. Amaldiçoou tudo o que lhe veio à cabeça.

Tirou o walkie-talkie da cintura, esperando estar em seu raio de alcance. Apertou o botão de chamada.

— Frank Ottobre para Nicolas Hulot.

Um toque, um chiado e finalmente a voz do delegado.

— É Nicolas. Pode falar, Frank.

— Agora sou eu quem tem uma péssima notícia que vai deixá-lo louco, Nic. Uma péssima, péssima notícia.

— Que merda aconteceu agora?

— Roby Stricker está morto. Em seu apartamento. Assassinado.

Hulot soltou uma série de impropérios capazes de empalidecer a luz do sol. Frank compreendia perfeitamente o que ele estava sentindo. Quando a raiva esfriou, depois de uma descarga da transmissão, o delegado quis saber o que era mais importante para ele.

— Ninguém?

— Não, morto e basta. O rosto está no lugar e não há mensagens nas paredes.

— Como é a cena?

— Posso dizer o que deduzi à primeira vista. A morte não deve ter sido instantânea. Foi agredido e apunhalado. Há sinais de luta por todo lado e um mar de sangue no chão. O assassino pensou que estava morto e saiu quando ainda vivia. Pode parecer estranho, mas aquele pobre infeliz de Roby Stricker fez, ao morrer, muito mais do que conseguiu fazer quando estava vivo…

— Como?

— Antes de morrer escreveu no chão o nome de seu assassino.

— A gente conhece?

Frank abaixou ligeiramente o tom de voz, como se quisesse que Hulot digerisse melhor o que estava para dizer.

— Eu conheço. Se fosse você, chamaria Durand e pediria que emitisse um mandado de prisão contra Ryan Mosse, capitão do Exército dos Estados Unidos.

35

A PORTA SE ABRIU E MORELLI entrou na saleta despida e sem janelas.

Foi até a mesa de fórmica cinza em que estavam sentados Frank e Nicolas Hulot. Colocou um pacote de fotos em preto e branco, ainda úmidas da impressão, sobre a mesa. Frank pegou-as, folheou, escolheu uma e a qual apoiou no tampo, virada para o homem que estava diante dele. Inclinando-se para a frente, empurrou-a para o outro lado da mesa.

— Aqui está. Vamos ver se isso lhe diz alguma coisa, capitão Mosse.

Ryan Mosse, sentado e algemado a uma cadeira, mal abaixou os olhos para a foto, como se aquilo não tivesse nada a ver com ele. Voltou a pousar seus inexpressivos olhos cor de avelã em Frank.

— E eu com isso?

O tom de sua voz fez Morelli, apoiado na porta, ao lado do espelho falso que cobria toda a parede, estremecer. Do outro lado do espelho estavam Roncaille e Durand, chegados à central às pressas assim que foram informados dos dois novos homicídios e da prisão.

Frank estava conduzindo o interrogatório em inglês e os dois falavam bastante rápido. Morelli, embora de vez em quando perdesse uma ou outra palavra, conhecia a língua o suficiente para entender que o homem que tinham prendido tinha cabos de aço em lugar de nervos.

Colocado diante das evidências, demonstrava uma calma e um sangue-frio de dar inveja a um iceberg. Em geral, mesmo os criminosos mais empedernidos baixavam a guarda numa situação daquelas e começavam a choramingar. Aquele dava medo só de olhar, mesmo com as algemas nos pulsos. Pensou no infeliz Roby Stricker quando o viu diante de si com um punhal na mão. História horripilante, realmente horripilante. Enfiada como um calço numa história ainda pior.

Morelli não conseguia esquecer o pobre corpo desfigurado de Gregor Yatzimin, arrumado em sua cama pela piedade tardia de seu assassino.

Frank se apoiou no encosto da cadeira.

— Bem, isso que está estendido no chão me parece um cadáver, não?

— E eu com isso? — repetiu Mosse.

— Não parece estranho que seu nome esteja escrito ao lado desse cadáver?

— É preciso muita imaginação para ver meu nome naquele rabisco.

Frank enterrou os cotovelos na mesa de fórmica.

— Eu diria, ao contrário, que é preciso ter uma cabeça de merda como a sua para não vê-lo.

Mosse sorriu. Era o sorriso do carrasco quando puxa a alavanca que abre o alçapão sob a forca.

— O que houve, *mister* Ottobre, perdeu o controle de seus nervos?

O sorriso com que Frank respondeu era o do enforcado cuja corda se rompeu na hora do enforcamento.

— Não, *capitão* Mosse. Quem não controlou os nervos essa noite foi você. Vi quando falava com Stricker na frente do Jimmy'z, ao chegarmos para pegá-lo. Não sei como chegou até ele, mas é mais uma coisa que pretendo descobrir. Assim que nos viu, tratou de escapulir, mas não foi rápido o bastante. Se quiser, posso tentar dizer o que houve em seguida. Ficou vigiando a casa de Stricker. Quando saímos, esperou mais um pouco. Viu a garota de Stricker sair. Resolveu subir. Vocês discutiram. Aquele infeliz deve ter tido um ataque de nervos e você também: lutaram e você o apunhalou. Pensou que estava morto e foi embora, mas ele ainda teve tempo de escrever seu nome no chão.

— Está delirando e sabe disso, *mister* Ottobre. Não sei que droga lhe deram, mas você deve ter exagerado na dose. Logo se vê que não me conhece…

O olhar de Mosse era puro aço.

— Quando resolvo usar o punhal contra um homem, me *certifico* de que está bem morto antes de ir embora…

Frank fez um gesto com as mãos.

— Talvez você também esteja começando a falhar em alguns golpes, Mosse.

— O.K. Acho que nessa altura tenho direito a ficar calado até a chegada de um advogado. É assim na Europa também, não?

— Claro. Se deseja um advogado, tem todo o direito.

— Muito bem. Então vocês dois podem ir tomar no cu. Não direi mais nenhuma palavra.

Mosse se fechou em copas. Encarou o próprio reflexo no espelho e seu olhar ficou ausente. Frank e Hulot se entreolharam. Não conseguiriam mais nada dele. Frank pegou a foto na mesa e eles se levantaram, dirigindo-se para a porta. Morelli abriu para que passassem e seguiu-os para o exterior.

Na sala ao lado, Roncaille e Durand pareciam dois carvões em brasa.

Roncaille dirigiu-se a Morelli.

— Poderia nos dar licença um instante, inspetor?

— Claro. Vou tomar um café.

Morelli saiu e os quatro ficaram sozinhos. Além do espelho, via-se Mosse, sentado imóvel no centro da saleta, com a atitude típica do soldado que caiu em mãos inimigas.

Capitão Ryan Mosse do Exército dos Estados Unidos, número de matrícula…

Durand apontou-o com a cabeça.

— Osso duro de roer — propôs como definição do interrogatório.

— Muito mais que isso. Um osso duro que sabe que tem todos os apoios desse mundo. Mas pode ter apoio até da Santíssima Trindade em pessoa, que dessa vez nós o pegamos.

O secretário de Justiça pegou uma foto da mão de Frank e voltou a examiná-la pela enésima vez.

Via-se o corpo de Stricker deitado no chão de mármore de seu quarto de dormir, o braço direito dobrado em ângulo reto, a mão apoiada no chão. A morte o detivera ainda com o dedo esticado para escrever a mensagem que acusava Ryan Mosse.



— É um pouco confusa.

— Stricker estava morrendo e tinha o braço esquerdo quebrado…

Indicou com o dedo na foto o braço dobrado de modo impossível. Frank recordava a habilidade de Mosse no corpo a corpo. Ele a tinha experimentado pessoalmente. Mosse sabia muito bem como provocar esse tipo de lesão no adversário.

— Encontramos na casa algumas fotos de Stricker jogando tênis. Dá para ver claramente que era canhoto. Escreveu com a mão direita, que não usava nunca para isso. É óbvio que sua letra não esteja completamente normal.

Durand continuou a examinar a foto, hesitante.

Frank esperava. Olhou para Hulot, morto de cansaço, apoiado em silêncio contra a parede. Ele também estava esperando para ver o que aconteceria.

Durand tomou uma decisão. Parou de fazer rodeios e enfrentou a questão,

como se o exame da foto tivesse servido para encontrar o modo correto de fazê-lo.

— Essa história corre o risco de se transformar num *casus belli* de peso bem razoável. Em breve, a máquina diplomática vai entrar em ação, fazendo um barulho digno da largada de um Grande Prêmio de Fórmula 1. Para transformar a detenção do capitão Mosse em ordem de prisão, devemos ter provas indiscutíveis, para não fazermos papel de bobos. Essa história de Ninguém já nos ridicularizou o suficiente, creio eu.

Durand pretendia sublinhar que a prisão intempestiva do provável assassino de Roby Stricker não tinha mudado sua interpretação pessoal sobre o assassinato de Gregor Yatzimin. Mais uma fragorosa derrota para a polícia do Principado, que estava no *front* das investigações. A presença de Frank representava uma simples colaboração entre órgãos de investigação. A responsabilidade primária era sempre da Sûreté de Mônaco. Era a ela que as manchetes mordazes dos jornais e os comentários cáusticos dos telejornais se dirigiam.

Frank deu de ombros.

— No que diz respeito a Mosse, a decisão obviamente cabe a vocês. Quanto a mim, se meu parecer vale alguma coisa, o que temos em mãos é suficiente para continuarmos no caminho que escolhemos. Temos a prova de que Ryan Mosse conhecia Stricker. Eu mesmo os vi conversando na frente do Jimmy’z na mesma noite. E temos o nome dele na foto. Não vejo o que mais seria preciso.

— E o general Parker?

Frank estava presente quando saíram naquela manhã para prender o capitão em Beausoleil. Chegando ao pátio da casa alugada pela família Parker, Frank percebeu antes de mais nada que, à exceção de alguns detalhes sem importância, a construção era praticamente gêmea da casa de Jean-Loup. Uma constatação feita de passagem e logo substituída por outras preocupações. Estava esperando que o general fizesse uma cena, mas percebeu que tinha subestimado aquele homem. Parker era esperto demais para isso. Apresentou-se inteiramente vestido, como se esperasse por eles. A seu pedido, simplesmente fez que sim e chamou Mosse. Diante dos policiais que pediam que os seguisse à central de polícia, Mosse retesou-se como uma corda de violino e deu uma olhada interrogativa ao velho.

Espero ordens, senhor.

Frank suspeitou que, se Parker tivesse pedido, o capitão se lançaria com fúria contra os homens que vieram prendê-lo. O general fez simplesmente um gesto imperceptível com a cabeça e a tensão do corpo de Mosse diminuiu. Ele ofereceu os pulsos e aceitou em silêncio a vergonha das algemas.

Parker deu um jeito de ficar sozinho com Frank, enquanto os homens levavam o preso para o carro.

— Está fazendo uma bobagem e sabe disso, Frank.

— Sinto muito, mas essa noite quem fez uma besteira foi seu homem, general. E das grossas.

— Posso testemunhar que o capitão Mosse não saiu desta casa desde ontem à noite.

— Se o fizer e ficar provado que não é verdade, nem o presidente em pessoa consegue livrá-lo de uma acusação de cumplicidade e facilitação. Ninguém, nos Estados Unidos, estaria disposto a correr o risco de protegê-lo. Quer um conselho?

— Vamos a ele.

— Se eu fosse o senhor, ficaria tranquilo, general. O capitão Mosse está enrascado e nem o senhor pode livrá-lo. Acho que o manual de tática militar prevê situações do gênero. Às vezes, é necessário bater em retirada e deixar alguém entregue ao próprio destino, para evitar perdas piores.

— Ninguém pode me dar lições de tática militar. Muito menos você, Frank. Peguei pessoas muito mais duras do que você jamais será e consegui enfiá-las como papel velho dentro de um triturador de documentos. Você será apenas mais um, posso garantir.

— Cada um faz suas escolhas e corre seus riscos, general. É a regra de toda guerra, acho eu.

Tinha dado as costas e ido embora. Ao sair, cruzou com o olhar de Helena, parada na porta do salão à direita da entrada. Frank não pôde evitar de pensar que era mesmo linda. Ao que parecia, o despertar inesperado não tinha nenhum efeito sobre ela. Nada parecia capaz de tirar a luminosidade de seu rosto e de seu olhar. Os cabelos louros pareciam recém-saídos dos cuidados de um cabeleireiro e não das fronhas de um travesseiro.

Passando na frente dela, seus olhares se cruzaram. Frank notou que seus olhos não eram azuis, ao contrário do que tinha pensado da primeira vez. Eram cinzentos. E carregavam toda a tristeza do mundo.

Descendo para o centro, Frank encostou-se no banco do carro, pousando os olhos no revestimento de plástico do teto. Tentou afastar da mente os dois rostos que, naquele momento, se sobrepunham.

Harriet e Helena. Helena e Harriet.

Os mesmos olhos. A mesma tristeza.

Frank tentou pensar em outra coisa. Quando estavam entrando na central, na Rue Notari, deteve-se na ironia mordaz das palavras do general.

Ninguém pode me dar lições de tática militar…

O general não tinha se dado conta de quanta verdade involuntária havia em suas palavras. Naquele momento, estava à solta um assassino chamado Ninguém que podia dá-las a qualquer um.

— O que o general Parker vai fazer, em sua opinião? — repetiu o secretário de Justiça.

Frank percebeu que estava mergulhado em seus pensamentos e tinha deixado a pergunta de Durand suspensa sem resposta por tempo demais.

— Desculpe, dr. Durand… Creio que Parker fará tudo o que estiver a seu alcance por Mosse, mas não vai se debruçar no balcão a ponto de cair lá embaixo. Certamente vão colocar o consulado no meio, mas temos um fato inegável. A prisão de Mosse foi realizada por um agente do FBI, um americano. Roupa suja se lava em casa. E as aparências estão salvas. Não esqueça de que somos o país que criou a figura constitucional do *impeachment* e sempre teve a coragem de usá-lo…

Durand e Rocaille se entreolharam. O raciocínio de Frank não tinha uma brecha. Pelo menos desse lado não deveriam ter problemas.

Durand reagiu ao discurso com certo distanciamento.

— Claro, sua presença aqui é uma garantia das boas intenções de todas as partes. Mas às vezes as boas intenções não são suficientes. E nesse momento, temos necessidade sobretudo de resultados. O caso Roby Stricker, ao que parece, não tem nada a ver com o assassino que estamos procurando…

Frank sentia a presença de Nicolas Hulot às suas costas. Todos os dois estavam esperando para ver até onde Durand iria. Havia nuvens escuras no céu. E atrás dessas nuvens havia uma foice elevada no ar pronta para o ataque.

— Mas essa noite encontramos mais uma vítima, a quarta. Não podemos ficar imóveis enquanto baldes de lixo chovem em nossas cabeças. Repito, sua colaboração é extremamente bem-vinda, Frank…

Gentilmente tolerada, Durand. Só gentilmente tolerada. Por que não usa a palavra justa, embora eu tenha acabado de tirar a batata quente do general Parker e de seu capanga de suas mãos?

Mas Durand seguiu seu caminho, que o levou a descarregar um carrinho de imundície no pátio de Hulot.

— Mas vocês devem saber que as autoridades não podem assistir a uma série de homicídios como esses sem tomar providências, por mais desagradáveis que sejam.

Frank olhou para Nicolas. Estava apoiado na parede, repentinamente sozinho no campo de batalha. Tinha a expressão de um condenado ao fuzilamento que se

recusa a se render. Durand teve a decência de olhá-lo nos olhos enquanto falava.

— Sinto muito, delegado, sei que o senhor é um profissional de primeira categoria, mas nessa altura dos acontecimentos não posso agir de outra maneira. O senhor está afastado do caso.

Hulot não teve nenhuma reação. Provavelmente, estava cansado demais para reagir. Limitou-se a um sinal com a cabeça.

— Entendo, dr. Durand. De minha parte, não haverá problemas.

— Pode tirar um período de férias. Creio que essa investigação significou um grande desgaste para o senhor. Naturalmente, para a imprensa…

Hulot interrompeu.

— Não há problema, já disse. Não precisa dourar a pílula. Somos todos adultos e conhecemos as regras do jogo. A polícia pode tomar a decisão que considerar mais oportuna a esse respeito.

Se Durand ficou tocado com a resposta de Hulot, não deixou transparecer. Dirigiu-se a Roncaille. Até então, o chefe de polícia tinha ouvido tudo em silêncio.

— Muito bem. De hoje em diante, as investigações passam para suas mãos, Roncaille. Mantenha-me informado de qualquer novidade, por menor que seja. A qualquer hora do dia ou da noite. E tenham um bom dia, senhores.

E o sempre polido secretário de Justiça Alain Durand retirou-se da sala, deixando atrás de si um silêncio, que estava agradecido por não ter que compartilhar.

Roncaille passou a mão para ajeitar os cabelos, que, aliás, não precisavam de jeito algum.

— Sinto muito, Hulot. Dispensaria tudo isso de bom grado.

Frank pensou que as palavras do chefe de polícia eram menos formais do que poderiam parecer. Aquele homem estava seriamente aborrecido, mas não pelos motivos nos quais ele queria que acreditassem. Agora quem estava na jaula com o chicote na mão era ele. E teria que demonstrar ser capaz de domar os leões.

— Tratem de dormir, creio que os dois estão precisando de descanso. Depois, gostaria de vê-lo em minha sala, Frank, assim que for possível. Há alguns detalhes que gostaria de discutir com você.

Valendo-se da mesma calma aparente de Durand, Roncaille escapou da sala. Frank e Hulot ficaram sozinhos.

— Viu só? Eu detesto quando tenho que dizer essas palavras: “Eu não disse?” E o problema é que não posso dizer que estejam totalmente equivocados.

— Nicolas, não creio que, em nosso lugar, Roncaille ou Durand teriam obtido resultados melhores. Foi a política que moveu seus tentáculos, não a lógica. Mas

eu ainda estou dentro dessa.

— Você! E o que tenho eu a ver com isso?

— Ora, você continua a ser um delegado, Nicolas. Foi afastado de um caso, não suspenso da polícia. Tire as férias que lhe ofereceram e terá uma coisa que nenhum dos que estão envolvidos nessa história tem…

— E o que seria isso?

— Vinte e quatro horas por dia para trabalhar, sem prestar contas a ninguém, sem ter que perder tempo fazendo relatórios.

— Quem sai pela porta pode entrar pela janela, não é?

— Exatamente. Tem uma coisa que precisamos verificar e você parece ser a pessoa certa, nesse momento. Eu, pelo meu lado, acho que ainda nem me dei conta daquele detalhe do disco que aparece no vídeo.

— Frank, você é um sacana. Um grandessíssimo sacana!

— Mas sou seu amigo. E estou em dívida.

Hulot mudou de tom. Girou a cabeça para aliviar a tensão no pescoço.

— Bem, acho que vou dormir. Agora eu posso, não acha?

— Para ser sincero, o fato de que Roncaille esteja me esperando em sua sala “assim que for possível” não significa nada. Já estou deitado em minha cama, não está vendo?

Contudo, enquanto saíam da sala, aquela imagem trouxe à memória dos dois a mesma cena. O corpo sem vida de Gregor Yatzimin, estendido com o rosto mutilado sobre os lençóis brancos de sua cama. Seus olhos que fitavam o teto do quarto, aqueles olhos que já estavam cegos antes mesmo da morte.

36

FRANK ACORDOU E OLHOU para o retângulo azul estampado nos vidros. Quando voltou para o apartamento no Parc Saint-Roman, estava tão cansado que não teve forças nem para um banho. Caiu na cama depois de tirar a roupa de qualquer jeito, sem sequer fechar as persianas.

Não estou aqui, em Montecarlo, pensou. *Ainda estou naquela casa à beira-mar, tentando me recuperar. Harriet está fora, na praia, não muito distante, estendida numa toalha, tomando sol, com vento nos cabelos e um sorriso nos lábios. Agora vou me levantar e irei até ela. Não haverá nenhuma figura vestida de negro. Não haverá ninguém entre nós.*

— Ninguém… — disse em voz alta.

Os dois mortos da noite anterior vieram à sua mente. Levantou-se da cama com a relutância de Lázaro depois da ressurreição. Além dos vidros, via-se uma faixa de alto-mar, sobre a qual as rajadas de vento desenhavam manchas aveludadas. Foi até a janela e abriu a vidraça de correr. Um sopro de ar tépido inflou as cortinas vaporosas e expulsou do quarto os resíduos dos pesadelos noturnos. Olhou o relógio. Passava de meio-dia. Tinha dormido poucas horas, embora tivesse a sensação de que precisava dormir para sempre.

Foi para o banheiro, tomou uma chuveirada, barbeou-se e colocou uma cueca limpa. Preparou um café enquanto pensava sobre o desenvolvimento daquela história. Agora que Nicolas estava fora do jogo, as coisas ficariam bastante complicadas. Não acreditava que Roncaille fosse capaz de administrar a coisa toda, não do ponto de vista investigativo. Podia ser um mago nas relações públicas e no trato com a imprensa, mas a prática da investigação certamente não era sua praia. Talvez tivesse sido, mas agora era mais um político do que um policial. Contudo, tinha ótimos colaboradores que poderiam trabalhar para ele. Não era por acaso que a polícia do Principado era considerada uma das melhores do mundo, *blá-blá-blá*…

Mas nesse meio-tempo, sua presença no Principado tinha se transformado numa exigência diplomática que não podia ser negligenciada, e que traria

vantagens e desvantagens, como todas as coisas humanas. Frank tinha certeza de que Roncaille tentaria maximizar as vantagens e minimizar as desvantagens. Conhecia bem os métodos da polícia de Montecarlo. Naquele lugar, ninguém dizia nada, mas todos sabiam de tudo.

Tudo, exceto o nome de um assassino…

Resolveu não dar importância para tudo aquilo. Como tinha feito desde o início, aliás.

Aquela não era uma investigação que estava sendo feita por duas forças policiais. Roncaille e Durand, embora representassem a autoridade, não tinham nada a ver com aquilo. E muito menos os Estados Unidos e o Principado. Era uma história pessoal entre ele, Nicolas e um homem vestido de negro que colecionava os rostos de suas vítimas como máscaras para seu frenético e sanguinário carnaval. Os três tinham apertado o botão de pausa e interrompido suas vidas para ver como acabaria aquela luta sem quartel entre três mortos num lugar em que todos se declaravam vivos.

Até agora as coisas tinham sido como tinham sido, mas podiam mudar.

Precisavam mudar.

Foi sentar diante do computador e tratou de ligá-lo. Havia um e-mail de Cooper com anexos. Certamente eram as informações sobre Nathan Parker e Ryan Mosse. Não que adiantassem muito, agora que Mosse estava preso e Parker temporariamente fora de combate. *Temporariamente*, precisou consigo mesmo. Não tinha ilusões a respeito do general. Parker era um daqueles homens que só se pode considerar morto quando brotam os vermes.

Havia um recado de Cooper em sua caixa de mensagens.

Assim que acabar de correr os mares em seu novo iate e tiver um tempinho, telefone. A qualquer hora. Preciso falar com você. Coop.

Ficou se perguntando o que seria tão urgente. Olhou o relógio. Em vista da hora, ligou para a casa dele. Não tinha perigo de incomodar ninguém, a não ser ele mesmo: Cooper vivia sozinho numa espécie de loft às margens do rio Potomac.

Depois de alguns toques, a voz de seu amigo surgiu sonolenta no fone.

— Alô? Quem é?

— Coop, é Frank.

— Ah, você. Olá, como vai essa força?

— Um navio cargueiro cheio de merda acabou de rachar bem aqui e a mancha já se estende a perder de vista.

— O que houve?

— Mais dois mortos essa noite.

— Caralho!

— Tem mais! Um foi liquidado pelo nosso amigo, com todo o ritual costumeiro. É o quarto. Meu amigo delegado foi afastado com uma elegância e um *savoir-faire* dignos de Calígula. O outro, ao contrário, foi colocado na lista dos anúncios fúnebres por aquela simpatia do Ryan Mosse. Está na prisão agora, mas o general está mexendo todos os pauzinhos para tirá-lo de lá.

Agora, Cooper estava completamente acordado.

— Jesus Cristo, Frank, que raça de encrenca é essa aí? Da próxima vez, vai me dizer que explodiu a guerra nuclear…

— Eu não excluiria essa possibilidade. Mas, e você, o que tem de tão urgente para me dizer?

— Houve alguns fatos novos, por aqui. Na história dos Larkin, claro. O que descobrimos sobre eles leva a pensar que devem ter uma boa cobertura em algum lugar, uma *joint-venture* com alguma coisa grande, mas que ainda não conseguimos localizar. E um tal de Hudson McCormack chegou, vindo de Nova York.

— Quem? O que tem a ver com os Larkin?

— É o que também queremos saber. Oficialmente, chegou na condição de advogado, como defensor de Osmond Larkin. O que achamos estranho é que aquele escroto pode pagar algo melhor, como sempre fez, aliás, em caso de necessidade. Estou falando de príncipes do fórum com honorários na faixa de seis dígitos. E esse McCormack não passa de um advogado medíocre da Big Apple, com cerca de 35 anos, mais famoso por ter feito parte da equipe do *Stars and Stripes* na Louis Vuitton Cup do que por suas vitórias no tribunal.

— Já levantaram a ficha dele?

— Como não? Passamos e repassamos. Nada de nada. Vive de acordo com a renda, nem um alfinete a mais. Nada de vícios, nada de mulheres, nada de coca. Além do trabalho, só tem interesse pela vela. E agora salta fora como um espantalho da caixa, mostrando como esse mundo é pequeno.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que nosso Hudson McCormack está viajando neste exato momento para Montecarlo.

— Bom para ele, embora não seja o melhor momento para conhecer essas bandas.

— Está indo para uma regata bastante importante, ao que tudo indica. Porém…

— Porém?

— Frank, não acha pelo menos estranho que um modesto advogado de Nova

York, nunca visto nem conhecido, pegue pela primeira vez na vida uma causa importante e a abandone, mesmo que temporariamente, para ir à Europa dar uma volta de veleiro? Qualquer um em seu lugar mergulharia nessa causa e acordaria todo dia uma hora antes para trabalhar 25 horas em vez de 24.

— Colocado assim, não posso dizer que esteja errado. Mas onde é que eu entro?

— Você está aí e conhece a história. No momento, esse homem é a única ligação de Osmond Larkin com o resto do mundo. Pode ser que seja apenas o advogado, mas também pode ser algo mais. São montanhas de drogas e montanhas de dólares em jogo. Todo mundo sabe o que é Montecarlo e a quantidade de dinheiro que circula por aí. Mas em casos de terrorismo e de droga, podemos mandar abrir qualquer cofre. Já que está colaborando com a polícia daí, não custa nada colocar McCormack sob vigilância discreta, mas eficaz.

— Vou ver o que posso fazer…

Frank não disse a Cooper que ali praticamente *todos*, inclusive ele próprio, estavam sob vigilância discreta, mas eficaz.

— Anexei também uma foto em formato jpeg, para você dar uma olhada na cara dele. Mandei ainda todas as informações que recolhemos sobre a estada de McCormack no Principado.

— O.K. Volte para a cama. As pessoas menos inteligentes como você precisam do máximo de sono possível para manter seu nível de eficiência.

— Até mais, seu sacana. Boa sorte!

Desligou e colocou o telefone sem fio ao lado do computador. Outro giro, outra corrida, mais encrenca. Salvou o anexo com os dados de Hudson McCormack num disquete sem ver o que continha. Colou uma etiqueta que encontrou na gaveta do móvel e escreveu “Cooper”. Nada de nomes confidenciais à vista.

A breve conversa com o colega o levou de volta para casa por um instante, embora *casa* fosse um conceito bastante vago naquele momento de sua vida. Parecia que seu corpo astral, sem emoções, estava passeando pelas ruínas de sua existência a milhares de quilômetros de distância, com a transparência dos fantasmas que podem ver sem ser vistos. Estava na casa de Cooper e, ao mesmo tempo, na sala que dividiram no Bureau durante anos, e em sua casa deserta há meses, e caminhando pelas ruas de Washington mergulhadas na escuridão.

De que serve tudo isso? Existe alguém, em toda essa miserável história de pobres seres humanos, que tenha encontrado a resposta? E se encontrou, por que não contou aos outros?

Talvez a resposta mais confiável era que ninguém teria acreditado…

Fechou os olhos e lembrou-se de uma conversa com o padre Kenneth, um sacerdote que também era psicólogo da clínica onde ele estivera internado depois que a história de Harriet o arrastara às profundezas da terra. Quando não estava em terapia ou em análise, ficava sentado num banco do parque daquela espécie de manicômio de luxo, fitando o vazio, lutando contra o desejo de seguir o caminho escolhido pela mulher. Daquela vez, o padre Kenneth tinha se aproximado pela grama sem fazer barulho e se sentado a seu lado no banco de ferro batido e ripas de madeira escura.

— Como vai, Frank?

Frank o observara com atenção antes de responder. Estudara o rosto longo e pálido, de exorcista, os olhos agudos e conscientes da contradição que representava como homem de ciência e de fé. Estava à paisana e podia muito bem passar por um parente qualquer de um paciente qualquer.

— Não estou louco, se é isso que quer que eu diga.

— Sei que não está louco e você sabe muito bem que não era isso o que eu queria ouvir. Quando perguntei como vai, queria *realmente* saber como você vai.

Frank abrira os braços num gesto que parecia indicar qualquer coisa ou o mundo inteiro.

— Quando vou poder ir embora?

— Está pronto para ir?

O padre Kenneth tinha respondido uma pergunta com outra pergunta.

— Quando me pergunto, respondo que nunca saberei. Por isso perguntei ao senhor.

— Você tem fé, Frank?

Virara-se com um sorriso amargo na boca para olhá-lo.

— Por favor, padre, não caia em banalidades do tipo “olhe para Deus e Deus olhará para você”. Ultimamente, quando nossos olhares se cruzam, Deus vira os olhos para o outro lado.

— Não ofenda minha inteligência e, sobretudo, não ofenda a sua. Você insiste em me dar um papel para representar, talvez porque tenha resolvido representar um também. Há um motivo para que eu pergunte se você acredita em Deus…

Frank levantara os olhos e ficara observando um jardineiro que estava plantando um bordo.

— Não me interessa. Não acredito em Deus, padre Kenneth. E isso não é uma vantagem, apesar de tudo que o senhor possa pensar.

Virara-se para encará-lo.

— Isso significa que não há ninguém para me perdoar pelo mal que faço.

De fato, sempre pensei que não fazia mal a ninguém, pensou, *e, ao contrário, estava fazendo. Pouco a pouco, fui tirando a vida exatamente da pessoa que mais amava, daquela que deveria proteger acima de qualquer outra coisa*.

Enquanto calçava os sapatos, o som do telefone o trouxe de volta ao presente. Pegou o aparelho onde o tinha deixado antes.

— Alô?

— Oi, Frank, é Nicolas. Está acordado?

— Acordado e pronto para a ação.

— Ótimo. Acabei de ligar para Guillaume Mercier, o rapaz de quem falei. Está nos esperando. Gostaria de vir?

— E como não? Pode servir para enfrentar uma outra noite na Rádio Monte Carlo com um espírito novo. Já leu os jornais?

— Sim. Dizem qualquer coisa e pode imaginar o tom que usam…

— *Sic transit gloria mundo.** *Deixe para lá. Temos mais o que fazer. Estou esperando.*

— Dois minutos e estou aí.

Escolheu uma camisa limpa. Enquanto estava abrindo o botão da gola, o interfone tocou. Atravessou a sala para atender.

— *M'sieur* Ottobre? Tem uma pessoa procurando pelo senhor.

Frank pensou que quando Nicolas dizia dois minutos era ao pé da letra.

— Sim, eu sei, Pascal. Por favor, diga que estou atrasado e que, se não quiser esperar aí embaixo, pode subir.

Enquanto enfiava a camisa ouviu o elevador parando no saguão.

Foi abrir a porta e deu de cara com ela.

Helena Parker estava ali, na porta diante dele, os olhos cinzentos nascidos para refletir as estrelas e não aquela dor escondida por trás da cor. Estava em pé na penumbra do corredor e olhava para ele. Frank segurava os lados da camisa sobre o peito descoberto.

Parecia uma repetição da cena com Dwight Durham, o cônsul, só que os olhos daquela mulher se demoraram longamente nas cicatrizes de seu tórax antes de voltarem a seu rosto. Apressou-se a fechar a camisa.

— Bom-dia, *mister* Ottobre.

— Bom-dia. Desculpe se a recebo assim, mas pensei que fosse outra pessoa.

Um breve sorriso de Helena resolveu o pequeno impasse.

— Não tem problema. Eu já imaginava pela resposta do porteiro. Posso entrar?

— Claro.

Frank afastou-se da porta. Helena entrou, roçando-o com o braço e com um perfume delicado, sutil como uma recordação. Por um instante, parecia que aquela sala não continha mais nada além dela.

Seu olhar caiu sobre a Glock que Frank tinha colocado no móvel ao lado do som. Frank tratou de escondê-la numa gaveta o mais rápido que pôde.

— Sinto muito que essa seja a primeira coisa que vê ao entrar aqui.

— Não tem problema. Cresci no meio das armas.

Frank teve uma visão fugaz de Helena menina na casa de Nathan Parker, o soldado inflexível que o destino tinha ousado contrariar com o nascimento de duas filhas mulheres.

— Posso imaginar.

Começou a abotoar a camisa, feliz por poder ocupar as mãos. A presença daquela mulher em sua casa era uma fonte de inquietações para as quais Frank não estava preparado. Nathan Parker e Ryan Mosse eram sua verdadeira preocupação. Eram pessoas que tinham voz, peso, passos que deixavam marcas, um punhal dentro e fora das bainhas, braços que podiam atacar. Helena era, até então, uma presença muda e nada mais. O pensamento emocionante de uma beleza dolente. O motivo por que isso acontecia não tinha interesse para Frank e ele não queria que viesse a ter.

Frank rompeu o silêncio. Sua voz soou mais dura do que pretendia.

— Creio que há um motivo para sua presença aqui.

Helena Parker tinha olhos, cabelos, rosto, perfume e Frank virou de costas enquanto enfiava a camisa para dentro das calças, como se voltasse as costas a tudo o que ela significava. Sua voz chegou além de seus costas, enquanto enfiava o paletó.

— Claro. Preciso falar com o senhor. Acho que preciso de sua ajuda, admitindo-se que alguém possa me ajudar.

Quando virou, Frank já tinha procurado e obtido a cumplicidade de um par de óculos escuros.

— Minha ajuda? Vive na casa de um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos e precisa da minha ajuda?

Um sorriso amargo aflorou nos lábios de Helena Parker.

— Não vivo na casa de meu pai. Sou prisioneira da casa de meu pai.

— É por isso que tem tanto medo dele?

— Existem tantos motivos para se ter medo de Nathan Parker que só resta o problema de escolher um. Mas não é por mim que tenho medo… É por Stuart.

— Stuart é seu filho?

Helena hesitou um segundo.

— Sim, meu filho. Minha preocupação é ele.

— E onde é que eu entro?

Sem avisar, a mulher se aproximou, ergueu as mãos e tirou seu Ray-Ban: ela o encarou com tal intensidade que Frank sentiu aquele olhar penetrá-lo como um punhal muito mais afiado que o de Ryan Mosse.

— Você é a primeira pessoa que conheci capaz de enfrentar meu pai. Se existe alguém em condições de me ajudar, esse alguém é você…

Antes que Frank conseguisse esboçar uma resposta qualquer, o telefone tocou novamente. Ele empunhou o fone com o alívio de quem encontra finalmente uma arma para usar diante de um inimigo.

— Sim?

— Sou eu, Nicolas. Estou aqui embaixo.

Helena lhe estendeu os óculos.

— Talvez não tenha chegado no momento mais adequado.

— Bem, tenho um compromisso, agora. Estarei ocupado até tarde e não sei…

— Sabe onde moro. Pode me encontrar quando quiser, até tarde da noite.

— Acha que Nathan Parker gostaria de uma visita minha nessas circunstâncias?

— Meu pai está em Paris. Foi falar com o embaixador e procurar um advogado para o capitão Mosse.

Uma breve pausa.

— Levou Stuart com ele como… como companhia. Por isso estou aqui sozinha.

Por um instante, Frank pensou que Helena usaria a palavra “refém”. Talvez fosse esse o significado que o termo “companhia” carregava.

— Certo. Preciso ir agora. Não gostaria, por uma série de motivos, que a pessoa que me espera lá embaixo a visse sair junto comigo. Pode esperar alguns minutos antes de descer?

Helena concordou. A última imagem que teve dela antes de fechar a porta foram seus olhos brilhantes e o sorriso apenas esboçado que só uma pequena esperança pode criar.

Enquanto o elevador descia, Frank se olhou no espelho sob a luz artificial da cabine. Seus olhos ainda guardavam o reflexo do rosto de sua mulher. Não havia lugar para outros rostos, para outros olhos, para outros cabelos, para outras dores. E, sobretudo, não podia ajudar ninguém, porque ninguém poderia ajudá-lo.

Saiu à luz do sol que se filtrava pelas vidraças e atravessou o vestíbulo de mármore do Parc Saint-Roman. Lá fora, o carro de Hulot estava à sua espera.

Quando abriu a porta, viu pela janela do banco traseiro uma pilha de jornais. O de cima trazia uma manchete em letras garrafais, *Meu nome é Ninguém*, com referências explícitas ao alarme falso da noite anterior. As outras manchetes deviam seguir mais ou menos a mesma linha. Nicolas parecia ter dormido melhor que ele.

— Oi.

— Oi, Nic. Desculpe por tê-lo feito esperar.

— Tudo bem. Falou com alguém?

— Silêncio absoluto. Não creio que a central dê pulos de alegria diante da ideia de me ver, embora oficialmente Roncaille esteja me esperando para um *briefing*.

— Bem, você vai ter que aparecer mais cedo ou mais tarde.

— Isso é verdade. Por um monte de razões. Mas enquanto isso, acho que temos uma história particular para resolver.

Hulot saiu com o carro e percorreu a ruazinha de acesso à portaria do edifício para alcançar o largo onde podiam fazer o retorno.

— Passei pela minha sala. Entre as coisas que retirei da escrivaninha trouxe também o original da fita que ainda estava lá. Substituí por uma cópia.

— Acha que vão perceber?

Hulot deu de ombros.

— Sempre posso dizer que me enganei. Não me parece um delito muito grave. Seria muito mais grave se descobrissem que temos uma pista e não dissemos uma palavra a ninguém.

Quando passaram de volta pela porta de vidro da entrada, Frank só viu o reflexo do céu. Virou a cabeça para olhar pelo vidro traseiro. Antes que o carro deixasse a ruazinha para trás e virasse à esquerda para descer a Rue des Giroflées, teve a rápida visão de Helena Parker saindo pelo portão de Parc Saint-Roman.

[*] Expressão latina que significa literalmente *Assim passa a glória do mundo*, cuja conotação é *a glória do mundo é passageira.* (*N. da T.*)

37

AO CHEGAR À CASA DOS MERCIER, em Eze-sur-Mer, encontraram Guillaume Mercier esperando por eles no jardim. Assim que viu o Peugeot do outro lado do portão, apontou o controle remoto que tinha na mão e os portões começaram a se abrir lentamente. Às suas costas, via-se uma casa branca de um andar só, telhado escuro, janelas de madeira azul, de aparência vagamente provençal, não requintada demais, mas sólida e funcional.

O jardim era grande o suficiente para ser considerado um pequeno parque. À direita, além da casa, na extremidade, havia um grande pinheiro circundado por moitas mais baixas de sempre-vivas. Além da sombra da árvore, uma fileira de lantanas brancas e amarelas em plena floração circundava um limoeiro, cujos frutos encontravam-se em avançado processo de maturação. Ao redor de toda a propriedade corria uma cerca de loureiros que, ultrapassando a grade enfiada no muro baixo, cobria a vista do exterior.

Por todo lado, viam-se aleias e moitas de arbustos em flor, lindamente alternados com um gramado inglês cruzado por caminhos de pedra iguais às que pavimentavam o pátio onde Guillaume esperava por eles.

Dava a impressão de serenidade e solidez econômica e familiar, de bem-estar sem qualquer necessidade da ostentação que, sob vários pontos de vista, era um *must* em Côte d'Azur.

Assim que ultrapassaram o portão, Hulot dobrou à direita e foi estacionar o carro sob um telhadinho de madeira laminada onde já estavam um pequeno Fiat e uma moto de alta cilindrada, uma BMW de enduro.

Guillaume veio até eles caminhando com passos decididos. Era um rapaz atlético, cujo rosto, se não era bonito, era muito simpático, e com o bronzeado típico de quem pratica esportes ao ar livre. Os braços musculosos com os pelos dourados pelo sol que despontavam das mangas da camiseta eram testemunho evidente disso. Usava camiseta e bermudas verde-militar, com bolsos aplicados nas laterais e sapatos amarelos de velejador calçados sem meias.

— Oi, Nicolas.

— Oi, Guillaume.

O rapaz apertou a mão do delegado.

Nicolas indicou com um sinal de cabeça a presença de seu acompanhante.

— Esse senhor silencioso às minhas costas se chama Frank Ottobre e é um agente especial do FBI.

Guillaume estendeu a mão, arremedando com a boca uma espécie de assovio silencioso.

— Ora, então vocês do FBI também existem na vida real. Prazer em conhecê-lo.

Enquanto apertava a mão do rapaz, Frank sentiu-se instintivamente aliviado. Fitou-o nos olhos, escuros e profundos no rosto em que o sol tinha feito aflorar um véu de sardas. Soube imediatamente que Guillaume era a pessoa certa para o que precisavam. Não sabia se era mesmo bom em seu trabalho, mas entendeu que ficaria de boca fechada se pedissem adequadamente, explicando a importância e a gravidade da situação.

— Pois é, nos Estados Unidos somos parte integrante dos filmes e da paisagem. E agora, estão começando a nos exportar também, como testemunha a minha presença aqui na Côte d'Azur.

Guillaume sorriu com a brincadeira, mas seu sorriso apenas mascarava a curiosidade que a presença daqueles dois homens em sua casa despertava. Era um sorriso que aliviava a expectativa, mas não a essência. Provavelmente, tinha intuído que havia alguma coisa de muito grave por trás do fato de Nicolas Hulot estar ali como policial e não como amigo da família.

— Obrigado por ter concordado em nos ajudar.

Guillaume fez um gesto com os ombros, uma espécie de não-há-de-quê, e foi na frente, indicando o caminho aos dois.

— Não estou tão ocupado no momento. Tenho que editar dois documentários de mergulho: é simples, não dá muito trabalho. E depois, não poderia negar nada a esse homem aqui…

Indicou com o polegar da mão direita o delegado que o seguia.

— Disse que seus pais estão fora?

— Fora? Fora de prumo, isso sim. Depois que meu pai parou de trabalhar, os dois velhinhos sopraram as cinzas e descobriram que as brasas da paixão ainda queimam. Já estão na segunda viagem de lua de mel, acho eu. Da última vez que ligaram, estavam em Roma. Devem retornar amanhã.

Continuaram ao longo da trilha de pedras que atravessava o gramado de um verde comovente, até chegarem diante da entrada da *dépendance*. À direita, um quiosque da mesma madeira laminada, com cobertura de lona azul, hospedava

uma mesa para refeições ao ar livre. Na mesa de ferro batido viam-se os restos de um jantar que certamente remontava à noite anterior.

— Quando os gatos saem, os ratos aproveitam, hein?

Guillaume seguiu o olhar de Nicolas e deu de ombros.

— Ah, recebi uns amigos ontem à noite e a faxineira ainda não apareceu hoje…

— Amigos? Pois sim… Sou policial, pensa que não percebi que a mesa estava posta para dois?

O rapaz abriu os braços num gesto que não negava a possibilidade.

— Ora, meu velho, não bebo, não jogo, não fumo e não cedo à tentação dos paraísos artificiais. Poderia me deixar pelo menos um divertimento?

Empurrou a porta de madeira diante da qual estavam parados e convidou-os a entrar. Seguiu os dois, fechando a porta corrediça às suas costas. Assim que entrou, Hulot estremeceu dentro do leve paletó de verão.

— Está bem fresquinho aqui.

Guillaume indicou com a mão o equipamento que ocupava a parede em frente às vidraças que davam para o jardim, sob o qual ronronavam a pleno vapor dois condicionadores de ar.

— Esses aparelhos eletrônicos são um pouco sensíveis ao calor, por isso sou obrigado a botar o ar-condicionado para funcionar a todo vapor. Se tem problema de reumatismo, posso pegar o anoraque do meu pai.

De um salto, Nicolas agarrou-o pelo pescoço e dobrou-o para a frente, sorrindo enquanto apertava sua cabeça num abraço brincalhão.

— Mais respeito pelos mais velhos ou vai acabar ouvindo o estalo do seu pescoço quebrando, e não da minha artrite.

Guillaume levantou os braços em sinal de rendição.

— Chega, chega. Eu me rendo…

Quando Hulot o soltou, Guillaume caiu ofegante sobre uma cadeira de couro com rodinhas que ficava na frente das máquinas. Ajeitou os cabelos despenteados pelo delegado e indicou para os dois um sofá encostado na parede entre duas vidraças. Apontou um dedo acusador contra Nicolas.

— Fique sabendo que só me rendi porque a consideração por seus cabelos grisalhos me impede de reagir à altura.

Hulot se sentou e desabou contra o encosto do sofá, evidenciando sua falta de ar.

— Ainda bem, porque devo dizer cá entre nós que você acertou nessa história de reumatismo…

Guillaume deu meia-volta com a cadeira, mas virou-se de novo para Frank e

Hulot. Sua expressão se tornou séria de repente.

Ótimo, pensou Frank, *o rapaz tem senso de medida*.

Ficou ainda mais convencido de que tinham encontrado a pessoa certa. Agora só faltava esperar que Guillaume fosse tão bom em seu trabalho quanto Nicolas tinha dito. E esperar mais um monte de coisas. Agora que tinha chegado aos finalmentes, Frank percebeu que os batimentos de seu coração estavam acelerados. Olhou um instante para os reflexos do sol brincando sobre a superfície da piscina, além das janelas. A paz daquele lugar fazia tudo parecer distante, muito distante…

Sua história, a história de Helena, a história de um general que não quer perder nenhuma guerra, a nenhum custo, a história de um delegado sem outras ambições a não ser encontrar uma boa razão para sobreviver à perda do filho, a história de um assassino insaciável que devia ser uma trama de loucura e ferocidade, para levá-lo a ser o que era.

E pensar que tudo seria tão fácil se apenas…

Estremeceu e retornou à sala. Sua voz mal se sobrepunha ao ronronar dos condicionadores.

— Tem acompanhado a história de Ninguém, por acaso?

Guillaume fez o encosto da cadeira balançar.

— Você quer dizer os homicídios do Principado? E quem não acompanha? Toda noite estou lá, sintonizado na Rádio Monte Carlo ou na Europe 2. Acho que devem estar com uma audiência estratosférica…

Frank olhou de novo para o jardim. À direita, uma brisa bem vigorosa fazia os loureiros sussurrarem contra as grades do muro. Percebeu que não era vento, mas o ventilador externo dos condicionadores de ar.

Virou e fitou sem reservas o rosto de Guillaume.

— Pois é. Já morreram cinco pessoas. Quatro delas desfiguradas de modo horripilante. E nessa história, não saímos bem na foto e ainda não temos a mais remota ideia de quem possa ser o assassino, nem de como pegá-lo. À parte alguns indícios que ele mesmo forneceu de livre e espontânea vontade, esse louco varrido não deixou a menor pista atrás de si, a não ser um pequeno detalhe…

Seu silêncio passava a palavra a Nicolas. O delegado arrastou o traseiro para a beira do sofá e estendeu a Guillaume uma fita VHS que tirou do bolso do paletó.

— Essa é a única, a verdadeira pista que temos. Tem uma coisa nessa fita que gostaríamos que você examinasse. É extremamente importante, Guillaume. Tão importante que a vida de outros seres humanos pode depender do que extrairmos dela. Por isso precisamos de sua ajuda e de sua discrição. Uma discrição

extrema, não sei se me fiz entender.

Concordando, Guillaume pegou a fita das mãos de Hulot e a segurou com a ponta dos dedos como se fosse explodir de uma hora para outra.

— O que há nessa fita?

Frank olhou para ele atentamente. Não havia nenhum traço de ironia na voz do rapaz.

— Já vai ver. Mas devo avisar que não será um espetáculo agradável. Estou falando para que vá se preparando.

Guillaume não disse nada. Levantou e fechou as cortinas das janelas para proteger as telas do reflexo do sol. Uma luminosidade cor de âmbar espalhou-se pela sala. Voltou a se sentar na poltrona e acionou uma tela de plasma e o monitor do computador. Enfiou a fita num videocassete à sua esquerda e apertou um botão. Na tela diante dele, apareceram primeiro as barras coloridas, depois as primeiras imagens.

Quando Guillaume chegou à cena do assassinato de Allen Yoshida, Frank resolveu deixá-lo ver todo o vídeo. Poderia ir diretamente para o ponto que lhe interessava sem mais explicações, mas agora que o conhecia, queria que o rapaz entendesse com quem estavam lidando e o quanto seu papel naquela história era importante. Ficou se perguntando o que poderia passar pela cabeça de Guillaume enquanto via o filme, se encontrava dentro de si o mesmo horror de quando o assistiu pela primeira vez. Mesmo a contragosto, teve que admitir que aquela fita registrava uma espécie de diabólica obra de arte, feita para destruir e não para criar, e que, no entanto, não deixava de transmitir emoção.

Depois de um minuto de projeção, Guillaume esticou a mão e apertou o botão de pausa. O assassino e sua vítima ensanguentada pararam na posição que o acaso e uma máquina tinham designado para eles.

Virou-se e encarou-os com os olhos arregalados.

— Mas… isso é um filme ou é tudo verdade? — perguntou com um fio de voz.

— Infelizmente, é tudo verdade, cem por cento. Eu disse que não era um espetáculo agradável de se ver.

— É, mas essa carnificina supera qualquer imaginação. Como é possível uma coisa dessas?

— É possível, é possível. Infelizmente é realidade, como você mesmo pode ver. E nós estamos justamente tentando pôr um fim nessa carnificina, como você disse.

Frank viu que a camiseta do rapaz tinha duas manchas escuras nas axilas que não estavam ali antes. A temperatura da sala excluía a possibilidade de que as

manchas de suor fossem provocadas pelo calor. Tratava-se quase com certeza de uma reação nervosa ao que tinha acabado de ver.

A morte é fria e quente ao mesmo tempo. A morte é suor e sangue. A morte é, infelizmente, a única maneira verdadeira que o destino escolheu para nos lembrar sem cessar que a vida existe. Vamos, rapaz, não nos decepcione.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Guillaume voltou a girar sua cadeira, que fez um leve ruído. Ele se encostou, como se o gesto o ajudasse a se defender, a afastar-se das imagens que teria que continuar a ver. Apertou de novo o botão de pausa e as figuras deixaram a imobilidade que as fixara por alguns instantes e recomeçaram a se agitar diante de seus olhos, até a mordaz reverência final e estática que indicava o fim da gravação. Guillaume parou a fita.

— O que querem que eu faça? — perguntou sem se virar.

Sentia-se pelo tom de voz que preferia não estar ali, não ter visto aquela dança da morte e aquela reverência com que o assassino parecia pedir aplausos a um público de danados.

Frank se aproximou, colocando-se às costas do rapaz sentado em sua cadeira.

— Volte a fita, mas de modo que a gente veja as imagens.

Guillaume girou um botão e as imagens começaram a passar rapidamente de trás para a frente. Apesar da velocidade da projeção ao contrário, que em geral transforma os movimentos humanos em caricatura cômica, a dramaticidade daquelas tomadas permanecia inalterada.

— Aí, diminua, aí… pode parar.

Ao toque prudente dos dedos de Guillaume, a projeção parou alguns fotogramas depois do que queriam.

— Pode adiantar lentamente mais um pouquinho?

Guillaume manobrou suavemente o botão e o filme avançou quadro a quadro, como uma série de fotografias se sobrepondo lentamente.

— Stop!

Frank ficou ao lado de Guillaume e indicou um ponto na tela, tocando-o com o indicador.

— Aqui, nesse ponto, em cima do móvel, tem uma coisa que parece ser uma capa de disco. Não dá para ver direito. Pode isolar a imagem e ampliar de modo que dê para ler o que está escrito?

Guillaume deslocou-se de lado até ficar na frente do teclado do computador, à direita, com os olhos fixos no ponto indicado por Frank.

— Hum… Posso tentar. Essa fita é original ou é uma cópia?

— É original.

— Melhor. O VHS não é o máximo como suporte, a menos que seja original.

Primeiro, é preciso digitalizar a imagem. Perde-se um pouco de qualidade na passagem, mas depois posso trabalhar melhor.

Sua voz era firme e tranquila. Agora que tinha entrado em sua área de atuação, Guillaume parecia ter superado o choque do que tinha assistido. Começou a clicar o mouse. No monitor, apareceu a mesma imagem que estava na tela diante de Frank. Guillaume ficou um tempo digitando no teclado e a figura ficou mais nítida.

— Aqui está. Agora vamos ver o que acontece se dermos um zoom naquela parte.

Abriu com o cursor um quadrado tracejado que continha a parte indicada por Frank. Apertou uma tecla e a tela foi coberta por uma espécie de mosaico eletrônico absolutamente sem sentido.

— Não dá para ver nada.

O comentário escapou quase sem querer da boca de Frank, que se arrependeu imediatamente. Guillaume virou-se para ele, levantando as sobrancelhas.

— Calma, homem de pouca fé. Só estamos começando a trabalhar.

Continuou digitando mais uns dez segundos e no monitor apareceu a capa escura de um disco, nítida o suficiente para que se pudesse distinguir a imagem. No centro da figura, a silhueta de um homem tocando trompete, uma sombra na contraluz, inclinada para trás na tensão do músico que tenta uma nota impossível, para o prazer de seus ouvintes e dele próprio. Era o momento supremo em que o artista esquece o lugar e o tempo e vai em busca apenas da música, de quem é vítima e algoz ao mesmo tempo. Embaixo havia algo escrito em branco.

Robert Fulton — “Stolen Music”

Frank leu em voz alta o que via na tela, como se fosse o único capaz de fazê-lo naquela sala.

— Robert Fulton. “Stolen Music”. Música roubada. O que significa?

— Não faço a menor ideia. E você, Guillaume, conhece esse disco?

A voz de Nicolas os surpreendeu. Enquanto Guillaume mexia no computador, ele se levantou do sofá e colocou-se às suas costas sem que percebessem.

O rapaz continuou a olhar para a imagem do monitor.

— Nunca vi antes. E nunca ouvi falar desse Robert Fulton. Mas assim, à primeira vista, diria que se trata de um LP de jazz, bem antigo, e devo dizer que é um tipo de música que não conheço muito.

Nicolas sentou de novo no sofá. Frank passou a mão no queixo. Deu alguns passos de um lado para o outro, com os olhos semicerrados. Quando começou a falar, dava para ver que estava pensando em voz alta, que era o monólogo de um

homem que caminha com uma lanterna pendurada nas costas.

— “Stolen Music”, Robert Fulton. Por que Ninguém quis ouvir essa música durante o homicídio? Por que levou o disco consigo depois? O que ele tem de especial?

Um silêncio feito de perguntas sem respostas caiu sobre a sala, o silêncio do qual a mente se alimenta enquanto devora distâncias infinitas na busca de uma indicação, uma pista, um sinal, o silêncio dos olhos fixos à procura de um ponto que, em vez de se aproximar, se afasta cada vez mais.

Em sua cabeça se agitava o espectro sinistro de um *déjà-vu*: seus rostos atônitos diante da capa muda de um disco num vácuo dramático, quando o som de um telefone rompia o silêncio ignorante para anunciar outro homicídio…

O barulho dos dedos de Guillaume no teclado decretou o fim daquele momento de pausa, perturbado apenas pelo sopro indiferente dos condicionadores de ar.

— Aqui talvez haja alguma coisa…

Frank virou a cabeça bruscamente em sua direção, como um hipnotizado que acabou de ouvir o estalar de dedos que vai tirá-lo do transe em que estava.

— O quê?

— Um instante, deixe ver…

Rebobinou a fita até o começo e recomeçou a examiná-la bem lentamente, bloqueando as imagens de vez em quando e utilizando o zoom para destacar algum detalhe que o interessava.

Apesar do frio ambiente, Frank sentia as têmporas pulsando. Não entendia o que Guillaume estava procurando, mas não importava o que fosse, queria que andasse rápido, muito mais rápido do que estava andando.

O rapaz parou a imagem no ponto em que o assassino estava inclinado sobre Allen Yoshida, numa atitude que, em outra situação, podia ser interpretada como confidencial. Provavelmente estava sussurrando alguma coisa em seu ouvido e Frank lamentou que o filme não tivesse som, mesmo que Ninguém fosse esperto demais para deixar escapar uma amostra de sua voz ao natural, ainda que sua voz viesse filtrada pela trama do tecido da touca.

Sentou-se ao computador e transferiu para o monitor de cristal líquido a imagem que havia congelado na tela. Com o cursor selecionou um pedaço da tela e digitou alguma coisa. Apareceu uma mancha como a que tinham visto antes, a qual parecia composta de vários ladrilhos coloridos dispostos à revelia pela imaginação de um artista bêbado.

— Isso que estão vendo são *pixels*. São como pequenos mosaicos que compõem a imagem, uma espécie de quebra-cabeça, em resumo. Se ampliarmos

muito fica confuso, não dá para distinguir nada. Mas nós…

Começou a digitar freneticamente no teclado, alternando as teclas com o mouse.

— Tenho um programa que examina os *pixels* danificados pela ampliação e trata de reconstruí-los. Não é por nada que essa geringonça custa uma fortuna. Vamos, querida, não me decepcione…

Apertou Enter no teclado. A imagem ficou um pouco mais clara mas permaneceu confusa e indefinida.

— Não, porra! Vamos ver quem é mais esperto, eu ou você!

Guillaume aproximou bruscamente a cadeira do monitor, ameaçador. Passou a mão pelos cabelos e voltou a posicionar os dedos no teclado. Digitou furiosamente durante uma dezena de segundos, depois levantou e começou a manipular alguns equipamentos suspensos sobre pequenas prateleiras à sua frente, fazendo relampejar as luzinhas verdes e vermelhas.

— Aí, se eu vi bem…

Voltou a sentar na cadeira e deslocou-a novamente para a frente da tela cuja imagem tinha congelado. Apertou alguns botões e apareceram duas imagens lado a lado, a que serviu para retirar a capa do disco e a que estava examinando agora. Tocou a primeira com o dedo.

— Aqui, estão vendo? Verifiquei e essa é a única imagem em que se vê a capa do disco por inteiro, mas não completamente porque, como podem ver, ela aparece parcialmente coberta, no alto à esquerda, pela manga do homem com o punhal. Não dá para notar na ampliação porque a cor da roupa é a mesma da capa. Mas nas duas paredes opostas da sala há vários espelhos e o reflexo do disco salta de um para o outro. Tive a impressão de ver uma leve diferença cromática em relação à que tirei diretamente do vídeo…

Guillaume deslizou os dedos pelas teclas novamente.

— E tive a impressão de que, na imagem refletida no espelho, a que podemos ver por inteiro, aqui no alto à esquerda, havia uma etiqueta colada na capa…

Apertou a tecla de envio com o dedo cuidadoso de quem está lançando um míssil para destruir o mundo. Lentamente, diante de seus olhos, a mancha confusa no monitor se recompôs e ganhou forma. Sobre um fundo dourado, surgiu uma escrita escura, levemente distorcida e desfocada, mas legível.

— A etiqueta da loja que vendeu o disco, por exemplo. Aqui está. *Disque à Risque*, Cours Mirabeau não sei quê, Aix-en-Provence. Não dá para ler o número da loja. E nem o do telefone. Sinto muito, mas terão que encontrá-los sozinhos.

Havia uma nota de triunfo na voz de Guillaume. Virou-se para Hulot com um gesto que lembrava um acrobata ao cumprimentar o público depois de um salto

mortal triplo.

Frank e Nicolas estavam sem palavras.

— Guillaume, você é um fenômeno!

O rapaz deu de ombros e sorriu.

— Não precisa exagerar, sou simplesmente o melhor que existe no mercado.

Frank sentou-se na cadeira e debruçou-se ligeiramente sobre a tela. Depois de tantas tentativas sem resultado, finalmente tinham alguma coisa. Depois de tanto vagar no mar, havia, lá longe no horizonte, uma linha escura que podia ser a terra, mas também um amontoado confuso de nuvens. Estavam olhando para ela com o olhar medroso de quem teme o alarme falso de uma nova ilusão.

Nicolas se levantou do sofá.

— Pode imprimir essa imagem?

— Claro, não tem problema. Quantas cópias?

— Acho que quatro seriam suficientes para qualquer eventualidade.

Guillaume digitou alguma coisa no teclado do computador e a impressora entrou em funcionamento com um estalido seco. Enquanto as folhas iam caindo na bandeja, uma a uma, sentou-se na cadeira.

Frank parou na frente do rapaz e buscou seu olhar, pensando que às vezes as palavras não têm muita serventia com certas pessoas.

— Você não tem ideia do que fez por nós e para muitas outras pessoas hoje. Tem alguma coisa que *nós* possamos fazer por você?

Guillaume virou de costas, sem falar. Tirou a fita do videocassete, voltou-se e entregou-a a Frank segurando-a com firmeza, sem esconder o olhar.

— Só uma coisa. Prendam o homem que fez tudo isso.

— Pode apostar nisso. E será mérito seu também.

Ao pegar as cópias da bandeja da impressora, a voz de Nicolas tinha, pela primeira vez em muito tempo, uma entonação assertiva.

— Muito bem, acho que agora temos muito a fazer. Muito a fazer. Não há necessidade de nos acompanhar, se precisa trabalhar. Sei como sair desse lugar.

— Certo, podem ir, então. Por hoje, chega de trabalho para mim. Vou fechar a barraca e dar uma volta de moto. Depois de tudo o que vi, não tenho vontade nenhuma de ficar aqui sozinho…

— Tchau, Guillaume. E mais uma vez, obrigado.

Lá fora, foram recebidos pelo calor de um pôr do sol naquele jardim que, depois da crueza das imagens que tinham acabado de rever, parecia encantado. A brisa tépida do início de verão soprava do mar por sobre as manchas coloridas das aleias, o verde brilhante da grama e o verde mais escuro da sebe de loureiros.

Frank percebeu que, por uma estranha casualidade cromática, nenhuma das flores era vermelha, a cor do sangue. Aceitou o fato como um bom augúrio e sorriu.

— Está rindo de quê? — perguntou Nicolas.

— Um pensamento bobo. Não ligue. Talvez um pálido raio de otimismo depois da pista que Guillaume acabou de nos dar.

— É um ótimo rapaz…

Frank ficou em silêncio. Sabia que o discurso ainda não tinha acabado.

— Era o melhor amigo do meu filho. Eram muito parecidos. Toda vez que vejo Guillaume, não consigo evitar de pensar que, se Stéphane estivesse vivo, muito provavelmente seria uma pessoa como ele. É um modo meio torto de continuar a sentir orgulho de meu filho…

Frank desviou o olhar para não ver nos olhos de Nicolas o brilho das lágrimas que percebia na voz do amigo.

Percorreram em silêncio o breve caminho até o carro. Quando entraram, Frank pegou as cópias que o delegado havia pousado sobre o painel e começou a examiná-las para dar-lhe tempo para se recuperar. Enquanto Hulot ligava o carro, voltou a colocá-las onde estavam e apoiou-se no encosto do banco.

Estavam colocando o cinto de segurança quando percebeu que estava muito animado.

— Conhece Aix-en-Provence, Nicolas?

— Nem um pouco.

— Então é melhor comprar um mapa quando chegar lá. Acho que vai ter que fazer uma pequena viagem, meu caro amigo.

38

O AUTOMÓVEL DE HULOT PAROU NA ESQUINA da Rue Princesse Florestine com Rue Suffren Raymond, a poucos metros da central de polícia. Por ironia do destino, a seu lado havia um outdoor anunciando “Peugeot 206 — *Enfant terrible”*.

Nicolas indicou o cartaz com o queixo. Em seus lábios esboçava-se um sorriso malicioso.

— Olhe, o carro certo para o homem certo.

— O.K., *enfant terrible*! De agora em diante, está tudo em suas mãos. Trate de agir.

— Darei sinais de vida se descobrir alguma coisa.

Frank abriu a porta e saiu do carro. Pela janela aberta apontou um dedo acusador contra o delegado.

— Nada de *se* descobrir alguma coisa: *quando* descobrir alguma coisa. Não me diga que acreditou mesmo nessa história de férias?

Hulot levou dois dedos à testa em sinal de adeus. Frank fechou a porta e ficou alguns segundos olhando o carro se afastar e desaparecer no trânsito.

A pista fornecida pelo vídeo trouxera um sopro de otimismo para o ar estagnado daquela investigação, mas ainda era muito tênue para representar algo substancial. Frank só podia cruzar os dedos, por enquanto.

Pegou a Rue Suffren Raymond a pé e foi em direção à central. Durante o retorno de Eze-sur-Mer tinha recebido um telefonema de Roncaille convocando para uma reunião em sua sala para algumas “decisões importantes”. Pelo tom de sua voz, podia imaginar o teor do encontro. O fracasso da noite anterior, a nova vítima, aliás as novas vítimas, que tinham levado ao afastamento de Nicolas, não deviam ter passado em vão pelas cabeças de Roncaille e Durand.

Entrou na central e passou pelo plantonista, que o deixou subir sem lhe dignar um olhar sequer. Já era da casa. Até quando, ele não podia saber, mas por enquanto era assim.

Quando chegou à porta da sala de Roncaille, bateu e, do interior, a voz do

diretor o convidou a entrar.

Frank abriu a porta e não se espantou muito ao ver lá dentro o secretário de Justiça Durand. O que o surpreendeu foi a presença do cônsul americano, Dwight Durham. Não que fosse injustificada, mas achava que os meandros de caráter diplomático seriam discutidos e tratados em alto nível, bem superiores aos que sua qualificação de investigador agregado deixava pressupor. A presença de Durham naquela sala era um sinal muito forte do governo dos Estados Unidos, seja por conta dos pauzinhos que Nathan Parker tinha mexido oficiosamente por meio de contatos pessoais, seja pelo assassinato de cidadãos americanos no território do Principado. E tinha ainda, como último toque, o pouco edificante cartão de visita de um capitão do Exército dos Estados Unidos acusado de homicídio e atualmente detido na prisão monegasca.

Rocaille levantou-se quando ele entrou, como sempre fazia com todo mundo, é bem verdade.

— Entre, Frank, é um prazer revê-lo. Imagino que depois da noite passada deve ter tido dificuldade para dormir, como todos nós.

Frank apertou as mãos que lhe estendiam. De passagem, Durham lhe deu uma olhadela cheia de subentendidos não muito difíceis de decifrar. Sentou-se numa poltrona de couro. A sala era um pouco maior que a de Hulot e tinha um sofá, além das cadeiras, mas não era substancialmente diferente das outras salas da central. A única concessão ao cargo de diretor da Sûreté eram dois quadros na parede, seguramente autênticos, mas cuja importância Frank não era capaz de avaliar. Roncaille voltou a se sentar atrás da escrivaninha.

— Imagino que tenha lido os jornais e tudo que escreveram sobre os últimos acontecimentos.

Frank deu de ombros.

— Não, confesso que não senti necessidade. A mídia tem uma lógica toda própria, que em geral está do lado do cidadão e do editor-chefe. Raramente ela é útil para quem conduz uma investigação. Não é meu trabalho ler jornais. Nem lhes fornecer algo para publicar a qualquer custo…

Durham levou uma mão à boca para esconder um sorriso. Durand provavelmente considerou que as palavras de Frank continham uma referência concreta ao afastamento de Hulot e sentiu-se na obrigação de precisar as coisas.

— Frank, sei o que sente pelo delegado Hulot. Eu também não gostei de ter que tomar providências que são, no mínimo, impopulares. Sei o quanto Hulot é estimado dentro das forças policiais, mas você precisa entender…

Frank interrompeu com um leve sorriso estampado nos lábios.

— Claro que entendo. Perfeitamente. E não gostaria que isso fosse um

problema.

Roncaille percebeu que a conversa estava tomando um rumo descendente que podia dar às palavras uma velocidade perigosa. Apressou-se a estender tapetes de boas-vindas e a distribuir porções de seu néctar dos deuses segundo um planejamento particular e preciso.

— Não deve existir nenhum problema entre nós, Frank. O pedido e a oferta de colaboração são amplos, incondicionais e absolutos. O sr. Durham está aqui justamente para confirmá-los.

O cônsul encostou-se no espaldar da cadeira e passou o dedo indicador na ponta do nariz. Estava numa posição privilegiada e fazia todo o possível para não ostentá-la e, ao mesmo tempo, dando a Frank a sensação positiva de que não estava sozinho. Frank não pôde deixar de renovar a simpatia e a consideração que o cônsul havia inspirado em sua primeira visita em Parc Saint-Roman.

— Mas não adianta fugir dos fatos, Frank. A situação não podia estar mais complicada. Já estava por si só, antes mesmo desse… bem, vamos chamar de incidente do capitão Mosse, para embaralhar ainda mais as cartas. Porém, essa parece ser uma página virada, que será resolvida pelas respectivas diplomacias, nos modos e termos que considerarem adequados. Mas no que diz respeito ao sr. Ninguém, como foi batizado pela imprensa, bem…

Virou-se para Durand, passando para ele a tarefa de terminar o discurso. O secretário olhou para Frank, que teve a impressão de que ele preferia mostrar a bunda na televisão no horário nobre a ser obrigado a dizer as palavras que tinha a dizer.

— Decidimos de comum acordo que o prosseguimento das investigações passará para suas mãos. Nessa altura dos acontecimentos, ninguém está mais qualificado que você. É um agente com um currículo excelente, excepcional, eu diria, que está acompanhando a investigação desde o início, conhece e goza da confiança de protagonistas e pessoas envolvidas no caso. O inspetor Morelli estará a seu lado como representante da Sûreté e como ligação com as autoridades do Principado. Quanto ao resto, você terá carta branca. Deve nos manter, a mim e a Roncaille, informados sobre o desenvolvimento das investigações, tendo sempre em mente que nosso objetivo é o seu: precisamos prender esse assassino antes que faça novas vítimas.

Durand acabou seu discurso e ficou olhando para ele com cara de quem acabou de fazer uma espantosa concessão, permitindo que a criança mais endiabrada ganhasse uma porção dupla de doces.

Frank assumiu uma postura cerimoniosa, que era, *grosso modo*, o que Roncaille e Durand esperavam dele. Mas, na verdade, gostaria de dar a cada um

o beijo que os entregaria aos centuriões romanos, para gozar dos trinta dinheiros por cabeça sem o menor remorso.

— Muito bem, acho que devo me sentir honrado com essa missão e, na verdade, eu me sinto. Infelizmente, a astúcia do *serial killer* que estamos caçando parece ser sobre-humana. Até agora, não cometeu um pequeno erro que fosse. E temos que reconhecer que fez muitos movimentos dentro de um contexto tão pequeno e tão seguro do ponto de vista policial…

Roncaille recebeu esse reconhecimento às forças policiais locais como algo que lhe era devido. Apoiou os cotovelos na mesa e inclinou-se levemente para ele.

— Poderá usar a sala do delegado Hulot. O inspetor Morelli, como já foi dito, estará à sua disposição. Você receberá toda a documentação sobre o caso, e os relatórios da perícia sobre os últimos dois homicídios, inclusive o de Roby Stricker. A autópsia deve chegar a qualquer momento e estará em sua mesa amanhã pela manhã. Se for de seu agrado, terá um carro particular com o respectivo cartão de “carro de polícia em serviço”.

— Não nego que seria bastante útil.

— Quando sair, Morelli colocará um veículo à sua disposição ao lado da entrada. Uma última coisa… está armado?

— Sim, tenho um revólver.

— Muito bem. Vamos providenciar um distintivo que, junto com o seu, lhe dará pleno direito de agir no território do Principado. Boa sorte, Frank.

Frank entendeu que a reunião, pelo menos no que lhe dizia respeito, estava encerrada. As coisas que aqueles três tinham para discutir talvez lhe dissessem respeito, mas não tinha o menor interesse por elas. Levantou-se, apertou as mãos dos presentes e saiu para o corredor. Enquanto descia para a sala de Hulot, repassou as novidades do dia.

A primeira tinha sido obra de Guillaume Mercier. Aquele detalhe que viera à luz através da análise do vídeo trazia para a investigação uma pista que, no momento, valia seu peso em ouro. Em terra de cego, quem tem um olho é rei. Na terra da ignorância, um nome e um endereço podem representar a diferença entre a vida e a morte de alguém. Ao contrário de Nicolas, recebera essa pista com mais ânsia do que esperança. Era como se cem mãos atrás dele o obrigassem a correr, enquanto cem vozes indistintas sussurravam palavras sem sentido em seus ouvidos. Palavras que deveria entender e não entendia durante uma corrida em que não conseguia parar.

Agora, as poucas chances que tinham estavam depositadas em Nicolas Hulot, delegado afastado, que teria mais possibilidades de descobrir coisas novas no

tempo livre do que no tempo oficialmente dedicado às investigações.

Seu segundo pensamento foi direcionado a Helena Parker. O que queria dele? Por que o pai a assustava tanto? E que relação havia entre ela e o capitão Mosse? Pelo modo como a tratara no dia da briga, era evidente que essa relação ultrapassava os limites dos vínculos normais entre a filha de um general e um subalterno dele, parecendo que todos pertenciam à mesma família. E sobretudo, o que havia de verdadeiro na história da instabilidade emocional daquela mulher que seu pai alardeava?

Essas perguntas chegaram à mente de Frank apesar de ele tentar afastar a lembrança de Helena Parker como fato irrelevante, elemento perturbador, cuja única função era tirar sua atenção de Ninguém e da investigação na qual, de agora em diante, estava oficialmente envolvido.

Abriu a porta da sala de Nicolas sem bater. Agora era sua e podia fazer isso. Morelli estava sentado na escrivaninha e levantou-se num salto quando o viu chegar. Houve um instante de constrangimento entre eles. Frank resolveu que uma explicação era necessária para deixar claro de que lado cada um deles tinha resolvido ficar.

— Oi, Claude.

— Bom-dia, Frank.

— Já soube das novidades?

— Sim. Roncaille me contou tudo. Estou contente que você esteja no comando das investigações, mas…

— Mas?

Morelli parecia tão sólido quanto o rochedo de Gibraltar quando pronunciou as seguintes palavras.

— Mas considero o que fizeram com o delegado uma verdadeira sacanagem.

Frank sorriu.

— Para ser honesto, eu também, Claude.

Se era uma prova, os dois pareciam ter passado por ela. A atmosfera na sala se desanuviou sensivelmente. Na hora de fazer sua escolha, Morelli tinha optado pelo que o americano esperava que optasse. Frank se perguntou até que ponto podia confiar nele e informá-lo das últimas novidades e dos movimentos extraoficiais de Nicolas. Decidiu que por enquanto as coisas estavam bem assim e que não devia exigir demais da própria sorte. Morelli era um policial preparado e experiente, mas era um membro da Sûreté Publique do Principado de Mônaco. Revelar certas coisas podia deixá-lo encrencado, se alguma coisa saísse errado. O bom Morelli não merecia isso.

O inspetor indicou uma pasta na escrivaninha.

— Chegaram os relatórios da perícia.

— Já leu?

— Dei uma olhada. Nada que a gente não saiba. Gregor Yatzimin foi morto exatamente como os outros, sem que deixassem nenhuma pista. Ninguém continua sua jornada, mas não diminui a atenção.

Não é verdade, Claude, não totalmente. Há música roubada no ar…

— Não temos muito a fazer. Só podemos continuar a vigiar a rádio. Isso significa alerta máximo, unidade de operações especiais de prontidão e tudo o mais. Concorda?

— Claro.

— Preciso lhe pedir um favor.

— Pode dizer, Frank.

— Se você não se opuser, essa noite vou deixá-lo sozinho controlando a situação na rádio. Acho que não vai acontecer nada. O homicídio da noite passada descarregou as baterias de nosso cliente e, pelo menos enquanto o efeito não passar, ele vai ficar quieto. Em geral, o intervalo entre os crimes de um *serial killer* tem esse significado. Vou ouvir o programa e estarei disponível no celular, mas preciso de uma noite livre. Tudo bem?

— Sem problema, Frank.

Frank se perguntou como andaria a história entre Morelli e Barbara. Teve a impressão de que o interesse do inspetor pela moça era recíproco, mas depois dos últimos acontecimentos, resolveu deixar esse assunto em segundo plano. Morelli não parecia ser o tipo que negligencia o trabalho em detrimento do amor, mesmo quando o que está em questão é uma pessoa tão atraente quanto Barbara.

— Disseram que botariam um carro à minha disposição. Poderia ir ver se a promessa foi cumprida?

— Certo.

O inspetor saiu da sala e Frank ficou sozinho. Tirou a carteira do bolso interno do paletó. Retirou um bilhete dobrado em dois. Era o pedaço da carta que o general Parker tinha deixado em sua portaria depois daquele primeiro encontro entre os dois, na praça de Eze Village, e no qual estavam escritos seus números de telefone.

Ficou olhando para eles por um tempo. Finalmente, se decidiu. Pegou o celular e digitou o número da casa. Depois de alguns toques, a voz de Helena Parker atravessou os fios.

— Alô?

— Salve. É Frank Ottobre.

Houve uma pequena pausa antes da resposta.

— Fico feliz em ouvi-lo.

Frank não fez nenhum comentário a respeito.

— Já jantou?

— Não, ainda não.

— É um hábito que resolveu abandonar ou acha que poderia entrar em seus planos para essa noite?

— Creio que é uma hipótese aceitável.

— Então posso buscá-la em uma hora, se for um prazo aceitável para você.

— Mais que aceitável. Lembra-se onde é a casa, não?

— Claro, até logo.

Frank desligou. Ficou olhando para o visor do celular como se, por ali, pudesse seguir os movimentos da mulher em sua casa, naquele momento. Enquanto fechava o Motorola, não pôde deixar de se perguntar em que espécie de encrenca estava se metendo.

39

FRANK ESTACIONOU NA ESQUINA DA RUAZINHA de terra que levava à casa de Helena Parker e desligou o motor do Mégane que tinha recebido da polícia. O carro, em seu exterior, era rigorosamente igual a qualquer outro. A única coisa que o diferenciava era, em seu interior, o aparelho de rádio que permitia que se comunicasse com a central. Morelli tinha explicado como operá-lo e indicado as frequências usadas pela polícia.

Enquanto se dirigia para a casa alugada pelo general em Beausoleil, ligou para Helena para avisar que estava chegando.

Primeiro acompanhara Morelli à rádio e, juntos, tinham verificado se tudo estava em ordem. Antes de sair, Frank chamou Pierrot de lado e levou-o para o escritório com porta de vidro localizado ao lado da porta de entrada.

— Pierrot, você é capaz de guardar um segredo?

O rapaz olhou para ele receoso, com os olhos semicerrados, como se refletisse se a exigência estava a seu alcance.

— Um segredo quer dizer que não posso dizer a ninguém?

— Isso mesmo. E lembre-se também de que agora é um policial. Está participando de uma investigação da polícia e os policiais não podem contar seus segredos para ninguém. É *top secret*. Sabe o que isso quer dizer?

Ele fez energicamente que não, sacudindo a cabeça e balançando seus cabelos espetados, que naquele momento estavam precisando de um bom corte.

— Quer dizer que é tão secreto que só eu e você podemos saber. Combinado, agente Pierrot?

— Sim, senhor.

Tinha levado a mão à testa numa espécie de saudação militar aprendida, provavelmente, em algum filme na televisão. Frank pegou a foto que Guillaume fizera a partir do vídeo.

— Vou lhe mostrar a capa de um disco. Pode me dizer se tem esse disco no quarto?

Colocou a imagem sob os olhos de Pierrot, que novamente os apertou, como costumava fazer quando se concentrava. Quando levantou a cabeça e olhou para ele, seu rosto não exibia a satisfação de um resultado positivo. Sacudiu a cabeça.

— Não tem.

Frank escondeu a decepção para que Pierrot não percebesse. Tratou-o como se aquela negação fosse um sucesso.

— Muito bem, agente Pierrot. Muito bem mesmo! Pode ir agora, e lembre-se, segredo absoluto!

Pierrot cruzou os dedos sobre os lábios fazendo um juramento de silêncio, saiu da sala e afastou-se em direção à cabine de direção. Frank recolocou a foto no bolso e saiu, deixando Morelli no controle da situação. Enquanto se afastava, viu que Barbara se aproximava, usando um vestido preto particularmente sensual, para falar com o inspetor.

Agora, enquanto pensava nos interesses pessoais de Morelli, o portão da casa se abriu e surgiu a silhueta de Helena Parker.

Frank a viu emergir pouco a pouco da penumbra criada pela luz indireta dos faróis.

Primeiro despontou a figura graciosa, o ruído de seus passos no cascalho, o andar seguro apesar do terreno levemente desnivelado. Depois, o rosto sob a massa de cabelos louros, em meio às sombras listradas de ramos e mechas, e por fim, os olhos, aqueles olhos nos quais alguém parecia ter cultivado a tristeza para depois distribuí-la pelo mundo. Frank imaginou o que haveria sob aquele véu em fiapos. Que sofrimentos, quais e quantos momentos de solidão não procurada ou de companhia não desejada, quanto de simples sobrevivência em vez de vida verdadeira.

Provavelmente ficaria sabendo em breve, mas se perguntou até que ponto queria saber. Num relâmpago, compreendeu o que Helena Parker significava para ele. Tinha dificuldade de confessar até para si mesmo que tinha medo. Temia que a história de Harriet o tivesse transformado definitivamente num covarde. Se fosse assim, podia andar por aí com mil armas, prender ou matar mil homens, passar a vida inteira correndo, mas, por mais que corresse, nunca conseguiria alcançar a si mesmo. Se não fizesse alguma coisa, se não acontecesse alguma coisa, aquele medo não iria embora.

Desceu do carro e deu a volta para abrir a porta para ela. Helena Parker usava um terninho de paletó e calça comprida escuros, com gola chinesa e um toque levemente oriental muito bem elaborado por algum estilista importante. Suas roupas, contudo, não ostentavam riqueza, mas simples bom gosto. Frank percebeu que praticamente não usava joias e, como todas as outras vezes em que

a tinha visto, a maquiagem era tão leve que parecia invisível.

Vinha precedida por um perfume com sutis notas de ervas e que parecia emanar diretamente da noite.

— Boa-noite, Frank. Obrigada por descer para abrir a porta, mas acho que não precisa fazer isso toda vez que eu chegar.

Helena sentou no carro e levantou o rosto para ele, que ficou de pé ao lado da porta aberta.

— Não é mera cortesia…

Frank indicou o Mégane com um gesto de cabeça.

— Trata-se de um carro francês. Se não usarmos certas modalidades de *savoir-vivre*, o motor simplesmente não pega.

Helena apreciou sua abordagem e sublinhou sua satisfação com uma risadinha.

— O senhor me surpreende, Mr. Ottobre, numa época em que os homens espirituosos parecem espécimes em vias de extinção.

Para Frank, aquele sorriso parecia mais precioso do que qualquer joia usada por qualquer mulher. E diante dele, sentiu-se repentinamente sozinho e desarmado.

Era o que pensava enquanto contornava o carro e tomava seu lugar ao volante. Ao ligar o motor, ponderou quanto duraria aquela esgrima de elogios antes de chegarem ao verdadeiro motivo do encontro. Perguntou-se também qual dos dois teria a coragem de enfrentá-lo primeiro.

Olhou o perfil de Helena, que era luz e sombra no reflexo dos faróis dos carros que passavam. Ela nem sequer desconfiava que havia a mesma luz e a mesma sombra nos pensamentos do homem que estava sentado a seu lado. Virou e correspondeu a seu olhar. Na penumbra, qualquer vestígio de alegria tinha desaparecido de seus olhos, que voltaram a ser os de sempre.

Frank entendeu que quem daria a partida seria ela.

— Conheço sua história, Frank. Fui obrigada por meu pai a saber dela. Tudo aquilo que ele sabe, eu sou obrigada a saber, tudo o que ele é, eu também tenho que ser. Sinto muito, mas me sinto uma intrusa em sua vida e não é uma sensação edificante.

Frank recordou um dito popular que atribuía aos homens, em relação às mulheres, um papel de caçadores. Com Helena Parker, ele percebia que aquele papel iria pelos ares. Aquela mulher era uma autêntica caçadora, mesmo sem saber disso, talvez porque tivesse sido desde sempre uma presa.

— A única coisa que posso lhe dar em troca é a minha história. Não encontro nenhuma outra explicação para o fato de estar aqui com você, representando

uma série de perguntas para as quais certamente você não tem as respostas.

Frank ouvia a voz de Helena e guiava devagar, seguindo o fluxo dos carros que desciam de Roquebrune para Mentone. A seu redor, havia vida, luzes e existências normais, pessoas que passeavam à brisa calma e luminosa daquele trecho de costa, pessoas em busca de coisas fúteis, sem outra motivação além do prazer igualmente fútil dessa busca que acaba em si mesma.

Não há tesouros, não há ilhas ou mapas, só ilusão, enquanto durar. E às vezes, o fim da ilusão é uma voz que murmura duas simples palavras: Eu mato…

Quase sem perceber, Frank esticou a mão para desligar o rádio, como se temesse que aquela voz artificial surgisse de um momento para outro para chamá-lo à razão. A suave música de fundo silenciou.

— O fato de você conhecer minha história não é problema para mim. O problema é que tenho uma história. E espero, por você, que a sua seja diferente da minha.

— Se fosse muito diferente, acha que eu estaria aqui agora?

A voz de Helena tornou-se, subitamente, muito doce. Era a voz de uma mulher em guerra que buscava a paz e que, em troca, propunha paz.

— Como era sua mulher?

Frank ficou surpreso com a naturalidade com que a pergunta foi formulada. E com a facilidade com que deu sua resposta.

— Não sei dizer como era. Como cada um de nós, era duas pessoas ao mesmo tempo. Poderia dizer como eu a via, mas seria completamente inútil agora.

Frank ficou em silêncio e, por um trecho do caminho, o silêncio de Helena se juntou ao seu.

— Como se chamava?

— Harriet.

Helena pareceu receber aquele nome como o de uma velha amiga.

— Harriet. Embora nunca a tenha conhecido, tenho a impressão de que sei muitas coisas sobre ela. Talvez você esteja se perguntando de onde vem tanta presunção…

Uma pequena pausa. Depois, mais uma vez, a voz de Helena, cheia de amargura.

— Não há nada melhor do que uma mulher frágil para reconhecer uma outra.

Helena olhou um instante pela janela. Suas palavras eram uma viagem que de alguma forma estava chegando ao fim.

— Minha irmã, Arijane, conseguiu ser mais forte que eu. Entendeu tudo e foi embora, fugiu da loucura de nosso pai. Ou talvez ela não o interessasse a ponto de fazê-lo encontrar um meio de trancá-la na mesma prisão. Eu não tinha como

escapar.

— É por causa de seu filho?

Helena escondeu o rosto nas mãos. Sua voz chegou abafada pela barreira dos dedos que escondiam o rosto em sua pequena gaiola de dor.

— Ele não é meu filho.

— Não é seu filho?

— Não, é meu irmão.

— Seu irmão? Mas disse que…

Helena ergueu o rosto. Ninguém poderia carregar tanta dor sem morrer, sem estar morto há tempos.

— Disse que Stuart é meu filho, e é verdade. Mas também é meu irmão…

Enquanto Frank, sem fôlego, finalmente entendia, Helena caiu em prantos. A voz da mulher era um sussurro, mas no pequeno espaço daquele carro, ressoou como um grito de libertação sufocado por muito, muito tempo.

— Maldito! Eu amaldiçoo você, Nathan Parker. Que sua alma queime no inferno, não por uma, mas por mil eternidades!

Frank viu o acostamento do outro lado da rua, ao lado de um canteiro de obras. Deu sinal e estacionou o carro ali. Desligou o motor, deixando as luzes acesas.

Virou-se para Helena. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, a mulher deslizou buscando a proteção de seus braços, o tecido de seu paletó para o rosto banhado em lágrimas, suas mãos para os cabelos que tantas vezes esconderam o rosto cheio de vergonha depois das noites de infâmia.

Ficaram assim por algum tempo, que pareceu interminável para Frank.

Em sua mente, mil imagens se misturavam, mil histórias de mil vidas, fundindo a realidade com a imaginação, o presente com o passado, o verdadeiro com o plausível, as cores com a escuridão, o perfume das flores com o cheiro pungente da terra putrefata.

Viu-se a si mesmo na casa de seus pais e viu a mão de Nathan Parker aproximando-se da filha e as lágrimas de Harriet e um punhal erguido para um homem amarrado a uma cadeira e o lampejo de um punhal enfiado em sua narina e o olhar azul de um menino de 10 anos que vivia entre bestas ferozes sem saber.

Em sua mente, o ódio virou uma luz ofuscante que, pouco a pouco, se transformou num grito tão forte que poderia explodir todos os espelhos em que a maldade humana se refletisse, todos os muros atrás dos quais a vilania se escondesse, todas as portas fechadas nas quais, em vão, tivessem batido os punhos de quem implorava para entrar, pedindo ajuda contra o próprio desespero.

Helena só queria esquecer. E era disso que Frank tinha necessidade, exatamente ali, naquele carro estacionado ao lado de um monte de entulho, naquele abraço, naquela sensação de encontro entre muro e hera, descrito com uma única, simples palavra: finalmente.

Frank nunca soube quem se entregou primeiro. Quando, enfim, seus olhos se reencontraram, os dois souberam que, de sua própria incredulidade, tinha nascido algo importante.

Beijaram-se e, naquele primeiro beijo, seus lábios se uniram no temor e no amor. Era o temor de que nada fosse verdadeiro, de que o nome da ternura fosse pronunciado apenas pelo desespero, de que a solidão desse um sentido diverso às palavras, de que nada fosse como parecia ser.

Foram obrigados a repetir, e a repetir ainda, antes de acreditar. Antes que a suspeita se transformasse numa pequena esperança, pois nenhum dos dois podia se permitir por enquanto o luxo de uma certeza.

Depois, olharam-se quase sem fôlego. Foi Helena quem rompeu o silêncio. Acariciou o rosto de Frank.

— Diga alguma coisa boba, por favor. Boba, mas viva.

— Acho que perdemos a reserva para o restaurante.

Helena abraçou-o novamente e Frank ouviu sua risada de alívio se perdendo em pequenos frêmitos de respiração em seu pescoço.

— Tenho vergonha de mim mesma, Frank Ottobre, mas não posso evitar de pensar um monte de coisas boas de você. Dê meia-volta com esse carro e vamos para minha casa. Tenho comida e vinho na geladeira. Não pretendo dividir você com o mundo esta noite.

Frank ligou o motor e retornou pela rua que tinham acabado de percorrer. Quando tinha acontecido? Talvez uma hora, talvez uma vida antes. Naquele momento, não conseguia dar um sentido ao tempo. Só estava certo de uma coisa. Se o general Nathan Parker aparecesse em sua frente naquele instante, com certeza o mataria.

OITAVO CARNAVAL

PROTEGIDO EM SEU ESCONDERIJO SECRETO, O homem está deitado na cama.

Mergulhou num sono reparador com a sensação fluida e gratificante de um barco em terra quando reencontra o mar. Sua respiração calma, tranquila, que mal se percebe, move o lençol que o cobre quase imperceptivelmente, indicando que o homem está vivo, que o tecido branco sobre ele é uma coberta e não uma mortalha.

A seu lado, igualmente imóvel, o corpo ressequido jaz em seu caixão vítreo. Usa como uma condecoração aquilo que um dia foi o rosto diáfano de Gregor Yatzimin. Dessa vez, o trabalho de remoção foi uma autêntica obra-prima. Não parece uma máscara, mas o verdadeiro rosto do esqueleto mumificado.

O homem estendido no leito dorme e sonha.

São imagens indecifráveis que vêm agitar seu sono, embora as figuras que sua mente tenta destrinchar não cheguem a perturbar a perfeita imobilidade do corpo.

Primeiro era o escuro. Agora é a rua de terra batida e no fundo se entrevê uma construção, sob a luz suave da lua cheia. É uma tarde quente de verão. O homem se aproxima passo a passo da silhueta de uma grande casa na penumbra, da qual chega como um chamado o perfume familiar de lavanda. O homem sente as pequenas mordidas do cascalho sob os pés nus. Gostaria de avançar, mas ao mesmo tempo tem medo.

O homem percebe o som sufocado de uma respiração ofegante, o aperto brusco da angústia que se acalma e se evapora assim que se dá conta de que a respiração é a sua. Agora está tranquilo, no pátio da casa. A chaminé de uma lareira de pedra desponta além da linha do teto, como um dedo apontando a lua, e divide esse pátio ao meio.

A casa está mergulhada no silêncio que soa como um convite.

De repente, a imagem da casa se dissolve: ele está lá dentro e sobe uma escada. Ergue a cabeça para uma luminosidade fraca que se derrama do alto. Do térreo chega uma luz que espalha penumbra pelo vão da escada. Há uma figura

humana recortada à contraluz.

O homem sente que o medo volta como um nó de gravata apertado demais, dificultando a respiração. Apesar de tudo, continua sua lenta escalada para o alto. Enquanto sobe, e não queria subir, imagina quem pode ser a pessoa que encontrará lá em cima e, no mesmo instante em que o faz, sente o terror de sabê-lo.

Um degrau. Outro. O rangido da madeira sob os pés nus se enfia na pausa de sua respiração novamente ofegante. A mão apoiada no corrimão de madeira se tinge pouco a pouco com a luminosidade.

Quando está para começar o último lance, a figura se volta e cruza a porta da qual provém a luz, deixando-o sozinho na escada.

O homem sobe os últimos degraus. Diante dele, uma porta aberta, de onde sai uma luz vívida e bruxuleante. Ele chega lentamente à soleira, que ultrapassa investido por aquela luz que é, além de clarão, rumor.

Em pé, no meio do quarto, há um homem. O corpo está nu, é esbelto e atlético, mas seu rosto é disforme. É como se um polvo envolvesse a cabeça, apagando suas feições. Daquele amontoado monstruoso de excrescências carnosas, dois olhos claros o observam suplicantes, como se buscassem sua piedade. Aquela figura infeliz chora.

Quem é você?

Uma voz no ar faz a pergunta. Não a reconhece como sua. E não pode ser a do homem disforme diante dele, porque não tem boca.

Quem é você?, repete a voz que parece vir de toda parte, saindo diretamente da luz ofuscante que o circunda.

Agora o homem sabe e não queria saber, vê e não gostaria de ver.

A figura estende os braços para ele e o que consegue causar é autêntico terror, embora seus olhos continuem a buscar piedade de quem está diante dele, assim como buscaram em vão a piedade do mundo. E, de repente, a luz é fogo, altas chamas crepitantes que devoram tudo o que encontram em seu caminho, um fogo que parece chegar diretamente do inferno para purificar a terra.

Desperta sem sobressalto, simplesmente abrindo os olhos e substituindo a claridade das chamas pela escuridão do quarto.

Sua mão sobe na escuridão para pedir ajuda ao abajur colocado na mesinha de cabeceira. Acende. A luz fraca se espalha pelo aposento despojado.

Logo em seguida, chega a voz. Os mortos, como dormem para sempre, na realidade não têm necessidade de dormir nunca.

O que houve, Vibo, não consegue dormir?

— Não, Paso, já dormi o suficiente por hoje. Tenho muita coisa a fazer nos

próximos dias. Terei tempo para descansar depois…

Não acrescenta o resto do pensamento: *quando tudo tiver acabado*…

O homem não alimenta nenhuma ilusão a esse respeito. Sabe muito bem que mais cedo ou mais tarde o fim chegará. Todas as coisas humanas têm um fim, exatamente como têm um princípio. Mas por ora, tudo está em aberto e não pode negar ao corpo estendido no caixão a quimera de um novo rosto e a si mesmo a satisfação da promessa cumprida.

Havia uma ampulheta quebrada nas névoas de seu sono, um tempo soterrado pela areia que se espalhou sobre a memória. Aqui, no mundo real, a ampulheta continua a girar sobre seu eixo e ninguém nunca poderá quebrá-la. As ilusões se despedaçarão como sempre acontece, mas aquela ampulheta inquebrável não, ela continuará a girar infinitamente, até mesmo quando não houver mais ninguém para contar o tempo que marca.

O homem sente que é chegada a hora. Levanta-se da cama e começa a se vestir.

O que está fazendo?

— Preciso sair.

Vai demorar muito tempo fora?

— Não sei. O dia inteiro, acho. Talvez amanhã também.

Não me deixe preocupado, Vibo. Sabe que me sinto mal quando você não está.

O homem dirige-se para o esquife de vidro e sorri afetuosamente para o pesadelo que contém.

— Vou deixar a luz acesa. Fiz uma surpresa para você enquanto dormia.

Estica a mão para pegar o espelho, que coloca diante do rosto deitado no caixão para que possa ver a própria imagem refletida.

— Olhe…

Oh, é maravilhoso. Eu sou esse? Como sou bonito, Vibo! Ainda mais que antes.

— Claro que é bonito, Paso. E vai ficar cada vez mais.

Há um instante de silêncio, um silêncio de comoção que o corpo não conhece e não pode expressar com lágrimas.

— Agora preciso ir, Paso. É muito importante.

O homem vira de costas para o corpo estendido e caminha para a porta. Quando atravessa a soleira, repete aquele frase, talvez apenas para si mesmo.

— Sim, é muito importante.

E a caçada recomeça.

40

NICOLAS HULOT DESACELEROU, DOBROU À DIREITA e pegou a rampa de saída com a indicação “Aix-en-Provence”. Ficou atrás de um caminhão de placa espanhola, com a inscrição “Transportes Fernández” na lona, que descia lentamente. Assim que chegaram ao fim, o caminhão estacionou à direita, no acostamento, e o delegado o ultrapassou, parando logo a seguir, na frente do quiosque de informações turísticas. Tirou do porta-luvas o mapa da cidade que tinha comprado e abriu, apoiando-o no volante.

Examinou a parte do mapa onde tinha identificado a Cours Mirabeau na noite anterior. Afinal, o plano urbanístico da cidade era bastante simples e a rua que estava procurando ficava bem no centro.

Saiu com o Peugeot e pegou a estrada. Algumas centenas de metros depois caiu num trevo e seguiu as placas que indicavam “Centre Ville”. Enquanto percorria as perimetrais, feitas de subidas e descidas e contínuas lombadas de pedra colocadas para coibir os amantes da velocidade, Hulot notou que a cidade era muito limpa e movimentada. As ruas estavam cheias de gente, sobretudo jovens. Lembrou-se de que Aix-en-Provence era sede de uma universidade bastante prestigiosa fundada no século XV e que, além disso, era famosa por suas estações termais. Além do turismo sazonal, era lógico esperar algo mais.

Errou a rua duas vezes, passando e repassando diante dos letreiros de hotéis e restaurantes de diversos tipos, e finalmente chegou à Place du General De Gaulle, de onde saía a Cours Mirabeau.

Encontrou uma vaga num estacionamento pago e ficou um instante admirando a grande fonte no centro da praça. Uma plaquinha a batizava oficialmente como “Fontaine de la Rotonde”. Como sempre acontecia desde que era menino, o rumor da água que caía lhe deu vontade de urinar.

Percorreu as poucas dezenas de metros que o separavam do início da Cours Mirabeau, procurando com os olhos o letreiro de um bar e pensando que é incrível como uma bexiga cheia faz você perceber num lampejo que está morrendo de vontade de tomar um café.

Atravessou a avenida ocupada por obras de restauração e pavimentação. Um operário com capacete amarelo discutia com alguém que parecia um mestre de obras a propósito de um material que faltava, desculpando-se por algo que não era de sua responsabilidade, e sim dependia da escolha de um certo engenheiro Dufour. Sob um plátano, dois gatos de rua se estudavam com os rabos esticados, indecisos entre começar a briga ou retirar-se em ordem tentando salvar as respectivas dignidades; Hulot decidiu que o mais escuro era ele e o mais claro e um pouco maior era Roncaille. Entrou no bar deixando os dois animais entregues às suas picuinhas de porta de venda e pediu ao garçom um café com leite, enquanto ia ao banheiro.

Quando voltou o café estava pronto sobre o balcão. Após servir-se de açúcar, chamou o garçom, um jovem que estava conversando com duas moças mais ou menos da mesma idade, sentadas numa mesa com dois copos de vinho branco.

— Pode me dar uma informação, por favor?

Se o rapaz deixou a conversa de má vontade, não transpareceu.

— Claro que sim, se puder.

— Sabe se há ou houve uma loja de discos chamada *Disque à Risque* aqui na Cours Mirabeau?

O rapazinho, com seus cabelos claros cortados bem curtos e um rosto cheio de espinhas, pensou por um instante.

— Acho que nunca ouvi esse nome antes, mas estou em Aix há pouco tempo. Vim para a universidade — apressou-se a acrescentar.

Evidentemente achava importante esclarecer que não seria garçom para sempre e que, em breve, seria chamado a outros e bem mais altos destinos.

— Mas se subir a rua vai encontrar, desse mesmo lado, uma banca de jornais. Tattoo é um sujeito esquisito mas está aqui há quarenta anos, e se alguém pode lhe dar essa informação, esse alguém é ele.

Hulot agradeceu com um aceno de cabeça e começou a beber seu café. O rapaz se considerou livre e voltou à conversa interrompida. O delegado pagou a conta e deixou o troco sobre o balcão de mármore. Quando saiu do bar, viu que o gato-Hulot não estava mais lá e o gato-Roncaille reinava tranquilo sob o plátano, olhando o movimento.

Seguiu pela avenida sombreada dos dois lados por uma fila de grandes plátanos e pavimentada com grandes blocos de pedra. De um lado e de outro, uma série ininterrupta de cafés, lojas e livrarias.

Uma centena de metros mais adiante, encontrou a banca de Tattoo, indicada pelo rapaz do bar, ao lado de um sebo. Na rua, dois homens com mais ou menos sua idade jogavam xadrez numa mesinha, sentados em cadeiras dobráveis diante

da porta aberta da loja.

Hulot se aproximou da banca e falou com o sujeito que estava lá dentro, rodeado por revistas, livros e quadrinhos. Era um velhinho de olhos encovados e cabelos despenteados, mais próximo dos setenta que dos sessenta anos, e que parecia ter saído direto de um *western* de John Ford, alguma coisa tipo *No tempo das diligências*.

— Bom-dia. O senhor é Tattoo?

— Sim, sou. O que posso fazer por você?

Nicolas notou que ele não tinha alguns dentes. E a voz também correspondia às expectativas. Pensou que aquele *bonbon-au-chocolat* combinava à perfeição com o filme. Pena para ele, que se encontrava numa banca de jornal e não numa diligência da Wells Fargo a caminho de Tombstone.

— Preciso de uma informação. Estou procurando uma loja de discos que se chama *Disque à Risque*.

— Está atrasado alguns anos, então. Essa loja não existe mais.

Hulot reprimiu com dificuldade um gesto de irritação. Tattoo acendeu um Gauloise sem filtro e começou imediatamente a tossir. A julgar pelos acessos violentos, sua guerra com o cigarro já devia durar muito tempo. Não era difícil adivinhar quem seria o vencedor, mas por enquanto o velho segurava bem o tranco. Fez um gesto com a mão em direção à rua.

— Ficava do outro lado da Mirabeau, uns trezentos metros à direita. Agora tem um bistrô em seu lugar.

— Lembra qual era o nome do proprietário?

— Não, mas o novo negócio é do filho dele. Fale com ele e terá todas as informações que lhe interessam. *Café des arts et des artistes*.

— Obrigado, Tattoo. E não fume demais.

Enquanto se afastava, pensou que nunca ficaria sabendo se o novo acesso de tosse era um agradecimento pelo conselho ou um catarroso convite a ir para aquele lugar. Ainda bem que a pista não tinha sido totalmente perdida. O que tinha em mãos já era tão volátil que mais parecia a fumaça de um dos cigarros de Tattoo que uma pista propriamente dita. Precisava evitar pelo menos as perdas de tempo pelo caminho. Graças a Morelli, poderia chegar ao proprietário da loja com uma pesquisa na Câmara de Comércio, mas levaria tempo e tempo era a única coisa de que não dispunham em abundância.

Pensou em Frank, sentado numa cadeira da Rádio Monte Carlo à espera de que o telefone tocasse e de que, de seu limbo, aquela voz prometesse uma nova vítima.

Eu mato…

Quase sem querer apertou o passo. Chegou diante do toldo azul com letras brancas: *Café des arts et des artistes*. Os negócios iam muito bem, a julgar pelo número de clientes. Do lado de fora, não havia uma mesa livre. Entrou e levou alguns instantes para adaptar os olhos à mudança de luz. Atrás do balcão havia uma atividade frenética para atender àquela gente toda. Um *barman* e duas moças com cerca de 25 anos preparavam aperitivos e *snacks*.

Pediu um Kir Royal a uma moça loura que aceitou o pedido com um aceno de cabeça, enquanto abria uma garrafa de vinho branco. Pouco depois, a moça colocou diante dele a taça cheia de um líquido rosado.

— Poderia falar com o proprietário? — disse, bebericando o drinque.

— É aquele ali.

Indicou com a mão um homem com cerca de 30 anos, cabelos ralos, e que estava saindo por uma porta de vidro localizada no fundo do estabelecimento e sobre a qual estava escrito “Privativo”. Nicolas pensou que desculpa poderia dar para justificar sua presença ali e as perguntas que viriam. Quando ficou frente a frente com o proprietário do *Café des arts et des artistes*, já tinha optado pela versão oficial.

— Desculpe…

— Pois não.

Exibiu o distintivo.

— Sou o delegado Hulot da Sûreté Publique do Principado de Mônaco. Gostaria de lhe pedir a gentileza, senhor…

— Francis, Robert Francis.

— Claro, sr. Francis. Soube que antes havia aqui uma loja de discos chamada *Disque à Risque* e que o proprietário era seu pai.

O homem olhou ao redor, hesitante. Em seus olhos desfilou uma sucessão de perguntas.

— Sim, mas… quer dizer, a loja fechou há muitos anos…

Hulot se viu sorrindo, tranquilizador. Mudou o tom de voz e a atitude.

— Pode ficar tranquilo, Robert. Não tem problema nenhum nem para você, nem para seu pai. Vai lhe parecer estranho, mas depois de todo esse tempo, a loja pode ser o elo perdido de uma investigação da polícia. Só preciso encontrar seu pai para pedir algumas informações, se for possível.

Robert Francis relaxou. Virou-se para a moça loura atrás do balcão e indicou o copo que Nicolas tinha na mão.

— Traga um para mim também, Lucie.

À espera do drinque, virou-se novamente para o delegado.

— Bem, meu pai abandonou a atividade há alguns anos. Sabe como é, o

faturamento da loja de discos não era lá essas coisas. Deus sabe que nunca teve um lucro extraordinário, mas nos últimos tempos era um verdadeiro desastre. E depois, aquele cabeça-dura do velho, embora devesse vender discos, reservava mais peças para sua coleção pessoal do que para a venda. O que faz dele um ótimo colecionador, mas um péssimo homem de negócios…

Hulot ficou aliviado. Frank tinha falado do pai no tempo presente, o que significava que ainda estava vivo. O "se for possível" de antes contemplava justamente a infeliz eventualidade de que o velho Francis não estivesse mais entre nós.

— Foi assim que, num dado momento, resolvemos fazer as contas e fechar a loja. E eu abri esse negócio…

Indicou com um gesto circular da mão seu bem-sucedido bistrô.

— Ninguém pode dizer que a troca não foi vantajosa.

— A história aqui é bem diferente. E garanto que as ostras que servimos são fresquíssimas e não "de época", como os discos de meu pai.

Nicole, a garçonete, empurrou um copo na direção do patrão. Francis pegou-o e levantou a taça para o delegado, que imitou seu gesto.

— À sua investigação.

— A seu estabelecimento e aos discos raros.

Beberam um gole e, em seguida, Francis apoiou a taça embaçada de gelo no balcão.

— A essa hora, meu pai com certeza está em casa. Veio de Montecarlo de carro pela autoestrada?

— Sim.

— Bem, então só precisa seguir as placas para voltar a ela. Perto do trevo para entrar na rodovia fica o Novotel, e bem atrás dele, uma casinha de dois andares de tijolos vermelhos, com um jardinzinho e algumas roseiras. Meu pai mora ali. Não tem como errar. Posso lhe oferecer alguma coisa nesse meio-tempo?

Hulot ergueu a taça com um sorriso.

— Essa já está ótima.

Estendeu a mão, a qual Francis apertou.

— Obrigado pela gentileza, Francis. Não imagina quanto…

Ao sair do bistrô, viu à sua direita um garçom que abria ostras e outros frutos do mar no balcão de *coquillages*. Adoraria verificar se o frescor alardeado por Francis correspondia mesmo à realidade, mas não havia tempo.

Refez o caminho trilhado, só que no sentido contrário. Da banca de Tattoo, continuavam a brotar cavernosos acessos de tosse, mas os dois jogadores de xadrez não estavam mais lá. A livraria estava fechada. Com certeza, as duas

atividades tinham sido interrompidas pela hora do almoço.

A caminho do carro, passou novamente diante do bar onde tinha tomado café. Sob o plátano, o gato-Roncaille tinha sido substituído pelo gato-Hulot. Estava sentado na maior tranquilidade, balançando lentamente a cauda escura e felpuda e girando os olhos sonolentos sobre o mundo e seus habitantes.

Hulot pensou que aquela revanche felina poderia ser entendida como um bom augúrio.

41

JEAN-PAUL FRANCIS GIROU A TAMPA do pequeno cilindro de plástico e apertou várias vezes o êmbolo da bomba para obter pressão suficiente para borrifar o inseticida. Pegou o aparelho pelo cabo e aproximou-se da moita de rosas vermelhas, encostada na rede metálica recoberta de plástico verde que servia de cerca. Examinou os pequenos ramos da roseira. Estavam cheios de parasitas que criaram uma espécie de lanugem branca sobre os galhos.

— Então é guerra — disse com voz solene.

Apertou uma alavanca localizada no fundo do tubo e, da ponta da bomba, saiu uma nuvem de inseticida misturado com água. Começou pela base e subiu pelo tronco, distribuindo a mistura uniformemente pelo arbusto inteiro.

Como suspeitara, o inseticida tinha um cheiro horrível. Felicitou-se pela ideia de usar uma máscara de gaze apertada para não inalar o produto que, conforme anunciava a etiqueta, “podia ser tóxico se ingerido e devia ser mantido longe do alcance de crianças”.

Lendo as advertências tinha pensado que, se era tóxico para as crianças, na sua idade já podia injetar uma dose nas veias que não teria efeito algum.

Enquanto pulverizava a planta, viu com o rabo do olho o Peugeot branco que estava estacionando um pouco depois do portão da garagem da casa. Era raro que um carro estacionasse bem ali, a não ser quando o hotel estava muito cheio e não havia mais vagas no estacionamento. Um homem alto, por volta dos 55 anos, cabelos ondulados recém-cortados e de aspecto ligeiramente desalinhado saiu do carro, girou os olhos pelas redondezas e dirigiu-se com passo decidido para o portão de sua casa.

Jean-Paul pousou a bomba no chão e foi abrir o portão de ferro batido sem dar tempo para que o estranho tocasse a campainha.

Aquele homem que estava em sua frente sorria.

— É o sr. Francis?

— Em pessoa.

O recém-chegado exibiu um distintivo num porta-documentos de couro. Sua

foto era bem visível na identidade plastificada.

— Sou o delegado Nicolas Hulot da Sûreté de Mônaco.

— Se veio me prender, saiba que já fico preso o suficiente aqui mesmo, cuidando do jardim. Uma cela não poderia ser pior que isso.

O delegado não pôde conter um sorriso.

— Bem, isso é o que se chama não ter medo da lei! É sinal de uma consciência tranquila ou de uma vida vivida no mundo do crime?

— Culpa de mulheres malvadas que despedaçaram meu coração inúmeras vezes. Enquanto choro minhas desgraças pessoais, que tal se entrasse? Os vizinhos poderiam pensar que está tentando me vender vassouras.

Nicolas entrou no jardim e o velho Francis fechou o portão atrás dele. Usava jeans desbotados e uma camisa azul de brim mais leve, da mesma cor. Na cabeça, tinha um chapéu de palha e uma máscara de gaze pendurada no pescoço, abaixada justamente para falar com ele. Debaixo do chapéu, despontavam cabelos brancos e abundantes. Os olhos azuis, ressaltados pelo bronzeado da pele, pareciam os de um rapazinho. O resultado era um rosto simpático e sagaz.

Nicolas Hulot sentiu um aperto cordial e vigoroso tomando a mão que tinha estendido.

— Não vim prendê-lo, se isso pode tranquilizá-lo. E só vou lhe roubar alguns minutos, para sua futura tranquilidade.

Jean-Paul Francis deu de ombros, tirando o chapéu e a máscara de proteção. Nicolas pensou que ele daria um ótimo dublê de Anthony Hopkins.

— Resolvi cuidar do jardim não por escolha, mas por tédio. Só estava esperando uma boa desculpa para parar. Venha, vamos entrar em casa que é mais fresco.

Atravessaram o minúsculo jardim, onde um pátio de concreto aparente ligava o portão de entrada à porta da casa. Não era uma casa de luxo e ficava a anos-luz de distância de certas mansões da Côte d’Azur, mas inspirava ordem e limpeza. Subiram três degraus e chegaram ao interior. No lado oposto à entrada, uma escada levava para o segundo andar e duas portas dispostas em cada lado se abriam simetricamente à direita e à esquerda.

Nicolas estava habituado a avaliar os ambientes num rápido passar de olhos e teve a impressão imediata de que, se aquela não era a casa de um homem rico de dinheiro, era sem dúvida de um homem rico em cultura, bom gosto e ideias.

Notou isso graças à quantidade de livros, bibelôs, alguns poucos quadros e aos cartazes pendurados nas paredes que, como substitutos de quadros propriamente ditos, tinham alguma ligação com o mundo da arte.

Mas o que mais impressionava eram os discos. Despontavam por todo lado no

apartamento. Olhou pela porta da direita e entreviu um salão onde se exibia um poderoso equipamento de som, provavelmente sua única concessão ao consumismo. No resto da sala, tal como na entrada, todo o espaço disponível nas paredes era destinado a prateleiras cheias de CDs e velhos LPs.

— Pelo que parece, você gosta muito de música.

— Nunca fui capaz de escolher minhas paixões e, portanto, fui obrigado a deixar que elas me escolhessem.

Francis abriu caminho, entrando pela porta da esquerda. Chegaram a uma cozinha no fundo da qual se entrevia, pela porta aberta, um local que servia de despensa. No lado oposto, havia uma pequena varanda aberta diretamente para o verde do jardim.

— Como pode ver, nada de música por aqui. Estamos na cozinha e não é bom misturar dois tipos de alimento. Quer beber alguma coisa? Um aperitivo?

— Não, obrigado, seu filho já me ofereceu um.

— Ah, esteve com Robert.

— Sim, foi ele quem me deu seu endereço.

Francis olhou para as manchas de suor sob as próprias axilas. Tinha o sorriso esperto de um menino que acabou de inventar uma nova brincadeira. Olhou o Swatch em seu pulso.

— Diga-me uma coisa: já almoçou?

— Não.

— Bem… Vou lhe fazer uma proposta. A sra. Sivoire, minha governanta…

Fez uma pausa que terminou com um ar intrigado.

— Na verdade, é a faxineira, mas gosto de chamá-la de governanta, pois ela se sente valorizada e eu me sinto mais importante. A sra. Sivoire, de origem rigorosamente italiana e ótima cozinheira, deixou umas lasanhas *al pesto* prontas para irem ao forno. Garanto que, de um ponto de vista estético, a sra. Sivoire deixa muito a desejar, mas suas lasanhas estão acima de qualquer suspeita.

Nicolas não pôde evitar mais um sorriso. Aquele homem era uma força da natureza. Destilava simpatia por todos os poros. Sua vida devia ter sido um gozo contínuo daquele modo de ser. Ou, pelo menos, era como ele esperava que tivesse sido.

— Não tinha intenção de ficar para almoçar, mas se o orgulho da sra. Sivoire está em jogo…

— Maravilha. Enquanto as lasanhas estiverem assando, vou subir para tomar um banho. Se levantar um braço, temo que uma metralhadora dispare debaixo de minhas axilas. E depois, como poderia justificar o cadáver de um delegado de polícia em minha cozinha?

Jean-Paul Francis tirou um pirex da geladeira e enfiou-o no forno. Regulou a temperatura e o *timer*. Pelo modo como manobrava os eletrodomésticos, Nicolas deduziu que estava na casa de um homem que amava a cozinha ou de um homem sozinho. De todo modo, uma coisa não excluía a outra.

— Pronto. Dez minutos, talvez quinze, e poderemos comer.

Saiu da cozinha e desapareceu pelas escadas assoviando. Dali, Hulot ouviu em seguida o barulho do chuveiro e o tom de voz vagamente barítono de Jean-Paul Francis cantarolando "The Lady is a Tramp".

Quando voltou, estava vestido da mesma maneira, mas com calças e camisa limpas. Tinha os cabelos molhados penteados para trás.

— E então, ainda me reconhece?

Nicolas olhou para ele espantado.

— Claro.

— Estranho, depois da ducha me sinto um outro homem. Logo se vê que é um policial…

Hulot foi obrigado a rir novamente. O sujeito tinha a capacidade de catalisar bom humor a seu redor. O anfitrião pôs a mesa na varandinha que dava para o jardim. Estendeu-lhe uma garrafa de vinho branco e um saca-rolhas.

— Enquanto tiro a comida do forno, o que acha de ir abrindo o vinho?

Nicolas liberou a rolha no mesmo instante em que Jean-Paul Francis depositava a travessa de lasanha *al pesto* recém-saída do forno no centro da mesa, sobre um descanso de cortiça.

— Prontinho. Sente-se, por favor.

O anfitrião serviu uma porção abundante de massa fumegante em seu prato.

— Pode começar. Nessa casa, a única etiqueta observada com atenção é a das garrafas de vinho — disse enquanto se servia de uma porção idêntica.

— Humm, fantástica — comentou Hulot com a boca cheia.

— Não disse? Isso prova que, não importa o que deseja de mim, sou um homem que diz a verdade.

Aquelas palavras deram a Nicolas o ensejo para falar do motivo de sua visita, e era um motivo que queimava mais do que qualquer coisa recém-saída do forno.

— Era dono de uma loja de discos há algum tempo, não era? — disse, cortando um pedaço de massa com o garfo.

Pela expressão do homem, percebeu que tinha tocado em uma ferida mal cicatrizada.

— É. Fechei há sete anos. A música de qualidade nunca foi um bom negócio por aqui…

Hulot evitou mencionar os comentários do jovem Francis a respeito da história. Era inútil cutucar uma ferida que já devia ter sido mexida inúmeras vezes. Resolveu ser franco com seu anfitrião. Gostava daquele homem e tinha certeza de que não se enganava ao informá-lo, pelo menos em parte, daquela história.

— Estamos procurando um assassino em Montecarlo, sr. Francis.

— Não é nesse momento do filme que os dois heróis começam a se chamar pelo nome e a abandonar o "senhor"? Meu nome é Jean-Paul.

— E o meu é Nicolas.

— Com "assassino em Montecarlo" não está se referindo, por acaso, à história do sujeito que liga para a rádio? Aquele a quem a imprensa chama de Ninguém?

— Exatamente.

— Bem, não vou dizer que não estou acompanhando, assim como milhares de outras pessoas, imagino, a história. Aquela voz provoca arrepios até em couro de sapato. Quantas pessoas ele já matou?

— Quatro. E daquela maneira que você sabe… E o que é pior é que não temos a menor ideia de como impedi-lo da matar de novo.

— O cara deve ser esperto como um bando de raposas. Ouve péssima música, mas deve ter um cérebro de primeira.

— Sobre o cérebro, concordo com você. Sobre a música, vim até aqui justamente para discutirmos isso.

Nicolas remexeu o bolso do paletó e tirou as cópias que Guillaume tinha lhe dado. Escolheu uma, que estendeu para Jean-Paul Francis.

— Conhece esse disco?

O homem pegou a foto e examinou. Nicolas acreditou ter visto Jean-Paul empalidecer. Levantou para ele seus olhos azuis de rapazinho, cheios de espanto.

— Onde arrumou essa foto?

— É uma longa história. Só precisa saber por enquanto que achamos que o disco pertence ao assassino e que foi vendido aqui…

Estendeu outra cópia a Jean-Paul, a que mostrava a etiqueta com o nome da loja. Dessa vez a palidez em seu rosto não era impressão, era a pura realidade. As palavras morreram em sua garganta.

— Mas…

— Reconhece o disco? Sabe me dizer que significado pode ter? Quem é Robert Fulton?

Jean-Paul Francis afastou seu prato e fez um gesto com as duas mãos.

— Quem é Robert Fulton? Qualquer aficionado de jazz que vá além de Louis Armstrong sabe quem é ele. E qualquer jazzófilo daria um braço para ter um de

seus discos.

— Como assim?

— Porque no mundo inteiro existem apenas dez exemplares, que eu saiba.

Dessa vez foi Nicolas quem empalideceu. Jean-Paul serviu mais um copo de vinho e encostou-se no espaldar da cadeira. De repente, as lasanhas da sra. Sivoire pareciam ter perdido toda a graça.

— Robert Fulton foi um dos maiores trompetistas da história do jazz. Infelizmente, como sucede tantas vezes, era um gênio no âmbito da música, mas doido de pedra. Tinha lá suas ideias. Nunca quis gravar discos porque estava convencido de que a música não podia e não devia ser aprisionada. Para ele, a única maneira de usufruir de uma música era o show ao vivo, *live*, como se diz agora. Ou seja, a música é uma experiência diferente a cada sessão e não se tem direito de fixá-la de modo estático, imutável.

— Mas então de onde vem esse disco?

— Estou chegando lá. No verão de 1960, ele fez uma breve turnê pelos Estados Unidos, tocando em vários clubes com alguns dos melhores *session-men* da época. Uma série de concertos históricos. No Be-bop Café, de Nova York, alguns amigos, junto com alguns empresários, organizaram uma gravação ao vivo, sem que ele soubesse, e tiraram quinhentos discos dessa fita, esperando que, ao ouvi-los, Fulton mudasse de ideia.

— Ah, é por isso que se chama "Stolen Music"…

— Exatamente, música roubada. Só que os amigos não previram a reação que ele teve. Fulton ficou furioso, destruiu todos os discos e obrigou-os a entregar as matrizes para destruí-las também. A história correu mundo e tornou-se uma espécie de lenda, à qual cada um acrescentava um ponto. A única coisa certa é que, de todos aqueles discos, só dez se salvaram e foram vendidos a peso de ouro para colecionadores de gravações raras. E eu era um desses dez.

— Quer dizer que ainda tem o disco?

— Eu disse *era*, não *sou*. Foi um momento difícil…

Jean-Paul olhou para as mãos bronzeadas, manchadas pela idade. Com certeza, não eram boas as lembranças que lhe passavam pela cabeça.

— Minha mulher teve câncer e morreu em seguida. O negócio não ia muito bem naquela época. Quer dizer, ia especialmente mal. Eu precisava de dinheiro para o tratamento de minha mulher e o disco valia uma fortuna, portanto…

Francis deixou escapar um suspiro que soou como alguém que respirasse depois de uma vida inteira prendendo o ar.

— Quando resolvi vender, com toda a má vontade deste mundo, colei a etiqueta da loja como se fosse uma forma de não me separar dele

completamente. Aquele disco foi uma das poucas coisas que eu considerava realmente minhas em toda a vida, à parte minha mulher e meu filho. Três coisas são uma verdadeira fortuna na vida de um homem.

O coração de Nicolas Hulot batia no peito como o único pistom de um motor de enorme cilindrada. Escandiu bem as palavras. Fez uma pergunta e o tom de sua voz era o de um homem que teme a resposta.

— Você se lembra a quem o vendeu, Jean-Paul?

— Passaram-se mais ou menos quinze anos, Nicolas. Lembro que o cliente era um sujeito estranho, mais ou menos da minha idade. Vinha sempre à loja e comprava discos raros, só coisa de colecionador. Não parecia ter problemas de dinheiro, portanto confesso que algumas vezes peguei pesado nas coisas que lhe vendia. Quando soube que eu tinha uma cópia de “Stolen Music”, me assediou durante meses para que o vendesse. Sempre recusei, mas então, como lhe disse… A necessidade faz o ladrão. Ou o vendedor. Às vezes as duas coisas juntas.

— Nenhum nome lhe vem em mente?

— Sou um homem, não um computador. Não vou esquecer daquele disco nem que se passem mil anos. Mas quanto ao resto…

Passou a mão pelos cabelos brancos e levantou a cabeça, olhando para o teto. Nicolas se apoiou na mesa, inclinado em sua direção.

— Não é necessário dizer o quanto isso pode ser importante, Jean-Paul. Vidas humanas dependem disso.

Hulot se perguntou quantas vezes ainda teria que usar aquela expressão, quantas vezes teria que lembrar alguém da importância de alguma coisa para salvar outros seres humanos, antes que aquela história tivesse fim.

— Talvez…

— Talvez o quê?

— Venha comigo. Vamos ver se você é mesmo um homem de sorte.

Seguiu Jean-Paul para fora da cozinha, observando suas costas eretas apesar da idade e a nuca cheia de cabelos brancos, enquanto uma leve corrente que soprava pela casa trazia o perfume de seu desodorante. Na entrada, viraram à esquerda e o homem pegou uma escada que levava ao porão.

Depois de uma dezena de degraus, viram-se num local que devia ser o cômodo curinga da casa. De um lado, uma máquina de lavar ladeada por um tanque, uma bicicleta feminina pendurada na parede, um balcão para trabalhos de bricolagem com um torninho e ferramentas para manipular ferro e madeira.

Do outro lado, uma fileira de estantes de metal com vidros de conserva e garrafas de vinho. Uma outra parte era dedicada a pastas e caixas de papelão de

diversos tamanhos e cores.

— Sou um homem de lembranças. Um colecionador. E nós, os colecionadores, somos quase todos uns idiotas nostálgicos, a não ser os que colecionam dinheiro.

Jean-Paul Francis parou diante de uma das estantes e ficou olhando por um momento, com ar interrogativo.

— Hummm, vamos ver…

Tomou uma decisão e pegou da prateleira mais alta uma caixa de papelão azul bastante volumosa. Na tampa via-se a etiqueta dourada de uma antiga loja de discos que se chamava *Disque à Risque*. Colocou-a sobre o balcão de trabalho, ao lado do torninho. Acendeu uma lâmpada que pendia do alto.

— Isso é tudo o que resta da minha atividade comercial e de um pedaço de minha vida. Muito pouco, não acha?

Às vezes é até demais, pensou Nicolas. *Tem gente que, no final da viagem, não tem necessidade nem de uma caixa, seja ela grande ou pequena. Às vezes os bolsos dão e até sobram.*

Jean-Paul abriu a caixa e começou a remexer lá dentro, levantando folhas que pareciam velhas licenças comerciais ou pequenas brochuras de concertos e feiras de discos de coleção.

A certa altura, tirou um papelzinho azul dobrado no meio, abriu, olhou o que estava escrito e estendeu-o para Nicolas.

— Tome, hoje é o seu dia de sorte. Este bilhete foi escrito de próprio punho pelo comprador de “Stolen Music”. Deixou seu telefone quando soube que eu possuía uma cópia. Pensando bem, depois que vendi o disco ele veio mais algumas vezes e em seguida sumiu…

Nicolas leu o que estava escrito no bilhete. Uma letra decidida e ao mesmo tempo precisa anotara um nome e um número de telefone.

Legrand 04/4221545.

Hulot achou aquele momento estranho. Depois de tanto correr, depois de tantas vozes distorcidas, corpos disfarçados, impressões digitais inexistentes, passos sem eco, depois de tantas sombras sem rosto e tantos rostos sem feições, finalmente havia algo de humano em suas mãos, a coisa mais banal do mundo: um nome e um número de telefone.

Olhou para Jean-Paul Francis e sentiu-se vazio. Não conseguia encontrar a palavra certa a dizer. Seu anfitrião, que poderia ser seu salvador e de outras vítimas inocentes, deu um sorriso.

— Pela sua cara, diria que está positivamente impressionado. Se estivéssemos num filme, como eu disse antes, penso que agora deveria começar uma música

impactante.

— Muito mais, Jean-Paul. Muito mais…

Pegou o celular. Seu novo amigo o deteve imediatamente.

— Não pega aqui, temos que subir. Vamos.

Subiram a escada de volta. Enquanto a mente de Nicolas Hulot corria a cem por hora, Francis completava as informações que tinha acabado de fornecer com os últimos fragmentos de memória.

— Era de um lugar próximo daqui, acho eu, na zona de Cassis. Era um tipo sólido, alto, mas não altíssimo e dando a impressão de um vigor físico incomum. Tinha um ar de militar, não sei se me entende. Mas o que impressionava, acredito eu, eram os olhos. Davam a impressão de que olhavam sem oferecer a possibilidade de serem olhados. Essa é a definição mais próxima que consigo encontrar. Lembro que achei estranho que um sujeito daquele tipo fosse apaixonado por jazz…

— Bem, para quem não é um computador, acho que está muito bem no que diz respeito à memória.

Ainda subiam quando Jean-Paul se virou para ele sorrindo.

— Acha mesmo? Por algum motivo, estou começando a ficar orgulhoso de mim mesmo.

— Creio que pode ter um monte de motivos para estar orgulhoso de si mesmo. Esse agora é apenas um deles.

Chegaram ao primeiro andar e reencontraram a luz do sol. Na mesa da cozinha, a massa estava fria e o vinho quente. Um triângulo de luz invadira o chão vindo da varandinha e subia como hera por uma das pernas da mesa.

Hulot olhou para o celular. O visor mostrava que o sinal havia retornado. Ele ponderou se podia correr o risco, mas deu de ombros. Provavelmente, seus temores de interceptações telefônicas eram pura paranoia. Apertou o botão de um número que estava na memória e esperou até ouvir a voz do outro lado.

— Oi, Morelli, é Hulot, preciso de duas coisinhas suas. Informação e silêncio. Pode ser?

— Claro.

Uma qualidade indiscutível de Morelli era a capacidade de não fazer perguntas inúteis quando não era o caso.

— Vou lhe dar um nome e um número de telefone. Pode até ser que o número não esteja mais em uso. Deve ser da Provença, mais precisamente. Pode me dizer em que endereço fica, tudo isso para ontem?

— Correndo.

Passou os dados para o inspetor e desligou.

Pediu a Francis uma confirmação que era, na realidade, apenas uma reflexão.

— Zona de Cassis, você disse?

— É o que acho. Cassis, Auriol, Roquefort, não lembro bem, mas acho que a região é essa mesmo.

— Acho que vou ter que dar um passeio por lá.

Hulot deu uma olhada pela casa, como se quisesse imprimir cada detalhe na memória. Voltou a fitar Francis bem nos olhos.

— Espero que não se aborreça se eu for embora como um cachorro magro. Como pode imaginar, tenho uma certa pressa.

— Sei o que está sentindo. Quer dizer, não, não sei, mas posso imaginar. Espero que encontre o que precisa encontrar. Venha, vou levá-lo até o portão.

— Sinto muito por ter arruinado seu almoço.

— Não arruinou nada, Nicolas. Muito pelo contrário. Ultimamente, não tenho tido muita companhia. Quando se chega a uma certa idade, acontecem determinadas contradições dialéticas. Às vezes, você pergunta como pode ser que o tempo passe tão depressa e existam certos momentos em que parece que ele não passa nunca…

Enquanto ouvia Jean-Paul, Hulot atravessou o jardim e chegou ao portão de ferro batido. Olhou para seu carro estacionado um pouco adiante, ao sol. Certamente, estaria um forno. Enfiou dois dedos no bolsinho do paletó e puxou um cartão de visita.

— Tome isso. Se passar pelos lados de Montecarlo, saiba que na minha casa sempre haverá um leito e um prato de sopa.

Jean-Paul pegou e olhou para ele sem dizer nada. Nicolas tinha certeza de que não ia jogá-lo fora. Talvez nunca mais se vissem, mas era certo que não ia jogá-lo fora.

Estendeu a mão para aquele homem e reencontrou seu aperto enérgico.

— A propósito. Tem mais uma coisa que queria lhe perguntar. É uma curiosidade pessoal, não tem nada a ver com essa história.

— Diga.

— Por que *Disque à Risque*?

— Ah, isso… Quando montei a loja, não tinha a menor ideia de como aquela história ia terminar. Não eram os clientes que corriam risco, era eu!

Hulot saiu sorrindo e sacudindo a cabeça, enquanto Francis o observava do portão aberto.

Ao chegar ao carro, enfiou as mãos no bolso do paletó em busca das chaves. Sentiu sob os dedos a textura da folha de papel azul que Jean-Paul havia lhe dado com o nome e o número de telefone. Pegou-a e ficou olhando por um

instante, absorto.

Pensou que, provavelmente, *Disque à Risque*, loja de discos raros, tinha obtido seu maior sucesso vários anos depois de falir.

42

ENQUANTO ATRAVESSAVA CARNOUX-EN-PROVENCE INDO PARA CASSIS, o telefonema de Morelli chegou. O dispositivo eletrônico do celular interferiu no aparelho de rádio que, sintonizado na Europe 2, começou a emitir um leve chiado. Um segundo depois, o telefone tocou. Hulot pegou o aparelho pousado no banco do carona e ativou a recepção.

— Sim.

— Delegado, é Morelli. Achei o endereço que me pediu. Demorei um pouco porque o senhor tinha razão. O número não está mais em uso. É uma numeração antiga. Tive que procurar na época da France Télécom.

Hulot involuntariamente exprimiu desapontamento.

— Pode dizer, Morelli.

— O número corresponde a uma empresa agrícola, Domaine La Patience. Chemin de l'Hiver, Cassis. Mas tem uma coisa…

— O quê?

— O telefone foi desligado à revelia. Ninguém requisitou o desligamento. De uma hora para outra, pararam de pagar e a telefônica desativou a linha, depois de alguns avisos sem resposta. A pessoa com quem falei não sabia dizer mais nada. Para maiores detalhes, teríamos que fazer uma pesquisa mais aprofundada e não achei que fosse o caso…

— Não tem problema, Claude, isso está ótimo. Obrigado.

— Não há de quê, delegado.

Houve uma ligeira hesitação do outro lado da linha. Hulot percebeu que Morelli estava esperando algum comentário seu.

— Pode falar.

— Está tudo bem?

— Sim, Morelli, tudo bem. Amanhã vou poder dizer se ficou melhor ainda. Por enquanto, espero que tenhamos um bom dia.

— Eu também, delegado. Cuide-se.

Hulot colocou o telefone de volta no banco a seu lado. Não precisava anotar os dados fornecidos por Morelli. Já estavam impressos em sua mente e lá ainda ficariam por muito tempo. Enquanto saía de Carnoux, pequena cidade da Provença, moderna, limpa e organizada, deixou que outras lembranças desfilassem livremente por sua memória.

Percorrera aquela mesma estrada indo para Cassis com Céline e Stéphane, muitos anos antes, numa viagem de férias em que riram e se divertiram, na qual ele alcançou aquilo que definiu depois como a perfeição do bem-estar, para não incomodar palavras mais complicadas. Comparada com sua vida atual, aquilo era a verdadeira felicidade, que exauriu sua vida ulterior, tão grande foi a energia que dedicou à saudade. Seu filho tinha 7 anos, talvez um pouco menos, naquela época. Chegara a Cassis e Stéphane fora quase imediatamente invadido por aquela excitação que toma conta de todas as crianças quando chegam a uma cidade de praia. Estacionaram o carro na periferia da cidadezinha e dirigiram-se para o mar descendo por uma ruazinha estreita, varrida por uma brisa fresca que fazia as roupas esvoaçarem.

Quando chegaram à marina, foram recebidos pelo bosque de mastros dos veleiros. Ao fundo, desenhava-se o farol com sua cúpula pintada de verde e, além dos diques de cimento, construídos para proteger o cais, entrevia-se o mar aberto.

Tomaram um sorvete e fizeram um passeio de barco nas *calanques*, estreitas enseadas sobre o mar, como pequenos fiordes que pareciam tão franceses, de água límpida e transparente. Durante o trajeto, ele fingiu que ficava enjoado: Céline e Stéphane riram histericamente de suas caretas, seus olhos esbugalhados e suas falsas ânsias de vômito. Esqueceu por completo que era um oficial da polícia e foi única e exclusivamente um marido, um pai e um palhaço.

Para, papai, vou morrer de tanto rir…

Hulot pensou em quem traçava os caminhos da existência. Quem escrevia os roteiros tinha um estranho e às vezes macabro senso de humor. Enquanto rodava pelas ruas da cidadezinha, tantos anos atrás, com a mulher e o filho, feliz e despreocupado, em algum lugar um homem recebia o telefonema, e então o proprietário de uma loja de discos em maus lençóis aceitava vender seu exemplar de uma gravação raríssima. Talvez tivessem cruzado com ele em seus passeios. Talvez, ao sair de Cassis, tivessem seguido seu carro num trecho de estrada quando esse homem estava indo pegar o disco em Aix.

Quando chegou à periferia da cidade, estacionou as lembranças de um passado feliz junto com o carro. Do último andar do estacionamento em que deixou o 206, que uma placa batizava de “Parking de la Viguerie — 310 vagas”,

contemplou a paisagem.

Cassis não parecia muito diferente de como a recordava. Os diques da marina tiveram seu cimento reforçados, algumas casas foram reformadas, outras haviam se deteriorado, mas havia cal e tinta suficientes para fazer os turistas esquecerem que o tempo passava.

Talvez fosse aquele o sentido das férias: esquecer…

Pensou sobre qual atitude assumir. O mais simples seria pedir informações na polícia local, mas sua busca tinha se transformado numa espécie de investigação particular e não queria chamar atenção; pelo menos, não mais que o necessário. Por outro lado, um sujeito fazendo perguntas por ali, mesmo numa cidade cheia de turistas, cedo ou tarde deixaria de passar despercebido. Era uma pequena cidade onde todos se conheciam, e ele ia mexer num vespeiro.

A ruazinha que tomou para descer à marina era a mesma que havia percorrido com sua família tempos atrás. Um homem de uma certa idade, carregando um cesto de vime com ouriços-do-mar, subia a rua lentamente. Hulot parou e deteve o velho. Ao contrário do que esperava, o homem não deu o menor sinal de que estava ofegante.

— Desculpe…

— O que é? — perguntou o velho bruscamente.

— Preciso de uma informação, por favor.

O homem colocou o cesto de ouriços no chão, e olhou para eles como se temesse que se estragassem. Cheio de má vontade, ergueu os olhos emoldurados por bastas sobrancelhas ainda escuras.

— Pode dizer.

— Conhece um lugar que se chama La Patience?

— Sim.

Hulot avaliou por um instante se o respeito que sentia pelos mais velhos era realmente superior à profunda irritação que sentia pelos babacas, jovens ou velhos. Com um suspiro, resolveu deixar para lá.

— Poderia me fazer a gentileza de dizer onde fica?

O velho fez um gesto com a mão indicando um ponto vago além das casas.

— Fica fora da cidade.

— Foi o que pensei…

Hulot teve que fazer um esforço para não agarrar aquele homem pelo pescoço. Esperou pacientemente, mas a expressão de seu rosto deve ter aconselhado o interlocutor a não esticar demais a corda.

— Está de carro?

— Sim, estou.

— Então saia da cidade seguindo a perimetral. No sinal, dobre à direita, na direção de Roquefort. Quando chegar a um trevo, procure uma placa à direita com “Les Janots”. Seguindo o caminho, logo à esquerda tem uma estradinha de terra que passa por uma ponte de pedra sobre a ferrovia. Siga por ali e, quando encontrar a bifurcação, dobre à direita. A estrada acaba em La Patience.

— Obrigado.

Sem uma palavra, o velho pegou seu cesto de frutos do mar e retomou seu caminho.

Hulot finalmente sentiu a excitação de seguir uma pista. Retornou pela mesma rua a passos largos e quando chegou ao carro, quem ofegava era ele. Seguiu as indicações que, apesar da má vontade, eram perfeitas e tomou a estradinha de terra que subia para o maciço rochoso que, do alto, emoldurava Cassis. A vegetação mediterrânea, misturada com lariços e oliveiras, escondia quase completamente a espécie de desfiladeiro por onde corria a ferrovia. Quando atravessou a ponte de pedra indicada pelo velho, um cão de pelos dourados, aparentando um vago parentesco com um labrador, correu atrás do Peugeot, latindo.

Quando chegaram à bifurcação, considerando evidentemente que seu trabalho estava encerrado, ele parou de correr e latir e foi embora, trotando para um sítio à esquerda.

Hulot continuou na estrada, que subia cada vez mais, ladeada por um bosque cujos troncos grossos às vezes escondiam a vista do mar. As manchas coloridas das flores desapareciam à medida que a cidade ficava para trás, sendo, então, substituídas pelo verde das coníferas, dos arbustos e pelo perfume agudo da vegetação rasteira misturada ao cheiro do mar.

A estrada continuou por mais alguns quilômetros, tantos que Hulot começou a suspeitar que o velho tinha lhe dado informações erradas, só pelo prazer de fazê-lo rodar sem rumo. Talvez estivesse em casa naquele mesmo instante com algum Jean ou René ou Armand, comendo seus ouriços e rindo do babaca do turista que rodava como um pião pelas montanhas.

Enquanto pensava essas coisas, a estrada fez uma curva e, depois dela, avistou La Patience.

Agradeceu mentalmente a Jean-Paul e sua caixa mágica. Se conseguisse pôr as mãos naquele disco de Robert Fulton, considerava justo devolvê-lo a Francis. Com o coração batendo na garganta, percorreu o caminho que o separava da construção entalhada contra a rocha da montanha, na qual parecia se apoiar.

Passou sob um arco de tijolos coberto por trepadeiras e pegou a alameda de acesso que levava ao pátio da grande casa senhorial de dois andares. À medida

que se aproximava, a sensação de triunfo que a visão da propriedade tinha provocado ia dando lugar à desilusão. O mato cobrira quase por completo o caminho de cascalho, deixando parcialmente livres apenas duas linhas paralelas que pareciam trilhos por onde as rodas do carro se moviam. Enquanto avançava, podia ouvir os arbustos arranhando a parte de baixo do carro num rumor que parecia estranhamente sinistro naquele silêncio.

Com a mudança de perspectiva, pôde notar que os fundos da casa estavam em ruínas. O teto havia desmoronado quase totalmente, deixando de pé apenas a fachada. Traves enegrecidas apontavam para o céu como dedos escuros dos cantores de um coro *gospel*, despontando do que restara da velha estrutura, cujas telhas caídas sepultavam o terreno. As paredes estavam rachadas e cobertas de fuligem, testemunhando que a casa fora vítima de um furioso incêndio que a devastara quase completamente, deixando a fachada como o falso edifício de um cenário teatral.

Tudo aquilo devia ter acontecido havia muito tempo, pois o mato e as trepadeiras tiveram tempo suficiente para se reapropriar do que sempre tinha sido sua propriedade. Parecia que a natureza estava tecendo lentamente um delicado e paciente trabalho de tricô para recobrir a ferida aberta pelos homens em sua carne.

Hulot parou o carro no pátio e saiu para o ar livre. Olhou ao redor. A vista dali era estupenda. Descortinava-se todo o vale, pontilhado por casas isoladas e vinhas que se alternavam com trechos de vegetação silvestre, descendo em degraus até Cassis, branca e bela, apoiada à costa como uma mulher em um balcão, olhando o mar que risca o horizonte.

Os restos de um jardim e as estruturas enferrujadas de ferro batido testemunhavam que, em seu tempo, aquela casa devia ser uma verdadeira beleza. Na primavera, os jardins deviam ser autênticos espetáculos da natureza. Mas, agora, por todo lado, tufos incultos de lavanda eram os novos patrões. As persianas fechadas e as paredes marcadas pelo fogo, as gramíneas que enterravam as raízes nas rachaduras, como um ladrão enfia os dedos na bolsa de sua vítima distraída, davam uma sensação de desolação e abandono da qual era difícil escapar.

Hulot viu um carro chegando da estrada e percorrendo a alameda. Parado no meio do pátio, o delegado esperou. Logo depois, um Renault Kangoo estacionou ao lado do seu Peugeot. Dois homens vestidos com roupas simples de trabalho desembarcaram: um mais velho, na casa dos 60 anos, e outro mais jovem, por volta dos 30, meio atarracado, com uma cara estúpida e barba longa e escura. O homem mais jovem nem se dignou a olhar para o outro. Abriu a mala da

caminhonete e começou a descarregar os apetrechos de jardinagem.

O mais velho dava instruções.

— Pode ir começando, Bertot. Já volto.

E depois de deixar claro quem era o chefe ali, veio em direção a Hulot. Visto mais de perto, seu rosto de nariz achatado também não transpirava inteligência pelos poros. Parecia uma espécie de versão mais longilínea e curtida do outro.

— Bom-dia.

— Bom-dia para o senhor também.

Hulot tentou evitar qualquer protesto com uma atitude humilde. Sorriu com sua melhor cara de bom moço.

— Espero não ter cometido nenhuma infração e, se o fiz, peço desculpas. Acho que errei o caminho lá embaixo, mas continuei em busca de um local para fazer o retorno até chegar aqui. Quando vi a casa, a curiosidade falou mais alto. Resolvi subir para dar uma olhada. Já estou indo embora.

— Não há pressa, não está incomodando ninguém. Não sobrou nada por aqui que valha a pena roubar, a não ser terra e mato. É um turista, não é?

— Sim.

— Foi o que imaginei.

Imaginou o quê, meu belo Gastão? Acabou de passar por um carro com placa de Montecarlo. Até mesmo alguém com uma bengala branca e um cão-guia teria entendido.*

Mas o homem deu de ombros em sinal de modéstia.

— Às vezes chegam algumas pessoas aqui em cima. Por acaso, como o senhor, ou por curiosidade, como a maior parte dos outros. A gente de Cassis não vem aqui se não for obrigada. Eu também, para dizer a verdade, não dou pulos de alegria toda vez que sou obrigado a vir. Depois do que aconteceu, sobretudo… mas fazer o quê? Trabalho é trabalho e nos tempos que correm não é bom fazer corpo mole. Já se passaram muitos anos, e ainda assim esse lugar continua a me dar arrepios…

— Por quê, o que houve por aqui?

— Não conhece a história de La Patience?

Olhou para Hulot como se fosse impossível que alguém desse planeta ignorasse a história de La Patience. Depois daquilo, se o visse escapar num disco voador, talvez seu único comentário fosse: “Ah, bem que desconfiei…”

Nicolas deu corda.

— Não, acho que nunca ouvi falar.

— Houve um crime, ou melhor, uma série de crimes. Tem certeza de que nunca ouviu falar?

Hulot sentiu sua pulsação acelerar levemente.

— Não, nunca.

O homem tirou um pacote de tabaco e começou a enrolar, com uma certa perícia, um cigarro no papel que tirou do bolso da jaqueta. Como sempre acontece com as pessoas simples quando percebem que são depositárias de uma história interessante, começou a falar tratando de valorizar sua narrativa.

— Não conheço a história em seus mínimos detalhes porque não morava em Cassis na época. Mas parece que o sujeito que morava nessa casa matou a governanta e o filho, antes de tocar fogo em tudo e dar um tiro de revólver na própria cabeça.

— Nossa!

— Pois é, não é qualquer coisa. Dizem na cidade que era um sujeito meio doido e que, se o viram vinte vezes, ele e o filho, foi muito. A governanta descia para fazer as compras, mas não dava confiança a ninguém. Bom-dia, boa-tarde e tchau! Nem cultivava a terra e olhe que era muita. Passou a administração para uma agência imobiliária, que alugava para os produtores de vinho da região. Vivia sozinho como um eremita, no alto dessa montanha. Acho que com o passar do tempo a cabeça dele fundiu de vez e acabou fazendo o que fez…

— Três pessoas, é?

— É. Os dois, o homem e a mulher, foram encontrados completamente carbonizados. O corpo do filho, ao contrário, foi recuperado intacto quando conseguiram apagar o fogo. E ainda bem que perceberam o incêndio a tempo, senão teria queimado meia montanha.

Indicou com o dedo o homem mais jovem que chegou com ele.

— O pai de Bertot, que naquela época trabalhava no corpo de bombeiros, me disse que quando entraram na casa, depois de apagarem as chamas, o corpo do rapaz estava num estado tão lamentável, tanto que preferiam que estivesse carbonizado, como os outros dois. Pense só que o corpo do pai estava tão queimado que a bala que enfiou na cabeça se derreteu…

— O que quer dizer “num estado tão lamentável”?

— Bem, o pai de Bertot disse que não tinha mais rosto, não sei se me entende, como se alguém tivesse arrancado a pele da cabeça. E depois, não me venham dizer que o sujeito não era doido…

Hulot sentiu que suas tripas se enrolavam pelas paredes do estômago, como as trepadeiras nas paredes rachadas.

Santo Deus, o rapaz não tinha mais rosto, como se alguém o tivesse arrancado da cabeça.

Como uma série de slides do inferno, uma série de rostos sem pele passou

diante de seus olhos. Jochen Welder e Arijane Parker. Allen Yoshida. Gregor Yatzimin. Via seus olhos sem pálpebras escancarados para o nada, como uma condenação sem fim do assassino e de quem não soube impedir que aquilo acontecesse.

Teve a impressão de que ouvia uma voz distorcida que sussurrava em seus dois ouvidos, num soturno efeito estéreo, aquelas duas palavras malditas.

Eu mato…

Apesar do ar quente da tarde de verão, estremeceu dentro do paletó de algodão sem forro. Um rio de suor começou a escorrer de sua axila direita para a cintura.

— E o que aconteceu depois? — perguntou com uma voz repentinamente estranha.

O homem não percebeu ou pensou que era a reação normal de um daqueles turistas aveadados diante dos fatos sangrentos que contava.

— Bem, a mecânica do crime era clara e então, depois de excluir todas as alternativas, uma por uma, arquivaram a coisa como homicídio duplo e suicídio. Com certeza, não foi uma boa publicidade para La Patience…

— Não apareceram herdeiros?

— É justamente o que estava dizendo. Nada de herdeiros, portanto a propriedade passou a fazer parte do patrimônio público. Foi colocada à venda e ainda está à venda até agora, mas quem vai querer ficar com ela depois de tudo o que aconteceu? Eu não quereria nem de presente. A prefeitura entregou a administração à mesma agência que já tratava do aluguel das terras antes. Com esse dinheiro, paga as despesas de manutenção e a própria agência. Eu venho aqui de vez em quando para impedir que o mato tome conta do que ainda resta da casa.

— E onde foram sepultados os corpos das vítimas?

Hulot tentou dar à pergunta o tom casual de simples curiosidade de um homem comum, mas com aquele sujeito não era necessário usar de muita sutileza. Estava tão empolgado que provavelmente contaria sua história até o fim mesmo que ele fosse embora e o deixasse sozinho ali.

— Ah, acho que no cemitério da cidadezinha, que fica em cima da marina, na colina. Se já andou por ali certamente já o viu.

Hulot tinha uma vaga lembrança de um campo-santo próximo ao estacionamento onde havia parado antes.

— E como se chamavam as pessoas que moravam aqui?

— Ah, não lembro direito, um nome com Le… Le alguma coisa: Legrand ou Le Normand, acho.

Hulot olhou ostensivamente para o relógio.

— Nossa, já é tarde. É incrível como o tempo passa rápido quando a gente está ouvindo uma boa história. Meus amigos devem estar se perguntando onde me meti. Muito obrigado pela história.

— De nada. Não há o que agradecer. Boas férias.

O homem virou e foi unir sua ciência à de Bertot. Quando estava entrando no carro, Hulot ouviu que o chamava.

— Ei, senhor. Se quiser comer um bom peixe, vá com seus amigos ao La Coquille d'Or, na marina. Se escolher outro e for passado para trás, não venha reclamar comigo depois. Lembre, La Coquille d'Or. É do meu cunhado. Diga que foi Gastão quem mandou, vai ser bem tratado.

Ora, ora! Gastão, o belo Gastão. Veja só, acertei na mosca. Hoje é mesmo meu dia de sorte, pensou Hulot ligando o motor.

No caminho de volta para Cassis, excitado e firmemente decidido a visitar o cemitério local, Nicolas Hulot pensou que ainda precisaria de muita sorte para acertar certas contas.

* Personagem do conto *A bela e a fera.* (*N. da T.*)

43

NICOLAS HULOT RETIROU O TÍQUETE DO ESTACIONAMENTO do distribuidor automático e foi deixar o carro exatamente no mesmo lugar em que havia estacionado antes.

Dali dava para ver, um pouco mais acima, à esquerda do Parking de la Viguerie, um pequeno cemitério cercado de ciprestes.

Deixou o carro, saiu do estacionamento e encaminhou-se para a ladeira que parecia uma continuação do caminho que tinha descido há pouco. Enquanto subia para o cemitério, viu uma quadra cimentada, bem embaixo do cemitério, onde tinham sido desenhadas as linhas de duas quadras de tênis e uma de basquete. Um grupo de rapazes se agitava ao redor de uma bola, empenhados na partida de basquete que jogavam em torno de uma única cesta.

Achou estranha a presença de uma quadra esportiva exatamente embaixo de um campo-santo. Mas era estranho num sentido positivo. No fundo, não era falta de respeito, mas o simples e contínuo confronto entre a vida e a morte, sem traumas, sem falsos pudores. Se acreditasse em fábulas, teria pensado que aquela vizinhança era uma maneira de os vivos dividirem um pouco de vida com quem não a possui mais.

Chegou à viela do cemitério.

Uma placa azul, pendurada num poste, avisava que estava na Allée du Souvenir Français. Numa parede construída na encosta, diante dele, uma placa branca com bordas vermelhas e azuis dizia a mesma coisa.

Percorreu as poucas dezenas de metros de terra batida que levavam até o portão do cemitério, colocado sob um arco, à esquerda. Ao lado do portão, pendurado num quadro de avisos desgastado pelas intempéries, um cartaz avisava que no inverno o zelador só estava disponível das 9 às 17h.

Hulot passou sob o arco e entrou no cemitério, ouvindo o chiado do cascalho sob os sapatos.

Imediatamente percebeu o silêncio.

Não importava que logo abaixo dele um grupo de rapazes gritasse no

entusiasmo do jogo, que a cidadezinha estivesse cheia de turistas e do burburinho de verão, que se ouvissem ao longe os rumores dos carros que chegavam e partiam.

Parecia que a cerca fora construída com uma espécie de material à prova de som que não impedia o rumor, mas mudava sua natureza, de modo que o que se respirasse lá dentro fizesse se integrasse ao silêncio.

Avançou lentamente pela viela em meio aos túmulos.

A excitação por seus pequenos progressos tinha diminuído no breve trajeto de La Patience até lá. Agora era o momento da racionalidade, do convite à calma, à reflexão. Agora era o momento de recordar *a si mesmo* que a vida de alguém dependia dele e de suas próximas descobertas.

O cemitério era muito pequeno, uma série de vielas formando um tabuleiro de xadrez entre as tumbas. À direita, para desfrutar melhor o pouco espaço à disposição, uma escada de cimento subia para uma série de terraços nos quais se adivinhavam outros túmulos dispostos sobre a colina que prosseguia para o alto, além das cercas.

No centro, um enorme cipreste subia em direção ao céu sereno.

À direita e à esquerda, apoiadas nos dois lados do muro que cercava o cemitério, havia duas pequenas construções de alvenaria com teto de telhas vermelhas. A da direita, a julgar pela cruz na ponta do telhado, parecia uma capela. A outra provavelmente servia como depósito de material e, enquanto a observava, sua porta se abriu e um homem saiu de lá.

Hulot foi em sua direção, perguntando-se que papel assumir. Como acontece muitas vezes com atores e policiais, mestres em mentiras, decidiu confiar na intuição do momento e na improvisação.

Foi até o homem que nesse meio-tempo tinha chegado mais perto.

— Bom-dia.

— Boa-tarde.

Hulot olhou para o sol que se dirigia para um poente triunfal e percebeu que não tinha se dado conta da passagem do tempo.

— Claro, tem razão: boa-tarde. Por favor…

Titubeou um instante e depois resolveu que seria apenas um turista curioso. Tentou compor a máscara de uma cara inexpressiva.

— O senhor é o zelador?

— Sim.

— Ouvi uma história horrível por aí. Aconteceu já faz algum tempo, com a…

— Está falando do crime de La Patience? — interrompeu o guarda.

— Exatamente. Estava me perguntando, assim, por curiosidade, se seria

possível dar uma olhadinha nos túmulos.

— O senhor é da polícia?

Nicolas ficou perplexo. Olhou para o homem diante dele como se de repente tivesse ganhado uma terceira narina. Sua expressão deu ao outro a certeza de ter acertado o alvo e arrancou-lhe um sorriso.

— Não se preocupe, não está escrito na sua testa. É que, nos meus tempos de mocidade, andei aprontando e tive uns probleminhas com a polícia. É por isso que aprendi a reconhecer vocês….

Hulot não confirmou nem desmentiu oficialmente.

— Quer ver o túmulo dos Legrand, não é? Venha comigo.

Não fez perguntas. Se aquele homem tinha um passado turbulento que o levou a viver ali, numa cidadezinha onde há quem queira saber de tudo e quem não queira saber de nada, era bastante claro qual lado escolhera.

Foi atrás dele até a escada sob os terraços. Subiram alguns degraus e, quando chegaram ao topo, o guarda virou à esquerda. Parou na frente de uma série de túmulos enfileirados. Hulot deslizou o olhar pelas lápides pousadas no chão e levemente inclinadas em relação ao horizonte. Cada uma tinha inscrições bem simples: um nome e uma data esculpidos na pedra.

Laura de Dominicis	1943-1971
Daniel Legrand	1970-1992
Marcel Legrand	1992
Françoise Mautisse	1992

Não havia fotos sobre as lápides. Aliás, notou que muitas delas não as tinham. Naquele contexto, não estranhou muito, mas gostaria de ter alguns rostos para recordar e usar como referência.

O guarda deve ter lido seus pensamentos.

— Não há fotos nas lápides porque queimaram no incêndio.

— E por que só duas têm a data de nascimento?

— As que têm são da mãe e do filho. Quanto às outras duas, acho que não conseguiram descobrir a tempo. E depois…

Fez um gesto significando que depois não havia mais ninguém interessado em colocá-las.

— Como aconteceu? — perguntou o delegado sem levantar os olhos das placas de mármore.

— Uma história horrível, não somente pelo fato em si. Legrand era um sujeito estranho, solitário. Chegou à cidade logo depois de comprar a propriedade, La Patience, com a mulher grávida e uma outra que parecia ser uma espécie de governanta "faz-tudo". Instalou-se e logo ficou claro que comportamento teria: discrição total. A mulher teve o filho em casa, sozinha, provavelmente assistida por ele e pela governanta.

Indicou o túmulo com um gesto.

— A mulher morreu alguns meses depois do parto. Talvez não acontecesse se tivesse ido para um hospital. Pelo menos foi o que disse o médico que assinou seu atestado de óbito. Mas o homem era assim. Parecia odiar as pessoas. O filho praticamente nunca foi visto, não foi batizado, não frequentou a escola. Devia ter professores particulares, talvez o próprio pai, pois fazia as provas no final de cada ano letivo e pronto.

— Nunca o viu?

O guarda fez que sim com a cabeça.

— De vez em quando, muito raramente, vinha com o pai trazer algumas flores para o túmulo da mãe. Em geral, era a empregada quem cuidava disso. Uma vez aconteceu uma coisa…

— O quê?

— Uma coisa boba, mas que explicava bem que tipo de relação havia entre pai e filho. Eu estava lá dentro…

Apontou para a pequena construção de onde Hulot o viu sair.

— Quando saí, eu o vi, quero dizer, o pai, diante do túmulo, de costas. O menino estava ao lado do depósito, apoiado à rede, olhando alguns meninos que jogavam futebol. Quando me ouviu sair, virou a cabeça para mim. Era um menino normal, bonito até, eu diria, mas tinha uns olhos estranhos, não sei explicar… a melhor palavra é tristes, é isso, tristes, eu acho. Os olhos mais tristes que já vi. Deve ter aproveitado um minuto de distração do pai para ir até lá, atraído pelas vozes dos outros meninos. Aproximei-me para falar com ele, mas o pai chegou com uma fúria violenta por trás de nós. Chamou o menino pelo nome. Posso lhe dizer uma coisa?

O zelador fez uma pausa, dando a impressão de que estava limpando até o menor grão de poeira daquela lembrança. Fitou-o como se não o estivesse vendo, mas revivesse aquele momento.

— O tom de voz com que disse "Daniel!' era o mesmo de um homem que grita "Fogo!" a um pelotão de fuzilamento. O menino virou-se para o pai e começou a tremer. Tremia feito vara verde. Legrand não disse nada. Limitou-se a olhar para o filho com os olhos arregalados, de doido. Tremia de raiva quase

tanto quanto o filho tremia de medo. Não sei o que acontecia naquela casa normalmente. Só sei que naquela hora *o menino se mijou nas calças*!

O zelador baixou os olhos para o chão por um momento.

— Pode imaginar que, anos depois, não fiquei nada surpreso quando soube da carnificina que Legrand promovera. Acho que entende o que quero dizer…

— Pelo que sei, ele se suicidou depois de matar a governanta e o filho e atear fogo à casa.

— Exatamente. Ou pelo menos foi o que a investigação concluiu. Não havia motivo para se suspeitar que não fosse assim, e o comportamento daquele homem justificava amplamente essa hipótese. Mas aqueles olhos…

Olhou para o vazio sacudindo a cabeça.

— Nunca vou conseguir tirar aqueles olhos de louco da cabeça.

— Tem mais alguma coisa que poderia me dizer? Lembra de mais algum detalhe?

— Claro, aconteceram outras coisas estranhas desde então. Muitas, eu diria.

— Ou seja?

— Ah, o roubo do corpo, por exemplo. Depois a história das flores…

Por um instante, Hulot pensou que tinha entendido mal.

— Que corpo?

— O dele.

O homem apontou para a lápide de Daniel Legrand.

— Cerca de um ano depois da história, a tumba foi profanada durante a noite. Quando cheguei de manhã, encontrei o portão arrombado, a pedra da lápide removida e o caixão aberto. E nenhum sinal do corpo do rapaz. A polícia pensou que devia ser algum maníaco necrófilo que…

— Mas você falou também alguma coisa a respeito de flores… — interrompeu Nicolas.

— É, teve isso também. Uns dois meses depois do sepultamento, recebi uma carta escrita à máquina. Foi entregue a mim porque era endereçada ao zelador do cemitério de Cassis. Dentro tinha dinheiro. Não um cheque, note bem, mas um maço de notas enroladas no papel da carta.

— E o que estava escrito?

— O dinheiro era o pagamento por cuidar do túmulo de Daniel Legrand e da mãe. Nenhuma palavra sobre o pai e a governanta. Quem escreveu pedia que mantivesse as lápides limpas e sempre com flores frescas. O dinheiro continuou a chegar mesmo depois do furto do corpo.

— Até agora?

— Recebi a última no mês passado. Se nada mudar, a próxima deve chegar mês que vem.

— Guardou as cartas? Algum envelope?

O zelador deu de ombros. Sacudiu levemente a cabeça negando.

— Acho que não. Quanto à carta, já se passaram muitos anos. Posso olhar em casa, mas não acredito que vá encontrá-la. Quanto aos envelopes, não sei, devo ter algum. Em todo caso, posso lhe entregar o que vou receber dentro em breve, se receber…

— Ficaria agradecido. E ficaria muito grato se não dissesse nada a ninguém sobre essa nossa conversa.

O zelador fez um gesto significando que Hulot podia contar com isso.

— Não se preocupe.

Enquanto conversavam, uma mulher vestida de escuro, com um lenço na cabeça, subiu as escadas carregando um buquê de flores. Com um estranho passo de chinês, foi até um túmulo de pedra na mesma fila dos Legrand. Ajoelhou-se e acariciou com um gesto carinhoso o mármore da lápide. Falou com o túmulo em voz baixa:

— Desculpe o atraso, mas tive um probleminha em casa. Vou pegar água e depois explico.

Colocou o buquê sobre a pedra, retirou as flores velhas do vaso e pegou-o de cima da lápide. Afastou-se para enchê-lo. O guarda seguiu o olhar de Nicolas e antecipou sua pergunta. Seu rosto expressava piedade.

— Pobre mulher, não? Foi um período realmente infeliz para Cassis. Pouco antes dos acontecimentos em La Patience, a desgraça arruinou sua vida. Foi uma banalidade, se podemos definir a morte de uma pessoa desse modo. Um acidente num mergulho. O filho mergulhava para pegar ouriços e vender aos turistas numa banquinha na marina. Certo dia, ele não retornou. Encontraram seu barco ancorado a pouca distância das *calanques*, abandonado junto com suas roupas. Quando o mar devolveu o corpo, a autópsia revelou que tinha morrido afogado, provavelmente por causa de algum mal-estar durante o mergulho. Depois da morte do rapaz…

O guarda fez uma pausa e girou significativamente o dedo ao redor da têmpora.

— …seu cérebro se foi junto com ele.

Hulot ficou olhando a figura da mulher que estava jogando as flores retiradas do túmulo na cesta de lixo.

Pensou em Céline, sua mulher. Tinha acontecido a mesma coisa com ela depois da morte de Stéphane. A definição do zelador era perfeita.

Seu cérebro se foi junto com ele…

Com o coração apertado, ficou imaginando se alguém já tinha se referido a ela girando o dedo silenciosamente ao lado da cabeça. A voz do zelador o trouxe de volta ao cemitério de uma pequena cidade chamada Cassis, diante do túmulo de uma família destruída.

— Se não precisar mais de mim…

— Claro, tem razão, me desculpe, senhor…

— Norbert, Luc Norbert.

— Peço perdão por ter abusado de seu tempo. Imagino que precise fechar.

— Não, no verão o cemitério fica aberto até mais tarde. Venho depois para fechar o portão, quando escurecer.

— Então, se não o incomoda, gostaria de ficar mais um pouco.

— Faça como quiser. Se precisar de mim, pode me encontrar aqui ou perguntar a alguém na cidade. Todos me conhecem e qualquer um pode dizer onde é minha casa. Boa-tarde, senhor…

Hulot compreendeu e sorriu. Decidiu que o sr. Norbert merecia uma pequena recompensa.

— Hulot. Delegado Nicolas Hulot.

— Sim, delegado Hulot. Bem, boa-tarde, delegado.

— Boa-tarde para o senhor também, e muito obrigado.

O zelador virou de costas e foi embora. Nicolas o seguiu com os olhos enquanto se afastava. A mulher enlutada estava enchendo um vaso com água na bica ao lado da capela. Um pombo tinha pousado no teto da pequena construção. No alto, na direção do mar, planava uma gaivota. Mendigos do mar e da terra, que dividiam irmãmente o alimento entre os dejetos que os homens, aqueles pobres seres que não sabiam voar, deixavam atrás de si.

Olhou novamente para as lápides. Fitou-as como se pudessem falar, enquanto uma avalanche de pensamentos deslizava em sua mente. O que tinha acontecido naquela casa? Quem tinha roubado o corpo desfigurado de Daniel Legrand? Qual era a ligação entre um drama acontecido dez anos atrás e um assassino feroz que desfigurava suas vítimas?

Encaminhou-se para a saída. Percorrendo o caminho de cimento, passou diante do túmulo do rapaz morto acidentalmente durante um mergulho, mais ou menos na mesma época das mortes em La Patience. Parou um instante diante da lápide. Olhou a foto. Um rapaz moreno, de ar esperto, sorria num retrato em branco e preto sobre cerâmica, seguramente arrumado por ocasião da foto. Virou os olhos para ler o nome do morto. Seus olhos se fixaram na inscrição e Nicolas Hulot perdeu o fôlego. Teve a impressão de ouvir o estrondo de um trovão

enquanto as letras pareciam se agigantar até ocupar toda a superfície da lápide.

Num único, brevíssimo, instante compreendeu tudo.

E soube quem era Ninguém.

Sentiu ressoar no cimento, de modo quase imperceptível, o eco de passos que se aproximavam. Pensou que fosse a mulher vestida de escuro voltando para o túmulo de seu filho.

Preso em seus pensamentos, perturbado pela excitação da descoberta, com o coração repercutindo em seus ouvidos na batida longa de um tambor de orquestra, não percebeu o ruído mais leve dos passos que continuavam até suas costas.

Não deu atenção até ouvir a voz.

— Meus parabéns, delegado, não pensei que conseguiria chegar até aqui.

O delegado Nicolas Hulot virou-se lentamente. Quando viu o revólver apontado contra ele, pensou que sua sorte tivesse talvez chegado ao fim.

44

QUANDO FRANK DESPERTOU AINDA ESTAVA ESCURO lá fora. Abriu os olhos e pela enésima vez estava numa cama que não era sua, num quarto que não era seu, numa casa que não lhe pertencia. Mas dessa vez, tudo era diferente. A volta à realidade não levava apenas a mais um dia a ser compartilhado com os mesmos pensamentos do anterior. Virou a cabeça para a esquerda e, na luz azulada de um abajur, viu o corpo adormecido de Helena estendido a seu lado. O lençol cobria parcialmente suas costas e Frank admirou o desenho dos músculos sob a pele, o dorso torneado terminando na linha esguia dos braços. Virou-se de lado, apoiado no quadril, e se aproximou dela como um cão sem dono se aproxima do alimento oferecido por um desconhecido, de modo que antes de mais nada o perfume natural de sua pele chegasse às suas narinas.

Era a segunda noite que passavam juntos.

Na noite anterior haviam voltado para a casa dela e saíram do carro de Frank quase temerosos, como se o abandono do espaço restrito do carro pudesse mudar as coisas, como se aquilo que tinham criado no interior pudesse se dissolver em contato com o ar.

Entraram em casa sem fazer rumor, quase furtivos. Parecia que estavam se aproximando de algo que não era um direito, mas uma coisa da qual se apropriavam por meio da força e do engano.

Frank amaldiçoou aquela sensação doentia e as coisas e pessoas que o levaram a experimentá-la.

Não houve a comida e nem o vinho que Helena prometera.

Houve única e exclusivamente os dois, e suas roupas repentinamente grandes demais, caídas no chão com a naturalidade das promessas cumpridas. Era a necessidade de saciar uma outra fome e uma outra sede ignoradas por muito tempo, era um vazio a preencher que, só naquele instante em que tentavam fazê-lo, conseguiram perceber como era imenso.

Frank voltou a apoiar a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. As imagens começaram a escorrer livremente por trás das pálpebras fechadas.

A porta.

A escada.

A cama.

A pele de Helena, única no mundo em contato com a sua, que finalmente falava uma língua conhecida.

Os olhos tão lindos velados por uma sombra.

O olhar de repente assustado quando Frank a apertou nos braços.

Sua voz, um sopro nos lábios que roçavam os seus.

Por favor, não me faça mal, tinha implorado.

Frank sentiu os olhos úmidos de emoção. Pediu ajuda às palavras inutilmente. Helena pediu a mesma ajuda e também não a encontrou. As únicas explicações entre eles foram a fúria e a ternura com que se buscaram, nas quais se reconheceram, necessitados de uma e de outra. Possuiu seu corpo com toda a delicadeza de que era capaz, desejando ser um deus qualquer com o poder de voltar no tempo e mudar o curso das coisas. E descobriu, enquanto se anulava nela, que era capaz, que ela podia lhe dar a força de se transformar nesse deus e ainda encontrar a força de ser para ele a mesma coisa.

Apagariam o sofrimento, ou então a memória.

A memória…

Depois de Harriet não houve mais nenhuma mulher. Era como se uma parte dele tivesse entrado em suspensão, deixando ativas apenas as funções primárias, aquelas que lhe permitiam beber, comer, respirar, circular pelo mundo como um autômato feito de carne e osso em vez de metal e circuitos eletrônicos. A morte de Harriet lhe ensinara que o amor não se reproduz com a vontade. Ninguém poderia se obrigar a não mais amar. Mas sobretudo, ninguém poderia se obrigar a amar de novo. A vontade não basta, mesmo que férrea: é preciso a bênção do acaso, aquela soma de coisas que milhões de anos de experiências e discussões e poesias ainda não explicaram profundamente, e cuja existência apenas constataram.

Helena era de repente o presente do destino, um silencioso “Oh!” de espanto quando seu planeta, já árido e apagado, girava inerte ao redor de um sol que parecia brilhar apenas para os outros. Era a comoção de descobrir que, em meio às rochas e à terra calcinada pela seca, um único, milagroso fio de relva estava brotando. Ainda não era um retorno à vida, mas uma pequena promessa sussurrada à flor dos lábios, uma hipótese a ser cultivada no sopro gentil da esperança, que, enquanto tal, não traz felicidade, só anseio.

— Está dormindo?

A voz de Helena o surpreendeu seguindo lembranças tão recentes que

pareciam coladas em sua mente como fotos recém-reveladas. Virou-se e deparou com ela na contraluz cúmplice da lâmpada da mesinha de cabeceira, fitando-o com a cabeça apoiada na mão, o cotovelo fincado na cama.

— Não, não estou.

Aproximaram-se e o corpo de Helena deslizou, encaixando-se entre seus braços com a mesma naturalidade com que a água flui no leito de um rio depois de ter lutado longamente contra o obstáculo que bloqueava seu curso. Frank sentiu de novo o milagre da pele de Helena contra a sua. Ela apoiou o rosto em seu peito e sentiu seu cheiro.

— Que cheiro bom, Frank Ottobre. Você é tão bonito.

— Claro que sou bonito. Sou a resposta dos simples mortais a George Clooney. O problema é que ninguém faz a pergunta…

Os lábios de Helena sobre os seus foram a certeza de que ela pretendia fazer aquela pergunta e exigia uma resposta exclusiva. Fizeram amor novamente, com o gosto preguiçoso e sensual de seus corpos ainda um pouco adormecidos, retirados do repouso para um desejo que, naquele momento, era mais mental que físico.

Esqueceram todo o resto do mundo como só o amor faz esquecer.

Depois, de volta, foram obrigados a pagar o preço de sua viagem. Ficaram estendidos, olhando o teto claro, que sobre eles parecia mais distante do que outras presenças, as quais davam a impressão de flutuar na luz âmbar do quarto. Presenças que não se podia expulsar simplesmente fechando os olhos.

Frank passara o dia na central de polícia, seguindo a evolução das investigações sobre Ninguém, constatando a cada hora que passava que os indícios que possuíam oscilavam entre o nada e o zero absoluto, esforçando-se mesmo assim para parecer ativo e concentrado, enquanto sua mente vagava em outras direções.

Seu pensamento estava em Nicolas Hulot, que seguia uma pista escrita num papel tão fino que se podia enxergar através dele a ansiedade pintada em seus rostos. Seu pensamento estava em Helena, presa por uma chantagem ignóbil e por um carcereiro igualmente ignóbil, naquela irônica e inexpugnável prisão que era sua casa de portas e janelas escancaradas para o mundo.

À tardinha voltou a Beausoleil e encontrou-a em pé no jardim. Experimentou a sensação de um viajante que vê a meta de sua peregrinação surgir depois de uma longa e cansativa travessia do deserto.

No tempo que passaram juntos, Nathan Parker telefonara duas vezes de Paris. Da primeira vez, afastou-se discretamente, mas Helena o deteve, segurando-o pelo braço num gesto tão imperioso que o surpreendeu. Acompanhou sua

conversa com o pai, composta sobretudo por monossílabos, enquanto seus olhos não conseguiam esconder um medo que Frank receava que não passasse nunca.

Depois, finalmente, o fone foi passado para Stuart e o rosto de Helena se iluminou ao falar com o filho. Frank percebeu que, durante todos aqueles anos, Stuart era uma tábua de salvação, um local de refúgio, um esconderijo secreto onde podia escrever as cartas que seriam entregues a alguém que ela não sabia se chegaria um dia. Entendeu também que o caminho para seu coração passava inevitavelmente pelo coração do filho. Não era possível ter um sem o outro. Frank se perguntou, com um sopro de inquietude se misturando a sua respiração, se saberia fazê-lo.

A mão de Helena se ergueu e pousou sobre a cicatriz que atravessava a parte esquerda de seu peito, um pedaço de pele rosada que se destacava do resto da epiderme um pouco mais bronzeada. Helena sentiu pelo tato que era uma pele diferente, uma pele que crescera depois, quase como uma couraça, e que, como todas as couraças, tinha a vantagem de suportar os golpes mais duros, mas trazia também a consequência inevitável de atenuar o toque suave das carícias.

— Dói? — perguntou passando delicadamente os dedos, seguindo seu desenho.

— Não mais.

Houve um instante de silêncio, durante o qual Frank pensou que Helena não estava tocando *suas* cicatrizes, mas as *deles* dois.

Estamos vivos, Helena, feridos e sepultados, mas vivos.*E lá de fora dá para ouvir o rumor de alguém que está escavando para nos retirar das ruínas. Andem logo, por favor, andem logo…*

Helena sorriu e um pequeno sol se somou à luz da sala. Virou-se e ficou em cima dele como se demarcasse uma conquista pessoal. Mordeu seu nariz delicadamente.

— Está vendo, se o arrancasse, George Clooney estaria perdendo de um nariz a zero!

Frank ergueu seu rosto segurando-o entre as mãos. Helena tentou resistir sem muita convicção, mas sua boca largou o nariz de Frank com um pequeno estalido. Frank tentou olhar para ela com toda a ternura que os olhos de um homem poderiam transmitir.

— Temo que de agora em diante, com ou sem nariz, eu vá ter muita dificuldade para imaginar minha vida sem você…

Uma sombra passou pelo rosto de Helena. Seus olhos cinzentos tinham a cor da espada de Excalibur. Delicadamente, ela segurou seus pulsos e libertou o rosto. Frank conseguia imaginar os pensamentos que se escondiam por trás

daquele olhar e tentou aliviar a tensão.

— Ei, o que houve? Acho que não disse nada de tão terrível assim. Nem pedi que casasse comigo…

Helena enfiou o rosto na curva de seu ombro. Seu tom de voz dizia que aquele breve intervalo de relaxamento entre eles tinha chegado ao fim.

— Já sou casada, Frank. Ou melhor, fui.

— O que quer dizer com fui?

— Sabe como é o ambiente da política, Frank. É como o mundo do espetáculo. É tudo ficção, representação. Em Washington, como em Hollywood, aceita-se qualquer coisa oficiosamente, desde que não venha a público. Um homem que constrói uma carreira não pode aceitar o escândalo de uma filha que dá à luz um menino sem ter um marido a seu lado.

Frank ficou em silêncio, à espera. Sentia o calor úmido da respiração de Helena acariciando sua pele enquanto falava. A voz chegava na altura de seu ombro, mas era como se viesse do fundo de um poço sem eco.

— E menos ainda se esse homem é o general Nathan Parker. Por tudo isso, sou oficialmente a viúva do capitão Randall Keegan, morto na Guerra do Golfo depois de deixar em casa uma esposa que esperava um filho que não era seu.

Levantou e voltou à posição anterior, o rosto diante do dele. Um sorriso despontou em seus lábios, fitando os olhos de Frank como se só eles pudessem trazer o perdão. Frank nunca imaginou que um sorriso pudesse conter tanta amargura.

Naquela altura, Helena esboçou uma definição de si mesma como se falasse de outra pessoa, de uma mulher que lhe despertava um misto de piedade e desprezo.

— Sou viúva de um homem que vi pela primeira vez no dia de meu casamento e nunca mais, a não ser num caixão coberto com uma bandeira. Não me pergunto o que meu pai fez para convencer esse homem a se casar comigo. Não sei o que lhe prometeu em troca, mas é fácil imaginar. Um casamento quase por procuração, um prazo suficientemente longo para criar uma cortina de fumaça plausível e depois um divórcio resolvendo tudo. Nesse meio-tempo, facilitação da carreira com um tapete vermelho desenrolado à sua passagem… Sabe o que é mais engraçado?

Frank esperou em silêncio. Sabia muito bem que a coisa não teria nada de engraçado.

— O capitão Randall Keegan morreu na Guerra do Golfo sem ter disparado um único tiro. Caiu heroicamente durante as operações de descarga de um avião de transporte, atropelado por um Hammer que perdeu os freios quando descia a

rampa do avião. Um dos mais curtos casamentos da história. E além do mais com um imbecil…

Frank não teve tempo de responder. Ainda estava assimilando essa nova demonstração da perfídia e do poder de Nathan Parker, quando o celular começou a vibrar na mesinha de cabeceira. Conseguiu pegá-lo antes que a campainha tocasse. Olhou a hora. O mostrador do relógio marcava encrenca. Abriu o telefone.

— Alô?

— Frank, é Morelli.

Helena, deitada a seu lado, viu seu rosto se contrair.

— Diga, Claude. Problemas?

— Sim, Frank, mas não do tipo que você pensa. O delegado Hulot sofreu um acidente de carro.

— Quando?

— Não sabemos precisamente. Acabamos de receber a comunicação de um comando da polícia rodoviária francesa. Encontraram o carro dele na região de Auriol, na Provença, numa estrada secundária, no fundo de um barranco. Quem encontrou foi um caçador que estava adestrando seus cães.

— E como ele está?

O breve silêncio de Morelli do outro lado foi eloquente. Frank sentiu o desconsolo derreter seu coração.

Não, Nicolas, você não, agora não. Não desse jeito de merda e nesse momento em que sua vida parecia um lixo. Não assim, enfant terrible…

— Ele morreu, Frank.

Frank apertou o maxilar tão forte que sentiu os dentes rangerem. Os nós de seus dedos ficaram brancos ao redor do telefone. Por um instante, Helena pensou que o aparelho ia se partir em sua mão.

— A mulher dele já sabe?

— Não, ainda não foi avisada. Pensei que você talvez preferisse fazer isso pessoalmente.

— Obrigado, Claude. Ótimo trabalho.

— Preferia não ter que receber esse elogio.

— Eu sei e agradeço também em nome de Céline Hulot.

Helena o viu caminhar até a poltrona onde tinha jogado suas roupas. Começou a enfiar as calças.

Ela sentou-se na cama, cobrindo os seios com um lençol. Frank não percebeu aquele gesto de pudor instintivo em relação a uma nudez que Helena ainda não

vivia como um fato natural.

— O que houve, Frank? Onde vai?

Frank olhou para ela e Helena leu uma dor rancorosa em seu rosto. Viu quando sentou-se na cama para vestir as meias. Sua voz chegou até ela por trás da barreira dos ombros cobertos de cicatrizes.

— Ao pior lugar do mundo, Helena. Vou acordar uma mulher no coração da noite para lhe dizer por que seu marido não voltará para casa nunca mais.

45

CHOVIA NO FUNERAL DE NICOLAS HULOT.

O tempo parecia ter resolvido interromper aquele verão luminoso e derramar do céu as mesmas lágrimas que estavam sendo derramadas por Nicolas na terra. Uma chuva constante e firme, como constante e firme tinha sido a vida de um anônimo delegado de polícia, passada em sua pequena missão de homem comum.

Agora recebia, talvez sem saber, a única recompensa que realmente desejara quando estava vivo: descer para a mesma terra que acolhia o corpo de seu filho, acompanhado de palavras que a esperança criara para consolar os que continuavam vivos.

Céline estava de pé ao lado da cova, perto do padre, o rosto composto na firmeza da dor, sobrevivente desprovida de vontade diante dos túmulos do marido e do filho. Junto a ela, a irmã e o cunhado, chegados às pressas de Carcassonne depois da notícia da morte de Nicolas.

Os funerais seriam particulares, segundo a vontade expressa por Hulot. Apesar disso, uma pequena multidão estava reunida no cemitério de Eze Village por ocasião da cerimônia. Um pouco afastado e acima do local em que tinham cavado a sepultura, Frank observava a massa de gente ao redor do jovem sacerdote que oficiava o funeral de cabeça descoberta apesar da chuva.

Lá estavam os amigos, os conhecidos, os moradores de Eze, todas as pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer e apreciar a consistência do homem que estavam saudando pela última vez. Provavelmente, havia também um certo número de meros curiosos.

Lá estava Morelli, cujo rosto expressava um sofrimento tão agudo que Frank se surpreendeu. Estavam também Roncaille e Durand, representando as autoridades do Principado, e todos os expoentes da Sûreté que não estavam de serviço. Frank viu Froben, num ponto exatamente oposto ao que ocupava, também de cabeça descoberta. Além deles, estavam Bikjalo, Laurent, Jean-Loup, Barbara e grande parte do pessoal da Rádio Monte Carlo. Lá estavam também,

um pouco afastados, Pierrot e a mãe.

Os poucos jornalistas presentes tinham sido mantidos fora do cemitério por uma patrulha que, afinal, mostrou-se dispensável. A morte de um homem num acidente de carro era banal demais para ser realmente interessante, mesmo em se tratando de um delegado que estivera envolvido nas investigações do caso Ninguém e fora afastado.

Frank olhou para o caixão de Nicolas Hulot, que descia lentamente para a cova escavada na terra como uma ferida, acompanhado pela água da chuva e pela água benta misturadas como bênção do céu e dos homens. Dois coveiros usando capas verdes e pás começaram a fechar a sepultura com uma terra que tinha a mesma cor da madeira do caixão.

Frank ficou ali em pé até que a última pá de terra caísse na cova cheia. Pouco a pouco a terra se reacomodaria e alguém contratado para fazê-lo colocaria sobre ela uma lápide de mármore igual a que estava a seu lado, cuja inscrição indicaria que Stéphane Hulot e seu pai, Nicolas, tinham de alguma forma se reencontrado.

O sacerdote deu sua última bênção e todos fizeram o sinal da cruz.

Apesar de tudo, Frank não conseguiu pronunciar a palavra “Amém”.

Logo depois, a multidão começou a se dissolver. Os mais próximos da família começaram a apresentar seus pêsames à viúva antes de partirem. Céline o viu quando recebia o abraço dos Mercier. Cumprimentou Guillaume e seus pais, recebeu as apressadas condolências de Durand e Roncaille, virou e sussurrou alguma coisa à irmã, que a deixou sozinha, seguindo com o marido para o portão do cemitério. Frank observou a figura graciosa de Céline se aproximando com passo calmo, os olhos vermelhos aos quais ela havia negado a proteção de óculos escuros.

Sem uma palavra, Céline se refugiou em seu abraço. Sentia seu pranto silencioso no ombro, quando ela finalmente concedeu uma pausa para as lágrimas incapazes de reconstruir seu pequeno mundo em frangalhos.

Céline se afastou para olhar para ele. Em seus olhos brilhava como um sol incandescente a estrela vívida da dor.

— Obrigado, Frank. Obrigado por estar aqui. Obrigado por ter sido você a me contar. Sei o quanto lhe custou.

Frank não disse nada. Depois do telefonema de Morelli, foi para Eze e chegou à casa de Nicolas. Ficou cinco longos minutos diante da porta de Hulot antes de tomar coragem e tocar a campainha. Quando veio abrir, apertando a gola de um robe sobre a camisola, Céline entendeu tudo imediatamente, assim que o viu. Afinal, era mulher de um policial. Já devia ter imaginado aquela cena anteriormente, vivida como uma funesta eventualidade, invariavelmente afastada

como um mau agouro. Agora Frank estava ali, de pé, na soleira de sua casa, a expressão dolente e o silêncio confirmando que o marido, depois do filho, também não estaria mais ali com ela.

— Aconteceu alguma coisa com Nicolas, não é?

Frank concordou em silêncio.

— Ele está…

— Sim, Céline, está morto.

Céline fechou os olhos por um instante e seu rosto foi invadido por uma palidez mortal. Vacilou levemente e Frank ficou com medo que ela estivesse desmaiando. Deu um passo para a frente para ampará-la, mas ela se recuperou imediatamente. Frank viu uma veia pulsando em sua testa, enquanto pedia detalhes que ele gostaria de poder evitar.

— Como aconteceu?

— Um acidente de carro. Não sei muita coisa. Saiu da estrada com o carro e caiu num barranco. Se pode servir de consolo, não deve ter sofrido.

Enquanto as pronunciava, Frank teve consciência da futilidade de suas palavras. Não, não era um conforto, não podia ser, embora soubesse do tormento por que passaram, Nicolas e Céline: a agonia de Stéphane, em coma, reduzido a um vegetal, ligado a uma máquina que o manteve vivo até que a piedade foi mais forte que a esperança e resolveram dar autorização para que fosse desligada.

— Entre, Frank. Tenho que dar alguns telefonemas, mas posso adiar para amanhã de manhã. E queria lhe pedir um favor…

Quando se virou para encará-lo, seus olhos de mulher ainda apaixonada pelo marido estavam cheios de lágrimas.

— O que você quiser, Céline.

— Não me deixe sozinha essa noite, por favor.

Ligou para o único parente de Nicolas, um irmão que vivia nos Estados Unidos e que, por conta do fuso horário, não receberia a notícia no meio da noite. Explicou a situação brevemente e desligou murmurando “Não, não estou sozinha”, certamente respondendo à preocupação de quem estava do outro lado da linha. Colocou o fone no gancho como se ele fosse fragilíssimo e virou-se para ele.

— Quer um café?

— Não, Céline, obrigado. Não preciso de nada.

— Então vamos nos sentar aqui no sofá, Frank Ottobre. Quero que me abrace e me dê apoio enquanto choro…

E assim foi. Ficaram sentados no sofá, na bela sala de janelas que davam para

o terraço e para o vazio da noite, e Frank a ouviu chorar até que a luz viesse tingir o mar e o céu de azul, por trás das vidraças. Sentiu seu corpo exausto deslizar para uma espécie de torpor e deixou-a ficar, com todo o afeto que devia a ela e Nicolas, até entregá-la, bem mais tarde, aos cuidados da irmã e do cunhado.

E agora estavam ali, no cemitério, um diante do outro novamente, e ele não podia deixar de olhar para ela como se seus olhos quisessem ver dentro dela. Céline entendeu a pergunta que aquele olhar escondia. Sorriu com ternura de sua ingenuidade masculina.

— Não serve para mais nada agora, Frank.

— O que não serve mais?

— Pensei que tivesse entendido…

— Entendido o quê, Céline?

— A minha pequena loucura, Frank. Sabia muito bem que Stéphane estava morto, sempre soube, assim como sei agora que Nicolas não está mais aqui.

Vendo sua expressão perdida, Céline Hulot sorriu ternamente e pousou uma das mãos em seu braço.

— Pobre Frank, sinto muito por ter enganado você também. Sinto muito por tê-lo feito sofrer a cada vez que mencionava Harriet.

Levantou os olhos para fitar o céu cinzento. Um casal de gaivotas esvoaçava no alto, planando preguiçosamente graças ao vento nas alturas. Eram duas, estavam juntas. Talvez Céline estivesse pensando nisso enquanto acompanhava a trajetória de seu voo por um instante. Uma lufada de vento balançou as pontas do lenço que tinha no pescoço e seus olhos voltaram a encontrar os de Frank.

— Era teatro, meu caro. Um pequeno e estúpido teatro para impedir que um homem se abandonasse a si mesmo até morrer. Para ser exata, depois da perda de Stéphane, aqui mesmo, quando saíamos do cemitério após o enterro, tive a certeza de que, se não fizesse alguma coisa, Nicolas ficaria arrasado. Ainda mais que eu. Talvez até a ponto de acabar com tudo.

Céline prosseguiu com a voz de quem está seguindo uma recordação.

— E assim, enquanto voltávamos para casa, tive essa ideia. Pensei que se Nicolas ficasse preocupado comigo, se surgisse um outro motivo de preocupação, pelo menos em parte isso aliviaria seu desespero em relação a Stéphane. Mesmo que fosse uma distração infinitesimal, podia ser útil para evitar o pior. Foi assim que tudo começou. E continuou. Eu o enganei e não me arrependo. Faria tudo de novo se fosse necessário, mas como pode ver, não há mais ninguém para quem eu precise fingir…

Agora, ali no cemitério, as lágrimas escorriam novamente no rosto de Céline

Hulot. Frank fitou a maravilhosa profundidade daqueles olhos.

No mundo, havia muitas pessoas cujo único valor era conseguir se vender como se fossem seda, quando na verdade eram um monte de trapos. Outras que fizeram coisas grandiosas, coisas que mudaram o mundo. Frank pensou que nenhuma delas podia igualar a grandeza daquela mulher.

Céline sorriu de novo, com ternura.

— Tchau, Frank. Não importa o que estiver procurando, espero que encontre logo. Queria muito que fosse feliz, porque você merece. *Au revoir*, bonitão…

Ergueu-se levemente na ponta dos pés e roçou seus lábios com um beijo. Sua mão deixou um rastro doloroso no braço de Frank ao virar de costas e seguir pelo caminho de cascalho.

Frank ficou olhando enquanto ela se afastava. Alguns passos depois, viu que parou e voltou-se para ele.

— Frank, para mim não muda nada. Nada no mundo poderá me trazer Nicolas de volta. Mas pode ser importante para você. Morelli me contou os detalhes do acidente. Leu os relatórios?

— Sim, Céline, com muita atenção.

— Claude me disse que Nicolas não estava com o cinto de segurança na hora do acidente. Foi essa a causa da morte de Stéphane, na época. Se estivesse usando um cinto, nosso filho teria se salvado. Desde então, Nicolas não enfiava nem as chaves na ignição sem antes colocar o cinto. Acho muito estranho que dessa vez não tenha feito isso…

— Não sabia desse detalhe sobre o acidente com seu filho. E agora que falou, também acho estranho.

— Repito, para mim não muda nada. Mas se existe a possibilidade de que Nicolas tenha sido assassinado, quer dizer que estava no caminho certo, que vocês estavam no rumo certo.

Frank concordou com a cabeça, em silêncio. A mulher deu meia-volta e se afastou sem olhar para trás. Enquanto via Céline se distanciar, Roncaille e Durand chegaram, ostentando uma perfeita expressão compungida. Também acompanharam com os olhos a figura de Céline, negra silhueta delicada sob a chuva na alameda de um cemitério.

— Que perda, não é mesmo? Ainda não consigo acreditar…

Frank virou de repente. Sua expressão fez uma sombra passar pelo rosto do chefe de polícia.

— Ah, ainda não conseguem acreditar? Justamente vocês, que sacrificaram Nicolas à sua razão de Estado e deixaram que morresse como um homem derrotado, ainda não conseguem acreditar?

Frank fez uma pausa que colocou sobre eles uma lápide mais pesada do que as que os circundavam.

— Se algum dia sentirem vergonha, admitindo-se que sejam capazes disso, têm todos os motivos para tanto.

Durand levantou a cabeça bruscamente.

— *Mister* Ottobre, só posso justificar seu ressentimento à luz de sua dor, mas não permito…

Frank interrompeu-o abruptamente. Sua voz era seca como o barulho de um galho que se parte sob os pés de alguém.

— Dr. Durand, estou perfeitamente consciente de que minha presença aqui é de difícil digestão para o senhor. Mas quero prender esse assassino mais do que qualquer coisa no mundo e por mil motivos, um dos quais é que devo isso a meu amigo Nicolas Hulot. O que o *senhor* me permite ou não é absolutamente indiferente para mim. Se as circunstâncias e o local fossem outros, posso garantir que pegaria toda sua autoridade e lhe enfiaria goela abaixo junto com os dentes.

O rosto de Durand pegou fogo. Roncaille interveio tentando recompor aquela fratura. Frank espantou-se ao vê-lo tomar uma posição, embora a motivação fosse totalmente discutível.

— Frank, talvez todos estejamos com os nervos um pouco abalados pelos acontecimentos. Creio que é melhor não permitir que as emoções nos dominem. Temos um trabalho a fazer, que já é suficientemente difícil por si só, sem a intromissão de elementos estranhos à questão que possam servir como obstáculos. Nossos dissabores pessoais, sejam quais forem, *têm* que ficar em segundo plano por enquanto.

Roncaille segurou o braço de Durand, que só opôs uma resistência formal, e arrastou-o dali. Os dois se afastaram, protegidos por seus guarda-chuvas, e Frank ficou sozinho.

Deu alguns passos e se viu diante do túmulo que continha os restos mortais de Nicolas Hulot. Ficou observando a chuva que dava início a seu trabalho de nivelamento da terra revolvida, sentindo a raiva ferver dentro dele como lava incandescente na boca de um vulcão.

Uma breve rajada de vento agitou os ramos de uma árvore próxima. O sopro de ar entre as folhagens trouxe a seus ouvidos uma voz que já tinha escutado muitas vezes desde que tudo aquilo começara.

Eu mato…

Ali, bem ali, sob aquele monte de terra recém-feito, estava seu melhor amigo. Era o homem que, quando o viu à deriva, teve a força de estender a mão no momento em que mais precisava. Era o homem que tinha tido a coragem de

confessar todas as suas fraquezas e, exatamente por isso, se tornara ainda maior a seus olhos. Se ele, Frank Ottobre, ainda estava de pé, se ainda estava vivo, devia isso exclusivamente a Nicolas Hulot.

Quase sem se dar conta, começou a falar com quem não podia responder.

— Foi ele, Nicolas, não foi? Você não foi uma vítima escolhida, não estava em seus planos, foi apenas um obstáculo que surgiu inesperadamente em seu caminho. Por isso ele se viu obrigado a fazer o que fez. Antes de morrer, você descobriu quem é ele, não foi? O que posso fazer para saber também, Nicolas? O quê?

Frank Ottobre ficou um longo tempo em pé diante de um túmulo mudo, sob a chuva inclemente, repetindo obsessivamente aquela pergunta. Não obteve resposta alguma, nem mesmo uma palavra sussurrada na língua do vento, um som para decifrar num sopro de ar entre os ramos de árvores.

NONO CARNAVAL

NO CEMITÉRIO SÓ HÁ GUARDA-CHUVAS NEGROS.

Naquele dia sem sol, parecem sombras invertidas, projeções da terra, pensamentos fúnebres dançando sobre as pessoas que, agora que a cerimônia teve fim, se afastam lentamente, tentando, passo a passo, colocar uma pequena distância a mais entre elas e o pensamento da morte.

O homem observou o caixão descer para a cova sem que nenhuma expressão alterasse seu rosto. É a primeira vez que assiste ao funeral de uma pessoa que matou. Sentia muito por aquele homem, sentia muito pela discreta compostura de sua esposa ao vê-lo desaparecer na terra encharcada. O túmulo que o recebeu, ao lado de seu filho, lembrava outro cemitério, outra fileira de túmulos, outras lágrimas, outras dores.

Do céu, cai uma chuva sem raiva e sem vento.

O homem pensa que as histórias se repetem ao infinito, às vezes parece que chegaram ao fim, mas não, são apenas os protagonistas que se alternam. Os atores mudam, mas os papéis permanecem sempre os mesmos. O homem que mata, o homem que morre, o homem que não sabe, o homem que finalmente entende e está disposto a pagar com a vida.

A seu redor, uma multidão anônima de figurantes, gente sem importância, tolos portadores de guarda-chuvas coloridos, que não servem de abrigo, mas apenas para manter seu precário equilíbrio sobre um fio esticado tão alto que não podem ver que sob eles a terra está semeada de tumbas.

O homem fecha o guarda-chuva e deixa a água cair diretamente sobre sua cabeça. Afasta-se em direção ao portão do cemitério, deixando no chão a marca de sua passagem, pegadas de homem misturadas entre outras. Como qualquer recordação, cedo ou tarde serão apagadas.

Inveja a paz e o silêncio que reinarão naquele lugar depois que todos se forem. Pensa em todos aqueles mortos imóveis em seus caixões subterrâneos, os olhos fechados, os braços cruzados no peito, os lábios mudos, sem voz para interrogar o mundo dos vivos.

Pensa no consolo do silêncio, do escuro sem imagens, da eternidade sem futuro, do sono sem sonhos e sem sobressaltos ao despertar.

O homem sente a pena de si mesmo e do mundo chegar como uma lufada de vento, enquanto algumas lágrimas descem finalmente de seus olhos, misturando-se à chuva. Não são lágrimas pela morte de outro homem. São lágrimas salgadas de lamento pelo sol de antigamente, pelos poucos lampejos de um verão passado num sopro, pelos únicos momentos felizes que pode recordar, tão distantes na memória que parece que nunca existiram.

O homem atravessa o portão do campo-santo como se tivesse medo de ouvir, de um momento para outro, uma voz, várias vozes, chamando por ele, como se além daquele muro existisse um mundo de vivos ao qual não tem o direito de pertencer.

De repente, como se um pensamento repentino o assaltasse, vira a cabeça para olhar atrás de si. Longe, no fundo do cemitério enquadrado pela perspectiva do portão como num slide, sozinho diante da tumba recém-escavada, há um homem vestido de escuro.

Ele o reconhece. É um dos que o perseguem, um dos cães com a boca ofegante na ânsia da corrida e dos latidos desafiador. Imagina que deve estar mais determinado ainda, ainda mais feroz. Gostaria de poder voltar atrás, colocar-se a seu lado e explicar tudo, dizer que não é ferocidade, não é vingança, é apenas justiça. E a sensação de absoluta certeza que só a morte pode representar.

Enquanto entra no carro que vai levá-lo de lá, passa a mão pelos cabelos úmidos de chuva.

Gostaria de explicar, mas não pode. Sua tarefa ainda não foi cumprida.

Ele é um e nenhum e sua tarefa não terminará nunca.

Contudo, enquanto olha pela janela pontilhada de gotas toda aquela gente que se afasta de um local de dor, enquanto olha aqueles rostos compostos em estúpidas caras de circunstância, ele se coloca uma questão que nasce do cansaço e não da curiosidade. Pergunta qual será, entre tantos, o homem que chegará primeiro para anunciar que finalmente tudo acabou.

46

QUANDO FRANK SAIU DO CEMITÉRIO, não havia mais ninguém do lado de fora.

Até a chuva tinha parado. Lá em cima, no alto dos céus, nenhum deus misericordioso. Apenas o movimento das nuvens brancas e acinzentadas, entre as quais o vento estava abrindo um tímido espaço azul.

Chegou ao carro acompanhado pelo leve crepitar de seus passos no cascalho. Entrou e ligou o motor. Os limpadores de para-brisa do Mégane moveram-se num ruído suave e começaram a limpar os resíduos da chuva. Como homenagem à memória de Nicolas Hulot, colocou o cinto de segurança. No banco a seu lado, havia um exemplar do *Nice Matin*, com uma manchete na primeira página: *Governo dos EUA pede extradição do capitão Ryan Mosse*.

A notícia da morte de Nicolas estava dentro, na terceira página. O desaparecimento de um simples delegado de polícia não merecia as honras de uma manchete.

Pegou o jornal e jogou com desprezo no banco de trás. Engrenou a marcha e olhou instintivamente para o espelho retrovisor antes de acelerar o carro. Seu olhar caiu no jornal, que estava de pé, apoiado no encosto.

Frank ficou um instante sem fôlego. De repente, sentiu-se como um daqueles malucos que praticam *bungee jumping*. Voava no vazio e só via a terra se aproximando numa velocidade vertiginosa, sem ter nenhuma certeza matemática de que o comprimento do elástico era justo. Dentro dele, ergueu-se uma prece muda a quem quer que estivesse em condições de ouvi-la, pedindo que aquela intuição não fosse mais uma entre as muitas ilusões que um espelho pode criar.

Ficou alguns segundos pensando e depois foi o dilúvio. Uma cascata de hipóteses à espera de confirmação desabou dentro dele, do mesmo modo que a força da água alarga um minúsculo furo que se abriu pouco a pouco num dique até transformá-lo num jato enorme. No entanto, à luz do que tinha acabado de pensar, muitas pequenas incongruências estariam explicadas num estalar de dedos, muitos detalhes negligenciados assumiriam uma forma que se encaixava perfeitamente no espaço que lhes correspondia.

Pegou o celular e digitou o número de Morelli. Assim que Claude respondeu, foi furiosamente atacado pelas palavras do outro.

— Claude, é Frank. Está sozinho no carro?

— Sim.

— Ótimo. Estou indo para a casa de Roby Stricker. Encontre-me lá sem dizer uma palavra a ninguém. Preciso verificar umas coisas e gostaria que estivesse comigo quando o fizer.

— Algum problema?

— Acho que não. Só uma suspeita tão pequena que é quase insignificante. Mas se pensei certo, pode ser o fim de toda essa história.

— Quer dizer que…

— Nos vemos na casa de Stricker — cortou Frank bruscamente.

Agora lamentava estar ao volante de um carro particular e não de uma viatura da polícia com toda a parafernália de direito. Lamentou não ter pedido uma sirene para colocar no teto em caso de necessidade.

Nesse meio-tempo, começou a se recriminar. Como podia ter sido tão cego? Como pôde permitir que seus problemas pessoais superassem a lucidez de suas avaliações? Tinha visto o que queria ver, ouvido o que queria ouvir, aceitado o que lhe dava prazer.

E todos tinham sofrido as consequências. Nicolas, em primeiro lugar.

Se tivesse usado a cabeça, talvez Hulot estivesse vivo naquele momento e Ninguém, preso atrás das grades.

Quando chegou a Les Caravelles, Morelli já estava em pé na porta do edifício esperando por ele.

Largou o carro na rua sem se preocupar se ali era proibido estacionar. Passou ao lado de Morelli como um pé de vento. Sem uma palavra, o inspetor entrou atrás dele. Pararam diante do porteiro, que olhava para eles com viva preocupação estampada no rosto. Frank se apoiou no tampo de mármore do balcão.

— As chaves do apartamento de Roby Stricker. Polícia.

A apresentação era inútil. O porteiro se lembrava muito bem de Frank. O bolo de saliva que engoliu era a confirmação mais evidente. Morelli exibiu o distintivo, que arrombou uma porta já aberta. Enquanto subiam no elevador, Morelli finalmente encontrou um modo de inserir uma palavra em meio à fúria do americano.

— O que está acontecendo, Frank?

— Está acontecendo que sou um idiota, Claude. Um grande, enorme idiota. Se não estivesse tão ocupado em ser um homem de merda, talvez tivesse lembrado

que sou um policial e teríamos podido evitar muito do que aconteceu.

Morelli continuava sem entender nada. Chegaram diante da porta que ainda exibia os lacres colocados pela polícia. Frank arrancou as finas tiras de plástico amarelo quase com raiva. Abriu a porta e entraram no apartamento.

Suspensa no ar, a sensação de inelutabilidade que sempre flutua no local onde foi cometido um crime. O quadro quebrado no chão, as marcas no carpete, os vestígios das amostras retiradas pela perícia, o cheiro metálico do sangue coagulado recordavam a fuga inútil de um homem diante da morte, da lâmina de um punhal, da determinação de seu algoz.

Frank se dirigiu sem hesitação para o quarto de dormir. Morelli viu quando atravessou a soleira da porta e estacou em seguida, examinando o quarto. O sangue no pavimento de mármore fora limpado. Restavam as marcas nas paredes como únicas testemunhas do crime cometido naquele quarto.

Frank ficou imóvel por alguns instantes e depois fez uma coisa que Morelli achou incompreensível. Em dois passos, passou pela cama e foi se deitar no chão exatamente na posição em que foi encontrado o cadáver de Stricker, que a perícia desenhou nas placas de mármore antes de remover o corpo. Ficou muito tempo deitado, movendo apenas a cabeça. Levantou os olhos para verificar alguma coisa que evidentemente só se via daquele ponto de vista.

— É isso, maldição. É isso…

— É isso o quê, Frank?

— Imbecis, fomos uns imbecis, sobretudo eu. Preocupados em ver as coisas do alto, quando a resposta estava embaixo.

Morelli não conseguia entender. Frank se levantou de repente.

— Venha comigo. Ainda temos outra coisa para verificar.

— E para onde vamos?

— Para a sede da Rádio Monte Carlo. Se eu estiver certo, a resposta definitiva está lá.

Saíram do apartamento. Morelli olhava para Frank como se nunca o tivesse visto antes. O americano parecia possuído por um frenesi que coisa alguma no mundo poderia acalmar.

Atravessaram o hall do condomínio quase correndo, depois de jogar as chaves para um porteiro evidentemente aliviado em vê-los partir. Saíram ao ar livre e entraram no carro de Frank, que um policial uniformizado já encontrara. O policial estava de pé na frente do carro com o bloco de multas aberto na mão.

— Largue o osso, Leduc: serviço.

O agente reconheceu Morelli.

— Ah, é o senhor, inspetor. Tudo certo.

Cumprimentou-o levando a mão ao quepe, enquanto o carro partia cantando pneus e se enfiava no trânsito sem dar muita importância à regra da preferência. Em alta velocidade, conseguiram pegar a rua que descia à direita, na frente da igreja de Sainte-Dévote. Enquanto margeavam a marina, Frank lembrou que tudo tinha começado ali, num barco carregando mortos que tinha se chocado contra o cais como um navio fantasma.

Se estivesse certo, aquela história acabaria exatamente onde tinha começado. Fim da caçada às sombras sem rosto. Agora era chegado o tempo da caçada aos homens que, como tais, tinham um rosto e um nome.

Fizeram toda a volta que levava ao prédio da Rádio Monte Carlo, do outro lado da marina, voando baixo, com os pneus cantando no asfalto, que um sol pálido entre as nuvens já enxugava.

Deixaram o carro ali mesmo, ao lado de um barco estacionado numa plataforma à espera de ser lançado ao mar. Morelli parecia contagiado pela febre de Frank, que falava sozinho, movendo os lábios em silêncio e ruminando frases que só ele entendia. O inspetor só podia segui-lo, à espera de que aqueles grunhidos se transformassem em frases que fizessem sentido.

Tocaram a campainha e, quando a secretária abriu a porta, chegaram num piscar de olhos ao grande elevador de carga que, felizmente, estava no térreo.

Subiram até a rádio, onde Bikjalo esperava por eles de porta aberta.

— O que houve, Frank? O que o trouxe a essa hor…

Frank o afastou com um gesto brusco e seguiu em frente. Morelli deu de ombros como se pedisse desculpas pelo comportamento do americano. Frank passou pela mesa da secretária. Raquel estava sentada na escrivaninha e Pierrot, em pé do outro lado, recolhia alguns CDs empilhados para serem devolvidos ao arquivo. Frank parou na parede em frente à entrada onde ficavam, atrás das portas de vidro, os cabos das conexões telefônicas, das ligações com satélite e o ISDN.

Virou-se para Bikjalo que o seguia sem entender nada.

— Abra essa porta.

— Mas…

— Faça o que estou dizendo!

O tom de Frank não admitia réplicas. Bikjalo escancarou as portas e um sopro de ar fresco entrou na sala. Frank ficou um instante parado diante daquele emaranhado de fios. Enfiou as mãos e deslizou as pontas dos dedos por baixo dos painéis com os plugues das linhas telefônicas.

— O que houve, Frank? O que está procurando?

— Vou lhe dizer o que estou procurando, Claude. Quase enlouquecemos para

interceptar os telefonemas daquele filho da puta, sem resultado. E não íamos conseguir nunca, nem que passássemos a vida inteira tentando, e sabe por quê?

Frank deu a impressão de que tinha encontrado alguma coisa. Sua mãos se detiveram sob um dos painéis. Começou a puxar com toda a força alguma coisa que estava presa ao painel metálico. Finalmente conseguiu arrancá-la. Quando a levantou, tinha na mão uma espécie de caixa achatada de metal, do tamanho de dois maços de cigarro, da qual saía um fio que terminava num plugue de telefone. A caixa estava enrolada em fita isolante. Frank exibiu seu achado aos dois, que olhavam para ele atônitos.

— Aqui está o motivo por que não conseguíamos interceptar um telefonema que devia chegar de fora. O desgraçado estava ligando daqui de dentro!

Frank expunha seus pensamentos no estado de agitação de quem de repente se vê diante de uma verdade feita de muitas palavras e quer dizer tudo de uma só vez.

— Eis o que aconteceu. Não foi Ryan Mosse quem matou Stricker. Na minha obstinação, queria tanto que ele fosse o culpado que nem considerei as outras possibilidades. Porém, mais uma vez, Ninguém demonstrou sua astúcia diabólica. Forneceu deliberadamente um indício ambíguo, com duas leituras possíveis. Podia dizer respeito tanto a Stricker, quando a Gregor Yatzimin. Em seguida, ficou esperando calmamente na janela. Quando colocamos Stricker sob proteção, usando todas as forças que tínhamos à disposição, ele tratou de matar Yatzimin na maior tranquilidade. Quando o cadáver do bailarino foi descoberto, abandonamos a proteção a Stricker e corremos para a casa do morto. E Ninguém pôde entrar em Les Caravelles para matar Stricker também.

Frank fez uma pausa.

— *Esse* era seu verdadeiro objetivo. *Queria matar Stricker e Yatzimin na mesma noite!*

Bikjalo e Morelli pareciam petrificados.

— Mas quando matou Stricker, teve que lutar com ele. E sem querer, no corpo a corpo, feriu seu rosto. Ninguém não esfolou sua cara porque estava danificada e não podia ser utilizada para seus fins, sejam eles quais forem. Deixou o apartamento certo de que Stricker estava morto, mas o infeliz ainda estava vivo e teve tempo de escrever uma mensagem com sangue…

Frank falava como se todas as peças do mosaico se ajustassem perfeitamente diante de seus olhos à medida que expunha o desenrolar dos acontecimentos.

— Roby Stricker era um frequentador da vida noturna de Montecarlo e da Côte d’Azur. Conhecia todo mundo que fazia parte desse universo e, portanto, sabia quem era o assassino. Mas naquele momento, compreensivelmente, não

lembrou do nome, embora soubesse quem era e o que fazia…

Frank fez mais uma pausa para que os dois que estavam diante dele pudessem assimilar as informações. Recomeçou falando sem precipitação, quase escandindo as palavras.

— Vamos tentar reconstituir a cena. Stricker está deitado no chão, ferido de morte, o braço esquerdo quebrado. Na posição em que está, já verifiquei pessoalmente, pode se ver refletido na parede de espelhos do banheiro através da porta aberta. Escreve o que sabe vendo sua própria imagem invertida e usando a mão direita, que nunca usa para escrever. É muito natural que escreva ao contrário e que, infelizmente, morra sem conseguir terminá-la…

Pegou pelo braço os dois, que estavam sem palavras, e arrastou-os para o espelho diante da sala de direção. Indicou com o dedo a escrita vermelha em cima da cabeça deles, refletida ao contrário na superfície polida.

— Não queria escrever RYAN, mas ON AIR, o sinal, na rádio, de que o programa está no ar! Havia um traço indistinto no início da escrita, mas pensamos que não tinha sentido, que fosse um rabisco provocado pelos espasmos da morte. Mas tinha: Stricker morreu antes de completar o O.

— Quer dizer que…?

A voz de Morelli chegava de um lugar onde é difícil acreditar nos próprios olhos e ouvidos. Bikjalo levou as mãos ao rosto, pálido como um morto, e escondeu-se atrás delas. Só apareciam os seus olhos incrédulos. A pressão dos dedos arregalou-os mais que o normal aumentando a expressão de espanto.

— Quero dizer que vivemos junto com o diabo e não sentimos o cheiro de enxofre!

Frank mostrou a caixinha que ainda segurava.

— Depois da análise, vocês vão ver que essa geringonça é um simples e obsoleto transistor de rádio, que nunca conseguiríamos descobrir porque transmite numa frequência que sequer considerávamos. Nenhum de nós teria pensado num sistema tão arcaico. E vão ver que aqui dentro deve haver um *timer* ou qualquer outra porcaria que liga na hora marcada. Além de tudo, o sinal telefônico não podia ser detectado porque a engenhoca foi colocada antes da central telefônica à qual estávamos ligados para fazer a interceptação. Os técnicos saberão explicar os detalhes, embora não sirvam para nada. Ninguém transmitia telefonemas pré-gravados à única pessoa que sabia como formular as perguntas e dar as respostas, pois conhecia a gravação…

Frank remexeu nos bolsos e tirou a foto do disco de Robert Fulton.

— Aqui está a prova definitiva da minha leviandade. No frenesi de perguntar, às vezes acabamos seguindo hipóteses obscuras, deixando de lado o óbvio, ou

seja: o cérebro de um menino é sempre um cérebro de menino, mesmo no corpo de um rapaz. Pierrot!

A cabeça de *Rain Boy* despontou como uma marionete da divisória de madeira que separava a escrivaninha da secretária da sala dos computadores.

— Venha cá um pouco, por favor.

O rapaz se aproximou com seu rosto espantado e seu andar desajeitado. Tinha ouvido as palavras agitadas de Frank, sem entender muito bem, mas o tom lhe dava medo. Juntou-se aos três homens meio ressabiado, como se temesse ser a causa de toda aquela agitação e levar uma descompostura.

Frank mostrou novamente a foto.

— Lembra-se desse disco?

Pierrot fez que sim com a cabeça, como costumava fazer ao ser interrogado.

— Lembra-se que perguntei se tinha esse disco no quarto e você disse que não? Lembra-se que pedi que não contasse nada a ninguém, que era um segredo só entre nós. Vou perguntar uma coisa e você precisa dizer a verdade…

Frank deu um tempo para que Pierrot assimilasse o que estavam lhe pedindo.

— Falou com alguém sobre esse disco?

Pierrot abaixou imediatamente os olhos para o chão e ficou em silêncio. Frank repetiu a pergunta.

— Falou com alguém, Pierrot?

A voz de Pierrot parecia chegar das profundezas, de algum lugar exatamente embaixo dos pés que fixava naquele momento.

— Sim.

Frank colocou a mão em seus cabelos.

— E com quem foi?

O rapazinho levantou o rosto. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não falei com ninguém, eu juro.

Fez uma pausa, deixando os olhos assustados deslizarem sobre os três homens que olhavam para ele em silêncio.

— Só com Jean-Loup…

Frank olhou para Bikjalo e Morelli. Em seu rosto, misturavam-se em partes iguais triunfo e desprazer.

— Senhores, gostem ou não, Ninguém é Jean-Loup Verdier!

Por um instante, um silêncio de eternidade baixou na sala.

Além do vidro da cabine de direção, Luisella Berrino, a DJ que estava no ar naquele momento, continuava sua transmissão sentada diante do microfone como quem está diante de uma janela para o mundo. Além das vidraças,

entrevia-se a esplanada da marina. Sobre as pessoas, sobre as árvores ainda gotejantes de chuva, sobre os barcos ancorados e sobre toda a cidade estava voltando o sol. Havia palavras, havia sorrisos, havia música, havia pessoas vivas ouvindo, homens dirigindo seus carros, mulheres que passavam roupa, empregados sentados em suas mesas, casais que faziam amor, jovens que estudavam.

Mas ali, naquela sala, o ar parecia ter desaparecido, a luz do sol era uma lembrança sem esperança, o sorriso, um bem precioso perdido para sempre.

Morelli foi o primeiro a se recuperar. Agarrou o celular e digitou o número da central com dedos frenéticos.

— Alô, é Morelli. Temos um código 11, repito, código 11, local Beausoleil, casa de Jean-Loup Verdier. Avise Roncaille e diga que o assunto é Ninguém. Entendeu bem? Ele sabe o que fazer. E me ligue imediatamente com o carro que está de serviço na casa…

Bikjalo desmoronou na cadeira que ficava na frente de um dos computadores. Parecia ter envelhecido cem anos. Provavelmente, pensava nas inúmeras vezes em que ficara sozinho com Jean-Loup Verdier, sem suspeitar que estava diante de um assassino tão cruel e desumano. Enquanto andava de um lado para outro na sala, como um leão enjaulado, Frank desejou, pelo bem de sua alma, que Bikjalo não estivesse lamentando que o sucesso de *Voices* tivesse chegado ao fim.

Finalmente a comunicação via rádio se completou.

— É Morelli. Quem é e quem está aí com você?

Recebeu a resposta e uma expressão de alívio surgiu em seu rosto. Com certeza, eram agentes que considerava qualificados para a emergência.

— Verdier está em casa?

Esperou a resposta. Seus maxilares se contraíram.

— Sorel está em casa com ele? Tem certeza?

Outra espera. Mais palavras do outro lado.

— Não tem importância. Ouça bem o que vou lhe dizer. Nenhum comentário. Jean-Loup Verdier é Ninguém. Repito: *Jean-Loup Verdier é Ninguém*. Não preciso lembrar o quanto é perigoso. Chame Sorel com um pretexto qualquer. Deixe o elemento sozinho, mas impeça a qualquer custo que saia de casa. Disponha os homens de forma a manter todas as saídas sob controle, mas sem dar na vista. Estamos chegando com carros de reforço. Não façam nada até nossa chegada. Entendeu? Nada de nada.

Morelli desligou. Frank estava atrás dele.

— Vamos.

Em três passos chegaram ao fundo da sala e viraram à direita em direção à saída. Assim que os viu chegar, Raquel destrancou a fechadura. Quando estavam saindo, ouviram a voz perturbada de Pierrot vinda de trás da porta envidraçada do escritório ao lado da entrada. Um pensamento repentino chegou à mente de Frank e ele se sentiu morrer.

Não, pensou consigo mesmo, *não agora, garoto idiota, não agora. Não me diga que sua estúpida bondade pôs tudo a perder…*

Escancarou a porta de vidro e ficou petrificado na soleira. Em pé ao lado da mesa, Pierrot, o rosto inundado de lágrimas, estava falando ao telefone com a voz sacudida por soluços.

— Estão dizendo que o homem mau é você, Jean-Loup. Não é verdade, diz, por favor, não é verdade…

Com um salto, Frank chegou junto dele e arrancou o telefone de suas mãos. Levou-o ao ouvido.

— Alô, Jean-Loup, é Frank, está ouvindo…?

Houve um instante de silêncio do outro lado, depois Frank ouviu distintamente o clique que interrompia a comunicação. Pierrot sentou numa cadeira e continuou a chorar desconsoladamente. Frank virou-se para Morelli.

— Claude, quantos homens estão na frente da casa de Jean-Loup?

— Três, dois fora e um dentro.

— Grau de experiência?

— Ótimo.

— Ainda bem. Ligue de novo e explique a situação. Diga que a surpresa acabou e que o elemento foi avisado. O agente que está no interior corre perigo de vida. Ordene que invadam a casa com o máximo cuidado e que, em caso de necessidade, usem as armas. E diga que não atirem apenas para ferir, entendeu? Agora só podemos correr, esperando que não seja tarde demais.

Frank e Morelli saíram da sala, deixando atrás dele o silêncio perplexo de Bikjalo e Raquel.

O pobre Pierrot continuava sentado em sua cadeira como um fantoche, chorando com os olhos no chão, diante dos cacos de seu ídolo despedaçado.

DÉCIMO CARNAVAL

O HOMEM DESLIGA LENTAMENTE O TELEFONE, sem dar atenção à voz, raivosa e ao mesmo tempo suplicante, que sai do aparelho. Sorri e o sorriso que distende seus lábios é doce.

Então o momento que esperava tinha chegado. Seja como for, o que sente é alívio e uma sensação de libertação. Acabou-se o tempo dos passos abafados ao longo dos muros, coberto pelo abrigo que as sombras lhe davam. Agora terá, enquanto durar, o conforto da luz do sol, de seu calor no rosto descoberto. O homem não está nem um pouco preocupado, simplesmente atento como nunca esteve naquele tempo todo. E no entanto, de agora em diante terá inimigos às centenas, muito mais do que aqueles que o caçavam até então.

Seu sorriso se amplia.

Será tudo inútil, nunca o pegarão. As longas horas de adestramento do passado, impostas como um dever inelutável, ficaram impressas em sua mente como a marca do ferro em brasa nas costas de um escravo.

Sim, senhor! Claro, senhor! Conheço cem maneiras de matar um homem, senhor. O melhor inimigo não é o que se rende, senhor. O melhor inimigo é um inimigo morto, senhor…

De repente, a voz imperiosa do homem que os obrigava a chamá-lo daquela forma, “senhor”, lhe volta à memória, as ordens, as punições, a mão de ferro com que dirigia cada instante de suas vidas.

Como num filme, revive as imagens de sua humilhação, de seu cansaço, a chuva sobre seus corpos trêmulos de frio, uma porta fechada, uma lâmina de luz cada vez menor sobre seus rostos no escuro, o rumor de uma chave que gira na fechadura, a sede, a fome.

E o medo, a única e verdadeira companhia constante que tiveram, sem ter nunca o consolo das lágrimas. Nunca foram crianças, nunca foram rapazes, nunca foram homens: só soldados.

Recorda os olhos e o rosto do homem duro e inflexível, que para eles representava o terror. No entanto, quando tudo aconteceu, naquela bendita noite,

foi surpreendentemente fácil dominá-lo. Seu corpo jovem era uma máquina perfeita de combate, graças a seus ensinamentos. O do outro pesava, pela idade e pela incredulidade, e já não podia competir com a força e a ferocidade, por ele mesmo criadas e reforçadas dia após dia.

Surpreendeu-o quando ouvia com os olhos semicerrados seu disco preferido, “Stolen Music”, de Robert Fulton. A música de seu prazer, a música de sua própria rebelião. Imobilizou-o agarrando seu pescoço num garrote firme como a prensa de um ferreiro. Ouviu seus ossos estalarem sob a mão e espantou-se ao descobrir que, afinal, era apenas um homem.

Lembra como se fosse hoje sua pergunta, formulada com uma voz que não demonstrava medo, apenas perplexidade, quando sentiu o frio do cano do revólver em sua têmpora.

— O que está fazendo, soldado?

Lembra sua própria resposta, forte, clara, fria apesar de tudo, no momento sublime da rebelião, o momento em que todos os erros seriam sanados, todas as injustiças apagadas.

O que me ensinou, senhor. Eu mato, senhor!

Quando puxou o gatilho, seu único lamento foi não poder matá-lo mais de uma vez.

O sorriso se apaga no rosto do homem. Ele perdeu o nome que pegara emprestado havia tanto tempo para voltar a ser, única e simplesmente, um e nenhum. Agora os nomes não servem mais, há apenas os homens e os papéis que representam. O homem que foge e o homem que segue, o homem forte e o homem fraco, o homem que sabe e o homem que ignora.

O homem que mata e o homem que morre…

Vira para examinar a sala onde se encontra. No sofá diante dele, sentado de costas, há um homem de uniforme. Pode ver sua nuca despontando do espaldar, os cabelos cortados curtos na cabeça inclinada, examinando uma pilha de CDs colocados numa mesinha baixa em frente ao sofá.

Do estéreo ligado sai a guitarra acústica de John Hammond. Flutua no ar a sinuosidade atormentada de um *blues*, um som que lembra o delta do Mississippi, a modorra das tardes de verão, um mundo feito de umidade e mosquitos, tão distante dali que dá medo de que seja tudo invenção, que nem sequer exista.

O homem de uniforme entrou em casa com um pretexto qualquer, vencido pelo tédio de uma tarefa que talvez considere inútil, deixando dois iguais a ele na rua, vítimas do mesmo tédio e da mesma convicção. Ficou fascinado com a quantidade de discos que encontrou nas estantes e começou a falar de música

presumindo uma competência que não encontrou eco em suas palavras.

Agora o homem em pé observa como que hipnotizado o pescoço indefeso do homem sentado no sofá.

Fique sentado e ouça a música. A música não trai. A música é a viagem e a meta da própria viagem. A música é o princípio e o fim de tudo.

O homem abre lentamente a gaveta do móvel em que está pousado o telefone. No interior há um punhal, afiado como uma navalha. A lâmina reflete a luz que chega de uma janela enquanto o homem empunha a arma com firmeza e começa a se mover em direção ao homem sentado no sofá.

Sua cabeça inclinada se mexe lentamente, seguindo o ritmo da música. Sua boca fechada emite um murmúrio que, em sua intenção, é um acompanhamento da voz do *bluesman*.

Quando a boca é tapada pela mão do outro, o murmúrio muda de tom e torna-se mais agudo, deixa de ser uma tentativa de canto para se transformar num coro mudo de surpresa e medo.

A música é o fim de tudo…

Ao cortar a garganta, o jato vermelho jorra tão forte que chega a sujar a aparelhagem. O corpo sem vida do homem de uniforme desfalece, sua cabeça cai de lado.

Ouve rumores provenientes da entrada da casa. São passos de homens que se aproximam caminhando com prudência, mas seus sentidos vigilantes e adestrados *sentiram*, mais do que ouviram aqueles passos.

Enquanto limpa a lâmina do punhal no encosto do sofá, o homem sorri novamente. O *blues*, melancólico e indiferente, continua a sair das caixas, coberto de ferrugem e sangue.

47

FRANK E MORELLI SAÍRAM DA RASCASSE para o Boulevard Albert Premier a toda velocidade e, dentro do Mégane, viram-se praticamente enfileirados na procissão de carros que chegavam da Rue Suffren Raymond com as sirenes ligadas. Além dos carros com as cores da polícia, havia um furgão azul com vidro fumê, no qual estavam sentados os agentes da unidade de operações especiais com uniforme de combate.

Mesmo a contragosto, Frank foi obrigado a reconhecer a eficiência da Sûreté Publique monegasca. Pouquíssimos minutos tinham se passado depois que Morelli deu o alarme e a máquina tinha se colocado em movimento com uma velocidade impressionante.

Dobraram à direita no início da subida de Sainte-Dévote e contornaram o porto para pegar o túnel. Era mais ou menos o trajeto do Grande Prêmio feito às avessas. Frank pensou que nenhum piloto poderia percorrê-lo com motivação maior que a sua.

Saíram do túnel como projéteis disparados pela boca de um canhão, deixando para trás as praias de Larvotto e pegando a rua que passa diante do Country Club e continua subindo em direção a Beausoleil.

Frank percebia confusamente as cabeças curiosas se virando à sua passagem. Um número tão grande de viaturas prontas para a ação não era um espetáculo frequente nas ruas de Montecarlo. Na história da cidade, as ocasiões em que foram cometidos crimes que exigissem tal mobilização de forças podiam ser contadas nos dedos de uma mão, até pela topografia da cidade. Montecarlo é constituída praticamente por uma única estrada de acesso e uma outra de saída, que podem ser fechadas de um lado e de outro com facilidade. Ninguém com um mínimo de cérebro iria se enfiar numa armadilha daquelas.

Ao ouvir as sirenes, os carros civis paravam ordenadamente para dar passagem à polícia. Apesar da velocidade, Frank tinha a impressão de que avançavam a passos de tartaruga.

Gostaria de poder voar, gostaria de…

O rádio do painel apitou. Morelli se esticou para pegar o microfone.

— Morelli.

Através do viva-voz, Roncaille adentrou no carro.

— É Roncaille. Onde estão?

— Atrás do senhor, diretor. Estou no carro com Frank Ottobre, atrás do seu.

Frank deu um sorriso ao ouvir que o chefe de polícia em pessoa estava num dos carros que vinham na frente. Aquele homem não perderia por nada nesse mundo a oportunidade de estar presente no momento da prisão de Ninguém. Imaginou se Durand estaria com ele no carro. Provavelmente, não. Roncaille não era bobo. Se tivesse alguma chance, não dividiria com ninguém o mérito de capturar o assassino a respeito do qual meia Europa estava falando.

— Está me ouvindo também, Frank?

— Sim, ele está ouvindo. Está dirigindo, mas pode ouvir. Foi ele quem descobriu a identidade de Ninguém.

Morelli achou que era uma obrigação confirmar os méritos efetivos de Frank no que dizia respeito à corrida desenfreada para a casa de Jean-Loup Verdier. Depois fez uma coisa que Frank nunca pensou que fosse capaz de fazer. Com o microfone na mão esquerda e colado à boca, sacudiu o dedo médio da direita para o alto-falante, no mesmo momento em que a voz de Roncaille saía novamente das caixas.

— Bom. Muito bom. O pessoal de Mentone também está chegando. Tive que avisá-los porque a casa de Jean-Loup fica na França, portanto, é jurisdição deles. Precisamos de sua presença para convalidar a prisão. Não quero que nenhum advogado de porta de cadeia se agarre a um pretexto desse tipo para atrapalhar o desenrolar do processo… Está me ouvindo, Frank?

Um chiado de energia estática se fez ouvir. Frank pegou o microfone das mãos de Morelli e continuou, segurando o volante com uma mão só.

— Pode falar, Roncaille.

— Espero vivamente que, para o bem de todos nós, você saiba o que está fazendo.

— Fique tranquilo, temos provas suficientes para garantir que é ele mesmo.

— Outro passo em falso de nossa parte depois dos últimos acontecimentos seria inaceitável.

Claro, especialmente agora que o primeiro nome na lista dos afastamentos seria o seu…

A preocupação do chefe de polícia parecia ir além daquilo. Dava para senti-la mesmo através da voz levemente distorcida pelos receptores do rádio.

— Tem uma coisa, Frank, que não consigo entender.

Só uma?

— Como é que esse homem fez para cometer os homicídios se estava praticamente barricado dentro de casa pela vigilância de nossos agentes?

Frank já havia se feito a mesma pergunta e deu a Roncaille a resposta que já dera a si mesmo.

— Não sei como explicar esse detalhe. Acho que ele mesmo terá que fazê-lo, assim que colocarmos as mãos em cima dele.

Enquanto essa conversa se desenrolava, tinham praticamente chegado à casa de Jean-Loup Verdier. Frank achou que a falta de contato com os agentes do carro que vigiava o lugar era um péssimo sinal. Se tinham entrado em ação, já deveriam ter comunicado o resultado de seus movimentos.

Não partilhou a preocupação com Morelli, que, como não era estúpido, provavelmente chegara à mesma conclusão sozinho.

Com uma sincronia perfeita, pararam diante do portão de entrada da casa de Jean-Loup no mesmo instante que chegava o carro do comissariado de Mentone. Frank notou que não havia jornalistas no local e, se as circunstâncias fossem outras, teria vontade de rir. Tinham feito plantão na frente daquela casa até pouco tempo atrás, sem conseguir nada, e resolveram abandonar o assédio justamente na hora em que aparecia uma notícia suculenta como um filé onde enfiar os dentes.

Com certeza, logo chegariam em massa, mas seriam detidos pelos carros da polícia, dispostos em formação de bloqueio nos dois lados da rua. Alguns agentes já estavam posicionados mais abaixo, na altura da casa de Helena, para bloquear qualquer possibilidade de fuga pela ladeira íngreme que ia dar na costa e no mar.

O furgão azul ainda não estava completamente parado quando as portas duplas se abriram. Uma dúzia de homens da unidade de operações especiais, de macacão azul, com capacetes, coletes à prova de bala de *kevlar* e fuzis M-16, saíram e prepararam-se para invadir a casa.

O carro dos agentes em serviço na casa estava estacionado do lado de fora, vazio, com as portas fechadas, mas não trancadas. O próprio Roncaille tratou de abri-las. Frank teve um mau pressentimento. Um péssimo pressentimento.

— Tente ligar para os agentes — disse a Morelli.

O inspetor aprovou com um gesto de cabeça, enquanto Roncaille se aproximava deles. Frank viu que o dr. Cluny também estava saindo do carro do chefe de polícia. Roncaille não era tão obtuso quanto parecia, afinal. No caso de uma negociação com reféns, a presença do médico seria muito útil. Morelli começou a chamar os policiais, sem resultado, enquanto Roncaille parava diante

deles.

— O que vamos fazer?

— Nossos agentes não respondem e isso não é um bom sinal. Nessa altura dos acontecimentos, mandaria a unidade de operações especiais invadir.

Roncaille se virou e fez um gesto com a cabeça para o chefe da unidade de operações especiais, que esperava instruções em pé, no meio da rua. O homem deu a ordem e tudo aconteceu com a velocidade de um relâmpago. Num segundo, os homens se espalharam e desapareceram da vista.

Um homem à paisana, ainda jovem, com uma calvície incipiente e o andar gingado de um jogador de basquete, desceu do carro da polícia de Mentone e aproximou-se. Frank teve a impressão de que já o vira antes, misturado à multidão, no enterro de Nicolas. Estendeu a mão para eles.

— Boa-tarde. Sou o delegado Roberts, da Homicídios de Mentone.

Os dois apertaram a mão estendida, enquanto Frank se perguntava onde tinha ouvido aquele nome: era o policial com quem Nicolas tinha falado na noite do assassinato de Roby Stricker e Gregor Yatzimin. Foi ele quem checou o telefonema que depois se revelou um falso alarme.

— O que houve? Tudo certo? — perguntou Roberts virando para olhar para o teto da casa que despontava entre os ciprestes.

Frank pensou no rosto banhado em lágrimas de Pierrot, no seu cérebro de menino ingênuo que primeiro ajudou e depois, num segundo, destruiu tudo o que tinham construído com esforço e à custa de vidas humanas. Gostaria de gritar e mentir, mas obrigou sua voz à verdade e à calma.

— Temo que não. Infelizmente, o suspeito foi avisado e a surpresa foi pelos ares. Temos três agentes lá dentro que não respondem ao rádio e sobre os quais não sabemos nada.

— Humm, a coisa está feia. Mas acho que três contra um…

As palavras de Roberts foram interrompidas pelo chiado do rádio portátil que Morelli segurava. O inspetor apressou-se a responder, aproximando-se do grupo.

— Sim.

— É Gavin. Estamos dentro. Revistamos a casa de cima a baixo. O local está seguro, embora tenham feito uma carnificina por aqui. Temos três policiais mortos mas, à parte os cadáveres, não há ninguém.

48

A SALA ONDE ACONTECIA A COLETIVA de imprensa estava repleta. Prevendo justamente a esperada afluência de vários expoentes da mídia, ela fora montada no Auditorium, uma sala do Centre Congrès, em vez de na sede da polícia, na Rue Notari, que não dispunha de um ambiente adequado para receber toda aquela gente.

Numa longa mesa coberta por uma toalha verde, colocada junto à parede, estavam sentados Durand, Roncaille, o dr. Cluny e Frank, cada um com um microfone diante de si. Todas as partes envolvidas na investigação estavam representadas. Diante deles, numa fila de cadeiras de plástico dispostas ordenadamente na sala, viam-se os representantes da informação: jornais e revistas, rádio e televisão.

Frank achava toda aquela parafernália ridícula, mas o prestígio do Principado de Mônaco e dos Estados Unidos da América, que ele representava como agente do FBI, assim exigia.

Pouco importava que Ninguém, aliás Jean-Loup Verdier, ainda fosse um pássaro fora da gaiola. Pouco importava que ao entrar na casa dele, depois da incursão dos homens da força-tarefa, tivessem encontrado a casa deserta e o agente Sorel degolado como um cordeiro imolado. E que os outros dois, Gambetta e Megéne, tenham sido liquidados por tiros de um revólver: o mesmo que matara Gregor Yatzimin.

Ubi major, minor cessat.

Certos detalhes embaraçosos não podiam ser revelados e ficariam escondidos atrás do providencial biombo do segredo de justiça. O sucesso, ao contrário, deveria ser enfatizado: a descoberta do assassino, a brilhante operação conjunta da polícia monegasca e do FBI, a astúcia diabólica do criminoso que nada pôde contra a capacidade e a determinação inabalável dos detetives que, finalmente, o identificaram etc. etc. etc.

Camuflada atrás daquela fileira de etc. estava a fuga do assassino, devida a acontecimentos imprevisíveis, e o fato de que ele ainda estava foragido.

Contudo, a captura do responsável por tantos homicídios hediondos era questão de horas. Todas as polícias europeias estavam em estado de alerta e a notícia de sua prisão era esperada a qualquer momento.

Frank admirou a habilidade com que Roncaille e Durand conseguiam se mover naquela ciranda de perguntas, colocando-se bem debaixo dos refletores assim que a oportunidade se apresentava e correndo habilmente em busca de novas luzes quando alguém os empurrava para a zona de sombra.

Nenhum dos dois tinha dedicado uma única palavra ao delegado Hulot. Frank reviu a foto do acidente, o carro retorcido, o corpo do amigo caído sobre o volante, seu pobre rosto de *enfant terrible* coberto de sangue. Enfiou a mão no bolso do paletó e apertou a folha de papel que estava ali. Revistando palmo a palmo a casa de Jean-Loup Verdier em busca de alguma pista sobre sua fuga, encontrara uma simples fatura de multa por excesso de velocidade assinada pela polícia rodoviária. A placa era de um carro de aluguel da Avis. A data era o dia da morte de Nicolas e a localidade em que a infração fora cometida não ficava muito longe do local do acidente.

Frank recompôs os movimentos de Jean-Loup graças àquela simples prova e através das palavras daquele que, sem saber, revelou-se um cúmplice involuntário, mas muito eficiente: Pierrot.

Evidentemente, o segredo que lhe exigiam na qualidade de policial honorário incluía todo mundo menos seu grande amigo Jean-Loup. Justamente a ele, e só a ele, revelara que Frank tinha feito perguntas a respeito de um disco de um certo Robert Fulton. Assim, Jean-Loup compreendeu que cometera um erro e Ninguém partiu atrás de Nicolas em sua viagem de investigação sobre aquilo que o disco poderia revelar.

Frank refez passo a passo o percurso do delegado e ficou sabendo de tudo o que havia para saber, ou seja, que Hulot, muito antes deles, descobrira o nome do assassino. E que, por isso, havia sido morto.

A voz de Roncaille o arrancou de seus pensamentos.

— …portanto, passarei a palavra ao homem que conseguiu dar um nome e um rosto ao *serial killer* conhecido como Ninguém: o agente especial do FBI, Frank Ottobre.

Não houve aplausos, mas uma selva frenética de mãos levantadas. Roncaille indicou um jornalista de cabelos ruivos sentado na primeira fila. Frank o reconheceu e preparou-se para o fuzilamento de suas perguntas. Coletti levantou e apresentou suas qualificações.

— René Coletti, *France-Soir*. Agente Ottobre, conseguiu descobrir as motivações que levavam Jean-Loup Verdier a mutilar daquela forma o rosto de

suas vítimas?

Frank conteve um sorriso, enquanto refletia sobre o narcisismo daquela evolução dialética.

Se estas são as regras do jogo, também sei jogar.

Frank apoiou-se no encosto da cadeira.

— Creio que o dr. Cluny esteja muito mais qualificado que eu para responder a essa pergunta. Posso antecipar, porém, que atualmente não temos condições de apresentar uma explicação exaustiva para as circunstâncias que envolveram os homicídios. Como disse o chefe de polícia Roncaille, muitos detalhes da investigação ainda estão em fase de verificação e estão em segredo de justiça. Contudo, alguns desses elementos já se transformaram em certezas que podemos compartilhar com os senhores.

Frank fez uma pausa teatral. Pensou que o dr. Cluny ficaria orgulhoso dele.

— Tais certezas derivam do trabalho desenvolvido anteriormente pelo comissário Nicolas Hulot, no qual me baseei para chegar à identidade de Ninguém. O delegado, graças a um erro cometido pelo criminoso durante o assassinato de Allen Yoshida, conseguiu remontar a um acontecimento obscuro, ocorrido há muitos anos, em Cassis, na Provença: um crime de sangue no qual toda uma família foi destruída. O caso foi arquivado de forma bastante precipitada, tendo como conclusão homicídio duplo e suicídio, hipótese que será amplamente revisada agora. Posso dizer que uma das vítimas tinha o rosto desfigurado exatamente da mesma forma que as vítimas de Ninguém.

Um zunzunzum correu pela sala. Outras mãos se levantaram. Uma jornalista jovem e de ar esperto levantou antes dos outros.

— Laura Schubert, *Le Figaro*.

Frank lhe passou a palavra com um gesto de cabeça.

— Mas o delegado Hulot não tinha sido afastado das investigações?

Com o rabo do olho, Frank viu Durand e Roncaille ficarem tensos. Deu à jovem um sorriso de quem está para fornecer uma versão diferente dos fatos: a verdadeira.

Agora vocês vão se foder, seus escrotos!

— As coisas não são bem assim, senhorita. A bem dizer, essa foi apenas a forma como a imprensa interpretou declarações que nunca se referiram a tal eventualidade. O delegado Hulot só se afastou das investigações aqui, em Montecarlo, para seguir com maior discrição uma pista que ele mesmo havia descoberto. Como é fácil de imaginar, esse detalhe não podia ser de domínio público. E, infelizmente, é com muita dor e pesar que devo anunciar que sua habilidade nas investigações acabou ocasionando sua morte, que na verdade não

foi fruto de um acidente de carro. Trata-se de mais um homicídio cometido por Ninguém que, ao se ver descoberto, foi obrigado a matá-lo em plena luz do dia para se defender. Repito que o mérito pela identificação do responsável por todos esses homicídios deve ser conferido ao delegado Nicolas Hulot, que pagou por isso com a própria vida.

O falatório tomou conta da sala. Aquela história fazia água por todo lado, mas era um ótimo golpe de cena. Era uma coisa para ser escrita e os jornalistas certamente o fariam. E isso bastava para Frank. Durand e Roncaille estavam embasbacados e tentavam manter as aparências. Morelli, em pé de braços cruzados, encostado na parede lateral da sala, mostrou por baixo do cotovelo o punho com o polegar para cima.

Um jornalista que falava francês com forte sotaque italiano se levantou.

— Marco Franti, *Corriere della Sera*, Milão. Pode nos dizer mais alguma coisa sobre o delegado Hulot e suas descobertas em Cassis?

— Repito que as investigações nesse sentido ainda estão em curso e bem longe de serem concluídas. Só poderia fazer suposições, que correriam o risco de ser desmentidas pelos fatos. Mas tem uma coisa que posso antecipar como verdadeira. Estamos tentando descobrir o verdadeiro nome de Ninguém, pois achamos que Jean-Loup Verdier não é seu nome legítimo. Uma pesquisa realizada no cemitério de Cassis, seguindo as pegadas do delegado Hulot, revelou que Jean-Loup Verdier é o nome de um rapaz que morreu no mar há muitos anos, durante um mergulho, mais ou menos na época da tragédia de que falei anteriormente. Trata-se de um caso de homonímia bastante suspeito, para dizer o mínimo, considerando que o túmulo do rapaz fica a poucos metros das sepulturas das vítimas do crime.

Outro jornalista ergueu a mão e gritou sua pergunta sem se levantar, conseguindo milagrosamente se fazer ouvir acima do clamor geral.

— E sobre a história do capitão Ryan Mosse, pode nos dizer alguma coisa?

Foi o tempo de assimilar a pergunta, e o silêncio se fez subitamente absoluto. Aquele era um aspecto delicado de toda a história. Frank olhou atentamente para o jornalista que o colocara naquela saia justa e depois passou os olhos por todos os presentes.

— Quanto ao capitão Ryan Mosse, que já foi libertado, tudo não passou de um erro grosseiro de minha parte. Não vou usar os indícios, que pareciam tais e tantos que permitiam acusá-lo sem sombra de dúvida pelo assassinato de Roby Stricker, como desculpa ou atenuante. Infelizmente, às vezes acontece de inocentes serem envolvidos. Isso, no entanto, não pode e não deve servir como desculpa. Repito que foi um erro pelo qual sou o único responsável e estou

disposto a arcar com as consequências, eximindo qualquer outra pessoa de responsabilidade. Agora, se me desculparem…

Frank se levantou.

— Infelizmente, ainda estou empenhado, junto com as forças de polícia, na caçada de um assassino muito perigoso. O dr. Durand, o chefe de polícia Roncaille e o dr. Cluny responderão às demais perguntas com o maior prazer.

Frank se afastou da mesa, aproximou-se da parede em que Morelli estava encostado e desapareceu por uma porta lateral. Chegou a um amplo corredor semicircular que contornava a sala da conferência. Poucos instantes depois, o inspetor veio ter com ele.

— Você foi ótimo, Frank. Pagaria qualquer coisa por uma foto das caras de Roncaille e Durand quando começou a falar tudo aquilo do delegado Hulot. E mostraria a meus netos como prova de que Deus existe. Agora…

Um rumor de passos interrompeu as palavras de Morelli. O olhar do inspetor se fixou num ponto às costas de Frank.

— E então aqui estamos nós, *Mister* Ottobre…

Frank reconheceu o tom e a voz. Virou-se e deu de cara com os olhos sem vida do capitão Ryan Mosse e de sua alma penada, o general Nathan Parker. Morelli postou-se imediatamente a seu lado. Frank sentiu sua presença e ficou grato.

— Algum problema, Frank?

— Não, Claude, problema algum. Acho que pode ir, não é mesmo, general?

A voz de Parker soou mais fria que os gelos do Ártico.

— Claro, nenhum problema. Se quiser nos dar licença, inspetor…

Morelli se afastou não muito convencido. Frank ouviu o eco de seus passos no mármore do corredor. Nathan Parker e Ryan Mosse ficaram em silêncio até ele virar a esquina e o ruído desaparecer totalmente.

Parker falou primeiro.

— Então conseguiu, não é, Frank? Descobriu seu assassino. É mesmo um homem de mil iniciativas.

— Poderia dizer a mesma coisa do senhor, general, embora nem sempre sejam iniciativas de que possa se orgulhar. Se isso pode lhe interessar, Helena me contou tudo.

O velho soldado nem pestanejou.

— Também me contou tudo. Falou longamente de sua habilidade bem masculina de aproveitar-se de uma mulher que não está de posse de todas as suas faculdades mentais. Acho que cometeu uma série de erros grosseiros enquanto brincava de cavaleiro sem mácula e sem medo. Se bem me lembro, avisei para

não se meter no meu caminho, mas pelo visto você não quis me ouvir…

— O senhor é um ser desprezível, general Parker, e vou destruí-lo.

Ryan Mosse deu um passo à frente. O general o deteve com um gesto. Sorriu com a perfídia de uma serpente.

— O senhor é um fracassado e, como todos os fracassados, vive de ilusões, *mister* Ottobre. O senhor não é um homem, mas simplesmente o que resta dele. Posso superá-lo num único salto, sem precisar nem sujar a barra das calças. Ouça o que lhe digo…

Chegou tão perto que Frank pôde sentir o calor de seu hálito e o leve chuvisco de saliva que saía de sua boca enquanto sibilava todo seu rancor.

— Fique longe de minha filha, Frank. Posso prendê-lo e deixá-lo num tal estado que acabará implorando para ser morto. E se não se importa com sua própria integridade física, lembre-se de que Helena está em minhas mãos. Posso trancafiá-la numa clínica para doentes mentais quando quiser e mandar jogarem fora a chave.

Começou a caminhar ao redor dele, enquanto prosseguia seu discurso.

— Claro, podem se juntar e, juntos, tentar agir contra mim. Podem tentar cuspir seu veneno. Mas pense bem. De um lado estou eu, um general do Exército americano, um herói de guerra, conselheiro militar do presidente dos Estados Unidos. Do outro, vocês dois, uma mulher de comprovada fragilidade psicológica e um homem que esteve vários meses internado num manicômio depois de ter praticamente levado a mulher ao suicídio. Pense bem, Frank; quem acreditaria em vocês? E além do mais, tudo o que inventassem a meu respeito recairia sobre Stuart, e acho que isso é a última coisa que Helena poderia desejar. Minha filha já entendeu e prometeu que nunca mais tentará revê-lo. É o mesmo que espero do senhor, *mister* Ottobre. Entendeu bem? *Nunca mais!*

O velho soldado deu um passo para trás com um brilho triunfal nos olhos.

— Seja qual for o fim dessa história, o senhor é um homem acabado, *mister* Ottobre.

O general deu as costas e se afastou sem se virar. Mosse se aproximou de Frank. Em seu rosto, lia-se o prazer sádico de atacar um homem já derrotado.

— Ele tem razão, senhor agente do FBI. Você é um homem acabado.

— Isso pelo menos é alguma coisa. Já você nunca foi nada na vida.

Frank deu um passo atrás, esperando uma reação. Mas quando Mosse tentou, já encontrou o cano da Glock apontada contra seu peito.

— Vamos, capitão, só preciso de um pretexto. Um só. O velho tem as costas quentes, mas você não é nem tão útil, nem tão perigoso quanto pensa.

— Mais cedo ou mais tarde, vai acabar nas minhas mãos, Frank Ottobre.

Frank ergueu os braços num gesto que indicava que tudo é possível.

— Todos estamos nas mãos dos deuses, Mosse, mas posso garantir que você não faz parte dessa categoria. E agora, levante os cascos e vá atrás de seu patrão.

Ficou em pé no corredor até os dois se afastarem; recolocou a pistola no coldre e apoiou as costas contra a parede. Lentamente, se deixou cair até sentar-se no frio pavimento de mármore. Percebeu que estava tremendo.

Escondido ninguém sabia onde, havia um assassino perigoso e ainda livre para atacar. Aquele homem já havia matado diversas pessoas com ferocidade inaudita, entre as quais Nicolas Hulot, seu melhor amigo. Poucos dias atrás, teria dado os anos de vida que ainda lhe restavam para poder escrever seu nome num pedacinho de papel.

Agora todos os seus pensamentos estavam nas mãos de Helena Parker e ele não sabia o que fazer.

49

LAURENT BEDON SAIU DO CAFÉ DE PARIS acariciando com os dedos o bolo de notas de 500 euros que deformava o bolso interno de seu paletó. Pensou na sorte retumbante daquela noitada. Tinha sido protagonista absoluto do sonho de qualquer jogador de roleta. *En plein* e cavalo no vermelho 23, repetido três vezes seguidas, com pontuação máxima, público em delírio e cara descomposta do crupiê diante de um evento mais único do que raro.

Tinha ido ao caixa e começara a tirar as fichas coloridas dos bolsos como se estivesse usando o paletó de Harry Houdini. O empregado ficou impassível diante da personificação da vitória, mas foi obrigado a pedir mais dinheiro em espécie, pois o que tinha em caixa não era suficiente para pagar a quantia devida.

Enquanto retirava a sacola de plástico encerado que havia deixado no guarda-roupas, Laurent pensou que a sorte, quando se decide a passar para seu lado, pode ser até constrangedora em seu frenesi de afrontar a miséria. Tinha entrado no Café de Paris apenas para passar uma meia hora e, naquela meia hora, recuperara tudo o que perdera nos últimos quatro anos.

Olhou o relógio. Perfeitamente na hora.

Ficou um instante na calçada observando a praça diante dele.

À esquerda, todas as luzes do Cassino Municipal estavam acesas, destacando o barroquismo afetado de sua arquitetura. Ao lado da entrada, à esquerda, havia uma BMW 750 estacionada numa rampa, habilmente iluminada por uma série de refletores. Era o prêmio para uma disputa de *chemin-de-fer** que ocorreria em breve.

À frente, o Hotel de Paris parecia uma extensão natural do Cassino, como se um não pudesse existir sem o outro. Laurent imaginou as pessoas lá dentro. Os camareiros, os garçons, os *concierges*, os clientes cheios de tédio e dinheiro.

No que lhe dizia respeito, as coisas pareciam ter finalmente entrado nos eixos. A começar pelo jogo. Desde que começara sua *colaboração* com o americano, o vento tinha mudado de direção. Percebia que o sujeito, Ryan Mosse, era extremamente perigoso. Percebeu tudo ao constatar a facilidade com que se

desembaraçou de Vadim. Mas também era extremamente generoso, e enquanto continuasse a sê-lo, uma coisa deixaria a outra em segundo plano. No fundo, o que tinha lhe pedido? Simplesmente que lhe passasse discretamente todas as novidades sobre o caso Ninguém, todas as informações que chegassem até ele graças à sua proximidade das forças policiais alocadas na rádio, à espera dos telefonemas do assassino. Uma sinecura que trouxe para seus bolsos uma soma suficiente para reparar vários buracos no barco acidentado de sua economia.

Sua desilusão foi profunda quando soube que Ryan Mosse havia sido preso, acusado de matar Roby Stricker. Não é que se importasse muito nem com um nem com outro. O americano era claramente um psicopata e ele, para ser sincero, pensava que o lugar certo para aquele fanático era exatamente aquele onde o tinham colocado, uma robusta cela numa prisão sólida como a Rocca. Quanto a Stricker, aquele playboy era um babaca cujo único mérito na vida foi ter saído de uma certa xoxota e não de outra. Ninguém, talvez nem mesmo seu pai, sentiria sua falta.

*Requiescat como diabos quiser. Amém.***

Esse pensamento foi o apressado epitáfio que Laurent Bedon dedicou à memória de Roby Stricker.

Seu único motivo de tristeza diante da notícia da prisão de Mosse foi ver sua galinha dos ovos de ouro desaparecer do galinheiro. A viva preocupação pela perda de seu patrocinador, como o chamava com seus botões, fez passar para segundo plano o temor de uma eventual acusação de cumplicidade. Aquele sujeito não parecia alguém que abre o bico com facilidade. Os tiras teriam que suar sangue para arrancar alguma coisa dele. Mosse era um osso-duro, ainda mais tendo aquele outro, o general Parker, pai da moça assassinada, na sua retaguarda. Aquele, sim, devia ser um figurão. E certamente era o proprietário da bolsa que Mosse segurava, a pessoa que se encarregava de preenchê-la quando o pobre Laurent a esvaziava.

Em todo caso, recebeu a notícia de sua libertação com um suspiro de alívio e uma renovação das esperanças. E a esperança tinha se transformado numa verdadeira sensação de triunfo quando recebeu um segundo e-mail, assinado pelo tio da América, como o primeiro, marcando um encontro.

Não se perguntou o que desejaria dele, agora que a identidade do assassino tinha sido finalmente descoberta. A única coisa que o interessava era que o fluxo de dinheiro para seus bolsos não fosse interrompida.

Ainda conservava diante dos olhos a expressão desconfiada de Maurice quando saldou a dívida. Ele olhou para o dinheiro jogado em sua escrivaninha, no escritório nos fundos do Burlesque, seu esquálido cabaré em Nice, repleto de

prostitutas decadentes, como se fosse falso.

Se teve curiosidade de saber de onde vinha aquele dinheiro, não deixou que Laurent percebesse.

Laurent saíra com um ar de deboche estampado no rosto, passando diante de Vadim com seu nariz arrebentado, uma recordação do seu encontro com o capitão Ryan Mosse. A suspeita de que Laurent poderia ter a proteção de alguém ainda mais perigoso que eles os fizera abandonar a atitude de desprezo com que, em geral, o tratavam.

O sr. Bedon pagou. O sr. Bedon está livre. O sr. Bedon manda todo mundo se foder. O sr. Bedon está indo embora desse lugar de merda.

Laurent arrumou a bolsa que usava pendurada no ombro e saiu. Atravessou a praça na diagonal, em direção aos jardins diante do Cassino.

Tinha um monte de gente por ali. À parte a estação e os turistas de sempre, a história do *serial killer* que circulava por Montecarlo atraíra para lá, além de um monte de jornalistas, um número incrível de simples curiosos. Havia no ar a animação dos bons tempos, embora, por uma estranha contradição dialética, a presença de toda aquela vida fosse devida à presença da morte.

Não se falava de outra coisa. Nos jornais, nas rádios, na televisão, nos salões das casas cujas luzes desciam para a rua pelas janelas abertas.

A lembrança do rosto de Jean-Loup apareceu diante de seus olhos de supetão. Apesar de todo seu cinismo, não conseguiu evitar um estremecimento. Ter vivido tanto tempo lado a lado com alguém capaz de fazer o que ele tinha feito era uma ideia que arrepiaria até mesmo a pele de alguém bem mais cascudo que ele.

Quantas pessoas teria matado? Oito, se não estava enganado. Não, nove, contando o pobre do delegado Hulot. Uma autêntica carnificina, perpetrada por um belo rapaz de olhos verdes, voz profunda e ar reservado, que parecia mais propenso a ser seguido por uma multidão de moças alvoroçadas do que pelas forças policiais de toda a Europa.

Lembrou que tinha sido ele quem dera início à carreira de Jean-Loup. Tinha sido ele quem o levara à rádio, para acabar sendo deixado de lado à medida que os dotes do DJ se revelavam.

Agora, as coisas estavam mudando também nessa direção.

Bikjalo, que parecia destruído por aquela experiência, estava em baixa com a presidência da rádio. Andava fumando um cigarro russo atrás do outro e falando uma língua que parecia a mesma dos cigarros. E o presidente perguntou a Laurent se gostaria de apresentar, ele mesmo, seu *Voices*. Os acontecimentos não pareciam ter diminuído o interesse do público pelo programa, que, ao contrário,

divisava perspectivas de ampliação da audiência, graças àquela estranha e mórbida alquimia que flutua em torno das tragédias.

Bem, seus merdas, por que não chamam seu querido Jean-Loup agora?

Ele, por sua vez, vendera a peso de ouro uma entrevista exclusiva a uma revista semanal, cujo editor pagara também o adiantamento referente a um *instant-book* com o título de *Minha vida com Ninguém*, no qual já estava trabalhando. Depois foi a vitória no Café de Paris. E a noite ainda não tinha terminado….

O fato de que Jean-Loup ainda estivesse livre não o preocupava nem um pouco.

O rapaz já não era mais um problema. Como dizia a polícia, sua captura era questão de horas. Afinal, onde um homem cuja foto estava em todos os jornais e nas mãos de cada agente de polícia de Montecarlo a Helsinque poderia se esconder?

A estrela de Jean-Loup Verdier tinha se apagado para sempre.

Agora, estava nascendo o sol de Laurent Bedon.

Descobrira, para sua grande surpresa, que nem mesmo Barbara lhe importava mais. Que ficasse com seu policial, seu cão de guarda. Laurent tinha entendido que sua obstinação em relação à moça era motivada apenas pelo momento negativo. Provavelmente, via nela um símbolo de sua falência, a representante mais significativa das rejeições que a vida lhe oferecia naquele período.

Agora quem estava sentado num trono com o poder de dizer sim e não era ele. A única coisa que desejaria, se ainda podia exigir alguma coisa dela, era vê-la chegar com o rabinho entre as pernas para admitir que havia cometido um grande erro ao abandoná-lo. Gostaria de ouvir sua voz humilhada implorando que a perdoasse e voltasse para ela.

Tudo isso só para ter a oportunidade sublime de jogar a verdade em sua cara. Não precisava mais dela, agora. Não precisaria dela nunca mais.

Sentou-se num banco do lado direito do parque, onde havia mais sombra. Acendeu um cigarro e apoiou-se no encosto, observando aquele mundo que girava em torno dele, finalmente sem se sentir como um membro ilegítimo daquilo tudo.

Pouco depois, a figura de um homem saiu da sombra às suas costas e sentou-se a seu lado. Virou a cabeça para olhá-lo. Seus olhos, que pareciam sem vida como os de um animal empalhado, não lhe incutiam medo. Para ele, aquele homem significava somente a chegada de mais dinheiro.

— Boa-noite, Laurent — disse o homem em inglês.

Laurent inclinou a cabeça ligeiramente e respondeu na mesma língua.

— Boa-noite para o senhor também. Fico satisfeito em vê-lo em liberdade, capitão Mosse.

O outro ignorou completamente o sentido daquele cumprimento. Passou sem mais delongas ao motivo de seu encontro.

— Trouxe o que lhe pedi?

Laurent colocou no banco entre eles a sacola de tecido encerado que estava a tiracolo até aquele momento.

— Aqui está. Não tem tudo, claro. Peguei um pouco de material ao acaso. Se tivesse me dito para que serve tudo isso, poderia…

Ryan Mosse o interrompeu com um gesto. Ignorou a pergunta implícita em sua frase e colocou diante dele uma maleta à *la* 007 barata.

— Aqui está o que combinamos.

Laurent agarrou a maleta e colocou-a nos joelhos. Num estalo, abriu a fechadura e levantou a tampa. Na penumbra, viu vários maços de notas em quantidade suficiente para cobrir totalmente o fundo da mala. Laurent pensou que iluminavam mais do que qualquer holofote.

— Certo.

— Não vai contar? — perguntou Mosse com um leve tom irônico.

— O senhor não tem como checar aqui o material que lhe entreguei. Creio que seria uma grande falta de classe não responder à sua confiança com a mesma confiança.

O capitão Ryan Mosse se levantou. A troca estava concluída. O prazer com a companhia recíproca não era com certeza motivo suficiente para prolongar aquele encontro. Nem para ele, nem para Laurent.

— Até logo, sr. Bedon.

Laurent ficou sentado no banco e fez um gesto com a mão.

— Até logo, capitão Mosse. É sempre um prazer fazer negócios com o senhor.

Ficou sentado olhando a figura atlética do americano se afastar com seu passo decidido, cujo estilo marcial nem as roupas civis conseguiam esconder. Esperou no banco até que desaparecesse de sua vista. Estava de ótimo humor. Era definitivamente uma noite rendosa. Primeiro, a vitória no Cassino, à qual se juntava agora a soma contida na maleta… Como diziam os mais velhos, dinheiro chama dinheiro.

E continuaria assim, tinha certeza.

Vamos dar tempo ao tempo, disse consigo mesmo. *Tempo ao tempo*.

Um ditado popular dizia que até um relógio parado tem razão duas vezes por dia. Os fatos estavam demonstrando que seu relógio na verdade não estava parado e que tinha começado a marcar tempos melhores.

Levantou-se do banco e pegou a maleta, muito mais leve que a sacola que tinha entregado a Mosse, mas que ele achava *muito* mais pesada. Ficou refletindo um instante. Por aquela noite, bastava de Café de Paris. Não se devia pedir demais à sorte num mesmo dia. Fora até a praça de carona com Jacques, o técnico de som. Podia pegar um táxi ou descer a pé até a marina, beber alguma coisa no Stars'n Bars, pegar seu carro novinho em folha no estacionamento subterrâneo da rádio e voltar para Nice. Não era o Porsche que gostaria, mas era só questão de saber esperar. Por ora, era mais que suficiente para dispensar os transportes públicos para ir e vir do trabalho, partindo de sua nova casa na Place Pellegrini, no bairro da Acropolis: um apartamento pequeno mas elegante que tinha acabado de alugar. Ironia do destino, não ficava muito longe da velha casa que Maurice havia lhe tomado. Que a peste pegasse aquele desgraçado onde estivesse.

Olhou a hora. Ainda era cedo e a noite era longa.

Laurent Bedon encaminhou-se sem pressa para o Hotel de Paris, com o passo leve de um homem cheio de otimismo, e decidiu que seguiria a inspiração do momento no que dizia respeito ao resto da noite.

* Jogo parecido com o bacará. (*N. da E.*)
** Requiescat: da expressão latina "Requiescat in pace" (RIP), que significa "descanse em paz". (*N. da E.*)

50

REMY BRETECHER COLOCOU O CAPACETE e levantou com o pé o descanso lateral da moto. Apesar da descida, não tinha dificuldade para dirigir a Pégaso. A excitação que sentia o faria segurar o peso de sua Aprília com uma perna só. Estacionou a moto na praça do Cassino, no local reservado aos motociclistas, na frente do Hotel Metropole, à direita. Através da viseira levantada, mantinha seu homem, que tinha atravessado os jardins e estava agora na altura do chafariz, sob controle. Remy era experiente em certo tipo de tocaia. Em geral, agia em outros locais, os cassinos de Mentone ou de Nice, por exemplo, ou outras pequenas casas de jogo que pipocavam por todo lado na Côte d'Azur. Às vezes chegava até Cannes. Para certo tipo de atividade, Montecarlo devia ser considerada *off-limits*. Perigoso demais, fechado demais e polícia eficiente demais por todo lado. Remy sabia muito bem que, misturados aos clientes habituais, havia um número exagerado de agentes à paisana nas salas de jogo.

Naquela noite estava ali como simples turista. Viera para assuntar um pouco, ver como estavam os ares no Principado com aquela história do *serial killer* em circulação. Entrara no Café de Paris quase por acaso e somente a força do hábito o fizera reparar naquele sujeito com cara de sifilítico e ar de fodão que ganhara três *en plein* seguidos na roleta, mostrando uma sorte digna da loteria nacional.

Sem se fazer perceber, seguiu-o até o caixa e viu o montante da bolada que enfiou no bolso interno do paletó. Imediatamente, a noite de folga se transformou numa noite de trabalho. Na realidade, Remy era mecânico numa oficina especializada no conserto e na personalização de motocicletas na periferia de Nice. Era tão bom com os motores que o sr. Catrambone, seu patrão, fechava os olhos para seu currículo. De fato, aquela à qual se dedicava naquele momento, e que podia ser definida como uma atividade secundária do rapaz, havia lhe rendido, quando ainda era menor de idade, duas passagens no reformatório. Experiências juvenis devidas a uma substancial falta de experiência, repetição de palavras à parte. Até o momento, felizmente, nenhuma estada nas cadeias pátrias. Os tempos modernos, aliás, consideravam a profissão

de punguista como pecado venial e Remy era esperto o bastante para não usar armas no curso de seus “contatos de trabalho”, como costumava defini-los. Bastava fazer as coisas com um pouco de massa cinzenta para garantir um segundo salário que não causava incômodo a ninguém.

De vez em quando, quando *sentia* que era a noite certa, perambulava pelos cassinos de olho nos jogadores solitários que conseguiam ganhar grandes somas de dinheiro. Tratava de segui-los na saída e perseguia-os de moto. Se iam embora de carro, a coisa ficava um pouco mais complicada. Tinha que segui-los até em casa, e se o prédio dispunha de estacionamento interno, só lhe restava lamentar a viagem perdida. Ficava olhando o carro desaparecer além do portão ou da descida de uma garagem com as luzinhas de freio acendendo para indicar uma noite furada. Se estacionavam na rua, ao contrário, a coisa estava feita. Abordava o sujeito quando estava de pé na frente da porta de entrada do edifício, procurando as chaves de casa. Tudo acontecia num átimo de segundo. Aparecia com o capacete na cabeça, uma mão no bolso da jaqueta e mandava que passasse todo o dinheiro. A mão no bolso podia ser um simples blefe, mas também podia esconder *realmente* a presença de uma arma. As somas com que lidava, em geral, não eram quantias capazes de levar alguém a arriscar a vida para evitar que fossem roubadas. Isso favorecia a entrega do dinheiro ao novo proprietário. Em seguida, uma fuga em velocidade e tudo estava acabado. E ficava a surpresa de verificar, depois, com segurança, qual era o significado econômico daquela transação tipo caixa-eletrônico.

Quando, ao contrário, o “cliente” se afastava a pé, bastava esperar o momento certo — zona com pouco trânsito, nada de tiras e se possível iluminação fraca — e depois os procedimentos eram os mesmos. Aliás, geralmente mais rápidos.

Como só lidava com frequentadores de cassinos, Remy se perguntou mais de uma vez se aquilo não seria uma espécie de vício do jogo, uma forma alternativa de dependência do feltro verde, com todas suas conexões. Chegou finalmente à conclusão de que podia se considerar uma espécie de curandeiro para os viciados, a demonstração viva de que a farinha do diabo se vai toda em farelo.

Em resumo, uma espécie de autoabsolvição.

A ideia de considerar-se como um mero delinquente comum nunca lhe passou pela cabeça.

Apertou o botão de partida e o motor da Aprília girou docilmente, ronronando baixinho, mas com um rumor audível até na velocidade mínima. Esperou que o homem não fosse diretamente para o ponto de táxi ao lado do Hotel de Paris. Isso poderia simplificar um pouco as coisas, pois um táxi significava nada de estacionamento numa garagem no subsolo. Porém, podia significar também que

a noitada ainda não tinha terminado, risco sempre presente. Em geral, os jogadores inveterados acabam gastando mal suas vitórias, num dos muitos inferninhos dos quais Nice era uma vitrine memorável e que, na maioria dos casos, eram prostíbulos legalizados. Pagavam bebidas a rodo e no final ofereciam a uma *entraîneuse* uma quantia que daria para sustentar uma família de três pessoas por uma semana, tudo por um boquete num reservado. Não achava justo que o fruto de tamanha sorte acabasse descendo pela garganta de uma piranha.

Ergueu o pedal do câmbio com o pé e conseguiu cruzar com seu homem quando atravessava a praça na altura da aleia central. Parou e recolocou a moto sobre o descanso. Desceu como se tivesse que verificar alguma coisa no baú colocado em cima do para-lama traseiro.

Aliviado, viu que o homem ultrapassava o único táxi parado à espera. Se fosse na direção de Sainte-Dévote, seria uma sorte incrível. Aquela área quase nunca tinha trânsito de pedestres, sobretudo àquela hora, e podia fazer um servicinho limpo e rápido e, além do mais, poderia pegar imediatamente a estrada para Nice e desaparecer numa das três *corniches*.

Remy estava particularmente animado com aquele trabalhinho inesperado. Saindo do Café de Paris, seguiu a vítima a pé pelos jardins. O homem estava tomando a direção que o levaria a poucos metros do local onde estava estacionada a moto. Podia aliviá-lo na penumbra daquela área. Não seria nada mal fazer o trabalho ali mesmo, com a possibilidade de escapar nas duas rodas em poucos segundos e desaparecer num piscar de olhos.

Viu o homem se sentar num banco, mas seguiu reto, sem deixar que o vissem, pois uma outra pessoa havia se sentado a seu lado. Houve um movimento estranho entre os dois. O homem que ele seguira, o tal com cara de morto, deu ao outro uma sacola que usava a tiracolo e recebeu em troca uma maleta *à la* James Bond.

Aquela história cheirava mal. Ou bem, dependendo do ponto de vista. Podia contar com a possibilidade, nem tão remota, de que aquela maleta contivesse algo de precioso. Essa sensação positiva, somada ao dinheiro que o viu embolsar no Café de Paris, podia colocar aquela noite no *top* absoluto do lucro no seu *Guinness Book* pessoal.

Terminada a troca, quando os dois se separaram, perdeu o momento certo. Pela direita, chegou um grupo de pessoas descendo para o Cassino. Remy se perguntou se devia agir assim mesmo. Mesmo que a vítima pedisse ajuda, coisa que duvidava, ninguém costuma se meter nessas histórias. Quando ocorre um roubo, as pessoas têm uma tendência a tratar imediata e diabolicamente de sua

própria vida. Não era à toa que os cursos de autodefesa ensinavam que, quando se é vítima de um roubo, não convém gritar “socorro, ladrão”, mas “fogo, fogo!”, se quiser ver alguém chegar para ajudar.

Remy sabia muito bem que os heróis não nascem em árvore. Em todo caso, sempre pode haver uma exceção que confirma a regra e achou melhor não correr o risco.

Saiu com a moto e cortou pela Avenue des Beaux Arts para dobrar à esquerda na Avenue Princesse Alice e tentar restabelecer contato visual com a pessoa em questão, que tomara a Avenue de Montecarlo, uma via com vista para o mar que desembocava na Avenue d’Ostende, para a qual confluía a rua que ele tinha pegado.

Se não estivesse ocupado dirigindo a moto, Remy teria esfregado as mãos. Aquele trecho da rua era praticamente deserto, condição ideal para os animais como ele em sua caçada pelo alimento cotidiano.

Remy seguia lentamente, em segunda, com a viseira do capacete levantada, com o fecho ecler da jaqueta meio aberto, como um turista normal em sua moto, querendo gozar sem pressa o ar tépido daquela noite de verão.

Lá estava o homem. Seguia sem pressa, fumando um cigarro. Muito bem. No começo da Avenue d’Ostende, o homem atravessou a rua e ficou na mesma calçada em que Remy estava. E até segurava a maleta com a mão esquerda, posição nitidamente favorável às suas intenções. Remy não podia acreditar nos próprios olhos. Mesmo que tivesse escolhido pessoalmente, as condições não poderiam ser melhores. Pensou que seu próximo cliente certamente gastara toda sua dose de sorte da noite com a vitória no Café de Paris.

Dada a situação, pensou que deveria ser um pouco menos delicado naquela ação do que costumava ser. Quem não vai à estação não pega o trem, como costumava dizer seu patrão, o barbudo sr. Catrambone.

Respirou profundamente e decidiu que havia chegado a hora. Encostou o pneu dianteiro no degrau da calçada e, com um impulso para o alto, ajudou-o a superar o obstáculo.

A moto estava atrás da vítima, que bem naquele momento jogou a guimba do cigarro no chão. Tinha que ser rápido, antes que ele trocasse a maleta de mão. Remy acelerou de repente e chegou atrás do homem que, ouvindo o barulho da moto, girou instintivamente a cabeça. O punho de Remy o atingiu no lado esquerdo do rosto, entre o nariz e a boca.

O pobre infeliz, talvez mais pela surpresa do que pela pancada, caiu no chão, mas segurando a maleta com toda a força. Remy freou a moto, derrapando um pouco com a roda de trás.

Apoiou-a no descanso lateral e desceu, rápido como um gato. Prevendo suas necessidades, modificara o mecanismo de modo que o motor não desligasse automaticamente quando ele descia a alavanca.

Aproximou-se do homem caído, a mão esquerda no bolso esticando o couro da jaqueta.

— Não se mova ou é um homem morto.

Remy ajoelhou, enfiou uma mão no paletó do homem e retirou um maço de notas que encontrou no bolso interno. Não foi muito delicado e sentiu que o tecido leve do forro se rasgava. Sem nem olhar, enfiou o dinheiro na jaqueta. Levantou-se de novo e estendeu a mão para o homem caído.

— Largue a maleta.

O sujeito já tinha por si só uma cara de doente e um físico de merda, agora, com o nariz cheio de sangue, estava ainda mais parecido com alguém pronto para entregar a alma ao Criador. Quem poderia imaginar que seria capaz de esboçar uma reação? Até então, tudo acontecera com tanta rapidez que ele não tinha podido nem se dar conta da situação. Quando finalmente compreendeu o que ocorria, que estava sendo roubado por aquele sujeito de motocicleta e jaqueta de couro, colocou-se de pé num salto e deu com a maleta no capacete de Remy.

O rapaz pensou que aquele cara não tinha tanta bala na agulha. Sua reação fora certamente ditada pelo instinto e não por uma capacidade real de se defender. Fora simples pânico e mais nada. Certamente teria esmagado seus colhões se, em vez de dar uma pancada em seu capacete, sólido e inteiriço, com o único resultado de obrigá-lo a virar a cabeça de lado, tivesse enfiado a maleta entre suas pernas com a mesma violência.

Remy era um rapaz robusto, muito mais forte que a vítima. Socou a cara do homem exatamente no mesmo lugar de antes. Sentiu um dente ranger. Se não contasse com a proteção da luva, teria até machucado a mão.

Naquele instante, por sorte, não havia mais ninguém a pé naquele trecho, mas um carro passou pelo outro lado, subindo. Um dos passageiros virou-se para olhar. Se tinha percebido o que estava ocorrendo e avisasse a polícia, que sempre dispunha de algum agente na praça do Cassino, aquela história poderia ganhar contornos pouco confortáveis para ele. Precisava ser rápido.

Apesar do segundo soco, o homem não largara a maleta. No entanto, estava bastante abalado pelos golpes. O nariz sangrava aos borbotões, sujando de vermelho o paletó e a camisa. Tinha lágrimas nos olhos, fosse por causa da pancada no nariz, fosse pela raiva.

Remy agarrou a alça da maleta, puxou-a com toda a força e conseguiu

arrancá-la de sua mão. Virou-se e caminhou em direção à moto. A vítima encontrou forças, talvez no desespero, para lançar os braços ao redor de seu pescoço e subir nas suas costas.

Remy tentou sacudi-lo de cima, mas não conseguiu.

Deu uma cotovelada em seu estômago. Sentiu o braço afundar com violência na carne mole, enquanto o homem agarrado às suas costas soltava um violento sopro de ar pela boca. Remy pensou num balão esvaziando de repente.

Sentiu o peso do homem abandonar suas costas. Virou-se e o viu dobrado em dois, segurando o estômago com os braços. Para evitar qualquer surpresa, deu-lhe um empurrão: não um chute, mas um simples empurrão com o pé num dos ombros para afastá-lo de si.

O homem escorregou para trás, além da beira da calçada, e caiu no asfalto bem na hora em que uma grande limusine escura chegava pela Avenue d'Ostende em alta velocidade.

Laurent Bedon foi atropelado em cheio e a pancada o jogou do outro lado da rua com a bacia e a perna fraturadas. Sua cabeça chocou-se violentamente contra o meio-fio de pedra.

A morte foi instantânea.

Não pôde ouvir o ruído de uma moto se afastando a toda velocidade, o grito histérico de uma mulher, o estrépito dos pneus de outro carro que freava para desviar de seu corpo estendido inerte no chão, sobre uma poça de sangue que começava a se alargar lentamente no asfalto, sob a sua cabeça.

O acaso, que costumava pregar peças tanto com os vivos quanto com os mortos, levantou um repentino sopro de vento. Flutuando na brisa, uma folha de jornal pousou sobre o rosto de Laurent, quase como se quisesse esconder piedosamente o horror daquela morte dos presentes. Por ironia do destino, bem naquela noite em que começava a se sentir alguém, sobre seu rosto sem vida sobrepôs-se o rosto de Jean-Loup Verdier, impresso em tamanho natural na primeira página do *Nice Matin*.

Embaixo da foto lia-se uma legenda em preto, sublinhada por uma linha vermelha.

A legenda dizia: *O verdadeiro rosto de Ninguém*.

51

FRANK OLHOU RESIGNADO PARA O MAÇO DE DESPACHOS em cima da escrivaninha, no escritório que havia sido de Nicolas Hulot. Não conseguia ficar naquela sala sem sentir de alguma forma a presença do amigo, sem a sensação de que, se virasse a cabeça, o encontraria às suas costas, de pé ao lado da janela.

Folheou os papéis entre os dedos como quem folheia um maço de cartas de baralho. Já tinha dado uma rápida olhada em cada um, mas não havia nada de significativo.

A verdade nua e crua é que continuavam na merda.

Passada a exaltação da descoberta da identidade de Ninguém, nada mudara. Quarenta e oito horas depois de terem descoberto *quem ele era*, ainda não haviam descoberto, apesar de todos os esforços, *onde ele estava*.

Em seu encalço havia um aparato policial que não lembrava de ter visto antes. Todas as polícias do países limítrofes estavam em alerta, com seus respectivos departamentos representados por variadas siglas que correspondiam nos Estados Unidos ao VICAP, departamento especial do FBI para crimes violentos. Não havia um policial na Europa que não tivesse em mãos uma série de fotos de Jean-Loup, ao natural e retocadas por computador segundo todas as mudanças que poderia fazer em seu aspecto físico. As estradas, os portos e os aeroportos públicos e privados estavam cheios de barreiras. Não havia um carro que não passasse pelo controle, não havia um avião partindo sem que os passageiros não fossem revistados, não havia uma embarcação que não fosse alvo de inspeções.

Cada palmo da Europa meridional estava sendo checado. Todos os meios conhecidos para caçar um homem estavam sendo empregados na busca. Para um criminoso que impressionara a opinião pública de maneira sensacional, era preciso uma demonstração de força igualmente sensacional. E nessa ocasião, Frank havia constatado a efetiva competência do Principado de Mônaco. Qualquer um podia dizer que era um estadinho de opereta, mas era um julgamento tão leviano quanto errôneo.

E mesmo assim, ainda estavam diante de um nada de novo.

Jean-Loup Verdier, ou que diabo de nome tivesse, parecia ter evaporado. Essa era, paradoxalmente, uma prova a favor da polícia de Montecarlo. Se aquele homem conseguia dar xeque-mate em todo mundo, significava que estavam lidando com uma criatura de inteligência *muito* superior à média. E os insucessos parciais obtidos até então ficavam de certa forma justificados. A filosofia de que "desgraça partilhada é meia alegria" podia ser aplicada com alguma eficácia àquela caçada. Frank pensou que dentro em breve o desespero os levaria a recorrer até a algum médium, desde que garantisse qualquer resultado.

A casa em que Jean-Loup morava, em Beausoleil, fora praticamente virada de cabeça para baixo e microscopicamente checada sem que conseguissem uma única e mísera pista.

Tinham conseguido algumas informações sobre seu passado seguindo as investigações de Hulot, graças às informações que Morelli lhe fornecera sobre um número de telefone. O zelador do cemitério de Cassis confirmou que falara com Nicolas sobre a história de La Patience e o que tinha acontecido na casa. Compreenderam que Nicolas muito provavelmente tinha sido abordado e raptado pelo assassino ali mesmo no cemitério.

Investigaram Marcel Legrand com a ajuda da polícia francesa, até darem de cara num muro. No passado, Legrand tinha sido agente dos serviços secretos, e a pasta com seu nome trazia a etiqueta "top secret". Frank descobriu, para seu desgosto, que o *top secret* dos serviços franceses era bem menos elástico que o de Pierrot.

Tudo o que conseguiram descobrir foi que a certa altura Legrand tinha abandonado o serviço secreto e se retirado para a Provença, onde viveu em total isolamento. Naquele momento, seria necessário um complicado movimento de diplomacias e segredos de Estado para tentar superar determinados obstáculos e derrubar certos muros. Mas se Legrand representava um esqueleto no armário de alguém, seria muito difícil convencer esse alguém a abrir as portas.

Por outro lado, não podiam negligenciar coisa alguma, viesse do passado ou do presente. Ninguém era perigoso e sua liberdade representava um perigo de vida para cada pessoa que entrasse em contato com ele.

Antes, ele matava levado por seus delírios, mas segundo esquemas que pareciam extremamente rigorosos. Agora estava em guerra para garantir a própria sobrevivência e qualquer um representava um inimigo. A facilidade com que se livrara dos três agentes em sua casa falava por si só a respeito de suas capacidades reais. Não era apenas um inócuo DJ de uma rádio, um homem bonito acostumado a transmitir música e a responder às perguntas do público. Se

necessário, podia se transformar num combatente de elite. Os cadáveres dos três policiais perfeitamente treinados podiam testemunhar isso.

Em meio a toda aquela confusão, Frank havia tentado expulsar a lembrança de Helena para um cantinho de sua mente, sem conseguir muito bem. Sentia falta dela de uma forma tão viva que era quase uma dor física, e saber que estava prisioneira nas mãos da criatura sem escrúpulos que era seu pai certamente não aliviava aquela sensação. A sensação de impotência o levava a afrouxar lentamente todos os freios inibitórios que possuía. A única coisa que o impedia de correr para a casa de Helena e apertar as mãos ao redor do pescoço do general Parker até ter certeza de que estava morto era a convicção de que agindo assim só pioraria a situação.

Aqui estou eu. É o que sou agora: um homem sentado numa mesa que não sabe por onde começar a caçar seus próprios fantasmas.

Abriu uma gaveta da escrivaninha e colocou os despachos lá dentro, embora estivesse tentado a jogá-los na cesta de papéis velhos. No fundo de madeira viu um disquete que tinha colocado ali quando tomara posse do escritório. Na etiqueta estava escrito “Cooper” com sua caligrafia. Na agitação dos últimos dias, esquecera-se completamente do telefonema de Cooper e das informações a ele solicitadas sobre aquele sujeito, o advogado, Hudson McCormack.

Não era o momento certo para pedir uma coisa do gênero, mas precisava tentar. Devia isso a Cooper e a tudo o que passaram para colocar Jeff e Osmond Larkin atrás das grades.

Apertou o botão do interfone e chamou Morelli.

— Claude, poderia vir até aqui?

— Já estava mesmo indo. Estou chegando.

Alguns instantes depois, o inspetor entrou no escritório.

— Tenho uma coisa a lhe dizer antes que você comece. Laurent Bedon está morto.

Frank deu um pulo da cadeira.

— Quando?

— Essa noite.

Morelli estendeu as mãos diante de si para impedir uma série previsível de perguntas.

— Não, nada a ver com nossa história. O pobre coitado morreu numa tentativa de assalto. Tinha ganhado uma bela soma no Café de Paris, ontem à noite, e algum ladrão de galinha tentou roubá-lo atrás da praça do Cassino. Ele procurou resistir, caiu na rua e foi atropelado por um carro. O ladrão escapou de moto. Se o número da placa anotado por uma testemunha estiver certo, vamos pegá-lo em

algumas horas.

— É, mas é mais uma pessoa envolvida nessa história que morre. Meu Deus, parece que há uma maldição no ar…

Morelli resolveu aquele impasse com uma mudança de rumo.

— À parte esse fato desagradável, o que estava querendo me dizer?

Frank se lembrou do motivo pelo qual o tinha chamado.

— Claude, preciso de um favor.

— Diga.

— É uma coisa que não tem nada a ver com nossa história. Tem um homem livre para ficar na cola de um suspeito?

— Sabe como a gente anda. Estamos utilizando até os caras da carrocinha de cachorro…

Frank jogou o disquete em cima da escrivaninha.

— Aqui tem a foto e a identificação de alguém que pode estar envolvido numa investigação que eu estava fazendo com meu parceiro, nos Estados Unidos. Trata-se de um advogado que, oficialmente, está em Mônaco para participar de uma regata.

— Acho que é a Grand Mistral. Coisa de gente grande. A marina de Fontvieille está cheia de barcos.

— Não sei, não entendo nada disso. O sujeito é advogado de um grande traficante que pegamos um tempo atrás. A hipótese é de que seja algo mais que um simples advogado e não esteja no Principado apenas pela regata. Deu para entender?

Morelli foi até a escrivaninha e pegou o disquete.

— Certo, vou ver o que posso fazer, mas não é uma boa hora, Frank. Acho que nem preciso lembrar.

— Claro. Realmente não é a hora… Silêncio absoluto?

— Silêncio absoluto. Tudo mudo. Depois de um lampejo de luz, estamos caçando novamente nas sombras. Toda a polícia de meia Europa está correndo atrás de sua própria cauda e, como dizia o delegado Hulot…

Frank acabou a frase por ele.

— …sob a cauda só se encontra o olho do cu.

— Exatamente.

Frank inclinou o encosto da poltrona para trás.

— Mas tenho uma sensação… veja bem, estou falando de uma simples impressão…

Fez uma pausa. Endireitou a poltrona e pousou os cotovelos na escrivaninha.

Morelli sentou na cadeira diante da mesa à espera da sequência. Tinha aprendido que as sensações do americano deviam ser avaliadas com todo o cuidado.

— Para mim, ele ainda está aqui. Procurá-lo em qualquer parte do mundo não vai adiantar nada. Ninguém nunca saiu do território do Principado de Mônaco!

Morelli estava prestes a retrucar, mas o telefone tocou naquele exato momento. Frank olhou para o aparelho como se estivesse suspenso num ponto de interrogação. À terceira chamada, levantou o fone. Foi atacado pela voz excitada da telefonista.

— Mister Ottobre, *ele* está no telefone! E pediu expressamente para falar com o senhor.

Frank sentiu imediatamente como se alguém enfiasse o tubo de um compressor em seu estômago. Naquela altura, só havia uma pessoa que podia ser definida apenas pelo pronome *ele*.

— Pode passar. E grave a ligação.

Frank apertou o botão do viva-voz, de modo que Morelli também pudesse ouvir. Indicou o aparelho com um gesto imperioso do indicador da mão direita.

— Alô?

Houve um instante de silêncio, depois uma voz bem conhecida se espalhou pelo escritório.

— *Alô, é Jean-Loup Verdier…*

Morelli se levantou da poltrona como se estivesse pegando fogo. Frank fez um gesto girando no ar o dedo com o qual tinha indicado o telefone. Morelli respondeu mostrando o punho fechado com o polegar para o alto e saiu correndo da sala.

— Sim, é Frank Ottobre. Onde você está?

Uma pequena pausa, depois novamente a voz profunda do DJ.

— *Nada de conversa fiada. Não preciso de alguém que tente falar comigo. Preciso de alguém que me ouça. Se interromper, desligo imediatamente…*

Frank ficou em silêncio. Faria qualquer coisa para mantê-lo no aparelho, de modo que os homens lá embaixo tivessem tempo suficiente para interceptar a ligação.

— *Nada mudou. Sou um e nenhum e nada poderá me deter. Portanto, é inútil tentar falar comigo. Tudo é como antes. A lua e os cães. Os cães e a lua. Só a música não virá mais. Ainda estou aqui e você sabe muito bem o que faço. Eu mato…*

A comunicação se interrompeu. Naquele mesmo instante Morelli entrou com uma fúria impetuosa.

— Pegamos, Frank. Ligou de um celular. Já temos um carro nos esperando lá

embaixo, com um rastreador via satélite.

Frank levantou-se e seguiu Morelli a toda velocidade pelo corredor. Desceram as escadas a pé, pulando os degraus de quatro em quatro. Caíram como projéteis no pátio, quase jogando no chão dois agentes que subiam a escada no sentido oposto.

As portas ainda não estavam completamente fechadas quando o carro saiu cantando pneus. Frank observou que o motorista era o mesmo da manhã em que descobriram o cadáver de Allen Yoshida. Era um ótimo piloto e ficou contente em tê-lo ao volante.

Um agente à paisana estava sentado ao lado do motorista, controlando um monitor diante dele que mostrava o mapa da cidade. No centro de uma longa estrada à beira-mar, via-se um ponto vermelho.

— É o celular de onde partiu a ligação. Pode ser localizado graças às coordenadas do satélite. Está em Nice, mais ou menos na Place Île de Beauté. Temos sorte. Essa zona fica exatamente na área pela qual chegaremos à cidade. Estava parado, agora se mexeu, mas pela velocidade em que vai, creio que esteja a pé.

Frank virou-se para Morelli.

— Ligue para Froben e explique a situação. Diga que estamos chegando e mande que venham também. Fique em contato para poder transmitir os deslocamentos do suspeito.

O motorista voava literalmente.

— Como é seu nome? — perguntou Frank.

O agente respondeu com voz calma, como se estivesse passeando tranquilamente e não disparado como um míssil.

— Xavier Lacroix.

— Muito bem, Xavier. Prometo que se essa história acabar bem, farei de tudo para garantir seu futuro no mundo do automobilismo.

O agente não disse nada mas, talvez motivado pelo reconhecimento de seus méritos, apertou ainda mais o acelerador. Enquanto Morelli falava excitadamente com Froben, Frank voltou sua atenção para o ponto vermelho na tela. Agora estava piscando.

— O que significa?

O agente respondeu sem se virar.

— Está ligando.

— Pode-se ouvir o que diz?

— Com esse aparelho, não. É só um rastreador de sinal.

— Não importa. O importante é saber onde aquele merda se encontra.

Percorreram a Basse Corniche a uma velocidade de dar inveja em qualquer finlandês campeão de rally. O piloto — Frank o considerava totalmente digno daquela denominação — dirigia o bólido em meio ao trânsito das ruas da cidade com a frieza que deriva de um autêntico talento.

— Froben perguntou onde ele está…

— Está subindo a Rue Cassini… Agora parou. Está dando outro telefonema.

Na entrada da praça havia uma pequena retenção do trânsito. Lacroix tinha dado meia-volta pegando o trecho na contramão e atravessando a Rue Cassini como se estivesse no treino de classificação para o Grande Prêmio. O agente na frente do monitor dava as indicações para o carro enquanto Morelli as repassava para os carros da polícia de Nice.

— Vire aqui, à esquerda. Suba a Emmanuel Philibert.

— Agora à direita. Rue Gauthier.

— Rue Gauthier — repetiu Morelli.

Fizeram a curva à direita praticamente em duas rodas. Quando chegaram ao fim da ruazinha, com as laterais cheias de carros estacionados, alguns carros de polícia bloqueavam o cruzamento com a Rue Segurane, dispostos em raio. Os policiais uniformizados formavam um grupinho a poucos metros do carro. Um deles estava voltando para o carro, recolocando a arma no coldre. O carro deles parou ao lado dos outros. Desceram e em menos de um segundo juntaram-se aos colegas. Froben viu quando chegaram. Olhou para Frank e abriu os braços com a expressão de quem acabou de pisar num monte de merda.

Em pé no meio de todos aqueles policiais havia um menino de cerca de 12 anos com uma camiseta vermelha, bermudas abaixo do joelho, que ficariam perfeitas em Spike Lee, e tênis Nike nos pés. Estava segurando um celular.

Encarou os policiais um por um, nem um pouco assustado. Deu um sorriso que mostrou um incisivo quebrado no meio da boca e deixou escapar um comentário entusiasmado.

— Caramba, que maneiro!

52

ERAM QUASE DUAS DA MADRUGADA quando Hudson McCormack contornou da marina de Fontvieille e parou diante de um grande iate com os para-choques revestidos de tecido azul, ancorado entre dois veleiros que o ladeavam como duas sentinelas. Desceu da motoneta e puxou o descanso antes de tirar o capacete. Tinha alugado a motoneta em vez de um carro, pois considerava sem dúvida o mais adequado às condições do trânsito em Montecarlo. No verão, a cidade já era um caos normalmente e, apesar da abundância de estacionamentos, andar de carro era um autêntico suplício.

Mas por ocasião da regata, a marina de Fontvieille era uma indescritível confusão de gente e meios de transporte que iam e viam entre tripulações, jornalistas, patrocinadores e seus representantes, aos quais se acrescentava o inevitável corolário dos simples apaixonados e dos curiosos.

Qualquer deslocamento se transformava numa espécie de gincana de tempo indeterminado, e a motoneta era a melhor solução para deslizar mais facilmente no meio da bagunça geral. Além disso, capacete e óculos eram suficientes para evitar ser reconhecido e parado a cada passo por alguém em busca de novidades sobre o barco.

Olhando o enorme iate, Hudson McCormack pensou na eterna controvérsia sobre veleiros e barcos a motor, que opunha desde sempre os amantes de uma e outra categoria em ferozes discussões nos bares. Ele achava que não passava de uma distinção ociosa e substancialmente inexata. Todos eram barcos a motor. Apenas os veleiros não tinham um propulsor tradicional, não eram um jogo de mecanismos, cilindros, pistons e carburadores colocados em algum lugar sob o casco. Seu motor era o vento. Como todos os motores, devia ser entendido, analisado, seu ritmo regulado e era preciso saber explorá-lo da melhor maneira em sua organização natural.

Quantas vezes, seguindo as corridas automobilísticas pelas quais era apaixonado, tinha visto o motor de um piloto explodir numa nuvem repentina de fumaça branca, o carro encostar lentamente na beira de pista enquanto todos os

outros o ultrapassavam, o piloto descer e inclinar-se para a traseira do carro para tentar descobrir que detalhe o tinha traído.

Para eles era a mesma coisa. Um barco de regata também estava sujeito aos caprichos de seu motor, o vento, que girava, mudava de direção, aumentava ou diminuía a seu bel-prazer. Assim, de súbito, sem aviso prévio, as velas podiam se afrouxar enquanto, a poucas dezenas de metros, o barco adversário deslizava a toda velocidade com o *spinnaker* colorido tão cheio que parecia prestes a estourar a qualquer momento.

E às vezes também acontecia de uma vela se rasgar com um barulho semelhante ao de um fecho ecler. Então era o caos programado, a excitação da troca da vela danificada, as ordens do *skipper*, as instruções do tático, e os membros da tripulação se movendo como bailarinos num palco que adernava e empinava.

Hudson McCormack não tinha uma explicação pessoal para isso, só sabia que amava aquilo tudo. Não sabia por que se sentia bem quando estava no mar, mas para ele não tinha a menor importância.

A felicidade não é para ser analisada, é para ser vivida. Sabia que quando estava no barco, estava feliz e isso lhe bastava.

De repente, foi tomado pela excitação de uma regata iminente. A Grand Mistral era uma espécie de prévia da Louis Vuitton Cup, que aconteceria no fim do ano. Era a ocasião em que se apresentavam e se embaralhavam as cartas. Estabelecendo suas relações, as tripulações e os barcos podiam testar na prática a eficiência dos cascos e das novidades propostas pelos projetistas para torná-los cada vez mais competitivos. Os detalhes eram confrontados até um resultado final. Tinham então todo o tempo para fazer as modificações necessárias para aquela que todos consideravam a rainha das regatas, a mais importante, a mais prestigiosa.

Todos estariam ali, na Grand Mistral. Tripulações famosas e estreantes, *absolute beginners* como o *Mascalzone Latino*, um novo barco italiano. A única ausência de prestígio era o *Luna Rossa*, barco patrocinado pela Prada, que decidira prosseguir seus testes em Punta Ala.

Eles haviam colocado seu barco, *Try for the Sun*, com todo o material, num grande pavilhão à beira-mar aparelhado para reboque e lançamento do barco, alugado na região de Cap Fleuri, a poucos quilômetros de Fontvieille. Ali ficavam alojados os empregados e os trabalhadores braçais, numa situação um pouco espartana, mas funcional, *in loco* para que pudessem vigiar o barco 24 horas por dia a fim de evitar que olhos indiscretos descobrissem certos detalhes que deveriam permanecer em segredo. Na vela, como no automobilismo, uma

ideia revolucionária podia representar a diferença entre triunfo e derrota. Mas as ideias tinham o defeito intrínseco de serem fáceis de copiar e todos procuravam manter o mais secreto possível o conjunto de detalhes dos barcos que representavam a autêntica Fórmula 1 da vela.

É verdade que os cascos tinham a vantagem de que boa parte de sua aerodinâmica, por assim dizer, estava submersa. Mas num mundo de homens, coisas humanas aconteciam.

Havia os tubos de oxigênio, havia as máquinas fotográficas submarinas e havia no mundo muita gente sem escrúpulos. Qualquer um menos durão — Hudson McCormack felicitou-se pela pertinência daquele termo — veria certos temores como excesso de prudência.

No entanto, eram coisas que podiam acontecer num ambiente em que estão envolvidos interesses econômicos bastante relevantes, além da honra da vitória. Não era à toa que cada bote de apoio tinha a bordo um respirador ARO, daqueles que funcionam com oxigênio e não com ar, criados na Segunda Guerra Mundial e usados em incursões submarinas. Eram construídos aproveitando o circuito do dióxido de carbono, segundo um sistema que permitia aproximar-se dos navios inimigos sem revelar a própria presença com bolhas d'água que subiam à superfície…

Não se viam mais pernas de pau, ganchos ou tapa-olhos. A bandeira negra com a caveira e as tíbias cruzadas tinha deixado de tremular no mastro mais alto, mas a pirataria prosseguia. Seus herdeiros ainda estavam vivos e vagando pelos sete mares.

Não havia mais reis ou rainhas para financiar caravelas, só patrocinadores distribuindo milhões de dólares. Outros homens, outros barcos, mas as motivações ainda eram as mesmas. Tinham simplesmente substituído o dedo úmido de saliva para sentir a direção do vento por um sistema refinado de previsão do tempo.

A tripulação do *Try for the Sun*, da qual Hudson fazia parte, estava alojada num grande iate com as cores do patrocinador, ancorado na marina de Fontvieille. Escolheram aquela solução por motivos de representação. O financiador daquela aventura, a marca de uma multinacional do tabaco, pretendia obter o máximo possível de retorno publicitário. Honestamente, com tudo o que desembolsava, Hudson achava que tinha todo o direito de exigi-lo.

E as fotos dos membros da tripulação haviam aparecido nos mais importantes semanários do setor. Não havia revista de vela ou iatismo que não tivesse publicado uma matéria sobre o barco e os integrantes da tripulação, entrevistados um a um, falaram de suas experiências precedentes.

Por ocasião de sua chegada a Montecarlo, o patrocinador comprara páginas publicitárias nos principais jornais da cidade, que deviam ter custado os olhos da cara. Hudson percebeu com uma certa satisfação que as imagens reproduzidas no humilde papel do jornal lhes rendiam justiça: não pareciam as fotos que costumam ilustrar a prisão de um bando de traficantes. E ele tinha saído particularmente bem. Viu-se diante de seu próprio rosto estampado na página com um sorriso aberto e natural, sem aquela expressão vazia das fotos de casamento.

A bem da verdade, ele realmente tinha um rosto e um sorriso assim, daqueles que em geral não deixam o sexo feminino indiferente.

A noite de gala da qual acabava de chegar tinha sido uma demonstração brilhante disso.

Fizeram a apresentação oficial do barco e da tripulação no Sporting Club d'Été. Todos os membros da expedição envergavam seus uniformes coloridos, muito mais elegantes, segundo Hudson, do que os smokings masculinos e vestidos de baile que tinha diante dos olhos. A certa altura, o mestre de cerimônias da noite pediu um momento de atenção: um atraente jogo de luzes, um rufar de efeito do baterista da orquestra e eles saíram correndo dos dois lados da sala, enfileirando-se diante do público, enquanto um gigantesco telão às suas costas mostrava imagens dos treinos do *Try for the Sun*, com "We are the Champions", do Queen, ao fundo, com um arranjo que aproveitava as cordas ao máximo para evocar o sopro do vento nas velas.

Eles foram apresentados um a um, recolhendo sua cota pessoal de aplausos quando davam um passo à frente ao ouvir seu nome. Homens experientes, fortes, ágeis e inteligentes: o melhor do que se podia encontrar naquele esporte. Pelo menos, era essa a definição que davam e, pelo menos por alguns instantes, era ótimo acreditar nisso.

Depois do jantar, transferiram-se para uma discoteca, o Jimmy'z. Eram atletas e, na maior parte do tempo, comportavam-se como tais. Seus hábitos mentais e seu comportamento podiam ser descritos, de uma maneira geral, com o bom e velho ditado: "Deitar com o sol, despertar com o sol."

No dia seguinte, porém, não iriam para o mar, e os dirigentes acharam que um pouco de boemia não faria mal ao moral da tropa.

Hudson colocou a corrente na motoneta. Uma grossa corrente coberta por um tubo de plástico vermelho, combinando com a cor da carroceria. Tinham garantido que em Montecarlo não havia lugar onde se pudesse temer um furto, mas o hábito era mais forte que ele. Sempre morara em Nova York, onde tinha gente capaz de arrancar suas cuecas sem nem tocar nas calças. Uma certa

precaução não fazia mais parte de seus hábitos, já era parte do seu DNA.

Ficou em pé no cais, diante de um grande iate fracamente iluminado pelas luzes de serviço, no qual não se via um movimento sequer. Acendeu um cigarro e sorriu. O que diria o dono da multinacional que desembolsava a grana que sustentava o barco se soubesse que ele fumava a marca de cigarros da concorrência? Afastou-se alguns passos, deixando o iate atrás de si, para acabar seu cigarro na mais santa paz. A pessoa que estava esperando, se conhecia as mulheres, não chegaria antes de meia hora, vinte minutos se tudo corresse bem.

Havia conversado a noite inteira com Sereena, uma moça neozelandesa que conhecera por acaso na festa. Não tinha entendido muito bem o motivo de sua presença em Montecarlo, a não ser que se relacionava com a regata. Não fazia parte do *staff* de nenhuma embarcação que, em geral, além da tripulação propriamente dita e da reserva, compreendia toda uma série de figuras úteis e necessárias. Técnicos, projetistas, assessores de imprensa, preparadores físicos e massagistas.

Um deles tinha incluído até um psicólogo. Tratava-se de um barco que não era particularmente competitivo e as más línguas já diziam que sua função não era estimular os rapazes antes da regata, mas consolá-los depois…

Provavelmente, Sereena era apenas uma das muitas moças ricas que rodavam o mundo graças ao dinheiro da família fingindo que se interessavam por isso ou aquilo. No caso, a vela.

Sabe, o vento nos cabelos, o rumor da proa cortando as ondas e aquela sensação de liberdade que…

Coisas do gênero, em resumo.

Em geral, Hudson não era excessivamente sensível ao fascínio feminino. Meu Deus, não é que não gostasse das mulheres! Estava sempre pronto para recebê-las e uma bela mulher representava sempre uma ótima maneira de passar o tempo, sobretudo se fosse dotada daquela centelha que torna o homem diferente dos animais. Tinha suas histórias em Nova York, relações satisfatórias mas sem nenhum compromisso, que seguiam um acordo mútuo e tácito. Nada que o impedisse de partir de um dia para outro para uma regata sem ter que dar muitas explicações, sem lágrimas e lencinhos acenados no cais por uma moça que se despede com aquela expressão compungida de “por que está fazendo isso comigo?”. Claro, gostava das mulheres, mas não era um fanático, sempre em busca de troféus.

Mas aquela era uma noite especial. Afinal, as luzes, as pessoas, os aplausos criavam um pouco de narcisismo absolutamente compreensível, convenhamos…

Estava ali, envolvido com uma das coisas que mais gostava nesse mundo, num

dos lugares mais bonitos do mundo. Não era difícil se deixar envolver. Não tentava esconder que Montecarlo exercia sobre ele, americano até a raiz dos cabelos, um fascínio do qual não conseguia escapar. Havia a beleza e a singularidade do lugar, além de todas aquelas histórias de príncipes e princesas…

E os olhos de Sereena não pareciam desprovidos daquele brilho e, ao mesmo tempo, sob o tecido leve do vestido de noite, um par de seios perfeitos acenavam com as mãozinhas, ou melhor, com os mamilos.

Tinha motivos de sobra para sorrir para a vida.

Conversaram um pouco sobre assuntos variados. Vela em primeiro lugar, *of course*.

Sobretudo mexericos da marina, quem é quem e quem faz o quê. Depois a conversa enveredou para outro assunto, que Hudson conhecia vagamente: a história do assassino que circulava pelo Principado desfigurando gente. A moça estava excitadíssima. Aquela história tinha conseguido colocar até mesmo a regata em segundo plano. O criminoso matara algo como nove ou dez pessoas, não se sabia bem. Ainda estava solto, por isso a presença ostensiva de tantos policiais pela cidade.

Hudson pensou instintivamente na corrente da motoneta. Bela história para um lugar onde não ocorriam furtos…

À medida que o conhecimento mútuo se aprofundava, nos olhos de Sereena foi surgindo uma reconfortante expressão, bastante bíblica, que dizia: “Batei que vos será aberto.” E Hudson, entre um outro de champanhe, tinha batido, segurando uma imaginária Bíblia na outra mão. Alguns minutos depois já estavam se perguntando o que faziam ali no meio de toda aquela gente que absolutamente não lhes interessava.

Por isso estava ali no cais da marina de Fontvieille, andando de um lado para outro àquela hora da noite. Tinham deixado a discoteca logo depois de descobrir que seu destino não tinha mais nada a ver com aquele lugar. Resolveram que ele iria à marina para deixar a motoneta e ela passaria de carro para pegá-lo. Sereena informou que era um conversível e aproveitou para propor um passeio noturno pela costa.

Uma espécie de regata de terra, em resumo, livres, felizes e com vento nos cabelos. Se, além das mulheres, conhecia os homens, pensou consigo mesmo, o passeio acabaria antes mesmo de começar no quarto de hotel onde ela estava hospedada. Não que a coisa o desagradasse, muito pelo contrário…

Jogou o cigarro no mar e voltou para o iate. Subiu a bordo no mais absoluto silêncio, sentindo a prancha de compensado e alumínio ranger à sua passagem.

Não havia ninguém à vista no barco. Naquela hora, os marinheiros já estavam dormindo a sono solto. Desceu à sua cabine, que ficava ao lado da de Jack Sundstrom, o *skipper*. As duas cabines ao lado daquela que Jack ocupava tinham sido sorteadas: ele e John Sikorsky, o tático, perderam. Jack era um amor de pessoa, mas tinha um defeito horroroso: roncava tanto que parecia a trilha sonora de uma corrida de kart. Quem quer que dormisse com ele ou perto dele tinha que usar tampões de ouvidos se tivesse um sono leve.

Da cabine ao lado não chegava rumor algum, sinal de que Sundstrom ainda estava na festa ou estava acordado. Hudson tirou o paletó do uniforme oficial. Pretendia mudar de roupa e vestir algo menos chamativo. Uma coisa era o contexto daquela noite, outra era andar por aí vestido com as cores de um exótico peixe de aquário.

Escolheu uma calça azul-marinho e uma camisa branca, que realçava o bronzeado. Os sapatos podiam ser os mesmos, pensou. Era um tipo de calçado para iatismo muito fresco e confortável. Não achava que devia afirmar sua identidade de americano a ponto de usar botas de caubói.

Borrifou-se com um leve jato de perfume. Olhando-se no espelho, disse que a hora do narcisismo já tinha passado, mas que um toque de saudável, honesta vaidade masculina serviria para apimentar a noitada.

Desceu do barco tentando fazer o menor rumor possível. Os marinheiros, os verdadeiros, que trabalham duro e veem as tripulações dos barcos como um bando de bichas mimadas e preguiçosas, em geral eram extremamente suscetíveis em relação a qualquer um que viesse perturbar seu merecido repouso.

Estava sozinho na marina.

Compreensivelmente, Sereena também havia resolvido dar uma passada no hotel para mudar de roupa antes de vir pegá-lo. O vestido de noite e os sapatos de salto alto não pareciam ser uma indumentária adequada para continuar a noite, acabasse ela como acabasse. Provavelmente seu saudável, honesto toque de vaidade feminina tinha outros parâmetros e necessitava de mais tempo para ser satisfeito.

Olhou o relógio, depois deu de ombros. Pensou que não havia motivo algum para ficar de olho na hora. Depois daquela noite, teria um dia inteiro à sua disposição e isso compreendia uma certa propensão à preguiça.

Até certo ponto…

Hudson McCormack acendeu mais um cigarro. Sua permanência em Montecarlo previa algumas incumbências não diretamente ligadas às tarefas da regata. Precisava falar com alguns diretores de bancos e ver mais algumas pessoas, cujos interesses tinham sede na Europa. Gente muito, muito importante

para seu futuro.

Passou a mão pelo queixo ainda liso depois da barba feita especialmente para a grande noite mundana. Hudson McCormack sabia muito bem o que estava fazendo e era perfeitamente consciente dos riscos que corria. Quem visse nele apenas um americano bonitão, saudável, atlético e amante dos esportes, estaria cometendo um grande erro. Por trás de sua aparência cativante, escondia-se um cérebro brilhante e extremamente prático.

Sobretudo isso: *extremamente prático*.

Tinha consciência de que não possuía estofo para se transformar num príncipe dos fóruns. Não porque não fosse capaz, mas simplesmente porque não queria esperar. Não tinha vontade de dar a alma para retirar das prisões pátrias um bando de delinquentes que todas as razões do mundo aconselhavam a deixar lá dentro. Suspeitava haver escolhido um curso que não era particularmente adequado à sua natureza, portanto, não tinha a menor intenção de suar sangue a vida inteira frequentando a escória da sociedade, não importa de que classe fosse.

Não queria esperar chegar aos 65 anos para acabar jogando golfe com um bando de velhos gagás e cheios de dinheiro, cuidando para que a dentadura não caísse na grama enquanto jogava. Queria as coisas que lhe interessavam *agora*, aos 33 anos, agora que o corpo e a mente tinham condições de suportá-lo na satisfação de seus desejos.

Hudson McCormack tinha uma outra flecha no arco de sua filosofia de vida. Não era ávido por dinheiro. Não se interessava por mansões, helicópteros, quantias estratosféricas, poder. Para ele, aliás, todas essas coisas representavam mais uma espécie de prisão do que sinônimo de sucesso. Os empresários de alcance estelar, que dormiam duas horas por noite e passavam os dias comprando e vendendo títulos ou qualquer outra coisa em vários telefones, lhe inspiravam um profundo sentimento de pena. Acabavam se encontrando numa sala de recuperação para infartados sem saber como tinham ido parar lá, perguntando-se como, com todo seu poder e seu dinheiro, não conseguiam comprar mais um pouco de tempo.

O jovem advogado Hudson McCormack não via nenhum prazer em dispor do destino dos outros: para ele, era suficiente ser dono de seu próprio destino.

E um barco à vela representava plenamente seu ideal de vida. No seu caso, era realmente uma questão de cabelos ao vento, de barulho da proa cortando os mares e de liberdade para escolher sua rota, qualquer uma, segundo o capricho do momento…

Mais uma vez, jogou o cigarro no mar. No silêncio, conseguiu ouvir o leve

chiado da brasa se apagando na água.

No entanto, para fazer o que desejava, precisava de dinheiro. Muito dinheiro. Não de uma quantia enorme, não via necessidade disso, mas uma cifra considerável. E só havia um modo de obtê-la rapidamente. Burlando a lei. Esse era o termo que usava. Um pequeno sofisma. Não *violar*, mas *burlar* a lei. Caminhar na corda bamba, na beirada, de modo que pudesse se virar assim que alguém o chamasse, ostentando sua melhor cara de bom rapaz, para responder com expressão inocente: "Quem, eu?" Risco sempre existia, não podia negar, mas já avaliara todas as possibilidades. Examinou a questão exaustivamente, de cima a baixo e na diagonal: no fim das contas, era um risco aceitável. Era verdade que tinha uma história de drogas no meio e esse era um tema que não admitia brincadeiras. Contudo, o caso específico era particular, muito particular, como sempre acontecia quando montanhas e montanhas de dólares estavam envolvidas.

Todos sabiam muito bem onde era produzida a droga, onde era refinada e para que servia. Países inteiros baseavam sua economia nos mais variados pozinhos, que nos locais de origem custavam bem pouco e nos locais de destino eram vendidos com lucros de cinco ou seis mil por cento.

Nesse caminho, as várias passagens de nível eram objeto de uma terrível guerra subterrânea, mas não menos feroz e organizada que as autênticas. E também havia soldados, generais e estrategistas, que agiam nas sombras, mas eram tão hábeis e determinados quanto os outros. E fazendo o contato entre os vários exércitos, havia pessoas cuja profissão era fazer a reciclagem desse dinheiro ligado ao tráfico. O mundo dos negócios não era moralista a ponto de virar as costas para quem se apresentava com três ou quatro milhões de dólares nas mãos, para dizer o mínimo.

Aviões voavam com as insígnias de exércitos regulares, pagos pela droga. Com o mesmo sistema, algumas marinhas militares pagavam o combustível de seus contratorpedeiros. Cada cartucho disparado pela Kalashnikov de um soldado mais ou menos regular em certas partes do mundo correspondia a um buraco no braço de algum toxicômano em outros lugares do mundo.

Do mesmo mundo.

Hudson McCormack não era hipócrita a ponto de se esconder dos fatos. Sabia que fazendo o que fazia entrava para a longa lista da gente de merda que estava destruindo esse planeta. Era uma simples, mas obrigatória constatação, e ele não tinha nenhuma intenção de esquivar-se de seu próprio e implacável juízo. Era só uma questão de estímulos, de pesos na balança. O que desejava, no momento, estava num prato e tinha um peso maior do que qualquer argumento que pudesse

ser colocado no outro prato.

Avaliara a situação cuidadosamente, em longas noites passadas em seu apartamento, analisando os fatos com a frieza com que se analisa o balanço de uma empresa comum. Achava que havia previsto tudo, considerado tudo. Achava que havia listado e quantificado de modo significativo até um certo número de imprevistos. Quais seriam, não dava para saber. Não era à toa que recebiam o nome de imprevistos.

No melhor dos casos, teria à disposição dinheiro suficiente para lançar duas coisas ao mar: sua consciência e seu barco. Depois disso, rodaria o mundo a seu bel-prazer, livre como o vento. A comparação, longe de lhe parecer banal, caía como uma luva. No pior dos casos, e batia na madeira quando pensava nisso, as consequências seriam, apesar dos pesares, aceitáveis. De todo modo, não tão desastrosas que pudessem destruir totalmente a sua vida.

Tinha criado mais de uma alternativa ao plano inicial, o que mantinha os riscos nos limites do aceitável, na medida em que um risco daqueles podia ser aceitável. Como todo mundo, ele também percebera que existia um preço. No entanto, Hudson McCormack não era tão corrupto e ambicioso a ponto de se tornar temerário e aumentar seu preço a níveis que não seria capaz de negociar.

Controlava os fios de um jogo que dentro em breve converteria em uma polpuda comissão, cuja metade já havia sido depositada numa conta aberta nas ilhas Cayman. Pensou no cliente que fizera o depósito, Osmond Larkin, que naquele momento era hóspede de uma prisão nos Estados Unidos.

Aquele homem o repugnava profundamente. E a cada encontro profissional, sentia sua repugnância aumentar. Seu rosto de olhos porcinos, cruéis, o comportamento de quem considera que o mundo lhe deve alguma coisa, o tom arrogante de quem se acha mais esperto que os outros tinham o poder de revirar seu estômago. Como todas as pessoas que se consideram espertas, Osmond Larkin era, na verdade, um estúpido. Como todos os espertalhões, fazia questão de ostentar sua esperteza e era exatamente por isso que estava na prisão. Hudson gostaria de jogar tudo o que pensava em sua cara, levantar e ir embora do parlatório. Se fosse seguir seus instintos, violaria até o segredo profissional e contaria pessoalmente aos investigadores tudo o que queriam saber.

Mas isso não era coisa que se fizesse.

À parte os riscos que certamente correria, junto com as pessoas que o ajudaram a entrar naquela brincadeira, também significava pegar o controle e desligar uma televisão cuja tela exibia a imagem de um veleiro estupendo, singrando os mares com um bonitão no leme…

Não, apesar da aversão por Larkin, não havia nada a fazer. Teria que fazer

concessões para obter o que desejava.

Não tudo, repetiu consigo mesmo, *mas uma boa parte*. *E logo*.

Voltou para o iate do patrocinador. Os vários barcos ancorados um ao lado do outro estavam mergulhados na penumbra, os maiores com parte da iluminação de serviço acesa, outros envolvidos pela escuridão e pelo reflexo das luzes dos demais.

Olhou ao redor. A marina estava deserta. Os bares estavam fechados, as cadeiras de plástico empilhadas nas varandas, o tecido dos toldos enrolado ao redor de seus eixos. Achou aquilo estranho. Apesar da hora, era verão e as noites de verão sempre têm protagonistas inesperados em cena. Sobretudo as noites na Côte d'Azur. A história do *serial killer* mencionado por Sereena lhe veio à memória. Seria esse o motivo de sua solitária presença na marina? Talvez ninguém se permitisse o prazer de um passeio a sós diante do risco de encontros pouco desejáveis. Pensou consigo mesmo que, quando têm medo, as pessoas sempre buscam a companhia dos outros, com a ilusão de encontrar proteção umas nas outras.

Nesse particular, Hudson era um perfeito habitante de Nova York. Na cidade em que morava, se permitisse que pensamentos como aquele tomassem conta dele, nunca mais sairia de casa…

Ouviu o barulho do motor de um carro se aproximando e sorriu. Afinal, Sereena havia chegado. Imaginou os mamilos da moça tocados por seus dedos. Sentiu um calor agradável na boca do estômago e uma reação prazerosa sob a braguilha das calças. Pretendia arranjar uma desculpa qualquer para dirigir ele mesmo o carro. Enquanto esperava, imaginara uma cena visualmente muito excitante. Ele, que percorria a Haute Corniche imersa na escuridão com o vento nos cabelos, dirigindo um conversível em meio ao cheiro de pinho, acompanhado de uma simpática neozelandesa com a cabeça inclinada em seu colo e com seu pinto na boca.

Dirigiu-se para as luzes da cidade ao fundo, do outro lado da marina, para ir a seu encontro. Não ouviu o passo do homem que chegava veloz às suas costas pelo simples fato de que ele parecia filho do próprio silêncio.

O braço que apertou seu pescoço, no entanto, era feito de ferro e a mão que cobriu sua boca parecia constituída do mesmo metal. A punhalada, desferida de cima para baixo, foi precisa e mortal, como já havia sido outras vezes.

Transpassou seu coração com um golpe seco.

Seu corpo atlético dobrou de peso e, de repente, largou-se entre os braços de seu assassino, que o amparou sem esforço.

Hudson McCormack morreu com a imagem do Le Rocher, a Rocha de

Mônaco, nos olhos, sem ver satisfeita uma última, pequena vaidade. Nunca soube que a camisa branca realçou, além do bronzeado, a mancha vermelha de seu sangue.

53

HELENA, DA SACADA DA CASA, RESPONDEU com um sorriso e um aceno ao gesto de seu filho, que estava saindo pelo portão do pátio junto com Nathan Parker e Ryan Mosse. A porta se fechou numa batida seca e a casa ficou deserta. Depois de vários dias, era a primeira vez que a deixavam sozinha e ela ficou bastante surpresa com isso. Seu pai seguia um plano que ela conhecia, mas cujos contornos e manifestações permaneciam bastante obscuros. Tinha surpreendido Nathan e seu cão de guarda numa conversa, que interromperam assim que a viram. Desde que sua relação com Frank tinha ficado evidente, sua presença passou a ser considerada suspeita ou até perigosa. Nem por um instante o general levou em consideração a eventualidade de deixá-la sozinha com Stuart. Por isso, ela ficou em casa tendo a angústia como única companhia.

Antes de sair, o pai dera uma ordem a Ryan Mosse. Ele retirou todos os aparelhos telefônicos e fechou-os à chave num dos quartos do primeiro andar. Helena não tinha celular. Nathan Parker lhe falou brevemente, com o tom que usava com ela e com o mundo quando não admitia réplicas.

— Vamos sair. Você fica aqui, sozinha. Precisa que lhe diga alguma coisa?

Interpretou seu silêncio como uma resposta afirmativa.

— Muito bem. Vou repetir uma coisa, se é que adianta. A vida daquele homem, o tal Frank, depende de você. Se seu filho não tem importância suficiente para que volte à razão, creio que essa consideração pode servir como um elemento dissuasivo para qualquer iniciativa impensada de sua parte.

Enquanto o pai falava através da porta aberta para o jardim, Helena podia ver Stuart e Mosse esperando por ele diante do portão.

— Dentro em breve, iremos embora, assim que acabar o que vim fazer aqui. Temos que levar o corpo de sua irmã, com quem você parece não se importar, para casa. Quando estivermos de volta aos Estados Unidos, verá que suas perspectivas vão mudar, inclusive esse estúpido entusiasmo por aquela nulidade…

Quando voltou de Paris e ela encontrou coragem para jogar a história com

Frank Ottobre em sua cara, Nathan Parker ficou enlouquecido. Não era ciúme, com certeza, pelo menos não um ciúme tradicional, um ciúme compreensível de um pai em relação à filha. Também não era a atração abjeta de um homem por sua amante, pois, como ela tinha dito a Frank, há anos que ele não a obrigava a ter relações com ele.

Aquele período, graças a Deus, parecia encerrado para sempre. Bastava pensar um só instante nas mãos daquele homem em seu corpo para sentir a sensação de repugnância que ainda agora, anos depois, lhe dava um desejo irresistível de se lavar. Suas atenções tinham cessado depois do nascimento do menino. Aliás, antes mesmo, depois que ela confessara entre lágrimas que estava grávida.

Recordava os olhos de seu pai quando falou de seu estado e comunicou que pretendia abortar.

— Pretende fazer o quê? — perguntou Nathan Parker com voz incrédula, como se sua intenção e não a sua gravidez fosse a coisa abominável.

— Não quero esse filho. Não pode me obrigar a tê-lo.

— Não cabe a você dizer o que posso ou não fazer. Sou eu quem digo isso a você. E não vai fazer absolutamente nada. Entendeu bem? N-a-d-a! — escandiu com o rosto a poucos centímetros do seu.

Depois emitiu sua sentença.

— Você *vai ter* essa criança.

Helena sentia vontade de rasgar o ventre e extrair o que ele carregava com as próprias mãos ensanguentadas. Talvez seu pai, o maldito pai de seu filho, tivesse lido aquela ideia em sua cabeça. Talvez tivesse adivinhado em seu rosto. O fato é que, depois daquele momento, nunca mais a deixou sozinha um instante sequer.

Para justificar a gravidez e o nascimento de Stuart aos olhos do mundo, ele inventou aquela história absurda do casamento. Nathan Parker era um homem poderoso, muito poderoso. Desde que não envolvesse a segurança nacional, tudo lhe era permitido.

Helena perguntou-se várias vezes como era possível que nenhum dos conhecidos de seu pai tivesse entendido a verdadeira extensão de sua loucura. E eram homens importantes, deputados, senadores, militares de alta patente e até presidentes dos Estados Unidos. Seria possível que nenhum deles tivesse suspeitado, ao ouvir Nathan Parker, herói de guerra, que aquelas palavras saíam da boca e do cérebro de um louco? Talvez houvesse uma explicação, o simples princípio da reciprocidade: um banal *do ut des.**

E se o Pentágono ou a Casa Branca conheciam os aspectos pouco edificantes da personalidade do general, as crises domésticas, enquanto permanecessem entre quatro paredes, poderiam ser toleradas em troca dos serviços que ele

prestava à nação.

Depois do nascimento de Stuart — *um homem*, finalmente —, seu pai pareceu estender sobre os dois um sentimento de posse que ia bem além de seus hábitos maníacos, de seu modo absurdo de amar. Mãe e filho não eram dois seres humanos, mas uma espécie de propriedade pessoal. Eram considerados como *coisas* completa e absolutamente suas. Destruiria quem quer que ameaçasse aquela situação que, em sua loucura lúcida e total, considerava perfeitamente legítima.

Era por isso que odiava Frank. Tinha se colocado em seu caminho, opondo uma personalidade tão forte quanto a sua. Apesar da história que Frank carregava nas costas, Parker percebia que sua força não era doente, era sã. Não vinha dos Infernos, mas do mundo dos homens. E como tal, havia ousado desafiá-lo, havia se recusado a ajudá-lo quando procurou por ele e havia atacado quando deveria se manter distante.

E sobretudo, *não tinha medo dele*.

A prova da inocência de Mosse e sua consequente liberação, o fato de ter obrigado o agente do FBI Frank Ottobre a admitir publicamente que tinha se enganado, era vivido por Nathan Parker como uma vitória pessoal. Agora, só lhe faltava a captura do assassino de Arijane para decretar seu triunfo absoluto. E Helena não tinha dúvidas de que teria sucesso. Ou em qualquer caso, de que tentaria.

Helena pensou na pobre Arijane. A vida de sua meia-irmã não tinha sido muito melhor que a dela. Ela e Arijane não eram filhas da mesma mulher. A mãe de Helena, que ela praticamente não conheceu, morrera de leucemia quando ela tinha 3 anos. Naquele tempo, os tratamentos para aquelas doenças ainda eram experimentais e, apesar dos recursos econômicos de que o marido dispunha, ela partiu em pouco tempo. Restaram apenas algumas fotos e filmes em Super 8, umas raras imagens dos movimentos um pouco mecânicos de uma mulher loura e graciosa, de rosto suave, que sorria com uma menina pequena nos braços, ao lado do marido-patrão de uniforme.

Ainda hoje, Nathan Parker falava de sua morte como de uma afronta do destino. Helena tinha a impressão de que o pai, se pudesse sintetizar seus sentimentos a respeito da perda da mulher, teria usado uma única palavra: *intolerável*.

Ela crescera sozinha, em companhia de um séquito de governantas que se sucediam em ritmo cada vez mais rápido à medida que os anos passavam. Era apenas uma menina e não tinha motivos para suspeitar de que aquelas mulheres, assim que respiravam a atmosfera da casa, assim que descobriam quem

realmente era o general Parker e o que se podia esperar dele, iam embora de livre e espontânea vontade, apesar do excelente salário, fechando a porta atrás de si com um suspiro de alívio.

Depois, sem nenhum aviso, Nathan Parker voltara de um longo período na Europa como comandante de alguma coisa relacionada com a OTAN, trazendo como suvenir uma nova esposa, Hanneke, uma alemã de cabelos escuros, corpo escultural e olhos verdes frios como gelo. O pai tratou a história à sua maneira precipitada. Apresentou aquela mulher de pele lisa e pálida, uma perfeita estranha, como sua nova mãe. E foi o que continuou a ser para sempre. Não uma mãe, mas uma perfeita estranha.

Logo depois, nasceu Arijane.

Completamente envolvido em sua carreira, que prosseguia a todo vapor, o general abandonou o cuidado da casa nas mãos de Hanneke, que a administrava com o mesmo gelo que parecia correr em suas veias. As relações entre elas eram marcadas por uma formalidade às vezes até desagradável. Helena não tinha permissão de ver a irmã como uma menina. Arijane era mais uma pequena estranha que partilhava a mesma casa e não uma companheira que podia ajudá-la a crescer e a quem Helena podia ajudar a crescer. Para isso, havia as governantas, as babás, os professores e instrutores.

Depois, quando Helena entrou numa esplêndida adolescência, houve o episódio daquele rapaz, Andrés. Era filho de Bryan Jeffereau, o jardineiro-chefe que fazia a manutenção do parque que cercava a grande casa dos Parker. No verão, nas férias escolares, ele trabalhava com os jardineiros para “endurecer os ossos”, como dizia o pai com orgulho, quando falava dele para Nathan Parker. O general concordava com o argumento e repetia sempre que Andrés era “um bom rapaz”.

Por seu lado, Andrés era um jovem tímido, que olhava para ela escondido sob a aba do boné de beisebol que usava para se proteger do sol enquanto arrastava para a carroceria da picape os ramos podados que seriam jogados fora.

Helena percebeu sua atenção constrangida, feita sobretudo de olhares e sorrisos embaraçados. Aceitou-a sem corresponder, mas sentindo-se queimar por dentro. Andrés não era aquilo que se costumava definir como um rapaz bonito. Era um sujeito como tantos outros, nem bonito nem feio, com um jeito que se tornava desastrado e hesitante assim que ela aparecia. Para Helena, existia um único fascínio: ele era o único rapaz com quem podia conviver. Foi sua primeira paixão. Andrés sorria para ela e enrubescia; ela respondia e enrubescia. Isso era tudo. Um dia, Andrés tomou coragem e deixou um bilhete para ela escondido na folhagem de uma magnólia, preso num galho com um arame recoberto de

plástico verde. Ela o encontrou e tratou de guardá-lo no bolso das calças de montaria. Mais tarde, já na cama, pegou o papelzinho e leu o bilhete com o coração batendo a cem por hora.

Agora, à distância de todo aquele tempo, não lembrava as palavras com que Andrés Jeffereau declarara seu amor, apenas a ternura que sua caligrafia incerta lhe inspirava. Eram frases inócuas de um rapazinho de 17 anos, vítima de uma paixão adolescente pela moça que via e tratava como a *princesa da casa grande*.

Hanneke, sua madrasta, que não vivia segundo os ensinamentos que ministrava, entrou no quarto de repente, sem bater. Ela escondeu o bilhete sob as cobertas, com um gesto brusco demais para que a madrasta não notasse.

Hanneke se aproximou da cama e estendeu a mão para ela.

— Pode me dar o que guardou aí embaixo.

— Mas eu…

A mulher só olhou para ela arregalando um pouco os olhos para que as faces de Helena pegassem fogo.

— Helena Parker, creio que acabei de lhe dar uma ordem.

Pegou o bilhetinho e entregou à madrasta. Hanneke leu sem demonstrar nenhuma emoção, dobrou o papel e enfiou no bolsinho do casaco de seu *twin set*.

— Bem, acho que isso deve se transformar num pequeno segredo entre nós, se não quisermos causar uma grande dor a seu pai…

Foi seu único comentário. Helena sentiu um alívio tão grande que não percebeu que a mulher estava mentindo, pelo simples fato de que aquilo a divertia.

No dia seguinte se encontrou com Andrés.

Estavam a sós nas cavalariças, onde Helena ia todo dia para cuidar de Mister Marlin, seu cavalo. O rapaz estava lá, por acaso ou porque encontrara uma desculpa para ficar por ali, sabendo que cedo ou tarde ela chegaria também. Helena ainda não havia percebido que ele tinha o rosto coberto de pequenas sardas. Andrés falou com uma voz tão emocionada que ela, por um motivo que não sabia explicar, a definiu como uma voz “cheia de pequenas sardas vocais”.

— Leu o bilhete?

Era a primeira vez que se falavam.

— Sim, li.

— E o que achou?

Ela não sabia o que dizer.

— É, é muito bonito…

Sem avisar, reunindo toda a coragem, Andrés inclinou-se a beijou-a no rosto.

Helena virou a cabeça de lado e se sentiu morrer. Seu pai estava de pé, na contraluz na porta da cavalariça, e viu tudo o que tinha acontecido. Tudo e apenas o que tinha acontecido.

Um rapaz da sua idade tinha beijado seu rosto.

Jogou-se com toda a fúria sobre o pobre rapaz e esbofeteou-o tão violentamente que o deixou com a boca e o nariz sangrando. Depois, levantou-o do chão e atirou-o como um graveto contra a porta do boxe de Mister Marlin, que deu um passo para trás relinchando. Gotas de sangue pingavam do nariz de Andrés sobre a camisa quando Parker o ergueu pela gola, colocando-o de pé.

— Venha comigo, seu sacana.

Arrastou Andrés até a frente da casa e jogou-o como um saco vazio aos pés de Bryan Jeffereau, que ficou boquiaberto com um par de tesouras de jardinagem na mão.

— Tome, Bryan, pegue seu maníaco e saia imediatamente da minha casa. E deve agradecer por sair disso assim, em vez de responder por uma acusação de tentativa de estupro!

A fúria de Nathan Parker não admitia respostas e Jeffereau o conhecia bem demais para tentar replicar. Em silêncio, pegou seu filho, seus homens e suas ferramentas e foi embora dali.

Helena nunca mais vira Andrés Jeffereau.

Pouco depois, tinha começado a ser alvo das *atenções* de Nathan Parker.

Helena atravessou o quarto que dava para a sacada. A cama estava cortada ao meio por um raio de luz. A parte banhada pelo sol era aquela em que Frank, a única pessoa a quem tinha tido a coragem de confessar sua vergonha, dormira: achou que isso era um bom augúrio.

Saiu dali e desceu para o primeiro andar.

A lembrança feliz dos momentos passados com Frank não era suficiente para apagar suas recordações, tão distantes no tempo, mas ainda tão fortes que a feriam como se tudo tivesse acontecido no dia anterior.

Não são muitas as mulheres que podem dizer por aí que perderam a virgindade com o próprio pai, pensou. *Espero por elas que não sejam muitas, espero pela piedade do universo que eu seja a única, embora tenha certeza de que não é bem assim…*

O mundo estava cheio de Nathan Parker, estava certa disso. E também não duvidava de que o mundo estava cheio de mulheres como ela, pobres moças assustadas que vertiam lágrimas de humilhação e nojo numa cama com lençóis manchados de sangue e do mesmo sêmen que as tinha gerado.

Seu ódio era ilimitado. Pelo pai e por si mesma, por não ter conseguido se

rebelar no momento certo. Agora, Stuart justificava sua passividade, o filho que amava na mesma medida em que detestava o pai. O filho que, na época, pagaria o que fosse para não ter e que agora não queria perder por nada nesse mundo. Agora havia Stuart, mas o que havia na época? Por mais que se esforçasse, não conseguia encontrar nenhuma justificativa para a própria fraqueza diante da violência do pai.

Muitas vezes, perguntou-se se dentro dela não haveria, grudado em seu cérebro como um câncer, o mesmo amor doentio que havia em Nathan Parker. Talvez continuasse a suportar aquela tortura porque era sua filha e em suas veias corria o mesmo sangue e a mesma perversão daquele homem. Era o que se perguntava muitas vezes.

Paradoxalmente, uma única coisa impediu que enlouquecesse. A consciência de que nunca, nem uma única vez, aquilo que era obrigada a suportar havia lhe *dado prazer*.

Hanneke devia ter suspeitado de alguma coisa, mas Helena nunca saberia disso com certeza. Provavelmente o que acontecera em seguida fora causado apenas pelo fogo que queimava por baixo daquela aparência gélida e formal, um fogo que ninguém, talvez nem ela mesma, nunca percebera.

De modo banal e prosaico, deixando uma carta da qual Helena só ouviu falar muitos anos depois, fugiu com um professor de equitação que frequentava a casa, abandonando sem remorsos o marido e a filha. Naturalmente, para que não faltasse a cereja do bolo, tinha levado consigo uma bela quantia em dinheiro.

Naquela história, o general Nathan Parker só considerou uma coisa: a discrição com que tudo aconteceu. Muito provavelmente, Hanneke não passava de uma puta, embora de alta classe, mas também não era nenhuma idiota. Se humilhasse publicamente o marido, as consequências poderiam ser catastróficas. Aquele homem a teria perseguido até o final dos tempos e do mundo, até satisfazer sua sede de vingança.

A carta, que Helena nunca tinha lido, provavelmente servia justamente para isso: se a mulher sabia ou suspeitava de algo sobre a história entre o marido e Helena, tinha proposto um acordo. Sua liberdade e seu silêncio em troca da liberdade e do silêncio dele. O pacto foi acertado tacitamente. Com o tempo, através de advogados, chegaram a um providencial divórcio que acertou as coisas.

Como se costuma dizer, ninguém saiu ferido.

Sobretudo Nathan Parker, cuja indiferença em relação à mulher nos últimos tempos tornara-se absoluta, assim como seu poder sobre Helena. Mas Hanneke também, que nesse momento gozava de seu dinheiro e de seu cavaleiro pelo

mundo afora.

Restaram duas moças, duas reféns do destino pagando por erros que não cometeram. Arijane saiu de casa assim que completou a maioridade e, depois de perambular muito, acabou fixando residência em Boston. Os conflitos com o pai aumentaram na proporção em que ela crescia. Por um lado, Helena tinha pavor de que acontecesse a Arijane o mesmo que acontecia com ela. Às vezes observava o rosto do pai quando falava com Arijane para ver se a luz que aprendera a reconhecer e temer se acendia em seus olhos. Por outro lado, e amaldiçoava-se por isso, rezava para que acontecesse, para não ter que ouvir mais o passo do pai quando se aproximava de seu quarto no meio da noite, para não sentir sua mão erguendo os lençóis e o peso de seu corpo na cama, para não sentir…

Fechou os olhos e estremeceu. Agora que havia conhecido Frank e compreendido qual era *na verdade* a mensagem que duas pessoas trocavam entre si através de uma relação física, percebia plenamente o horror e o nojo de tudo o que tinha vivido durante aqueles anos todos.

Frank era o segundo homem de sua vida, o primeiro com quem fizera amor.

No térreo, a luz invadia a casa. Em nenhum lugar no mundo havia uma luz como aquela. Em algum canto daquela cidade, Frank vivia sob a mesma luz e talvez estivesse com a mesma sensação de vazio. Era como se uma máquina estivesse sugando o ar de dentro de seu corpo e a pele aderisse aos ossos numa tentativa artificial de implosão. E ao mesmo tempo, sentia a ação de uma força exatamente oposta, o desejo exasperado de explodir tudo o que guardava dentro de si.

Helena atravessou o corredor em direção à porta envidraçada que dava para o jardim. Passou diante do quarto onde estavam os telefones. Continuou e parou um pouco além. Bem na frente da porta onde estava agora, ela e Frank haviam trocado um longo olhar na noite em que Ryan fora preso. E exatamente naquele momento, ela entendeu tudo. Será que a mesma coisa tinha acontecido com ele? Em seus olhos não havia o menor vestígio de emoção, mas Helena, com a intuição que só as mulheres têm, tinha certeza de que aquele tinha sido o instante preciso em que tudo começara entre eles.

Mais do que qualquer coisa no mundo, desejava que ele estivesse ali para poder lhe perguntar.

Tirou um celular do bolso. Era o aparelho que Frank lhe dera na segunda noite em que se viram, quando teve que sair às pressas para comunicar a Céline a morte de Hulot. Refletiu sobre o enorme absurdo daquela situação: tinha que esconder como um segredo precioso algo que o mundo inteiro já considerava um

objeto de uso comum.

Tentou ligar para o número de Frank, que ele havia gravado na memória do aparelho. Uma voz automática disse que o número discado estava desligado e aconselhou que tentasse mais tarde.

Não, por favor, Frank, não vá sumir logo agora. Não sei quanto tempo me resta. Morro só de pensar em não ver você ou pelo menos falar com você…

Apertou outro botão, que correspondia ao número da central de polícia. A voz da telefonista respondeu.

— Sûreté Publique, *bonjour*.

— Você fala inglês? — perguntou Helena com uma certa apreensão.

— Claro, *madame*. O que posso fazer pela senhora?

Respondeu em inglês, mas a palavra *madame* foi dita em francês. *Noblesse oblige*. Helena suspirou de alívio. No mínimo, evitava acrobacias numa língua que não era seu forte. Hanneke havia ensinado, ou melhor, imposto o alemão a ela e Arijane. A segunda mulher de seu pai tinha horror ao francês, que definia como língua de homossexuais.

— Gostaria de falar com o agente Frank Ottobre, por favor…

— Um momento, *madame*. A quem devo anunciar?

— Helena Parker, obrigada.

— Um momento.

A telefonista a colocou em espera e alguns instantes depois a voz de Frank chegou a seu ouvidos.

— Helena, onde você está?

Helena enrubesceu e foi o único motivo de alívio por não tê-lo ali a seu lado naquele momento. Parecia ter voltado atrás no tempo, quando sentiu no rosto os lábios tímidos e inexperientes de Andrés Jeffereau. Entendeu que Frank possuía o poder mágico de fazer com que recuperasse a inocência. E naquela descoberta, Helena teve a confirmação de quanto o amava.

— Estou em casa. Meu pai saiu com Ryan e Stuart e fiquei sozinha. Mosse trancou todos os telefones num quarto, estou usando o que você me deixou.

— Aquele infeliz. Ainda bem que tive a ideia de levar um celular para você…

Helena não sabia se a central telefônica da polícia ouvia as ligações de Frank. No Parc Saint-Roman, ele havia mencionado a suspeita de que seu celular e o telefone fixo de sua casa estivessem grampeados. Talvez fosse essa a razão de seu tom rude.

Helena não queria dizer nada que pudesse comprometê-lo ou constrangê-lo, mas sentia que ia explodir.

— Preciso lhe dizer uma coisa.

Agora, pensou, *diga agora ou não vai dizer nunca!*

— Eu te amo, Frank.

Helena se deu conta de que era a primeira vez que dizia aquela palavra. E de que, pela primeira vez na vida, sentia um medo do qual não tinha medo.

Do outro lado, houve uma pausa. Foram só alguns instantes, mas Helena teve a impressão de que, no tempo transcorrido antes de ouvir a resposta, um homem poderia plantar tâmaras e esperar para colhê-las; depois a voz de Frank, finalmente, saiu do telefone.

— Eu também te amo, Helena.

Assim, simplesmente, como devia ser. Com aquela sensação de paz que as obras-primas sempre trazem consigo. Agora Helena Parker não tinha mais dúvidas.

— Graças a Deus, Frank Ottobre.

Não teve tempo de dizer mais nada. Ouviu o rumor de uma porta batendo na sala onde Frank se encontrava, abafado pelo filtro do telefone.

— Um momento — disse ele, com um tom subitamente frio.

Ouviu uma voz que não era dele dizendo palavras que não entendeu. Depois um grito de Frank, o barulho de alguma coisa batendo na madeira, seguido de uma imprecação, e a voz de Frank berrando:

— Deus do céu, é ele de novo, maldito filho da puta…

Em seguida, sua voz outra vez no telefone.

— Desculpe, Helena. Deus sabe o *quanto* queria ficar com você, mas preciso correr…

— O que houve? Pode me dizer?

— Claro, de todo modo vai ler tudo nos jornais amanhã. Ninguém matou mais um!

Frank desligou. Helena ficou olhando para o celular, confusa, tentando descobrir como desligar o aparelho. Estava tão feliz que nem reparou que seu primeiro, verdadeiro telefonema de amor tinha sido interrompido pela notícia de um homicídio.

* Expressão latina equivalente a “Dou para que dês”, nosso popular é dando que se recebe. (*N. da T.*)

54

FRANK E MORELLI DESCERAM AS ESCADAS como se o destino do mundo dependesse da rapidez daquela descida. Enquanto literalmente voavam sobre os degraus, Frank se perguntou quantas vezes mais aquela corrida se repetiria antes do fim do pesadelo. Estava falando com Helena, por alguns instantes havia encontrado lugar numa ilha de tranquilidade no meio de um mar tempestuoso, mas Claude tinha que aparecer para interromper aquele sonho de olhos abertos.

Ninguém atacara novamente. E da pior maneira, acrescentando ironia ao dano.

Jesus Cristo, quando essa carnificina vai ter fim? Quem é esse homem? O que é *para fazer tudo o que faz*?

Saíram pela porta de vidro do prédio da Sûreté Publique e logo à direita viram um grupinho de policiais ao redor de um carro. A rua já estava bloqueada para impedir a passagem de veículos e pedestres, fosse do lado da Rue Suffren Raymond, fosse do lado contrário, na metade da Rue Notari.

Frank e Morelli desceram as escadas externas e aproximaram-se. Os agentes abriram passagem. Estacionada bem na frente da entrada da central, à direita, na última vaga reservada aos carros da polícia, estava a Mercedes SLK de Jean-Loup Verdier com o porta-malas aberto.

Lá dentro, via-se o corpo de um homem. Parecia o rascunho do assassinato de Allen Yoshida, uma tentativa malfeita, como uma espécie de ensaio geral antes da estreia. O corpo estava encolhido no porta-malas, de lado sobre o flanco direito. Usava calças azuis e uma camisa branca manchada de sangue. No peito, na altura do coração, a camisa apresentava um corte desbeiçado, em torno do qual o sangue havia se espalhado sobre o tecido. Mas, como sempre, o rosto era a parte mais devastada. Com seu esgar horripilante, sua cara sem pele, o sangue coagulado sobre a testa pelada, onde um ridículo tufo de cabelos indicava que daquela vez o trabalho tinha sido realizado de forma bem mais apressada, o cadáver parecia fitar o carpete que, a poucos centímetros de seus olhos arregalados, forrava o porta-malas.

Frank olhou ao redor. Nenhum dos policiais tinha ânsias de vômito.

A gente se habitua a tudo, tanto ao pior como ao melhor.

Mas aquilo não era um hábito, era uma maldição e deveria existir, em algum lugar, um modo de esconjurá-la. Precisava encontrar aquele homem a qualquer custo, se não quisesse acabar sentado novamente no banco de madeira e ferro batido do jardim de uma clínica psiquiátrica, fitando sem ver um jardineiro que plantava uma árvore.

Recordou a conversa com o padre Kenneth. Se estivesse ali naquele momento, poderia lhe dizer que, pelo menos em parte, tinha mudado de convicção. Ainda não conseguia acreditar em Deus, mas já estava começando a acreditar no diabo…

— Como foi? — perguntou a todos e a ninguém em particular.

Um agente se aproximou. Frank não sabia seu nome. Lembrava que era um dos encarregados da vigilância da casa de Jean-Loup, por sorte sua não no dia em que descobriram que ele era Ninguém.

— Hoje de manhã reparei nesse carro estacionado em local proibido. Em geral, somos bastante rigorosos e fazemos a remoção imediatamente, mas nesses dias, com toda essa confusão…

O agente fez um gesto que compreendia uma situação que Frank conhecia muito bem. Ainda estavam frescos em sua mente os turnos que os policiais eram obrigados a cumprir, o vaivém contínuo dos carros, as chegadas e partidas em disparada para verificar todos os telefonemas que recebiam. Era uma consequência inevitável do problema que estavam enfrentando. Todos os mitômanos da Terra pareciam enlouquecer em casos como aquele. Ninguém já tinha sido identificado em dezenas de locais e foram obrigados a checar um por um, sem resultado.

Sim, conhecia muito bem a situação. Fez sinal para que o agente continuasse.

— Quando saí de novo, um pouco depois, vi que o carro continuava no mesmo lugar. Achei que podia ser um morador qualquer que tinha vindo à central atrás de algum documento. Às vezes eles deixam o carro ali, para ver se cola… Fui até lá verificar. Estava chamando o departamento de trânsito para a remoção quando tive a impressão de reconhecer a placa. Estive em Beausoleil, na casa de…

— Sim, sei — cortou Frank. — Continue.

— Bem, quando cheguei mais perto vi que havia uma marca no porta-malas traseiro, perto da fechadura, que podia ser sangue. Chamei Morelli e forçamos a fechadura. E encontramos isso…

O agente indicou o corpo com a mão.

Claro, “encontramos isso”. E é difícil definir “isso”, como você diz, como um

ser humano, não é?

O policial levantou completamente a tampa do porta-malas para que pudessem ver toda a parte interna, empurrando com uma esferográfica para não deixar impressões digitais.

— E tinha isso também…

Frank já sabia o que ia ver. No verso da chapa de metal havia uma inscrição feita com sangue, a costumeira e irônica inscrição deixada como comentário para uma nova proeza.

Eu mato…

Frank mordeu o interior da bochecha até a dor ficar insuportável. Sentiu o sabor adocicado de seu próprio sangue. Era isso que Jean-Loup tinha vaticinado no brevíssimo telefonema do dia anterior. Não haveria mais indícios, apenas cadáveres. Agora, aquele pobre ser humano no porta-malas de um carro era a confirmação de que a guerra continuava e de que mais uma batalha fora perdida. Aquele carro estacionado bem ali, diante da central, com sua carga macabra, era apenas a enésima vez que zombava de todos os seus esforços. Frank relembrou a voz de Jean-Loup, finalmente livre, sem distorções, sobre o fundo dos rumores do trânsito. Fizera a ligação de um reles celular descartável, comprado para a ocasião em qualquer lojinha. Em seguida, abandonou-o num banco. O menino que pegaram passou por ali, encontrou e carregou o aparelho. E tratou de usá-lo: tinha sido localizado justamente quando falava com o irmão mais velho para contar sobre seu achado. Não viu a pessoa que abandonara o celular, e no aparelho, além das do menino, não havia impressões digitais.

Frank voltou a olhar o corpo no porta-malas. Apesar dos esforços que fazia, não conseguia prever a reação da mídia daquela vez. Seria uma tarefa árdua para qualquer um encontrar as palavras certas para expor de modo sintético o novo crime.

Para ser honesto, estava pouco se lixando para as reações de Durand e Roncaille. E também para seu futuro. Só esperava não ser afastado das investigações antes de poder capturar Ninguém.

— Alguém sabe quem é esse pobre infeliz?

Morelli, que estava do outro lado do carro, deu a volta e se aproximou de Frank.

— Não, Frank. Não tinha documentos de identidade. Nada de nada.

— Creio que logo descobriremos. A julgar pela pele, deve ser jovem. Se aquele filho da puta seguiu o esquema de sempre, deve ser alguém, por volta dos 30, 35 anos, de boa aparência. Um pobre infeliz cuja única culpa foi estar no lugar errado na hora errada. E com o homem errado, Deus o fulmine. Daqui a

pouco vai aparecer algum VIP para denunciar seu desaparecimento e saberemos quem é. Vamos tentar chegar primeiro.

Um policial se aproximou.

— Inspetor…

— O que foi, Bertrand?

— Uma ideia, talvez seja estúpida, mas…

— Diga, diga…

— Os sapatos, inspetor.

— O que têm os sapatos?

O agente deu de ombros.

— Bem, são sapatos de velejador. Sei porque eu também uso.

— Acho que existem milhares de sapatos assim e acho que não…

Frank, que tinha começado a entender onde o agente queria chegar, interrompeu Morelli.

— Deixa ele acabar, Claude. Pode falar, Bertrand.

— Queria dizer que os sapatos, além da marca do fabricante, têm o logotipo de uma marca de cigarros. Pode ser a marca de um patrocinador. E como nesses dias…

De repente, Frank se lembrou da regata. Pousou a mão no ombro do agente.

— …e como nesses dias temos a Grand Mistral ou sei lá que nome tem, poderia ser alguém ligado à vela. Muito bem, meu rapaz, belo trabalho.

Frank fez esse comentário em voz alta o suficiente para que os outros ouvissem. Bertrand voltou para junto deles como se fosse o marinheiro que anunciou “Terra à vista!” para Cristóvão Colombo.

Frank chamou Morelli à parte.

— Claude, acho que a ideia de Bertrand é plausível. E além do mais é a única pista que temos. Vamos investigar por aí. Nessa altura dos fatos, tudo o que podíamos jogar, nós já jogamos. Agora não temos mais nada a perder.

O furgão azul da perícia surgiu na esquina da Rue Raymond. Um agente foi até lá para afastar as barreiras e deixá-lo passar.

Frank indicou o furgão com a cabeça.

— Acho que não preciso dizer, mas é sempre bom lembrar ao pessoal da perícia que precisamos das impressões digitais do morto imediatamente. Visto o estado em que se encontra, é a única forma de identificá-lo. O dentista dele pode não estar disponível nesse momento…

A expressão do rosto de Morelli era só dúvida e cansaço. Depois de toda aquela série de crimes, não era fácil receber certas porradas sem vacilar. Quando

Frank o deixou estava dando instruções aos técnicos que desciam do furgão. Frank cruzou a porta em direção a sua sala. O rosto de Helena lhe veio à memória. Voltou a ouvir sua voz ao telefone, assustada e, no entanto, tão segura dizendo que o amava.

Mais um fracasso.

Tinha a poucos metros de si uma mulher que podia ser sua salvação e para quem ele podia ser a única esperança. Tinha o mundo ao alcance das mãos e dois homens barravam seu caminho.

De um lado, Ninguém, cuja fúria homicida o levava a continuar matando gente inocente até que alguém conseguisse detê-lo. Do outro, o general Parker, cuja aberração o levava a destruir tudo o que encontrava de bom em seu caminho, até que alguém conseguisse fazer a mesma coisa com ele.

E Frank queria ser esse alguém.

Não reconhecia nenhuma outra dívida. Ser um policial significava, em última análise, só isso. As verdadeiras motivações estavam escondidas em caixas-fortes que cada um só abria se quisesse.

Durand, Roncaille, o ministro de Estado, o príncipe e até o presidente dos Estados Unidos em pessoa podiam pensar o que bem entendessem. Frank se sentia como um simples operário, bem distante das salas onde os projetos eram elaborados. Era apenas a pessoa que estava diante dos muros que precisavam ser destruídos e reconstruídos, entre a poeira de cimento e o cheiro de cal. Era aquele que tinha que olhar para corpos mutilados e esfolados em meio ao cheiro acre de pólvora e sangue. Não queria escrever páginas imortais, só desejava escrever o relatório que explicasse como e por que tinha trancafiado o responsável por tantos homicídios.

Parker ficaria para depois. Em seu delírio, Ninguém tinha lhe ensinado uma coisa: ser feroz na perseguição dos próprios objetivos. Era exatamente o que faria com o general. Com uma ferocidade que ainda surpreenderia Parker, embora ele fosse um mestre nessa arte.

Quando chegou à sala, sentou-se atrás da escrivaninha e tentou digitar o número do celular que tinha dado a Helena. Estava desligado. Provavelmente não estava mais sozinha e não queria correr o risco de ver o aparelho começar a tocar de repente, revelando seu segredo. Imaginou-a em casa entre seus carcereiros, Nathan Parker e Ryan Mosse, com Stuart como único consolo.

Levou quinze minutos pensando, as mãos atrás da nuca, os olhos fixos no teto. Não importa para onde tentasse direcionar sua mente, sempre encontrava uma porta fechada.

No entanto, sentia que a solução estava próxima, ao alcance das mãos. Sobre

seu empenho, não havia dúvida alguma, nem sobre suas capacidades. O currículo de cada um dos homens envolvidos naquela investigação, sem excluir ninguém, era testemunha disso. Só faltava uma pequena ajuda da sorte que, apesar de tudo, é um importante componente do sucesso. E era engraçado que aquela falta de sorte crônica se manifestasse bem ali, no Principado de Mônaco, uma cidade cheia de pequenos e grandes cassinos, cujos caça-níqueis traziam a inscrição "Winning is easy", vencer é fácil. Frank gostaria de ir até uma dessas maquininhas, enfiar a soma necessária para fazer as rodas girarem até que nas três linhas aparecesse, em vez de um *triple bar*, a indicação do lugar onde Jean-Loup Verdier estava escondido.

A porta do escritório se abriu e Morelli entrou, tão animado que esqueceu de bater.

— Frank, demos sorte!

Lupus in fabula: vamos esperar que seja mesmo o lobo e não um cachorrinho de pelúcia…*

— Diga.

— Duas pessoas vieram fazer uma denúncia. Ou seja, não é bem uma denúncia, elas vieram expressar uma preocupação…

— Que seria…?

— Um membro da tripulação do *Try for the Sun*, um dos barcos da Grand Mistral, está desaparecido.

Frank tirou as mãos da nuca depressa e esperou a sequência. Morelli deu alguns passos à frente, sabendo que tinha jogado um argumento interessante na mesa.

— Ele tinha um encontro com uma moça ontem à noite, na marina de Fontvieille. Quando ela chegou para buscá-lo, não achou ninguém. Esperou um pouco e acabou indo embora. Mas trata-se de uma moça tinhosa e hoje de manhã voltou ao barco do patrocinador onde dorme a tripulação para lhe jogar na cara tudo o que pensava dele, que uma mulher como ela não pode ser tratada assim etc. etc. Deparando-se com aquela fúria toda, um marinheiro resolveu chamá-lo na cabine, mas encontrou-a deserta. A cama estava feita, o que significa que ele não dormiu lá.

— Não poderia ter arrumado a cama antes de sair de manhã cedo?

— É possível, mas muito difícil. Os marinheiros do iate levantam cedíssimo e alguém o teria visto, com certeza. Além do mais, encontraram as roupas que ele usou na noite anterior, o uniforme oficial do *Try for the Sun*, em cima da *couchette*, sinal de que esteve no barco para mudar de roupa e depois saiu…

— Ainda não temos elementos conclusivos, precisamos verificar tudo isso.

Comparem as impressões digitais do cadáver com as da cabine. É o meio mais seguro.

— Já dei ordens para isso. Mandei um agente isolar a cabine. Um técnico da perícia já está indo para Fontvieille.

— E você, o que acha?

— A pessoa desaparecida entra nos critérios de Ninguém. Trinta e três anos, bonitão, moderadamente famoso no mundo da vela… Trata-se de um americano de nome Hudson McCormack.

Ao ouvir o nome, Frank estremeceu com tanta violência que Morelli ficou com medo que caísse da cadeira.

— Qual é o nome mesmo?

— Hudson McCormack. É um advogado de Nova York.

Frank se levantou.

— Eu sei, Claude, conheço muito bem o cara. Quer dizer, não conheço de fato, mas é o cara de quem lhe falei, que pedi que tentasse vigiar.

Morelli enfiou a mão no bolso traseiro da calça e tirou o disquete que Frank tinha lhe dado no dia anterior.

— Olhe, o disquete ainda está aqui. Não consegui tratar disso ontem. Pretendia resolver hoje…

Frank e Morelli estavam com a mente no mesmo lugar. Sabiam muito bem o que o adiamento daquela providência significava. Se tivessem colocado McCormack sob vigilância no dia anterior, talvez ele ainda estivesse vivo e talvez Jean-Loup Verdier estivesse atrás das grades de uma cela.

Frank pensou que aquela história estava acumulando um excesso de “se” e “talvez”. Cada uma daquelas palavras era uma pedra que poderia construir remorsos pesados como uma montanha.

— Certo, Claude, verifique e me informe.

Morelli jogou o disquete, agora inútil, na escrivaninha e saiu da sala. Frank ficou sozinho. Pegou o telefone e ligou para a casa de Cooper, nos Estados Unidos, sem se importar com o fuso. A voz de seu amigo respondeu, surpreendentemente desperta apesar da hora.

— Alô?

— Coop, é Frank. Acordei você?

— Acordar? Ainda não tinha ido dormir. Acabei de chegar em casa, meu paletó ainda está balançando no cabide. O que houve?

— Uma merda. Uma coisa de louco. O homem que estamos procurando, nosso *serial killer*, deu cabo de Hudson McCormack essa noite e o esfolou como se fosse um antílope.

Houve um segundo de silêncio. Provavelmente, Cooper não conseguia acreditar em seus próprios ouvidos.

— Cruz-credo, Frank, o mundo parece ter enlouquecido. Aqui também estamos no caos total. Toda hora chega um alarme de atentado terrorista e devemos estar em estado de alerta permanente, você nem imagina. E ontem à tarde chegou a última pedrada. Osmond Larkin foi assassinado na prisão, na hora do banho de sol. Houve uma briga entre os presos e ele dançou.

— Beleza.

— É, beleza. Depois de todo o trabalho que tivemos, você sabe, acabamos com um punhado de ar.

— Cada um tem suas mazelas, Coop. Não estamos muito melhor por aqui. Desde hoje de manhã, temos mais um cadáver nas costas.

— Quantos são, afinal?

— Segure-se. Dez.

Cooper não estava a par dos últimos acontecimentos. Deu um assovio quando a contagem de vítimas foi atualizada.

— Cacete! Está querendo entrar para o Guinness?

— Parece que sim. Aquele filho da puta tem dez homicídios na consciência e o problema é que também sinto esse peso na minha consciência.

— Não desista, Frank. Se quer saber, é o que repito para mim também, por aqui.

— É só o que posso fazer por enquanto.

Desligou o telefone. Pobre Cooper, cada um com sua sina. Frank hesitou por alguns instantes. À espera das confirmações oficiais sobre Hudson McCormack, temendo que, de uma hora para outra, a porta se abrisse e Roncaille entrasse que nem um capeta, ele não sabia o que fazer. Provavelmente, naquele momento o sóbrio Roncaille estava levando uma esporro que trataria de compartilhar imediatamente com seus subordinados.

Pegou o disquete da escrivaninha, ligou o computador, e o enfiou no drive. Abriu um dos dois arquivos marcados com a extensão jpeg.

Apareceu uma foto na tela. Tinha sido tirada num local público, sem que McCormack percebesse, é claro. Era um bar e estava bem cheio: um dos muitos bares de Nova York, longos e estreitos, cheio de espelhos para que parecessem maiores, que na hora do almoço recebiam o pessoal dos escritórios para almoçar um prato de salada e que, à noite, mudavam de figura, transformando-se em bares de solteiros em busca de companhia. Numa mesa, o advogado Hudson McCormack falava com uma pessoa que estava de costas, usando um *trench-coat* com a gola levantada.

Abriu o outro arquivo. Era um detalhe ampliado da mesma foto, levemente mais granulada do que a original.

Frank ficou olhando a imagem de um belo americano, cabelos cortados bem curtos, segundo a moda nova-iorquina, com um terno azul que parecia perfeito para alguém que frequentava tribunais.

Então, muito provavelmente, aquela era a cara do cadáver sem rosto que tinham encontrado pouco antes. Será que aquele pobre rapaz havia sequer imaginado que, partindo para Montecarlo com a perspectiva de uma regata em mar aberto, acabaria sua vida no espaço apertado da mala de um carro? E que o último impermeável que usaria seria o saco plástico em que a polícia enfia os cadáveres?…

Frank ficou observando a foto. De repente, uma ideia louca abriu caminho em seu cérebro, como a ponta de uma furadeira que aparece do outro lado de uma parede fina demais.

Talvez fosse possível…

Abriu a agenda eletrônica encontrada no computador de Nicolas. Seu amigo não era um amante da eletrônica, mas até ali ele chegava. Esperava encontrar o número desejado. Digitou um sobrenome e em seguida o número correspondente apareceu na tela, junto com o nome completo e o endereço.

Antes de ligar, chamou Morelli pelo interfone.

— Claude, vocês gravaram o telefonema de Jean-Loup ontem?

— Claro.

— Queria uma cópia, para ontem.

— Já fizemos. Vou mandar agora mesmo.

— Obrigado.

Ótimo Morelli. Lacônico e eficaz. Enquanto digitava o número do telefone, Frank matutou em que pé estaria sua história com Barbara, agora que não frequentava mais a rádio. Com ela, Claude tinha se mostrado tudo, menos lacônico, embora igualmente eficiente. Seus pensamentos foram interrompidos pela voz no telefone.

— Alô?

Teve sorte. A pessoa que respondeu era exatamente aquela com quem queria falar.

— Oi, Guillaume, é Frank Ottobre.

O rapaz não se espantou nem um pouco com a ligação. Respondeu como se tivessem se visto pela última vez há dez minutos.

— Oi, agente do FBI. A que devo a honra?

— Gostei muito da última vez que estive em seu estabelecimento. Acho que

vou precisar recorrer novamente a seus serviços…

— Aceito propostas, venha quando quiser.

— É só o tempo de chegar aí.

Frank desligou e ficou mais uns instantes olhando a foto no computador antes de fechar o arquivo e retirar o disquete. Se houvesse alguém com ele na sala, poderia dizer que sua expressão enquanto olhava para a imagem era a mesma de um jogador calejado observando a bolinha girar na roleta.

* Expressão latina que tem o mesmo sentido de “falando no diabo, eis que ele aparece”. (*N. da T.*)

55

FRANK PAROU O MÉGANE NA FRENTE do portão pintado de verde, no fundo da rua onde ficava a casa de Helena. Desceu do carro e se espantou por encontrar o portão aberto. O pensamento de que, dentro de alguns segundos, teria o rosto da mulher que amava diante de seus olhos fez seu coração bater mais rápido. Mas lembrou-se também do general Nathan Parker, o que fez com que apertasse os punhos de raiva. Tratou de recobrar a calma antes de entrar. A raiva era péssima conselheira para certas situações e a última coisa de que precisava naquele momento era de maus conselhos.

Ele, em compensação, estava em condições de dar ótimos conselhos. O encontro matinal com Guillaume tinha sido extremamente esclarecedor. Quando estivera em sua casa, na tarde anterior, fora até a edícula onde trabalhava, que parecia absolutamente caótica, e pedira que verificasse alguns pontos. Mas as máquinas estavam empenhadas num trabalho que não podia ser interrompido imediatamente e Guillaume precisaria daquela tarde e da noite para fazer a verificação pedida. Foi obrigado a dar verdadeiros saltos mortais, mas finalmente caíra de pé. E conseguira reaprumar a figura vacilante de Frank Ottobre, agente especial do FBI.

Quando Guillaume apresentara o resultado de suas pesquisas, Frank ficara boquiaberto ao constatar que suas intricadas hipóteses tinham se revelado exatas. Pareciam meras suposições construídas no ar, conjecturas sem sentido e sem lógica. Ele mesmo tinha achado que era maluquice. No entanto…

Tivera vontade de abraçar o rapaz. Mas, ao contrário, pensou que já era hora de parar de chamá-lo daquela forma depreciativa, que considerava apenas sua idade cronológica. Guillaume era um homem. E um homem de coragem. Foi o que concluíra definitivamente quando estava saindo de sua casa. Guillaume o acompanhara em silêncio até o portão. Atravessaram o jardim um ao lado do outro, sem falar, cada um com seus pensamentos. Frank já tinha aberto o portão e estava indo para o carro quando sua expressão o deteve.

— O que houve, Guillaume?

— Não sei, Frank. É uma sensação estranha. É como se uma venda tivesse caído dos meus olhos.

Frank sabia bem a que Guillaume se referia, mas perguntara assim mesmo.

— O que está querendo dizer?

— Bem, tudo isso. Foi como descobrir de repente que existe um outro mundo, além, um mundo onde as coisas não acontecem só com os outros, mas conosco também. As pessoas não são assassinadas apenas nos telejornais, mas também na calçada, caminhando a seu lado…

Frank acompanhara seu desabafo em silêncio. Mas podia imaginar onde Guillaume queria chegar.

— Só lhe peço uma coisa, Frank. E preciso de uma resposta sincera. Não quero saber de detalhes, só quero que me esclareça um dúvida pessoal. O que fiz para você, hoje e da outra vez, vai servir para pegar o assassino de Nicolas?

Guillaume tinha os olhos úmidos. Ostentava um ar de quem não está nem aí, mas era uma pessoa de verdade. Gostava de Nicolas Hulot como gostava antes de seu filho Stéphane.

Frank olhara para ele com um sorriso.

— Algum dia, quando toda essa história tiver chegado ao fim, eu e você teremos uma conversa. Não sei quando, meu caro, mas quando isso acontecer vou lhe explicar tintim por tintim o *quanto* você foi importante para desvendar essa história e, especialmente, para mim.

Guillaume assentira e se afastara. Batera o portão e, enquanto o Mégane partia, cumprimentara-o com um aceno indeciso.

Você é grande, Guillaume.

Com aquele pensamento na cabeça, Frank passou pelo portão e entrou no jardim da casa de Helena. Espantou-se com o que viu. A casa tinha todas as janelas do andar de cima e todas as portas de vidro que davam para o jardim escancaradas. No interior, no térreo, uma mulher com um avental azul estava colocando um fio na tomada. Ela saiu de seu campo de visão e pouco depois ouviu o ruído de um aspirador de pó. Viu quando apareceu numa das portas arrastando o eletrodoméstico para a frente e para trás. No andar de cima, no quarto de Helena, uma outra mulher com o mesmo avental saiu para o balcão segurando um tapete *kilim*. Depois de pendurá-lo na grade de ferro, começou a tirar a poeira com um batedor de vime.

Frank se aproximou da casa. Não estava nada satisfeito com o que via. Da porta principal, de nogueira escura, saiu um homem. Era um homem de idade, vestido com um terno claro que combinava perfeitamente com o estilo da casa. Quando o viu, resolveu ir até ele. Apesar do aspecto vigoroso, quando pôde ver

suas mãos mais de perto, concluiu que devia estar mais próximo dos 70 que dos 60.

— Bom-dia. Em que posso ajudá-lo?

— Bom-dia. Meu nome é Frank Ottobre e sou amigo dos Parker, que moravam aqui…

O homem sorriu de repente, exibindo uma fileira de dentes brancos que certamente custaram os olhos da cara.

— Ah, também é americano. Prazer em conhecê-lo.

Estendeu a mão firme, mas com a pele toda manchada. Frank pensou que além da idade havia alguma coisa que não ia bem no fígado daquele sujeito.

— Meu nome é Tavernier, André Tavernier. Sou o proprietário dessa casinha…

Indicou com um gesto e um sorriso cúmplice a casa às suas costas.

— Sinto muito, meu jovem, mas seus amigos partiram.

— Partiram?

Parecia sinceramente penalizado por ter que confirmar a má notícia.

— É, partiram. O contrato de aluguel foi assinado através de uma agência, embora em geral eu prefira fazer isso pessoalmente. Vim até aqui de manhã com as faxineiras para conhecer meus inquilinos e encontrei-os no vestíbulo com as malas prontas, esperando o táxi. O general, sabe de quem estou falando, falou de um imprevisto que os obrigava a partir imediatamente. Para agir com a devida correção, eu disse que reembolsaria o período que ele tinha pagado a mais, mas ele não quis nem discutir. Uma bela pessoa, com certeza…

Vou lhe mostrar agora mesmo quem é uma bela pessoa, seu almofadinha naftalinado…

Frank bem que gostaria de contestar as avaliações do sr. Tavernier. Se aquilo era uma amostra de sua capacidade de julgar as pessoas, era melhor que seus contratos futuros exigissem pagamento antecipado em dinheiro. No entanto, havia coisas mais importantes no momento do que informar o velhote sobre a verdadeira personalidade do homem para quem alugara sua casa.

— Sabe para onde foram?

O sr. Tavernier teve um ataque de tosse, com aquele ruído catarrento que denuncia alguns cigarros a mais que o devido, apesar da idade. Frank foi obrigado a esperar que o homem tirasse um lenço imaculado do bolso do paletó e limpasse os lábios antes de responder.

— Nice. Para o aeroporto, acho eu. Tinham um voo direto para os Estados Unidos.

— Merda!

A exclamação escapou dos lábios de Frank antes que conseguisse reprimi-la.

— Desculpe, sr. Tavernier.

— Não há de quê. Às vezes, é libertador desabafar um pouco.

— Sabe a que horas era o voo?

— Não, sinto muito. Não posso ajudá-lo nesse caso.

O rosto de Frank certamente não expressava muito bom humor. O sr. Tavernier, como um verdadeiro homem do mundo, entendeu tudo.

— *Cherchez la femme*, não é mesmo, meu rapaz?

— Como?

— Entendo perfeitamente. Estou falando da mulher que estava aqui. Trata-se dela, não é? Se tivesse vindo até aqui na expectativa de encontrar uma mulher como aquela e topasse com a casa vazia, eu também ficaria com essa expressão desapontada. No meu tempo, quando era jovem e morava aqui, essa casa viu tantas histórias que daria para encher uns dois livros…

Frank estava pisando em brasas. Tudo o que desejava era deixar o sr. Tavernier com suas histórias de capa e espada e correr para o aeroporto de Nice. O homem o segurou pelo braço. Frank teve vontade de parti-lo ao meio. Em geral, não suportava as pessoas que impõem um contato físico com os outros, imagine num momento em que ouvia os segundos passarem como se estivesse com a cabeça dentro de um sino.

Tavernier só se salvou por causa do que disse.

— Pois é, eu realmente gozei a vida, pode acreditar em mim. Ao contrário de meu irmão, que vivia na casa aqui ao lado, aquela bem ali, cujo teto dá para ver atrás dos ciprestes.

Assumiu a atitude de quem vai contar um segredo que só ele conhece. Algo difícil de acreditar.

— É a casa que aquela louca da minha cunhada deixou como herança para um rapazinho qualquer, só porque ele salvou seu cachorro. Um vira-lata que não valia nem a árvore em que fazia xixi, entende? Não sei se já ouviu falar dessa loucura. E sabe quem é o tal rapaz?

Frank sabia, sabia muito bem. E não tinha vontade nem tempo para ouvir de novo. Tavernier, ignorando o risco que estava correndo, segurou-o novamente pelo braço.

— Era um assassino, um *serial killer*, o tal que matou vários pessoas por aí em Montecarlo, esfolando-as como animais. Veja só a quem minha cunhada resolveu deixar uma casa com aquele valor…

Enquanto o senhor alugou a sua a um benfeitor da humanidade… Se existisse um Prêmio Nobel de estupidez, esse velho tonto o ganharia todo ano…

Alheio ao juízo de Frank a seu respeito, Tavernier deixou escapar um suspiro. E seguiu-se uma onda de recordações.

— É, aquela mulher deixou meu irmão completamente embasbacado. Não que não fosse bonita… Era bonita como um *en plein* na roleta, se é possível comparar, mas tão perigosa quanto ele. Dava vontade de jogar de novo, não sei se me entende. Mandamos construir essas casas juntos, em meados dos anos sessenta. Casas gêmeas, uma ao lado da outra, mas isso era tudo. Eu estava aqui e eles dois lá. Cada um com sua vida. Sempre vi meu irmão como um condenado: com uma bola de ferro acorrentada no pé e sempre à disposição para satisfazer os caprichos da mulher. E olhe que ela tinha caprichos, *bon Dieu*, e como tinha! Imagine que até…

Frank se perguntou por que estava li ouvindo os devaneios de um ex-libertino com as cuecas cheias de entulho em vez de pular no carro e partir voando para o aeroporto de Nice. Por um motivo que não conseguia explicar, Frank tinha a impressão de que aquele homem estava para dizer alguma coisa importante. E, de fato, foi o que Tavernier fez. Em meio ao vazio de suas quixotadas, disse uma coisa tão importante que Frank ficou na maior agitação e, ao mesmo tempo, no mais negro desconsolo ao evocar a imagem de um grande avião que decolava com o rosto triste de Helena numa janelinha, vendo a França desaparecer lá embaixo.

Fechou os olhos. Havia empalidecido a ponto de preocupar o velho aspirante a grande fidalgo.

— O que houve, está se sentindo mal?

Frank voltou a olhar para ele.

— Não, ao contrário, estou ótimo. Muito bem mesmo.

Tavernier sublinhou sua dúvida com a expressão adequada. Frank deu um sorriso que o homem entendeu como quis. Aquele velho idiota jamais poderia imaginar que tinha acabado de revelar o esconderijo de Jean-Loup Verdier.

— Muito obrigada e adeus, sr. Tavernier.

— Ao ataque, meu jovem! Espero que consiga alcançá-la… mas se não conseguir, lembre-se que o mundo está cheio de mulheres.

Frank concordou com ele num gesto distraído enquanto se afastava. Tinha chegado ao portão, quando Tavernier voltou a chamá-lo.

— Ah, lembre-se, meu jovem…

Frank virou-se com vontade de mandá-lo às favas. Foi detido por um sentimento de gratidão ao velho por aquilo que tinha acabado de revelar sem saber.

— Diga, sr. Tavernier.

O velho abriu um amplo sorriso.

— Se por acaso precisar de uma bela casa aqui na Côte…

Indicou a casa às suas costas com um gesto triunfal.

— Aqui está ela!

Sem responder, Frank atravessou o portão. Parou de pé ao lado do carro, de cabeça baixa, olhando os sapatos, um ao lado do outro sobre o cascalho. Devia tomar uma decisão e devia tomá-la depressa. Finalmente decidiu fazer o que era justo, pelo menos em primeiro lugar. Mas não era verdade que não podia tentar, pelo menos tentar, salvar a cabra e a couve. Pegou o celular e digitou o número da polícia de Nice. Quando um agente respondeu, identificou-se e pediu que chamassem o delegado Froben. Pouco depois, atendeu o delegado.

— Oi, Frank, como vai?

— Indo… E você?

— Indo também. Mas diga.

— Claude, preciso de um favorzão do tamanho de um bonde.

— Tudo que quiser, se eu puder.

— Tem umas pessoas que estão de partida no aeroporto de Nice. O general Nathan Parker, sua filha Helena e o neto, Stuart. Com eles, deve estar um outro personagem, um certo capitão Ryan Mosse.

— Aquele Ryan Mosse?

— Exatamente. Preciso que impeça a partida. Não sei como, não sei qual pode ser a desculpa, mas deve impedir que embarquem até que eu consiga chegar. Estão fazendo o traslado do corpo de uma das primeiras vítimas de Ninguém, Arijane Parker, para os Estados Unidos. Talvez possa usar isso como pretexto. Algum entrave burocrático, sei lá. É uma questão de vida ou morte, Claude. Pelo menos para mim. Acha que pode fazer isso?

— Por você, tudo isso e o céu também.

— Obrigado, amigão, nos falamos daqui a pouco.

Logo em seguida, Frank digitou um outro número, do comando da Sûreté. Pediu para falar com Roncaille. Ele atendeu quase imediatamente.

— Diretor, é Frank Ottobre.

Roncaille, que provavelmente estava vivendo os últimos dois dias em aceleração máxima, atacou-o como um tornado.

— Frank, onde é que você se enfiou, caralho?

O palavrão na boca do chefe da polícia não indicava um simples furacão, mas a tempestade do século.

— Com tudo o que está ocorrendo por aqui você resolve sumir? Foi colocado

à frente de uma investigação e em vez de chegarmos a algum resultado acabamos topando com mais mortos no caminho do que pássaros nas árvores. Sabe que daqui a pouco não vai sobrar mais ninguém do quadro da Sûreté no lugar? Eu mesmo terei sorte se arranjar emprego como guarda noturno…

— Fique tranquilo, diretor, se não perdeu o emprego até agora, tenho certeza de que vai manter o posto. Está tudo acabado.

— O que quer dizer com “tudo acabado”?

— Significa que está tudo acabado. Sei onde Jean-Loup Verdier está escondido.

Silêncio do outro lado. Pausa para reflexão. Frank podia sentir o alcance da dúvida hamletiana de Roncaille. Ser ou não ser, crer ou não crer…

— Tem certeza?

— Noventa e nove por cento.

— Não basta. Quero cem.

— Cem por cento não é coisa dessa terra. Noventa e nove já é um percentual mais que aceitável.

— Está certo. E onde ele está?

— Antes quero uma coisa em troca.

— Frank, melhor não esticar demais a corda.

— Diretor, preciso esclarecer alguns pontos. A carreira para mim já não importa mais nada. É o senhor quem se importa com a sua. Se disser que não, desligo esse telefone e pego o primeiro avião que decolar de Nice com destino à puta que o pariu. E o senhor, para sermos explícitos, pode ir se enforcar junto com seu amigo Durand. Deu para entender?

Silêncio. Pausa para não morrer. Depois outra vez a voz de Roncaille, cheia de raiva contida.

— Diga o que deseja.

— Quero sua palavra de honra de que o delegado Nicolas Hulot será considerado morto em serviço e de que sua viúva receberá a pensão que compete à mulher de um herói.

Terceira pausa. A mais importante. A da contagem dos colhões de cada um. Quando Roncaille respondeu, Frank ficou contente de ter chegado a dois.

— Certo, de acordo. Feito, tem minha palavra de honra. Agora é com você.

— Mande os homens saírem e diga ao inspetor Morelli que ligue para mim no celular. E pode começar a lustrar o uniforme para a coletiva de imprensa.

— Mando os homens para onde?

— Beausoleil.

— Beausoleil? — repetiu Roncaille incrédulo.

— Perfeitamente. Durante todo esse tempo, aquele filho da puta de Jean-Loup Verdier não saiu de sua própria casa.

56

PIERROT PEGOU O COPO DE PLÁSTICO cheio de Coca-Cola que Barbara lhe estendeu e começou a beber como se tivesse vergonha de que os outros o vissem fazê-lo.

— Quer mais?

Pierrot sacudiu a cabeça. Devolveu o copo vazio e virou o rosto para a mesa onde estava organizando um pilha de CDs.

Gostava de Barbara, mas ao mesmo tempo ela o intimidava. O rapaz tinha uma quedinha por ela, feita sobretudo de olhares secretos, silêncios e fugas quando ela aparecia. Bastava que lhe dirigisse a palavra para que ficasse vermelho como um pimentão. Barbara tinha notado a existência daquele sentimento havia tempos. Era um amor, se é que podia ser definido assim, tipicamente infantil, de acordo com o modo de ser de Pierrot, mas que precisava ser respeitado, como todos os sentimentos. Sabia o quanto a capacidade de amar tinha força na alma daquele rapazinho estranho que parecia eternamente assustado com o mundo: tinha a candura e a sinceridade que se encontram no afeto das crianças e dos cães. Podia parecer uma comparação um tanto depreciativa, mas era a expressão de um afeto completo e sincero, um afeto que existe enquanto tal, sem exigir contrapartidas.

Certa vez, encontrou uma margarida no *mixer*. Quando percebeu quem era o misterioso admirador que lhe oferecia uma simples flor do campo, quase derreteu de ternura.

— Quer mais um sanduíche? — perguntou às costas de Pierrot.

Mais uma vez, ele sacudiu a cabeça sem se virar. Era hora do almoço e tinham encomendado uma travessa de sanduíches de vários tipos do Stars’n Bars. Depois da história de Jean-Loup, à parte as vozes e a música que saíam dos microfones, as salas da Rádio Monte Carlo pareciam ter se transformado no reino do silêncio. Todos andavam por ali como se fossem figuras feitas de ar. A sede da emissora ainda estava tão sitiada pelos jornalistas quanto o Forte Álamo pelo Exército mexicano. Todos os componentes do *staff* haviam sido seguidos, caçados, cercados. Cada um deles tinha se visto com um microfone debaixo do

nariz, uma câmera de vídeo apontada para o rosto, um jornalista embaixo da própria janela. De fato, o que acontecera justificava plenamente o interesse dos meios de comunicação em relação a eles.

Jean-Loup Verdier, um dos protagonistas da Rádio Monte Carlo, revelou ser um assassino perigoso e psicopata e ainda estava foragido. Sua presença pairava como espectro sobre o Principado de Mônaco. No dia seguinte à descoberta da identidade do culpado por aqueles homicídios em série, graças à curiosidade mórbida das pessoas e à publicidade da mídia, a audiência tinha praticamente dobrado.

Robert Bikjalo, o Robert Bikjalo de outrora, teria dado um salto mortal com parafuso ao ver os números da audiência. Mas o atual fazia seu trabalho como um robô, fumava como um turco e se exprimia em monossílabos, como todo mundo na rádio, aliás. Raquel respondia ao telefone com a voz mecânica de uma secretária eletrônica. Barbara não conseguia parar quieta um instante sem experimentar uma vontade irrefreável de chorar.

O próprio presidente só ligava quando era estritamente necessário.

A esse estado de espírito somou-se a notícia da morte trágica de Laurent, dois dias antes, numa tentativa de assalto. Foi o golpe de misericórdia no ânimo geral, acrescentando mais desalento a pessoas que já pareciam possuídas pelos fantasmas.

No entanto, o mais atingido por toda aquela história era mesmo Pierrot.

O menino refugiara-se num mutismo preocupante, respondendo às perguntas que lhe faziam apenas com sinais afirmativos ou negativos. Quando estava na rádio, era uma presença silenciosa que realizava as tarefas que lhe cabiam como se não estivesse ali. Ficava entocado no arquivo horas a fio, tanto que mais de uma vez Barbara descera para ver se ele estava bem. Sua mãe também estava preocupada. Em casa, passava o tempo inteiro ouvindo música no estéreo com os fones nos ouvidos, como se servissem para isolá-lo completamente do resto do mundo.

Não sorria mais. E nunca mais havia ligado o rádio.

A mãe estava desesperada com aquela involução do comportamento de Pierrot. Frequentar a Rádio Monte Carlo, sentir-se parte de alguma coisa, ganhar algum dinheiro (para deixá-lo ainda mais orgulhoso, a mãe fazia questão de destacar o quanto aquele dinheiro era importante para as finanças domésticas) tinham para ele o significado de uma porta aberta para o mundo.

A amizade no limite da adoração por Jean-Loup havia escancarado essa porta. Agora, pouco a pouco, aquela porta estava sendo fechada e a mulher temia que, uma vez completamente fechada, ninguém entraria mais. Nunca mais.

Era impossível entender o que se passava em sua cabeça.

No entanto, todos, do primeiro ao último, ficariam de boca aberta se pudessem ler seus pensamentos. Todos pensavam que sua tristeza e seu mutismo derivavam da descoberta de que seu amigo era na verdade o homem mau, como ele mesmo definia, que telefonava para a rádio de vez em quando com a voz dos diabos. Talvez sua alma ingênua reagisse daquela forma ao ser obrigada a constatar que sua confiança tinha sido depositada em alguém que não merecia.

Mas, ao contrário do que se pensava, sua confiança em Jean-Loup, sua amizade, não tinham sido nem minimamente atingidas pelos últimos acontecimentos e pelas revelações daquela gente sobre seu ídolo.

Ele o conhecia bem, tinha estado em sua casa, tinham comido crepes com Nutella juntos e Jean-Loup tinha permitido que provasse um copo de vinho italiano muito bom que se chamava “il Moscato”. Era doce e fresco e fizera sua cabeça girar um pouco. Tinham ouvido música e Jean-Loup lhe emprestara alguns discos, daqueles de plástico preto, preciosos, para que os ouvisse em casa. Tinha feito uma cópia dos CDs que Pierrot preferia, como Jefferson Airplane, Jeff Beck com a guitarra na ponte dos carros e os dois últimos do Nirvana.

Todas as vezes que estiveram juntos, nunca tinha ouvido Jean-Loup falar com a voz dos diabos, muito pelo contrário…

Dizia coisas que faziam rir com sua bela voz igual à da rádio e às vezes o levava a Nice de carro para tomar sorvetes do tamanho de uma montanha e ver as lojas de animais, ele e Jean-Loup, parados na frente das vitrines, olhando os filhotes expostos em seus recintos.

Jean-Loup *sempre* disse que eles dois eram unha e carne e *sempre* demonstrou que isso era verdade. Portanto, se Jean-Loup sempre lhe dizia a verdade, isso significava uma coisa muito simples: eram os outros que mentiam.

Todos perguntavam o que tinha e tentavam fazê-lo falar. Mas não queria dizer a ninguém, nem mesmo à mãe, que a causa principal de sua tristeza era o fato de não tê-lo visto nunca mais desde que aquelas coisas aconteceram. E que não sabia o que fazer para ajudá-lo. Talvez estivesse escondido em algum lugar naquele momento, talvez tivesse fome e não havia ninguém para levar comida para ele, nem um pouco de pão com Nutella.

Sabia que os policiais procuravam por ele e que, se o pegassem, iam colocá-lo na prisão. Pierrot não tinha uma ideia muito precisa do que fosse uma prisão. Só sabia que lá ficavam as pessoas que tinham feito coisas feias e que não poderiam sair nunca mais. E se não deixavam os que estavam lá dentro sair, significava que também não deixavam os que estavam aqui fora entrar e, portanto, ele nunca mais poderia ver Jean-Loup.

Talvez os policiais pudessem visitar quem estava na prisão. Antes, ele também era um policial, um policial *no horário*. Foi o delegado quem lhe disse, aquele de cara simpática que não tinha encontrado mais e alguém contou que estava morto. Mas agora, depois da confusão que tinha provocado, talvez ele não fosse mais um policial *no horário* e talvez tivesse que ficar fora da prisão, sem poder ver Jean-Loup.

Pierrot virou a cabeça e viu que Barbara estava indo para a sala de direção. Ficou olhando seus cabelos ruivos mexendo como se dançassem sobre o vestido preto quando ela andava. Gostava de Barbara. Não como de Jean-Loup, mas diferente: quando seu amigo falava com ele ou botava a mão em seu ombro, não sentia aquele calor que saía do estômago como se tivesse bebido uma taça de chá quente de um só gole.

Com Barbara era diferente, não sabia o que era, mas sabia que gostava dela. Um dia, colocara uma flor em seu *mixer*, para dizer isso. Pegara uma margarida de um vaso na rua e botara sobre o aparelho quando não tinha ninguém olhando. Num certo momento, acalentou esperanças de que ela e Jean-Loup se casassem; assim podia ver os dois quando fosse à casa dele.

Pierrot recolheu a pilha de CDs e caminhou em direção à porta. Raquel abriu a fechadura automática, como sempre fazia quando o via com as mãos ocupadas. Pierrot saiu para o saguão e chamou o elevador apertando o botão com o nariz. Nunca tinha deixado ninguém ver aquele seu modo de chamar o elevador. Certamente ririam dele, mas como o nariz estava ali, bem no meio da cara sem fazer nada, bem que podia ajudar quando tinha as mãos ocupadas…

Abriu a grade do elevador com o cotovelo e fechou da mesma maneira. Lá dentro, não dava para usar o nariz porque os botões tinham outra forma. Foi obrigado a uma autêntica acrobacia, apertando os CDs contra o queixo para conseguir apertar o térreo com um dedo.

O elevador começou a se mover de cima para baixo. A mente de Pierrot já tinha feito isso havia muito tempo, à sua maneira meio casual, seguindo uma lógica que, de algum modo, do *seu* modo, seguia um percurso absolutamente linear.

Tinha tomado uma decisão seguindo um raciocínio absolutamente indiscutível.

Jean-Loup não podia vir até ele? Pois então ele iria até Jean-Loup.

Tinham estado muitas vezes em sua casa e o amigo havia lhe contado que tinha uma chave de reserva para entrar em casa escondida num lugar secreto, que de agora em diante só os dois conheceriam. Estava grudada com silicone embaixo da caixa de correio, por trás do portão. Pierrot não sabia o que era

silicone, mas sabia muito bem o que era uma caixa de correio. Ele e sua mãe também tinham uma, na casa de Mentone, e não era uma casa bonita como a de Jean-Loup.

Quando a visse, certamente reconheceria.

Lá embaixo, no quarto, estava sua mochila Invicta, um presente do próprio Jean-Loup. Tinha colocado um pouco de pão e um vidro de Nutella, surrupiado da despensa de casa. Não tinha vinho "il Moscato", mas pegou uma latinha de Coca-Cola e uma de Schweppes e achou que daria no mesmo. Se o amigo estava escondido em algum lugar da casa, apareceria com certeza ao ver que era ele quem estava chamando. Na verdade, quem mais poderia ser? Só eles dois sabiam onde estava a chave secreta.

Ficariam juntos e comeriam chocolate com Coca-Cola e, se fosse capaz, daquela vez ele diria a Jean-Loup alguma coisa que o fizesse rir, embora não pudesse levá-lo até Nice para ver os filhotes que brincavam nos boxes da vitrine.

Além disso, se Jean-Loup não estivesse lá, poderia cuidar de seus discos, os pretos, de plástico vinil. Tinha que limpá-los, verificar se a umidade não estava estragando as capas, arranjá-los bem em fila do lado certo para evitar que envergassem, senão quando ele voltasse estariam todos arruinados. Tinha que cuidar das coisas do amigo, senão que espécie de amigo seria ele?

Quando o elevador chegou ao térreo, Pierrot sorria.

Besson, mecânico do revendedor de motores para barcos que funcionava no andar embaixo da rádio, estava esperando o elevador e abriu a porta. Deparou-se com o rapaz bem ali, de pé no elevador, com os cabelos espetados na cabeça que despontava atrás de uma pilha de CDs apertada entre os braços.

Ao ver seu sorriso, sorriu também.

— Nossa, Pierrot, você parece a pessoa mais ocupada de Montecarlo. Se eu fosse você, pediria um aumento de salário.

O rapazinho não tinha a menor ideia do que fosse pedir um aumento de salário. Em todo caso, naquele momento, aquilo estava a milhares de quilômetros de seu centro de interesses.

— É, vou fazer isso amanhã… — respondeu evasivo.

Besson, antes de entrar no elevador, abriu a porta à esquerda que dava para o arquivo.

— Cuidado com a escada — disse enquanto acendia a luz.

Pierrot fez mais um de seus costumeiros acenos de cabeça e começou a descer os degraus. Quando chegou à porta do arquivo, empurrou com o pé a porta que tinha deixado encostada. Pousou sua carga em cima da mesa junto à parede, na frente da fila de prateleiras cheias de discos e CDs. Pela primeira vez desde que

trabalhava na Rádio Monte Carlo, não guardou os CDs que trouxe lá de cima imediatamente em seus devidos lugares.

Pegou a mochila e colocou nas costas, com o movimento fácil que seu amigo Jean-Loup tinha lhe ensinado. Desligou a luz e fechou a porta à chave, como fazia toda tarde antes de ir para casa.

Só que agora não estava indo para casa. Subiu as escadas e chegou à entrada do edifício, um longo corredor que levava a uma porta de vidro. Depois dela, estava o porteiro, a cidade, o mundo. Escondido em algum lugar, estava seu amigo, que precisava dele.

Pela primeira vez em sua vida, Pierrot fez uma coisa que nunca pensou em fazer.

Empurrou a porta, deu um passo adiante e preparou-se para enfrentar o mundo sozinho.

57

FRANK ESTAVA SENTADO NO MÉGANE, no largo de terra batida logo acima da casa de Jean-Loup. Fazia bastante calor e ele manteve o motor ligado para que o ar-condicionado continuasse funcionando. Enquanto esperava que Morelli e os homens enviados por Roncaille chegassem, não conseguia tirar o olho do relógio.

Construiu mentalmente a imagem de Nathan Parker com seu grupo no embarque do aeroporto de Nice: ele sentado impaciente numa poltrona ao lado de Helena e Stuart e Ryan Mosse tratando de toda a burocracia do check-in. Viu a figura maciça de Froben, ou algum emissário, aproximar-se e anunciar ao velho general que tinham surgido alguns contratempos e ele não poderia partir. Não tinha a menor ideia do que Froben poderia inventar para obter aquele resultado, mas podia imaginar muito bem a reação do velho. Pensou de repente que não gostaria de estar no lugar de seu amigo delegado.

O absurdo daquele pensamento totalmente instintivo, ligado a um modo de agir corriqueiro, o fez sorrir.

Na verdade, era exatamente aquilo *que desejava*.

Naquele momento, gostaria de estar no aeroporto de Nice para fazer *pessoalmente* o que tinha pedido como favor a Froben. Gostaria de chamar o general Parker de lado e enfim dizer tudo aquilo que tinha vontade de dizer, ou melhor, tudo o que tinha um *desejo enorme* de dizer. Sem necessidade de inventar nada, só de esclarecer algumas coisinhas…

Mas em vez disso, estava ali, sentindo, como sal na língua, o sabor do tempo que passava, olhando o relógio a cada trinta segundos com a impressão de que tinham se passado trinta minutos.

Esforçou-se para afastar aqueles pensamentos da cabeça. E a figura de Roncaille surgiu em sua mente. Aquilo era uma outra história. E um outro problema. O intrépido chefe de polícia devia ter acionado seus homens com uma dúvida razoável na cabeça. Frank fora categórico durante a conversa telefônica, mas tinha afirmado uma certeza que estava longe de possuir. Não tinha coragem

de confessar a si mesmo que, mais que uma espécie de blefe, aquilo era uma aposta, e bastante temerária. Qualquer *bookmaker* daria trinta por um sem precisar pensar muito. Na realidade, sua afirmação de que conhecia o esconderijo de Ninguém não era uma convicção, mas apenas uma suposição razoável. O percentual de noventa e nove por cento declarado ao chefe de polícia precisaria ser consideravelmente redimensionado. Contudo, se sua hipótese não se revelasse correta, não haveria grandes consequências, a não ser mais um tiro na água. Nada mudaria em relação à posição que ocupavam agora. Ninguém era um pássaro fora da gaiola e continuaria assim. Simplesmente, o que restava do prestígio de Frank Ottobre sofreria um abalo considerável, com consequências indesejáveis. Roncaille e Durand teriam em mãos uma arma, que ele mesmo tinha carregado, para mostrar ao representante do governo americano que aquele homem do FBI era muito pouco confiável para continuar chefiando as investigações, apesar do incontestável mérito de ter descoberto a identidade do *serial killer*. Além do mais, seu discurso público sobre os méritos efetivos do delegado Nicolas Hulot podia ter um efeito bumerangue. Teve a impressão de ouvir o tom de quem não quer nada de Durand dizendo a Dwight Durham que, no fundo, se Frank Ottobre tinha obtido aquele resultado, não era totalmente por mérito seu…

Mas se sua suposição fosse correta, tudo acabaria em triunfo e glória. Ele correria para o aeroporto de Nice para acertar suas contas pessoais cercado por uma aura de lenda. Não que a glória o interessasse particularmente, mas tudo o que pudesse ajudá-lo a ajustar suas contas com Nathan Parker seria muito bem-vindo.

Finalmente, viu o primeiro carro da polícia despontar na curva. Dessa vez, chegaram sem o aviso prévio das sirenes, como Frank tinha recomendado a Morelli quando se falaram no celular. Notou que a formação da força-tarefa tinha sido bastante reforçada em comparação com a primeira vez que tinham aparecido para tentar capturar Jean-Loup. Eram seis carros cheios de agentes, além do costumeiro furgão azul de vidros escuros da unidade de operações especiais. Quando as portas traseiras do furgão se abriram, desceram dezesseis homens em vez de doze. Com certeza, outros agentes já tinham se colocado mais abaixo para impedir qualquer tentativa de fuga pelo jardim na frente da casa.

Um carro parou para que dois policiais descessem e partiu de novo para bloquear a rua mais acima, no trecho que subia para a autoestrada. O mesmo procedimento já devia ter se repetido mais abaixo.

Frank sorriu sem querer. Roncaille não queria correr riscos. A facilidade com que Jean-Loup havia se livrado de três policiais tinha aberto definitivamente os

olhos do chefe de polícia sobre sua efetiva periculosidade, se ainda precisava disso.

Mais dois carros da delegacia de Mentone chegaram quase ao mesmo tempo, trazendo mais sete agentes armados até os dentes, sob as ordens do delegado Roberts. O motivo de sua presença era óbvio: a colaboração onipresente da Sûreté Publique de Montecarlo com a polícia francesa.

Frank desceu do carro. Enquanto os homens se espalharam à espera de ordens, Roberts e Morelli vieram em sua direção.

— O que houve, Frank? Espero que nos diga em algum momento. Roncaille disse que viesse encontrá-lo correndo em formação de combate, mas não quis explicar nada. Parece que estava com pimenta no rabo e…

Frank o interrompeu com um gesto. Indicou o portão e o teto da casa, semiescondido pela vegetação e pelos ciprestes que despontavam da massa de folhagens como dedos. Foi direto ao ponto.

— Ele está aqui, Claude. Se não estou completamente enganado, temos noventa e nove por cento de chances de que Jean-Loup Verdier esteja escondido em sua própria casa. Desde o início.

Frank percebeu que tinha dado ao inspetor e aos outros o mesmo percentual de segurança apresentado a Roncaille. Não achou oportuno retificar as coisas.

Morelli coçou o queixo com o indicador da mão esquerda, como fazia sempre que se sentia em dúvida. E nesse caso tinha muitas dúvidas.

— Mas onde, Deus do céu? Reviramos essa casa de ponta-cabeça, pior do que na faxina da primavera. Não deixamos passar um buraco.

— Chame os homens e diga que venham aqui.

Se Morelli estava espantado com aquele comportamento meio inexplicável, não disse nada. Roberts, com seu jeito desengonçado de sempre, esperava o desenrolar dos acontecimentos sem perder a fleuma. Quando todos os homens se reuniram em semicírculo diante dele, Frank falou escandindo as palavras como se, apesar de falar um francês praticamente perfeito, quase sem sotaque, não se sentisse plenamente seguro para expor os fatos numa língua que não era a sua. Parecia o treinador de uma equipe de basquete dando instruções táticas aos jogadores durante um pedido de tempo.

— Muito bem, rapazes, ouçam bem. Falei com o proprietário da casa logo abaixo, que é gêmea desta. As duas foram construídas na mesma época, a alguns metros uma da outra, por dois irmãos, em meados dos anos sessenta. O irmão que morava aqui — Frank fez um gesto com a mão indicando o telhado às suas costas —, na casa que depois seria de Jean-Loup Verdier, tinha uma esposa um pouco, sei lá, impressionável. Uma chata, em resumo. Com a história de Cuba

em 1961, quando houve um sério risco de que explodisse uma guerra nuclear, ela ficou se borrando de medo e obrigou o marido a construir um abrigo antiatômico sob a casa. Talvez bem aqui, embaixo dos nossos pés…

Frank apontou para o asfalto em que apoiavam os pés. Morelli seguiu instintivamente o gesto de Frank e abaixou a cabeça para olhar para o chão. Quando percebeu, reergueu-a rápido.

— Mas examinamos cuidadosamente as plantas das duas casas. Não havia nenhum abrigo antiatômico.

— Não sei o que dizer. Muito provavelmente, foi construído de modo irregular e não consta dos mapas dos registros de imóveis. Na construção concomitante não de uma, mas de duas casas, com escavadeiras para todo lado, um vaivém ininterrupto de caminhões, a escavação de um *bunker* na terra pode muito bem ter passado despercebida.

Confirmando as palavras de Frank, Roberts interveio.

— Se esse abrigo foi construído e existe, as coisas certamente aconteceram como Frank está dizendo. Eram os anos do *boom* da construção civil e no que diz respeito à fiscalização, as coisas não eram muito rigorosas.

Frank continuou a contar o que sabia.

— Tavernier, o irmão que morava na outra casa, disse que a entrada do *bunker* ficava numa área de serviço, atrás de uma parede coberta de prateleiras.

Um dos agentes da unidade de operações especiais levantou a mão. Era um dos que tinham invadido a casa quando descobriram os corpos dos três policiais e que tinham revistado a casa de cima a baixo.

— Tem uma espécie de lavanderia, no porão, à direita da garagem. Um local iluminado apenas pelas lucarnas que dão para o pátio da casa. Acho que tinha uma parede coberta de estantes.

— Muito bem — respondeu Frank. — Agora, acho que o problema não é tanto encontrar o abrigo, mas abri-lo ou obrigar quem estiver lá dentro a sair. Vou fazer uma pergunta despretensiosa… Algum de nós sabe como funciona um abrigo antiatômico? Quer dizer, alguém sabe alguma coisa além do que se vê nos filmes?

Houve um instante de silêncio geral, e depois o tenente Gavin, comandante da unidade de operações especiais, levantou a mão.

— Conheço alguma coisa. Algumas noções, não mais que isso.

— Já é alguma coisa. Em todo caso, já é mais do que eu mesmo sei. O que se pode fazer para desentocar aquele homem, se é que está mesmo lá dentro?

Enquanto dizia essas palavras, a imagem de dois dedos que se cruzavam num gesto de esconjuro lhe veio à mente.

Roberts acendeu um cigarro. Talvez inspirado pela fumaça que saía de sua boca, propôs uma segunda alternativa.

— Ele precisa respirar lá embaixo, não? Se encontrarmos as entradas de ar podemos tentar expulsá-lo com gás lacrimogêneo.

Gavin sacudiu a cabeça.

— Não creio que seja um bom caminho. Podemos tentar, mas se as coisas forem mesmo como Frank disse e se nosso amigo manteve as estruturas em bom funcionamento, não tem jeito. E pior ainda se ele tratou de atualizá-las com os últimos avanços da tecnologia. Os abrigos antiatômicos modernos possuem um sistema de depuração de ar por meio de filtros de carvão ativado, puros ou impregnados, que funcionam como absorventes. Os carvões ativados são usados como agentes filtrantes, além das máscaras contra gases, mesmo nos sistemas de ventilação de ambientes de alto risco, como nas centrais nucleares. Os tanques e aviões militares também possuem filtros do gênero. Eles filtram ácido cianídrico, cloropicrina, arsina e fosfina. Imaginem um simples gás lacrimogêneo.

Frank passou a olhar com uma certa consideração para o tenente Gavin. Se aquilo eram algumas noções, imagine o que saberia sobre uma coisa para a qual estivesse *realmente* preparado.

Frank abriu os braços, num gesto conciliador.

— Certo, estamos aqui para resolver um problema. Às vezes as soluções aparecem a partir de alguma besteira. Agora vou dizer a minha. Tenente, quais são as possibilidades que temos de conseguir abri-lo com explosivos?

Gavin deu de ombros, com a expressão indulgente de quem está na posição de portador de notícias ruins.

— Bem… pode ser um caminho. Não sou especialista em explosivos, mas, ficando no campo da lógica, um abrigo desse tipo é construído de forma que possa resistir às consequências de uma explosão atômica. Creio que íamos precisar de uma bela porrada para abri-lo. Mas precisamos pensar, dessa vez a nosso favor, que se trata de uma construção com mais de trinta anos e, portanto, já não deve ter a eficiência das instalações mais recentes. Diria que, na falta de uma alternativa melhor, esse parece ser o melhor caminho.

— Se optarmos por explosivos, de quanto tempo precisaremos para entrar em ação?

A careta de dúvida do tenente tinha um aspecto positivo daquela vez.

— Não muito. Temos um especialista em explosivos, o sargento Gachot. Se o acionarmos, só precisaríamos do tempo estritamente necessário para que ele e sua unidade cheguem aqui com algum explosivo, o C4 ou algo do gênero.

— Certo. Acho que devemos começar então — confirmou Frank.

Gavin falou com um de seus homens, que estava à esquerda.

— Ligue para a central e acione Gachot. Explique a situação e dê as coordenadas do local. Ele tem quinze minutos para estar aqui.

O agente se afastou correndo sem responder com o seco “sim, senhor” que Frank esperava depois daquele breve discurso em perfeito jargão militar.

Frank olhou para os homens que tinha diante de si, um por um.

— Alguma outra ideia?

Esperou um sinal que não veio. Resolveu fechar totalmente aquela série de questões.

— Muito bem. Vamos colocar as coisas deste modo: nosso homem, se estiver lá, não pode escapar. Mas temos milhares de hipóteses. Antes de mais nada, vamos encontrar esse maldito abrigo e depois decidiremos que caminho tomar. De agora em diante, cada um procura à sua maneira. Vamos!

A passagem das conjecturas à ação transportou os homens da unidade de operações especiais para um terreno em que se sentiam à vontade. Retiraram os lacres do portão e assim que este se abriu, desceram correndo a rampa que levava ao pátio e à garagem. Em poucos instantes, ocuparam a casa segundo um esquema que fazia parte de seu treinamento.

Eram silenciosos, rápidos, perigosos.

Tempos atrás, Frank teria definido a presença de todos aqueles homens como um excesso de prudência que beirava o ridículo. Depois de dez mortos, era obrigado a pensar que tais precauções não eram exageradas diante das dimensões de sua tarefa.

O soldado que tinha descrito a sala onde provavelmente se encontrava a entrada do *bunker* mostrou o caminho através do pátio. Levantou a porta da garagem e todos entraram no boxe vazio. A luz invadiu o local de paredes pintadas de branco. À direita, pendurada num suporte de parede, havia uma *mountain bike* e, no canto, um porta-esquis feito especialmente para o modelo do carro de Jean-Loup. Ao lado, um par de esquis *carving* com seus bastões, presos com uma faixa elástica.

Ninguém fez brincadeiras estúpidas com as inclinações esportivas do dono da casa. Sabiam que no andar de cima havia também uma bem aparelhada sala de ginástica. Aquele homem já havia demonstrado amplamente, à luz dos fatos, que todo o tempo gasto na prática de exercícios físicos não tinha sido inútil.

Da porta no fundo da garagem, passaram para um corredor que dobrava em ângulo reto para a direita. Diante deles, a porta aberta de um pequeno banheiro de serviço. Fizeram uma fila indiana. Um soldado da unidade de operações especiais seguia na frente com o M-16 apontado diante dele.

Frank, Gavin e o inspetor Morelli empunhavam suas pistolas apontadas para o alto. Roberts fechava a fila, avançando com aquele seu jeito de gato que tenta andar e limpar as patas ao mesmo tempo. Não sentiu necessidade de empunhar a arma. Tinha simplesmente aberto o paletó para poder pegá-la rapidamente caso precisasse.

Chegaram a uma sala que desempenhava várias funções. Provavelmente, era o reino da faxineira. Havia uma máquina de lavar, outra de secar e todo o material necessário para passar roupa. À esquerda, no lado oposto, um grande armário de laca branca ocupava toda a parede. No canto, ao lado da porta de entrada, uma escada chegava do alto. Outro agente da unidade de operações especiais estava chegando do andar de cima bem naquele momento.

Encostado à parede oposta à porta de entrada, havia um móvel de madeira com estantes.

— Deve ser aquele — sugeriu o agente em voz baixa, indicando-o com o cano do fuzil.

Frank concordou em silêncio e guardou a pistola. Aproximou-se do móvel. Começou a examiná-lo atentamente do lado direito, enquanto Morelli fazia o mesmo do esquerdo.

Gavin e seus dois homens estavam diante dele, armas em punho, como se um perigo pudesse sair de trás daquele móvel de um momento para o outro. Agora Roberts também empunhava uma grande Beretta, que em suas mãos magras parecia ainda maior e mais ameaçadora.

Frank segurou uma das prateleiras da estante, tentou puxá-la para si e depois de lado. Nada. Deslizou as mãos pela madeira da parede lateral e também não encontrou nada. Levantou a cabeça para o topo do móvel, que era cerca de trinta centímetros mais alto que ele. Olhou ao redor. Pegou uma cadeira de metal com assento de fórmica que estava encostada à parede ao lado, arrastou-a até o móvel e subiu nela. Assim, podia ver toda a última prateleira. Notou imediatamente que do seu lado a madeira não acumulava nem um grão de poeira. Então, no outro canto, posicionada perto da parede numa ranhura da madeira, viu uma pequena alavanca metálica que poderia deslizar sobre uma charneira. O mecanismo estava bem lubrificado, sem vestígios de ferrugem. Parecia funcionar perfeitamente.

— Achei — disse Frank.

Morelli virou-se e olhou para ele. Viu que examinava atentamente, por alguns instantes, alguma coisa na prateleira que ele não podia ver.

— Claude, tem alguma dobradiça à vista desse lado?

— Não, se houver está embutida no móvel.

Frank olhou para o chão. Não havia marcas de deslizamento sobre as lajotas de arenito. Era provável que a abertura fosse para a frente. Se o movimento fosse lateral e o móvel se deslocasse rapidamente, ele cairia da cadeira. Pensou instintivamente em Nicolas Hulot e todas as outras vítimas de Ninguém. Viu que era um risco mínimo comparado com o que tinham sofrido. Falou com os homens de pé diante do móvel, com as pistolas em riste.

— Fiquem alertas. Vou puxar.

Os três se posicionaram, as pernas abertas e levemente dobradas, as armas empunhadas com as duas mãos e apontadas para a estante. Frank puxou a alavanca até o fim. Ouviu-se um estalo seco e o móvel se abriu como uma porta para o exterior, rodando silenciosamente sobre os eixos bem lubrificados.

Diante de seus olhos surgiu uma porta pesada, inteiramente feita de metal, encastrada numa parede de concreto aparente. Não havia nenhum sinal de dobradiças. O encaixe era tão perfeito que quase não se via o fio de separação entre o batente e o caixilho. À direita, um mecanismo de abertura com roda que lembrava uma porta de submarino.

Todos ficaram em silêncio, como fascinados, olhando aquela parede de metal escuro. A seu modo, cada um deles parecia pensar no que, *em quem*, estava do outro lado.

Frank desceu da cadeira e foi até a porta. Segurou a roda que servia como trinco e a puxou. A porta opôs a resistência que já esperava. Tentou girá-la num sentido e no outro e pela facilidade com que se movia compreendeu que girava no vazio.

— Não funciona. Deve estar bloqueada por dentro.

Enquanto os outros finalmente abaixavam as armas e se aproximavam da porta, Frank pensou no absurdo daquela situação. Naquele instante, a imagem que lhe veio à mente tinha não uma, mas duas mãos com os dedos cruzados. Fitou o metal como se pudesse fundi-lo com os olhos.

Está aí atrás, não é? Sei *que está aí. Bem aí, com a orelha grudada nessa porta blindada para ouvir nossas vozes e os ruídos que fazemos. Talvez esteja até se perguntando como faremos para desentocá-lo. O mais absurdo é que nós também nos perguntamos exatamente a mesma coisa. O grotesco, ao contrário, é que teremos que dar saltos mortais e talvez alguém perca a vida para tentar tirá-lo de uma prisão e enfiá-lo em outra semelhante, até que a morte os separe…*

De repente, Frank recordou o rosto de Jean-Loup e a boa impressão que o rapaz tinha lhe causado desde o primeiro momento. Reviu sua expressão alquebrada na rádio, viu quando desmoronou sobre a mesa, sacudido pelos

soluços depois de um dos telefonemas. Ouviu o eco de seu pranto e, em sua memória, ele soou como a risada de um espírito maligno. Recordou o tom fraternal com que o convenceu a não interromper as transmissões. Sem saber que ao mesmo tempo o incitava a dar sequência à sua cadeia maldita de homicídios.

Teve a impressão de sentir no nariz, através da porta fechada, o perfume de sua água-de-colônia, um cheiro fresco, leve, que rescendia a limão e bergamota. Talvez, pensou, se ele também apoiasse a orelha no metal frio, a voz natural de Jean-Loup, quente e profunda, atravessasse a espessura da porta para sussurrar mais uma vez as palavras que até então eram como uma marca a ferro e fogo em suas mentes.

Eu mato…

Sentiu uma raiva gigantesca subir dentro dele, alimentada pelo sentimento de frustração profunda por todas as vítimas daquele homem, Jean-Loup, Ninguém ou quem quer que fosse. Era uma raiva tão forte que naquele momento tinha certeza de que poderia agarrar aquele batente de metal com as mãos nuas, abri-lo como se fosse feito de papel alumínio, agarrar o pescoço do homem que estava atrás dela e…

Uma série de pequenos ruídos surdos o trouxe de volta à realidade da qual o ódio o tinha afastado. O tenente Gavin estava batendo com o punho no metal da porta em diversos pontos, ouvindo a ressonância que o soco produzia. Depois virou-se para eles e tinha outra vez a expressão das ocasiões pouco alegres.

— Senhores, espero que meu especialista chegue carregado de explosivos só para me desmentir. Não queria assumir o papel de alguém que só dá notícia ruim, mas se fosse eu procuraria primeiro alguma forma de me comunicar com quem está lá dentro, se é que há mesmo alguém. Devemos tentar convencê-lo de que foi descoberto e não tem mais saída, pois temo ter que dizer que se esse homem não resolver sair por livre e espontânea vontade, desentocá-lo com explosivos vai ser uma tarefa bem complicada. Para abrir essa porta vamos precisar de uma quantidade capaz de detonar uma montanha.

DÉCIMO-PRIMEIRO CARNAVAL

O HOMEM ESTÁ SEGURO EM SEU LOCAL SECRETO, naquela caixa de metal e cimento que alguém, há muito tempo, escavou na terra por medo de uma coisa que nunca aconteceu.

Desde que descobrira sua existência, quase por acaso, desde que entrara ali pela primeira vez e entendeu do que se tratava e para que servia, tratou de manter seu refúgio em pleno funcionamento. A despensa está cheia de comida enlatada e de garrafas de água mineral. Há um sistema simples mas eficiente de reciclagem de fluidos que permite, se necessário, que filtre e beba sua própria urina. A mesma coisa vale também para o ar, que é depurado por um circuito fechado à base de filtros e reagentes químicos, o que torna desnecessário o acesso ao exterior. Seus estoques de comida e água são suficientes para resistir e esperar por mais de um ano.

Só sai de vez em quando, ao escurecer, com o único objetivo de respirar ar puro e sentir o perfume do verão apenas contrastado com cheiro da noite, que desde sempre é seu hábitat natural. No jardim, há uma grande moita de alecrim e seu aroma agudo o faz pensar, sem razão aparente, no perfume particular da lavanda. São tão distintos um do outro, mas aquele detalhe é o bastante para fazer a lembrança brotar em sua mente, como um disco desliza silencioso para o prato de um jukebox, extraído entre todos os outros pelo braço mecânico do seletor. É o conúbio da noite e do aroma, numa imagem composta, além dos sons e cores, por uma sensação olfativa. Move-se na escuridão mais completa por aquela casa que conhece de cor, silencioso como só ele sabe ser. Às vezes desce para o terraço e, apoiado ao muro, escondido pela sombra da casa, levanta a cabeça para observar as estrelas. Não tenta ler o futuro, contenta-se em admirar seu relampejar luminoso naquele fragmento de presente. Não se pergunta o que será dele, deles. Não é desconsideração ou indiferença, apenas consciência.

Não se condena por ter cometido um erro. Era certo, desde o início, que cedo ou tarde acabaria por cometer algum. É a lei do acaso aplicada à vida efêmera dos seres humanos, e alguém lhe ensinara, muito tempo antes, que os erros são

pagos. Não, não é bem isso. Alguém o obrigara a sentir na própria pele que os erros se pagam.

E ele, aliás, eles pagaram por todos os seus enganos. Cada vez de maneira mais dura, com um aumento da punição sempre crescente à medida que eles também cresciam, com uma margem de erro cada vez mais restrita, até atingir a intolerância mais absoluta. Aquele homem era inflexível, mas, em sua presunção, esquecera que ele também era um homem, nada mais que um homem. E esse erro custara a vida daquele homem.

Ele sobrevivera e aquele homem não.

Depois das breves saídas, volta ao esconderijo subterrâneo e espera. O metal escuro de que é forrado contribui para fazer daquele lugar um ambiente noturno, como se a escuridão se infiltrasse pela porta a cada vez que a abria e se estendesse como tinta sobre as paredes. É só um dos vários esconderijos que a noite tem à sua disposição para sobreviver à chegada da luz, mas ele atribui um significado diferente àquele fato. Ele o interpreta como uma cumplicidade natural entre fugitivos.

Naquele isolamento não sente o peso da espera nem o da solidão.

Tem a música e a companhia de Paso. Isso lhe basta.

Claro, Vibo e Paso.

Nem lembra mais o momento em que perderam seus verdadeiros nomes e aqueles dois apelidos sem significado brotaram de sua fantasia. Talvez fosse uma referência precisa, talvez a única referência precisa tenha sido a mais absoluta casualidade. Um simples lampejo da imaginação infantil, que, como tal, não precisa de solicitações lógicas ou plausíveis.

Naquele momento, de olhos fechados, está ouvindo pela milionésima vez “Stairway to Heaven”, do Led Zeppelin, numa rara versão *live*. Está sentado em sua cadeira de rodinhas e balança lentamente o encosto, seguindo aquela melodia que de certa forma evoca, degrau por degrau, um subida lenta e difícil até o céu.

A escada existe, o paraíso talvez não.

Na outra sala, o corpo permanece estendido em seu ataúde de vidro, como em animação suspensa, à espera do despertar ao fim de uma viagem que, no entanto, não terminará. Talvez ouça música junto com ele, talvez a perca de vez em quando, completamente absorvido no encantamento do novo rosto que usa, o último que lhe trouxe para satisfazer uma vaidade compreensível. Logo aquela imagem postiça também vai se deteriorar, como todas as outras. Então, terá que tomar providências, mas ainda tem tempo e a voz de Robert Plant saindo das caixas é sua única prioridade.

A canção chega ao fim.

Ele se apoia no tampo de madeira e estica o braço para apertar o botão de *stop*. Não quer continuar a ouvir aquele disco. Por enquanto, aquela única canção é suficiente. Quer ligar o rádio, sintonizar-se por algum tempo com as vozes provenientes do mundo exterior.

No silêncio sempre um pouco atônito que se segue à música, tem a impressão de ouvir uma série ritmada de golpes, como se alguém lá fora batesse na superfície da porta provocando um fragor distante.

Levanta-se da cadeira e aproxima-se da porta. Apoia a orelha e sente o frio do metal na sua pele. A série de batidas se repete. Logo em seguida, uma voz grita alguma coisa do outro lado da porta. São palavras indistintas que chegam de uma distância intransponível, mas sabe muito bem que aquelas palavras, praticamente incompreensíveis, são para ele. Não pode entender, mas adivinha seu sentido. Certamente, aquela voz o convida a abrir a porta de seu refúgio, a sair, a se render antes que…

Afasta o rosto do metal com um sorriso. É esperto demais para não saber que aquelas ameaças não são vãs. Sabe que eles não têm muita coisa a fazer para tentar desentocá-lo, mas sabe muito bem também que o pouco que puderem fazer, eles farão com certeza. O que eles não sabem é que nunca conseguirão pegá-lo. Não vivo, pelo menos.

Nenhuma razão no mundo é capaz de convencê-lo a dar-lhes essa satisfação.

Abandona a porta e vai até a sala onde o corpo no caixão transparente parece ter acrescentado à sua imobilidade habitual uma carga de tensão vital. Um laivo de ansiedade parece pintada na pele sem expressão da máscara que lhe cobre o rosto. Pensa que outrora aquele tipo de emoção aparecia no rosto do homem a quem pertencia. Agora é apenas uma ilusão e nada mais. Toda a emoção desvaneceu-se para sempre no ar, junto com o último suspiro.

Há um longo silêncio. O homem também fica silencioso, à espera. Passam-se diversos minutos. Os mortos têm a eternidade à disposição e para eles aquele espaço de tempo dura menos que um nada. Para os vivos às vezes pode parecer tão longo quanto a vida inteira.

A voz na cabeça retorna e faz a pergunta que temia ouvir.

O que vai ser de mim, Vibo?

O homem revê o cemitério de Cassis, o grande cipreste central, a fila de túmulos de pessoas que nunca conseguiram ser uma família para eles, apenas seu pesadelo. Não há fotos nos túmulos, mas os rostos das pessoas que estão lá dentro são como quadros recém-pintados nas paredes da memória.

— Creio que vai voltar para casa. E eu também…

Oh.…

Uma exclamação sufocada, um simples monossílabo que compreende todas as expectativas do mundo. Um apelo à liberdade, à luz do sol, ao movimento das ondas do mar, no qual poderão mergulhar homens e emergir meninos. Há lágrimas que escorrem livremente dos olhos do homem e descem ao longo do rosto até caírem no tampo de vidro em que está apoiado agora. São pobres e brilhantes lágrimas sem nobreza, mas têm a mesma cor daquelas ondas.

O afeto que brilha em seus olhos é total, sem limites. Olha pela última vez o corpo de seu irmão que usa o rosto de um outro homem e o vê como era, como deveria ser: idêntico a ele, um espelho no qual veria refletido o próprio rosto.

Afasta-se alguns passos do caixão antes de conseguir se virar e dar as costas. Volta para a outra sala e fica um instante em pé diante da longa fila de máquinas, gravadores e aparelhos dos quais a música nasce.

Naquela altura, só há uma coisa a fazer. É sua única saída e o único modo que lhe resta para impor uma nova derrota aos cães que ladram. Apura os ouvidos e tem a impressão de ouvir suas patas raspando freneticamente o outro lado da porta de metal.

Sim, só há uma coisa a fazer e deve fazê-la já.

Tira o CD do Zeppelin do aparelho de som, substituindo-o por um outro de heavy metal.

Escolhe ao acaso, sem nem olhar de que grupo se trata. Coloca na bandeja e aperta o botão de *play*. O mecanismo desliza silencioso para seu alojamento.

Com um gesto quase raivoso, coloca o volume no máximo.

Parece que está vendo, como num desenho animado, o impulso musical ser gerado no leitor de CD, atravessar a tomada e os plugues, percorrer os fios de ligação, chegar às caixas Tanoy, cuja potência extrapola o pequeno ambiente em que estão colocadas, e sair de novo dos *tweeters* e dos *woofers* e…

De repente a pequena sala explode. Parece que através das caixas, o furor do ritmo e do metal das guitarras tenta se transferir ao metal das paredes para sacudi-las e fazê-las vibrar com um perverso efeito de ressonância.

No ribombar dos trovões que a música deve imitar, não pode mais ouvir voz alguma. O homem se apoia com as mãos no tampo de madeira e escuta por alguns instantes a batida de seu próprio coração. Bate tão forte que parece destinado a explodir, ele também, sob o impulso de todos os *watts* de que as Tanoy são capazes.

Só há uma coisa a fazer. Agora.

O homem abre uma gaveta logo abaixo do tampo da mesa, à direita, e enfia a mão sem olhar. Quando a retira, seus dedos apertam uma pistola.

58

— PRONTO!

Gachot, o especialista em explosivos, um sujeito alto e maciço com bigodes e cabelos tão escuros que parecem tingidos, levantou do chão com uma agilidade surpreendente para alguém corpulento como ele. Frank achava que aquilo que inflava o uniforme do pessoal de operações especiais era uma sólida massa de músculos e não o resultado de uma tendência a enfiar as pernas embaixo de uma mesa e a ter o movimento dos maxilares como única atividade física.

Afastou-se da porta de metal. Presa à fechadura com uma fita adesiva prateada, via-se uma caixinha do tamanho de um telefone sem fio, com uma pequena antena e dois fios, um amarelo, o outro preto, que partiam do aparelho e acabavam num buraco feito na porta logo abaixo do volante de abertura.

Frank olhou o detonador, completamente anônimo em sua simplicidade. Pegou-se pensando nas babaquices que se viam nos filmes, em que o aparelho destinado a explodir a bomba atômica que destruiria a cidade e mataria milhões de habitantes tinha sempre um mostrador vermelho no qual os segundos escorriam implacáveis, fazendo a contagem regressiva do tempo que faltava para a explosão final. Obviamente, o protagonista conseguia desarmar o aparelho quando faltava um único e fatal segundo, depois de longos instantes em que, junto com os espectadores, ele vivia a dramática dúvida entre cortar o fio vermelho ou o verde. Essas cenas sempre o fizeram sorrir. O fio vermelho ou o fio verde. A vida de milhões de pessoas dependia do fato de o protagonista da história ser ou não ser daltônico…

Na realidade, tudo era diferente. Não havia necessidade alguma de visualizar o *count-down* de um detonador ligado a um cronômetro, pelo simples fato de que, em geral, não havia ninguém para olhar para ele quando uma bomba estava para explodir. E se alguém fosse obrigado a fazê-lo, não importava nem um pouco se o cronômetro fosse preciso ou não.

Gachot se aproximou de Gavin.

— Estou pronto. Melhor evacuar os homens.

— Distância de segurança?

— Não deveria haver problemas. Só usei um pouco de C4, que é um explosivo bastante manejável. Para o resultado que queremos, se analisei corretamente, dá e sobra. As consequências da explosão devem ser bastante limitadas. O único risco é representado pela porta, que é forrada de chumbo. Poderá haver estilhaços se por acaso errei os cálculos e usei um pouco demais. Diria que o melhor é mandar todos eles para a garagem.

Frank admirou o excesso de prudência do técnico, que tinha sido treinado tanto para desarmar quanto para construir bombas. Era a modéstia natural de quem faz bem o seu trabalho, ainda mais depois de Gavin ter dito que naquele assunto ele estava um passo à frente do próprio diabo.

Um passo à frente do homem que está fechado do outro lado dessa porta, então, pensou Frank.

— E a sala do andar de cima?

Gachot sacudiu a cabeça.

— Nenhum problema, se os homens ficarem distantes da escada que desce para a lavanderia. O deslocamento de ar, repito, será bastante limitado, mas vai escapar por ali e pelas lucarnas em frente.

Gavin se virou para os homens.

— Vocês ouviram, rapazes. Teremos uma queima de fogos de artifício. Vamos esperar lá fora, mas logo depois da explosão, entraremos correndo pela porta do corredor e pela sala de cima para controlar a porta do abrigo. Não sabemos o que poderá acontecer. Certamente, nosso homem vai ficar um pouco aturdido com a explosão, mas pode escolher entre diversas opções.

O inspetor expôs todas as eventualidades que poderiam enfrentar, contando-as nos dedos da mão direita.

— Primeira, sai armado com intenção de vender bem caro a própria pele. Não quero saber de vítimas e nem mesmo de feridos entre nós. Se o caso for esse, assim que ele aparecer de arma em punho, nem que seja um canivete, tratem de acabar com ele sem piedade….

Olhou para os homens um a um para ver se tinham assimilado o que acabara de dizer.

— Segunda, ele não sai. Então teremos que desentocá-lo com gás lacrimogêneo. Caso ele decida sair com intenções belicosas, mesmo comportamento de antes. Tudo claro?

Os homens fizeram um sinal afirmativo com a cabeça.

— Muito bem, agora vamos nos dividir em dois grupos. Metade com Toureu no andar de cima. Os outros comigo, na garagem.

Os soldados da unidade de operações especiais se afastaram com o passo silencioso que já fazia parte de seu modo de ser. Frank admirava o grau de eficiência demonstrado por Gavin e seus homens. Particularmente agora, que estava em sua especialidade, o tenente se movia com desenvoltura e lucidez. Frank imaginou-os sentados nos bancos do furgão, transportados para cima e para baixo, com a culatra do M-16 apoiada no chão. Conversando banalidades, à espreita.

Agora a espera chegava ao fim. No momento em que estavam para entrar em ação, cada um deles podia dar um sentido a todo seu tempo de treinamento. Quando todos os homens saíram, Gavin virou-se para o inspetor Morelli e para o delegado Roberts.

— É melhor reunir seus homens do lado de fora. Em caso de resistência, não quero ter gente demais lá embaixo, tropeçando uns nos outros. Só falta que um dos seus acabe com uma bala na cabeça atirada por um dos meus ou viceversa. Acho que não seria uma coisa para nos orgulharmos. E ainda teríamos que ouvir os *escrivanistas.*…

— Certo.

Os dois policiais se afastaram para colocar seus agentes a par da situação e dar instruções. Frank sorriu com seus botões. Imaginou que *escrivanistas*, segundo um neologismo todo próprio, fosse a forma como Gavin se referia aos que ficavam sentados atrás de suas escrivaninhas dando ordens sem nunca terem arriscado o pescoço no campo de batalha.

Na sala, restaram apenas os três: o tenente Gavin, Gachot e Frank.

O especialista em bombas tinha um controle remoto na mão, um aparelho um pouco maior que uma caixa de fósforos, com uma antena igual à do detonador grudado na porta.

— Só esperamos pelo senhor. Quando quiser — disse Gavin.

Frank refletiu um instante. Fitou o pequeno controle remoto na mão de Gachot. Na mão dele parecia ainda menor. Frank conjecturou como o sargento fazia para lidar com engenhocas compostas de peças muitas vezes minúsculas com aqueles dedos.

O sargento Gachot havia se apresentado no limite de tempo estipulado por Gavin. Chegara num furgão azul igual ao outro, com sua equipe composta de dois homens, além do motorista. Fora informado dos fatos e ao ouvir as palavras “abrigo antiatômico” seu olhar escureceu, parecendo ainda mais negro. Os homens descarregaram seu material e desceram para a lavanderia. Frank sabia muito bem que numa daquelas maletas de plástico preto com bordas de alumínio, modelo *flight-case*, estava o explosivo plástico. Mesmo sabendo que

sem um detonador em condições bem específicas o explosivo era absolutamente inócuo, não conseguia se sentir completamente seguro. Era bastante provável que aquela maleta contivesse uma quantidade de explosivo suficiente para reduzir a casa e todos eles a pedacinhos não muito maiores que um selo.

Quando chegou diante da porta, o especialista examinou-a longamente, em silêncio. Passou as mãos pela superfície como se o contato pudesse lhe comunicar alguma coisa que o metal não queria lhe dizer espontaneamente.

Depois fez uma coisa que Frank considerou um pouco ridícula, além de anacrônica. Tirou um estetoscópio do meio de sua aparelhagem e auscultou as engrenagens do mecanismo, girando o volante de um lado para o outro, a fim de verificar o sentido de rotação.

Frank estava de pé no meio dos outros, estremecendo como um ovo numa frigideira. Eles pareciam a família de um doente, à espera do parecer do médico a respeito da gravidade das condições do paciente.

Gachot se virou e, felizmente, redimensionou parcialmente as previsões pessimistas do inspetor Gavin.

— Talvez seja possível.

Frank pensou que o suspiro de alívio que escapou dos lábios de cada um deles poderia levantar o pavimento da sala logo acima em pelo menos uns cinco centímetros.

— A porta é blindada para radiações e para garantir a segurança estrutural, mas não é uma caixa-forte. Quero dizer que não foi criada para guardar valores, mas apenas para salvaguardar a integridade física dos ocupantes. Portanto, o mecanismo de fechamento é, afinal, bastante simples, sobretudo se considerarmos o fato de que o modelo já é bem velhinho. O único risco que corremos é de que a fechadura, em vez de abrir, fique totalmente bloqueada.

— E nesse caso? — perguntou Gavin.

— Nesse caso é uma merda. Vou precisar realmente de uma bomba atômica para abri-la e não tenho nenhuma comigo, no momento.

Com a piada, pronunciada como uma sentença, Gachot tinha jogado um balde de água fria na agitação generalizada. Afastou-se para verificar as maletas com a aparelhagem, que seus homens haviam trazido para junto da porta. Tirou dali uma broca que parecia ter saído da bolsa de ferramentas da Enterprise, a nave espacial de *Jornada nas Estrelas*. Um dos homens encaixou nela uma ponteira feita de um metal de nome impronunciável, mas que Gachot descreveu como capaz de perfurar a blindagem de Fort Knox.

De fato, a ponteira penetrou na porta com discreta facilidade, pelo menos até uma certa profundidade, produzindo lascas metálicas que caíram no chão diante

do homem que manejava a furadeira. Depois de um certo tempo, ergueu a máscara de proteção para dar lugar a Gachot. O sargento ajoelhou-se diante do furo e enfiou um cabo de fibra óptica, equipado em uma das extremidades com uma microcâmera e na outra com um visor que parecia uma máscara de mergulho. Ele usou essa última para examinar o mecanismo da fechadura por dentro.

Finalmente, abriu a maleta.

Diante de seus olhos surgiram lâminas de plástico envolvidas em papel-alumínio. Gachot abriu uma delas e cortou, com um cortador, um pedaço de explosivo, cuja aparência era de uma plastilina acinzentada. O técnico em explosivos manejava o material com extrema desenvoltura, mas, pelas caras dos presentes, Frank suspeitou que o pensamento geral não estava muito distante do que ele teve anteriormente, durante o transporte das maletas.

Com a ajuda de uma baqueta de madeira, Gachot enfiou pequenas quantidades de C4 dentro do furo feito na porta e depois ligou os fios que acabavam no detonador grudado ao lado da roda.

Agora estava tudo pronto. No entanto, Frank não conseguia se resolver a dar a ordem.

Seu temor era de que alguma coisa saísse errado e que, do outro lado, por algum motivo que ele não saberia explicar, pudessem encontrar um cadáver. Isso também podia ser uma solução, mas Frank queria pegar Ninguém vivo, nem que fosse para ter diante dos olhos, para o resto de seus dias, a imagem daquele louco psicopata sendo levado embora algemado. Não era aquilo que queria fazer, mas era o que deveria ser feito.

— Esperem um segundo.

Aproximou-se da porta até quase encostar o rosto na superfície de chumbo. Tinha a intenção de tentar mais uma vez falar com o homem lá dentro, admitindo-se que ele pudesse ouvi-lo, de renovar o convite para que saísse desarmado e com as mãos para cima, sem obrigá-los a usar o explosivo. Era o que tinha feito antes da chegada do esquadrão antibomba, sem obter nenhum resultado.

Bateu o punho com força no metal, esperando que o barulho surdo que provocava fosse ouvido lá dentro.

— Está me ouvindo, Jean-Loup? Vamos explodir a porta. Não nos obrigue a fazer isso. Pode ser perigoso para você. É melhor sair. Prometo que ninguém vai lhe fazer mal. Vou lhe dar mais um minuto para resolver, depois mandarei explodir a porta.

Frank se afastou, dobrou o braço direito e colocou o mostrador do relógio

diante dos olhos. Apertou o botão do cronômetro.

O ponteiro dos segundos começou a girar, marcando cada segundo como uma lembrança ruim.

…8, 9, 10

Arijane Parker e Jochen Welder, seus corpos desfigurados no barco encalhado entre os outros dois, na marina…

…20

Allen Yoshida, seu rosto ensanguentado com um esgar de caveira, os olhos esbugalhados na janela do Bentley, em sua última viagem…

…30

Gregor Yatzimin, sua dignidade serena no leito, a flor vermelha sobre a camisa branca, em contraste com a horrenda mutilação do rosto…

…40

Roby Stricker estendido no chão, o dedo crispado na tentativa desesperada de deixar uma mensagem antes de morrer, com a angústia de quem sabe tudo e compreende que já não pode dizer mais nada…

…50

Nicolas Hulot, caído em seu carro com o rosto ensanguentado e esmagado contra o volante, morto pela culpa de ser o primeiro a conhecer um nome…

…60

Os corpos dos três agentes encontrados mortos na casa…

— Chega!

Frank parou os ponteiros. Aqueles sessenta segundos bloqueados em seu relógio, a última chance dada a um assassino, eram para ele o minuto de recolhimento que a misericórdia de todos devia às suas vítimas. Sua voz era cortante como a ponta da furadeira quando penetrou no metal.

— Vamos abrir essa maldita porta.

Os três atravessaram a lavanderia, chegaram ao corredor e logo em seguida viraram à esquerda para ficar com os outros que esperavam na garagem. Os homens estavam ajoelhados no chão, encostados à parede da direita, a mais distante do ponto onde a explosão aconteceria. Morelli e Roberts estavam em pé no pátio. Frank fez um gesto para os dois e eles saíram do campo de visão da porta da garagem para um lugar protegido.

Gavin ajeitou diante da boca o braço do fone de ouvido com o microfone que o ligava, via rádio, a seus homens.

— Chegou a hora, rapazes.

Juntaram-se aos outros que estavam próximos à parede. Eles se apertaram para abrir espaço. O tenente Gavin fez um sinal com a cabeça para Gachot. Sem trair qualquer emoção, o técnico ergueu levemente a mão que segurava o controle remoto e apertou o botão.

A explosão, perfeitamente dosada, foi muito limitada. Foi percebida mais como uma vibração do que como uma explosão. O deslocamento de ar aconteceu, mas ficou circunscrito unicamente à lavanderia. O barulho ainda ecoava quando os soldados saltaram em direção à porta, seguidos por Frank e Gavin.

Quando chegaram à lavanderia encontraram os homens, os que estavam na garagem e os que desceram correndo do andar de cima, em formação diante da parede de metal, com os fuzis apontados.

Não havia danos evidentes no local. Só o móvel de madeira que escondia a entrada do abrigo tinha se soltado de uma das dobradiças e pendia de um lado. O pouco de fumaça que a explosão produzira estava saindo pelas lucarnas escancaradas pela onda de ar em direção ao alto.

A porta do *bunker* estava entrecerrada. A explosão a abrira apenas alguns centímetros, como se alguém tivesse passado e encostado a porta sem fechar completamente.

Da fresta provinha uma música furiosa, num volume infernal.

Esperaram alguns segundos mas nada aconteceu. No ar, sentia-se o cheiro acre do explosivo. Gavin deu uma ordem no intercomunicador.

— Lacrimogêneo.

Quase simultaneamente, seus homens tiraram da pequena mochila que carregavam nas costas uma máscara contra gases. Retiraram os capacetes de kevlar, enfiaram as máscaras, e recolocaram os capacetes em cima delas. Frank sentiu que batiam em seu ombro e encontrou Gavin a seu lado oferecendo-lhe uma.

— É melhor que coloque isso, se quiser ficar aqui. Sabe como usar? — perguntou com uma ponta de ironia na voz.

Como única resposta, Frank vestiu a máscara num segundo e corretamente.

— Muito bem — disse Gavin satisfeito. — Vejo que o FBI ensina alguma coisa a vocês…

Depois de colocar a sua, fez um gesto a um dos homens. O soldado encostou o fuzil contra a parede e deslizou em direção à porta até ficar ao lado da roda, que ainda estava presa ao batente apesar do abalo da explosão.

Quando agarrou o volante e o puxou, a porta se abriu suavemente, sem nenhum rangido, como todos eles esperavam instintivamente. Pela facilidade

com que o fez, dava para ver que o mecanismo de abertura era fácil de manejar e se movia sobre eixos em perfeito funcionamento. A porta abriu apenas o suficiente para que um outro soldado pudesse jogar na fresta a bomba de gás lacrimogêneo que segurava.

Depois de alguns segundos, saiu uma espiral de fumaça amarelada. Frank conhecia aquele gás. Irritava os olhos e a garganta de maneira insuportável. Se houvesse alguém dentro do abrigo, seria impossível resistir a seu efeito.

Esperaram alguns segundos, que pareceram uma eternidade, mas ninguém saiu por aquela porta. Só e sempre a música obsessiva num volume altíssimo e aquelas espirais de fumaça que agora pareciam ter um significado levemente irônico.

Frank não estava gostando nada daquilo. Não, pensou ele, não estava gostando nem um pouco. Virou-se para Gavin e seus olhares se cruzaram através da viseira da máscara. Pela expressão dos olhos, entendeu que pensava como ele. Os dois percebiam o que aquilo significava.

Primeiro: não havia ninguém no abrigo.

Segundo: ao se ver perdido, o homem tinha preferido tirar a própria vida a cair vivo em suas mãos.

Terceiro: aquele filho da puta também tinha uma máscara contra gases. Era uma hipótese que nada tinha de fantasiosa. Estavam habituados a esperar qualquer coisa daquele homem. Nesse caso, se tentassem entrar, visto que pela porta não passava mais que um homem de cada vez, bastava que ficasse atrás de uma proteção qualquer para fazer mais vítimas antes que conseguissem abatê-lo de alguma forma. Estava armado e todos sabiam do que era capaz.

Gavin tomou uma decisão.

— Joguem uma granada. Depois teremos que correr o risco e entrar.

Frank entendia muito bem o ponto de vista do tenente. Por um lado, sentia-se meio ridículo naquela situação, comandando um grupo de homens em formação de guerra para assaltar uma porta que podia dar para uma sala vazia. Por outro lado, não queria absolutamente que algum de seus homens se adiantasse, pois pretendia evitar uma situação desagradável. Eram homens que ele conhecia pessoalmente, um a um, e não podia colocar suas vidas em perigo.

Frank resolveu sanar qualquer dúvida. Apoiou sua máscara na do tenente para que pudesse ouvir melhor o que dizia.

— Depois da granada, quem entra sou eu.

— Negativo — respondeu secamente Gavin.

— Não há motivo para fazer seus homens correrem riscos inúteis.

O silêncio e o olhar de Gavin diziam bem claramente o que pensava sobre

isso.

— É uma proposta que não posso aceitar.

A resposta de Frank não admitia réplicas.

— Não quero bancar o herói, tenente. Mas essa história se transformou numa coisa pessoal entre mim e esse homem. Devo lembrar que sou eu quem dirige as operações e que o senhor está aqui apenas como tropa de apoio. Isso não é uma simples proposta, é uma ordem precisa.

Em seguida, mudou o tom de voz, esperando que o outro entendesse sua intenção apesar da precariedade das comunicações.

— Se nosso homem tivesse matado, além de todos os outros, um de seus melhores amigos, você faria exatamente o que estou fazendo.

Gavin fez um sinal com a cabeça, confirmando que tinha entendido. Frank se aproximou da parede e sacou a Glock. Ficou de pé ao lado da porta. Sinalizou com a mão que estava pronto.

— Granada — ordenou secamente Gavin.

O soldado que tinha jogado o gás lacrimogêneo um pouco antes retirou o pino de segurança de uma granada de mão e lançou-a no vão da porta. Aquela granada de mão era uma arma especificamente concebida para esse tipo de incursão, desprovida de efeito dilacerante, mas capaz de aturdir os ocupantes de uma sala, sem ser letal.

Houve um lampejo ofuscante e um forte estrondo, muito mais forte que os anteriores. Por um instante, a música ensurdecedora que saía do abrigo pareceu se transportar para seu ambiente natural, no fragor de um show, em meio às fumaças coloridas e ao brilho ofuscante das luzes. Logo em seguida, o homem à direita de Frank deu um passo e abriu a porta o suficiente para que pudesse entrar. Uma lufada de gás lacrimogêneo misturada à fumaça produzida pela granada saiu lá de dentro. A porta não estava aberta o bastante para permitir que vissem o que acontecia no interior. Frank moveu-se com a velocidade de um raio, enfiando-se no vão com a pistola em riste.

Os outros ficaram do lado de fora, à espera.

Passaram-se dois minutos e cada um deles sentia dentro de si um germe de eternidade. Então a música cessou de repente, mas o silêncio que se seguiu era ainda mais ensurdecedor. Finalmente, viram a porta se abrir completamente e a figura de Frank surgir na soleira, seguido por uma última espiral de fumaça que flutuou em torno de seus ombros com o aspecto inquietante de um fantasma que o acompanhava de um retorno do além.

Ainda estava com a máscara contra gases e não dava para ver seu rosto. Tinha os braços abaixados ao longo do corpo, como se não tivessem energia. Ainda

apertava a pistola na mão. Sem falar, atravessou a lavanderia com o passo de um homem que lutou e perdeu todas as guerras do mundo. Os homens foram se colocando de lado para deixá-lo passar.

Frank dirigiu-se para a porta que estava diante dele e entrou no corredor. Gavin o seguiu e juntos chegaram à garagem onde tinham esperado a detonação do explosivo plástico. Encontraram Morelli e Roberts com os rostos excitados pela adrenalina que todos tinham por baixo das máscaras.

Viram a luz do sol que entrava pela porta aberta da garagem, desenhando um quadrado luminoso no pavimento.

Gavin foi o primeiro a tirar o capacete e a máscara. Tinha os cabelos molhados e o rosto todo coberto de suor. Limpou a testa com a manga do uniforme azul das unidades de operações especiais.

Frank ainda ficou alguns instantes parado em pé no centro do local, no limiar entre a luz e a sombra, depois também retirou a máscara. Surgiu o rosto de um homem mortalmente cansado.

Morelli se aproximou.

— Frank, o que aconteceu lá dentro? Você parece alguém que viu todos os diabos do inferno.

Frank virou-se para olhar para ele e respondeu com a voz de um velho e os olhos de quem não precisa ver mais nada nessa vida.

— Muito pior, Claude, muito pior. Todos os diabos do inferno fariam o sinal da cruz antes de entrar nesse lugar.

59

FRANK E MORELLI VIRAM A MACA saindo pela porta da garagem e seguiram com os olhos os homens que a colocavam na ambulância. Nela, coberto com um tecido escuro, estava o corpo que encontraram no abrigo, o cadáver ressequido de um homem sem rosto que usava como máscara o rosto de um outro homem, morto para que ele pudesse tê-lo.

Depois que Frank saiu completamente aturdido, todos os homens, um por um, entraram no *bunker* e saíram com a mesma expressão de repulsa estampada no rosto. A visão do corpo mumificado estendido em seu esquife de vidro, tendo sobre o rosto a máscara murcha da última vítima de Ninguém, era um espetáculo capaz de abalar até a mente mais sólida. Era um espetáculo que cada um deles teria diante dos olhos, dia e noite, ainda por muito tempo.

Ainda agora, Frank não conseguia acreditar no que tinha visto. E não conseguia se livrar de uma sensação desagradável, do desejo de lavar-se por um tempo infinito, como se precisasse desinfetar o corpo e a mente do mal em estado puro que flutuava naquele lugar. Sentia uma espécie de mal-estar por dentro só por ter respirado aquele ar, como se estivesse impregnado pela loucura sob a forma de um vírus tão contagioso que poderia infectar qualquer um que se aproximasse e torná-lo capaz de cometer as mesmas ações, dominado pela mesma patologia.

Mas Frank não conseguia parar de se perguntar uma coisa.

Por quê?

Aquela pergunta continuava a girar em sua cabeça como se possuísse o segredo do moto-perpétuo, embora percebesse que a resposta para ela não tinha importância, não ainda.

Quando entrou no abrigo, assim que passou da porta, começou a examinar tudo, de cima a baixo, avançando em meio à fumaça, com a pistola em punho e o coração batendo tão forte que quase o impedia de ouvir a música que explodia nas caixas de som. Desligou o som e restou apenas o sopro ofegante de sua respiração ecoando na máscara contra gases. Além da presença imóvel daquele

corpo estendido em sua monstruosa vaidade num caixão transparente, só encontrou salas vazias.

Ficou observando o cadáver por um longo minuto, como se estivesse hipnotizado, percorrendo sua piedosa nudez com os olhos, sem conseguir afastá-los daquele espetáculo de morte sublimada por uma horrenda imaginação doente e genial. Fitou longamente o rosto coberto por aquela espécie de máscara mortuária, que o tempo e a natureza conduziam lentamente ao aspecto do resto do corpo. No pescoço do cadáver, algumas gotas de sangue coagulado caídas das bordas talhadas testemunhavam a precariedade daquela escabrosa tentativa de transplante.

Era esse, portanto, o objetivo de todos aqueles homicídios? Toda aquela gente morta apenas para dar a um morto a ilusão de estar vivo? Que sanguinária idolatria pagã poderia ter inspirado aquela monstruosidade? Qual poderia ser a explicação, se é que havia alguma, para um ritual fúnebre que exigia o sacrifício de tantas pessoas inocentes?

Esta é a verdadeira loucura, pensou consigo mesmo, *a capacidade de alimentar-se de si mesma para gerar apenas e sempre mais loucura*.

Quando conseguiu acordar e afastar os olhos daquela visão, saiu do pesadelo para permitir que os homens que esperavam lá fora entrassem também.

O barulho das portas da ambulância que se fechavam trouxe Frank de volta. A figura longilínea de Roberts despontou por trás do veículo, vindo em sua direção. Às suas costas havia um carro da polícia esperando com o motor ligado e a porta traseira aberta. Ele tinha aquela expressão de quem esteve num lugar onde preferia nunca ter estado. Como todos os outros, aliás.

— Bem, já estamos indo — disse com uma voz sem cor.

Frank e Morelli apertaram sua mão e, ao cumprimentá-lo, não perceberam que tinham a mesma voz. O delegado não conseguia encará-los. Embora tivesse vivido aquela história de maneira bem mais superficial, embora não estivesse envolvido desde o início como eles, tinha nos olhos a mesma e cansada desilusão. Afastou-se com seu andar desengonçado, que agora incluía também uma sensação de fraqueza que toda queda repentina da tensão nervosa produz. Talvez ele também não visse a hora de voltar à sua vidinha de sempre, às suas histórias de miséria ou ganância cotidiana, a homens e mulheres que matavam por ciúme, por cobiça de dinheiro, por acaso. Loucuras que duravam um segundo e não para sempre, loucuras que não era obrigado a carregar penduradas em suas lembranças, como troféus macabros, pelo resto da vida. Talvez ele também, como todos, só tivesse um único desejo: afastar-se daquela casa o mais rápido possível e tentar esquecer que ela existia.

Ouviu-se o portão se fechando, o barulho do motor e logo depois a aceleração do carro que desaparecia na rampa do pátio que levava até a rua.

Gavin e seus homens já tinham partido havia algum tempo, assim como Gachot e sua unidade. Pegaram a descida para a cidade em seus furgões azuis carregados de homens, armas, aparelhagens sofisticadas e daquela sensação banal e ordinária de fracasso que une desde sempre os exércitos, grandes e pequenos, depois de uma derrota.

O próprio Morelli tinha mandado a maioria de seus homens de volta para a central. Dois ou três ainda estavam por ali para monitorar as últimas operações e para, enfim, escoltar a ambulância até o necrotério.

* * *

As barreiras já haviam sido removidas das ruas adjacentes e a longa fila de carros nos dois sentidos ia diminuindo pouco a pouco, com a ajuda de alguns policiais que controlavam o trânsito e impediam que os curiosos parassem para meter o nariz. O engarrafamento que se formou impedira os abelhudos profissionais, os jornalistas, de chegarem a tempo. Quando chegaram, já estava tudo acabado, mesmo porque não havia nada de novo para saber: dessa vez, os representantes da mídia só tinham mesmo a decepção para dividir com a polícia. Frank delegou a Morelli a tarefa de falar com eles, e o inspetor despachou-os rapidamente e da melhor forma. E, além do mais, sem muito esforço.

— Já vou, Frank. E você?

Frank olhou o relógio. Pensou em Nathan Parker esperando furioso no aeroporto de Nice. Acalentara a ilusão de ir a seu encontro envergando como uma roupa nova o alívio de ter arquivado definitivamente aquela história sinistra. Queria que tudo tivesse acabado, mas nada havia chegado ao fim.

— Pode ir, Claude. Eu já vou também.

Olharam-se e o inspetor simplesmente acenou. Usavam o mínimo possível de palavras, pois ambos sentiam que elas eram insuficientes. Morelli se afastou a pé pela rampa da saída, até chegar ao carro que o esperava na rua. Frank o viu desaparecer depois da pequena curva da rua, escondido pela folhagem de um lentisco.

A ambulância deu marcha a ré e começou a manobrar para sair do pátio. O homem sentado ao lado do motorista passou os olhos inexpressivos por ele através da janela. Não parecia nem um pouco impressionado por aquilo que carregavam no veículo. Mortos há uma hora, há um ano ou há um século, o que transportavam eram sempre cadáveres. Era mais uma viagem como tantas outras.

Sobre o painel havia um jornal esportivo dobrado. Enquanto o furgão branco partia, a última visão de Frank foi o gesto fugaz da mão de Morelli se alongando para pegá-lo.

Ficou em pé sozinho no meio do pátio, sob o sol daquela tarde de verão, sem conseguir sentir seu calor. Havia no ar a indolência melancólica de um circo sendo desmontado, quando a escuridão e as luzes nos olhos não protegem mais a vista da realidade. Sobrava apenas o lixo cheio de lantejoulas e de excrementos de animais. Não havia mais acrobatas e mulheres com roupas coloridas, não havia mais música e aplausos do público, só um palhaço de pé sob o sol.

E não há nada mais triste que um palhaço que não faz rir…

Apesar da lembrança de Helena, Frank não conseguia se decidir a ir embora daquela casa. *Sentia* que havia alguma coisa que parecia evidente, mas que de evidente não tinha nada. Como acontecera até então, era tudo uma questão de detalhes. De pormenores. O detalhe da capa do disco no vídeo, o reflexo da mensagem deixada por Stricker no espelho, uma escrita que de trás para a frente ganhava um significado totalmente diferente…

Frank se obrigou a raciocinar friamente.

Durante todo o período em que estivera sob escolta, Jean-Loup convivera dia e noite com policiais dentro de casa. Como tinha feito para fugir enganando a vigilância? Todos os homicídios aconteceram à noite, portanto, era claro que nenhum policial, a menos que houvesse algum motivo bem fundamentado, entraria na casa num momento em que se supunha que ele estivesse dormindo. Principalmente, depois do estresse de falar ao telefone com um assassino.

Por esse lado, Jean-Loup estava seguro. Mas a garantia acabava por ali.

À esquerda da propriedade, ao lado do portão, havia uma espécie de aterro que dava para um precipício. Era uma descida tão íngreme que podia excluir aquele caminho. Perigoso demais, considerando-se o fato de que o trajeto teria que ser feito à noite e sem o auxílio de uma lanterna.

Podia pegar o caminho do jardim. Nesse caso, para chegar à rua, precisava sair da sala de estar para a frente da casa, pelo lado da piscina, pular a cerca e atravessar o jardim da casa gêmea, onde Parker estava hospedado.

Se fizesse isso, mais cedo ou mais tarde alguém acabaria notando. De um lado, havia policiais bem treinados, por mais que aquele trabalho fosse entediante. Do outro, Ryan Mosse e Nathan Parker, duas pessoas que certamente dormiam com um dos olhos aberto. Poderia passar uma vez, mas um dia aquele vaivém noturno teria sido descoberto.

E essa teoria também fazia água, se não de todo, pelo menos em diversos pontos.

Todos estavam convencidos de que havia uma outra saída no abrigo. A lógica arquitetônica apontava forçosamente para isso. No caso de uma explosão, a casa poderia desmoronar e os escombros poderiam fechar a saída para os ocupantes do abrigo, cuja existência era ignorada por quase todos. Contudo, depois de uma revista minuciosa do abrigo subterrâneo, não encontraram nenhum sinal dela.

No entanto…

Frank consultou o relógio mais uma vez. Passou pela sua cabeça, e ele não a achou nada engraçada, a ideia de que se continuasse assim acabaria consumindo o vidro do relógio de tanto olhar. Enfiou as mãos nos bolsos do paletó. Sentiu de um lado as chaves do carro e do outro volume do celular. Imaginou Helena sentada numa cadeira do aeroporto, as pernas cruzadas, olhando de um lado para o outro com a expectativa de reconhecê-lo entre as pessoas.

Teve vontade de mandar Nathan Parker às favas e ligar para ela, se é que seu celular estava ligado. Por um instante, deixou-se levar pelo fascínio daquela tentação, depois resolveu que era melhor não fazê-lo. Não queria trair Helena e alertar o general. Queria que ele ficasse ali, furioso com o mundo inteiro, mas não desconfiado, enquanto buscava uma maneira de surgir diante dele e, finalmente, falar…

Tirou as mãos dos bolsos, abriu-as e ficou as abrindo e fechando até sentir a tensão diminuir. Em seguida, Frank Ottobre atravessou o pátio e voltou ao *bunker*.

Parou diante da porta examinando aquele pequeno ambiente escondido sob a terra, o reino de Ninguém. Na penumbra, destacavam-se os pontos luminosos dos *leds* vermelhos e verdes e os mostradores dos aparelhos eletrônicos que estavam ligados. De repente, todas as histórias que seu pai lhe contava quando era pequeno voltaram à memória. Histórias de fadas e gnomos, nas quais também surgiam ogros que viviam em pavorosos mundos subterrâneos, dos quais só saíam para raptar as criancinhas de seus berços e encerrá-las para sempre em suas tocas.

Só que ele não era mais criança e aquilo não era uma fábula. E se fosse, ainda não havia chegado a seu final feliz.

Deu alguns passos adiante e acendeu a luz. Apesar da exigência de espaços reduzidos, aquele *bunker* era bastante amplo. A paranoia da tal mulher, seus medos em relação ao futuro do mundo, deviam ter custado uma bela cifra ao marido, mesmo há trinta anos. A estrutura era quadrada e subdividida em três ambientes.

À direita, havia uma pequena peça que servia ao mesmo tempo de despensa e banheiro. Encontraram todo tipo de alimentos em lata arrumados em perfeita

ordem nas estantes de madeira diante dos sanitários, junto com reservas de água que lhe permitiriam resistir *ad eternum* a qualquer cerco.

Ao lado, ficava a sala em que o corpo jazia em seu caixão de vidro, alinhado com uma cama de viúva bastante espartana. O pensamento de Jean-Loup dormindo ao lado daquele cadáver lhe deu um calafrio, como se um hálito maligno chegasse de repente por trás dele. Precisou reprimir o impulso de se virar e olhar para trás.

Frank passou os olhos da esquerda para a direita pela sala retangular em que se encontrava, na qual se abriam as portas do quarto de dormir e da despensa-banheiro. Começou a fechar e a abrir os olhos em intervalos regulares e a projetar em sua mente as imagens da sala como se fossem diapositivos.

Clic.
Um detalhe.
Clic.
Buscar um detalhe.
Clic.
O que não está batendo? Há alguma coisa estranha nesta sala.
Clic.
Uma coisinha mínima, uma pequena incongruência…
Clic.
Você sabe o que é, já viu, já registrou…
Clic, clic, clic…

A sala aparecia e desaparecia como sob o efeito de uma luz estroboscópica. Continuou a abrir e fechar os olhos como se o que procurava fosse surgir quase por magia naquela sala. Obrigou seu pensamento a seguir a velha fórmula que quase sempre dava bons resultados.

A parede à esquerda.
As estantes do alto cheias de gravadores e aparelhos eletrônicos que Jean-Loup usava para filtrar sua voz, transformando-a na voz de Ninguém.
As duas caixas Tanoy colocadas de modo a otimizar o efeito estereofônico.
Um sofisticado leitor de CDs e mini discs.
Um masterizador.
Uma prateleira para as fitas de música e um leitor DAT.
O prato do toca-discos, para os velhos 33 rotações.
Os discos, organizados na prateleira logo embaixo, que se projetava de modo

a formar também um tampo de apoio.

À esquerda, os LPs de vinil, à direita os CDs.

No centro, o vão que servia de escrivaninha.

No tampo, um pequeno mixer*, um computador Macintosh G4 que comandava a aparelhagem de gravação.*

Ao fundo, perto da parede, um aparelho negro que parecia ser outro pequeno leitor de CDs.

A parede em frente.

Uma estante de metal, embutida na própria parede, vazia.

A parede à direita.

As portas dos outros aposentos e no meio uma mesa de madeira e uma pequena lâmpada fluorescente.

Frank parou de repente.

…outro pequeno leitor de CDs.

Frank foi até o fundo da sala e examinou atentamente o aparelho na prateleira de madeira. Não era nenhum maníaco por aparelhagens de som, mas à luz de seus conhecimentos parecia ser um modelo bastante comum, de metal preto, com um pequeno mostrador na frente, e não parecia nem muito recente. Frank viu que dois fios saíam por trás e entravam num buraco feito na base da prateleira.

Em cima do aparelho, escrita sobre o metal com um pilot branco, havia uma série de números. Alguém tinha tentado apagá-los sem muito sucesso, pois ainda eram legíveis.

1-10
2-7
3-4
4-8

Achou estranho. Parecia ser um lugar um pouco insólito para se anotar alguma coisa…

Apertou o botão de ejeção e o carrinho saiu sem rumor à esquerda do mostrador. Continha um CD. Não era um original, mas uma cópia masterizada. Na superfície dourada havia uma inscrição em letra de imprensa, sempre com um pilot, dessa vez vermelho.

Robert Fulton — "Stolen Music".

Mais uma vez esse maldito disco. Frank pensou que aquela música o

perseguia como uma maldição. Começou a refletir. Era natural que Jean-Loup tivesse feito uma cópia digital do disco, para poder ouvir sem correr o risco de danificar o original. Mas então, por que resolveu levar o LP de vinil quando matou Allen Yoshida? Aquilo podia ter um significado simbólico, claro, mas o motivo também podia ser outro, qualquer um…

Frank virou-se para olhar o moderníssimo CD-player que estava entre a aparelhagem às suas costas e voltou a pousar os olhos sobre o leitor bem mais modesto que tinha diante dos olhos.

E se perguntou uma coisa.

Por que alguém que tem um CD-player como aquele à disposição usaria essa porcaria para ouvir música?

Havia mil respostas para aquela pergunta e cada uma delas era plausível. No entanto, Frank sabia que nenhuma era a resposta certa. Apoiou a mão sobre o metal preto do aparelho e percorreu com os dedos o traçado branco dos números como se esperasse que fossem em alto-relevo.

Uma hipótese é uma viagem que pode durar meses, anos, às vezes a vida inteira. A intuição que a avalia percorre o cérebro na velocidade de um raio e o efeito é imediato.

Um segundo antes era a escuridão, logo depois, a luz.

De repente, Frank entendeu para que servia aquele segundo leitor e o que eram aqueles números que o ocupante do abrigo tentou apagar apressadamente de sua superfície.

Aqueles números brancos pertenciam a um código.

Frank empurrou o carrinho e apertou o *play* indicado por uma seta. No mostrador apareceu uma série de números, que indicavam que faixa estava sendo tocada e quanto tempo tinha se passado desde o início.

Olhou os segundos passando lentamente naquele pequeno retângulo luminoso. Depois de 10 segundos, apertou o botão que passava da primeira faixa para a seguinte. Esperou até que aparecesse o número 7, e passou para a terceira faixa. Quando o quadro luminoso marcou 4, passou para a quarta. Quando leu o número 8 no mostrador, apertou *stop*.

Plique!

O estalo foi tão leve que se Frank não tivesse contido a respiração não teria ouvido nada. Virou-se para a direita, de onde tinha vindo o rumor. Viu que a prateleira de metal avançara alguns centímetros em relação à posição anterior, revelando uma aderência tão perfeita que, quando estava fechada, não se notava nenhuma diferença na parede.

Enfiou os dedos na fresta ao fundo e puxou a prateleira para si. Deslizando

sobre roldanas colocados dos lados, o móvel saiu cerca de um metro, revelando uma porta de forma circular. Num nicho escavado no metal do batente havia um mecanismo de abertura com um volante que parecia cópia do outro.

Quando revistaram o *bunker*, não se perguntaram por que as prateleiras da estante estavam completamente vazias. Agora que tinha encontrado uma explicação, Frank foi capaz de levantar uma questão tão sutil que ninguém tivera a perspicácia de colocá-la: o móvel servia na verdade para esconder a segunda saída.

Frank girou o volante no sentido anti-horário até ouvir o clique da fechadura. Empurrou e a porta abriu, deslizando silenciosa sobre os gonzos. Pensou que Jean-Loup Verdier devia ter gasto um bocado de tempo e de conhecimentos técnicos para fazer a manutenção daquele lugar.

Atrás da porta apareceu a embocadura de um pequeno túnel de cimento com cerca de um metro e meio de diâmetro, um buraco negro que partia do abrigo para acabar não se sabe onde.

Frank enfiou o celular no bolso da camisa, livrou-se do paletó e tirou a Glock do coldre pendurado na cintura da calça. Acocorou-se no chão e teve que fazer uma pequena manobra de contorcionista para passar por entre as hastes que seguravam a estante. Cruzou a porta blindada. Ficou um segundo observando a entrada daquele túnel e a escuridão que ele prometia. A fraca iluminação do abrigo, parcialmente coberta pela estante e por seu corpo, não permitia que visse nada além de um metro. Pensou que podia ser perigoso, muito perigoso se enfiar naquele buraco daquela forma, às cegas.

Depois pensou na pessoa que tinha fugido por ali, em tudo o que tinha feito e entrou resolutamente no túnel. Àquela altura, Frank não teria renunciado àquilo nem correndo o risco de encontrar um pelotão de fuzilamento do outro lado.

60

PIERROT ESTICOU A CABEÇA PARA FORA da moita em que estava escondido e olhou para a rua. Viu com alívio que todos aqueles carros e todas aquelas pessoas que esperavam tinham ido embora, junto com os policiais que pararam todo mundo.

Ótimo. Quer dizer, *agora* estava ótimo, mas antes estava realmente com medo…

Quando saiu da rádio, subiu a pé até a casa de Jean-Loup, com sua mochila nas costas. Estava um pouco nervoso porque não tinha certeza de conhecer bem o caminho, embora houvesse visitado a casa diversas vezes, porque sempre ia para Beausoleil no carro de Jean-Loup, que se chamava *uma Mercedes*. Não prestava muita atenção ao trajeto, pois estava muito ocupado rindo e olhando o rosto de seu amigo. Quando estava com Jean-Loup ria sem parar. Quer dizer, nem sempre, porque alguém dizia que só os bobos riem sempre e ele não queria que dissessem que era bobo.

E também não estava acostumado a andar sozinho por aí porque a mãe tinha medo que alguma coisa de mal lhe acontecesse ou que outros rapazes zombassem dele, como a filha da sra. Narbonne, que mesmo tendo os dentes tortos e a cara cheia de espinhas o chamava de “cara de retardado”.

Ele não sabia muito bem o que era uma cara de retardado e havia perguntado à mãe. Ela virou para o outro lado, mas não foi rápida o bastante para impedir que ele notasse que estava com os olhos cheios d’água. Pierrot não se preocupou muito com aquela história. Sua mãe ficava com os olhos cheios d’água muitas vezes, como quando via aqueles filmes da televisão que no final tinham sempre aqueles dois se beijando e os violinos tocavam e eles se casavam.

A única coisa que temia de verdade era que os olhos cheios d’água de sua mãe significassem que, mais dia, menos dia, teria que casar com a filha da sra. Narbonne.

No meio do caminho, teve sede e, sem parar, bebeu a latinha de Coca-Cola trazida de casa. Não bebeu satisfeito, porque sua intenção era dividi-la com Jean-Loup, mas fazia calor, estava com a boca toda seca e com certeza seu amigo não

ficaria chateado por tão pouco.

Em todo caso, ainda tinha a lata de Schweppes.

Chegou à casa de Jean-Loup um pouco suado e pensou que seria melhor trocar de camiseta. Mas isso não seria problema. Sabia que Jean-Loup tinha uma gaveta, num móvel da lavanderia, onde guardava as camisetas que usava só para os trabalhos caseiros. Se a sua estivesse muito suada, pegaria uma das dele emprestada e devolveria depois de lavada e passada por sua mãe. Já tinha acontecido antes, quando estavam na piscina e caíra na água. Jean-Loup lhe dera uma camiseta promocional da “Martini-Racing”, só que daquela vez ele pensou que era um empréstimo, mas era um presente.

Agora, antes de mais nada precisava encontrar a chave. Tinha visto a caixa de correio com letras de alumínio ao lado do portão, com Jean-Loup Verdier escrito em verde-escuro, a mesma cor das grades. Enfiou a mão entre as barras e tateou o fundo da caixa de metal. Sob os dedos sentiu a forma da chave presa por uma fina camada de alguma coisa que parecia um chiclete mascado e seco.

Quando ia puxar a chave e pegá-la, um carro parou no largo vizinho ao portão. Por sorte, Pierrot estava encoberto por uma moita e pelo tronco de um dos ciprestes. De onde estava, a pessoa do carro não poderia vê-lo. Esticou a cabeça e viu que quem estava dentro do carro azul parado no largo era o homem americano, aquele que sempre acompanhava o delegado, mas que depois não o fazia mais porque, como alguém lhe dissera, o delegado tinha morrido. Pierrot voltou a se esconder rapidamente para que não o visse, porque, se descobrisse que estava lá, ele talvez quisesse saber o que estava fazendo e decidisse levá-lo de volta para casa.

Subiu a rua, seguindo o asfalto e mantendo-se encoberto. Depois de passar pelo barranco que descia até lá embaixo, tão abrupto que só de olhar sua cabeça girava, tinha pulado uma amurada num lugar mais baixo e encontrado uma moita na ladeira para se esconder.

De seu posto de observação, via-se o pátio da casa de Jean-Loup. Ficou observando curiosamente aquele monte de gente que ia e vinha, sobretudo policiais de azul e policiais vestidos de policiais, além de algumas pessoas de roupa normal. Viu também o sujeito que ficava na rádio e que nunca sorria, mas sempre sorria quando falava com Barbara.

Ficou em seu esconderijo por um tempo que lhe pareceu longuíssimo, até que, finalmente, todos foram embora e o pátio ficou vazio. O último a ir embora, o americano, havia esquecido a porta de correr da garagem aberta.

Pierrot pensou que era uma sorte ele estar ali para tomar conta da casa do amigo. Agora podia descer para ver se os discos estavam no lugar. Antes de ir

embora trataria de fechar a porta da garagem, senão qualquer um poderia entrar e roubar o que bem entendesse.

Ergueu-se lentamente do chão e emergiu da moita olhando ao redor. Os joelhos doíam um pouco por ter ficado acocorado tanto tempo e os pés pareciam cheios de formigas. Começou a bater com eles no chão para fazer passar, como sua mãe tinha ensinado.

Dentro de seu mundinho, Pierrot bolou um plano de ação.

De onde estava não poderia chegar ao pátio da casa, pois no meio da ladeira que descia para o mar havia aquele barranco íngreme. Portanto, precisava chegar à rua asfaltada e descer até a casa para ver se conseguia pular o portão.

Arrumou a mochila nos ombros e se preparou para enfrentar a subida.

Com o rabo do olho notou um movimento entre as moitas, um pouco abaixo. Pensou que tinha se enganado. Não era possível haver alguém abaixo dele. Se tivesse passado ele teria visto, porque não dava para subir lá de baixo. Esperou um pouco, por prudência; nada aconteceu e estava quase convencido de que tinha se enganado. Depois seus olhos perceberam um novo movimento entre as moitas. Colocou a mão na testa para proteger os olhos do reflexo do sol.

O que viu o fez ficar boquiaberto.

Abaixo dele, vestido de verde e marrom, como se fizesse parte da terra e das moitas, com uma bolsa de tecido a tiracolo, estava seu amigo Jean-Loup, rastejando para fora dos arbustos.

Pierrot ficou sem fôlego. Se fosse por ele, levantaria e gritaria que estava ali, mas talvez não fosse uma boa ideia, porque se nem todos os policiais tivessem ido embora, poderiam descobri-los. Resolveu subir um pouco e ir para a direita antes de se fazer notar por Jean-Loup, de modo que ficasse encoberto pelo barranco.

Deslocou-se em silêncio, tentando imitar os movimentos do amigo logo abaixo dele, que entrava e saía das moitas e nem mexia as folhas.

Quando chegou ao ponto além do qual não podia ir, viu que estava numa posição perfeita, encoberto em relação à casa. Bem abaixo dele, havia uma saliência não muito grande, mas suficiente para que ficasse de pé e chamasse Jean-Loup sem que os policiais o vissem.

Desceu com cuidado até chegar o mais perto possível da elevação que avistara e preparou-se dobrando as pernas. Depois levantou os braços para o céu e deu um pequeno salto. Assim que seus pés pousaram, aquele montinho instável desmoronou sob seu peso e o pobre Pierrot começou a rolar gritando no vazio.

61

FRANK AVANÇAVA LENTAMENTE na mais completa escuridão.

Depois de um exame atento do túnel, verificou que a altura era suficiente para que avançasse acocorado e resolveu fazê-lo. A posição não era das mais cômodas, mas certamente era menos arriscada, tendo em vista a situação. Com um sorriso amargo, pensou que, efetivamente, nenhuma situação seria mais adequada que aquela para a definição de “um salto no escuro”.

Depois de alguns passos, dados com a impressão de caminhar como um cão amestrado, ficou sem a ajuda da leve claridade que chegava por trás e penetrou na escuridão absoluta. Apesar de já ter dado a seus olhos o tempo de se acostumarem ao breu, não via absolutamente nada.

Segurava a pistola com a mão direita e apoiava o corpo na parede da esquerda, levemente inclinado para trás, de modo que pudesse avançar a mão livre como vanguarda tátil para se certificar de que não havia obstáculos ou, pior ainda, buracos em que pudesse cair. Se acontecesse alguma coisa com ele lá embaixo, naquele buraco cuja existência todos ignoravam, não sairia nem para o dia do juízo final.

Avançava com cuidado, metro a metro. As pernas começavam a incomodar, sobretudo o joelho direito. Era o joelho cujos meniscos e ligamentos cruzados haviam estourado durante uma partida de futebol americano, vetando para sempre a possibilidade de continuar a jogar no time da faculdade, bem como qualquer aspiração à prática esportiva profissional, se ele tivesse alguma. Em geral, exercitava os músculos das pernas o bastante para não ter problemas nesse campo. Mas infelizmente, havia algum tempo seu treinamento deixava muito a desejar e a posição em que tinha que se locomover naquele túnel seria uma dura prova até para os joelhos de um levantador de peso.

Estremeceu levemente. O túnel não era nada quente. Contudo, pela tensão nervosa, sentia o suor das axilas se espalhar pelo tecido leve da camisa.

No ar estagnado, sentia um odor de folhas apodrecidas e de umidade, junto com o cheiro do cimento. De vez em quando, tocava com as mãos alguma raiz

que tinha conseguido se enfiar nas conexões entre os tubos. Da primeira vez, assustara-se e retirara a mão como se queimasse. O túnel se abria forçosamente para o exterior e não era improvável que algum animal tivesse entrado e escolhido o local para uma toca bastante confortável. Frank não era muito impressionável, mas a ideia do contato físico com uma cobra ou com um rato não fazia parte de suas aspirações, nem agora, nem nunca.

Pensou que toda aquela caça ao homem estava, afinal, realizando todas as suas fantasias. Aquela era a situação que visualizava instintivamente cada vez que pensava em Ninguém. Um avanço lento, rastejante, furtivo no frio e na umidade que sempre foram o reino dos ratos. Essa era, exatamente, a situação durante as investigações: uma travessia lenta, em pequenos passos, com esforço, na mais completa escuridão, esperando que um tênue raio de sol viesse tirá-los do escuro.

Mas deixai-nos morrer à luz do dia…

Naquela cegueira total, um trecho famoso da *Ilíada* lhe veio à memória: a súplica de Ájax. Tinha estudado a *Ilíada* no liceu, um milhão de anos atrás. Os troianos e os aqueus combatiam junto a seus navios e Júpiter mandara um denso nevoeiro ofuscar a visão dos gregos, que estavam sucumbindo. Então Ájax dirigira uma prece ao pai de todos os deuses, uma fervorosa prece não pela própria salvação, mas pela graça de ir ao encontro da escuridão da morte à luz do sol. Frank lembrava que seu herói preferido encerrava sua súplica exatamente com essas palavras.

Uma mudança na inclinação do túnel ajudou-o a se concentrar novamente. Sentiu que o pavimento, ou melhor, a parte que ficava sob seus pés, descia abruptamente. Era pouco provável que o duto se tornasse intransitável. Afinal, tinha sido construído para ser usado por seres humanos e a inclinação devia ser uma coisa acidental, não proposital. Possivelmente, tinham encontrado algum veio de rocha durante a construção, sendo obrigados a desviar para baixo para poder continuar.

Resolveu sentar no chão e continuar assim daquele ponto em diante, redobrando a cautela. Não se preocupou muito com o aumento da inclinação. Toda sua avaliação estava correta, e podia acrescentar também que o trecho tinha sido percorrido várias vezes por Ninguém, ida e volta, embora em condições muito mais cômodas, ou seja, conhecendo o trajeto de cor e salteado e com a ajuda de uma lanterna.

Ele, ao contrário, avançava totalmente no escuro e não sabia o que poderia encontrar pela frente. Ou em torno, para ser mais exato. Mas era justamente a natureza de Jean-Loup que impunha uma atenção redobrada. Conhecendo a pérfida astúcia daquele homem, não parecia improvável que tivesse plantado

alguma armadilha para um eventual intruso.

Perguntou-se novamente *quem* seria Jean-Loup e sobretudo quem o tinha *criado*. Já era fato comprovado que não se tratava apenas de um psicopata, uma pessoa fraca e frustrada que, levada pela loucura, cometia uma série de crimes para chamar a atenção da imprensa e da televisão. Aquela análise superficial resumia a maior parte dos casos que ele conhecia, mas estava tão distante de Ninguém quanto a Terra do Sol.

Os outros eram pessoas comuns, ressentidas, com uma inteligência abaixo da média, em sua maioria obrigadas a agir daquele modo por uma força mais poderosa que elas, pessoas que aceitavam as algemas quase com alívio.

Ele não, ele era diferente. Havia o cadáver em seu caixão transparente como testemunha de sua loucura, é verdade. Em sua mente, agitavam-se indubitavelmente pensamentos que fariam estremecer até o mais empedernido psiquiatra.

Mas a semelhança acabava ali.

Jean-Loup era forte, astuto, preparado, treinado para a luta. Era um combatente na verdadeira acepção da palavra. Havia matado Jochen Welder e Roby Stricker, duas pessoas de compleição atlética reforçada pelo exercício constante, com uma facilidade espantosa. A destreza com que se livrou dos três agentes em sua casa era uma confirmação definitiva para qualquer dúvida a respeito, se ainda houvesse lugar para alguma dúvida. Parecia que conviviam nele, dentro do mesmo corpo, duas pessoas distintas, duas naturezas opostas que se perseguiam tentando se alcançar e anular uma à outra. Talvez a definição mais correta tenha sido dada por ele mesmo, quando falava com a voz disfarçada: “*Sou um e nenhum. Sou ninguém…*”

Era um homem muito, muito, *muito* perigoso e devia ser tratado como tal.

Frank não se sentia paranoico por causa daquele excesso de cuidado. Muitas vezes, certos excessos fazem a diferença entre um homem vivo e um homem morto.

Sabia disso muito bem, pois a única vez que se deixou levar pelo instinto e entrou num lugar por impulso, quase sem pensar, acabou acordando no hospital depois de uma explosão e de quinze dias em coma. E se tivesse se esquecido, possuía um bocado de cicatrizes espalhadas por várias partes do corpo para lembrá-lo.

Agora não queria mais correr riscos inúteis. Devia isso a si mesmo, decidisse ou não continuar a ser um policial. Devia isso a uma mulher que, naquele exato momento, esperava por ele sentada numa sala do aeroporto de Nice. Devia isso a Harriet, junto com a promessa de que nunca a esqueceria.

Continuou a avançar, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Provavelmente, Jean-Loup já estava bem longe àquela altura, mas não podia excluir a possibilidade de que estivesse na outra extremidade do túnel, esperando escondido que o caminho ficasse livre. Afinal, aquele buraco sob a terra não poderia ir até a periferia de Mentone. Tinha que desembocar necessariamente em algum ponto a leste da casa, nas vertentes da montanha.

Na rua, houve sem dúvida uma bela confusão por causa dos postos de bloqueio: filas de carros, pessoas que saíam dos veículos e ficavam na ponta dos pés para lançar um olhar curioso, perguntando umas às outras o que estava acontecendo. Não teria sido difícil tentar se misturar a elas. É verdade que a foto de Jean-Loup fora publicada por todos os jornais e aparecera em todos os telejornais da Europa, mas havia muito tempo Frank perdera a fé em medidas como aquelas. As pessoas comuns geralmente passavam os olhos pelos rostos dos outros com extrema superficialidade. Só viam o que queriam ver. Bastava que Jean-Loup tivesse cortado o cabelo ou que usasse um par de óculos escuros para ter ótimas chances de se misturar no meio da multidão sem correr riscos.

Mas a rua também estava cheia de policiais em estado de alerta e de olhos bem abertos. E com eles a história era bem diferente. Cada um deles olharia com desconfiança para um homem que surgisse de repente de uma moita a algumas dezenas de metros da casa de Jean-Loup e subisse para alcançar a beira da estrada. Era uma coisa que alertaria até um cego, e depois de tudo o que tinha acontecido, os policiais estavam vivendo sob tensão havia dias, o que podia levá-los a atirar primeiro e perguntar depois. Portanto, não podia excluir a possibilidade de que seu alvo tivesse resolvido esperar que o ambiente ficasse um pouco menos congestionado antes de sair do esconderijo.

Continuou a avançar. O rumor do fundo das calças raspando no cimento lembrava o das cataratas do Niágara. O atrito começava a incomodá-lo. Parou um instante para buscar uma posição mais cômoda. Resolveu se acocorar de novo.

Enquanto se levantava, o bipe do celular que voltava à área de cobertura soou como o relógio de um campanário tocando no silêncio absoluto de uma noite no campo. Aquele sinal podia trair sua presença, mas por outro lado, era a certeza de que a saída não podia estar longe.

Apertou os olhos no escuro. Teve a impressão de ver pontos luminosos diante dele, como se fossem sinais traçados com giz branco sobre um quadro-negro. Tentou acelerar a marcha sem abandonar a cautela. Especialmente agora, que os batimentos de seu coração aumentaram de repente.

A mão esquerda continuava a deslizar sobre a parede de cimento, o dedo da

mão direita estava contraído sobre o gatilho da pistola, sentia uma dor dos diabos no joelho, mas diante dele havia um vestígio de luz e talvez uma presença à espreita que, por nenhuma razão do mundo, ele poderia subestimar.

Sobre o quadro-negro da escuridão marcas brancas moveram-se como se dançassem, suspensas no ar enquanto ele se aproximava. Pouco a pouco, foram aumentando. Frank compreendeu que o túnel acabava perto de uma moita e que o que estava vendo era a luz filtrada pela folhagem. Provavelmente, tinha passado um vento, agitando os ramos. Era por isso que a seus olhos, enganados pela escuridão, os pontos luminosos pareciam vaga-lumes na escuridão da noite.

Subitamente, vindo de fora, chegou o eco de um grito desesperado.

A prudência de Frank caiu por terra como um castelo de cartas diante de um ventilador ligado. Em alguns passos, tão velozes quanto a posição lhe permitia, chegou à moita que escondia a boca do túnel.

Afastou os ramos e botou a cabeça de fora cautelosamente. A boca do túnel dava para uma outra moita, mais alta e mais densa, que cobria toda a circunferência do tubo de cimento.

O berro se repetiu.

Frank foi se esticando lentamente. O joelho disse algumas palavras numa língua que Frank não gostaria nem um pouco de aprender. Olhou ao redor. A moita estava numa área relativamente plana, uma espécie de terraço natural no flanco da montanha, pontilhada de árvores, cujos troncos delgados eram cobertos de trepadeiras, e com uma densa vegetação mediterrânea junto ao chão, alternando-se com áreas em que a sarça tomava conta de tudo. Às suas costas, como um ponto de referência, viam-se as casas gêmeas e seus jardins bem-cuidados. Cerca de cinquenta metros acima de sua cabeça, à esquerda, ficava a rua. No meio do trecho escarpado que o separava do asfalto, levemente à esquerda em relação à moita na qual se encontrava, Frank percebeu um movimento. Uma silhueta de camisa verde e calças cáqui, carregando uma bolsa de tecido a tiracolo, escalava cuidadosamente o barranco entre os arbustos, em direção à mureta.

Frank teria reconhecido aquele homem entre milhões de outros e em milhões de anos.

Empunhou a arma diante dos olhos, segurando-a com as duas mãos. Enquadrou a figura na mira e finalmente gritou a frase que sonhava em dizer havia muito tempo.

— Fique onde está, Jean-Loup! Está na minha mira. Não me obrigue a atirar. Levante as mãos, ajoelhe-se no chão e fique parado. Já!

Jean-Loup virou a cabeça em sua direção. Não deu nenhum sinal de tê-lo

reconhecido, nem de ter ouvido o que tinha dito e menos ainda de que pretendia fazer o que tinha ordenado. Embora estivesse próximo o suficiente para ver a pistola nas mãos de Frank, continuou a subir, deslocando-se para a esquerda.

Frank sentiu o dedo se contrair no gatilho da Glock.

O grito se fez ouvir novamente, forte e agudo.

Jean-Loup respondeu, inclinando a cabeça para baixo.

— Segure firme, Pierrot, estou chegando. Não tenha medo, estou chegando aí para te pegar.

Frank deslocou os olhos para onde Jean-Loup olhava. Pendurado pelas mãos no pequeno tronco de uma acácia crescida na beira da escarpa, estava Pierrot.

Seus pés balançavam no ar procurando apoio, mas a cada vez que tentava se firmar, o terreno deslizante cedia e o rapazinho continuava balançando no vazio.

Abaixo dele, o barranco descia íngreme. Não era um precipício propriamente dito, mas se Pierrot largasse o tronco, cairia quicando como um fantoche por duzentos metros. Se largasse, não haveria saída para ele.

— Anda logo, Jean-Loup. Não aguento mais. Minha mão está doendo.

Frank viu o cansaço no rosto do rapaz e sentiu uma nota de medo vibrar em sua voz. Mas ouviu outra coisa também: a certeza inabalável de que Jean-Loup, o DJ, o assassino, a voz dos diabos, o seu melhor amigo, iria salvá-lo.

Frank soltou o gatilho e abaixou um pouco a pistola ao perceber o que Jean-Loup fazia.

Não estava fugindo, estava indo ajudar Pierrot.

Talvez a fuga fosse sua primeira intenção, certamente porque as coisas tinham se passado como ele imaginara: esperou dentro do túnel até que toda a confusão se dissipasse, e quando o caminho ficou livre saiu do buraco com o propósito de fugir mais uma vez do encalço da polícia. Então, viu que Pierrot estava em perigo. Talvez tenha se perguntado o que Pierrot estava fazendo ali, pendurado num tronco, pedindo ajuda com sua voz de menino aterrorizado. Talvez não. Mas compreendera a situação num segundo e havia feito sua escolha. Agora, ele estava agindo de acordo com a nova conjuntura.

Frank sentiu uma raiva surda subir por dentro, filha de sua frustração. Esperara por aquele momento durante muito tempo e, agora que o homem que procurara tão desesperadamente estava sob sua mira, não podia atirar. Reposicionou a pistola, segurando-a mais firme do que jamais havia segurado uma arma em sua vida. Além da alça de mira estava o corpo de Jean-Loup, movendo-se para chegar ao local onde seu amigo pendia de uma árvore.

Agora Jean-Loup estava ao lado de Pierrot, um pouco mais para cima. Entre eles, o vazio que a queda do rapaz tinha escavado no terreno. Era impossível

alcançá-lo para colocá-lo a salvo simplesmente estendendo a mão como apoio.

Jean-Loup falou com ele com sua voz quente e profunda.

— Estou aqui, Pierrot. Estou chegando. Fique tranquilo que tudo vai se resolver. Mas você precisa se segurar firme e ficar calmo. Entendeu bem?

Apesar da precariedade de sua situação, Pierrot respondeu com um de seus habituais acenos de cabeça. Estava com os olhos arregalados de medo, porém tinha certeza de que o amigo resolveria tudo.

Frank viu que Jean-Loup, depois de colocar no chão a bolsa a tiracolo, estava tirando o cinto das calças. Não tinha a menor ideia do que pretendia fazer para tirar Pierrot da encrenca em que tinha se metido. A única coisa que Frank podia fazer era ficar olhando, mantendo-o sob a mira da pistola.

Jean-Loup acabara de tirar o cinto de couro do último passador quando se ouviu um barulho semelhante ao sopro de uma zarabatana e um tufo de terra saltou bem a seu lado. Ele se dobrou instantaneamente sobre si mesmo e aquele movimento instintivo salvou sua vida.

Houve um novo sopro e outro tufo de terra voou exatamente no lugar em que sua cabeça estava uma fração de segundo antes. Frank virou-se rapidamente, olhando para o alto. Na beira da escarpa, de pé logo abaixo da mureta, mergulhado nas moitas até cintura, via-se o capitão Ryan Mosse. Segurava uma enorme pistola automática com silenciador.

Àquela altura dos fatos, Jean-Loup virou-se e fez uma coisa incrível: mergulhou entre as moitas de lentisco e desapareceu.

Assim, simplesmente. Um segundo antes estava bem ali, um segundo depois não estava mais. Frank ficou boquiaberto. Ryan Mosse provavelmente estava tão espantado quanto ele, o que não o impediu de disparar uma série de tiros em rápida sucessão ao redor das moitas em que Jean-Loup tinha desaparecido, até que a munição se esgotasse. Tirou o pente e enfiou um novo que retirou do bolso da jaqueta. Um instante depois a pistola estava pronta para atirar de novo. Começou a descer cuidadosamente, vigiando qualquer movimento da vegetação que o rodeava.

Frank deslocou a Glock em sua direção.

— Vá embora, Mosse. Essa história não lhe diz respeito. Largue a arma e vá embora. Ou trate de nos ajudar. Primeiro temos que pensar no rapaz pendurado lá embaixo, o resto vem depois.

O capitão continuou a descer, pistola em punho. Respondeu sem parar de vigiar em todas as direções as moitas entre as quais avançava.

— Está dizendo que não tenho nada com isso? Pois eu digo que sim, *mister* Ottobre. E sou eu quem decido minhas prioridades. Primeiro vou acabar com

esse maluco e depois, se quiser, posso ajudá-lo a salvar o tal rapazinho idiota…

Frank tinha a cara de Ryan Mosse bem na mira. E um forte desejo de atirar nela, quase tão grande quanto o que tinha de atirar em Jean-Loup, sem conceder a atenuante de ter arriscado a vida para salvar um cão ou um rapazinho idiota, como ele dizia.

— Repito, largue a arma, Ryan.

O capitão deu uma breve risada, seca e hostil. Sua voz soou sarcástica.

— Se não, vai fazer o quê, atirar? E depois o que vai dizer por aí? Que matou um soldado de seu país para salvar a pele de um assassino? Largue sua espingardinha de chumbo e aprenda como se faz…

Mantendo-o na mira, Frank começou a se deslocar na direção de Pierrot o mais rápido que podia. Nunca tinha estado numa situação daquelas, em que precisava tomar uma decisão com um número tão grande de variáveis.

— Socorro, não aguento mais.

A voz apavorada de Pierrot vinha de algum lugar às suas costas. Frank abaixou a arma e tentou, na medida do possível, chegar correndo ao ponto em que Jean-Loup estava anteriormente. Sentia as sarças e ramos dos arbustos tentando detê-lo, agarrando-o pelas calças, como mãos malignas que brotassem magicamente da terra. De vez em quando, virava a cabeça para controlar os movimentos de Ryan Mosse, que continuava a descer cuidadosamente o barranco, a pistola na mão, examinando cada arbusto com olhos desconfiados, à procura de Jean-Loup.

De repente, as moitas ao lado de Mosse se agitaram. Não houve nenhum movimento entre os ramos, não se viu o menor indício. Aquele que emergiu do meio do mato não era mais o mesmo homem que tinha mergulhado tentando escapar: não era Jean-Loup, era um demônio expulso do inferno porque causava medo aos outros demônios. Havia nele uma tensão sobrenatural, como se de repente um animal feroz tivesse crescido em seu corpo, emprestando-lhe a força de seus músculos e a impetuosidade de seus sentidos.

Com aquela mistura de agilidade, vigor e graça, Jean-Loup se moveu.

Um chute fez a arma voar da mão de seu adversário. A pistola foi arremessada para longe, perdendo-se entre a vegetação. Mosse era um soldado, certamente um ótimo soldado, com um treinamento adequado à triste fama que carregava, preparado para esperar qualquer coisa numa luta.

Menos, talvez, um combate contra fantasmas.

Dobrou as pernas numa posição de defesa. O capitão era mais alto e mais corpulento que Jean-Loup, mas a sensação de ameaça que aquele homem emanava só com sua atitude os colocava de certa maneira no mesmo plano.

Porém Mosse tinha uma vantagem sobre Jean-Loup: dispunha de todo o tempo que quisesse. Não se importava nem um pouco com o rapazinho pendurado numa árvore do barranco, e sabia que o outro tinha pressa para ir em seu socorro. Aquela pressa era o elemento com o qual pretendia jogar para levar o adversário a cometer um erro.

Não atacou, mas esperou, afastando-se um passo a cada vez que Jean-Loup se aproximava. Enquanto se movia, Jean-Loup continuava a falar com Pierrot.

— Está me ouvindo, Pierrot? Ainda estou aqui, não tenha medo. Chego num segundo.

Enquanto tranquilizava o menino, pareceu perder a concentração por um instante e baixou a guarda. Naquele exato momento, Mosse atacou.

Vendo o que acontecia em seguida, Frank entendeu que tudo aquilo tinha sido uma tática de Jean-Loup para levar Mosse a agir. Tudo aconteceu em poucos instantes. Mosse fez uma finta de esquerda e logo depois uma série de *atemi* que Jean-Loup aparou com uma facilidade a bem dizer humilhante. Mosse deu um passo para trás. Frank estava muito distante para ver com clareza de detalhes, mas parecia que a expressão no rosto do capitão era de grande surpresa. Mosse tentou novamente acertar dois golpes com as mãos e depois, rápido como um raio, desferiu um chute. Frank lembrou-se que era o mesmo golpe que fora usado contra ele, no dia em que se desentenderam na viela da casa. Só que Jean-Loup não caiu na armadilha como ele. Em vez de aparar o golpe e desviá-lo, expondo-se à reação do adversário, assim que o viu começando a chutar, virou de lado e deixou que a perna seguisse seu caminho para o alto. Depois, pousou o joelho direito no chão, enfiou-se como um raio sob a perna levantada de Mosse e bloqueou-a no alto com a mão esquerda, desequilibrando o corpo do capitão ligeiramente para trás. Deu um soco terrível nos testículos do adversário e, ao mesmo tempo, puxou-o para a frente.

Frank ouviu claramente o surdo gemido de dor de Mosse enquanto caía. Seu corpo ainda não pousara completamente sobre as moitas e Jean-Loup já estava de pé. Na mão direita apertava um punhal. O movimento com que o pegou foi tão rápido que Frank teve a impressão de que o punhal estava naquela mão desde o começo e que só agora tinha se tornado repentinamente visível.

Jean-Loup se dobrou e desapareceu na vegetação no lugar onde tinha caído o corpo de Mosse.

Quando emergiu de volta, o animal que parecia carregar dentro de si até aquele momento havia desaparecido e a lâmina do punhal estava coberta de sangue.

Frank não viu o resultado final da luta, porque nesse meio-tempo tinha

chegado perto do local onde Pierrot estava, pendurado na árvore com Jean-Loup e Ryan Mosse às costas. Viu sinais de medo no rosto do rapazinho, mas reconheceu sobretudo a marca preocupante do cansaço. As mãos que apertavam seu suporte providencial estavam contraídas pelo esforço. Compreendeu que Pierrot não aguentaria muito mais. Frank avisou-o de sua presença e tentou tranquilizá-lo falando com calma, para passar uma confiança que estava longe de sentir.

— Estou aqui, Pierrot. Vou pegar você agora.

O rapaz estava tão cansado que não encontrou forças para responder. Frank olhou em torno. Estava no ponto exato em que Jean-Loup se encontrava quando Mosse atirara da primeira vez, onde o vira retirar o cinto do cós da calça.

Por quê?

Pela segunda vez, perguntou-se qual seria a razão daquele gesto, ou seja: como ele pretendia usar o cinto para socorrer Pierrot? Levantou a cabeça e viu que cerca de dois metros acima da árvore de Pierrot havia um tronco seco, mais ou menos das mesmas dimensões. As folhas tinham caído havia tempo e os ramos erguiam-se para o céu como se, por uma extravagância da natureza, as raízes tivessem crescido ao contrário. Num segundo, compreendeu as intenções de Jean-Loup. Agiu com rapidez. Tirou o celular do bolsinho da camisa e retirou o clipe que prendia o coldre de couro na cintura. Deixou-os no chão, ao lado da bolsa de tecido que Jean-Loup usava a tiracolo.

Enfiou na cintura das calças a pistola que segurava e estremeceu levemente ao contato da arma fria com a pele. Pegou o cinto e verificou tanto a espessura da tira de couro natural quanto a resistência da fivela. Enfiou novamente a tira na fivela e prendeu no último ilhós, formando uma espécie de anel flexível de couro, o mais largo possível.

Examinou o barranco ao lado e abaixo de onde estava. Seria difícil, mas era possível alcançar a árvore que crescera e morrera quase paralelamente àquela onde Pierrot balançava. Buscando apoio com os pés, agarrado às moitas na esperança de que tivessem raízes sólidas plantadas no terreno, Frank chegou ao tronco ressequido. Espontaneamente, o contato com a casca áspera projetou de algum modo em sua mente, como um *flash*, a imagem do cadáver encontrado no abrigo. Um estalo inquietante proveniente da árvore logo substituiu aquela imagem pela visão de seu próprio corpo rolando ribanceira abaixo. O discurso que valia para Pierrot valia para ele também. Não sobreviveria àquela queda se o tronco cedesse ou se perdesse o apoio. Tentou não pensar em nada e esperou que a árvore fosse forte o suficiente para suportar o peso dos dois. Acocorou-se junto ao tronco e esticou-se para baixo, tentando fazer o cinto chegar o mais perto

possível do rapazinho.

— Tente se segurar aqui.

Hesitante, Pierrot tentou soltar uma mão, mas logo voltou ao apoio anterior.

— Não consigo.

Antes mesmo que ele falasse, Frank já tinha percebido que o comprimento de seu braço somado ao do anel de couro não eram suficientes para alcançá-lo. Só havia uma coisa a fazer. Virou-se de modo a enganchar-se no tronco com as pernas e pendurou-se no vácuo como um acrobata no trapézio, torcendo o corpo para ter o apoio do terreno sob o tórax e uma visão melhor para direcionar os movimentos de Pierrot do alto. Segurando o anel do cinto com as duas mãos, conseguiu, enfim, fazer o cinto chegar à altura das mãos do rapaz.

— Pronto, consegui. Agora, largue a árvore e agarre o cinto, uma mão de cada vez.

Seguiu com os olhos a manobra hesitante, quase em câmera lenta, com que Pierrot realizou a operação. Apesar da distância, sentia o som da sua respiração, sibilante de ansiedade e cansaço. O tronco em que estavam pendurados respondeu àquele aumento de peso, com um rangido sinistro, muito mais preocupante que o anterior. Frank sentiu o peso de Pierrot inteiramente em seus braços e nas pernas enroladas no tronco. Não havia dúvida de que, se Jean-Loup estivesse em seu lugar, conseguiria puxá-lo sem tanto esforço, pelo menos até içá-lo a um ponto no qual poderia abandonar o apoio do cinto e agarrar-se de alguma maneira ao tronco da árvore em que Frank estava dependurado como um morcego. Desejou com todas as suas forças que conseguisse fazer o mesmo.

Começou a puxar com os braços para cima, sentindo a violência do esforço acumulando-se à sensação quase dolorosa do maciço afluxo de sangue na cabeça provocado pela posição em que estava.

Viu Pierrot subindo centímetro a centímetro, tentando se ajudar com a ponta dos pés. Com o cansaço, Frank começou a sentir uma queimação terrível nos músculos dos braços, como se o tecido leve da camisa tivesse se incendiado de repente.

A pistola que tinha enfiado nas calças, puxada pela força da gravidade, soltou-se da cintura e caiu lá embaixo. Passou rente à cabeça de Pierrot e perdeu-se ricocheteando pelo barranco.

Naquele instante, o tronco fez um barulho que soou como um tiro, como o rumor de uma acha de madeira estalando na lareira.

Frank continuou a puxar com todas as suas forças. A dor nos braços, no esforço de erguer aquele peso que parecia aumentar a cada segundo, tornou-se insuportável, como se o sangue em suas veias tivesse sido substituído por ácido

sulfúrico puro. Frank teve a impressão de que suas carnes estavam se dissolvendo e de que, dentro em pouco, o esqueleto do braço ficaria evidente e, sem a proteção dos músculos, os ossos finalmente se destacariam dos ombros e mergulhariam no vazio, junto com o corpo de Pierrot.

Apesar de tudo, Pierrot continuava a subir lentamente e Frank continuava a puxar para cima, fazendo força com as pernas, apertando os dentes, espantado com sua própria resistência. Um instante depois do outro, sentia o desejo de desistir, de abrir as mãos para pôr fim àquele suplício, àquele fogo abrasador que queimava seus braços. Mas no instante seguinte, de algum lugar dentro dele, sentia chegarem novas forças, como se uma reserva de energia estivesse armazenada em algum ponto obscuro de seu cérebro, um escaninho secreto que só a raiva e a obstinação podiam abrir.

Agora Pierrot já estava perto o suficiente para que ele pudesse se ajudar com o corpo. Frank arqueou a parte superior do tronco, que estava em contato com a terra, e conseguiu passar o cinto ao redor do pescoço, transferindo parte do peso aos músculos dos ombros e do dorso. O alívio nos braços foi imediato. Depois de experimentar a resistência por um segundo ou dois, Frank passou o peso para o cinto e estendeu as mãos livres para Pierrot. Com o pouco de fôlego que ainda tinha à disposição, disse o que pretendia fazer.

— Agora, você vai fazer o que já fez antes. Largue o cinto, com calma, uma mão de cada vez. Agarre meus braços e suba por eles. Eu seguro você.

Frank não tinha certeza de que conseguiria manter aquela promessa. No entanto, quando Pierrot abandonou o apoio e o pescoço voltou a ficar livre, sentiu o alívio de peso como um refrigério ao longo da espinha dorsal, como se alguém tivesse jogado água fresca em sua pele coberta de suor.

Sentiu o aperto frenético das mãos de Pierrot em seus braços. Pouco a pouco, centímetro por centímetro, agarrando-se desordenadamente a seu corpo e às suas roupas, o rapazinho continuou sua longa caminhada para cima. Espantou-se ao ver que ainda tinha tanta força. O instinto de sobrevivência era um fantástico aliado em certas situações, uma espécie de *doping* natural. Esperou que aquela força não o abandonasse de repente, não agora que a salvação estava ao alcance da mão.

Assim que chegou a seu alcance, Frank agarrou Pierrot pela cintura das calças e puxou, ajudando-o a chegar ao tronco. Seus olhos queimavam com o suor que deslizava pelo rosto. Piscou várias vezes, sentindo as gotas de suor deslizarem pelas sobrancelhas e pela testa, naquela posição absurda em que estava, de cabeça para baixo. Não conseguia ver mais nada. Só sentia os movimentos frenéticos do corpo de Pierrot rastejando sobre o seu, que havia se transformado

num único, desesperado lamento de dor.

— Conseguiu?

Pierrot não respondeu, mas de repente Frank se sentiu livre. Inclinou a cabeça até quase tocar a terra úmida e quente. Sentiu, mais do que viu, que o cinto saía de seu pescoço e caía rolando para se juntar à pistola. Depois, virou a cabeça para não respirar terra junto com o ar que seus pulmões imploravam com urgência desesperada através da boca escancarada. A pressão do sangue nas têmporas tinha se tornado insuportável. Ouviu uma voz chegando do alto, às suas costas, uma voz que parecia vir de uma distância intransponível, como um chamamento longínquo do cume de uma montanha. Na espécie de torpor que agora envolvia sua mente e seu corpo, Frank achou que conhecia aquela voz.

— Muito bem, Pierrot. Agora vá se agarrando nas moitas e venha até aqui onde estou. Com calma, está tudo bem agora.

Frank sentiu um leve choque percorrer seu corpo suspenso e um novo rangido da madeira quando o peso de Pierrot abandonou o tronco. Pensou que aquela árvore seca partilhava do mesmo alívio que sentiu quando se libertou, como se não fosse uma matéria inerte, mas uma coisa viva.

Pensou ainda que não havia acabado. Precisava vencer aquela espécie de sonolência, mental e física, devida à queda de tensão causada pela certeza de que Pierrot estava finalmente a salvo. Embora não conseguisse encontrar o menor vestígio de força física ou de vontade dentro de si, sabia que não era o momento de desistir. Se mergulhasse mais um segundo naquela ilusória sensação de repouso, não conseguiria ficar de pé novamente e recuperar o apoio do tronco.

Pensou em Helena e em sua muda espera no aeroporto. Reviu a tristeza de seus olhos cinzentos, aquela tristeza que ele queria, e talvez pudesse, apagar. Viu a mão de seu pai, Nathan Parker, suspensa como uma garra sobre ela.

A raiva e o ódio vieram em seu socorro. Apertou os dentes e reuniu toda a energia que ainda lhe restava antes que desaparecesse de vez, perdendo-se no ar como a fumaça branca de uma chaminé. Curvou-se e, ajudando-se como podia com os braços, e subiu com um impulso. Os músculos abdominais, única parte de seu corpo que ainda não tinha acionado, doíam com o estresse.

Via a madeira seca do tronco se aproximando lentamente como uma miragem. Um enésimo rangido o fez lembrar que, como qualquer miragem, ela podia se dissolver de uma hora para outra. Obrigou-se a subir lentamente, sem movimentos bruscos para não sobrecarregar ainda mais aquele apoio precário.

Finalmente a mão esquerda agarrou o tronco, seguida imediatamente pela direita. Sem saber como, conseguiu ficar sentado. O fluxo violento do sangue descendo e recuperando seu curso normal deixou-o tonto. Fechou os olhos,

esperando que a intensa vertigem passasse e que aquelas duas esponjas ressequidas que eram seus pulmões conseguissem conter todo o ar que estava respirando.

Ficou assim, na penumbra confortável das pálpebras fechadas, os braços agarrados ao tronco, o áspero contato da casca contra a face, até recuperar as forças pelo menos em parte.

Quando reabriu os olhos, Pierrot estava a alguns metros dele, de pé ao lado de Jean-Loup, com os braços ao redor de sua cintura, como se a sensação de ter o corpo balançando no vazio tivesse deixado a necessidade de sentir o apoio de algo ou de alguém para se convencer de que estava realmente a salvo.

Jean-Loup envolvia seus ombros com o braço esquerdo. A mão direita segurava o punhal ensanguentado. Por um instante, Frank teve medo de que usasse o corpo do menino como escudo, que o ameaçasse com o punhal na garganta ou que o fizesse de refém. Afastou aquele pensamento da cabeça. Não, não depois de tudo que tinha visto. Não depois de ver Jean-Loup abandonar qualquer possibilidade de fuga justamente para vir em socorro de Pierrot. Perguntou-se que fim teria tido Ryan Mosse. No mesmo instante em que formulava a pergunta, percebeu que na verdade a sorte dele realmente não lhe importava nem um pouco.

Notou um movimento do alto e levantou a cabeça. Na beira da estrada, apoiadas na mureta, algumas pessoas estavam paradas diante de seus carros estacionados. Talvez os gritos de Pierrot tivessem chamado a atenção ou, bem mais simplesmente, era um grupo de turistas que parara por acaso naquele lugar para admirar a paisagem e acabara acompanhando as peripécias de uma operação de salvação. Jean-Loup virou a cabeça e seguiu a direção de seu olhar. Viu as pessoas e os carros parados quarenta metros acima deles. Seus ombros pareceram se inclinar levemente, como se um peso invisível tivesse caído de repente sobre eles.

Frank se levantou, segurando-se no tronco com as mãos, e refez o percurso ao contrário. Acenou para o tronco sem vida com a gratidão de quem presta homenagem a um amigo fiel, que o ajudara a sair de uma encrenca num momento difícil. Sentiu sob os dedos o contato vivo dos ramos das moitas que usava como apoio para voltar a colocar os pés na terra firme, na salvação, no mundo horizontal.

Quando chegou, Jean-Loup e Pierrot estavam diante dele, encarando-o. Frank reencontrou o brilho verde dos olhos de Jean-Loup fixos nos seus. Sentia-se exausto. Pensou que não teria a menor possibilidade de lutar com aquele homem, não com a fraqueza que sentia, não depois de tudo que o tinha visto fazer pouco

antes, no duelo com Mosse.

Talvez Jean-Loup tivesse adivinhado os pensamentos que cruzavam sua mente. Sorriu e aquele sorriso brotou num rosto repentinamente cansado. Por trás daquele simples movimento do rosto havia coisas que Frank só conseguia imaginar: uma vida vivida numa passagem contínua da luz para a escuridão, do quente para o frio, da lucidez para o delírio, no dilema perene de ser *um* ou *nenhum*.

O sorriso de Jean-Loup se apagou. Sua voz era a mesma que encantava seus ouvintes na rádio. Irradiava tranquilidade e bem-estar.

— Fique tranquilo, agente Ottobre. Não tenha medo. Sei ler a palavra “fim” quando a vejo escrita.

Frank inclinou-se para pegar o celular no chão. Enquanto digitava o número de Morelli, pensou no absurdo daquela situação. Estava ali, desarmado, completamente à mercê de um homem que poderia desintegrá-lo mesmo lutando com uma das mãos amarrada às costas. E só tinha a possibilidade de viver porque aquele homem tinha resolvido não matá-lo.

A voz de Morelli soou brusca no aparelho.

— Alô.

Frank retribuiu com sua voz exausta e uma boa notícia.

— Claude, é Frank.

— O que houve, está bem?

As poucas palavras que disse lhe custaram um esforço imenso.

— Venha imediatamente para a casa dele. Eu o peguei.

Não ouviu a resposta maravilhada do inspetor. Não viu Pierrot inclinar a cabeça e apertar-se com mais força ainda ao corpo do amigo, como reação ao sentido daquelas últimas palavras. Enquanto abaixava o celular, Frank só tinha olhos para a mão de Jean-Loup que se abria lentamente e deixava cair no chão um punhal cheio de sangue.

62

O CARRO COM O EMBLEMA DA SÛRETÉ PUBLIQUE de Montecarlo deslocou-se para a direita e, a toda velocidade, pegou a saída para a autoestrada que descia para o aeroporto de Nice. Frank tinha dito a Xavier que era uma questão de vida ou morte e o agente estava interpretando essa declaração ao pé da letra. Apesar da sirene ligada, ouviu distintamente os pneus cantando no asfalto quando a força centrífuga os empurrou para fora da curva. Chegaram a um trevo com sinais evidentes de obras em curso. Frank pensou que o fato de estarem num carro da polícia não os isentava das leis mais elementares da física, uma das quais prevê que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Temeu que daquela vez, apesar de todo seu talento, Xavier não conseguiria manter o carro na pista, atropelaria os cavaletes de plástico branco e vermelho e eles cairiam no despenhadeiro atrás deles, em meio à vegetação do leito pedregoso do rio Var. Porém, mais uma vez, seu piloto preferido o surpreendeu. Numa guinada brusca do volante, deu uma derrapada controlada e com um cavalo de pau cinematográfico chegou ao fim da curva.

Frank viu o corpo de Morelli relaxar quando entendeu que tinham sobrevivido. Percorreram uma breve reta e Xavier começou a diminuir. Desligou a sirene quando entraram na pista de acesso ao Terminal 2, com um cartaz indicando a área de desembarque de bagagens e passageiros, onde só era permitido ficar alguns minutos, numa operação batizada de *Kiss and Fly*.

Frank sorriu consigo mesmo com a ironia da definição.

Kiss and Fly, beije e voe.

Mas não acreditava que Parker quisesse beijá-lo antes de partir.

Em vez de seguir o percurso normal, na metade da curva à esquerda, pararam diante de um acesso reservado, protegido por uma barreira e dois seguranças do Aeroporto Côte d'Azur. Ao ver o emblema da polícia, eles levantaram a barreira em frente ao terminal de embarque internacional.

Morelli virou-se rapidamente para o motorista.

— Se continuar guiando desse jeito quando voltarmos, prometo que o

próximo volante que vai manobrar será o de um cortador de grama. As empresas de jardinagem recebem muito bem os ex-policiais…

Frank sorriu e esticou-se no banco traseiro para apoiar a mão solidária no ombro do policial.

— Não se preocupe, campeão. Morelli late, mas não morde.

O celular de Frank começou a tocar. Já imaginava quem seria. Enfiou a mão no bolso do paletó e retirou o aparelho. O toque era tão imperioso que se espantou quando ele não queimou seus dedos, como se a campainha tivesse uma conotação térmica, além da sonora.

— Alô?

— Alô, Frank? É Froben. Onde você está?

— Do lado de fora do aeroporto. Estou descendo do carro agora.

Na voz do delegado não havia um simples alívio, mas um autêntico refrigério.

— Menos mau. Nosso amigo está soltando raios e trovoadas. Daqui a pouco vai declarar guerra à França sozinho. Nem lhe conto o que tive que inventar para mantê-lo quieto…

— Acredito. Mas garanto que não é um simples capricho. Na verdade, você fez um dos maiores favores que alguém já me fez em toda minha vida.

— O.K., americano, daqui a pouco vou começar a chorar de emoção e lá se vai o celular banhado em lágrimas. Pode parar com essa tentativa tosca de me enrolar e venha tirar essa batata quente das minhas mãos.

Frank abriu a porta do carro. A voz de Morelli o deteve quando já estava de pé no asfalto.

— Esperamos por você?

— Não, podem ir. Eu me viro para voltar.

Estava quase saindo quando parou. A pressa não pode apagar a gratidão.

— Ah, Claude…

— Sim?

— Muito obrigado. A vocês dois.

Morelli olhou para ele por cima do banco da frente.

— Não tem de quê. Ande logo, tem gente esperando por você….

Antes de descer, Frank deu uma olhadela cúmplice em Xavier.

— Aposto mil euros contra um cartão de visita de Roncaille que não consegue voltar em menos tempo do que levamos para chegar aqui…

Fechou a porta com um largo sorriso, sob os impropérios de Morelli. Mas quando ouviu o motor do carro que partia, o sorriso já tinha desaparecido de seu rosto.

A captura de Jean-Loup, o fim daquele pesadelo, colocara os homens da Sûreté Publique de Montecarlo numa espécie de atmosfera pré-natalina fora de hora. Sem guirlandas, luzes e presentes, pois todos os mortos que aquele homem semeara em seu caminho vetavam qualquer tipo de festa. Mas vê-lo chegar à central algemado tinha sido, em pleno verão, como um belo presente para colocar na árvore. Se alguém pensara que Nicolas Hulot não estava lá para partilhar aquele momento, guardara a lembrança para si. O fato de que a prisão tinha sido fruto de uma intuição genial de Frank, que ele levara a cabo sozinho, fizera crescer de maneira desmesurada a consideração de todos para com ele, ou até mesmo fizera nascer a estima onde antes não existia. Ele distribuíra sorrisos quando devia, apertara as mãos que lhe estendiam junto com as congratulações, fizera parte de uma alegria que não conseguia viver profundamente. Mas aderira ao clima geral. Não quisera, por assim dizer, fazer o papel do único homem que não ri na foto do grupo.

Mas tinha feito um gesto que parecia estar se transformando num ritual naquele dia. Olhara o relógio. E pedira um carro para chegar o mais rápido possível ao aeroporto de Nice.

Agora atravessava a calçada com passo veloz. A porta de vidro do terminal reconheceu sua pressa e abriu-se docilmente à sua passagem. Logo depois da entrada, a figura familiar de Froben o recebeu. O delegado bufou teatralmente e fez o gesto de quem limpa o suor da testa com a mão.

— Nem imagina com que prazer o vejo.

— Nem imagina o quanto imagino.

Frank tinha respondido no mesmo tom e ambos estavam sendo sinceros.

— Tive que dar saltos mortais para convencer nosso homem de que uma intervenção oficial não seria necessária. Na prática, tive que segurá-lo quando já estava discando o número do presidente dos Estados Unidos em pessoa. Sabe como é… Perderam o primeiro avião, mas o próximo voo parte dentro de uma hora. Posso garantir que o general Parker é um péssimo cliente num caso como esse.

— Não importa o que me contar sobre Parker, posso garantir que acredito. Na verdade, eu é que posso lhe contar certas coisas sobre ele que lhe fariam ficar de queixo caído.

Enquanto conversavam, caminhavam rapidamente, um ao lado do outro em direção ao setor do aeroporto onde Froben havia instalado a família Parker. Chegaram à barreira de controle. O delegado mostrou o distintivo aos agentes de serviço nos detetores de metal. Um policial uniformizado indicou uma passagem lateral para que evitasse a fila de passageiros que esperavam para passar suas

bagagens de mão. Dobraram à esquerda, na direção dos portões de embarque.

— A propósito de coisas incríveis, como vai nossa outra história? Estou enganado ou temos novidades?

— Está falando de Ninguém?

— Exatamente.

— Conseguimos pegá-lo — disse Frank com voz neutra.

O delegado olhou para ele estupefato.

— Quando?

— Uma hora atrás, mais ou menos. Nesse exato momento, já está preso.

— E você fala assim?

Frank virou-se para Froben e fez um gesto vago com a mão.

— Acabou, Claude. Capítulo encerrado.

Não pôde acrescentar mais nada, pois nesse meio-tempo tinham chegado à porta de uma saleta reservada, guardada por um agente.

Frank parou diante daquela porta que escondia o general Nathan Parker, Helena e Stuart. Um era uma parte incômoda de seu presente, os outros dois, uma parte do futuro. Ficou olhando para a porta como se fosse transparente e pudesse ver o que as pessoas estavam fazendo lá dentro. Froben se aproximou e pousou a mão em seu ombro.

— Precisa de ajuda, Frank?

Percebeu um leve tom protetor na voz dele. A sensibilidade daquele sujeito contrastava com sua aparência de estivador.

— Não, obrigado. Você já me deu toda a ajuda de que precisava. Agora preciso me virar sozinho.

Frank Ottobre respirou profundamente e abriu a porta.

A saleta era uma das tantas salas VIPs impessoais e confortáveis que se encontram nos aeroportos, à disposição dos passageiros da classe executiva. Poltronas e sofás de couro, tons pastel nas paredes, carpete no chão, um self-service espartano de um lado, reproduções de Van Gogh e Matisse junto com alguns cartazes de companhias aéreas em molduras de aço escovado. Havia uma sensação de precariedade que geralmente se percebe em ambientes do gênero, como se todas aquelas chegadas e partidas deixassem no ar, apesar do conforto, uma atmosfera de desolação.

Helena estava sentada num sofá, folheando uma revista. Stuart estava sentado a seu lado, distraído com uma versão portátil de videogame. Diante deles, numa mesinha baixa de madeira com tampo de vidro, dois copos de plástico e uma latinha de Fanta.

O general Parker estava de pé, de costas, do outro lado da sala. Olhava

fixamente para uma reprodução de Dalí pendurada na parede, as mãos cruzadas nas costas.

Ao ouvir o rumor da porta se abrindo, virou a cabeça. Olhou para Frank como olhamos para alguém que não vemos há muito tempo, ganhando tempo para vasculhar a memória à cata da ligação entre aquele rosto, um nome e um lugar.

Helena ergueu a cabeça da página que estava lendo e seu rosto se iluminou ao vê-lo. Frank agradeceu ao destino por ter lhe reservado a luz daquele olhar. Não teve tempo de gozar plenamente seu sorriso. A raiva de Parker explodiu e chegou como uma nuvem carregada cobrindo o sol. Em dois passos, já estava entre eles. Em seu rosto, o ódio ardia mais que as labaredas de um incêndio.

— Devia ter adivinhado que você estava por trás disso tudo. Acho que este vai ser seu último, definitivo erro. Já avisei uma vez. Agora estou confirmando. *Você está acabado*. Em sua estupidez, deve estar pensando que são palavras ao vento. Assim que voltar para os Estados Unidos, darei um jeito para que não sobrem nem migalhas de você, darei um jeito…

Frank fitou o rosto congestionado do homem que estava diante dele com sua melhor cara de indiferença. Por dentro, sentia as ondas enormes de um mar em ressaca batendo furiosas, fazendo ranger a estreita plataforma de madeira do cais. Apesar disso, a voz com que o interrompeu era tão calma que conseguiu irritar ainda mais o adversário.

— Se eu fosse o senhor, trataria de me acalmar, general. Na sua idade, apesar de suas excelentes condições de saúde, o coração é um órgão que exige uma certa prudência. Não creio que queira correr o risco de um enfarte, livrando-me de sua presença de modo tão agradável.

O que passou pelo rosto do velho soldado foi como mil bandeiras tremulando, cada uma delas movida por um vento de guerra. Frank viu com prazer que além do ódio, da ira e da incredulidade, a sombra de uma dúvida apareceu por um segundo no fundo daqueles implacáveis olhos azuis. Talvez estivesse começando a se perguntar de onde Frank retirava forças para lhe falar daquela forma. Mas foi só um lampejo e o olhar de Parker logo foi coberto pela desdenhosa onipotência de sempre. Adequou-se às maneiras de Frank e sua voz também se acalmou. Os cantos de sua boca desenharam um sorriso de satisfação.

— Não, sinto decepcioná-lo, meu jovem. Para sua infelicidade, meu coração é firme como uma rocha. É o seu, ao contrário, que parece envolvido em fibrilações que não lhe dizem respeito. E esse foi mais um de seus erros. Minha filha…

Frank o interrompeu de novo. Não era uma coisa à qual o general Nathan Parker estivesse habituado.

— No que diz respeito a sua filha e a seu neto…

Frank fez uma pequena pausa depois da palavra “neto”, abaixando o tom de voz de modo que o menino não pudesse ouvir. Stuart acompanhava a discussão atônito, sentado no sofá com as mãos no colo. O brinquedo eletrônico, completamente esquecido, continuava a emitir um desconsolado bip bip bip…

— …no que diz respeito a sua filha e a seu neto, como eu dizia, devo aconselhá-los a darem um passeio no *duty-free* do aeroporto. Talvez seja melhor que o assunto que temos a discutir fique entre nós.

— Não temos nada a discutir, agente Ottobre. E minha filha e meu neto não têm que ir a nenhum maldito *duty-free*. É você que vai sair por aquela porta e desaparecer para sempre de nossas vidas. Nós vamos entrar num avião direto para os Estados Unidos. Repito que…

— General, o senhor talvez não tenha entendido que um blefe muito repetido deixa de funcionar. Mais cedo ou mais tarde vai encontrar alguém com um jogo muito melhor que o seu e que vai pedir para ver. E vai vencer. Não me importo nem um pouco com o senhor. Se o visse queimando vivo não lhe daria nem o prazer de mijar em sua pessoa. Se prefere que eu diga o que tenho a dizer diante deles, vou fazê-lo. Saiba que são coisas que não vão permitir que volte atrás. Se quer correr o risco…

A voz de Frank ficou tão baixa que Helena não conseguiu ter certeza de que continuava falando. Perguntou-se o que teria dito para fazer seu pai emudecer daquela forma. Frank olhou para ela e fez um leve gesto afirmativo com a cabeça. Helena se levantou do sofá e pegou o filho pela mão.

— Venha, Stuart, vamos dar uma volta. Acho que encontraremos um monte de coisas interessantes lá fora.

O menino seguiu sem resistência. Como a mãe, vivia na casa do general Parker: não estava habituado a receber conselhos, só ordens. O único rumor que deixaram para trás foi o da porta se fechando.

Frank sentou-se no sofá, no lugar onde Helena estivera sentada pouco antes. O calor que seu corpo tinha deixado no revestimento de couro estava quase intacto, e aquele calor tornou-se seu.

Indicou a poltrona diante dele.

— Sente-se, general.

— Não venha me dizer o que tenho que fazer!

Frank percebeu uma pequena nota de histeria na voz de Parker.

— Trate de cuspir seus devaneios de uma vez. Temos um avião em…

O general olhou a hora. Frank sorriu por dentro. Devia ser um gesto habitual para ele também, até aquele momento. Notou que precisava afastar o mostrador

dos olhos para poder enxergar.

Parker tirou os olhos do relógio.

— …nosso avião parte em menos de meia hora.

Frank sacudiu a cabeça,

Negativo, senhor.

— Sinto contrariá-lo, general. Não é *nosso* avião: é *seu* avião.

Parker olhou para ele como se tivesse dificuldade em acreditar no que acabara de ouvir. Em seu rosto, foi se desenhando lentamente aquela expressão de surpresa diante de uma piada, um segundo antes de entender seu sentido. Mas de repente, explodiu numa gargalhada. Frank viu com satisfação que era uma risada sincera e imaginou o prazer que teria ao apagá-la de sua boca.

— Pode rir se isso lhe dá prazer. Mas isso não muda o fato de que partirá sozinho e de que sua filha e seu *neto* ficarão aqui, na França, comigo.

Parker sacudiu a cabeça, com a comiseração que se usa diante dos absurdos de um idiota.

— Está ficando completamente doido.

Frank sorriu e relaxou no sofá. Cruzou as pernas e apoiou um braço no encosto.

— Sinto contrariá-lo mais uma vez. Acho que até já fui doido. Mas estou curado. Infelizmente para o senhor, nunca estive tão consciente quanto neste momento. Veja bem, general, estava tão preocupado em mostrar os erros que eu estava cometendo que não se preocupou com os seus, os quais foram realmente muito graves.

O general olhou para a porta e deu dois passos naquela direção. Frank cortou qualquer iniciativa na raiz.

— Não virá nenhuma ajuda de lugar nenhum. Eu não o aconselharia a envolver a polícia daqui, se era o que estava pensando. E se está esperando pela chegada do capitão Mosse, saiba que neste momento ele deve estar estendido na mesa de um necrotério, com a garganta cortada.

O general virou a cabeça de chofre.

— O que está dizendo?

— Eu bem que avisei. Por mais que alguém seja bom, vai sempre encontrar alguém melhor. Seu lambe-botas era um ótimo soldado, mas temo lhe informar que Ninguém, o homem que ele deveria matar, é um lutador muito melhor. Livrou-se de Mosse com a mesma desenvoltura com que Mosse pensava se livrar dele.

Diante da notícia, Parker precisou se sentar. Sobre o rosto bronzeado tinha surgido de repente um leve tom de cinza.

— Em todo o caso, no que se refere ao assassino de sua filha, saiba que está preso e não existe o risco de que aconteça o que temia. Ele irá para um manicômio judiciário de onde não sairá nunca mais.

Frank concedeu-se uma pequena pausa. Sentou-se na beirada do sofá e fitou com atenção o homem sentado em silêncio a sua frente. Não conseguia adivinhar que pensamentos cruzavam a mente dele naquele momento. Por outro lado, não tinha absolutamente nenhum interesse em tentar descobrir. A única coisa que desejava era pôr um ponto final naquela história o mais rápido possível e ver o general pelas costas enquanto percorria o *finger* que o levaria do aeroporto ao avião.

Sozinho.

— Acho que será melhor começar do início, general. E o início é ligado a mim, não ao senhor. Acho que não devo me alongar muito a respeito de minha história. Já a conhece bem demais, não é mesmo? Sabe de tudo a meu respeito, sabe de minha mulher e de seu suicídio, depois que escapei por milagre de uma explosão enquanto investigava sobre Jeff e Osmond Larkin, dois traficantes que controlavam um mercado de duzentos ou trezentos milhões de dólares por ano. Saí da experiência destruído. Enquanto tentava voltar à tona do fundo do poço em que tinha mergulhado, vim para cá e fui envolvido, a contragosto, na investigação sobre um *serial killer*. Um assassino feroz como um tubarão, cuja primeira vítima foi, infelizmente, exatamente a sua filha, Arijane. E aí entra o senhor. Chega a Montecarlo enlouquecido de dor e de desejo de vingança…

Parker tomou aquelas palavras como se fossem um questionamento de sua dor de pai.

— O que teria feito se alguém matasse sua mulher daquela maneira?

— A mesmíssima coisa que o senhor disse que queria fazer. Não teria paz até conseguir liquidar seu assassino com minhas próprias mãos. Mas seu caso é diferente…

— O que pretende dizer, palhaço? O que pode saber sobre os sentimentos de um pai por uma filha?

Parker falou instintivamente, sem pensar. Mas percebeu imediatamente o tamanho do erro que tinha cometido ao pronunciar aquelas palavras. Frank sentiu o impulso de pegar a Glock no coldre da cintura e de acertar sua cabeça exatamente naquele instante, de mandar sua massa cinzenta dar um toque *naïf* aos cartazes das paredes daquela sala impessoal. Pensou que o esforço que fez para se dominar ia lhe custar dez anos de vida.

Respondeu. E o hálito de sua boca era gelado.

— É verdade, general, ignoro quais sejam os sentimentos de um pai por uma

filha, mas conheço perfeitamente quais são os *seus* sentimentos por uma filha. O senhor me dá nojo, general Parker, literalmente nojo. E já lhe disse que não passa de uma criatura desprezível e que o esmagaria como uma barata. Em sua presunção, em seu delírio de onipotência, foi o *senhor* quem não quis acreditar…

A sombra de um sorriso passou sobre o rosto de Parker. Talvez considerasse a reação que tinha provocado em Frank como uma pequena vitória pessoal.

— Se não for muita curiosidade, poderia me explicar o que pretende fazer para alcançar seus objetivos?

Frank tirou um grande envelope amarelo do bolso interno do paletó e jogou-o no tampo de vidro da mesinha entre eles.

— Aqui está. Tudo o que vou lhe dizer é confirmado pelo que está no envelope. Agora, se me permite, pretendo continuar…

Parker fez um gesto com as mãos, convidando-o a prosseguir.

Ainda com a mente agitada, Frank teve que fazer um esforço para se acalmar e dar sequência à exposição ordenada dos fatos.

— Como estava dizendo, o senhor chegou a Montecarlo arrasado pela morte de sua filha e pelo modo bárbaro como tinha sido assassinada, manifestando em termos muito pouco reservados, permita-me dizer, o desejo de colocar pessoalmente as mãos em seu assassino. Tão pouco reservado que levantou algumas suspeitas.

Fez uma pausa, depois escandiu, quase separando em sílabas, as palavras seguintes.

— Mas suas intenções estavam a centenas de quilômetros disso. *O que lhe interessava era exatamente o contrário, era que o tal* serial killer *continuasse a matar*.

Parker saltou de pé, como se tivesse topado com uma cobra na poltrona.

— Agora tenho certeza. Você é um louco furioso e deveria estar preso na mesma cela que o outro.

Frank fez um sinal para que o general se sentasse novamente.

— Seus malabarismos dialéticos me lembram os esforços de um rato preso dentro de um garrafão. Perfeitamente inúteis. Ainda não entendeu, Parker? Não entendeu que sei tudo sobre você e seu nada saudoso capitão Mosse?

— Sabe de tudo? Tudo *o quê*?

— Se fizer a gentileza de não me interromper mais, conseguirá saber antes de pegar *seu* avião. Para que entenda bem, daremos um passo atrás e voltaremos à minha história, aos dois traficantes de que falei. Um deles, Jeff, foi morto num tiroteio no momento em que foram capturados. Que descanse em paz. O outro, Osmond, acabou na prisão. Mas a sequência das investigações sobre os dois

cavalheiros fez o FBI acreditar que eles dispunham em seus negócios da colaboração de alguém bem lá em cima, alguém que, apesar de todos os esforços, não houve modo de identificar…

O rosto de Nathan Parker havia se transformado numa máscara de pedra. Sentou-se na poltroninha de couro e cruzou as pernas, com os olhos semicerrados, à espreita. Aquilo não era mais uma briga de galos num galinheiro. Era o momento em que Frank estava colocando suas cartas na mesa, uma a uma, e, por enquanto, o general parecia apenas curioso para conhecê-las.

Frank não via a hora de transformar aquela curiosidade na incrédula certeza da própria derrota.

— Àquela altura dos fatos, trancafiado na prisão, o único contato de Osmond com o resto do mundo era seu representante legal, um advogado desconhecido de Nova York, que apareceu do nada para agitar as coisas. Surgiu então a suspeita de que o tal advogado, um certo Hudson McCormack, fosse bem mais que um simples defensor. Levantou-se a hipótese de que ele fosse o contato com o exterior que a prisão interditava a seu cliente. Meu parceiro no FBI, que estava comigo na investigação sobre os Larkin, me enviou um e-mail com a foto de McCormack porque, veja que sorte, o personagem em questão estava chegando bem aqui, em Montecarlo. Estranha a vida, não é mesmo? A versão oficial era de que viria para participar de uma regata, mas o senhor sabe muito bem que as coisas oficiais podem esconder coisas oficiosas muito mais significativas…

O general levantou as sobrancelhas.

— Faria a cortesia de me explicar o que tenho a ver com toda essa história de polícia e ladrão?

Frank inclinou-se sobre a mesinha e tirou do envelope a foto que Cooper havia lhe mandado, tirada num bar. Empurrou-a com o dedo para o outro lado da mesa, até deixá-la diante de Parker. Aquele gesto lembrava a noite da prisão de Mosse, quando tinha lhe mostrado a foto do cadáver de Roby Stricker.

— Apresento-lhe o recém-falecido advogado Hudson McCormack, representante legal de Osmond Larkin e última vítima de Jean-Loup Verdier, o *serial killer* mais conhecido como Ninguém.

O velho dirigiu à foto um olhar distraído e logo levantou os olhos.

— Só o conheço porque vi as fotos que saíram nos jornais. Antes, nem sabia que existia.

— É mesmo? Estranho, general. Está vendo essa pessoa de costas, sentada à mesa com Hudson McCormack? Não dá para ver o rosto, é claro. Mas o local está cheio de espelhos…

O tom de voz de Frank mudou, como se sua mente estivesse divagando a

respeito de uma reflexão pessoal.

— Não tem ideia da importância que os espelhos tiveram em toda essa história… Os espelhos têm o péssimo hábito de refletir o que está diante deles.

— Sei como funciona um espelho. Cada vez que um deles fica na minha frente, vejo o homem que vai transformá-lo num montinho de cinzas.

Frank sorriu, conciliador.

— Meus cumprimentos pelo humor, general. Um pouco menos pela sua presumida habilidade estratégica e pela escolha de seus homens. Mas como estava dizendo, o local onde esta foto foi tirada tem muitos espelhos. Graças à ajuda de um rapazinho esperto, *muito esperto*, consegui descobrir, por meio da ampliação do jogo de espelhos, a identidade da pessoa que está sentada com Hudson McCormack naquela mesa. E veja só de quem se trata…

Frank tirou outra foto do envelope. Jogou-a na mesa sem sequer olhar. Dessa vez, foi Parker quem pegou a foto e ficou longamente com ela diante dos olhos.

— Não se pode dizer que o capitão Ryan Mosse fosse um sujeito fotogênico. Mas não era de um modelo que precisava, não é, Parker? Precisava de um homem que fosse exatamente o que o capitão era: uma espécie de psicopata fiel até o fanatismo, disposto a matar quem quer que o senhor quisesse eliminar, com um simples gesto seu.

Inclinou-se levemente na direção de Nathan Parker. Havia um tom irônico em sua voz, absolutamente não por acaso.

— General, sua expressão incrédula indica que pretende negar que essa pessoa na foto com Hudson McCormack seja Ryan Mosse?

— Não, não penso em negar. Trata-se efetivamente do capitão Mosse. No entanto, essa foto só prova que ele conhecia o tal advogado de quem falou. O que isso tem a ver comigo?

— Vamos chegar lá, vamos chegar lá…

Dessa vez foi Frank quem olhou o relógio. E sem precisar afastá-lo dos olhos.

— Penso que também preciso andar rápido. Por causa do horário dos aviões que partem, tentarei ser o mais sucinto possível. As coisas se passaram da seguinte forma. O senhor e Mosse fizeram um acordo com Laurent Bedon, diretor do programa da Rádio Monte Carlo. Aquele pobre infeliz precisava de dinheiro mais do que do ar que respirava e não deve ter sido difícil convencê-lo. Dinheiro, de que o senhor dispõe em abundância, em troca de todas as informações que Laurent conseguisse obter sobre as investigações. Um espião, como em toda guerra que se preze. E por isso, logo depois do telefonema do assassino, quando chegamos para identificar Roby Stricker como vítima possível, Mosse já estava lá. Depois o rapaz foi morto e meu desejo de que Ryan

Mosse fosse o culpado foi tão forte que me fez cometer um erro. Me fez esquecer a primeira regra de um policial: examinar *todos* os elementos à disposição, de *todos* os pontos de vista. Pense na ironia da sorte. Um reflexo num espelho levou Nicolas Hulot a compreender quem era o verdadeiro assassino e o mesmo detalhe fez com que eu entendesse também. Como as coisas parecem simples depois, não é mesmo?…

Frank passou as mãos nos cabelos. O cansaço começava a se fazer sentir, mas não era o momento de relaxar, ainda não. Mais tarde, teria todo o tempo do mundo para descansar e também a companhia certa para fazê-lo da melhor maneira.

— Deve ter se sentido um pouco perdido com seu cão de fila na prisão, não foi? Um obstáculo indesejado. Quando Ninguém foi finalmente identificado, a inocência de Mosse foi provada e ele foi solto. Deve ter sentido um certo alívio, creio eu. Nada estava perdido. Ainda tinha todo o tempo do mundo para resolver seus problemas pessoais, ainda mais com o golpe de sorte que lhe caiu do céu…

Frank foi obrigado a reconhecer, mesmo a contragosto, o controle que o general Nathan Parker tinha de suas emoções. Estava sentado diante dele, impassível, sem nem piscar. Talvez alguém o tenha encontrado no passado e pensado com seus botões que não gostaria de tê-lo como inimigo. Foi exatamente o que aconteceu com Frank: teve que enfrentá-lo e agora não via a hora de livrar-se do general.

Não estava exultante, sentia apenas uma profunda sensação de vazio. Percebeu com espanto que aquilo que desejava mais que tudo não era o gosto, bastante humano, de vencê-lo. Seu maior prazer seria nunca mais ser obrigado a vê-lo diante de seus olhos.

Continuou sua exposição dos fatos.

— Vou explicar em que consistiu exatamente o golpe de sorte de que falei. Ninguém foi identificado, mas conseguiu fugir. No meio daqueles acontecimentos caóticos, deve ter sido uma coisa quase impossível de acreditar. O capitão Mosse à sua disposição novamente e o assassino escondido em algum lugar, nas barbas da polícia e *livre para matar mais uma vez*.

Frank olhou para o dorso de sua mão. Recordava perfeitamente a época em que estender a mão significava apenas colocar em evidência o tremor que a sacudia. Agora sua mão estava firme, sólida. Podia fechar o punho com a certeza de que o general Parker estava preso lá dentro.

— De fato, um pouco depois Ninguém fez um novo telefonema ao agente Frank Ottobre. Não agiu da mesma forma, porém. Dessa vez, ligou de um celular e não teve necessidade de mascarar a própria voz. Para quê, afinal de

contas? Todos já sabiam muito bem quem ele era: Jean-Loup Verdier, o DJ da Rádio Monte Carlo. O celular com que o telefonema foi feito, um anônimo telefone pré-pago, foi abandonado num banco em Nice, de onde partiu a ligação. Conseguimos localizá-lo com um sistema de rastreamento móvel via satélite e recuperá-lo em seguida. O aparelho, além das impressões digitais do menino que o encontrou, não possuía quaisquer outras impressões. E isso foi um dado estranho…

Olhou para Parker como se ainda não tivesse a resposta para a pergunta que o general lhe fizera.

— Por que Ninguém se preocupou em apagar suas impressões se todos já conheciam sua verdadeira identidade? No calor do momento, não dei importância ao fato, mesmo porque a atenção de todos estava concentrada no significado do telefonema. O assassino confirmava sua intenção de fazer mais vítimas, apesar de ter toda a polícia em seus calcanhares. E foi o que aconteceu. Hudson McCormack foi encontrado morto com o rosto sem pele no carro de Jean-Loup Verdier, abandonado na frente do comando da Sûreté Publique. Todos ficaram horrorizados diante do novo crime. Todos se perguntaram a mesma coisa. Será que nunca conseguiremos pegar essa criatura diabólica que continua inexoravelmente a matar e a desaparecer no nada como se fosse um fantasma?

Frank se levantou do sofá. Sentia-se tão cansado que quase se espantou quando as juntas não rangeram. Estranhamente, seu joelho parecia ter lhe dado uma trégua. Deu alguns passos pela sala e ficou de costas para o general, que permaneceu sentado imóvel em sua poltrona. O homem não se virou para segui-lo com os olhos.

— Acho que foi a morte de Laurent Bedon que me deixou com a pulga atrás da orelha. Uma morte totalmente acidental, um homem assassinado durante uma tentativa de roubo banal e amadora. Mas me deixou uma ponta de suspeita. E as suspeitas são como migalhas no colchão, general: enquanto não se livrar delas, não consegue dormir. E tudo começou com isso. A morte daquele infeliz do Bedon foi o elemento desencadeador, o motivo pelo qual pedi que meu amigo examinasse a foto, para acabar descobrindo que o homem sentado num bar de Nova York com Hudson McCormack era Ryan Mosse. E foi por isso também que pedi a esse mesmo amigo que examinasse igualmente a fita com a gravação do telefonema que recebi pessoalmente de Ninguém. Sabe o que descobrimos? Vou lhe dizer, mesmo sabendo que está cansado de saber. Apuramos que se tratava de uma montagem. O que a técnica não faz hoje em dia, não é mesmo? Pode ser uma ajuda imprescindível, mas deve ser usada *cum grano salis,** se me permite a citação. E portanto, analisamos a mensagem palavra por palavra,

descobrindo que continha expressões repetidas várias vezes: “lua”, “cães”, “falar comigo”. E a análise da entonação demonstrou que cada uma dessas palavras era pronunciada *sempre da mesma, idêntica forma*. O gráfico vocal de cada uma, sobreposto ao da outra, casava perfeitamente. E fui informado de que isso não se verifica nunca, assim como não existem dois flocos de neve ou duas impressões digitais idênticas. Isso significa que essas palavras foram copiadas e coladas numa fita, uma depois da outra, formando a mensagem desejada. E que a fita resultante foi usada no telefonema que recebi. Foi Laurent, não foi? Foi ele quem lhe entregou a fita das transmissões com a voz de Jean-Loup com material suficiente para que pudesse obter o que pretendia. Depois disso, o que mais poderia dizer?

Continuou como se o que ia dizer em seguida fosse completamente inútil, com a expressão de quem explica o óbvio a alguém que teima em não querer entender.

— Depois do telefonema, Mosse foi até a casa de Jean-Loup Verdier, pegou seu carro, matou Hudson McCormack, aplicou-lhe o mesmo tratamento que Ninguém reservava às suas vítimas e deixou o carro com o cadáver na porta da central.

Frank parou diante de Parker. Intencionalmente, para obrigar o velho a levantar a cabeça para encará-lo enquanto tirava suas conclusões. Naquele instante, naquela saleta impessoal de aeroporto, ele era o júri e seu veredicto era implacável.

— *Era esse seu verdadeiro objetivo, Parker*. Eliminar qualquer ligação entre o heroico e poderoso general Nathan Parker e Jeff e Osmond Larkin, aos quais dava cobertura e proteção em troca de um razoável percentual de seus lucros. Aposto que cada vez que o insigne general Parker participou de uma guerra em algum lugar do mundo, não defendeu apenas os interesses de seu país, mas aproveitou para tratar também dos seus… Não sei por que motivo fez isso e não me interessa saber. É um problema seu e de sua consciência. À luz dos fatos, duvido que tenha alguma. O pobre McCormack, seu contato com Osmond Larkin, um pobre infeliz que se meteu num jogo alto demais para ele, sabia além da medida, o suficiente para lhe causar problemas se resolvesse falar. E era o que ele faria, com certeza, se as coisas começassem a andar mal. Por isso, você resolveu matá-lo de modo que a culpa recaísse sobre o *serial killer* que já tinha matado várias pessoas de uma mesma maneira. Mesmo que Ninguém fosse preso e se declarasse inocente no assassinato do advogado, quem acreditaria nele? Pronunciar essa palavra me faz rir: *ninguém*. Talvez Hudson McCormack tenha lhe trazido uma mensagem de seu cliente. É uma curiosidade que o senhor

poderia matar, nessa altura dos fatos. Creio, mas é uma simples suposição, que Osmond Larkin ameaçou dar com a língua nos dentes se não o tirasse imediatamente da prisão. Posso considerar que o fato de que foi morto durante uma simples briga entre os presos seja uma coincidência, mas acho que essa história já tem coincidências demais…

Frank sentou-se novamente no sofá, presenteando seu adversário com uma expressão de alguém que, mais que qualquer um, está surpreso com suas próprias palavras.

— Quantas coincidências, não é mesmo? Como a de Tavernier, o proprietário da casa que alugou. Quando estava indo embora, o velho tagarela também lhe contou a história do abrigo antiatômico construído por seu irmão para a esposa. E o senhor entendeu onde Jean-Loup estava escondido e mandou Mosse dar um jeito nele. Uma vez eliminada a última testemunha, o círculo se fechava. Todas as bocas que poderiam entoar o coro estariam fechadas, uma por uma. E quer saber de uma coisa engraçada?

— Não, mas acho que vai dizer assim mesmo.

— Realmente. Pouco antes de vir para cá, soube que o delinquente que matou Laurent Bedon foi preso. Trata-se de um simples batedor de carteiras que depenava as pessoas que saíam dos cassinos com algum dinheiro no bolso.

— E qual seria a graça, então?

— Que minhas primeiras suspeitas tenham sido causadas pela única morte que pode ser definida como um acidente e não como um homicídio propriamente dito. Um delito que, no início, atribuí à sua pessoa e do qual, ao contrário, o senhor é absolutamente inocente.

Parker recostou-se por um instante, como se refletisse sobre tudo aquilo que Frank acabara de dizer. Frank não tinha ilusões. Era só uma pausa, não uma rendição. Era o jogador de xadrez dando um tempo antes do contragolpe, depois de ter ouvido o adversário dizer “xeque”.

Parker fez um gesto vago com a mão.

— Isso são apenas suposições, não tem como provar *com toda a segurança* nada do que disse.

Lá estava o contragolpe que Frank esperava. Sabia que o general não estava totalmente enganado. Tudo o que tinha nas mãos era uma série de indícios significativos, mas nenhum deles relevante o bastante para se transformar numa prova capaz de sustentar um processo. Todas as testemunhas estavam mortas e a única viva, Jean-Loup Verdier, não era exatamente aquilo que se costuma chamar de testemunha confiável. Mas aquele era *seu* blefe e cabia ao general pagar para ver que cartas ele tinha realmente. Abriu os braços num gesto que

significava “pode ser”.

— Talvez as coisas sejam mesmo como disse. Mas talvez não. Dispõe dos meios para pagar advogados capazes de tirá-lo dessa encrenca sem acabar numa prisão. Mas quanto ao escândalo, a coisa muda de figura. Uma absolvição por insuficiência de provas serve apenas para evitar a estada numa cela, não as dúvidas sobre a culpa. Pense bem… Acredita mesmo que o presidente dos Estados Unidos ainda vai querer ouvir o parecer de um conselheiro militar suspeito de ter dado a mesma consultoria a traficantes de droga?

O general Parker olhou para ele longamente, sem falar. Passou a mão pelos cabelos brancos cortados rente. Seus olhos azuis tinham perdido o brilho guerreiro e transformaram-se finalmente nos olhos de um ancião. Sua voz, no entanto, ainda se mostrava estranhamente enérgica.

— Acho que entendi onde pretende chegar…

— Acha?

— Se não quisesse alguma coisa de mim, a essa hora já teria me denunciado ao FBI. Não teria vindo aqui sozinho, mas com um exército de policiais. Tenha, portanto, a coragem de ser explícito.

Frank pensou que a reputação de Parker não era injustificada. Sabia muito bem que estava derrotado, mas como todos os soldados dignos desse nome, tinha identificado uma possibilidade de fuga e estava tentando usá-la.

— Muito mais que explícito, general. Serei lapidar. Se dependesse de mim, não teria dó nem piedade do senhor. Penso que é um verme e gostaria de pendurá-lo num gigantesco anzol e jogá-lo num braço de mar infestado de tubarões. É exatamente o que eu faria. Há algum tempo eu disse que todos os homens têm seu preço, mas o senhor não conseguiu descobrir o meu. Pois agora vou lhe dizer qual é o meu preço. Helena e Stuart em troca do meu silêncio.

Frank fez uma pausa.

— Como vê, general, tinha razão pelo menos numa coisa. De todo modo, somos feitos da mesma matéria, nós dois.

O velho dobrou a cabeça um instante.

— E se…

Frank sacudiu a cabeça.

— A proposta não é negociável. É pegar ou largar. E isso não é tudo…

— O que quer dizer?

— Quero dizer que vai voltar para os Estados Unidos e se dar conta de que está velho demais e cansado demais para a vida militar. Pedirá demissão. Alguns vão tentar dissuadi-lo, mas o senhor se mostrará irredutível. Parece justo que um homem como o senhor, um soldado que tanto fez pelo país, um pai marcado pela

tragédia goze os últimos anos de sua vida na mais santa paz.

Parker olhou fixamente para ele. Frank esperava ver qualquer coisa em seu rosto, menos aquela curiosidade que surgiu de repente.

— E vai me deixar livre assim, sem fazer nada? Onde foi parar sua consciência, agente especial Frank Ottobre?

— Exatamente onde foi parar a sua. Mas creio que o peso que minha consciência é obrigada a suportar é infinitamente menor que o seu.

O silêncio que caiu entre eles foi muito eloquente. Não havia mais nada a dizer. Naquele momento, com aquele *timing* que só a casualidade pode ter, a porta se abriu e a cabeça de Stuart despontou na sala.

— Oh, Stuart, venha, pode entrar, já acabamos nossa conversa de homem para homem…

Stuart entrou correndo, seguido pela figura esbelta de Helena. Stuart não podia entender, ela não *conseguia* entender. Foi Nathan Parker quem lhe deu a notícia, indiretamente, falando com um menino que pensava ser seu neto e que, no entanto, era seu filho. O velho se ajoelhou diante dele sem esforço aparente e pousou as mãos em seus braços.

— Stuart, tenho uma novidade para você. Lembra quando lhe disse que voltaríamos imediatamente para os Estados Unidos?

O menino fez um sinal afirmativo com a cabeça que lembrou a Frank o modo ingênuo de Pierrot se comunicar. O general apontou para Frank.

— Pois bem, falei um pouco com meu amigo aqui, e creio que não vai ser necessário que voltem comigo, você e sua mãe. Tenho muita coisa para resolver em casa e acho que não poderemos nos ver muito, por um bom tempo. Gostaria de ficar e esticar as férias?

O menino arregalou os olhos, incrédulo.

— É verdade, vovô? Será que podemos ir à Euro Disney?

Parker olhou para Frank, que fez um sinal afirmativo piscando os olhos de forma quase imperceptível.

— Claro, Disney e um monte de outros lugares…

Stuart levantou os braços e deu um pulo.

— Oba!

Correu para abraçar a mãe, que o recebeu com uma cara que parecia esculpida em pedra de tanta incredulidade. Seu olhar atônito passava de Frank para o pai, como quem recebeu uma notícia boa, mas que exige um certo tempo para ser processada.

Com gritos agudos, Stuart derramou sobre ela toda sua alegria.

— Mamãe, vamos ficar. Vovô falou. Vamos à Disney, vamos à Disney…

Helena tentou acalmá-lo colocando a mão em sua cabeça, mas Stuart parecia irrefreável. Começou a dançar pela sala, repetindo as mesmas palavras como um refrão interminável.

Bateram na porta.

— Entre — disse Parker, levantando-se. Até o momento, tinha assistido assim, ajoelhado no chão, à alegria de Stuart. Frank pensou que aquela era exatamente sua condição atual. Um homem de joelhos.

O rosto de Froben despontou no vão da porta.

— Desculpem…

— Entre, Froben, pode entrar.

Havia um certo e compreensível embaraço estampado no rosto do delegado. Viu com alívio que a atmosfera era tensa, mas não havia nenhuma guerra no ar. Ou pelo menos, não havia mais. Dirigiu-se a Parker.

— General, peço desculpas pelo incômodo e pela imperdoável espera. Queria lhe dizer que seu voo acabou de ser anunciado. Já providenciamos o embarque do féretro e quanto às bagagens…

— Obrigado, delegado. Mas os planos mudaram um pouco nessas últimas horas. Minha filha e meu neto vão ficar. Se puder fazer o favor de embarcar apenas minhas malas, ficarei muito grato. São apenas duas Samsonites rígidas, azuis.

Froben inclinou a cabeça. Frank achou o gesto parecido com o de um mordomo de comédia inglesa.

— É o mínimo que posso fazer para que me desculpe, general.

— Muito obrigado. Já estou indo.

— Certo, lembre-se que o portão de embarque é o dezenove.

Froben deixou a sala com o alívio incrédulo de quem saiu de um acidente de carro sem um único arranhão.

Parker falou novamente com Stuart.

— O.K., preciso ir. Comporte-se, hein. *Roger?*

O menino ficou imediatamente em posição de sentido e fez continência, como se fosse uma brincadeira particular dos dois. Parker abriu a porta e saiu sem se dignar a dirigir uma palavra ou um olhar à filha.

Frank se aproximou de Helena e afagou seu rosto com a mão. Teria enfrentado um exército de generais Parker só para encontrar o que viu em seus olhos.

— Como conseguiu?

Frank sorriu.

— Cada coisa a seu tempo. Ainda tenho uma coisa a fazer. Dois minutinhos e

estarei de volta. Quero me assegurar de uma última coisa…

Saiu pela porta e procurou com os olhos a figura de Nathan Parker. Ele estava se afastando pelo corredor, ao lado de Froben, que o acompanhava até o embarque. Alcançou-os um minuto antes de o general entrar no *finger* de seu avião. Era o último passageiro. Sua condição privilegiada tinha lhe concedido o benefício de uma pequena espera suplementar.

Quando o viu chegar, Froben se afastou discretamente.

Parker falou com ele quase sem se virar.

— Não me diga que sentiu um desejo irrefreável de me cumprimentar.

— Não, general. Queria simplesmente ter certeza de que estava indo embora e também fazer uma última consideração.

— Que consideração?

— O senhor me disse várias vezes que eu era um homem acabado. Gostaria simplesmente de destacar que o senhor é um homem acabado. Não me importa que todos jamais saibam disso…

Os dois se olharam. Olhos negros contra olhos azuis. Olhos de dois homens cujo ódio recíproco nunca teria fim.

— Ambos sabemos e isso é suficiente para mim.

Sem uma palavra, Nathan Parker virou, atravessou a barreira e seguiu pelo corredor. Não era mais um soldado, não era mais um homem, era só um velho. Tudo o que deixava atrás de si não seria mais problema seu. O verdadeiro problema seria o que tinha pela frente. Enquanto descia em direção à entrada do avião, sua figura foi recebida e refletida por um espelho na parede.

Uma coincidência, talvez, uma das muitas.

Mais um espelho…

Com esse pensamento na cabeça, Frank ficou ali, em pé, seguindo Parker com os olhos até quando dobrou uma esquina e o espelho transformou-se numa tela vazia.

* A expressão latina “com uma pitada de sal” significa que aquilo que se fala deve ser visto com reservas, com parcimônia. (*N. da T.*)

63

FRANK CHEGOU AO FINAL DO CORREDOR e parou na frente da porta da sala de Roncaille. Esperou um instante antes de bater. Pensou em todas as vezes em que estivera diante daquela porta fechada anteriormente. De verdade ou na imaginação. Aquela era apenas uma das muitas, mas agora tudo era diferente. Agora o homem conhecido como Ninguém estava bem guardado atrás das grades de uma cela e o caso poderia engrossar com plenos direitos as estatísticas das investigações que chegaram a bom termo.

Passaram-se quatro dias desde a prisão de Jean-Loup e o encontro com Parker no aeroporto de Nice. Passou aquele tempo em companhia de Helena e seu filho, sem ler jornais, sem ver televisão, tentando apenas deixar aquela história para trás por um tempo.

Conseguir fazer isso para sempre era quase impensável.

Deixara o apartamento de Parc Saint-Germain e refugiara-se com Helena e Stuart num pequeno e discreto hotel do interior, um local onde era possível escapar da caçada obsessiva dos jornalistas, literalmente enlouquecidos atrás dele. Ele e Helena, apesar do desejo, acharam que não era conveniente dormirem no mesmo quarto. Ainda não. Frank usara aqueles dias juntos para descansar e familiarizar-se com Stuart, tentando construir sua relação com ele. A confirmação oficial de que a promessa de ir à Disney seria mantida tinha sido um ótimo ponto de partida. E o fato de que as férias se estenderiam por mais uma dezena de dias no Canal du Midi, a bordo de uma *house-boat*, começara a cimentá-la. Stuart ficara fascinado quando Frank lhe contou que passariam além dos diques, dormiriam no barco e que ele poderia até aprender a pilotar. Agora só restava esperar que o cimento se solidificasse.

Frank se decidiu a bater na porta da sala.

A voz de Roncaille convidou-o a entrar. Ao abrir a porta, Frank não se espantou ao encontrar Durand. A surpresa veio, no entanto, com a presença do dr. Cluny.

Roncaille o recebeu com o costumeiro sorriso de relações-públicas, que agora

parecia bem mais natural e espontâneo. O chefe da polícia, naqueles momentos de *grandeur*, sabia se comportar como um perfeito anfitrião. Durand estava sentado com sua expressão habitual e cumprimentou-o com um gesto de mão.

— Ótimo, Frank. Só faltava você. Entre, sente-se. O dr. Durand acabou de chegar.

O tom era tão descontraído que Frank se surpreendeu ao não ver o balde de gelo com champanhe e as taças sobre a mesa. Provavelmente, chegariam depois, num outro momento e num outro lugar.

Roncaille voltou a se sentar atrás de sua mesa. Frank ocupou a poltrona indicada pelo chefe de polícia. Esperou em silêncio. Não havia mais nada que pudesse dizer. Só algumas coisas que desejava saber.

— Visto que estamos todos aqui, creio que é melhor ir direto ao assunto. Há certos aspectos dessa história sobre os quais você não foi informado, Frank, coisas relativas sobretudo à história de Daniel Legrand, aliás, Jean-Loup Verdier. Aqui está, em linhas gerais, o que conseguimos saber.

Roncaille apoiou-se no encosto e cruzou as pernas. Frank achou estranho que Durand permitisse que ele conduzisse a reunião, mas o motivo não lhe interessava nem um pouco.

Roncaille partilhou com ele tudo o que sabia com a naturalidade e a benevolência com que um santo dividiria seu manto com um pobre.

— O pai, Marcel Legrand, era uma figura importante dos serviços secretos franceses. Era a pessoa que monitorava o treinamento, um especialista em tudo o que deveria fazer parte da bagagem de um membro dos corpos especiais ou de um serviço de inteligência. Num dado momento, parece que começou a dar sinais de desequilíbrio. Ignoramos os detalhes precisos desse pedaço da história. Fomos até onde foi possível, mas o governo francês não se abriu muito nesse sentido. O problema deve ter causado muita dor de cabeça. Contudo, as informações que conseguimos obter são suficientes para entender o que aconteceu. Depois de alguns episódios considerados *incômodos*, Legrand foi convidado, por assim dizer, a abandonar a ativa por livre e espontânea vontade e compulsoriamente aposentado. Isso deve ter sido um grande baque para ele e certamente contribuiu para dar o empurrão final numa mente instável. Transferiu-se para Cassis com a esposa grávida e uma governanta, uma mulher que estava com ele desde a infância. Comprou aquela propriedade, La Patience, e fechou-se no solar, vivendo como um eremita, sem manter relações com o resto do mundo. E impôs tais condições a todo o resto da família. Nenhum contato, em hipótese alguma.

Roncaille virou para o dr. Cluny. Passou-lhe a palavra, reconhecendo

tacitamente que era a pessoa mais qualificada entre eles para expor o resto dos fatos, que tinham componentes psicológicos extremamente relevantes.

O psiquiatra tirou os óculos e apertou o osso do nariz com o indicador e o polegar, como costumava fazer. Frank ainda não tinha descoberto se aquele gesto era resultado de um estudo atento das formas de captar a atenção dos presentes ou se era fruto de um simples hábito. De qualquer forma, não era tão importante assim. Cluny recolocou os óculos. Tinha captado a atenção de todos. Muitas das coisas que diria eram novidade também para Durand e Roncaille.

— Conversei com Jean-Loup, aliás, Daniel Legrand, que é seu verdadeiro nome. Consegui esboçar um quadro geral com uma certa dificuldade, pois só raramente o sujeito demonstra vontade de se abrir, emergindo do seu mutismo. Portanto, como dizia o chefe de polícia há pouco, a família Legrand chegou à cidadezinha da Provença. A sra. Legrand era italiana, devo dizer. Creio que isso foi determinante, apesar de tudo, para que Daniel ou Jean-Loup, como preferirem, fale tão bem a língua. Sugeriria que o chamássemos de Jean-Loup, para deixar as coisas mais claras.

Olhou ao redor em busca de aprovação. O silêncio geral indicou que não havia objeções. Cluny continuou sua exposição dos fatos ou pelo menos de como ele acreditava que tinham se passado.

— Pouco depois de sua chegada, a esposa deu à luz. De acordo com a lógica antissocial do marido, que nesse meio-tempo tinha se transformado numa verdadeira obsessão, nenhum médico foi chamado para assistir ao parto. A mulher dá à luz, atenção, não um, mas *dois meninos gêmeos*, Lucien e Daniel. Mas houve uma pequena complicação. O pequeno Lucien nasceu deformado. O rosto do menino é completamente desfigurado por excrescências carnosas que fazem dele um ser monstruoso. De um ponto de vista clínico, não posso dizer com exatidão do que se trata, pois só disponho do depoimento de Jean-Loup, que não se abre facilmente a respeito desse assunto. Em todo caso, os exames de DNA do cadáver encontrado no abrigo revelaram sem sombra de dúvida que os dois são irmãos. O pai fica ensandecido com o drama e suas condições mentais só fazem piorar. Recusa-se a admitir o nascimento do filho disforme, a tal ponto que registra apenas o nascimento de uma criança, Daniel, claro. O outro é mantido escondido em casa, como um segredo a ser cuidadosamente guardado, uma vergonha diante do mundo. A mãe morre alguns meses depois do parto. O relatório do médico que assinou o atestado de óbito fala de causas naturais genéricas. Não há motivos para acreditar que tenha sido diferente.

Durand interrompeu a exposição de Cluny com um gesto e se imiscuiu no discurso.

— Sugerimos ao governo francês a exumação do cadáver da sra. Legrand, mas não parece que, depois de tantos anos e com o desaparecimento de todos os envolvidos na história, esse detalhe venha a ser de interesse vital para eles.

Durand encostou-se no espaldar da poltrona com a expressão de quem considera lamentável essa falta de cuidado com os detalhes. Com um gesto, repassou a palavra a Cluny.

Cluny a recebeu como um dever, não um prazer.

— Os dois meninos crescem sob a mão rígida e obsessiva do pai, que cuida completamente de sua educação, sem interferências externas. Nem creche, nem escola, menos ainda a convivência com crianças de sua idade. Com o passar do tempo, havia se transformado num autêntico maníaco. Talvez sofresse de mania de perseguição, uma pessoa obcecada pela figura retórica do "inimigo", que estaria em toda parte e em cada pessoa fora da casa em que viviam reclusos como numa fortaleza. Nesse caso também são apenas suposições minhas, sem o apoio de dados concretos. O único que mantém contatos esporádicos com o mundo, sempre sob rigoroso controle do pai, é Jean-Loup. O gêmeo, Lucien, fica prisioneiro na casa, uma criatura cujo rosto não pode ser mostrado ao mundo, uma espécie de Máscara de Ferro, para citar um exemplo literário. Os dois são submetidos a um rigoroso treinamento militar, o mesmo que Legrand ministrava aos agentes dos serviços secretos de que fazia parte. Vem daí a preparação de Jean-Loup nos mais diversos campos, inclusive sua habilidade nas lutas. Não quero me estender, mas ele mesmo revelou alguns detalhes aterrorizantes, perfeitamente adequados à personalidade que Jean-Loup desenvolveu subsequentemente…

Cluny fez uma pausa, como se fosse melhor que, para o bem de todos, tais detalhes ficassem restritos a ele. Por sua vez, Frank estava começando a entender. Ou pelo menos a *imaginar*, mais ou menos o que Cluny tinha sido obrigado a fazer também. Estava vindo à luz uma história que flutuava no tempo como um iceberg no mar, e assim como a grande geleira, exibia somente sua parte menos volumosa. Uma parte coberta de sangue. E o mundo tinha batizado essa parte de Ninguém.

— Posso dizer que Jean-Loup e seu pobre irmão praticamente nunca foram crianças. Legrand conseguiu transformar um dos jogos infantis mais antigos do mundo, a brincadeira de guerra, num autêntico pesadelo. Essa experiência uniu os dois irmãos de modo indissolúvel. A relação normal entre gêmeos já costuma ser mais forte e mais particular do que entre irmãos comuns: o mundo é cheio de exemplos que demonstram isso. Imaginem um caso em que, além de tudo, um dos dois vivia em condições de evidente desvantagem. Jean-Loup atribuiu a si

mesmo o papel de defensor e protetor do irmão menos afortunado, que o pai tratava como um ser inferior. Jean-Loup confessou que o melhor entre os epítetos que o pai lhe destinava era “monstro horrível”.

Houve um instante de silêncio. Cluny deu a todos o tempo de assimilarem o que tinha dito. O que estavam ouvindo era de certo modo a confirmação de que havia um trauma por trás da *persona* de Jean-Loup. E agora que podiam verificar sua dimensão, todos se davam conta de que superava amplamente até as conjecturas mais fantasiosas. E ainda não tinha terminado.

— Mas o afeto que unia os dois era mórbido. Jean-Loup vive o drama do irmão como se fosse seu, talvez com maior intensidade, pois percebe que ele está indefeso diante da fúria e da perseguição do próprio pai.

Cluny fez uma nova pausa, obrigando-os a mais uma edição do ritual dos óculos. Frank, Roncaille e Durand submeteram-se pacientemente. Cluny ganhara esse direito no curso das entrevistas com Jean-Loup, em contato com a escuridão de sua mente, tentando reconstruir através do passado os motivos de um presente sem futuro.

— Não sei dizer precisamente qual foi o motivo que desencadeou os acontecimentos na casa de Cassis numa certa noite de muitos anos atrás. Talvez não tenha acontecido nada de particular, mas uma série de pequenas causas que, no decorrer do tempo, criaram as condições ideais para a explosão da tragédia. Todos sabemos que na casa incendiada foi encontrado um corpo com o rosto desfigurado…

Outra pausa. Os olhos do psiquiatra vagaram pela sala, não em busca, mas fugindo dos olhos dos outros, como se fosse parcialmente responsável pelo que iria dizer.

— *Foi o próprio Jean-Loup quem matou o irmão*. Seu afeto tinha chegado a tal ponto que, em sua mente doentia, acreditava que esse era o único modo de curá-lo de “seu mal”, como ele costuma dizer. Como se aquela aparência fosse uma verdadeira doença. Depois, cumpriu o gesto da libertação, o ritual de tirar a pele do rosto para libertar o irmão gêmeo da deformidade. Em seguida, assassina o pai e a governanta, que evidentemente considera como cúmplice, de modo que tornasse plausível a hipótese do duplo homicídio coroado por um suicídio. Então ateia fogo à casa. Poderia dar a tudo isso o significado simbólico da catarse, mas me parece completamente desnecessário e retórico, mais que científico. Depois, ele fugiu. Ignoro os detalhes de seu desaparecimento…

Roncaille interveio para trazer de volta à terra por alguns instantes aquela narrativa que parecia suspensa num limbo de epopeia de feiticeiras.

— Seguindo os documentos encontrados na casa de Jean-Loup chegamos a

uma conta numerada num banco de Zurique. Provavelmente, era uma soma depositada por Marcel Legrand, uma bela soma em dinheiro, aliás. Jean-Loup só precisava conhecer o código da conta para ter acesso à quantia depositada. Não sabemos *onde* viveu até aparecer em Montecarlo, tomando emprestado o nome de um rapazinho morto num acidente em Cassis, mas sobre o *como* não temos nenhuma dúvida. Com aquele dinheiro à disposição, poderia viver a vida inteira sem trabalhar.

O secretário de Justiça Durand interveio.

— É bom termos uma coisa em mente. Dado que para todos *apenas um* rapaz vivia naquela casa, a descoberta de um corpo com sua idade não levantou nem a mais longínqua suspeita sobre a presença de um outro. De todo modo, o incêndio devastou praticamente a casa inteira e destruiu qualquer indício. Por isso o arquivamento foi bastante rápido. O que deu àquele louco a possibilidade de roubar o cadáver do irmão do cemitério de Cassis quando soube que não tinha sido devorado pelas chamas.

Durand se calou. Depois de uma leve hesitação, Frank se intrometeu naquela pausa.

— E a música? — perguntou a Cluny.

O psiquiatra deixou passar um instante antes de responder.

— A relação dele com a música é um ponto que estou tentando aprofundar. Parece que o pai era um aficionado fervoroso e um colecionador maníaco de gravações raras. Provavelmente, foi a única liberalidade que concedeu aos filhos em troca de tudo que os fez suportar. Mas mesmo nesse aspecto, a comunicação é difícil. Quando falo com ele sobre música, o sujeito fecha os olhos e se alheia completamente.

Agora, todos estavam vidrados em cada palavra de Cluny. Se ele percebeu, não deixou transparecer. Provavelmente, tudo o que tinha descoberto ainda o afetava, mesmo durante uma simples exposição.

— O que gostaria de destacar agora é um aspecto sutil de toda essa história. Ter matado o irmão criou em Jean-Loup um sentimento de culpa do qual nunca poderá se livrar. Ele considerava e ainda considera o mundo responsável pela morte do irmão e por tudo o que Lucien sofreu por causa de seu aspecto monstruoso. Esta é a gênese da patologia de Jean-Loup como *serial killer*, a meio caminho entre o perfil do missionário e o do manipulador. Um complexo heteroinduzido por um mal-estar familiar que tem como compensação a conquista de uma normalidade efêmera para o irmão. O verdadeiro motivo pelo qual matou todas aquelas pessoas e utilizou a pele de seus rostos como uma máscara para o cadáver é que isso lhe parecia uma coisa devida, um modo de

compensar o pobre infeliz por tudo aquilo que sofreu…

O psiquiatra estava sentado com as pernas levemente afastadas. Abaixou os olhos para o chão. Quando voltou a erguê-los, havia piedade em seus olhos.

— Gostemos ou não, aquele homem fez tudo por amor, um amor mórbido e incondicional pelo irmão. Essa é minha conclusão.

Cluny levantou de repente, como se o fato de ter encerrado sua exposição finalmente o livrasse de um peso que não desejava carregar sozinho. Agora que tinha conseguido dividi-lo com outras pessoas, considerava que sua presença naquela sala era supérflua.

— Por enquanto, isso é tudo que tenho a dizer, senhores. Deem-me mais alguns dias e enviarei um relatório por escrito. Nesse meio-tempo, continuarei com meus encontros com o sujeito, embora ele já tenha nos dito tudo aquilo que precisávamos saber.

Roncaille se levantou e contornou a mesa para agradecer pessoalmente ao psiquiatra. Apertou sua mão e acompanhou-o até a porta. Ao passar ao lado de Frank, Cluny pousou uma mão em seus ombros.

— Parabéns — disse simplesmente.

— Parabéns ao senhor também e obrigado por tudo.

Cluny respondeu com uma espécie de careta que talvez fosse um sorriso ou quem sabe uma demonstração de modéstia. Acenou para Durand, sentado imóvel e pensativo. Durand assentiu.

Cluny saiu e Roncaille tornou a fechar a porta delicadamente às suas costas. Os três permaneceram na sala. O chefe de polícia retomou seu lugar na mesa. Frank voltou a sentar-se em sua poltrona e Durand continuou mergulhado em seus pensamentos.

Finalmente, o secretário se levantou e foi olhar pela janela. Daquele posto de observação, resolveu romper o silêncio. Falou de costas, como se tivesse vergonha de mostrar a cara.

— Pelo que parece, essa história chegou ao fim, e tudo indica que isso aconteceu por mérito seu, Frank. O diretor Roncaille pode confirmar que o próprio príncipe pediu que comunicássemos a você sua satisfação pessoal pelo resultado obtido.

Fez uma pausa que estava muito distante do efeito magnético obtido pelo dr. Cluny. Decidiu virar-se de frente.

— Serei sincero como você foi comigo. Sei que não gosta de mim, pois já me disse isso claramente faz algum tempo. Também não gosto de você. Nunca gostei e não creio que possa vir a gostar. Há um abismo entre nós e nem eu nem você faremos o menor esforço para construir uma ponte sobre ele. Todavia, por

amor à justiça, há uma coisa que devo lhe dizer.

Deu dois passos e parou diante de Frank. Estendeu-lhe a mão.

— Gostaria de ter muitos policiais como você.

Frank se levantou e apertou a mão que Durand estendia. Por enquanto, e talvez para sempre, era o máximo que ambos podiam fazer.

Depois Durand voltou a ser o que era, um frio secretário de Justiça, elegante e com uma leve pretensão de eficiência.

— Agora, se não se incomodarem, devo deixá-los. Até breve, meus cumprimentos ao senhor também.

Roncaille esperou pelo barulho da porta fechando. Sua expressão estava nitidamente aliviada. Ficou menos formal, sobretudo.

— O que vai fazer agora, Frank? Voltará para os Estados Unidos?

Frank fez um gesto que podia indicar absolutamente nada ou qualquer lugar do mundo.

— Não sei. Por enquanto, estou dando uma olhada por aí. Veremos. Tenho bastante tempo para decidir.

Despediram-se e finalmente Frank se sentiu autorizado a sair. Quando estava com a mão na maçaneta da porta, a voz de Roncaille o deteve.

— Uma última coisa, Frank….

Frank ficou imóvel.

— Diga.

— Queria confirmar que já providenciei tudo o que me pediu a propósito de Nicolas Hulot.

Frank girou sobre si mesmo e fez uma ligeira inclinação com a cabeça, como convém diante do comportamento de um adversário honrado, provando que é um homem de palavra.

— Nunca duvidei disso, nem por um instante.

Saiu do escritório fechando a porta atrás de si. Enquanto percorria o corredor, ficou pensando se Roncaille teria suspeitado que suas últimas palavras eram uma clamorosa mentira.

64

FRANK SAIU PELA PORTA PRINCIPAL da Sûreté Publique do Principado de Mônaco e se viu na rua, ao sol. Apertou os olhos por causa da repentina claridade, depois da luz suave dos corredores da central. Aquela luminosidade plena, aquele sinal inconfundível de vitalidade teria incomodado o Frank Ottobre de pouco tempo atrás.

Mas agora não.

Agora bastava um simples par de óculos escuros. Retirou os Ray-Ban do bolso do paletó e os colocou. Tantas coisas tinham se passado, quase todas ruins, algumas até mesmo horripilantes. Tantas pessoas tinham morrido. Agora e no passado. Uma delas era seu amigo Nicolas Hulot, um dos poucos homens que conhecera em quem essa definição cabia perfeitamente.

De pé na altura da metade da Rue Notari estava o inspetor Morelli, esperando por ele, com as mãos enfiadas nos bolsos. Frank desceu os poucos degraus daquela escada e foi até ele, caminhando com calma. Enquanto se aproximava, tirou os óculos que tinha acabado de colocar. Claude merecia ser olhado nos olhos, sem telas de proteção e sem barreiras. Sorriu e remexeu dentro de si para ver se ainda dispunha de um tom leve, talvez um pouco gasto, mas verdadeiro.

— Olá, Claude, que ventos o trazem? Está esperando alguém que não chega?

— Não, meu caro. Só espero gente que vai chegar com certeza. No caso específico, estava esperando você, precisamente. Não estava pensando em sumir e deixar tudo por isso mesmo, estava? Você me deve uma coisa. Para mim, ainda é o culpado por um retorno de Nice a bordo de um carro guiado por um louco desembestado.

— Hum… Xavier?

— Deve estar se referindo ao ex-agente Xavier, que nesse momento deve estar desesperado consultando as ofertas de emprego dos classificados, dando uma certa preferência às empresas de jardinagem. Você sabe, os cortadores de grama…

Naquele preciso instante, o agente Xavier Lacroix chegou da Rue Suffren

Raymond ao volante de um carro da polícia. Passou diante deles e sorriu pela janela, acenando com a mão. Parou um pouco depois. Foi apenas o tempo de embarcar um outro agente que esperava por ele na calçada e o carro partiu de novo.

No rosto de Morelli se estampou aquela expressão rarefeita de quem foi pego com a boca na botija. Frank riu. Estava contente de que entre eles existisse, graças a um simples fator natural, uma atmosfera tão diferente da que tinha deixado lá em cima, na sala de Roncaille.

— Se não fez isso antes, esse me parece ser outro excelente motivo para expulsar o agente Lacroix. Suspeito que por culpa dele você acabou de fazer um discreto papelão.

— Quem, eu? Imagine! Uma pitada de saudável e honesta cara de pau resolve isso. E você, o que pretende fazer no futuro próximo?

Frank respondeu vagamente.

— Talvez dê uma volta por aí, sabe como é…

— Sozinho?

— Claro! O que um agente do FBI mais furado que um queijo suíço conseguiria arranjar?

Morelli teve sua revanche. Naquele preciso instante, uma Laguna metálica despontou exatamente do mesmo lugar de onde viera o carro de Xavier e parou ao lado deles. Na direção, Helena Parker, o rosto sorridente e um olhar que nem parecia o dela. Se alguém tivesse tirado uma fotografia em close de seus olhos uma semana antes e comparasse com os olhos que exibia agora, teria dificuldades para afirmar que era a mesma mulher. Stuart estava sentado no banco de trás e examinava a entrada do comando da Sûreté Publique com intensa curiosidade.

Morelli olhou para ele cheio de ironia.

— Sozinho, não é? Creio que em algum lugar desse mundo ainda se faz justiça. É o que permite que você entre nesse carro e que Lacroix mantenha o emprego…

Estendeu-lhe a mão e Frank apertou-a com prazer. O tom era diferente agora. Era o tom de quem viu e fala com um amigo que também viu as mesmas coisas.

— Ande, vá antes que essa mulher perceba que você é um sujeito com mais furos que um queijo suíço e resolva partir sozinha. As coisas por aqui chegaram ao fim.

— Pois é, essa história acabou. Mas pode ter certeza de que amanhã, vinda de algum lugar, uma nova história começa.

— É assim que funciona, Frank, em Montecarlo ou em qualquer lugar do

mundo. Aqui é só um pouco mais glamoroso.

Morelli ficou indeciso se devia avançar além disso. Não por insegurança, mas por um senso de discrição que Frank teve que aprender a reconhecer.

— Já resolveu o que vai fazer depois?

— Está falando de trabalho?

— É.

Frank deu de ombros, despreocupado. Morelli sabia muito bem que não era bem assim, mas por ora não se podia querer muito mais que isso.

— O FBI nesse momento é como o paraíso: pode esperar. O que preciso agora é de umas boas férias, férias de verdade, para rir e me divertir com as pessoas certas.

Frank fez um gesto significativo com a mão em direção ao carro.

De repente, Morelli arregalou os olhos e enfiou a mão no bolso do paletó.

— Droga, quase esqueci. Teria que mandar toda a polícia da França atrás de você para lhe entregar isso.

Tirou um envelope azul, leve, do bolso.

— Sem contar que a pessoa que me entregou essa carta para você nunca me perdoaria.

Frank examinou-a um instante, sem abrir. No envelope via-se seu nome escrito numa caligrafia feminina, delicada, mas sem afetação. Imaginava de quem seria. Mas resolveu guardá-la no bolso e esticou a mão para abrir a porta.

— Tchau, Claude. Nos Estados Unidos dizemos *take it easy*, fique numa boa.

— *Você* está numa boa, passeando de férias pelo mundo.

Fazendo eco a essas palavras, do interior do carro chegou a voz aguda de Stuart.

— Vamos à Disney — disse em inglês.

Morelli deu um passo para trás e ergueu os olhos ao céu. Fingiu uma expressão desolada, dirigindo-se ao menino enfiado no espaço entre os dois bancos dianteiros. Respondeu em bom inglês, levemente arranhado pelos erres franceses.

— Olhem para eles. Vão pra Disney e eu aqui, puxando a carreta.

Depois, fez uma pequena concessão.

— Em Montecarlo, é bem verdade, mas sempre trabalhando duro e sozinho como uma mula.

Frank entrou no carro, fechou a porta e abriu a janela. Falou com Helena, mas de forma que o inspetor ouvisse.

— Vamos embora logo, antes que esse pedinte arruíne nosso dia. Não sei onde

eles vão buscar os policiais neste lugar. E depois dizem que a polícia de Montecarlo está entre as melhores do mundo…

O carro partiu e Frank lançou a Morelli um último gesto pela janela. Chegaram ao final da Rue Notari e viraram à direita. No final da Rue Princesse Antoinette pararam por causa da preferencial. Na esquina, Frank reconheceu Barbara subindo a rua, andando rápido, os cabelos ruivos cintilando com o movimento de seus passos. Quando o carro deu partida de novo, Frank se virou para segui-la com os olhos. Pensou que a presença daquela moça, naquela rua, não era puro acaso. Morelli tinha acabado de dizer que só esperava gente que chegaria com certeza…

Helena lhe deu uma leve cotovelada. Quando se virou para ela, viu que sorria.

— Ei! Ainda nem partimos e você já está se virando para olhar outras mulheres?

Frank apoiou-se no encosto e colocou os óculos escuros com um gesto teatral.

— Caso lhe interesse, a mulher com quem acabamos de cruzar é o verdadeiro motivo da presença de Morelli naquela calçada. Nada de despedidas emocionadas do amigo que parte. Viu o que me restava em Montecarlo, sozinho como um cão?

— Isso só confirma a teoria de que o mundo está cheio de homens covardes e mentirosos.

Frank olhou para a mulher sentada a seu lado. Quanta transformação em tão poucos dias! E só o pensamento de que isso era, em parte, mérito seu já bastava para transformá-lo também. Sorriu e sacudiu energicamente a cabeça, recusando abertamente tudo o que ela tinha acabado de afirmar.

— Não, isso confirma a teoria de que o mundo está cheio de covardes mentirosos. Alguns deles são homens apenas por um inevitável dado estatístico.

Frank fingiu impedir qualquer reação de Helena dando instruções sobre o percurso. Indicou a rua com a mão.

— Dobre à direita. Temos que contornar a marina e depois seguir as placas para Nice.

— Não adianta disfarçar, pretendo retomar essa discussão — rebateu Helena.

No entanto, sua expressão desmentia as palavras. O carro começou a breve descida até a marina e depois atravessou o cais cheio de gente. Stuart estava pendurado na janela e parecia fascinado com todo aquele caos estival e colorido de gente e de barcos. Apontou um iate particular, ancorado na marina à direita, que tinha até um pequeno helicóptero estacionado na ponte superior.

— Mamãe, olha que barco grande. Tem até helicóptero.

Helena respondeu sem se virar.

— Bem, é como eu disse, Stuart. O Principado de Mônaco é um lugar estranho. É um país bem pequeno, mas tem um monte de gente importante que vem para cá.

— Ah, eu sei por quê. Porque aqui não pagam impostos.

Frank não achou oportuno explicar que cedo ou tarde os impostos acabam sendo pagos, em qualquer lugar do mundo onde se esteja. Mas não era um discurso que Stuart pudesse entender e não tinha vontade de falar naquilo. Não tinha vontade nem de pensar naquele momento. Deixaram para trás o local onde tinha sido encontrado o corpo de Arijane. Helena não disse nada e Frank também não. Ficou contente de estar com os Ray-Ban para que ela não visse seus olhos. Chegaram à curva da Rascasse. Deixaram à esquerda o edifício onde ficava a Rádio Monte Carlo. Frank reviu por um instante a cabine de direção atrás dos vidros e a luz vermelha com as palavras “No ar” se acendendo. Imaginou o DJ que estava no ar e…

Chega. Acabou. E se amanhã alguma outra história vai começar, não é nada que lhe diga respeito.

A caminhonete pegou a estrada para sair da cidade e, assim que passou pela bifurcação de Fontvieille pegando a estrada para Nice, aquela pequena tensão que se criou a bordo virou fumaça. Remexendo-se no assento em busca de uma posição melhor, Frank sentiu o rumor de papel no bolso do paletó. Enfiou a mão e tirou o envelope azul que Morelli lhe entregara.

Mensageiro não sofre castigo. Mas quem escreveu essa carta, certamente sim.

O envelope não estava colado, mas só com a aba enfiada para dentro. Frank tirou uma folha azul como o papel do envelope, dobrada em dois. Quando abriu, viu-se diante de uma breve mensagem com a mesma caligrafia delicada do envelope.

Olá, bonitão,

Junto-me às congratulações gerais ao herói do dia. E acrescento meus agradecimentos mais sinceros por tudo o que fez por mim. Acabei de receber uma comunicação das autoridades do Principado de Mônaco. Haverá uma cerimônia oficial em memória do delegado Nicolas Hulot, em reconhecimento de seus méritos, e soube de fonte segura que você foi o principal artífice disso. Sabe o que isso significa para mim, e não estou me referindo apenas à parte econômica, que vai me garantir uma velhice tranquila, tão tranquila quanto a minha poderia ser.

Diante de certos acontecimentos, a única coisa que o mundo deseja é

esquecer o mais rápido possível. Mas cabe a alguém a tarefa de recordar, para que não aconteçam novamente.

Tenho muito orgulho de você. Você e meu marido são os melhores homens que encontrei em minha vida. A Nicolas, eu amei e ainda amo. E meu afeto por você é para sempre.

Desejo toda a boa sorte que merece e que certamente encontrará.

Um beijo.

Céline

Frank releu a breve carta de Céline Hulot duas ou três vezes antes de dobrar e enfiar de volta no bolso do paletó. Enquanto se livrava do trânsito e pegava a subida para a autoestrada, Helena voltou os olhos para ele por um instante.

— Más notícias?

— Ao contrário. São os cumprimentos e os votos de uma amiga querida.

Stuart se enfiou no espaço entre os bancos. Sua cabeça estava praticamente entre as de Frank e Helena.

— É uma que vive em Montecarlo?

— Sim, Stuart, mora aqui.

— É uma mulher importante?

Frank olhou para Helena. A resposta que deu a Stuart valia sobretudo para ela.

— Claro que é uma mulher importante. É a esposa de um policial.

Helena sorriu. Stuart voltou a seu lugar, meio na dúvida. Voltou a se sentar no banco de trás olhando o mar que desaparecia da janela à medida que avançavam para o interior. Frank esticou o braço para pegar o cinto de segurança. Enquanto colocava, falou com Stuart.

— Meu jovem, a partir desse momento, colocar os cintos até nova ordem. *Roger?*

Frank resolveu que, depois de tudo o que tinha passado, tinha ganhado o direito de ser um pouco idiota. Estendeu o braço para a frente, como o chefe de uma caravana indicando a estrada para o oeste ao comboio de pioneiros.

— França, aqui vamos nós!

Ele e Helena receberam com um sorriso a barulhenta reação do menino. Enquanto verificava se Stuart estava colocando o cinto corretamente, Frank teve tempo de observar o perfil da mulher ao volante, concentrada na direção em meio ao trânsito congestionado da Côte d'Azur no verão. Seguiu seu perfil com olhos que eram como um lápis desenhando aquele minuto de modo indelével em sua memória.

Pensou que não seria simples para nenhum dos dois. Teriam que dividir seus esforços igualmente entre a vontade de viver e a vontade de esquecer. Mas estavam juntos e isso era, por si só, um ótimo começo. Ajeitou-se melhor no banco e apoiou a nuca no encosto. Fechou os olhos por trás da tela dos óculos escuros. Lembrou-se de que tudo o que lhe interessava para o futuro estava naquele carro com ele. Tinha certeza de que não poderia ter desejado nada melhor que isso.

ÚLTIMO CARNAVAL

AGORA FINALMENTE TUDO É BRANCO.

O homem está com as costas apoiadas na parede, no lado mais longo de uma pequena sala retangular. Está sentado no chão abraçado aos joelhos dobrados, observando o movimento dos dedos dos pés nas meias brancas de algodão. Usa blusa e calças brancas de tecido áspero, como brancas são as paredes em que está enclausurado. Encostado à parede diante dele, solidamente preso ao chão, há um leito tubular de metal.

Branco também.

Não há lençóis, mas brancos são o colchão e o travesseiro. E branca é a luz que se derrama do teto, protegida por uma pesada grade cuidadosamente pintada de branco, que parece ser a própria fonte da brancura ofuscante daquela sala.

Aquela luz não se apaga nunca.

Ergue lentamente a cabeça. Seus olhos verdes olham sem angústia para a única minúscula janela, colocada alto o suficiente para ser inatingível. É o único relógio que tem à disposição para marcar a passagem do tempo.

Claro e escuro. Branco e preto. Dia e noite.

Não sabe por quê, mas o azul do céu não aparece nunca.

Sua solidão não lhe pesa.

Experimenta, aliás, uma espécie de incômodo cada vez que um sinal do mundo lhe chega de fora. De vez em quando, uma janelinha se abre na porta, embaixo, e uma bandeja com travessas de plástico cheias de comida desliza sobre o pavimento. O plástico é branco e a comida tem sempre o mesmo sabor. Não há talheres. Come com os dedos e restitui a bandeja e as travessas quando a janelinha volta a se abrir. Recebe em troca um lenço branco e umedecido para limpar as mãos. Tem que devolvê-lo em seguida.

De vez em quando uma voz lhe diz que fique de pé no centro da sala e estenda os braços para a frente. Observam seus movimentos pelo olho mágico no centro da porta. Quando veem que está na posição certa, a porta se abre e alguns homens entram, enfiam uma camisa de força em seus braços e apertam bem atrás

das costas. Cada vez que é obrigado a usá-la, ele sorri.

Sente que aqueles homens maciços, vestidos de verde, têm medo dele, e nota que tentam de todos os modos evitar seu olhar. Quase sente o cheiro do medo que lhes incute. Contudo, já deveriam saber que o tempo de lutar acabou. Já repetiu isso várias vezes ao homem de óculos que se encontra na sala para onde é levado, o homem que quer saber, que quer entender.

Já disse várias vezes também que não há o que entender.

Só aceitar o que acontece e continuará a acontecer, do mesmo modo como ele aceita impossível ficar trancado em toda aquela brancura até o momento em que começar a fazer parte dela.

Não, sua solidão não lhe pesa.

A única coisa que lhe falta é a música.

Sabe que jamais lhe permitirão tê-la de novo, portanto, fecha os olhos de quando em quando e consegue imaginá-la. Tocou-a tantas vezes, ouviu-a tantas vezes, *respirou-a* tantas vezes que agora, quando procura por ela, pode encontrá-la intacta, como era no momento em que entrou nele. As recordações, as que são feitas de imagens e palavras, míseras cores desbotadas e roucos sons envilecidos pela busca de um significado, já não lhe interessam mais. Em sua prisão, a memória só lhe serve agora para reencontrar, como um tesouro escondido, toda a música que possui. É a única herança deixada por aquele homem que um dia se arrogou o direito de ser chamado de “pai”, antes que ele finalmente resolvesse deixar de ser seu filho e lhe retirasse esse direito, juntamente com a vida.

Quando se concentra bem, consegue ouvir como se estivesse a seu lado o deslizar de uma mão ágil no cabo de uma guitarra elétrica, o som raivoso de um solo que parece uma corrida escadas acima, girando, girando, subindo cada vez mais alto e que parece não ter fim.

Sente o chiado das vassouras nos pratos de uma bateria ou o hálito úmido e quente de um homem que abre caminho com dificuldade no funil tortuoso de um saxofone e, como tal, se transforma numa voz de humana melancolia, a pontada aguda do lamento por alguma coisa bela que se possuía e que se desfez entre suas mãos, corroída pelo tempo.

Pode se encontrar sentado bem no meio de uma seção de cordas e vigiar por sobre o ombro o movimento leve e rápido do arco do primeiro violino, pode se enfiar insuspeito entre as espirais sinuosas do oboé ou observar os dedos de unhas tratadas que se agitam nervosos entre as cordas de uma harpa, como animais selvagens atrás das grades de uma jaula.

Pode ligar e desligar quando quiser aquela música que, como todas as coisas imaginadas, é perfeita. Ali dentro tem tudo de que precisa, todo seu passado,

todo seu presente, todo seu futuro.

A música dá e sobra para derrotar a solidão. A música é a única promessa cumprida, a música é a única aposta vencida. Disse a alguém, certa vez, que a música é tudo, que é o início e o fim da viagem, que a música é a própria viagem. Eles o ouviram, mas não acreditaram. Por outro lado, o que se poderia esperar de quem toca e ouve música, mas não é capaz de respirá-la?

Não, não tem medo algum da solidão.

E depois, não está sozinho.

Nunca, nem agora.

Ninguém o entendeu até agora e talvez ninguém consiga entendê-lo em seguida. Foi por esse motivo que buscaram tão longe o que estava diante de seus olhos, como todos fazem, como todos sempre fazem. Foi por esse motivo que conseguiu se esconder tanto tempo entre aqueles olhos apressados, exatamente como o negro se esconde entre as cores. Nenhum deles poderia aceitar o branco ofuscante de uma sala como aquela em que se encontra sem gritar.

Mas ele não precisa disso. Não sente necessidade nem de falar.

Apoia a cabeça na parede e fecha os olhos. Afasta-os por alguns instantes da brancura daquela sala, não por temor, mas por respeito.

Sorri quando a voz chega clara e forte, em sua cabeça.

Você está aí, Vibo?

AGRADECIMENTOS

AO CHEGAR AO FIM DE UM TRABALHO como este, os agradecimentos tornam-se, além de um gesto obrigatório, um prazer pessoal. Portanto, quero agradecer à Embaixada dos Estados Unidos em Roma, ao Federal Bureau of Investigation (FBI) e à Sûreté Publique do Principado de Mônaco pela assistência dada a uma pessoa que se apresentava como escritor, mas que, naquele momento, o era apenas em sua própria cabeça.

Obrigado a Gianni Rabacchin, assistente da Polícia de Estado de Asti, e ao *Maresciallo* Pinna, dos *carabinieri* de Capoliveri, que, além de serem nomes e patentes num uniforme, são também amigos.

O mesmo discurso vale para o dr. Gianni Miroglio e para o dr. Agostino Gaglio que, num mundo de barões, são verdadeiros *gentlemen* da medicina. Junto a eles o professor Vincenzo Mastronardi, psiquiatra criminologista clínico, titular de psicopatologia forense da Faculdade de Medicina da Universidade de Roma La Sapienza, que, apesar de seus inúmeros compromissos, conseguiu encontrar tempo para uma consultoria tão preciosa quanto sua amizade.

Uma saudação e um agradecimento a Alberto Hazan e ao *staff* da Rádio Monte Carlo, com uma menção especial a Alain Gaspar, que suportou e amparou minhas incursões com um *savoir-faire* realmente louvável. E que se cumpra também um louvor ao céus por seu italiano, que é muito melhor que meu francês…

Cumprimento e agradeço a meu amigo Jeffery Deaver, que demonstrou, panela de polenta na mão, que um grande autor pode habitar o mesmo corpo que uma pessoa simples e simpática.

E, a propósito de livros, obrigado a Claudia e Alberto Zappa pelos volumes que eu talvez mantenha “emprestados” para sempre…

Obrigado de todo o coração aos que me apoiaram, um time de leitores compulsórios formado por Doretta Freilino, Mauro Vaccaneo, Laura Niero, Enrico Biasci e Roby Facini, que me alimentaram de combustível e pneus novos nos meus frequentes e talvez inconvenientes *pit-stops*.

Obrigado a Roberta, por estar e chegar sempre: como e onde, se me permitem, é deliciosamente problema nosso.

Obrigado a Piergiorgio Nicolazzini, meu agente literário, que aceitou cuidar de um aspirante a escritor praticamente “na confiança”. Pelo mesmo motivo, obrigado a Alessandro Dalai, a Eugenio Rognoni e a toda a Baldini & Castoldi por seus preciosos conselhos que me ajudaram a escapar da “Síndrome de Matarazzo”, e a Paola Finzi, heroica editora que conseguiu sobreviver a uma de minhas bissextas crises nervosas.

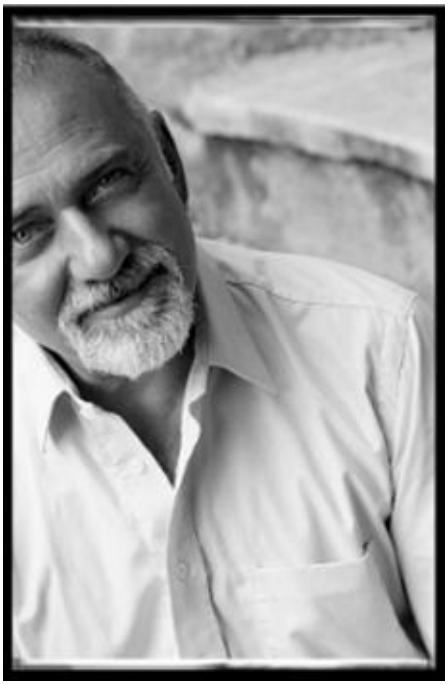
Se esqueci de alguém, saiba que não está na lista, mas está em meu coração.

No que me diz respeito, temo ter tomado, aqui e ali, algumas liberdades, narrativas ou geográficas. Essa é, por enquanto, a única coisa que me aproxima de alguns grandes autores, que são de certa maneira responsáveis pela presença deste volume nas livrarias. A precisão “por enquanto” não é um transbordamento de presunção, mas o único, frágil otimismo que me concedo. É sempre bom recordar, no que for necessário, que os fatos narrados neste romance são fruto da fantasia e que os personagens não pertencem à vida real.

E talvez nem o autor…

Sobre o autor

© Francesca Martino/Photomovie



Nascido em Asti, no Piemonte, em 1950, o italiano Giorgio Faletti, com formação em direito, tornou-se cantor, compositor e comediante de televisão. *Eu mato*, lançado em 2002, permaneceu mais de um ano nas listas dos mais vendidos da Itália e foi traduzido para 25 idiomas.

Giorgio Faletti publicou *Eu sou Deus, Appunti di um venditore di donne, Nienti di vero gli occhi, Fuori da um evidente destino* e *Pochi inutili nascondigli* — todos best-sellers. Começou a compor e a cantar no Festival de Música de San Remo, e atuou em comédias como *Notte Prima degli esami*.

Conheça os livros do autor



Eu sou Deus



Eu mato